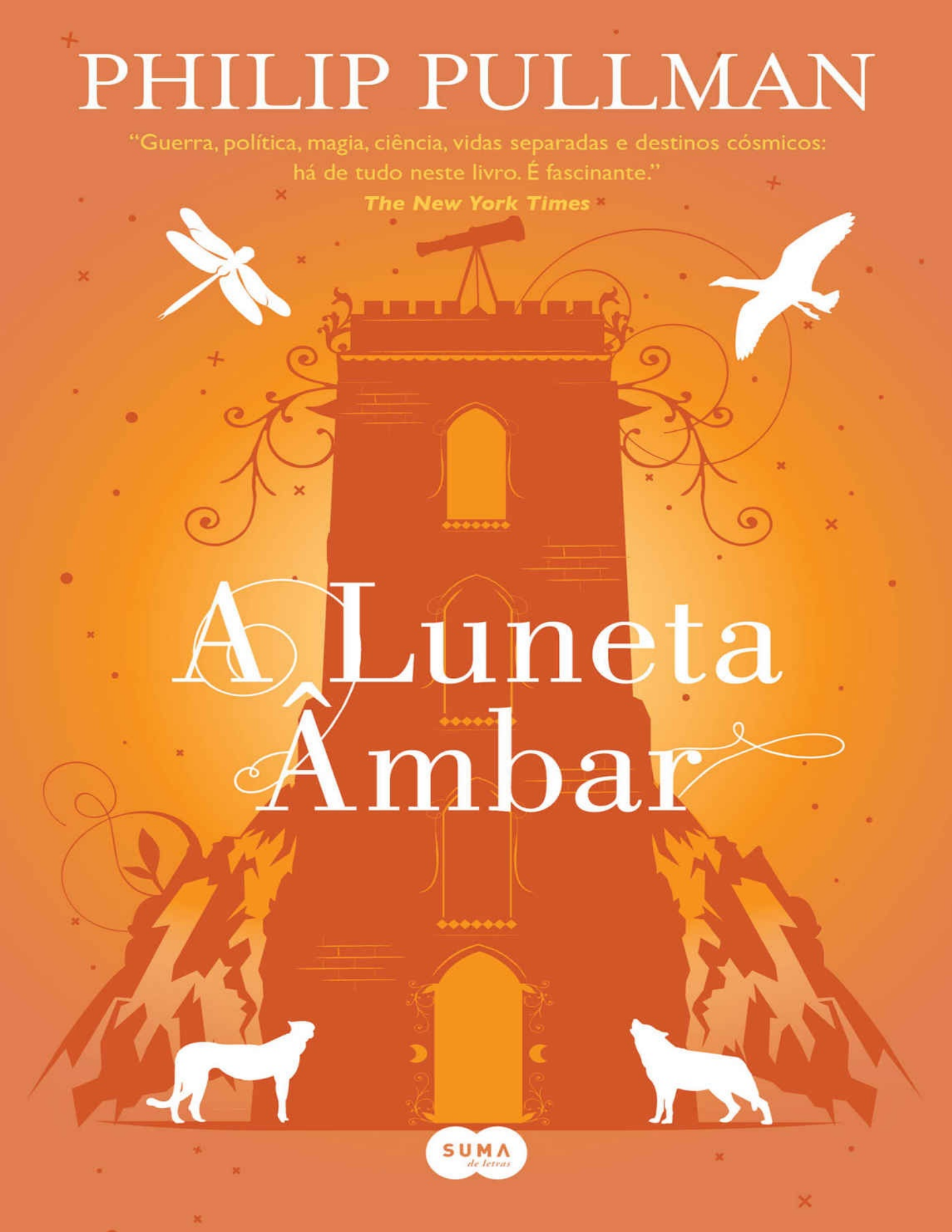
PHILIP PULLMAN

"Guerra, política, magia, ciência, vidas separadas e destinos cósmicos: há de tudo neste livro. É fascinante."

The New York Times



A Luneta Âmbar

SUMA de letras

PHILIP PULLMAN

A Luneta Âmbar

TRADUÇÃO
Ana Deiró

SUMA
de letras

Ó falai de sua força, Ó cantai sua graça,
Aquele cujo manto é a luz, cujo dossel é espaço;
Suas carruagens de ira formam grandes nuvens de trovoada,
E escuro é seu caminho nas asas da tormenta.
ROBERT GRANT, *Hymns Ancient and Modern*

Ó estrelas,
não será de vós que nasce o desejo do amante de ver a face
de sua amada? Não virão as visões secretas,
que de suas feições puras ele possui, de puras constelações?
RAINER MARIA RILKE, *As Elegias de Duíno*

Finos vapores escapam de tudo que fazem os vivos.
A noite é fria e delicada e cheia de anjos
Esmagando os vivos. As fábricas estão todas iluminadas,
O soar do carrilhão se eleva, sem ser ouvido.
Afinal estamos juntos, ainda que muito distantes.
JOHN ASHBERY, *The Ecclesiast*

Sumário

1. A adormecida enfeitiçada
2. Balthamos e Baruch
3. Comedores de carniça
4. Ama e os morcegos
5. A torre adamantina
6. Absolvição antecipada
7. Mary, sozinha
8. Vodca
9. Rio acima
10. Rodas
11. As libélulas
12. A quebra
13. Tialys e Salmakia
14. Saiba o que é
15. A forja
16. A nave da intenção
17. Óleo e laca
18. Os subúrbios dos mortos
19. Lyra e sua morte
20. A escalada
21. As harpias
22. Os sussurrantes
23. Sem saída
24. A sra. Coulter em Genebra
25. Saint-Jean-les-Eaux
26. O abismo
27. A plataforma
28. Meia-noite
29. A batalha na planície
30. A montanha nublada
31. O fim da Autoridade

32. Manhã
33. Marzipã
34. Agora existe
35. Além das colinas e muito longe
36. A flecha quebrada
37. As dunas
38. O jardim botânico

Agradecimentos

1. A ADORMECIDA ENFEITIÇADA

Enquanto feras atrás de presas,
Saídas de covis nas profundezas,
Espreitavam a donzela adormecida.
WILLIAM BLAKE

Em um vale sombreado por azaleias, próximo da linha da neve, passava um riacho de águas leitosas com neve derretida espumando, onde pombos e pintarroxos voavam entre os imensos pinheiros. E havia uma caverna com a entrada camuflada pelo rochedo acima e pelas folhas secas e pesadas que se acumulavam abaixo.

A floresta era repleta de sons: das águas do riacho correndo entre as pedras, do vento entre as folhas alongadas dos galhos de pinheiro, do zumbido dos insetos e dos guinchos de pequenos mamíferos habitantes das árvores, bem como do cantar de passarinhos; e, de tempos em tempos, uma lufada mais forte de vento fazia com que um dos galhos de um cedro ou de um abeto roçasse contra outro e gemesse como um violoncelo.

Era um lugar claro e ensolarado, nunca monótono; raios de claridade dourada-limão penetravam até o solo da floresta entre retângulos e círculos de sombra verde-acastanhados, e a luz estava sempre mudando, porque a névoa que passava com frequência flutuava em meio às copas das árvores, filtrando todos os raios de sol até adquirirem um brilho perolado e salpicando cada cone de pinheiro com gotículas de umidade que cintilavam quando a névoa se desfazia. Às vezes a umidade nas nuvens se condensava formando pequenas gotas, metade neblina, metade chuva, que desciam flutuando em vez de cair, fazendo um ruído suave como um tamborilar farfalhante entre os milhares de folhas pontiagudas dos pinheiros.

Havia um caminho estreito junto ao riacho, que levava de uma aldeia — algumas poucas cabanas de pastores —, na entrada do vale, até um santuário, semiarruinado, próximo ao topo da geleira, um lugar onde bandeirolas de seda esvoaçavam sob o vento contínuo que vinha das altas montanhas e oferendas de bolos de cevada e chá seco eram deixadas pelos fiéis aldeões. Um estranho efeito da luz, do gelo e do

vapor, fazia com que a parte mais alta do vale ficasse envolta em eternos arco-íris.

A caverna ficava um pouco mais acima nessa estradinha. Muitos anos antes, morara ali um homem religioso, meditando, jejuando e orando, e o local ainda era venerado em sua memória. Tinha trinta metros de profundidade, mais ou menos, com o solo bem seco: um abrigo ideal para um urso ou para um lobo, mas havia anos que apenas pássaros e morcegos moravam ali.

Mas o vulto agachado logo após a entrada, os olhos negros atentos vigiando um lado e depois o outro, as orelhas pontudas levantadas, não era um pássaro nem um morcego. A luz do sol descia pesada e forte sobre seu lustroso pelo dourado e as mãozinhas de macaco reviravam uma pinha para lá e para cá, com os dedos fortes, partindo a casca em lascas e raspando as nozes adocicadas.

Atrás dele, no escuro, um pouco além do ponto iluminado pelo sol, a sra. Coulter aquecia água em uma panelinha sobre um fogareiro a nafta. Seu daemon macaco emitiu um murmúrio de advertência, e a sra. Coulter levantou a cabeça.

Uma menina da aldeia vinha pelo caminho da floresta. A sra. Coulter sabia quem era: Ama vinha lhe trazendo comida já há alguns dias. Logo ao chegar, a sra. Coulter fizera circular a notícia de que era uma mulher religiosa, dedicada a meditações e preces, que fizera um voto de jamais falar com um homem. Ama era a única pessoa cujas visitas aceitava receber.

Dessa vez, contudo, a menina não estava sozinha. Seu pai vinha com ela e, enquanto Ama subia até a caverna, ele esperou, mantendo alguma distância.

Ama chegou à entrada da caverna e fez uma reverência.

— Meu pai me pediu que viesse trazendo preces a sua boa saúde — disse.

— Seja bem-vinda, criança — respondeu a sra. Coulter.

A menina trazia uma trouxa embrulhada em um tecido de algodão desbotado, que colocou aos pés da sra. Coulter. Então estendeu um raminho de flores, cerca de uma dúzia de anêmonas amarradas com um fio de algodão, e começou a falar rápida e nervosamente. A sra. Coulter compreendia um pouco da língua daquela gente da montanha, mas nunca permitiria que percebessem o quanto. De modo que sorriu e fez um gesto para que a menina se calasse e para que observassem seus daemons. O macaco dourado estava estendendo a mãozinha negra e o daemon borboleta de Ama esvoaçou, chegando cada vez mais perto, até pousar no caloso dedo indicador.

O macaco o aproximou lentamente de sua orelha, e a sra. Coulter sentiu uma corrente de compreensão fluir em sua mente, esclarecendo as palavras da menina.

Os aldeões estavam felizes que uma santa mulher religiosa como ela estivesse abrigada na caverna, mas havia rumores de que não estava sozinha, diziam que estava acompanhada de outra mulher, que era muito poderosa e de alguma forma perigosa.

Era por isso que os aldeões estavam assustados. Seria aquele outro ser mestra da sra. Coulter ou sua criada? Teria a intenção de fazer mal? Por que estava ali, para começar? Pretendia ficar muito tempo? Ama transmitiu essas perguntas com muito receio.

Uma resposta totalmente nova ocorreu à sra. Coulter, à medida que a compreensão do daemon foi penetrando em sua mente. Ela podia contar a verdade. Não toda, naturalmente, mas parte. Estremeceu ao conter a vontade de rir diante da ideia, e controlou muito bem sua voz quando explicou:

— Sim, há outra pessoa comigo. Mas não há motivo para ter medo. É minha filha e ela foi vítima de um feitiço que fez com que adormecesse. Viemos aqui para nos esconder do feiticeiro que a deixou desse jeito, eu a estou protegendo e tentando achar um antídoto para o encantamento. Venha ver, se quiser.

Ama ficou parcialmente tranquilizada pela voz suave da sra. Coulter, mas ainda estava com medo; e toda aquela conversa sobre feiticeiros e feitiços era um pouco assustadora. Mas o macaco dourado estava segurando seu daemon com tamanha gentileza e, além disso, estava tão curiosa, que seguiu a sra. Coulter até o interior da caverna.

O pai de Ama, que esperava mais abaixo no caminho, deu um passo adiante, e seu daemon corvo levantou as asas uma ou duas vezes, mas ficou onde estava.

A sra. Coulter acendeu uma vela, porque a luz do dia estava diminuindo rapidamente, e conduziu Ama até o fundo da caverna. Os olhos da garotinha faiscavam, arregalados, na semiobscuridade, e suas mãos se moviam, repetindo o gesto de esfregar o indicador no polegar, o indicador no polegar, para afastar o perigo confundindo os maus espíritos.

— Está vendo? — perguntou a sra. Coulter. — Ela não pode fazer mal a ninguém. Não há motivo para ter medo.

Ama olhou para a pessoa no saco de dormir. Era uma menina, um pouco mais velha que ela, talvez três ou quatro anos; e tinha cabelos de uma cor que Ama nunca vira antes — um tom ocre, amarelo-tostado como o pelo de um leão. Seus lábios estavam bem fechados, comprimidos, e ela estava profundamente adormecida, não

havia dúvida quanto a isso, pois seu daemon estava deitado, enroscado em seu pescoço e inconsciente. Ele tinha a forma de um animal parecido com um mangusto, mas de cor vermelho-dourada e menor. O macaco dourado estava alisando carinhosamente o pelo entre as orelhas do daemon adormecido e, enquanto Ama observava, a criatura-mangusto mexeu-se incomodada e emitiu um pequeno miado rouco. O daemon de Ama, agora na forma de um camundongo, se apertou contra o pescoço da menina e espiou assustado entre seus cabelos.

— Então, você pode contar a seu pai o que viu — prosseguiu a sra. Coulter. — Não há nenhum espírito mau. Apenas minha filha, adormecida por causa de um feitiço e de quem estou cuidando. Mas por favor, Ama, diga a seu pai que isso tem que ser mantido em segredo. Ninguém, a não ser vocês dois, pode saber que Lyra está aqui. Se o feiticeiro souber onde ela está, virá até aqui para destruir minha filha, a mim e a tudo que estiver nas vizinhanças. Por isso, trate de guardar segredo! Conte a seu pai e a mais ninguém.

Ela se ajoelhou junto a Lyra e afastou o cabelo úmido do rosto da menina adormecida antes de se inclinar para beijar a face de sua filha. Então levantou a cabeça, com uma expressão triste e carinhosa no olhar, e sorriu para Ama com tamanha bravura e compaixão que a garotinha sentiu os olhos se encherem de lágrimas.

A sra. Coulter pegou a mão de Ama, enquanto iam voltando para a entrada da caverna, e viu o pai da menina observando cheio de ansiedade lá de baixo. A mulher juntou as mãos e inclinou a cabeça para ele em um cumprimento, que ele respondeu com alívio, enquanto sua filha, depois de fazer uma mesura para a sra. Coulter e para a menina enfeitiçada, deu meia-volta e desceu correndo pela encosta sob a luz do crepúsculo. Pai e filha inclinaram a cabeça mais uma vez em direção à caverna, em um cumprimento respeitoso, e se foram, desaparecendo em meio às sombras das árvores.

A sra. Coulter foi na direção do fogareiro e da água, que estava quase fervendo.

Ela se abaixou e esmigalhou algumas folhas secas sobre a água, tirando duas pitadas de um saquinho, uma pitada de outro, e acrescentou três gotas de um óleo amarelo-claro. Mexeu rapidamente a mistura, contando silenciosamente até terem se passado cinco minutos. Então tirou a panela do fogo e se sentou para esperar que o líquido esfriasse.

Espalhada ao seu redor estava parte da equipagem que havia trazido do

acampamento próximo ao lago azul, onde sir Charles Latrom havia morrido: um saco de dormir, uma mochila com mudas de roupas, produtos de limpeza e assim por diante. Também havia uma valise de lona com uma armação resistente de madeira, acolchoada com paina, contendo vários instrumentos; e uma pistola em um coldre.

A infusão esfriou depressa no ar rarefeito e, tão logo atingiu a temperatura ambiente, ela a colocou cuidadosamente em uma taça de metal de boca larga e a levou até o fundo da caverna. O daemon macaco largou a pinha e a acompanhou.

Cuidadosamente, a sra. Coulter colocou a taça sobre uma rocha e se ajoelhou junto de Lyra. O macaco dourado se abaixou ao lado dela, pronto para agarrar Pantalaimon, se este acordasse.

O cabelo de Lyra estava úmido, seus olhos se moviam atrás das pálpebras cerradas. Ela estava começando a despertar: a sra. Coulter tinha sentido seus cílios se moverem quando a beijara e sabia que não dispunha de muito tempo antes que Lyra acordasse totalmente.

Deslizou uma das mãos sob a cabeça da menina e com a outra afastou as mechas úmidas de cabelo de sua testa. Os lábios de Lyra se entreabriram e ela gemeu baixinho; Pantalaimon se aconchegou mais junto de seu peito. Os olhos do macaco dourado permaneciam fixos no daemon de Lyra e seus pequeninos dedos negros repuxavam a beirada do saco de dormir.

Depois de um olhar da sra. Coulter, ele largou o saco de dormir e se afastou um palmo. A mulher levantou a filha com delicadeza de modo que seus ombros saíssem do chão e a cabeça pendeu ligeiramente para trás. Então Lyra respirou fundo e seus olhos se entreabriram, piscando pesadamente.

— Roger — murmurou. — Roger... onde você está... não consigo ver...

— Shh — sua mãe sussurrou —, shh, minha querida, beba isso.

Levando a taça até a boca de Lyra, ela a inclinou para deixar que uma gota umedecesse os lábios da menina. A língua de Lyra percebeu isso e se moveu para lambê-los, e então a sra. Coulter deixou que um pouco mais do líquido pingasse em sua boca, com muito cuidado, esperando que ela engolisse cada gole antes de lhe dar mais.

Vários minutos se passaram, mas finalmente a taça ficou vazia e a sra. Coulter tornou a deitar a filha. Tão logo a cabeça de Lyra repousou no chão, Pantalaimon voltou a se acomodar em volta de seu pescoço. Seu pelo vermelho-dourado estava

tão úmido quanto os cabelos de Lyra. Ambos estavam profundamente adormecidos de novo.

O macaco dourado foi saltitando graciosamente até a entrada da caverna e se sentou, mais uma vez vigiando o caminho. A sra. Coulter umedeceu um pedaço de pano em uma bacia de água fria e passou no rosto de Lyra; depois, abriu o saco de dormir e lavou seus braços, pescoço e ombros, para aliviar o calor. Então pegou um pente e com delicadeza desembaraçou o cabelo de Lyra, afastando-o da testa e arrumando-o cuidadosamente.

Ela deixou o saco de dormir aberto para que ficasse mais fresco para Lyra e abriu a trouxa que Ama havia trazido: algumas bisnagas achatadas de pão, um retângulo de chá prensado e um pouco de arroz grudento embrulhado em uma folha larga. Estava na hora de acender a fogueira. O ar nas montanhas ficava muito frio durante a noite. Trabalhando metodicamente, ela cortou alguns pedaços de lenha, preparou a fogueira e acendeu com um fósforo. Aquilo era outra coisa a respeito da qual teria que pensar: os fósforos estavam acabando e a nafta para o fogareiro também; teria que manter a fogueira acesa dia e noite, dali em diante.

Seu daemon estava aborrecido. Não estava de acordo com aquela situação e quando tentou manifestar sua preocupação ela não lhe deu atenção. Ele se afastou, o desprezo evidente em cada linha de seu corpo enquanto continuava a descascar pinhas na escuridão. Ela não ligou e continuou a trabalhar atenta e habilmente para aumentar o fogo e preparar uma panela para esquentar água e fazer um chá.

Mesmo assim, o ceticismo dele a afetava e, enquanto ia desmanchando repetidamente o chá prensado na água, perguntou-se o que estava fazendo e se teria enlouquecido e o que aconteceria quando a Igreja descobrisse. O macaco dourado tinha razão. Ela não estava apenas escondendo Lyra: estava tentando enganar a si mesma.

Saindo da escuridão o garotinho veio, esperançoso e assustado, sussurrando sem parar:

— Lyra, Lyra, Lyra...

Atrás dele havia outros vultos, ainda mais indistintos, ainda mais silenciosos. Pareciam ser de um mesmo grupo e do mesmo tipo, mas não tinham rostos que fossem visíveis ou vozes que falassem; e a voz do garotinho se elevou um pouco acima de um sussurro e seu rosto ficou sombreado e borrado como algo semiesquecido.

— Lyra... Lyra...

Onde eles estavam?

Em uma grande planície onde nenhuma luz brilhava no céu escuro cor de chumbo e onde uma neblina obscurecia o horizonte em todas as direções. O solo era de terra nua, socada e achatada por milhões de pés, embora esses pés tivessem menos peso que penas; então deveria ter sido o tempo que o deixara daquele jeito, embora o tempo tivesse parado naquele lugar; sinal de que as coisas deviam ser assim mesmo. Aquele era o fim de todos os lugares e o último de todos os mundos.

— Lyra...

Por que estavam ali?

Eram prisioneiros. Alguém havia cometido um crime, embora ninguém soubesse qual, quem o havia cometido, nem que autoridade o havia julgado.

Por que o garotinho continuava a chamar pelo nome de Lyra?

Esperança.

Quem eram eles?

Fantasmas.

E Lyra não conseguia tocar nenhum deles, por mais que tentasse. Sem direção, suas mãos se moviam procurando, tateando, de um lado para outro, e o garotinho continuava parado ali suplicando.

— Roger — chamou ela, mas sua voz saiu em um sussurro. — Ah, Roger, onde está você? O que é este lugar?

— É o mundo dos mortos, Lyra — respondeu ele. — Não sei o que fazer, não sei se estou aqui para sempre e não sei se fiz coisas más ou o quê, porque tentei ser bom, mas detesto estar aqui, estou com medo de tudo isso, detesto...

E Lyra disse:

— Eu

2. BALTHAMOS E BARUCH

Então um espírito passou diante de mim;
fez-me arrepiar os cabelos da minha carne.
LIVRO DE JÓ

— Fiquem calados — disse Will. — Apenas tratem de ficar calados. Não me perturbem.

Foi logo depois de Lyra ter sido levada, logo depois de Will ter descido do topo da montanha, logo depois de a feiticeira ter matado seu pai. Will acendeu a lamparina de latão que havia tirado da bolsa do pai, usando os fósforos que havia encontrado, e se agachou na reentrância do rochedo para abrir a mochila de Lyra.

Ele tateou lá dentro com a mão boa e encontrou o pesado aletiômetro embrulhado no veludo. O instrumento brilhou sob a luz da lamparina e Will o estendeu na direção dos dois vultos que estavam a seu lado, vultos que diziam ser anjos.

— Sabem ler isso? — perguntou.

— Não — disse uma voz. — Venha conosco. Precisa vir. Venha agora, vamos levar você a lorde Asriel.

— Quem mandou vocês seguirem meu pai? Disseram que ele não sabia que estava sendo seguido. Mas ele sabia — disse em tom feroz. — Ele me avisou que vocês apareceriam. Sabia mais coisas do que imaginavam. Quem enviou vocês?

— Ninguém nos enviou. Apenas nós mesmos — veio a voz. — Queremos servir lorde Asriel. E o homem morto, o que *ele* queria que você fizesse com a faca?

Will hesitou.

— Ele disse que eu deveria levar a faca para lorde Asriel — admitiu.

— Então venha conosco.

— Não. Não enquanto eu não encontrar Lyra.

Ele dobrou o veludo sobre o aletiômetro e o enfiou em sua bolsa de lona. Uma vez seguro de que estava bem guardado, pôs a mochila no ombro, enrolou-se no pesado manto que fora de seu pai para se proteger da chuva e ficou agachado onde estava,

olhando com firmeza para as duas sombras.

— Vocês dizem a verdade? — perguntou.

— Sim.

— Então são mais fortes ou mais fracos que seres humanos?

— Mais fracos. Vocês têm carne de verdade, nós não. Apesar disso, você tem que vir conosco.

— Não. Se sou mais forte, vocês têm que me obedecer. Além disso, eu tenho a faca. Sendo assim, estou no comando: me ajudem a encontrar Lyra. Não me importa quanto tempo vai levar, primeiro vou achar Lyra e *depois* irei ver lorde Asriel.

Os dois vultos ficaram em silêncio durante vários segundos. Então, se afastaram um pouco e conversaram entre si, mas Will não conseguia ouvir nada do que diziam.

Finalmente se aproximaram de novo e disseram:

— Muito bem. Você está cometendo um erro, embora não nos deixe opção. Vamos ajudar você a encontrar essa criança.

Will forçou os olhos, tentando penetrar a escuridão para ver seus acompanhantes mais claramente, mas a chuva o impediu.

— Cheguem mais perto para que eu possa ver vocês.

Eles se aproximaram, mas as imagens não ficaram mais nítidas.

— Verei vocês melhor à luz do dia?

— Não, pior. Não somos de uma hierarquia muito elevada entre os anjos.

— Bem, se eu não consigo ver vocês, mais ninguém vai conseguir, o que quer dizer que podem se manter escondidos. Vejam se conseguem descobrir para onde levaram Lyra. Ela com certeza não pode estar muito longe. Havia uma mulher, deve estar com ela, foi a mulher que levou Lyra. Andem, tratem de procurar e voltem para me contar o que descobrirem.

Os anjos se elevaram no ar em meio à tempestade e desapareceram. Will sentiu uma grande e pesada melancolia se apoderar dele; já estava quase sem forças antes da luta com seu pai e agora se sentia completamente esgotado. Tudo o que queria era fechar os olhos que estavam pesados e doloridos de tanto chorar.

Puxou o manto sobre a cabeça, abraçou a mochila de lona e adormeceu imediatamente.

— Não estão em lugar nenhum.

Will ouviu isso das profundezas do sono e se esforçou para acordar. Finalmente (e

levou mais de um minuto, porque estava profundamente adormecido) conseguiu abrir os olhos para a manhã clara que tinha diante de si.

— Onde estão vocês?

— Ao seu lado — respondeu o anjo. — Deste lado.

O sol havia acabado de nascer e as rochas, os liquens e os musgos que as cobriam cintilavam frescos e brilhantes sob a luz da manhã, mas ele não conseguia ver os vultos em lugar nenhum.

— Eu disse que seria mais difícil nos ver à luz do dia — continuou a voz. — Você vai nos ver melhor à meia-luz, no crepúsculo ou no raiar da manhã; a escuridão também é uma boa situação; e a pior é sob a luz do sol. Meu companheiro e eu procuramos mais abaixo na montanha e não encontramos nem a mulher nem a criança. Mas há um lago de água azul onde ela deve ter acampado. Tem um homem morto lá e uma feiticeira comida por um Espectro.

— Um homem morto? Como ele é?

— Parece ter uns sessenta anos. Corpulento e de pele lisa. Cabelos grisalhos. Vestia roupas caras e havia vestígios de um perfume forte ao redor dele.

— Sir Charles — disse Will. — Esse que descreveu é sir Charles. A sra. Coulter deve ter matado ele. Bem, pelo menos isso é uma boa notícia.

— Ela deixou pistas. Meu companheiro as seguiu e voltará quando tiver descoberto para onde ela foi. Eu vou ficar com você.

Will levantou e olhou em volta. A tempestade tinha limpado a atmosfera, e a manhã estava fresca e clara, o que apenas tornava o cenário ao seu redor mais perturbador e aflitivo; pois nas proximidades jaziam os corpos de várias das feiticeiras que haviam escoltado Will e Lyra até o local de encontro com seu pai. Um corvo comedor de carniça, de bico brutal, já estava atacando o rosto de uma delas e Will podia ver um pássaro maior voando em círculos mais acima, como se estivesse escolhendo a mais apetitosa.

Will examinou os corpos, um de cada vez, mas nenhum deles era o de Serafina Pekkala, a rainha do clã de feiticeiras e amiga pessoal de Lyra. Então lembrou: ela não tinha partido de repente, para cuidar de outra tarefa, não muito antes do anoitecer?

Talvez ainda estivesse viva. Aquele pensamento o alegrou; Will vasculhou o horizonte em busca de algum sinal dela, mas só havia céu azul e rochas pontiagudas em todas as direções.

— Onde você está? — perguntou ao anjo.

— Ao seu lado — veio a voz —, como sempre.

Will olhou para a esquerda, de onde vinha a voz, mas não viu nada.

— Então ninguém pode ver você. Alguma outra pessoa poderia ouvir você tão bem quanto eu?

— Não se eu sussurrar — respondeu o anjo em tom ríspido e rabugento.

— Qual é o seu nome? Vocês têm nomes?

— Temos. Meu nome é Balthamos. O de meu companheiro é Baruch.

Will refletiu sobre o que fazer. Quando se escolhia um caminho dentre muitos, todos os caminhos que não eram seguidos se apagavam como velas, como se nunca tivessem existido. Naquele momento, todas as escolhas de Will existiam simultaneamente. Mas fazer com que todas elas continuassem existindo significava não fazer nada. Ele tinha que escolher, não tinha jeito.

— Vamos descer a montanha outra vez — decidiu. — Vamos até o lago. Pode ser que haja alguma coisa por lá que eu possa aproveitar. E, de qualquer maneira, estou ficando com sede. Vou seguir um caminho que acho que vai até lá e você pode me guiar se eu estiver errado.

Só quando já estava andando havia vários minutos, descendo pela encosta rochosa sem nenhuma trilha, foi que Will se deu conta de que sua mão não estava mais doendo. Na verdade, não tinha pensado no ferimento desde que acordara.

Will parou e examinou a atadura de linho que seu pai havia feito em volta de sua mão, depois da luta. Estava melada com o unguento que ele havia espalhado sobre os ferimentos, mas não havia nenhum sinal de sangue, e, depois dos sangramentos incessantes que ele tinha sofrido desde que perdera os dedos, aquilo era tão bom que sentiu o coração quase saltar de alegria.

Experimentou mexer os dedos. Era verdade que os ferimentos ainda doíam, mas era um tipo diferente de dor: não aquela dor profunda, que o consumia e engolia a vida, do dia anterior, mas uma sensação menor, mais entorpecida. Parecia que estava se curando. O pai dele tinha feito isso. O encantamento das feiticeiras tinha fracassado, mas seu pai o havia curado.

Então continuou a descer pela encosta, se sentindo mais animado.

Foram necessárias três horas e várias palavras de orientação até que chegasse ao pequeno lago azul. Quando afinal o alcançou, estava morto de sede, e, sob o sol forte, o manto lhe pareceu pesado e quente, embora sentisse falta de sua proteção

depois que o tirou, pois seus braços e o pescoço nus ardiam. Largou o manto e a mochila no chão e correu os últimos metros até a água, mergulhando nela o rosto sedento e bebendo um gole após outro de água congelante. Estava tão gelada que fez seus dentes e a cabeça doerem.

Quando terminou de beber, levantou a cabeça e ficou sentado olhando o entorno. Não estivera em condições de reparar em coisa alguma no dia anterior, mas agora via mais claramente a cor intensa da água e ouvia os ruídos estridentes dos insetos por toda parte.

— Balthamos?

— Sempre aqui.

— Onde está o homem morto?

— Depois daquele pedregulho alto, à sua direita.

— Há Espectros por aqui?

— Não, nenhum.

Will pegou a mochila e o manto e foi contornando o lago, seguindo pela beira, depois subiu até o pedregulho que Balthamos tinha indicado.

Atrás dele um pequeno acampamento havia sido montado, com cinco ou seis tendas e os restos de fogueiras para cozinhar. Will se aproximou com cuidado, caso alguém ainda estivesse vivo e escondido.

Mas o silêncio era profundo, com o ruído dos insetos apenas arranhando sua superfície. As tendas estavam desertas, a água do lago plácida, com ondulações ainda se espalhando lentamente em círculos a partir de onde ele havia bebido. Um lampejo de movimento verde próximo a seu pé o sobressaltou por um instante, mas era apenas um minúsculo lagarto.

As tendas eram feitas de tecido de camuflagem, o que as realçava ainda mais, em meio às rochas vermelhas e desbotadas. Examinou o interior da primeira tenda e viu que estava vazia. A segunda também, mas na terceira encontrou objetos de valor: uma lata de comida e uma caixa de fósforos. Também havia uma tira de alguma substância escura, do mesmo comprimento e largura que seu antebraço. Primeiro, pensou que fosse couro, mas, examinando sob a luz do sol, ele percebeu que era carne-seca.

Bem, afinal, ele tinha uma faca. Cortou um pedaço fino e descobriu que era meio dura de mastigar e ligeiramente salgada, mas cheia de sabor e deliciosa. Colocou a carne e os fósforos junto com a lata na mochila e revistou as outras tendas, mas

estavam vazias.

Deixou a maior por último.

— É lá que está o homem morto? — perguntou para o ar.

— É — respondeu Balthamos. — Ele foi envenenado.

Will caminhou cautelosamente até a entrada da tenda, que dava para o lago. Caído ao lado de uma cadeira de lona virada estava o corpo do homem conhecido no mundo de Will como sir Charles Latrom e no mundo de Lyra como lorde Boreal, o homem que havia roubado o aletiômetro de Lyra, roubo que, por sua vez, tinha conduzido Will ao encontro da faca sutil. Sir Charles havia sido hipócrita, desonesto e poderoso, e agora estava morto. O rosto dele estava distorcido de maneira desagradável, e Will não queria olhar, mas uma espiada rápida no interior da tenda revelou que ali havia um bocado de coisas para roubar, então passou por cima do corpo para analisar melhor.

Seu pai, o soldado, o explorador, teria sabido exatamente o que levar. Will tinha que adivinhar. Pegou uma pequena lupa em um estojo de metal, porque poderia ser usada para acender fogueiras e economizar os fósforos; um carretel de barbante bem resistente; um cantil de liga de metal, muito mais leve do que o recipiente de pele de cabra que estivera carregando, e uma pequena caneca de latão; um binóculo pequenino, um cilindro de moedas de ouro do tamanho de um polegar, embrulhado em papel; um kit de primeiros socorros; tabletes para purificar água; um pacote de café; três pacotes de frutas secas prensadas; um saco de biscoitos de aveia; seis barras de Kendal Mint Cake; um saco de anzóis de pesca e linha de náilon e, finalmente, um bloco de anotações, um par de lápis e uma pequena lanterna elétrica.

Arrumou tudo isso em sua mochila, cortou outra fatia de carne, encheu a barriga e depois o cantil com água do lago e perguntou para Balthamos:

— Acha que preciso de mais alguma coisa?

— Um pouco de bom senso lhe seria útil — veio a resposta. — Alguma aptidão para tornar você capaz de reconhecer a sabedoria e mais inclinado a respeitar e obedecer quem a possui.

— Você é sábio?

— Muito mais do que você.

— Bem, como vê, eu não saberia dizer. Você é homem? Fala como homem.

— Baruch era homem. Eu não. Agora ele é angelical.

— Então... — Will interrompeu o que estava fazendo, que era arrumar a mochila de modo que os objetos mais pesados ficassem no fundo, e tentou ver o anjo. Não havia nada para ver. — Então ele era um homem — prosseguiu — e então... As pessoas se tornam anjos quando morrem? É isso que acontece?

— Nem sempre. Não na grande maioria dos casos... Muito raramente.

— Então quando ele esteve vivo?

— Há quatro mil anos, mais ou menos. Eu sou muito mais velho.

— E ele vivia no meu mundo? No de Lyra? Ou neste aqui?

— No seu. Mas existem infinitos mundos. Você sabe disso.

— Mas como as pessoas se tornam anjos?

— Qual é o objetivo dessa especulação metafísica?

— Só quero saber.

— É melhor cuidar de sua tarefa. Você saqueou os objetos pessoais desse morto, tem todos os brinquedos de que precisa para se manter vivo; agora podemos seguir adiante?

— Quando eu souber para onde ir.

— Para onde quer que escolhamos ir, Baruch nos encontrará.

— Então ele vai nos encontrar mesmo se ficarmos aqui. Tem outras coisas que preciso fazer.

Will escolheu um lugar de onde não dava para ver o corpo de sir Charles e comeu três barras do Kendal Mint Cake. Foi muito boa a sensação de estar refeito e fortalecido à medida que a comida começou a nutri-lo. Então, examinou novamente o aletiômetro. As trinta e seis pequeninas ilustrações pintadas sobre o marfim eram todas perfeitamente claras: não havia dúvida de que isso era um bebê, aquilo uma marionete, isso uma bisnaga de pão e assim por diante. Mas seu significado era obscuro.

— Como Lyra lia isso? — perguntou a Balthamos.

— É muito possível que ela inventasse. As pessoas que usam esses instrumentos estudaram durante muitos anos e mesmo assim só podem compreendê-los com a ajuda de muitos livros de referência.

— Ela não estava inventando. Realmente sabia ler. Lyra me disse coisas que de outra forma jamais poderia ter sabido.

— Então é igualmente misterioso para mim, posso lhe garantir — declarou o anjo.

Olhando para o aletiômetro, Will se lembrou de um comentário que Lyra havia

feito sobre como ler: alguma coisa a respeito do estado de relaxamento em que deveria pôr sua mente para fazer com que funcionasse. Aquilo, por sua vez, o havia ajudado a sentir as sutilezas da lâmina de prata.

Sentindo curiosidade, pegou a faca e cortou uma pequena janela bem na frente de onde estava sentado. Através dela não viu nada exceto o céu azul, mas abaixo, muito abaixo, havia uma paisagem de árvores e campos: era seu próprio mundo, sem sombra de dúvida.

Então as montanhas neste mundo não correspondiam a montanhas no mundo dele. Fechou a janela, usando a mão esquerda pela primeira vez. Que felicidade poder usá-la de novo!

Então uma ideia lhe ocorreu tão de repente que foi como se tivesse levado um choque elétrico.

Se existiam milhares e milhares de mundos, por que a faca só abria janelas entre este mundo e o seu?

Certamente ela deveria poder abrir janelas para qualquer mundo.

Ele levantou a faca de novo, deixando sua mente fluir seguindo pela lâmina até chegar à ponta, como Giacomo Paradisi lhe havia ensinado, até que sua consciência estivesse aninhada entre os próprios átomos e sentisse cada minúsculo ponto e ondulação no ar.

Em vez de cortar assim que sentiu a primeira fenda, como geralmente fazia, deixou que a faca seguisse adiante para uma outra e depois para mais uma. Era como seguir uma fileira de pontos cirúrgicos os pressionando tão de leve que nenhum deles se rompia.

— O que está fazendo? — disse a voz vinda do ar, trazendo-o de volta.

— Estou explorando — respondeu Will. — Fique calado e não se meta. Se você chegar perto disso será cortado e, como não posso ver você, não tenho como evitar.

Balthamos emitiu um som de descontentamento. Will estendeu a faca e procurou novamente por aquelas minúsculas reentrâncias e hesitações nas fendas. Havia um número muito maior delas do que tinha imaginado. E enquanto as sentia sem precisar cortá-las, imediatamente descobriu que cada uma possuía uma característica diferente: esta aqui era dura e definida, aquela ali, meio indistinta; uma terceira era escorregadia, a quarta, quebradiça e frágil...

Mas entre todas elas havia algumas que ele podia sentir com mais facilidade que outras e, já conhecendo a resposta, cortou-a só para ter certeza: era seu próprio

mundo de novo.

Ele a fechou e procurou com a ponta da faca uma fenda com uma característica diferente. Encontrou uma que era elástica e resistente e deixou a faca deslizar para dentro dela, cortando.

Sim! O mundo que viu através daquela janela não era o seu: ali o chão estava mais próximo e a paisagem não era de campos verdes e cercas, mas um deserto com dunas ondulantes.

Will fechou aquela janela e abriu outra: a atmosfera carregada de fumaça de uma cidade industrial, com uma fila de trabalhadores, acorrentados e com expressão sombria, caminhando penosamente para uma fábrica.

Fechou aquela também e voltou a si. Sentia-se ligeiramente tonto. Pela primeira vez compreendeu parte da dimensão do verdadeiro poder da faca e a colocou muito cuidadosamente sobre a rocha à sua frente.

— Você vai ficar aqui o dia inteiro? — perguntou Balthamos.

— Estou pensando. Você só pode passar com facilidade de um mundo para outro se o chão estiver no mesmo lugar. E talvez haja lugares em que está, e talvez seja nesses lugares que ocorrem muitos cortes entre os mundos... E você teria que saber exatamente como é seu próprio mundo com a ponta da faca, caso contrário poderia não conseguir voltar nunca. Estaria perdido para sempre.

— Realmente. Mas será que poderíamos...

— E você teria que saber que mundo tem o chão no mesmo lugar, caso contrário não haveria sentido em abri-lo — disse Will, para si mesmo e para o anjo. — De maneira que não é tão fácil quanto eu havia imaginado. Talvez simplesmente tenhamos tido sorte em Oxford e em Cittàgazze. Mas eu vou apenas...

Ele tornou a pegar a faca. Além da sensação bem nítida e evidente que tinha quando tocava um ponto que abriria uma fenda para seu próprio mundo, havia outro tipo de sensação em que tocara mais de uma vez: uma espécie de ressonância, como a sensação de baterem um tambor pesado de madeira, exceto, claro, que vinha, como todas as outras, em um movimento minúsculo através do ar vazio.

Lá estava ela. Ele se afastou e procurou sentir em outro lugar: lá estava de novo.

Will fez um corte e descobriu que seu raciocínio estava correto. A ressonância significava que o solo no mundo que ele havia aberto estava no mesmo lugar que neste. Estava olhando para uma campina verdejante em uma região montanhosa, sob um céu carregado, em que um rebanho de animais plácidos pastava — animais

de um tipo que nunca vira antes —, grandes como bisões, com chifres largos e de pelo azul comprido, com uma crista de pelos duros eriçados descendo ao longo de suas costas.

Ele entrou pela janela. O animal mais próximo levantou a cabeça, olhou para ele sem curiosidade e então virou de volta para a relva. Deixando a janela aberta, na campina do outro mundo Will levantou a faca e com sua ponta procurou as reentrâncias familiares e experimentou abri-las.

Sim, ele podia abrir seu próprio mundo a partir daquele e ainda estava bem acima das fazendas e das cercas; e sim, podia encontrar com facilidade a ressonância sólida que era característica do mundo Cittàgazze de onde acabara de sair.

Com uma profunda sensação de alívio, Will voltou para o acampamento à beira do lago, fechando todas as janelas atrás de si. Agora podia encontrar seu caminho de volta para casa; agora não se perderia; agora poderia se esconder quando precisasse e se deslocar em segurança.

Cada progresso no conhecimento vinha acompanhado de um ganho em força. Ele embainhou a faca na cintura e jogou a mochila sobre o ombro.

— Bem, agora está pronto? — disse a voz sarcástica.

— Estou. Posso explicar se quiser, mas não me parece muito interessado.

— Ah, acho qualquer coisa que você faça uma fonte de fascinação perpétua. Mas não se incomode comigo. O que vai dizer para aquelas pessoas que estão chegando?

Will olhou em volta, espantado. Mais abaixo na trilha — bem longe, muito mais abaixo — havia uma fileira de viajantes com cavalos de carga, subindo em marcha regular em direção ao lago. Eles ainda não o tinham visto, mas, se ficasse onde estava, logo veriam.

Will recolheu o manto de seu pai, que havia estendido sobre um pedregulho para tomar sol. Pesava muito menos, agora que estava seco. Olhou ao redor: não havia mais nada que pudesse levar.

— Vamos seguir adiante — disse.

Gostaria de ter podido refazer o curativo, mas aquilo podia esperar. Começou a andar junto da beira do lago, se afastando dos viajantes, e o anjo o seguiu, invisível na claridade do dia.

Muito mais tarde naquele dia eles desceram das montanhas de rochas nuas para um contraforte coberto de relva e azaleias. Will estava louco para descansar e logo decidiu que faria uma parada.

O anjo tinha falado pouco. De tempos em tempos Balthamos havia advertido: "Não vá por aí" ou "Há um caminho mais fácil à esquerda", e ele aceitava o conselho; mas na verdade estava caminhando só por caminhar e para se manter longe daqueles viajantes, porque, enquanto o outro anjo não voltasse com mais notícias, Will poderia muito bem ter ficado onde estavam.

Agora o sol estava se pondo, e Will achou que podia ver seu estranho companheiro. A silhueta de um homem parecia tremular sob a luz, e o ar estava mais denso dentro dela.

— Balthamos? — chamou. — Quero encontrar um riacho. Tem algum por perto?

— Há uma nascente um pouco mais abaixo na encosta — disse o anjo —, logo acima daquelas árvores.

— Obrigado.

Encontrou a nascente e bebeu bastante água, enchendo o cantil. Mas, antes que pudesse descer até o pequeno bosque, ouviu uma exclamação vindo de Balthamos, e quando Will se virou avistou sua silhueta se movendo rapidamente pela encosta em direção... a quê? O anjo era visível apenas como um lampejo de movimento, e Will conseguia enxergar melhor se não olhasse diretamente para ele; mas Balthamos pareceu fazer uma pausa para escutar, então se lançou pelo ar para deslizar rapidamente de volta para junto de Will.

— Aqui! — disse ele, e pela primeira vez sua voz não tinha nenhum traço de desaprovação ou de sarcasmo. — Baruch passou por aqui! E há uma daquelas janelas, quase invisível. Venha, venha. Venha logo.

Will o seguiu cheio de entusiasmo, o cansaço esquecido. Quando alcançou a janela viu que ela se abria para uma região sombria, de paisagem semelhante à tundra, que era mais plana que as montanhas no mundo Cittàgazze e mais fria, com um céu carregado de nuvens. Ele passou pela janela e Balthamos o seguiu imediatamente.

— Que mundo é este? — perguntou Will.

— É o mundo da garota. Foi por aqui que elas passaram e Baruch também atravessou para segui-las. Estão indo para o sul, já estão bem longe.

— Como sabe? Você lê a mente dele?

— Claro que leio a mente dele. Aonde quer que ele vá, estou com ele; sentimos as mesmas coisas, como se fôssemos um só, embora sejamos dois.

Will examinou o terreno a seu redor. Não havia nenhum sinal de vida humana e o

ar frio estava ficando mais gelado a cada minuto que passava, à medida que a luz ia morrendo.

— Não quero dormir aqui — declarou. — Vamos ficar no mundo Cittàgazze para passar a noite e voltar para cá de manhã. Pelo menos por lá tem lenha e podemos fazer uma fogueira. E agora que sei como é o mundo dela, posso encontrar ele com a faca... Ah, Balthamos? Você pode assumir alguma outra forma?

— Por que eu ia querer fazer isso?

— Neste mundo, os seres humanos têm daemons e, se eu aparecer sem um daemon, ficarão desconfiados. Lyra, no início, teve medo de mim por causa disso. Então, se formos viajar pelo mundo dela, você vai ter que fingir que é meu daemon e assumir a forma de algum animal. Um pássaro, talvez. Assim pelo menos poderia voar.

— Ah, mas que coisa mais tediosa.

— Mas você pode fazer isso?

— Eu *poderia*...

— Então faça agora. Deixa eu ver.

A silhueta do anjo pareceu se condensar e girar em um pequeno redemoinho no ar e então um melro rodopiou e pousou na relva aos pés de Will.

— Voe para o meu ombro — disse Will.

O pássaro fez isso e depois falou no tom de voz ácido, já familiar, do anjo:

— Eu só farei isso quando for absolutamente necessário. É indescritivelmente humilhante.

— Que pena — retrucou Will. — Sempre que encontrarmos gente neste mundo, você se tornará um pássaro. Não adianta reclamar nem discutir. Apenas faça.

O melro levantou voo de seu ombro e desapareceu no ar; em seguida, lá estava o anjo de novo, emburrado na semiobscuridade. Antes de voltarem pela janela, Will examinou bem o terreno que o cercava, farejando o ar, fazendo um reconhecimento do mundo onde Lyra estava prisioneira.

— Onde está seu companheiro agora? — perguntou.

— Seguindo a mulher rumo ao sul.

— Então seguiremos nessa direção também, amanhã de manhã.

No dia seguinte, Will caminhou durante horas e não viu ninguém. A região consistia, em sua maior parte, em pequenas colinas cobertas por uma relva baixa,

seca, e sempre que se encontrava em qualquer ponto mais elevado ele olhava em volta buscando sinais de habitação humana, mas não encontrou nenhum. A única variação naquele vazio poeirento verde-acastanhado era uma mancha distante de um verde mais escuro, para onde Will se dirigiu, porque Balthamos disse que era uma floresta e que lá havia um rio, que corria em direção ao sul. Por volta de meio-dia, ele tentou e não conseguiu dormir em meio a alguns arbustos baixos; e, à medida que o anoitecer se aproximava, sentiu-se cansado e com os pés doloridos.

— Progresso lento — comentou Balthamos acidamente.

— Não posso fazer nada quanto a isso — retrucou Will. — Se não puder dizer alguma coisa construtiva, é melhor não falar nada.

Quando finalmente alcançou as bordas da floresta, o sol estava baixo e o ar carregado de pólen, tão carregado que Will espirrou várias vezes, espantando um passarinho que voou piando com estridência de algum lugar próximo.

— Foi a primeira coisa viva que vi hoje — observou Will.

— Onde vai acampar? — perguntou Balthamos.

O anjo ficava ocasionalmente visível nas sombras alongadas das árvores, e Will pôde ver sua expressão petulante.

— Vou ter que parar por aqui, em algum lugar. Você poderia ajudar a procurar um bom local. Estou ouvindo um riacho, veja se consegue encontrá-lo.

O anjo desapareceu. Will continuou andando penosamente, em meio às moitas de urze e de mirtilo silvestre. Desejava que houvesse algum tipo de caminho para que seus pés seguissem, e observando a luz com apreensão percebeu que precisaria escolher logo onde parar, antes que a escuridão o obrigasse a fazê-lo sem opção de escolha.

— À esquerda — disse Balthamos, a um braço de distância. — Um riacho e uma árvore morta para servir de lenha. Por aqui...

Will seguiu a voz do anjo e logo encontrou o local que ele havia descrito. Um riacho corria rapidamente em meio a rochas cobertas de musgo e desaparecia sobre uma protuberância em uma fenda pequenina e estreita, escura sob as árvores em arco. Junto ao riacho, uma margem verdejante de arbustos e plantas rasteiras se estendia um pouco mais para trás.

Antes de se permitir descansar, Will tratou de catar lenha e não demorou a encontrar um círculo de pedras enegrecidas pelo fogo, em meio à relva, onde alguma outra pessoa fizera uma fogueira muito tempo antes. Juntou uma pilha de

gravetos e de galhos mais pesados e com a faca os cortou em pedaços de bom tamanho antes de tentar acendê-los. Não sabia qual era a melhor maneira de fazer aquilo e desperdiçou vários fósforos antes de conseguir.

O anjo o observava com uma espécie de paciência aborrecida.

Depois que a fogueira estava ardendo, Will comeu dois biscoitos de aveia, um pedaço de carne-seca e um pouco do Kendal Mint Cake, arrematando com uns goles de água gelada. Balthamos ficou sentado ali perto e finalmente Will perguntou:

— Você vai ficar me vigiando o tempo todo? Não vou para lugar nenhum.

— Estou esperando Baruch. Ele vai voltar logo e então posso ignorar você, se quiser.

— Quer comer alguma coisa?

Balthamos se mexeu ligeiramente: estava claro que queria.

— Quero dizer, eu nem sei se você come — emendou Will —, mas se quiser alguma coisa, pode comer.

— O que é aquilo?... — perguntou o anjo, cheio de melindres, apontando para o Kendal Mint Cake.

— É um doce, basicamente açúcar e menta. Tome.

Will partiu um quadrado e ofereceu. Balthamos inclinou a cabeça e o cheirou. Então pegou o quadrado, seus dedos leves e frios contra a palma da mão de Will.

— Creio que isto vai me alimentar — comentou. — Um pedaço é mais que suficiente, obrigado.

Ele ficou sentado e foi mordiscando em silêncio. Will descobriu que se olhasse para o fogo, com o anjo bem no canto de seu campo de visão, teria uma impressão mais forte dele.

— Onde está Baruch? — perguntou. — Ele pode se comunicar com você?

— Sinto que ele está perto. Logo estará aqui. Quando ele voltar, nós conversaremos. Conversar é melhor.

E menos de dez minutos depois o som suave de asas batendo chegou aos ouvidos deles e Balthamos se levantou, ansioso. No instante seguinte os dois anjos estavam se abraçando, e Will, contemplando as chamas, observou a afeição entre eles. Era mais que afeição: eles se amavam apaixonadamente.

Baruch sentou ao lado de seu companheiro e Will mexeu no fogo, de maneira que uma nuvem de fumaça subisse e passasse pelos dois. A fumaça teve o efeito de delinear seus corpos, e pôde vê-los claramente pela primeira vez. Balthamos era

esguio, as asas estreitas dobradas elegantemente atrás dos ombros, e seu rosto tinha uma expressão que mesclava desdém arrogante com uma terna e ardente simpatia, como se ele fosse capaz de amar todas as coisas se sua natureza lhe permitisse esquecer seus defeitos. Mas ele não via defeitos em Baruch, isto era evidente. Baruch parecia ser mais jovem, como Balthamos dissera, e era mais forte de constituição; as asas maciças e brancas como neve. Era de natureza mais simples; olhava para Balthamos como se este fosse a fonte de todo conhecimento e felicidade. Will se deu conta de que estava intrigado e comovido com o amor que tinham um pelo outro.

— Descobriu onde está Lyra? — perguntou, impaciente pelas notícias.

— Encontrei — respondeu Baruch. — Há um vale do Himalaia, fica muito alto, próximo de uma geleira, onde a luz é transformada em arco-íris pelo gelo. Vou desenhar um mapa para você aqui na terra, não tem como errar. A menina está prisioneira em uma caverna, a mulher a mantém adormecida.

— Adormecida? E a mulher está sozinha? Não há soldados com ela?

— Está sozinha, sim. Se escondendo.

— E não aconteceu nada de mau com Lyra?

— Não. Está apenas adormecida e sonhando. Me deixe mostrar a você onde estão.

Com o dedo pálido, Baruch desenhou um mapa na terra nua junto da fogueira. Will pegou o bloco de anotações e o copiou com exatidão. Mostrava uma geleira com uma curiosa formação espiralada, se estendendo para baixo entre dois picos montanhosos quase idênticos.

— Agora vamos chegar mais perto — disse o anjo. — O vale onde fica a caverna desce pelo lado esquerdo da geleira e um rio de neve derretida corre através dele. O alto do vale fica aqui...

Ele desenhou outro mapa e Will também o copiou; e depois um terceiro, cada vez chegando mais perto, de modo que Will sentiu que encontraria o caminho para lá sem dificuldade — desde que cruzasse os sete ou oito mil quilômetros entre a tundra e as montanhas. A faca era boa para cortar aberturas entre mundos, mas não era capaz de abolir as distâncias que existiam dentro deles.

— Há um santuário perto da geleira com bandeirolas de seda vermelha meio rasgadas pelo vento. E uma garotinha traz comida até a caverna. Eles acreditam que a mulher é uma santa que os abençoará se cuidarem de suas necessidades.

— É mesmo? — comentou Will. — E ela está se *escondendo*... É isso que não

compreendo. Se escondendo da Igreja?

— Parece que sim.

Will dobrou os mapas e os guardou cuidadosamente. Tinha posto a caneca de latão nas pedras na borda da fogueira para esquentar a água e então salpicou um pouco de café solúvel dentro dela, mexendo com um graveto, e enrolou a mão em um lenço antes de pegá-la para beber.

Um graveto em chamas crepitou na fogueira; uma ave noturna piou.

De repente, sem nenhum motivo que Will pudesse ver, os dois anjos olharam para cima e na mesma direção. Acompanhou o olhar deles, mas não viu nada. Tinha visto sua gata fazer isso uma vez: levantar de repente, alerta e desperta de seu cochilo, e ficar vigiando alguma coisa ou alguém invisível entrar no quarto e atravessá-lo de uma ponta a outra. Aquilo o havia deixado de cabelos em pé, e o que estava acontecendo agora também.

— Apague a fogueira — sussurrou Balthamos.

Will pegou um punhado de terra com a mão boa e apagou as chamas. Imediatamente, o frio o envolveu até os ossos e ele começou a tremer. Puxou o manto, se enrolando, e olhou para cima de novo.

Agora era possível entrever uma coisa surgindo no céu: acima das nuvens uma forma brilhava, e não era a lua.

Ouviu Baruch murmurar:

— A Carruagem? Será possível?

— O que é? — sussurrou Will.

Baruch se inclinou, chegando bem perto dele, e sussurrou em resposta:

— Eles sabem que estamos aqui. Nos encontraram. Will, pegue a sua faca e...

Antes que pudesse terminar, alguma coisa se lançou do céu e se abateu sobre Balthamos. Em uma fração de segundo Baruch tinha saltado sobre ela e Balthamos estava se contorcendo para libertar suas asas. Os três seres lutaram assim, indo para lá e para cá na semiobscuridade, como três enormes vespas apanhadas em uma imensa teia de aranha, sem emitir nenhum som: tudo o que Will podia ouvir eram os gravetos se partindo e as folhas roçando enquanto eles lutavam.

Não podia usar a faca: todos se moviam muito depressa. Em vez disso, tirou a lanterna elétrica da bolsa de lona e a acendeu.

Nenhum deles esperava por isso. O atacante abriu as asas e as levantou, Balthamos ergueu o braço, cobrindo os olhos, e somente Baruch teve a presença de

espírito de se manter na posição em que estava. Mas Will podia ver o que era esse inimigo: outro anjo, muito maior e mais forte do que eles, e a mão de Baruch estava bloqueando sua boca.

— Will! — gritou Balthamos. — A faca, corte uma saída!

E no mesmo instante o atacante conseguiu se soltar violentamente das mãos de Baruch e gritou:

— *Senhor Regente! Eu os apanhei!*

A voz dele fez a cabeça de Will tinir; nunca havia escutado um grito como aquele. E um instante depois o anjo teria levantado voo e escapado, mas Will deixou cair a lanterna e saltou na frente dele. Já havia matado um espectro-dos-penhascos, mas usar a faca contra um ser com uma forma igual à sua era muito mais difícil. Mesmo assim, envolveu nos braços aquelas grandes asas que se debatiam e golpeou repetidamente as penas até que o ar se encheu de um redemoinho de flocos brancos, lembrando-se, mesmo em meio à onda de sensações violentas, das palavras de Balthamos: *Vocês têm carne de verdade, nós não*. Os seres humanos eram realmente mais fortes que os anjos: ele estava levando a melhor.

O atacante ainda estava gritando naquela voz de arrebentar os tímpanos:

— *Senhor Regente! Aqui, aqui!*

Will conseguiu lançar um olhar para o alto e viu as nuvens se movendo e rodopiando, e aquele clarão — alguma coisa imensa — ficando cada vez mais poderoso, como se as próprias nuvens estivessem se tornando luminosas, carregadas de energia, como plasma.

Balthamos gritou:

— Will, anda logo, corte um portal antes que ele venha!

Mas o anjo estava lutando violentamente e agora tinha conseguido libertar uma das asas e fazia força para se levantar do chão, e Will tinha que continuar segurando, caso contrário ele se soltaria. Baruch correu para ajudar e forçou a cabeça do atacante para trás.

— Não! — gritou Balthamos de novo. — Não! Não!

Ele se lançou sobre Will, e sacudia seu braço, seu ombro, suas mãos, e o atacante estava tentando gritar novamente, mas a mão de Baruch tapava sua boca. Do alto veio um profundo tremor, como uma poderosíssima dinamite, um som quase inaudível, embora sacudisse até os próprios átomos do ar e desse solavancos na medula óssea de Will.

— Ele está chegando — disse Balthamos, quase soluçando, e naquele momento parte de seu medo se transmitiu para Will. — Por favor, por favor, Will...

Will olhou para o alto.

As nuvens estavam se abrindo e através da fenda escura um vulto descia rapidamente: pareceu pequenino inicialmente, mas, à medida que se aproximava, sua forma foi se tornando maior e mais imponente. Vinha diretamente para eles, com inconfundível malignidade; Will teve certeza de que podia até ver a maldade em seus olhos.

— Will, você tem que fazer isso — disse Baruch em tom aflito.

Will se levantou, com a intenção de dizer "Segura ele bem firme", mas no instante em que as palavras vieram à sua mente, o anjo vergou, tombando contra o chão, se dissolvendo e se espalhando como névoa, e depois desapareceu. Will olhou em volta, se sentindo tolo e nauseado.

— Eu o matei? — perguntou com a voz trêmula.

— Você foi obrigado — disse Baruch. — Mas agora...

— Detesto isso — declarou Will, em tom inflamado —, eu realmente, realmente detesto esse negócio de matar! Quando é que vai acabar?

— Nós temos que ir — interrompeu Balthamos em tom abatido. — Depressa, Will, depressa, por favor...

Os dois estavam mortalmente assustados.

Will tateou o ar com a ponta da faca: qualquer mundo, desde que saíssem daquele. Cortou rapidamente e olhou para o alto: aquele outro anjo vindo do céu estava a apenas alguns segundos de distância e sua expressão era apavorante. Mesmo de lá e mesmo naqueles poucos segundos, Will sentiu estar sendo examinado e vasculhado de uma ponta a outra por um intelecto vasto, brutal e impiedoso.

E, o que era pior, ele tinha uma lança, que estava erguendo, se preparando para atirar...

No instante em que o anjo precisou interromper seu voo, assumir uma posição de ataque e levar o braço para trás para lançar a arma, Will seguiu Baruch e Balthamos atravessando a abertura e fechou a janela atrás de si. Enquanto seus dedos apertavam os últimos centímetros das bordas, sentiu uma onda de impacto no ar — mas aquilo desapareceu, estavam em segurança: era a lança que quase transpassou para aquele outro mundo.

Eles estavam nas areias de uma praia sob uma lua brilhante. Árvores gigantescas

parecendo samambaias cresciam mais para o interior; dunas baixas se estendiam ao longo de quilômetros pela costa. Estava quente e úmido.

— Quem era aquele? — perguntou Will, tremendo, encarando os dois anjos.

— Era Metatron — respondeu Balthamos. — Você deveria ter...

— Metatron? Quem é ele? Por que atacou? Não minta para mim.

— Temos que contar a ele — disse Baruch para seu companheiro. — Você já deveria ter contado.

— Sim, deveria — concordou Balthamos —, mas estava aborrecido com ele e preocupado com você.

— Conte agora, então — disse Will. — E não esqueça, não adianta querer me dizer o que fazer, nada disso me interessa, nada. A única pessoa que me interessa é Lyra, e minha mãe. E *este* é o objeto de toda aquela especulação metafísica, como você definiu.

— Creio que devemos contar a você o que sabemos — disse Baruch. — Will, este é o motivo por que nós dois estivemos procurando você e por que devemos te levar até lorde Asriel. Nós descobrimos um segredo do Reino, do mundo da Autoridade, e devemos contar isso a lorde Asriel. Estamos seguros aqui? — acrescentou, olhando ao redor. — Não há nenhuma abertura?

— Este é um mundo diferente. Um universo diferente.

A areia onde estavam era macia, e a curva da duna mais próxima, convidativa. Sob a luz do luar podiam ver quilômetros a fio; estavam absolutamente sozinhos.

— Então me conte — disse Will. — Quem é Metatron e qual é esse segredo. Por que aquele anjo chamou ele de Regente? E o que é a Autoridade? É Deus?

Ele se sentou e os dois anjos, as formas bem nítidas sob a luz do luar, como jamais as vira antes, se sentaram com ele.

Balthamos começou a falar em tom calmo:

— A Autoridade, Deus, o Criador, o Senhor, Yahweh, El, Adonai, o Rei, o Pai, o Todo-Poderoso, todos esses são nomes que ele deu a si mesmo. Ele nunca foi o criador. Era um anjo como nós, o primeiro anjo, é verdade, o mais poderoso, mas era feito de Pó como nós somos, e Pó é apenas um nome para o que acontece quando a matéria começa a ter consciência. A matéria ama a matéria. E busca saber mais a respeito de si mesma, e é assim que o Pó adquire forma. Os primeiros anjos se condensaram a partir do Pó, e a Autoridade foi o primeiro de todos. Ele disse aos outros, que vieram depois, que ele os havia criado, mas era mentira. Um desses que

vieram mais tarde era mais esperto e descobriu a verdade, de modo que foi banido. Nós ainda o servimos. E a Autoridade ainda prevalece no Reino e Metatron é seu Regente.

— Mas o essencial com relação ao que descobrimos na Montanha Nublada não podemos lhe contar. Juramos um ao outro que o primeiro a ouvir seria lorde Asriel.

— Então me conte o que puder. Não me mantenha na ignorância.

— Descobrimos um meio de chegar à Montanha Nublada — disse Baruch, e acrescentou imediatamente: — Me desculpe; usamos esses termos com demasiada facilidade. Às vezes é chamada de Carruagem. Não é um lugar fixo, ela se move de um lugar para outro. Aonde quer que vá, é o coração do Reino, a cidadela dele, seu palácio. Quando a Autoridade era jovem, não era cercada de nuvens, mas, à medida que o tempo passou, ele as foi reunindo em torno de si, cada vez mais espessas. Ninguém vê o cume há milhares de anos. De modo que a cidadela agora é conhecida como a Montanha Nublada.

— O que vocês descobriram lá?

— A Autoridade reside em uma câmara no coração da montanha. Não pudemos chegar perto, embora tenhamos visto ele. Seu poder...

— Ele delegou grande parte de seu poder — interrompeu Balthamos — para Metatron, como eu estava dizendo. Você viu como ele é. Escapamos dele antes, e agora ele nos viu de novo, e o que é pior, viu você e viu a faca. Eu bem que disse...

— Balthamos — interveio Baruch delicadamente —, não censure Will. Nós precisamos da ajuda dele, e ele não pode ser culpado por não saber o que *nós* levamos tanto tempo para descobrir.

Balthamos virou o rosto.

— Então não vão me contar esse segredo de vocês? — perguntou Will. — Tudo bem. Em vez disso, me digam o seguinte: o que acontece quando morremos?

Balthamos olhou de volta para ele, surpreso. Baruch respondeu:

— Bem, existe um mundo dos mortos. Onde fica e o que acontece lá, ninguém sabe. Meu espírito, graças a Balthamos, nunca foi para lá; eu sou o que um dia foi o espírito de Baruch. O mundo dos mortos é simplesmente uma escuridão para nós.

— É um campo de prisioneiros — disse Balthamos. — A Autoridade o criou no princípio dos tempos. Por que quer saber? Quando chegar a hora você verá.

— Meu pai acabou de morrer, é por isso que quero saber. Ele teria me contado tudo o que sabia, se não tivesse morrido. Você diz que é um mundo, quer dizer um

mundo como este, outro universo?

Balthamos olhou para Baruch, que deu de ombros.

— E o que acontece no mundo dos mortos? — prosseguiu Will.

— É impossível dizer — respondeu Baruch. — Tudo a respeito do mundo dos mortos é segredo. Nem as igrejas sabem; elas dizem a seus seguidores que viverão no Céu, mas isso é mentira. Se as pessoas soubessem...

— E o espírito do meu pai foi para lá.

— Sem sombra de dúvida, da mesma forma que os incontáveis milhões de pessoas que morreram antes dele.

Will sentiu sua imaginação vibrar.

— E por que não foram procurar diretamente lorde Asriel para contar seu grande segredo, seja lá o que for, em vez de procurarem por mim?

— Não tínhamos certeza de que acreditaria em nós, a menos que trouxéssemos uma prova de nossas boas intenções — explicou Balthamos. — Dois anjos de baixo escalão, dentre todos os poderes com que ele está lidando, por que haveria de nos levar a sério? Mas se pudéssemos levar a faca e seu portador para ele, talvez nos ouvisse. A faca é uma arma poderosa, e lorde Asriel ficaria satisfeito em ter você a seu lado.

— Bem, sinto muito — disse Will —, mas isso não me convence. Se realmente confiassem em seu segredo, não precisariam de uma desculpa para ver lorde Asriel.

— Há outro motivo — admitiu Baruch. — Sabíamos que Metatron estava atrás de nós e queríamos ter certeza de que a faca não cairia em suas mãos. Se pudéssemos convencer você a procurar lorde Asriel antes, então pelo menos...

— Ah, não, isso não vai acontecer — disse Will. — Vocês estão tornando ainda mais *difícil* para mim a chance de alcançar Lyra, não mais fácil. Ela é a coisa mais importante e vocês estão se esquecendo completamente dela. Bem, eu não estou. Por que simplesmente não vão procurar lorde Asriel e me deixam em paz? *Façam* com que ele ouça. Poderiam voar até onde ele está muito mais rápido do que eu posso andar, e primeiro eu vou encontrar Lyra, haja o que houver. Façam isso. Podem ir. Podem me deixar.

— Mas você precisa de mim — disse Balthamos em tom arrogante —, porque posso fingir ser o seu daemon e no mundo de Lyra você chamaria atenção sem um.

Will estava furioso demais para falar. Ele se levantou e caminhou se afastando vinte passos pela areia macia, então parou, pois o calor e a umidade eram

atordoantes.

Ele se virou e viu os dois anjos juntos, conversando bem próximos, e então os dois se aproximaram, humildes e constrangidos, mas orgulhosos também.

Baruch disse:

— Sentimos muito. Eu vou seguir sozinho ao encontro de lorde Asriel e dar a ele nossa informação; também vou pedir que lhe mande ajuda para encontrar a filha dele. Levará dois dias de voo se eu navegar corretamente.

— E eu ficarei com você, Will — disse Balthamos.

— Bem, obrigado.

Os dois anjos se abraçaram. Então Baruch envolveu Will em seus braços e o beijou em ambas as faces. O beijo foi leve e frio, como as mãos de Balthamos.

— Se continuarmos seguindo na direção de Lyra, você nos encontrará? — perguntou Will.

— Eu nunca perderei Balthamos — respondeu Baruch e deu um passo para trás.

Então ele saltou no ar, se elevou rapidamente no céu e desapareceu em meio às estrelas que o salpicavam. Balthamos ficou olhando na direção para onde ele se fora com anseio desesperado.

— Vamos dormir aqui ou deveríamos seguir adiante? — perguntou finalmente, virando-se para Will.

— Dormir aqui.

— Então durma, eu ficarei montando guarda contra qualquer perigo. Will, eu fui rude com você e isso não foi correto de minha parte. Você é quem tem que carregar o fardo mais pesado, e eu deveria ajudá-lo, e não ficar censurando. Vou tentar ser mais gentil daqui em diante.

Desse modo Will se deitou na areia morna e, em algum lugar ali perto, pensou, o anjo estava montando guarda; mas aquilo não era grande consolo.

Vou tirar a gente daqui, Roger, prometo. E Will está vindo, tenho certeza de que está!

Ele não compreendeu. Abriu as palmas das mãos pálidas e sacudiu a cabeça.

— Eu não sei quem é esse e ele não virá aqui — disse Roger —, e se vier, ele não vai me conhecer.

— Ele está vindo me buscar — disse ela —, e Will e eu, ah, não sei como, Roger, mas juro que vamos ajudar. E não se esqueça de que temos outras pessoas do nosso lado. Temos Serafina e temos Iorek, e

3. COMEDORES DE CARNIÇA

Os ossos do cavaleiro são agora pó, e sua boa espada, a ferrugem corrói;
sua alma, creio, jaz com os santos.
S. T. COLERIDGE

Serafina Pekkala, a rainha do clã das feiticeiras do lago Enara, chorava ao voar pelos céus turbulentos do Ártico. Chorava de raiva, de medo e de remorso: raiva da mulher Coulter, a quem jurou matar; medo do que estava acontecendo com sua terra adorada; e remorso... Bem, enfrentaria o remorso mais tarde.

Enquanto isso, olhou para baixo, para a calota polar que se derretia, para as florestas das terras baixas, inundadas pelo mar alto, volumoso, e sentiu o coração se contrair, angustiado.

Mas não parou para visitar sua terra natal, nem para consolar e encorajar suas irmãs. Em vez disso, voou rumo ao norte e ainda mais para o norte, entrando nos nevoeiros e ventos cortantes que cercavam Svalbard, o reino de Iorek Byrnison, o urso de armadura.

Mal reconheceu a ilha principal. As montanhas estavam nuas e enegrecidas, e apenas alguns vales escondidos voltados contra o sol ainda conservavam alguma neve em seus cantos de sombra, mas, de qualquer maneira, o que o sol estava fazendo ali, naquela época do ano? A natureza inteira estava enlouquecida.

Serafina levou quase um dia para encontrar o urso rei. Ela o avistou entre as rochas da extremidade norte da ilha, nadando rapidamente atrás de uma morsa. Era mais difícil para os ursos matar dentro d'água: quando a terra estava coberta de gelo e os grandes mamíferos marinhos tinham que subir à tona para respirar, os ursos tinham a vantagem de estar camuflados, e aqueles que eram caçados estavam fora de seu elemento. Era assim que as coisas deviam ser.

Mas Iorek Byrnison estava com fome e nem as presas afiadas da enorme morsa o desanimaram. Serafina ficou observando enquanto os dois grandes animais lutavam, tingindo de vermelho a espuma do mar, e viu Iorek levantar a carcaça das ondas e colocá-la sobre uma larga plataforma de rocha, observado a uma distância respeitosa

por três raposas de pelo maltratado, que esperavam a sua vez de comer os restos do banquete.

Quando o urso rei acabou de comer, Serafina desceu voando para falar com ele. Agora havia chegado a hora de enfrentar o remorso.

— Rei Iorek Byrnison — disse ela —, por favor, poderia falar com o senhor? Primeiro vou deitar as minhas armas no chão.

Ela colocou seu arco e flechas sobre a rocha molhada entre eles. Iorek as examinou rapidamente, e ela sabia que se sua face pudesse registrar alguma emoção seria surpresa.

— Fale, Serafina Pekkala — disse ele com um rosnado. — Nós nunca lutamos, não é?

— Rei Iorek, fracassei em ajudar seu amigo, Lee Scoresby.

Os olhos negros e pequeninos do urso e seu focinho manchado de sangue ficaram absolutamente imóveis, de repente. Serafina podia ver o vento agitando a ponta dos pelos branco-cremosos ao longo de seu dorso. Ele não disse nada.

— O Sr. Scoresby está morto — prosseguiu Serafina. — Antes de nos separarmos, dei a ele uma flor que ele poderia usar para me chamar, se precisasse de mim. Ouvi seu chamado e voei até onde estava, mas cheguei tarde demais. Ele morreu lutando contra uma brigada de soldados moscovitas, mas desconheço os motivos que os levaram até lá e por que ele estava combatendo os soldados imperiais e impedindo que avançassem quando poderia facilmente ter escapado. Rei Iorek, estou consumida pelo remorso.

— Onde isso aconteceu? — quis saber Iorek Byrnison.

— Em outro mundo. Vou precisar de algum tempo para contar o que aconteceu.

— Então comece.

Serafina contou o que Lee Scoresby havia decidido fazer: encontrar o homem que era conhecido como Stanislaus Grumman. Contou a ele sobre como a barreira entre os mundos havia sido rompida por lorde Asriel e sobre algumas das consequências — o derretimento do gelo, por exemplo. Falou sobre o voo da feiticeira Ruta Skadi atrás dos anjos e tentou descrever aqueles seres voadores para o urso rei como Ruta os havia descrito para ela: a luz que emanava deles, a claridade cristalina de sua aparência, a riqueza de sua sabedoria.

Então descreveu o que havia encontrado ao responder ao chamado de Lee.

— Fiz um feitiço para preservar o corpo da decomposição. Durará até que o veja,

se desejar. Mas estou muito preocupada com isso, rei Iorek. Estou preocupada com tudo, mas especialmente com isso.

— Onde está a criança?

— Eu a deixei com minhas irmãs, porque tinha que responder ao chamado de Lee.

— Naquele mesmo mundo?

— Sim, no mesmo mundo.

— Como posso ir daqui para lá?

Ela explicou. Iorek Byrnison ouviu completamente impassível e depois disse:

— Eu irei até Lee Scoresby. E depois tenho que ir para o sul.

— Para o sul?

— O gelo desapareceu destas terras. Tenho pensando a respeito disso, Serafina Pekkala. Contratei um navio.

As três pequenas raposas tinham esperado pacientemente. Duas delas estavam deitadas, com a cabeça repousando sobre as patas, observando, e a outra ainda estava sentada, acompanhando a conversa. As raposas do Ártico, como boas comedoras de carniça que eram, haviam aprendido alguma coisa da linguagem falada, mas seus cérebros eram formados de tal maneira que só podiam compreender frases com verbos conjugados no presente. A maior parte do que Iorek e Serafina tinham dito era apenas ruído sem significado para elas. Além disso, quando as raposas falavam, mentiam a maior parte do tempo, de modo que não importava se contassem o que tinham ouvido: ninguém conseguiria saber as partes que eram verdade, embora os crédulos espectros-dos-penhascos acreditassem em quase tudo e nunca aprendessem com suas decepções. Os ursos e as feiticeiras estavam habituados com o fato de suas conversas serem consumidas por elas, como os restos de carne que deixavam quando haviam acabado de comer.

— E você, Serafina Pekkala? — prosseguiu Iorek. — O que vai fazer agora?

— Vou procurar os gípcios — respondeu ela. — Vamos precisar deles.

— Lorde Faa, sim. São bons combatentes.

— Boa jornada.

Ele se afastou e deslizou para dentro d'água sem fazer ruído algum e começou a nadar em seu ritmo regular e incansável em direção ao novo mundo.

Algum tempo depois, Iorek Byrnison chegou à terra, pisando na vegetação rasteira

enegrecida e nas rochas fendidas pelo calor, na beira de uma floresta queimada. O sol ardia inclemente em meio à névoa enfumaçada, mas ele ignorou o calor, assim como ignorou a poeira de carvão que enegreceu seu pelo branco e os mosquitos-pólvora que procuravam em vão um pedaço de pele para picar.

Tinha percorrido uma longa distância e, em algum momento durante sua jornada, percebeu que estava nadando pela entrada daquele outro mundo. Reparou que o gosto da água e a temperatura do ar haviam mudado, mas o ar ainda era bom para respirar, e a água ainda sustentava seu corpo de maneira que continuou nadando e agora deixara o mar para trás e estava quase no lugar que Serafina Pekkala havia descrito. Procurou em volta, os olhos negros se detendo nas rochas que reluziam ao sol em uma parede de penhascos de calcário acima dele.

Entre a borda da floresta queimada e as montanhas havia uma encosta rochosa feita de grandes pedregulhos e entulho, que estava salpicada de pedaços de metal queimado e retorcido: traves e suportes que haviam pertencido a alguma máquina complicada. Iorek Byrnison os examinou com olhos de ferreiro e de guerreiro, mas não havia nada naqueles fragmentos que pudesse aproveitar. Riscou uma linha com uma de suas garras poderosas ao longo de um suporte menos danificado que os outros e sentiu a fragilidade na qualidade do metal, então o abandonou imediatamente e voltou a pesquisar a parede montanhosa.

Ali avistou o que estava procurando: uma fossa estreita que permitia a passagem entre as paredes denteadas e, na entrada, um grande pedregulho baixo.

Foi escalando em sua direção em ritmo constante. Sob suas patas enormes, ossos secos se partiam estalando alto em meio ao silêncio, pois muitos homens haviam morrido ali, a carne de seus corpos consumida depois por coiotes, abutres e outros animais inferiores; mas o grande urso ignorou o barulho e continuou subindo cautelosamente em direção à rocha. O solo não era firme, e ele era pesado, de modo que mais de uma vez o entulho de rocha deslizou sob suas patas e o arrastou para baixo, levantando massas de poeira e de cascalho. Mas assim que conseguia parar de escorregar, retomava a escalada, paciente e com determinação implacável, até que alcançou a própria rocha, onde o solo era mais firme.

O pedregulho estava todo furado e lascado com marcas de balas. Tudo o que a feiticeira lhe havia contado era verdade. E, para confirmar, uma pequenina flor do Ártico, uma saxífraga escarlate, contrariando todas as probabilidades, florescia viçosa onde a feiticeira a havia plantado, para marcar o local, em uma fissura da

rocha.

Iorek Byrnison contornou o pedregulho até chegar ao lado superior. Era um bom abrigo contra um inimigo que estivesse abaixo, mas não era perfeito; pois dentre a saraivada de balas que haviam arrancado fragmentos de rocha, algumas tinham encontrado seu alvo e estavam onde haviam acertado, no corpo rígido do homem deitado na sombra.

Era um corpo, ainda, e não um esqueleto, porque a feiticeira fizera um feitiço para evitar a decomposição. Iorek podia ver o rosto de seu velho companheiro abatido e crispado pela dor de seus ferimentos e também os buracos esgarçados em suas roupas, onde as balas haviam entrado. O feitiço de Serafina Pekkala não incluía o sangue que havia se derramado, e os insetos, o sol e o vento o dispersaram completamente. Lee Scoresby não parecia estar dormindo, nem estar em paz; parecia ter morrido em combate; mas sua expressão mostrava que sua luta havia sido bem-sucedida.

E como o aeróstata texano era um dos raros seres humanos que Iorek estimara, aceitou o último presente que o homem lhe ofereceu. Com movimentos destros de suas garras, rasgou e afastou as roupas do homem, abriu o corpo com um corte e começou seu banquete com a carne e o sangue de seu velho amigo. Era a primeira refeição que fazia em dias e estava com fome.

Enquanto isso, a mente do rei urso tecia uma complexa teia de pensamentos, contendo mais fios que fome e satisfação. Havia a lembrança da garotinha, Lyra, a quem ele tinha dado o nome de Língua Mágica e que vira pela última vez atravessando a frágil ponte de neve sobre uma fenda de geleira em sua ilha natal de Svalbard. Havia também a agitação entre as feiticeiras, os rumores de pactos e de alianças e guerra, depois havia o fato ainda mais estranho daquele novo mundo e a insistência da feiticeira sobre a existência de muitos outros mundos como aquele, e que o destino de todos eles de alguma forma dependia do destino da criança.

E então havia a questão do gelo se derretendo. Ele e seu povo viviam no gelo; o gelo era a casa deles; o gelo era a sua cidade. Desde que tinham ocorrido as grandes perturbações no Ártico, o gelo havia começado a desaparecer, e Iorek sabia que tinha que encontrar uma região de gelo permanente para seus súditos ou eles pereceriam. Lee lhe dissera que havia montanhas ao sul que eram tão altas que nem mesmo seu balão poderia voar acima delas, e que tinham uma coroa de neve e gelo o ano inteiro. Explorar aquelas montanhas seria sua próxima tarefa.

Mas, por enquanto, algo mais simples dominava seu coração, um sentimento ardente, duro e inabalável: o desejo de vingança. Lee Scoresby, que viera resgatar Iorek do perigo em seu balão e lutara a seu lado no Ártico de seu próprio mundo, estava morto. Iorek o vingaria. A carne e os ossos daquele bravo homem ao mesmo tempo o nutririam e o manteriam infatigável até que sangue o suficiente tivesse sido derramado para acalmar seu coração.

O sol estava se pondo quando Iorek terminou sua refeição, e o ar estava esfriando. Depois de reunir os fragmentos restantes em uma única pilha, o urso levantou a flor com a boca e a deixou cair no centro deles, como seres humanos gostavam de fazer. Agora o feitiço da feiticeira estava quebrado; e o resto do corpo de Lee estava livre para todos os que viessem. Logo estaria alimentando uma dúzia de tipos de vida diferentes.

Então Iorek retomou o caminho, novamente descendo a encosta em direção ao mar, rumo ao sul.

Os espectros-dos-penhascos gostavam de comer raposas. Os pequenos animais eram espertos e difíceis de capturar, mas a carne era macia e farta.

Antes de matar aquela, o espectro-dos-penhascos deixou que falasse e riu de sua conversa fiada.

— Urso tem que ir para o sul! Juro! Feiticeira está preocupada! Verdade! Juro! Prometo!

— Ursos não vão para o sul, imunda mentirosa!

— Verdade! Rei urso tem que ir para o sul! Mostro morsa pra você, carne boa, gorda...

— Rei urso ir para o sul?

— E coisas voadoras têm tesouro! Coisas voadoras, anjos, tesouro de cristal!

— Coisas voadoras, como espectros-dos-penhascos? Tesouro?

— Como luz, não como espectros-dos-penhascos. Rico! Cristal! E feiticeira aflita, preocupada, feiticeira triste, Scoresby morto...

— Morto? Homem do balão morto? — A gargalhada do espectro-dos-penhascos ecoou nos picos ressecados.

— Feiticeira mata ele, Scoresby morto, rei urso ir para o sul...

— Scoresby morto! Haha, Scoresby morto!

O espectro-dos-penhascos arrancou a cabeça da raposa e lutou com seus irmãos

pelas entranhas.

Eles virão, eles virão!

— Mas onde você está, Lyra?

Isso ela não sabia responder.

— Acho que estou sonhando, Roger. — Foi tudo o que conseguiu pensar para dizer.

Atrás do garotinho, ela podia ver mais espíritos, dúzias, centenas, as cabeças juntas umas das outras, olhando tudo com muita atenção e ouvindo cada palavra.

— E aquela mulher? — perguntou Roger. — Espero que ela não esteja morta. Espero que continue viva por tanto tempo quanto puder. Porque se ela descer aqui, então não vai ter nenhum lugar para nos escondermos, então ela será nossa dona para sempre. Essa é a única coisa boa que consigo ver em estar morto, que ela não está. Só que um dia ela estará...

Lyra ficou assustada.

— Eu acho que estou sonhando e não sei onde ela está! — disse. — Ela está em algum lugar por perto, e eu não consigo

4. AMA E OS MORCEGOS

Ela jazia como se a brincar
a vida lhe havia escapulido —
com a intenção de voltar —
mas não para já —
EMILY DICKINSON

Ama, a filha do pastor, ficou com a imagem da menina adormecida marcada na memória: não conseguia parar de pensar nela. Nem por um instante duvidou que fosse verdade o que a sra. Coulter havia lhe contado. Feiticeiros existiam, sem sombra de dúvida, e era perfeitamente possível que lançassem feitiços que fizessem as pessoas adormecerem e que uma mãe cuidasse de sua filha com aquela dedicação e ternura feroz. Ama desenvolveu uma admiração que quase beirava a adoração pela bela mulher na caverna e sua filha encantada.

Sempre que podia ia ao vale, para fazer pequenos favores à mulher ou simplesmente para tagarelar e ouvi-la, pois tinha histórias maravilhosas para contar. Frequentemente ficava na esperança de ver pelo menos de relance a criança adormecida, mas isso só havia acontecido uma única vez, e ela aceitara que provavelmente nunca mais aconteceria.

E durante o tempo que passava ordenhando as ovelhas e fiando a lã, ou moendo a cevada para fazer pão, pensava incessantemente no encantamento que fora lançado e por que isso teria acontecido. A sra. Coulter nunca lhe contara, e sendo assim, Ama podia dar asas à imaginação.

Um dia ela pegou uma porção de pão arredondado, adoçado com mel, e fez a caminhada de três horas pela trilha até Cho-Lung-Se, onde havia um monastério. Com persistência, lançando mão de bajulação, com muita paciência, e depois de subornar o porteiro com seu pão de mel, conseguiu obter uma audiência com o grande curandeiro Pagdzin *tulku*, que havia curado um surto de febre branca apenas um ano antes e que era considerado muito sábio.

Ama entrou na cela do grande homem, fazendo uma reverência muito respeitosa e oferecendo a ele o restante do pão de mel com toda a humildade que pôde reunir.

O daemon morcego do monge, uma fêmea, esvoaçou e girou rapidamente em torno dela, assustando seu daemon, Kulang, que se enfiou entre seus cabelos para se esconder, mas Ama tentou se manter imóvel e em silêncio até que Pagdzin *tulku* falou.

— Diga, criança, o que é? Seja rápida, seja rápida — disse ele, a longa barba grisalha se sacudindo a cada palavra.

Na meia-luz, a barba e os olhos brilhantes eram quase tudo que ela conseguia ver. O daemon do monge se acomodou em uma viga acima dele, finalmente ficando quieto, então ela disse:

— Por favor, Pagdzin *tulku*, quero adquirir sabedoria. Eu gostaria de saber como fazer feitiços e encantamentos. Poderia me ensinar?

— Não — respondeu ele. Ela estava esperando por isso.

— Bem, então poderia me ensinar apenas um remédio? — pediu humildemente.

— Talvez. Mas não vou lhe dizer o que é. Posso lhe dar o remédio, mas não contar seu segredo.

— Está ótimo, muito obrigada, isto é uma grande bênção — disse ela fazendo várias reverências.

— Qual é a doença e quem sofre dela? — perguntou o velho.

— É uma doença do sono — explicou Ama. — E é o filho do primo de meu pai que está sofrendo disso.

Ela estava sendo muitíssimo esperta, sabia, trocando o gênero do doente, apenas para o caso de o curandeiro ter ouvido falar da mulher na caverna.

— E que idade tem o menino?

— Três anos mais velho que eu, Pagdzin *tulku* — arriscou Ama —, doze anos de idade. Ele dorme e dorme, não consegue acordar.

— Por que os pais dele não vieram me procurar? Por que mandaram você?

— Porque moram longe, do lado oposto de minha aldeia, e são muito pobres, Pagdzin *tulku*. Só fiquei sabendo da doença de meu parente ontem e vim imediatamente pedir seu conselho.

— Eu deveria ver o paciente e fazer um exame completo, investigar a posição dos planetas na hora em que ele adormeceu. Essas coisas não podem ser feitas apressadamente.

— Não existe nenhum remédio que o senhor possa fazer para eu levar?

A daemon morcego desceu da viga e esvoaçou furiosamente antes de bater no

chão, depois se moveu rapidamente de um lado para outro do aposento, depressa demais para que Ama pudesse acompanhar, mas os olhos do curandeiro viram exatamente aonde ela ia, e quando finalmente se acomodou novamente de cabeça para baixo na viga e fechou as asas escuras ao seu redor, o velho se levantou e começou a ir de uma prateleira para outra, de jarro em jarro e de caixa em caixa, tirando uma colherada de pó aqui, acrescentando uma pitada de ervas ali, na ordem em que a daemon os havia visitado.

Ele colocou todos os ingredientes em um almofariz e os triturou juntos, murmurando um encantamento enquanto o fazia. Então, bateu com o pilão na beirada do almofariz, para soltar os últimos grãos da mistura. Pegou um pincel e tinta e escreveu alguns caracteres em uma folha de papel. Depois que a tinta secou, ele virou todo o pó sobre a inscrição e dobrou o papel rapidamente, fazendo um pequeno embrulho quadrado.

— Este pó deve ser passado com um pincel nas narinas da criança adormecida, um pouquinho de cada vez, à medida que ela respirar — explicou ele —, e ela acordará. Isso tem que ser feito com muito cuidado. Se inspirar demais, de uma só vez, ela sufocará. É bom usar um pincel bem macio.

— Obrigada, Pagdzin *tulku* — disse Ama, pegando o embrulho e o colocando no bolso de sua blusa. — Gostaria de ter mais um pão de mel para lhe oferecer.

— Um é suficiente — disse o curandeiro. — Agora vá, e da próxima vez que vier, me conte toda a verdade, não apenas parte dela.

A menina ficou envergonhada e fez uma reverência muito respeitosa para esconder seu constrangimento. Esperava que não tivesse revelado informações demais.

Na tarde seguinte correu para o vale assim que pôde, levando uma porção de arroz doce embrulhada em uma folha de couve. Estava impaciente para contar à mulher o que tinha feito, dar a ela o remédio e receber seus elogios e agradecimentos, mas sobretudo ansiosa para que a adormecida enfeitiçada despertasse e conversasse com ela. Poderiam ser amigas!

Mas quando dobrou a curva no caminho e olhou para cima, não viu o macaco dourado e a mulher sentados pacientemente junto à entrada da caverna como de costume. O lugar estava vazio. Ama correu os últimos metros, com medo de que tivessem partido para sempre — mas lá estavam a cadeira na qual a mulher se

sentava, as coisas que usava para cozinhar e tudo o mais.

Ama vasculhou a escuridão indo até o fundo da caverna, o coração batendo acelerado. Certamente a adormecida ainda não havia acordado: no escuro Ama podia distinguir o contorno do saco de dormir, a mancha mais clara do cabelo da menina e a curva branca de seu daemon adormecido.

Ela chegou um pouco mais perto. Não havia dúvida, os dois haviam saído e deixado a menina enfeitiçada sozinha.

Um pensamento ecoou em Ama como uma nota musical: e se *ela* a acordasse antes que a mulher voltasse...

Mas mal teve tempo de sentir a animação dessa ideia quando ouviu ruídos vindos do caminho e, com um arrepio de culpa, ela e seu daemon se esconderam correndo em um canto, em uma saliência na rocha em um dos lados da caverna. Ela não deveria estar ali. Estava bisbilhotando. Isso era errado.

E, agora que o macaco dourado estava agachado na entrada, farejando e virando a cabeça de um lado para outro, Ama o viu mostrar os dentes afiados e sentiu seu daemon se esconder entrando debaixo de suas roupas, sob a forma de camundongo, tremendo de medo.

— Que foi? — perguntou a mulher, falando com o macaco, e então a caverna escureceu à medida que sua forma ia surgindo na entrada. — A menina esteve aqui? Sim, lá está a comida que ela deixou. Mas ela não deveria entrar aqui. Devemos combinar um lugar no caminho para que ela deixe a comida.

Sem lançar um olhar para a adormecida, a mulher se inclinou para atiçar o fogo e colocou uma panela de água para esquentar enquanto o daemon se agachava não muito longe, montando guarda e vigiando o caminho. De tempos em tempos, ele se levantava e passava em revista a caverna, e Ama, que estava começando a sentir dormência no corpo e desconforto em seu esconderijo apertado, desejou ardentemente que tivesse esperado do lado de fora em vez de entrar. Quanto tempo ficaria presa ali?

A mulher estava misturando algumas ervas e as pôs na água aquecida. Ama sentia o cheiro das essências adstringentes à medida que subiam com o vapor. Então, houve um som vindo do fundo da caverna: a garota estava murmurando e começando a se mexer. Ama virou a cabeça: podia ver a adormecida enfeitiçada se movendo, se virando de um lado para outro, lançando o braço sobre os olhos. Ela estava acordando!

E a mulher não deu a menor atenção!

Mas ela tinha ouvido, porque levantou a cabeça por um instante e olhou a criança, mas logo se virou de volta para as ervas na água fervente. Serviu a infusão em uma taça e a deixou repousar, e só então voltou toda a sua atenção para a menina que estava despertando.

Ama não conseguiu entender nenhuma dessas palavras, mas as ouviu com espanto e desconfiança crescentes.

— Calma, querida — disse a mulher. — Não se preocupe. Você está em segurança.

— Roger — murmurou a garota, semidesperta. — Serafina! Para onde foi Roger... Onde está ele?

— Não há mais ninguém aqui, só nós — disse sua mãe, em tom monótono, quase como se a estivesse ninando. — Se levante e deixe mamãe lavar você... Vamos, levante, meu amor...

Ama observou enquanto a menina, gemendo, lutando para despertar, tentou afastar a mãe; e a mulher molhou uma esponja na tigela de água e limpou o rosto e o corpo da menina e depois a secou.

Agora a garota já estava quase totalmente acordada e a mulher estava se movendo mais depressa.

— Onde está a Serafina? E Will? Me ajudem, me ajudem! Não quero dormir. Não, não! Não quero! Não!

A mulher estava segurando a taça com a mão firme como aço, enquanto com a outra tentava levantar a cabeça de Lyra.

— Fique quieta, querida, calma, agora fique quieta, beba seu chá...

Mas a garota se debateu e quase derramou a bebida, gritando mais alto:

— Me deixe em paz! Eu quero ir! Me larga! Will, Will, me ajuda. Ah, por favor, me ajuda!

A mulher estava agarrando seus cabelos e puxava com força, obrigando Lyra a virar a cabeça para trás, empurrando a taça contra sua boca.

— Não quero! Não toque em mim, senão Iorek vai arrancar sua cabeça! Ah, Iorek, onde está você? Iorek Byrnison! Me ajude, Iorek! Não vou! Não vou...

Então, depois de uma palavra da mulher, o macaco dourado saltou sobre o daemon de Lyra, o agarrando com os fortes dedos negros. O daemon mudou de uma forma para outra, mais rapidamente do que Ama jamais tinha visto um daemon mudar de forma antes: gato-cobra-rato-raposa-lobo-chita-lagarto-doninha...

Mas as garras do macaco em momento algum afrouxaram; e então Pantalaimon se tornou um porco-espinho.

O macaco guinchou de dor e o soltou. Três longos espinhos estavam enterrados, ainda tremulando, em sua mão. A sra. Coulter rosnou e com a mão livre deu um forte tapa na cara de Lyra, um tabefe com as costas da mão, dado com tanta violência que a jogou para trás, tonta; e, antes que Lyra pudesse se recuperar, a taça estava em sua boca e ela teria que engolir ou sufocaria.

Ama desejou poder cobrir os ouvidos e não escutar os sons: os goles forçados, o choro, os soluços, as súplicas, as ânsias de vômito eram quase impossíveis de suportar. Mas, pouco a pouco, foram se calando e apenas um ou dois soluços trêmulos era o que se podia ouvir da garota que agora estava mais uma vez mergulhando no sono — sono enfeitiçado? Não! Sono provocado por veneno! A menina não estava enfeitiçada, ela estava drogada! Ama viu uma faixa de pêlos brancos se materializar junto do pescoço da garota, enquanto seu daemon se esforçava para assumir a forma de um animal alongado, sinuoso, de pêlos cor de neve, com olhos negros brilhantes e a ponta da cauda preta, e se aninhava em volta de seu pescoço.

E a mulher estava cantando baixinho, cantigas de ninar, alisando os cabelos na fronte da garota, acariciando sua face quente e seca, cantarolando cantigas das quais mesmo Ama podia ver que ela não sabia as letras, porque tudo o que cantava eram séries de sílabas sem sentido, la-la-la, ba-ba-boo-boo, a voz doce emitindo apenas sons, e não palavras.

Afinal aquilo tudo parou, e então a mulher fez uma coisa curiosa: pegou uma tesoura e aparou o cabelo da garota, segurando a cabeça da menina adormecida e virando-a ora para lá, depois para cá, para ver como ficava melhor. Ela pegou um cacho de cabelos louro-escuros e o colocou em um medalhão que usava em uma corrente em volta do pescoço. Ama sabia por quê: ela iria usá-lo para fazer algum outro feitiço. Mas, primeiro, a mulher o levou aos lábios e beijou... Ah, aquilo tudo era muito estranho.

O macaco dourado arrancou o último espinho e disse alguma coisa para a mulher, que estendeu a mão para pegar um morcego adormecido no teto da caverna. O animalzinho preto se debateu e guinchou, emitiu um som fino e penetrante como uma agulha que espetou a cabeça de Ama de uma orelha à outra, e então ela viu a mulher entregar o morcego a seu daemon, e viu o daemon puxar uma das asas

pretas, e puxar, até que ela foi arrancada e se partiu, ficando pendurada por um fio branco de músculo, enquanto o morcego moribundo gritava e seus companheiros voavam em círculos, angustiados e desnorteados. Craque-craque, estalo — era o que se ouvia enquanto o macaco despedaçava o bichinho membro por membro e a mulher se deitava com uma expressão melancólica em seu saco de dormir junto da fogueira e lentamente comia uma barra de chocolate.

O tempo foi passando. A luz desapareceu e a lua subiu, e a mulher e seu daemon adormeceram.

Ama, com os músculos enrijecidos e doloridos, se esgueirou para fora de seu esconderijo e passou andando nas pontas dos pés pela mulher e seu daemon que dormiam, sem fazer nenhum barulho, até estar a meio caminho na descida da trilha.

Com o medo lhe dando velocidade, ela correu pela trilha estreita, seu daemon sob a forma de uma coruja batendo as asas silenciosamente a seu lado. O ar limpo e frio, o movimento constante da copa das árvores, o brilho das nuvens iluminadas pelo luar no céu escuro e os milhões de estrelas a acalmaram um pouco.

Ela parou quando avistou o pequeno conjunto de casas de pedra e seu daemon pousou em seu punho.

— Ela mentiu! — exclamou Ama. — Ela *mentiu* para nós! O que podemos fazer, Kulang? Podemos contar pro papai? O que podemos *fazer*?

— Não conte — disse o daemon. — Vai causar ainda mais problemas. Temos o remédio. Podemos acordar a menina. Podemos voltar lá quando a mulher estiver fora de novo, acordar a garota e tirar ela de lá.

Só pensar naquela ideia enchia os dois de medo. Mas as palavras haviam sido ditas, o embrulhinho de papel estava bem guardado no bolso de Ama e eles sabiam como usá-lo.

Acordar. Não consigo ver onde ela está, acho que ela está por perto, ela me machucou...

— Ah, Lyra, não fique com medo! Se você também ficar com medo, eu vou enlouquecer...

Eles tentaram se abraçar bem apertado, mas seus braços passavam pelo ar vazio. Lyra tentou explicar o que estivera dizendo, sussurrando bem junto do rosto pálido de Roger na escuridão:

— Eu só estou tentando acordar. Estou com tanto medo de dormir a minha vida inteira e então morrer... Eu quero acordar antes! Não me importaria que fosse apenas por uma hora, desde que eu estivesse realmente viva e acordada. Não sei se isto é mesmo real ou não, mas vou ajudar você, Roger! Juro que vou!

— Mas se você estiver sonhando, Lyra, pode ser que não acredite mais quando acordar. Isso é o que eu faria, pensaria que tudo não passou de um sonho.

— Não! — exclamou ela em tom feroz, e

5. A TORRE ADAMANTINA

Com mira ambiciosa
Contra o trono e a monarquia de deus,
Levantou guerra herética e com orgulho bélico.
JOHN MILTON

Um lago de enxofre liquefeito se estendia por todo o comprimento de um imenso desfiladeiro, soltando vapores pestilentos em rajadas e explosões repentinas, e impedindo a passagem da figura alada solitária parada à sua margem.

Se ele subisse para o céu, os batedores inimigos que o tinham avistado e perdido seu rastro o encontrariam de novo, imediatamente; mas se ele ficasse na terra, levaria tanto tempo para conseguir atravessar aquele poço insalubre que sua mensagem poderia chegar tarde demais.

Teria que correr o risco maior. Esperou até que uma nuvem de fumaça fedorenta se elevasse da superfície amarela e subiu voando rapidamente em seu ponto mais denso.

Quatro pares de olhos em locais diferentes do céu avistaram o breve movimento e imediatamente asas bateram vigorosamente no ar empesteado pela fumaça, lançando os observadores adiante em meio ao gás.

Então começou uma caçada em que os perseguidores não conseguiam ver a caça, e em que a caça não conseguia ver absolutamente nada. O primeiro a sair da nuvem de fumaça na margem oposta do lago estaria com a vantagem e isto poderia significar sobrevivência ou morte.

E, infelizmente para o voador solitário, ele alcançou o ar limpo alguns segundos depois de um de seus perseguidores. Imediatamente eles se aproximaram, deixando para trás esteiras de fumaça, os dois completamente tontos por causa dos vapores nocivos. A princípio, a presa levou vantagem, mas então o outro caçador saiu voando da nuvem e todos os três, em um combate rápido e furioso, girando no ar como línguas de chamas, subiram e desceram e subiram de novo, apenas para cair, finalmente, entre as rochas do outro lado. Os outros dois caçadores não emergiram

da nuvem.

Na extremidade oeste de uma cadeia de montanhas com cumes agudos e serrilhados, em um pico que dominava a ampla vista da planície abaixo e dos vales atrás, uma fortaleza de basalto parecia nascer da montanha como se algum vulcão a tivesse lançado para o alto um milhão de anos antes.

Nas espaçosas cavernas abaixo das altas muralhas, provisões de todos os tipos estavam armazenadas e rotuladas; nos arsenais e depósitos, máquinas e artefatos de guerra eram calibrados, armados e testados; nas fábricas abaixo da montanha, fogos vulcânicos alimentavam forjas imensas onde fósforo e titânio estavam sendo fundidos e combinados em ligas jamais conhecidas ou usadas antes.

No lado mais exposto da fortaleza, em um ponto escondido no fundo da sombra de uma das pontas mais altas, onde as imponentes muralhas se elevavam diretamente dos antiquíssimos rios de lava, havia um pequeno portão, uma passagem subterrânea onde uma sentinela montava guarda dia e noite e desafiava qualquer um que tentasse entrar.

Enquanto a troca da guarda nas trincheiras acima estava sendo feita, a sentinela bateu os pés uma ou duas vezes e passou as mãos enluvadas nos braços para se aquecer, pois era a hora mais fria da noite, e a pequena labareda de nafta no suporte de pedra a seu lado não aquecia quase nada. Seu substituto viria em dez minutos e ele esperava ansioso pela caneca de chocolate quente, pela folha de fumo e, principalmente, por sua cama.

Ouvir a barulheira de alguém esmurrando a pequena porta era a última coisa que esperava.

Contudo, estava alerta e abriu a portinhola, ao mesmo tempo abrindo a torneira que permitia que um jato de nafta passasse além da chama do piloto de gás do suporte do lado de fora. Na luz emitida pela chama, viu três vultos encapuzados carregando entre eles uma quarta pessoa, cuja forma estava indistinta e que parecia doente ou ferida.

O que estava mais próximo da porta tirou o capuz. Era um rosto que a sentinela conhecia, mas, de qualquer maneira, ele deu a senha e disse:

— Nós o encontramos no lago de enxofre. Diz que seu nome é Baruch. Ele tem uma mensagem urgente para lorde Asriel.

A sentinela destrancou a porta e seu daemon terrier estremeceu à medida que os

três vultos manobravam o fardo pela entrada estreita. Então o daemon emitiu um uivo suave, involuntário, que rapidamente se calou, quando a sentinela viu que o vulto sendo carregado era um anjo ferido: um anjo de baixa posição na hierarquia e com pouco poder, mas ainda assim um anjo.

— Deitem ele no quarto da guarda — instruiu a sentinela e, enquanto eles obedeciam, girou a manivela da campainha do telefone e relatou o que estava acontecendo ao oficial no comando do turno.

Na muralha mais alta da fortaleza havia uma torre de diamante: apenas um lance de escadas conduzia a um conjunto de aposentos que tinham vista para o norte, para o sul, leste e oeste. O aposento maior era mobiliado com uma mesa e cadeiras e um gaveteiro de mapas, o outro quarto tinha uma cama de campanha. Um pequeno banheiro completava o conjunto.

Lorde Asriel estava na torre adamantina de frente para seu espião-chefe, a mesa entre eles coberta por uma pilha de papéis espalhados. Uma lamparina de nafta ficava pendurada sobre a mesa e um braseiro cheio de carvões fumegantes quebrava o frio intenso da noite. Logo após o vão da porta, um pequenino falcão azul fêmea estava pousado em um suporte.

O espião-chefe chamava-se lorde Roke. Tinha uma aparência bastante incomum: não era maior que a palma da mão de lorde Asriel e era esguio como uma libélula, mas os outros comandantes de lorde Asriel o tratavam com profundo respeito, pois estava armado com um ferrão venenoso nas esporas dos calcanhares.

Era seu costume se sentar sobre a mesa e típico de seu comportamento rejeitar qualquer comentário com um dialeto arrogante e uma língua ferina. A não ser que se tratasse de uma enorme cortesia. Ele e os outros de seu povo, os galivespianos, possuíam poucas das qualidades dos bons espiões: eram tão orgulhosos e cheios de melindres que jamais passariam despercebidos se não fosse o tamanho excepcionalmente pequeno.

— Sim — disse ele, a voz clara e penetrante, os olhos brilhando como gotículas de tinta —, sua filha, lorde Asriel: tenho informações a respeito dela. Evidentemente sei mais do que o senhor.

Lorde Asriel o encarou diretamente e o homenzinho soube de imediato que havia passado dos limites: a força do olhar de lorde Asriel o pressionou como se tivesse levado um peteleco, de modo que perdeu o equilíbrio e precisou estender a mão

para se apoiar no copo de vinho sobre a mesa. Um instante depois a expressão de lorde Asriel havia recuperado a brandura e virtuosidade características, exatamente como sua filha sabia fazer, e dali por diante lorde Roke passou a ser mais cuidadoso.

— Não duvido disso, lorde Roke — disse lorde Asriel —, mas, por motivos que não compreendo, a menina é o centro da atenção da Igreja e preciso saber por quê. O que estão dizendo a respeito dela?

— O Magisterium está fervilhando de especulações; um grupo de um setor diz uma coisa, outra facção está investigando outra e cada uma delas está tentando esconder suas descobertas das demais. Os grupos mais ativos são o Tribunal Consistorial de Disciplina e a Sociedade da Obra do Espírito Santo — explicou Lorde Roke. — Tenho espiões em ambos.

— Então conseguiu atrair um membro da Sociedade? Meus parabéns. Eles costumavam ser incorruptíveis.

— Meu espião na Sociedade é lady Salmakia, uma agente muito hábil. Há um padre cujo daemon é um camundongo, que ela abordou enquanto dormiam. Minha agente sugeriu que o homem realizasse um ritual proibido, destinado a invocar a presença da Sabedoria. No momento crítico, lady Salmakia apareceu diante dele. O padre agora pensa que pode se comunicar com a Sabedoria sempre que quiser, e que ela tem a forma de uma galivespiana e que mora na estante de livros dele.

Lorde Asriel sorriu e perguntou:

— E o que ela descobriu?

— A Sociedade acredita que sua filha é a criança mais importante que jamais viveu. Eles acham que uma grande crise ocorrerá dentro de pouco tempo e que o destino de tudo dependerá de como ela se comportará na ocasião. Quanto ao Tribunal Consistorial de Disciplina, no momento eles estão conduzindo um inquérito, ouvindo testemunhas de Bolvangar e de outros lugares. Meu espião no Tribunal, o cavaleiro Tialys, mantém contato comigo todos os dias através do magneto ressonante, e me deixa informado sobre o que eles descobrem. Em resumo, eu diria que a Sociedade da Obra do Espírito Santo descobrirá, muito em breve, onde está a menina, mas não tomarão nenhuma medida. O Tribunal Consistorial levará um pouco mais de tempo, mas quando descobrirem agirão de maneira decisiva e imediata.

— Me avise assim que souber de mais alguma coisa.

Lorde Roke fez uma reverência e estalou os dedos; o pequeno falcão azul fêmea,

pousado no suporte de metal junto à porta, abriu as asas e planou até a mesa. Tinha rédeas, sela e estribos. Em um segundo lorde Roke montou em seu dorso e saíram voando pela janela que lorde Asriel estava mantendo aberta para eles.

Ele deixou a janela aberta por um minuto, apesar do ar gelado, e se reclinou no banco embutido sob ela, brincando com as orelhas de seu daemon pantera branca.

— Ela veio me procurar em Svalbard e eu a ignorei. Você se lembra do choque que levei... precisava oferecer um sacrifício, e a primeira criança a chegar foi minha própria filha... Mas quando percebi que havia outra criança com ela, que poderia ser sacrificada, e que Lyra estava segura, eu relaxei. Será que foi um erro fatal? Depois disso não dei nenhuma atenção a ela, nem por um momento, mas ela é importante, Stelmaria!

— Vamos pensar com clareza — respondeu o daemon. — O que ela pode fazer?

— *Fazer*... não muito. Será que ela *sabe* de alguma coisa?

— Lyra sabe ler o aletiômetro; ela tem acesso ao conhecimento.

— Isso não é nada de mais. Outros também têm. E onde, por todos os infernos, ela pode estar?

Alguém bateu à porta atrás dele e lorde Asriel se virou imediatamente.

— Milorde — disse o oficial que entrou —, um anjo acabou de chegar ao portão oeste, está ferido, e insiste em falar com o senhor.

E, um minuto depois, Baruch estava deitado na cama de campanha que havia sido trazida para o aposento principal. Um enfermeiro fora chamado, mas era evidente que havia pouca esperança para o anjo: estava terrivelmente ferido, as asas rasgadas e os olhos baços.

Lorde Asriel se sentou perto dele e atirou um punhado de ervas nos tições do braseiro. Como Will havia descoberto com a fumaça de sua fogueira, isso teve o efeito de definir o corpo do anjo, de modo que sua figura aparecia mais claramente.

— Bem, senhor — disse lorde Asriel —, que informações tem para mim?

— Três coisas. Por favor, me deixe contar todas elas antes de falar. Meu nome é Baruch. Meu companheiro Balthamos e eu somos do grupo rebelde, de maneira que quisemos lutar a seu lado assim que o senhor levantou seu estandarte. Mas queríamos lhe trazer alguma coisa valiosa, porque nosso poder é pequeno e, não faz muito tempo, conseguimos descobrir o caminho e chegar ao coração da Montanha Nublada, a cidadela da Autoridade no Reino. E lá descobrimos...

Ele teve que parar um instante para respirar e absorveu a fumaça das ervas, que

pareceu acalmá-lo. Então prosseguiu:

— Descobrimos a verdade a respeito da Autoridade. Descobrimos que ele se isolou em uma câmara de cristal nas profundezas da Montanha Nublada e que não se ocupa mais das questões do dia a dia do Reino. Em vez disso, contempla mistérios mais profundos. Em seu lugar, governando em seu nome, está um anjo chamado Metatron. Posso afirmar que conheço bem esse anjo, embora na ocasião em que o conheci...

A voz de Baruch falhou. Os olhos de lorde Asriel soltavam fagulhas, mas ele controlou a língua e esperou que Baruch continuasse.

— Metatron é orgulhoso — prosseguiu Baruch, depois de recuperar um pouco as forças — e sua ambição é ilimitada. A Autoridade o escolheu quatro mil anos atrás para ser seu Regente e fizeram seus planos juntos. Eles têm um novo plano, que meu companheiro e eu conseguimos descobrir. A Autoridade acredita que os seres conscientes de todos os tipos se tornaram perigosamente independentes, e por isso Metatron está disposto a interferir muito mais ativamente nas questões humanas. Ele pretende transferir secretamente a Autoridade da Montanha Nublada para uma cidadela permanente, em algum outro lugar, e transformar a montanha em uma máquina de guerra. Em sua opinião, as igrejas de todos os mundos estão corruptas e fracas, fazem concessões com muita facilidade... ele quer instaurar uma inquisição permanente, controlada diretamente a partir do Reino. E a primeira campanha dele será destruir a sua república...

Agora os dois estavam tremendo, o anjo e o homem, mas um de fraqueza, e o outro de inquietação.

Baruch reuniu o que restava de suas forças e prosseguiu:

— A segunda coisa é a seguinte: existe uma faca que corta aberturas entre os mundos, bem como qualquer coisa que existir neles. Seu poder é ilimitado, mas somente nas mãos daquele que souber usá-la. E esta pessoa é um menino...

Mais uma vez o anjo teve que parar para se recuperar. Estava com muito medo; sentia que estava se desvanecendo. Lorde Asriel percebeu o esforço que ele estava fazendo para se manter inteiro e ficou tenso, sentado, agarrando os braços da cadeira até que Baruch encontrou forças para continuar.

— Meu companheiro está com o menino, agora. Queríamos vir diretamente ao senhor, mas o menino se recusou, porque... Esta é a terceira coisa que tenho que lhe contar: ele e sua filha são amigos. E ele não aceitará vir enquanto não a encontrar.

Ela está...

— Quem é esse menino?

— É o filho do xamã. De Stanislaus Grumman.

Lorde Asriel ficou tão surpreso que se levantou involuntariamente, lançando rolos de fumaça na direção do anjo.

— Grumman tinha um *filho*?

— Ele não nasceu em seu mundo. Seu nome também não era Grumman. Meu companheiro e eu fomos levados a ele exatamente por seu desejo de encontrar a faca. Nós o seguimos, sabendo que ele nos conduziria à faca e a seu portador, com a intenção de trazer o portador ao senhor. Mas o garoto se recusou a vir...

Mais uma vez Baruch precisou parar. Lorde Asriel tornou a se sentar, amaldiçoando a própria impaciência, e salpicou mais algumas ervas no fogo. Seu daemon estava deitado bem perto, a cauda varrendo lentamente o chão de carvalho, os olhos dourados de pantera jamais se despregando do rosto contorcido de dor do anjo. Baruch respirou devagar várias vezes e lorde Asriel se manteve em silêncio. O bater da corda no mastro da bandeira, lá no alto, era o único som que se fazia ouvir.

— Vá com calma, senhor — disse lorde Asriel com gentileza. — Sabe onde está minha filha?

— Himalaia... em seu próprio mundo — sussurrou Baruch. — Grandes montanhas. Uma caverna próxima a um vale cheio de arco-íris...

— Fica a uma enorme distância daqui em ambos os mundos. Você voou muito depressa.

— Este é o único dom que possuo — disse Baruch —, exceto o amor de Balthamos, a quem nunca mais verei.

— E se o *senhor* a encontrou tão facilmente...

— Então qualquer outro anjo também poderá encontrar.

Lorde Asriel pegou um atlas no gaveteiro de mapas e o abriu, procurando as páginas que mostravam o Himalaia.

— Poderia ser preciso? — perguntou. — Pode me mostrar exatamente onde?

— Com a faca... — Baruch tentou dizer e lorde Asriel percebeu que sua mente começava a divagar: — Com a faca ele pode entrar e sair de qualquer mundo que quiser... O nome dele é Will. Mas eles estão correndo perigo, ele e Balthamos... Metatron sabe que descobrimos seu segredo. Eles nos perseguiram... Eles me apanharam sozinho nas fronteiras de seu mundo... eu era irmão dele... foi por isso

que descobrimos o caminho até ele na Montanha Nublada. Metatron um dia foi Enoch, filho de Jared, filho de Mahalalel... Enoch teve muitas esposas. Amava os prazeres da carne... Meu irmão Enoch me expulsou, porque eu... Ah, meu querido Balthamos...

— Onde está a garota?

— Sim. Sim. Uma caverna... a mãe dela... vale cheio de ventos e arco-íris... bandeirolas rasgadas no santuário...

Ele se levantou da cama para olhar para o atlas.

Então a pantera branca se levantou de um salto, em um movimento rápido, e pulou para a porta, mas era tarde demais. O ordenança que bateu à porta abriu sem esperar. Era assim que as coisas eram feitas; não era culpa de ninguém, mas ao ver a expressão no rosto do soldado, que olhava para além dele, lorde Asriel se virou e viu Baruch lutando e tremendo na tentativa de manter inteira sua forma ferida. O esforço foi maior do que ele podia suportar. Uma corrente de vento vinda da porta aberta enviou uma lufada de ar para cima da cama e as partículas da forma do anjo, frouxas devido à sua força que se esvaía, rodopiaram para o alto ao acaso e desapareceram.

— Balthamos! — veio um sussurro do ar.

Lorde Asriel pôs a mão no pescoço de seu daemon pantera; ela o sentiu tremer e o acalmou. Ele se virou para o ordenança.

— Milorde, me desculpe...

— Não foi culpa sua. Leve meus cumprimentos ao rei Ogunwe. Gostaria que ele e meus outros comandantes viessem até aqui imediatamente. Também gostaria que o sr. Basilides estivesse presente, com o aletiômetro. Finalmente, quero que a Esquadrilha nº 2 de girópteros seja armada e abastecida, bem como um zepelim-tanque, e que estejam prontos para decolar imediatamente rumo ao sudoeste. Enviarei ordens complementares quando estiverem no ar.

O soldado bateu continência e, com mais um olhar rápido e constrangido para a cama vazia, saiu e fechou a porta.

Lorde Asriel batucou no tampo da escrivaninha com um compasso de latão e cruzou o aposento, indo até a janela aberta que dava para o sul. Na distância abaixo, as fogueiras estavam sempre acesas e lançavam sua luz e fumaça no ar sombrio, e mesmo àquela grande altura o bater de martelos podia ser ouvido em meio ao uivar do vento.

— Bem, descobrimos um bocado de coisas, Stelmaria — disse ele em voz baixa.

— Mas não o suficiente.

Houve outra batida à porta e o aletiometrista entrou. Era um homem pálido, magro, de meia-idade; seu nome era Teukros Basilides e seu daemon era um rouxinol.

— Sr. Basilides, boa noite — disse lorde Asriel. — Vou explicar qual é o nosso problema e gostaria que o considerasse como prioridade...

Então ele relatou ao homem o que Baruch havia contado e mostrou o atlas.

— Localize a tal caverna. Obtenha as coordenadas com o máximo de precisão possível. Comece imediatamente, por favor.

Bateu o pé com tanta força que chegou a doer, mesmo no sonho.

— Você não acredita que eu seja capaz de fazer uma coisa dessas, Roger, então não diga isso. Eu vou acordar e não vou esquecer, pronto.

Lyra olhou em volta, mas tudo o que via eram olhos arregalados e rostos sem esperança, rostos pálidos, rostos escuros, rostos velhos, rostos jovens, todos os mortos reunidos se acotovelando em torno deles, silenciosos e tristes.

O rosto de Roger era diferente. A expressão dele era a única esperançosa.

— Por que você tem essa expressão? — perguntou ela. — Por que não está infeliz como eles? Por que não perdeu a esperança?

E ele respondeu:

— Porque

6. ABSOLVIÇÃO ANTECIPADA

Relíquias, Contas,
Indulgências, Dispensa, Perdões, Bulas,
O Divertimento dos Ventos
JOHN MILTON

— Pois bem, frei Pavel — disse o Inquisidor do Tribunal Consistorial de Disciplina —, quero que se lembre exatamente, se puder, das palavras que ouviu a feiticeira dizer no navio.

Os doze membros do Tribunal observavam o clérigo no banco das testemunhas sob a luz fraca do entardecer; era a última testemunha. Era um padre com uma aparência de estudioso, cujo daemon tinha a forma de um sapo. O Tribunal vinha ouvindo os depoimentos daquele caso havia oito dias, no prédio antigo, de torres altas, da Faculdade de São Jerônimo.

— Não consigo me lembrar com exatidão das palavras da feiticeira — disse frei Pavel, em tom cansado. — Nunca tinha presenciado tortura antes, como já expliquei ao Tribunal ontem, e descobri que me deixa tonto e enjoado. Assim, *exatamente* as palavras que ela falou, não sei dizer, mas me lembro do significado. A feiticeira disse que a menina Lyra tinha sido reconhecida pelos clãs do norte como aquela que realizaria uma profecia de que tinham conhecimento há muito tempo. Ela teria o poder de fazer uma escolha importantíssima, e o destino de todos os mundos dependeria dessa escolha. Além disso, havia um nome que faria com que recordássemos um caso semelhante e que faria com que a Igreja a odiasse e a temesse.

— E a feiticeira revelou este nome?

— Não. Antes que ela fizesse isso, outra feiticeira, que estava presente graças a um feitiço que lhe dava invisibilidade, a matou e fugiu.

— Então, nessa ocasião, a mulher Coulter também não poderia ter ouvido o nome.

— Exatamente.

— E pouco depois a sra. Coulter partiu?

— Exato.

— E o que descobriu depois disso?

— Descobri que a criança tinha ido para aquele outro mundo através da fenda aberta por lorde Asriel e que lá ela conseguiu a ajuda de um menino que possui, ou obteve, o uso de uma faca com poderes extraordinários — respondeu frei Pavel. Então, ele pigarreou nervosamente e prosseguiu. — Posso falar com franqueza e inteira liberdade para este tribunal?

— Com total liberdade, frei Pavel — veio a resposta de tom áspero e claro do Presidente. — Não será punido por nos contar as coisas de que tem conhecimento, que lhe foram ditas por outros. Por favor, continue.

Tranquilizado, o padre prosseguiu:

— A faca que está em poder desse garoto é capaz de fazer aberturas entre os mundos. Além disso, ela tem um poder maior que esse... por favor, mais uma vez, tenho medo do que estou dizendo... É capaz de matar os anjos de mais alta hierarquia e o que existe acima deles. Não há nada que esta faca não possa destruir.

Ele estava suando e tremendo, e seu daemon-sapo caiu da beirada do banco das testemunhas para o chão, tamanha era sua agitação. Frei Pavel arquejou de dor e o recolheu rapidamente, deixando que bebesse um pouco da água do copo que tinha diante de si.

— E perguntou mais alguma coisa sobre a menina? — quis saber o Inquisidor. — Descobriu o tal nome de que a feiticeira falou?

— Descobri. Mais uma vez suplico que me deem a garantia de que...

— O senhor tem essa garantia — declarou o Presidente em tom brusco. — Não tenha medo. O senhor não é um herege. Relate o que descobriu e não perca mais tempo.

— Realmente suplico que me perdoem. A criança está na posição de Eva, a mulher de Adão, a mãe de todos nós e origem de todo pecado.

As estenógrafas anotando todo o interrogatório eram freiras da ordem de Santa Filomela, que haviam feito voto de silêncio; mas, ao ouvir as palavras de frei Pavel, uma delas não conseguiu conter uma exclamação abafada e houve uma agitação de mãos enquanto elas faziam o sinal da cruz. Frei Pavel estremeceu e prosseguiu:

— Por favor, não esqueçam, o aletiômetro não faz *previsões*; ele diz: "*Se* certas coisas ocorrerem de tal maneira, *então* as consequências serão tais...", e assim por

diante. E ele disse que, caso a criança seja tentada, como Eva foi, então é provável que caia em tentação. Do resultado disso dependerá... tudo. E se essa tentação realmente ocorrer e se a criança ceder a ela, então o Pó e o pecado triunfarão.

O silêncio foi total na sala do Tribunal. A luz pálida do sol que entrava através das grandes janelas com esquadrias e molduras de chumbo sustentava em seus raios inclinados um milhão de partículas douradas, mas eram de poeira, não de Pó; embora mais de um dos membros do Tribunal tivesse visto nelas uma imagem daquele outro Pó invisível que pousava sobre todos os seres humanos, mesmo os mais ordeiros e respeitadores das leis.

— Para finalizar, frei Pavel — disse o Inquisidor —, diga o que sabe sobre o paradeiro atual da criança.

— Ela está nas mãos da sra. Coulter — respondeu frei Pavel. — E estão no Himalaia. Até o momento, isso foi tudo o que consegui descobrir. Irei imediatamente pedir uma localização mais precisa e tão logo a tiver comunicarei ao Tribunal, mas...

Ele se calou, encolhido de medo, e levou o copo aos lábios com a mão trêmula.

— Sim, diga, frei Pavel — pediu o padre MacPhail. — Não esconda nada.

— Senhor Presidente, creio que a Sociedade da Obra do Espírito Santo sabe mais a respeito disso do que eu.

A voz de Frei Pavel estava tão baixa que era quase um sussurro.

— É verdade? — perguntou o Presidente, seus olhos parecendo irradiar seu ardor, enquanto faiscavam.

O daemon de frei Pavel emitiu um pequeno coaxar. O religioso tinha conhecimento da rivalidade entre as duas divisões do Magisterium, e sabia que ser apanhado no fogo cruzado entre elas seria muito perigoso; mas esconder as informações que conhecia seria ainda pior.

— Eu acredito — prosseguiu, tremendo — que estão mais próximos de descobrir exatamente onde a criança está. Eles dispõem de outras fontes de conhecimento que me são proibidas.

— Sem dúvida — concordou o Inquisidor. — E o aletiômetro lhe falou a respeito disso?

— Falou sim.

— Muito bem. Frei Pavel, deve continuar a seguir esta linha de investigação. Se precisar de qualquer coisa em termos de assistência religiosa ou de secretariado, é só

pedir. Por favor, pode descer.

Frei Pavel fez uma mesura e, com seu daemon sapo no ombro, reuniu suas anotações e saiu da sala de audiência. As freiras flexionaram os dedos.

O padre MacPhail tamborilou com um lápis no tampo de carvalho da mesa à sua frente.

— Irmã Agnes, irmã Monica, podem se retirar agora. Por favor, deixem a transcrição sobre a minha escrivaninha ao final do dia.

As freiras assentiram, baixando a cabeça, e se foram.

— Cavalheiros — disse o Presidente, pois esta era a forma de tratamento no Tribunal Consistorial —, vamos suspender a sessão.

Os doze membros, do mais velho (padre Makepwe, muito idoso, de olhos remelentos) ao mais jovem (padre Gomez, pálido e tremendo de zelo fanático), reuniram suas anotações e seguiram o Presidente até a câmara do conselho, onde poderiam encarar uns aos outros sentados à mesa e conversar com a mais absoluta privacidade.

O atual Presidente do Tribunal Consistorial era um escocês chamado Hugh MacPhail. Havia sido eleito jovem: o cargo de presidente era vitalício, e ele estava com apenas quarenta e poucos anos, de modo que se esperava que o padre MacPhail moldasse o destino do Tribunal Consistorial e, dessa maneira, de toda a Igreja, por muitos anos ainda. Era um homem de feições sombrias, alto e imponente, com uma massa de cabelos crespos grisalhos, e teria sido gordo não fosse pela disciplina brutal que impunha a seu corpo: só bebia água e só comia pão e frutas; além disso, praticava exercícios diariamente, uma hora por dia, sob a supervisão de um treinador de atletas campeões. Em resultado disso, era esquelético, mas com a musculatura bem delineada, enrugado e irrequieto. Seu daemon era um lagarto.

Depois que estavam sentados, o padre MacPhail disse:

— Vocês ouviram o que está se passando. Parece haver vários pontos que devemos ter em mente. Em primeiro lugar, lorde Asriel. Uma feiticeira simpática à Igreja relatou que ele está reunindo um grande exército, incluindo forças que podem ser angelicais. Suas intenções, até onde a feiticeira tem conhecimento, são malévolas com relação à Igreja e com relação à própria Autoridade.

O padre continuou:

— Em segundo lugar, o Conselho de Oblação. As ações deles ao criarem o programa de pesquisa em Bolvangar e ao financiarem as atividades da sra. Coulter

sugerem que estão na esperança de substituir o Tribunal Consistorial de Disciplina como o braço mais poderoso e eficaz da Santa Igreja. Fomos passados para trás, cavalheiros. Eles agiram impiedosa e habilmente. Deveríamos nos sentir repreendidos por nossa lassidão ao permitir que isso acontecesse. Voltarei a abordar o que podemos fazer a respeito disso brevemente. Em terceiro lugar, o garoto mencionado no depoimento de frei Pavel, com a faca que pode fazer coisas extraordinárias. Claramente, devemos encontrá-lo e nos apoderar da faca o mais rápido possível. Em quarto lugar, o Pó. Tomei providências para descobrir o que o Conselho de Oblação sabe a respeito do assunto. Um dos teólogos experimentais trabalhando em Bolvangar foi persuadido a nos contar exatamente o que eles descobriram. Conversarei com ele hoje à tarde, lá embaixo.

Um ou dois padres se mexeram incomodados, pois "lá embaixo" significava as celas nos porões do prédio: salas de ladrilhos brancos, com tomadas para passagem de corrente ambárica, à prova de som e com bom escoamento de líquidos.

— Contudo, independentemente do que descobrirmos a respeito do Pó — prosseguiu o Presidente —, devemos manter nosso propósito em mente com muita firmeza. O Conselho de Oblação fez esforços para compreender os efeitos do Pó, mas nosso objetivo é destruí-lo totalmente. Nada menos que isso. Se, para destruir o Pó, também tivermos de acabar com o Conselho de Oblação, o Colegiado dos Bispos, todas as agências individuais através das quais a Santa Igreja faz o trabalho da Autoridade, assim seja. Pode ser, cavalheiros, que a própria Santa Igreja tenha sido criada para realizar exatamente esta tarefa e para perecer ao fazer isso. Mas é melhor um mundo sem Igreja e sem Pó que um mundo onde a cada dia temos que lutar sob o fardo odioso do pecado. Melhor um mundo purificado de tudo isso!

Com os olhos faiscantes, o padre Gomez assentiu apaixonadamente.

— E, finalmente — disse o padre MacPhail —, a criança. Ainda apenas uma criança, creio. Essa Eva que será tentada e que, se a precedente de alguma forma servir de exemplo, cairá e cederá à tentação, trazendo com a sua queda a ruína de todos nós. Cavalheiros, ela representa um grande problema para nós e existem várias maneiras de resolvê-lo, mas vou propor a mais radical e tenho confiança de que obterei sua concordância. Proponho que enviemos um homem para encontrar e matar essa menina antes que ela *possa* ser tentada.

— Padre Presidente — interveio o padre Gomez imediatamente —, venho fazendo penitências por antecipação todos os dias de minha vida adulta. Estudei,

treinei...

O Presidente levantou a mão. Penitência e absolvição antecipadas eram doutrinas pesquisadas e desenvolvidas pelo Tribunal Consistorial, mas não conhecidas pela grande maioria dos membros da Igreja. Seu princípio era o de fazer penitência por um pecado ainda não cometido, penitência fervorosa e intensa, acompanhada por castigos e autoflagelação, de maneira a acumular, por assim dizer, uma reserva de crédito. Quando a penitência tivesse atingido o nível apropriado para um pecado em particular, o penitente recebia a absolvição antecipada, ainda que talvez nunca fosse chamado a cometer o pecado. Por vezes, era necessário matar pessoas, por exemplo: e era muito menos perturbador para o assassino se ele pudesse matar em estado de graça.

— Eu havia mesmo pensado em você — retrucou o padre MacPhail gentilmente. — Então tenho a concordância do Tribunal? Sim. Quando o padre Gomez partir, com nossa bênção, ele estará sozinho, não poderá ser contatado ou chamado de volta. Independentemente do que acontecer, ele seguirá seu caminho como a flecha de Deus, seguindo direto para a criança, e a abaterá. Ele será invisível; chegará à noite, como o anjo que destruiu os assírios; será silencioso. Quão melhor seria para todos nós se tivesse havido um padre Gomez no jardim do Éden! Nunca teríamos saído do paraíso.

O jovem padre estava quase chorando de orgulho. O Tribunal concedeu sua bênção.

E, no canto mais escuro do teto, escondido entre as vigas escuras do carvalho, estava sentado um homem do tamanho de um palmo. Seus calcanhares estavam armados com esporas e ele ouviu tudo o que disseram.

Nos porões, o homem de Bolvangar, vestindo apenas uma camisa branca suja e calças frouxas, sem cinto, estava de pé sob a luz da lâmpada, segurando as calças com uma das mãos e seu daemon coelho com a outra. Diante dele, na única cadeira, sentava-se o padre MacPhail.

— Dr. Cooper — começou o Presidente —, por favor, sente-se.

Não havia mobília exceto a cadeira, o catre de madeira e um balde. A voz do Presidente ecoou desagradavelmente nos ladrilhos brancos que revestiam a parede e o teto.

O dr. Cooper se sentou no catre. Não conseguia tirar os olhos do rosto esquálido,

de cabelos grisalhos, do Presidente. Umedeceu os lábios ressecados e esperou para ver que nova provação estaria por vir.

— Então, quase teve sucesso em fazer o corte e separar a criança de seu daemon? — perguntou o padre MacPhail.

Com a voz trêmula, o dr. Cooper respondeu:

— Chegamos à conclusão de que não faria diferença esperar, uma vez que a experiência deveria ser realizada de qualquer maneira, e pusemos a criança na câmara experimental, mas então a sra. Coulter interveio pessoalmente e levou a criança para seus aposentos.

O daemon coelho abriu os olhos redondos e lançou um olhar assustado para o Presidente, depois tornou a fechá-los e escondeu o rosto.

— Isso deve ter sido angustiante — comentou o padre MacPhail.

— O programa todo era tremendamente difícil — respondeu o dr. Cooper, concordando.

— Fico surpreso que não tenham procurado a ajuda do Tribunal Consistorial, onde temos nervos de aço.

— Nós... Eu... Nós tínhamos conhecimento de que o programa havia sido autorizado pelo... Era um assunto do Conselho de Oblação, mas nos disseram que tinha a aprovação do Tribunal Consistorial de Disciplina. Caso contrário, nunca teríamos participado. Nunca!

— Não, é claro que não. E agora, passando para outra questão. Vocês tinham alguma ideia — disse Padre MacPhail, abordando o verdadeiro tema de sua visita — do que se tratavam as pesquisas de lorde Asriel? De qual poderia ter sido a fonte da energia colossal que ele conseguiu utilizar em Svalbard?

O dr. Cooper engoliu em seco. No silêncio intenso, uma gota de suor caiu de seu queixo para o chão de concreto e ambos os homens a ouviram nitidamente.

— Bem... — começou ele — houve alguém em nossa equipe que observou que durante o processo de corte havia uma liberação de energia. Controlar essa energia envolveria forças imensas, mas, exatamente como uma explosão atômica é detonada por explosivos convencionais, isto poderia ser feito através da concentração de uma poderosa corrente ambárica... Contudo, ele não foi levado a sério. Eu não dei atenção a suas ideias — acrescentou com sinceridade — por saber que sem a devida autorização seriam heréticas.

— Muito prudente. E este colega agora, onde está?

— Ele morreu durante o ataque.

O Presidente sorriu. Era uma expressão tão gentil que o daemon do dr. Cooper estremeceu e desmaiou em seu peito.

— Coragem, dr. Cooper — disse o padre MacPhail. — Precisamos que seja forte e bravo! Há um trabalho muito importante a ser feito e uma grande batalha a ser travada. Precisa merecer o perdão da Autoridade através de plena cooperação conosco, sem nos esconder nada, nem mesmo especulações insensatas, nem mesmo fofocas. Agora quero que dedique toda a sua atenção ao que se recorda de ter ouvido seu colega dizer. Ele chegou a conduzir alguma experiência? Deixou anotações? Relatou suas ideias a mais alguém? Que tipo de equipamento estava usando? Pense em *tudo,* dr. Cooper. Terá uma caneta e papel e todo o tempo de que precisar.

"E esta sala não é muito confortável. Vou mandar transferi-lo para um local mais adequado. Há alguma outra coisa de que precise, alguma peça de mobiliário, por exemplo? Prefere escrever sobre uma mesa ou uma escrivaninha? Gostaria de uma máquina de escrever? Ou será que prefere ditar para uma estenógrafa?

"Diga aos guardas o que quer e terá tudo o que precisar. Mas em todos os momentos, dr. Cooper, quero que pense em seu colega e se lembre de sua teoria. Sua grande tarefa é recordar e, se necessário, redescobrir o que ele sabia. Depois que souber de que instrumentos vai precisar, também os receberá. É uma tarefa importante, dr. Cooper! É uma bênção que lhe foi confiada! Agradeça à Autoridade.

— Eu agradeço, padre Presidente! Agradeço!

Agarrando a cintura frouxa de suas calças, o filósofo se levantou e fez uma reverência, quase sem perceber, depois continuou se curvando enquanto o Presidente do Tribunal Consistorial de Disciplina deixava a cela.

Naquela noite, o cavaleiro Tialys, o espião galivespiano, seguiu seu caminho pelas ruas e vielas de Genebra para encontrar com sua colega, lady Salmakia. Era uma jornada perigosa para ambos: perigosa para qualquer um ou qualquer coisa que tentasse impedi-los também, mas certamente cheia de perigos para os pequeninos galivespianos. Mais de um gato à espreita havia encontrado a morte em suas esporas, mas apenas uma semana antes o cavaleiro quase perdera o braço para os dentes de um cachorro vira-lata; só a ação rápida de lady Salmakia o salvara.

Eles se encontraram no sétimo dos locais combinados de encontro, entre as raízes de um plátano, em uma pracinha maltratada, e trocaram as notícias. O contato de

lady Salmakia na Sociedade lhe relatara que um pouco antes, naquela noite, tinham recebido um convite amistoso do Presidente do Tribunal Consistorial para se reunirem e discutirem questões de interesse mútuo.

— Trabalho rápido — comentou o cavaleiro. — Contudo, aposto cem contra um que ele não vai falar a respeito de seu assassino.

Contou a ela sobre o plano para matar Lyra, e Salmakia não ficou surpresa.

— É a coisa lógica a fazer. São pessoas muito lógicas. Tialys, acha que algum dia veremos essa criança?

— Não sei, mas eu gostaria de ver. Boa sorte, Salmakia. Amanhã, na fonte.

Naquelas últimas breves palavras, não mencionaram a única coisa a respeito da qual eles nunca falavam: o breve tempo que tinham de vida, se comparado com o tempo de vida humana. Os galivespianos viviam nove ou dez anos, raramente mais, e Tialys e Salmakia já estavam em seu sétimo ano de vida. Eles não temiam a velhice; seu povo tinha uma infância breve e morria na plenitude da força e do vigor, repentinamente; mas, comparada à deles, a vida de uma criança como Lyra se estenderia tão longe no futuro como a vida das feiticeiras se estendia muito além da vida de Lyra.

O cavaleiro retornou para a Faculdade de São Jerônimo e começou a redigir a mensagem que enviaria para lorde Roke através do magneto ressonante.

Mas enquanto ele estava no local do encontro, conversando com Salmakia, o Presidente tinha mandado chamar o padre Gomez. Em seu estúdio, os dois rezaram juntos durante uma hora e então o Presidente concedeu ao jovem padre a absolvição antecipada que transformaria o assassinato de Lyra em algo que não seria de forma alguma assassinato. O padre Gomez estava transfigurado; a certeza que pulsava em suas veias parecia tornar incandescentes até mesmo seus olhos.

Discutiram questões práticas como dinheiro, e assim por diante, e então o Presidente disse:

— Depois que sair daqui, padre Gomez, estará completamente isolado, para sempre, de qualquer auxílio que possamos dar. Nunca poderá voltar; nunca mais terá notícias nossas. Não posso lhe dar melhor conselho do que o seguinte: *não* procure a criança. Isto revelaria suas intenções antes do tempo. Em vez disso, procure a tentadora. Siga a tentadora e ela o conduzirá à criança.

— Ela? — perguntou o padre Gomez, chocado.

— Sim, *ela* — confirmou o padre MacPhail. — Descobrimos muita coisa através do aletiômetro. O mundo de onde vem a tentadora é um mundo estranho. Verá muitas coisas que o surpreenderão, padre Gomez. Não permita que essas coisas estranhas o distraiam da tarefa sagrada que tem a cumprir. Eu tenho fé — acrescentou gentilmente — na força da *sua* fé. A mulher está vagando, guiada pelos poderes do mal, para um lugar onde poderá, finalmente, encontrar a criança a tempo de lhe oferecer a tentação. Isto é, claro, se não tivermos sucesso em acabar com a menina no local onde se encontra atualmente. Este permanece sendo nosso primeiro plano. O senhor, padre Gomez, é nossa derradeira garantia de que, se isso falhar, ainda assim os poderes infernais não vencerão.

O padre Gomez assentiu. Seu daemon, um grande besouro de dorso verde-brilhante, estalou os élitros.

O Presidente abriu uma gaveta e entregou ao jovem padre um maço de documentos dobrados.

— Aqui está tudo o que sabemos sobre a mulher, o mundo de onde ela vem e o lugar onde foi vista pela última vez. Leia com atenção, meu caro Luis, e vá com minha bênção.

Ele nunca havia usado o nome de batismo do padre antes. O padre Gomez sentiu lágrimas de alegria arderem em seus olhos enquanto dava um beijo de despedida no Presidente.

Você é Lyra.

Então ela compreendeu o que aquilo significava. Ficou tonta, mesmo em seu sonho; sentiu um grande peso se acomodar em seus ombros. E para torná-lo ainda mais pesado, o sono estava ficando de novo mais intenso, e o rosto de Roger começava a se desfazer em sombra.

— Bem, eu sei... eu sei... Há uma porção de gente diferente do nosso lado, como a dra. Malone... sabia que existe outra Oxford, Roger, exatamente como a nossa? Bem, ela... eu encontrei ela na... Ela ajudaria... Mas existe apenas uma pessoa em quem realmente...

Agora havia se tornado quase impossível para ela ver o garotinho, e seus pensamentos estavam se espalhando e se dispersando como ovelhas em um campo.

— Mas podemos confiar nele, Roger, juro — disse, fazendo um esforço final —,

7. MARY, SOZINHA

Por último
Se levantaram, como Dançando, as árvores majestosas, abrindo
seus galhos repletos de Frutas copiosas
JOHN MILTON

Quase no mesmo instante, a tentadora, que o padre Gomez estava planejando seguir, estava sendo, ela própria, tentada.

— Obrigada, não, não, isto é tudo o que preciso, não preciso de mais nada, obrigada — disse a dra. Mary Malone para o casal idoso na plantação de oliveiras, enquanto tentavam lhe dar mais comida do que poderia carregar.

Moravam isolados ali, não tinham filhos e viviam com medo dos Espectros que viram entre as árvores cinza-prateadas; mas, quando Mary Malone aparecera subindo pela estrada, com sua mochila, os Espectros haviam se assustado e se afastado. O casal de velhos tinha acolhido Mary calorosamente na casinha de fazenda cercada por vinhedos, oferecendo a ela uma fartura de vinho, queijo, pão e azeitonas, e agora não queriam deixar que fosse embora.

— Eu preciso seguir adiante — disse Mary novamente —, muito obrigada, foram muito gentis, eu não consigo carregar... Ah, está bem, mais um queijinho, obrigada.

Evidentemente eles a viam como uma proteção contra os Espectros. Ela desejava que fosse verdade. Na semana que havia passado no mundo de Cittàgazze tinha visto tanta devastação, tantos adultos comidos por Espectros e crianças selvagens vivendo de pilhagem e carniça, que havia tomado horror àqueles vampiros etéreos. Tudo o que sabia era que eles, de fato, se afastavam quando ela se aproximava; mas não podia ficar com todos que a queriam por perto, porque tinha que seguir adiante.

Encontrou espaço para o último queijo de cabra embrulhado em folha de videira, sorriu e fez mais uma mesura, depois bebeu um último gole de água da fonte que borbulhava entre as pedras cinzentas. Então juntou as mãos, gentilmente, como o casal idoso estava fazendo, e, com firmeza, deu meia-volta e partiu.

Aparentava estar mais decidida do que se sentia. A última comunicação com

aquelas entidades que chamava de Partículas de Sombra e que Lyra chamava de Pó havia sido na tela de seu computador, que, seguindo as instruções das próprias partículas, Mary havia destruído. Agora não sabia o que fazer. As instruções tinham ordenado que atravessasse pela abertura na Oxford onde morava, a Oxford do mundo de Will, e fizera isso — para se descobrir zonza e trêmula de espanto naquele extraordinário outro mundo. Além disso, sua única tarefa era encontrar o menino e a menina e então bancar a serpente, o que quer que aquilo significasse.

Desde então tinha caminhado, feito explorações e perguntas, e não havia descoberto nada. Mas agora, pensou, enquanto dobrava na pequena trilha que se afastava da plantação de oliveiras, teria que buscar orientação.

Quando se viu longe o suficiente da fazenda para ter certeza de que não seria interrompida, se sentou debaixo dos pinheiros e abriu a mochila. No fundo, embrulhado em um lenço de seda vermelho, estava o livro que tinha já havia vinte anos: um comentário do método chinês de adivinhação, o I Ching.

Ela o trouxera por dois motivos. Um era sentimental: seu avô lhe dera o livro e ela o usara muito quando menina na escola. O outro era que, quando Lyra tinha aparecido pela primeira vez no laboratório de Mary, havia perguntado: "O que é aquilo?", e apontado para o pôster na porta que mostrava os símbolos do I Ching; e, pouco depois, em sua leitura espetacular do computador, Lyra descobrira (ou tinha dito que sim) que o Pó tinha muitas outras maneiras de falar com os seres humanos, e uma delas era o método da China que usava aqueles símbolos.

De modo que, em seus rápidos preparativos para deixar o próprio mundo, Mary Malone havia trazido consigo *Olivro das mutações*, como era chamado, e as pequenas varetas de milefólio que serviam para a leitura. E agora havia chegado a hora de usá-las.

Ela estendeu o lenço de seda no chão e começou o processo de dividir e contar, dividir e contar e separar, como havia feito tantas vezes quando era uma adolescente curiosa e apaixonada, e que quase nunca mais usara desde então. Quase tinha esquecido como fazer, mas logo percebeu que os detalhes do ritual lhe voltavam à memória, e com a recordação veio aquela sensação de calma e de atenção concentrada que desempenhava um papel tão importante para falar com as Sombras.

Finalmente, ela chegou aos números que indicavam o hexagrama que havia tirado, o grupo de seis linhas inteiras ou partidas, e então consultou o significado.

Esta era a parte mais difícil, porque o livro se expressava em um estilo muito enigmático.

Ela leu:

Voltar-se para o cume
Em busca de provisões e de alimentos
Traz boa fortuna.
Ficar à espreita, observar ao redor, com os olhos aguçados
Como um tigre com uma fome insaciável.

Parecia uma mensagem encorajadora. Continuou lendo, seguindo o comentário através dos caminhos labirínticos por onde ele a conduzia; até que chegou à seguinte passagem: *A quietude é a montanha; é uma vereda; significa pequenas pedras, portas e aberturas*.

Teria que adivinhar. A menção de "aberturas" fazia lembrar a misteriosa janela no ar por onde havia entrado naquele mundo; e as primeiras palavras pareciam dizer que ela deveria se mover em direção a algum lugar alto.

Ao mesmo tempo confusa e encorajada, tornou a guardar o livro e as varetas e começou a subir pela trilha.

Quatro horas depois estava cansada e com muito calor. O sol estava baixo no horizonte. A trilha irregular que estivera seguindo havia desaparecido e ela estava subindo com cada vez mais dificuldade em meio a pedregulhos e pedras menores. À sua esquerda a encosta descia em direção a uma paisagem de plantações de oliveiras e limoeiros, de vinhedos mal cuidados e moinhos de vento abandonados, cobertos pela névoa, sob a luz do fim do dia. À direita, pequenas rochas e cascalho se amontoavam em direção à base de um penhasco de pedra calcária esfarelada.

Exausta, ela tornou a levantar a mochila e pôs o pé sobre a pedra achatada seguinte — mas, antes mesmo de transferir o peso, parou. A luz estava batendo em alguma coisa curiosa e ela cobriu os olhos para se proteger do reflexo intenso do entulho na base do penhasco e tentou olhar de novo para entender o que era.

E lá estava: era como uma vidraça pairando em pleno ar, sem que nada a sustentasse, mas sem reflexos que chamassem atenção para ela: apenas um retalho quadrado destoante. E então ela se lembrou do que o I Ching dissera: *uma vereda, pequenas pedras, portas e aberturas.*

Era uma janela como a da avenida Sunderland. Só conseguia vê-la por causa da luz; se o sol estivesse um pouco mais alto, provavelmente não seria visível.

Mary se aproximou do pequeno retalho de ar com uma curiosidade apaixonada, pois não tinha tido tempo de examinar a primeira janela: fora obrigada a fugir o mais rápido possível. Mas examinou aquela em detalhe, tocando a borda, se movendo em volta, de um lado para outro, para ver como se tornava invisível do outro lado, reparando na diferença absoluta entre este lado e aquele, e descobriu que sua mente estava quase explodindo de excitação com o fato de tais coisas existirem.

O portador da faca que fizera a abertura, na época da Revolução Americana, tinha sido descuidado demais para fechá-la, mas pelo menos tinha cortado em um ponto muito similar ao mundo daquele lado: junto a uma parede de rocha. Mas a rocha do outro lado era diferente, não era calcário, e sim granito, e quando Mary atravessou para o novo mundo, descobriu que estava não na base de um enorme penhasco, mas quase no topo de uma pequena elevação de onde podia ver uma vasta planície.

Ali também estava anoitecendo, e ela se sentou para respirar o ar, descansar as pernas e saborear a maravilha sem pressa.

Uma ampla luz dourada e uma pradaria ou savana sem fim, diferente de tudo que ela já tinha visto em seu mundo. Para começar, embora a maior parte fosse coberta por relva baixa em uma variedade infinita de tons de marrom-desbotado-verde-ocre-amarelo e matizes dourados, e ondulando muito suavemente, de tal maneira que a luz alongada do entardecer a mostrava muito claramente, a pradaria parecia ser mesclada, completamente mesclada, com o que aparentavam ser rios de rocha com uma superfície cinza-clara.

E, em segundo lugar, aqui e ali, na planície, havia grupos de árvores, as árvores mais altas que Mary havia visto em toda a sua vida. Certa vez, depois de assistir a uma conferência sobre física de alta energia, na Califórnia, tirou algum tempo para ir ver as grandiosas sequoias e ficou maravilhada; mas, qualquer que fosse a espécie daquelas árvores, eram pelo menos duas vezes e meia mais altas que as sequoias californianas. A folhagem era densa e verde-escura, os vastos troncos, vermelho-dourados sob a luz pesada do crepúsculo.

E, finalmente, rebanhos de animais, demasiado distantes para serem vistos claramente, pastavam na pradaria. Havia uma estranheza no movimento deles que Mary não soube definir exatamente.

Ela estava desesperadamente cansada, com sede e faminta, para completar. Em algum lugar ali perto, contudo, podia ouvir o som bem-vindo de água gotejando em uma fonte e, apenas um minuto depois, a encontrou: apenas uma infiltração de água límpida saindo de uma fissura coberta de musgo e uma minúscula corrente que descia serpenteando pela encosta. Bebeu bastante, se sentindo grata, e encheu suas garrafas, depois tratou de se instalar confortavelmente porque a noite estava caindo depressa.

Reclinada na rocha, enrolada no saco de dormir, ela comeu um pouco de pão com queijo de cabra e então adormeceu profundamente.

Acordou cedo com o sol da manhã batendo em cheio em seu rosto. O ar estava fresco, e o orvalho havia se depositado em minúsculas gotículas sobre seus cabelos e no saco de dormir. Ficou deitada por alguns minutos, banhada pelo frescor, sentindo-se como se fosse o primeiro ser humano que jamais viveu.

Depois se sentou, se espreguiçou, tremeu um pouco de frio e se lavou na água fria da fonte, antes de comer dois figos secos e passar o local em revista.

Atrás da pequena elevação que havia atravessado, o terreno se inclinava gradualmente para baixo e depois subia de novo; o espaço mais amplo ficava logo à frente, do outro lado da imensa pradaria. As sombras compridas das árvores agora estavam viradas para ela e podia ver bandos de passarinhos rodopiando diante delas, tão pequenos contra o fundo das copas verdes gigantescas que pareciam partículas de poeira.

Pondo a mochila de volta nas costas, Mary começou a descer a caminho da relva espessa e vicejante da pradaria, tendo como objetivo alcançar o grupo de árvores mais próximo, a uns seis ou oito quilômetros de distância.

O mato lhe chegava à altura dos joelhos, e crescendo em meio a ele havia moitas e arbustos de galhos tão baixos que não lhe alcançavam os tornozelos, uma planta parecida com juníperos; e havia flores semelhantes a papoulas, a botões-de-ouro, a centáureas, dando um colorido de tons variados à paisagem; e então ela viu uma grande abelha, do tamanho de seu polegar, visitando uma flor azul que se dobrou e balançou. Mas, quando o bichinho se afastou das pétalas recuando e recomeçou a voar, ela viu que não era um inseto, pois um momento depois veio até sua mão e pousou em seu dedo, encostando um bico longo como uma agulha contra sua pele, com grande delicadeza, e então levantou voo de novo quando não encontrou néctar.

Era um minúsculo beija-flor, com as asas cobertas de penas cor de bronze movendo-se depressa demais para que ela pudesse ver direito.

Como todos os biólogos da Terra a invejariam, se pudessem ver o que ela estava vendo!

Mary seguiu adiante e viu que estava se aproximando de um rebanho daqueles animais que tinha visto na tarde anterior e cujo movimento a intrigara sem que soubesse por quê. Tinham mais ou menos o tamanho de veados ou antílopes e a cor do pelo semelhante, mas o que a fez parar de supetão e esfregar os olhos foi a disposição de suas pernas. Cresciam em forma de losango: duas no centro, uma na frente e uma debaixo da cauda, de modo que os animais se locomoviam com um curioso movimento oscilante. Mary ficou ansiosa para examinar um esqueleto e ver como a estrutura funcionava.

Os animais pastando, por sua vez, a examinaram com olhares mansos e sem curiosidade, não demonstrando medo algum. Teria adorado chegar mais perto e dedicar algum tempo a observá-los, mas estava ficando quente, e a sombra das grandes árvores era convidativa; e, afinal, haveria muito tempo.

Pouco depois ela estava entrando em um daqueles rios de pedra que tinha visto do morro: era mais uma coisa a respeito da qual ficara curiosa.

Parecia ter sido alguma espécie de derramamento de lava de tempos antigos. A cor no fundo era escura, quase preta, mas a superfície era mais clara, como se tivesse sido triturada ou desgastada por esmagamento. Era lisa como uma estrada bem pavimentada no mundo de Mary e, certamente, era mais fácil caminhar por ali do que no meio do mato.

Ela avançou pelo rio de rocha onde estava, que seguia em uma curva larga em direção às árvores. Quanto mais perto chegava, mais estarrecida ficava com o tamanho enorme dos troncos, tão largos, estimava, quanto a casa onde ela morava e tão altos quanto... tão altos quanto... ela não conseguia nem algo para comparar.

Quando chegou ao primeiro tronco, descansou as mãos na casca da árvore vermelho-dourada de sulcos profundos. O solo estava coberto até a altura de seus tornozelos com esqueletos de folhas marrons, do comprimento de seu pé, macias e aromáticas quando andava sobre elas. Logo se viu cercada por uma nuvem de diminutas coisas voadoras, bem como de um pequeno bando de minúsculos beija-flores como o que vira antes, uma borboleta amarela com asas do tamanho de seu palmo e um número excessivo de coisas rastejantes para que pudesse se sentir à

vontade. O ar estava cheio de zumbidos, trinados e rangidos.

Mary foi andando pelo solo do arvoredo com a sensação de estar em uma catedral: havia a mesma quietude, a mesma sensação de altura das estruturas, o mesmo sentimento de respeito e encantamento em seu íntimo.

Ela levou mais tempo do que imaginara para chegar ali. Era quase meio-dia, pois os raios de luz atravessando a copa das árvores estavam quase verticais. Sonolenta, Mary se perguntou por que os animais que pastavam não vinham para a sombra das árvores durante aquela parte mais quente do dia.

Logo ela descobriu.

Sentindo calor demais para continuar andando, se deitou para descansar entre as raízes de uma das árvores gigantes, com a cabeça apoiada na mochila, e cochilou.

Estava com os olhos fechados havia uns quinze minutos ou coisa assim, e não estava exatamente dormindo quando, de repente, de muito perto, veio um estrondo que fez o solo tremer.

E, então, veio outro. Assustada, Mary se endireitou, tratou de ficar alerta e viu um movimento que se definiu em um objeto redondo, com cerca de noventa centímetros, rolando no solo, parando e tombando de lado.

Logo em seguida, outro caiu, mais longe; ela viu a coisa maciça despencar e a observou se chocar contra a raiz do tronco mais próximo, semelhante a uma pilastra, e sair rolando.

A ideia de uma daquelas coisas caindo em cima dela foi o bastante para fazê-la agarrar a mochila e sair correndo de debaixo das árvores. O que seria aquilo? Sementes?

Olhando cuidadosamente para cima, ela se aventurou mais uma vez sob a copa das árvores para examinar de perto um daqueles objetos. Ela o virou e ergueu, rolou-o para fora do grupo de árvores e então o ajeitou na relva para examiná-lo melhor.

Era perfeitamente circular e largo como a palma de sua mão. Tinha uma depressão no centro, onde estivera preso à árvore. Não era pesado, mas era incrivelmente duro e coberto por pelos fibrosos que se estendiam ao longo do arco da circunferência de tal modo que ela podia correr a mão em torno do objeto acompanhando o sentido deles com facilidade, mas não no sentido oposto. Tentou enfiar a faca na superfície, mas não obteve resultado nenhum.

Seus dedos pareciam mais lisos. Ela os cheirou: havia uma leve fragrância neles, sob o cheiro de poeira. Examinou a fruta esférica de novo. No centro havia um

ligeiro brilho, e quando ela o tocou novamente, sentiu-o deslizar com facilidade sob seus dedos. Estava expelindo uma espécie de óleo.

Mary colocou a coisa no chão e refletiu sobre as maneiras como aquele mundo havia evoluído.

Se seus cálculos a respeito daqueles universos estivessem certos e eles fossem os múltiplos mundos previstos pela teoria quântica, então alguns deles teriam se separado do seu muito antes de outros. E, claramente, naquele mundo a evolução havia favorecido árvores enormes e grandes animais com esqueleto em forma de losango.

Estava começando a ver como seus horizontes científicos eram estreitos. Nada de botânica, nada de geologia, nenhum conhecimento de biologia sobre qualquer espécie — era ignorante como um bebê.

E então ouviu um rugido baixo, semelhante a um trovão, que foi difícil de localizar até que viu uma nuvem de poeira se movendo ao longo de uma das estradas — vindo em direção ao grupo de árvores, em direção a ela. Estava a cerca de um quilômetro e meio, mas não estava se movendo devagar, e, de repente, Mary sentiu medo.

Voltou correndo para dentro do arvoredo. Encontrou um espaço estreito entre duas enormes raízes e se enfiou nele, espiando sobre o grande arco a seu lado na direção de onde a nuvem de poeira se aproximava.

O que viu fez sua cabeça girar e ela ficou tonta. De início, parecia uma gangue de motociclistas. Depois ela pensou que fosse um rebanho de animais providos de rodas. Mas isso era impossível. Animais não podiam ter rodas. Não estava vendo aquilo. Mas era verdade.

Havia cerca de uma dúzia deles. Tinham mais ou menos o mesmo tamanho dos animais que pastavam, apenas mais esguios e de cor cinza, com chifres na cabeça e trombas curtas como as de elefantes. Tinham a mesma estrutura em formato de losango que os outros, mas de alguma forma haviam evoluído; com rodas nas patas isoladas da frente e de trás.

Mas rodas não existiam na natureza, sua mente insistiu nesse pensamento; não podiam; era preciso que houvesse um eixo, com uma superfície de sustentação, que era completamente separado da parte que rodava, não podia acontecer, era impossível...

Então, quando eles pararam, a menos de cinquenta metros de distância, e a

poeira assentou, ela de repente fez a ligação, e não pôde deixar de rir alto, com uma tossidela de puro deleite.

As rodas eram sementes. Perfeitamente circulares, incrivelmente duras e leves — não poderiam ter sido mais bem projetadas. As criaturas enganchavam uma garra no centro das nozes com as pernas da frente e de trás e usavam as duas pernas laterais para dar impulso contra o solo e se mover. Enquanto ela se maravilhava com aquilo, também sentiu certa ansiedade crescente, pois os chifres pareciam formidavelmente afiados e, mesmo àquela distância, podia perceber inteligência e curiosidade no olhar daqueles seres.

E estavam procurando por ela.

Um deles tinha avistado a semente que ela tirara da árvore e rodou para fora da estrada em direção a ela. Quando a alcançou, ele a carregou até uma pequena elevação com a tromba e a fez rolar na direção de seus companheiros.

Eles se reuniram em volta da semente e a tocaram delicadamente com aquelas trombas fortes, flexíveis, e Mary viu-se interpretando os gorjeios, estalidos e apupos que estavam emitindo como expressões de desaprovação. Alguém havia mexido naquilo: estava errado.

Então ela pensou: *Eu vim aqui com um propósito, embora ainda não o compreenda. Mary, seja ousada. Tome a iniciativa.*

De modo que se levantou e gritou, muito constrangida:

— Aqui. Eu estou aqui. Eu dei uma olhada na semente. Sinto muito. Por favor, não me machuquem.

Imediatamente todas as cabeças se viraram em sua direção, as trombas estendidas, os olhos brilhantes voltados para a frente. As orelhas deles tinham se empinado.

Ela saiu do abrigo entre as raízes e os encarou francamente, estendeu as mãos, percebendo que aquele gesto poderia não significar nada para seres que não possuíam mãos. Mas era o que podia fazer. Pegando a mochila, foi andando pela relva e entrou na estrada.

De perto — a menos de cinco passos de distância — podia ver muito mais da aparência deles, mas sua atenção foi capturada por alguma coisa viva e consciente nos seus olhares, por uma inteligência. Aqueles seres eram quase tão diferentes dos animais pastando quanto um ser humano de uma vaca.

Mary apontou para si mesma e disse:

— Mary.

A criatura mais próxima estendeu sua tromba para ela. Mary chegou mais perto e a tromba tocou seu peito, onde ela havia apontado, e ela ouviu uma voz vindo em sua direção da garganta da criatura:

— Merry.

— O que é você? — perguntou.

— Uquiévocê — respondeu a criatura. Tudo que ela podia fazer era responder.

— Eu sou um ser humano — disse.

— Eusôumsorumano — imitou a criatura e então uma coisa ainda mais estranha aconteceu: os seres riram.

Seus olhos se franziram, as trombas balançaram, eles lançaram a cabeça para trás — e de suas gargantas veio o som inconfundível de riso. Ela não pôde se conter: riu também.

Então outro ser se aproximou e tocou sua mão com a tromba. Mary ofereceu a outra mão a seu toque suave, hirsuto, inquisitivo.

— Ah — disse ela —, você está sentindo o cheiro do óleo da semente.

— Semente — disse o ser.

— Se vocês conseguem emitir os sons de minha língua, pode ser que um dia possamos nos comunicar. Deus sabe como. *Mary* — disse, apontando para si mesma mais uma vez.

Nada. Eles ficaram olhando. Ela repetiu o gesto:

— Mary.

O ser mais próximo tocou o próprio peito e falou. Foram três sílabas ou duas? O ser falou de novo e dessa vez Mary fez um grande esforço para repetir os mesmos sons.

— Mulefa — disse ela, hesitante.

Os outros repetiram "Mulefa" na voz dela, rindo, e pareciam até mesmo estar implicando com o ser que havia falado.

— Mulefa! — disseram novamente, como se fosse uma excelente piada.

— Bem, se podem rir, suponho que não vão me comer — disse Mary. E, a partir daquele momento, houve descontração e afabilidade entre eles, e ela parou de se sentir nervosa.

E o próprio grupo relaxou: eles tinham coisas a fazer, não estavam vagando ao acaso. Mary viu que um deles tinha uma sela ou um fardo nas costas e dois outros

levaram o fruto esférico até ali e o prenderam, amarrando-o com tiras, com movimentos hábeis e intricados das trombas. Quando ficavam parados, se equilibravam com as pernas laterais, e quando se moviam, viravam tanto a perna da frente como a de trás para seguir em uma direção. Os movimentos deles eram ao mesmo tempo muito graciosos e vigorosos.

Um deles rodou até a beira da estrada e levantou a tromba para emitir um bramido de chamado. O rebanho inteiro que pastava levantou a cabeça simultaneamente e começou a trotar na direção deles. Quando chegaram, os animais pararam pacientemente nas proximidades e permitiram que as criaturas se movimentassem lentamente entre eles. Foram examinados, tocados e contados pelos seres sobre rodas.

Então Mary viu um estender a tromba abaixo de um deles e ordenhá-lo; então a criatura veio até junto dela e levantou a tromba delicadamente até a boca de Mary.

De início, ela recuou, mas havia uma expectativa nos olhos daquele ser, de modo que ela tornou a se adiantar e abriu a boca. O animal esguichou um pouco do leite doce e fino dentro de sua boca, observou-a engolir e deu um pouco mais a ela, repetindo a operação várias vezes. O gesto era tão inteligente e gentil que Mary impulsivamente atirou os braços em volta da cabeça do animal e o beijou, cheirando o calor empoeirado do pelo e sentindo os ossos duros por baixo e a força musculosa da tromba.

Pouco depois, o líder fez um barulho suave com sua tromba, e os animais do pasto se afastaram. Os *mulefas* estavam se preparando para ir embora. Ela estava feliz pelo fato de eles a terem recebido bem e triste por estarem partindo; mas então foi surpreendida.

Um dos animais estava se abaixando, se ajoelhando na estrada e acenando com a tromba, e os outros também acenavam para ela. Era um convite... Não havia dúvida quanto a isso: estavam se oferecendo para carregá-la, para levá-la com eles.

Um outro pegou sua mochila e a prendeu na sela de um terceiro, e, desajeitadamente, Mary montou no dorso do que estava ajoelhado, perguntando a si mesma onde poria as pernas — na parte da frente ou na parte de trás da criatura? E em que poderia se segurar?

Mas, antes que pudesse descobrir, a criatura havia se levantado, e o grupo começou a se deslocar pela estrada, com Mary cavalgando entre eles.

Porque ele é o Will.

8. VODCA

Estrangeiro e peregrino sou entre vós.
ÊXODO

Balthamos sentiu a morte de Baruch no momento em que aconteceu. Ele gritou e saiu voando muito alto no ar sobre a tundra, batendo as asas e soluçando de angústia em meio às nuvens; demorou algum tempo antes que conseguisse se recompor e voltar para junto de Will, que estava totalmente acordado, com a faca na mão, vasculhando a escuridão úmida e fria. Eles haviam voltado ao mundo de Lyra.

— O que está havendo? — perguntou Will, quando o anjo reapareceu tremendo a seu lado. — É algum perigo? Fique atrás de mim...

— Baruch está morto — exclamou Balthamos, chorando —, meu amado Baruch está morto...

— Quando? Onde?

Mas Balthamos não sabia dizer; ele sabia apenas que metade de seu coração havia deixado de existir. Não conseguia ficar quieto: tornou a voar bem alto, vagando pelo céu como se procurando Baruch nesta ou naquela nuvem, gritando, chorando, chamando; e então se sentia dominado pela culpa, descia voando para insistir com Will para que se escondesse e se mantivesse calado, prometendo que cuidaria dele e o protegeria incansavelmente; e então a pressão de sua perda e dor o derrubava no chão e ele se lembrava de todas as provas de gentileza e de coragem que Baruch tinha dado, e havia milhares, e não tinha se esquecido de nenhuma delas; então exclamava que um ser de natureza tão graciosa jamais poderia simplesmente se apagar, e alçava voo de novo, subindo às alturas dos céus, procurando em todas as direções, destemida e furiosamente, consternado, amaldiçoando o próprio ar, as nuvens e as estrelas.

Finalmente Will disse:

— Balthamos, venha cá.

Desamparado, o anjo imediatamente atendeu ao seu chamado. Na escuridão gelada da tundra, o garoto que tiritava de frio sob seu manto disse:

— Agora, você tem que tentar se acalmar e ficar calado. Você sabe que há coisas por aí que atacarão se ouvirem algum ruído. Posso te proteger com a faca, se estiver perto de mim, mas se o atacarem lá no alto, não vou poder ajudar. E se você morrer também, vai ser o fim para mim. Balthamos, eu preciso de você para me ajudar e me guiar até Lyra. Por favor, não se esqueça disso. Baruch era forte. Seja forte também. Seja como ele, por mim.

De início, Balthamos não falou, mas depois disse:

— Sim, é claro que devo fazer isso. Pode dormir agora, Will, eu estarei aqui montando guarda, não desapontarei você.

Will confiou nele; tinha que confiar. E pouco depois adormeceu de novo.

Quando acordou, encharcado pelo orvalho e gelado até os ossos, o anjo estava de pé a seu lado. O sol estava raiando, e os juncos e as plantas do pântano estavam salpicados de dourado.

Antes que Will pudesse se mexer, Balthamos disse:

— Decidi o que devo fazer. Ficarei com você noite e dia e o farei com alegria e de boa vontade, em homenagem a Baruch. Conduzirei você até Lyra, se puder, e depois levarei vocês dois até lorde Asriel. Eu vivi milhares de anos e, a menos que eu seja morto, viverei ainda muitos outros milhares; mas jamais conheci um ser de natureza que me inspirasse a fazer o bem com tanto ardor, ou a ser gentil, como Baruch me inspirava. Fracassei tantas vezes, mas a cada vez a bondade dele estava lá para me redimir. Agora não está mais, terei que tentar sozinho. Talvez eu fracasse de vez em quando, mas mesmo assim continuarei tentando.

— Baruch ficaria orgulhoso de você — disse Will, tremendo.

— Agora quer que eu faça um voo de reconhecimento e veja onde estamos?

— Quero; voe bem alto e me diga como é o terreno mais adiante. Andar por essas terras pantanosas vai ser muito demorado.

Balthamos levantou voo. Não tinha contado a Will todas as coisas que o estavam deixando ansioso, porque estava dando o melhor de si para não preocupar o garoto; mas sabia que o anjo Metatron, o Regente, de quem tinham escapado por tão pouco, teria o rosto de Will firmemente gravado em sua mente. E não somente seu rosto, mas tudo a respeito dele que os anjos podiam ver, inclusive partes de que o próprio Will não tinha consciência, como aquele aspecto de sua personalidade que Lyra teria chamado de seu daemon. Will agora corria grande perigo por causa de Metatron, e,

em algum momento, Balthamos teria que lhe contar; mas ainda não. Era difícil demais.

Will concluiu que seria mais rápido se aquecer caminhando em vez de juntar combustível e esperar que uma fogueira se acendesse, então simplesmente pôs a mochila nos ombros, colocou o manto por cima cobrindo tudo e deu início à marcha em direção ao sul. Havia uma trilha lamacenta, cheia de sulcos e esburacada, o que indicava que as pessoas às vezes passavam por ali; mas o horizonte achatado estava tão distante em todas as direções que ele sentia como se não estivesse avançando.

Algum tempo depois, quando a luz estava mais clara, a voz de Balthamos falou a seu lado.

— A cerca de um dia de caminhada fica uma cidade e um rio largo com um cais para os barcos atracarem. Voei alto o suficiente para ver que o rio se estende a uma longa distância diretamente para o sul e para o norte. Se você conseguisse transporte em um barco, poderia avançar muito mais depressa.

— Ótimo — disse Will, com muito entusiasmo. — E esta trilha vai para a cidade?

— Ela passa por uma aldeia, com uma igreja, fazendas e pomares, depois segue para a cidade.

— Gostaria de saber que língua eles falam. Espero que não me prendam se eu não souber falar a língua deles.

— Como seu daemon — retrucou Balthamos —, eu traduzirei para você. Aprendi a falar muitas línguas humanas; certamente compreendo a que eles falam neste lugar.

Will seguiu caminhando. Era uma tarefa maçante, cansativa e mecânica, mas pelo menos estava em movimento e pelo menos cada passo o levava para mais perto de Lyra.

A aldeia era um lugar feio e maltratado: um pequeno grupo de construções de madeira, com cercados para renas e com cachorros que latiam à medida que eles se aproximavam. A fumaça saía lentamente das chaminés de latão e ficava pairando baixa sobre os telhados de seixos. A terra era pesada e se prendia a seus pés; era evidente que há muito pouco tempo houvera uma enchente: as paredes estavam marcadas pela lama até a metade da altura das portas, vigas de madeira partidas e chapas soltas de ferro corrugado mostravam onde cabanas, varandas e construções anexas haviam sido levadas pelas águas.

Mas aquela não era a característica mais curiosa do lugar. Inicialmente, Will

pensou que estivesse perdendo o equilíbrio; aquilo chegou até a fazê-lo tropeçar uma ou duas vezes: os prédios ficavam dois ou três graus fora da vertical, todos inclinados no mesmo sentido. A cúpula da igrejinha estava seriamente rachada. Será que houvera também um terremoto?

Os cachorros estavam latindo com uma fúria histérica, mas sem ousar chegar perto. Balthamos, fingindo ser um daemon, havia assumido a forma de um grande cachorro, branco como a neve, de olhos negros, pelagem espessa e uma cauda enroscada, e rosnava com tamanha ferocidade que os cachorros de verdade se mantinham a distância. Eram magros e sarnentos, e as poucas renas que conseguiu ver tinham o pelo cheio de crostas e pareciam apáticas.

Will fez uma parada no centro da aldeia e olhou em volta, se perguntando para onde deveria ir, e, enquanto estava ali, dois ou três homens apareceram mais adiante e olharam fixamente para ele. Eram as primeiras pessoas que via no mundo de Lyra. Usavam casacos de feltro grosso, botas enlameadas, chapéus de pele e não pareciam nada amistosos.

O cachorro branco mudou de forma, se transformando em uma andorinha, e voou até o ombro de Will. Ninguém nem sequer piscou diante disso: cada um dos homens tinha um daemon, reparou Will, cachorros em sua maioria, e era assim que as coisas aconteciam naquele mundo. Em seu ombro, Balthamos sussurrou:

— Continue andando. Não olhe nos olhos deles. Mantenha a cabeça baixa. Essa é considerada a atitude respeitosa.

Will continuou andando. Ele sabia como passar despercebido; este era seu maior talento. Quando afinal chegou onde eles estavam, os homens já tinham perdido o interesse. Mas, então, uma porta se abriu na maior casa da rua e uma voz gritou alguma coisa bem alto.

Balthamos disse baixinho:

— O padre. Vai ter que ser bem educado com ele. Olhe na direção dele e faça uma reverência.

Will obedeceu. O padre era um homem imenso, de barba grisalha, vestindo uma batina preta com um daemon corvo pousado no ombro. Seus olhos inquietos percorreram o rosto e o corpo de Will, reparando em tudo. Fez sinal para que se aproximasse.

Will foi até a porta e fez outra reverência.

O padre disse alguma coisa e Balthamos sussurrou:

— Ele está perguntando de onde você vem. Diga o que quiser.

— Eu falo inglês — disse Will, falando bem devagar e claramente. — Não sei falar nenhuma outra língua.

— Ah, inglês! — exclamou o padre alegremente na mesma língua. — Meu caro rapaz! Seja bem-vindo à nossa aldeia, nossa pequenina e não-mais-perpendicular Kholodnoye! Como se chama e para onde está indo?

— Meu nome é Will e estou indo para o sul. Me perdi de minha família e estou tentando encontrá-los.

— Então precisa entrar e tomar alguma coisa — disse o padre e passou um braço pesado em volta dos ombros de Will, empurrando-o pela porta.

O daemon corvo do homem estava demonstrando um vívido interesse por Balthamos. Mas o anjo reagiu à altura da situação: se transformou em um camundongo e se enfiou na camisa de Will, como se fosse tímido.

O padre o levou até uma sala de visitas com a atmosfera pesada, impregnada de fumaça de tabaco, onde um samovar de ferro batido fumegava silenciosamente sobre uma mesa estreita.

— Como era mesmo seu nome? — perguntou o padre. — Me fale de novo.

— Will Parry. Mas não sei como devo chamar o senhor.

— Otyets Semyon — respondeu o padre, alisando o braço de Will enquanto o conduzia a uma cadeira. — Otyets significa Pai. Sou padre da Santa Igreja. Meu nome de batismo é Semyon, e o nome de meu pai era Boris, de modo que sou Semyon Borisovitch. Qual é o nome de seu pai?

— John Parry.

— John é Ivan. De modo que você é Will Ivanovitch, e eu sou o padre Semyon Borisovitch. De onde você vem, Will Ivanovitch, e para onde está indo?

— Estou perdido — respondeu Will. — Estava viajando com minha família para o sul. Meu pai é soldado, mas estava fazendo uma exploração no Ártico, então alguma coisa aconteceu e nos perdemos. Como sei que ele deveria ir para o Sul, é para lá que estou indo.

O padre abriu as mãos espalmadas e disse:

— Um soldado? Um explorador da Inglaterra? Há séculos que ninguém tão interessante assim passa pelas estradas sujas de Kholodnoye, mas nesses tempos de grandes mudanças, como podemos saber se ele não vai aparecer amanhã? Você também é um visitante bem-vindo, Will Ivanovitch. Deve passar a noite em minha

casa, conversaremos e comeremos juntos. Lydia Alexandrovna! — chamou o padre.

Uma mulher idosa entrou silenciosamente. Ele falou com ela em russo e a mulher assentiu, pegou um copo e o serviu de chá quente do samovar. Ela trouxe o copo de chá para Will com um pires com geleia e uma colher de prata.

— Obrigado — disse Will.

— A conserva é para adoçar o chá — explicou o padre. — Lydia Alexandrovna a preparou com mirtilos.

O resultado era que o chá ficava enjoativo e ao mesmo tempo amargo, mas Will bebeu assim mesmo. O padre ficava se inclinando para a frente, para olhar mais de perto para ele, e pegou suas mãos para ver se estava com frio, então alisou seu joelho. Para distrair o padre, Will perguntou por que os prédios da aldeia estavam inclinados.

— Houve uma convulsão na terra — disse o padre. — Está tudo previsto no Apocalipse de São João. Rios fluindo para trás... o grande rio, que fica a pouca distância daqui, costumava correr para o norte, desembocando no Oceano Ártico. Vinha de muito longe, lá das montanhas da Ásia Central, e durante milhares de anos correu para o norte, desde que a Autoridade de Deus, o Pai Todo-Poderoso, criou a Terra. Mas quando a terra tremeu e vieram a neblina e as enchentes, tudo mudou e então o grande rio passou a correr para o sul durante uma semana ou mais antes de mudar de curso de novo e tornar a correr para o norte. O mundo está de cabeça para baixo. Onde você estava quando houve a grande convulsão?

— Estava muito longe daqui — respondeu Will. — Não sabia o que estava acontecendo. Quando a neblina clareou, não encontrei minha família, e agora não sei onde estou. O senhor me disse o nome deste lugar, mas onde fica? Onde estamos?

— Pegue aquele grande livro na prateleira de baixo — disse Semyon Borisovitch. — Vou lhe mostrar.

O padre aproximou a cadeira da mesa e lambeu os dedos antes de virar as páginas do grande atlas.

— Aqui — disse ele, apontando com uma unha suja para um ponto na Sibéria Central, a uma grande distância ao leste dos Urais. O rio que corria próximo fluía conforme o padre havia dito, da região norte das montanhas no Tibete por uma enorme distância até chegar ao Ártico. Will examinou com muita atenção as montanhas do Himalaia, mas não viu nada que se assemelhasse ao mapa que Baruch

havia desenhado.

Semyon Borisovitch falava sem parar, insistindo com Will para que desse detalhes de sua vida, de sua família, de sua casa, e Will, um experiente dissimulador, respondeu com detalhes. Depois de algum tempo, a governanta trouxe uma sopa de beterraba e pão preto e, depois que o padre disse uma longa prece de graças, eles comeram.

— Bem, como devemos passar nosso dia, Will Ivanovitch? — perguntou Semyon Borisovitch. — Vamos jogar cartas ou você prefere conversar?

Ele serviu mais um copo de chá do samovar e Will aceitou mesmo sem muita vontade.

— Eu não sei jogar cartas, e estou ansioso para seguir adiante e continuar viajando. Se eu fosse para o rio, por exemplo, acha que poderia conseguir uma passagem em um vapor seguindo para o sul?

O rosto do padre ficou sombrio e ele se persignou com um gesto delicado do punho.

— Há um tumulto na cidade — explicou. — Lydia Alexandrovna tem uma irmã que veio aqui e contou que há um navio transportando ursos rio acima. Ursos de armadura. Eles vêm do Ártico. Você não viu os ursos de armadura quando esteve no norte?

O padre estava desconfiado, e Balthamos sussurrou bem baixinho de maneira que só Will pudesse ouvir:

— Tenha cuidado. — E Will soube imediatamente por que Balthamos tinha dito aquilo: seu coração havia começado a bater disparado quando Semyon Borisovitch mencionara os ursos, porque Lyra tinha contado a respeito deles. Precisava tentar conter seus sentimentos.

— Estávamos muito longe de Svalbard, e os ursos estavam ocupados com seus próprios negócios — disse Will.

— Sim, foi o que ouvi dizer — concordou o padre, para alívio de Will. — Mas agora eles estão deixando sua terra natal e vindo para o sul. Eles têm um barco, e o povo da cidade não os deixa reabastecer. Tem medo dos ursos. E devem ter mesmo, são filhos do diabo. Todas as coisas do norte são demoníacas. Como as feiticeiras, filhas do mal! A Igreja deveria ter matado todas elas há muitos anos. Feiticeiras... nunca se meta com elas, Will Ivanovitch, está me ouvindo? Sabe o que elas fazem quando você chega a certa idade? Tentam seduzir você. Lançarão mão de todas as

artimanhas atraentes e enganadoras de que dispõem, seu corpo, a pele sedosa, a voz doce que possuem, e tomarão seu sêmen, você sabe do que estou falando, elas esgotam você e o deixam oco, vazio! Tomam de você seu futuro, seus filhos que estão por nascer e não deixam nada. Elas deveriam ser mortas, todas elas.

O padre estendeu a mão para uma prateleira ao lado de sua cadeira e pegou uma garrafa e dois copinhos.

— Agora vou lhe oferecer uma bebidinha, Will Ivanovitch — disse ele. — Você é jovem, de modo que não deve tomar mais de um copo. Mas está crescendo, então precisa conhecer algumas coisas, como o gosto de vodca. Lydia Alexandrovna colheu os bagos no ano passado e eu destilei o álcool, e aqui na garrafa está o resultado, o único lugar onde Otyets Semyon Borisovitch e Lydia Alexandrovna se unem em um só!

Ele deu uma gargalhada e tirou a rolha da garrafa, enchendo cada copo até a borda. Aquele tipo de conversa deixava Will terrivelmente constrangido. O que deveria fazer? Como poderia recusar a bebida sem ser descortês?

— Otyets Semyon — disse, se levantando —, foi muito gentil e gostaria de poder ficar mais tempo para provar sua bebida e ouvir o que tem a dizer, porque as coisas que contou foram muito interessantes. Mas compreende que estou infeliz por estar longe da minha família e muito ansioso para tornar a encontrá-los, de modo que vou andando, por mais que me agradasse ficar.

O padre juntou os lábios, fazendo um bico que se projetava para além da barba, e franziu o cenho; mas depois deu de ombros e disse:

— Bem, então vá, se realmente tem que ir. Mas, antes de partir, deve beber sua vodca. Fique de pé agora! Pegue o copo e vire, tudo de uma só vez, assim!

E ele virou o copo, engolindo tudo de uma só vez, então levantou seu corpo maciço e se aproximou de Will. Em seus dedos gordos e sujos o copo que ele ofereceu parecia minúsculo; mas estava cheio até a borda com a bebida transparente, e Will podia sentir o cheiro forte do drinque, do suor azedo e das manchas de comida na batina do homem, e se sentiu enjoado antes mesmo de ter provado.

— Beba, Will Ivanovitch! — exclamou o padre, com uma animação ameaçadora.

Will levantou o copo e sem hesitar engoliu de um só gole o líquido oleoso que queimou em sua garganta. Agora teria que se esforçar seriamente para não vomitar.

E ainda teria que aguentar um pouco mais. Semyon Borisovitch se inclinou para a

frente e agarrou Will pelos ombros.

— Meu garoto — disse, e então fechou os olhos e começou a entoar uma prece ou um salmo. Vapores de tabaco, de álcool e de suor emanavam com intensidade de seu corpo e ele estava perto o bastante para que a barba espessa, sacudindo para cima e para baixo, roçasse no rosto de Will, que prendeu a respiração.

As mãos do padre passaram para trás dos ombros de Will, e então, Semyon Borisovitch o estava abraçando apertado e beijando as bochechas, direita, esquerda, direita de novo. Will sentiu Balthamos enterrar as garras pequeninas em seu ombro, e se manteve imóvel. Sua cabeça estava girando, seu estômago se contraindo aos saltos, mas ele não se moveu.

Finalmente acabou e o padre deu um passo para trás e o empurrou para longe de si.

— Então vá — disse ele —, vá para o sul, Will Ivanovitch. Vá.

Will pegou seu manto e a mochila e tentou andar em linha reta enquanto saía da casa do padre e seguia pela estrada que levava para fora da aldeia.

Caminhou durante duas horas, sentindo o enjoo ir cedendo gradualmente e uma dor de cabeça latejante tomar seu lugar. Em determinado momento, Balthamos o fez parar e colocou as mãos frias no pescoço e na testa de Will, e a dor diminuiu um pouco, mas Will fez uma promessa a si mesmo de que nunca mais beberia vodca.

Então, bem no final da tarde, o caminho se alargou e saiu dos juncos, e Will viu a cidade mais adiante à sua frente e, depois dela, uma vasta extensão de água, tão larga que poderia ter sido o mar.

Mesmo de longe, Will via que tinha alguma confusão por lá. Nuvens de fumaça explodiam de um ponto além dos telhados, seguidas poucos instantes depois pelo troar de uma arma.

— Balthamos — disse Will —, vai ter que ser meu daemon de novo. Fique bem perto de mim e esteja atento ao perigo.

Entrou nos arredores da cidadezinha de péssima aparência, onde os prédios se inclinavam de maneira ainda mais perigosa que na aldeia e onde a enchente tinha deixado manchas de lama nas paredes muito acima da cabeça de Will. Os arredores da cidade estavam desertos, mas à medida que foi se dirigindo para o rio, o barulho de gente berrando, de gritos e o crepitar do fogo de carabinas foi se tornando cada vez mais alto.

E ali, finalmente, havia pessoas: algumas observando de janelas no andar mais alto, algumas esticando o pescoço ansiosamente em cantos de prédios, para espiar mais adiante a zona do porto, onde os dedos de metal de guindastes e de gruas e os mastros de grandes embarcações se elevavam acima dos telhados.

Uma explosão sacudiu as paredes, e o vidro de uma janela próxima caiu. As pessoas recuaram e depois tornaram a espiar, e mais gritos se elevaram no ar cheio de fumaça.

Will chegou à esquina da rua e olhou para a área do porto. Quando a fumaça e a poeira baixaram um pouco, ele viu uma embarcação enferrujada ao largo da margem, parada a despeito da correnteza, e, no cais, um monte de gente armada com carabinas ou pistolas rodeava um canhão, que, enquanto ele observava, disparou de novo. Um clarão de fogo, um tranco de recuo e perto da embarcação uma grande explosão levantando jatos de água para todos os lados.

Will protegeu os olhos do sol. Havia vultos no barco, mas ele esfregou os olhos, muito embora soubesse o que veria: não eram seres humanos. Eram enormes seres de metal ou animais usando pesadas armaduras, e, na coberta de proa da embarcação, de repente, uma flor de chamas se abriu, ardendo, e as pessoas gritaram assustadas. A chama voou rapidamente pelo ar, subindo cada vez mais alto e chegando mais perto, soltando fagulhas e fumaça, e então caiu com um grande estrondo de fogo perto do canhão. Os homens gritaram e se dispersaram, alguns correram envoltos em chamas para a beira d'água e mergulharam, logo sendo carregados para longe pela correnteza.

Will encontrou um homem nas proximidades que parecia um professor.

— O senhor fala inglês?

— Sim, falo.

— O que está acontecendo?

— Os ursos, eles estão atacando, e tentamos lutar contra eles, mas é difícil, temos apenas um canhão e...

O lança-chamas na embarcação lançou uma pelota de piche em chamas, que dessa vez caiu ainda mais perto do canhão. Três grandes explosões se seguiram, quase que imediatamente depois, o fogo acertou a munição e os atiradores saltaram para longe, deixando o cano do canhão balançando, virado para baixo.

— Ah — lamentou o homem —, não adianta, eles não sabem atirar...

O comandante do navio virou a proa e começou a trazê-lo para a margem. Muita

gente gritou de medo e desespero, especialmente quando mais um grande bulbo de chamas surgiu com uma explosão na proa. Alguns dos que estavam armados de carabinas dispararam um ou dois tiros e fizeram meia-volta para fugir; mas dessa vez os ursos não lançaram a bola de fogo e logo a embarcação estava aproximando o costado do cais, o motor girando com esforço para mantê-la contra a corrente.

Dois marinheiros (humanos, não ursos) saltaram para passar cabos nos postes de amarração, e uma grande vaia acompanhada de gritos de raiva subiu de onde estavam os moradores da cidade, contra aqueles humanos traidores. Os marinheiros não deram atenção; rapidamente trataram de baixar uma prancha de desembarque.

Então, quando eles se viraram para voltar a bordo, um tiro foi disparado de algum lugar perto de Will e um dos marinheiros caiu no chão. Seu daemon — uma gaivota — desapareceu como se sua existência tivesse sido apagada, como a chama de uma vela.

A reação dos ursos foi de pura fúria. Imediatamente o lança-chamas tornou a ser aceso e virado para apontar para a margem, e a massa de chamas voou para o alto e depois caiu em cascata em uma centena de gotas incendiárias sobre os telhados. E, no alto da prancha de desembarque, surgiu um urso maior do que todos os outros, uma aparição poderosa, todo vestido em ferro, e as balas que choveram em cima dele zuniam, ricocheteavam, ou acertavam com um impacto inútil, sem deixar um arranhão sequer na armadura maciça.

Will perguntou ao homem a seu lado:

— Por que eles estão atacando a cidade?

— Querem combustível. Mas nós não negociamos com ursos. Agora que eles estão abandonando seu reino e navegando rio acima, quem sabe o que farão? Nós devemos lutar contra eles. Piratas, ladrões...

O grande urso tinha descido a prancha de desembarque e, em um grupo compacto atrás dele, vinham vários outros, tão pesados que o navio se inclinou e Will viu que os homens no cais tinham voltado para junto do canhão e estavam carregando um projétil na culatra.

Uma ideia surgiu e ele correu para o cais, parando exatamente no espaço vazio entre os atiradores e o urso.

— Parem! — gritou Will. — Parem de lutar. Me deixem falar com o urso!

Houve um silêncio repentino e todos ficaram imóveis, espantados com aquele comportamento insano. O próprio urso, que estivera reunindo suas forças para

atacar os atiradores, parou onde estava, mas cada linha de seu corpo tremia de ferocidade. As grandes garras se cravaram no solo e os olhos negros faiscavam de raiva sob o elmo de ferro.

— Quem é você? O que você quer? — ele rugiu em inglês, uma vez que Will tinha falado nessa língua.

As pessoas assistindo se entreolharam, confusas, e aqueles que compreendiam traduziram para os outros.

— Lutarei com você em duelo — gritou Will —, e se você recuar, então o combate tem que acabar.

O urso não se moveu. Quanto ao povo que assistia, tão logo as pessoas compreenderam o que Will estava dizendo, gritaram, vaiaram e caçoaram, com gargalhadas zombeteiras. Mas não por muito tempo, pois Will se virou para encarar a multidão e ficou bem ereto, o olhar gelado, contido e perfeitamente imóvel, até que as gargalhadas desapareceram. Podia sentir o melro Balthamos tremendo em seu ombro.

Quando as pessoas ficaram em silêncio, ele gritou:

— Se eu fizer o urso recuar, vocês terão que concordar em vender combustível para eles. Então eles seguirão seu caminho pelo rio e deixarão vocês em paz. Vocês têm que aceitar esse acordo. Se não concordarem, eles destruirão todos vocês.

Ele sabia que o urso imenso estava a apenas alguns centímetros às suas costas, mas não se virou; observou o povo da cidade conversando, gesticulando, discutindo, e depois de um minuto uma voz gritou:

— Garoto! Faça o urso aceitar o acordo!

Will deu meia-volta, engoliu em seco e respirou fundo, então gritou:

— Urso! Você também tem que concordar. Se recuar diante de mim, o combate termina e você poderá comprar combustível e seguir em paz pelo rio.

— Impossível — rugiu o urso. — Seria vergonhoso lutar com você. É fraco como uma ostra fora de sua concha. Simplesmente não posso.

— Eu concordo — retrucou Will, e cada minúsculo fiapo de sua atenção agora estava concentrado naquele grandioso ser feroz que tinha diante de si. — Não é de forma alguma uma luta justa. Você tem toda essa armadura e eu não tenho nenhuma. Você poderia arrancar fora minha cabeça com uma boa patada. Então, vamos tornar a luta mais justa. Você me dá uma peça de sua armadura, você escolhe. Seu elmo, por exemplo. Então, estaremos mais equilibrados e não será vergonhoso

lutar contra mim.

Com um rosnado que manifestava ódio, raiva e desprezo, o urso levantou uma das grandes garras e soltou a corrente que mantinha seu elmo preso.

Um profundo silêncio caiu sobre toda a área do cais. Ninguém falava, ninguém se mexia. Eles sabiam que estava acontecendo alguma coisa, algo que nunca haviam visto antes, e não sabiam dizer o que era. O único som agora era o bater das águas do rio contra os pilares de madeira, o zumbido do motor do navio e os gritos inquietos das gaivotas acima; então ouviram a grande pancada metálica quando o urso atirou seu elmo aos pés de Will.

Will colocou a mochila no chão e ergueu o elmo, pondo-o de pé. Mal conseguia levantá-lo. Consistia em uma única chapa de ferro, escuro e cheio de amassados, com os buracos para os olhos na parte de cima e uma corrente maciça embaixo. A corrente era tão longa quanto o antebraço de Will e grossa como seu polegar.

— Então esta é sua armadura — disse ele. — Bem, não me parece muito forte. Não sei se posso confiar nela. Vamos ver.

Ele tirou a faca da mochila, encostou a ponta contra a parte da frente do elmo e cortou um pedaço, como se fosse manteiga.

— Foi o que pensei — comentou, e cortou mais um pedaço, depois outro e mais outro, reduzindo o objeto maciço a uma pilha de fragmentos em menos de um minuto. Ele se levantou e estendeu a mão com um punhado de pedaços.

— Isso era sua armadura — disse ele, e deixou que o resto dos pedaços caíssem com estrépito a seus pés — e esta é minha faca. E, uma vez que seu elmo não me serviu, terei que lutar sem ele. Está pronto, urso? Creio que estamos bem equilibrados. Afinal, eu poderia cortar fora sua cabeça com um golpe da minha faca.

Silêncio total e absoluto. Os olhos negros do urso reluziam como piche e Will sentiu uma gota de suor descer por sua espinha.

Então, a cabeça do urso se moveu. Ele a sacudiu e deu um passo para trás.

— É uma arma forte demais. Não posso lutar contra isso. Garoto, você venceu.

Will sabia que um segundo depois as pessoas iriam gritar vivas, fazer barulhos e assobiar, então, antes mesmo que o urso tivesse terminado de dizer a palavra "venceu", Will tinha começado a se virar e a gritar, para manter as pessoas caladas.

— Agora vocês têm que cumprir o acordo. Cuidem dos feridos e comecem a consertar os prédios. Então, deixem o barco atracar e reabastecer.

Ele sabia que seria preciso um minuto para que aquilo fosse traduzido e deixou

que a mensagem se espalhasse entre a população da cidade que assistia, e também sabia que a pequena defasagem de tempo impediria que o alívio e a raiva explodissem, como uma sucessão de bancos de areia que interrompiam o fluxo de um rio. O urso observou e viu o que ele estava fazendo, e por quê, e compreendeu ainda mais plenamente o que o garoto havia conseguido.

Will guardou a faca de volta na mochila e ele e o urso trocaram outro olhar, mas de um tipo diferente dessa vez. Eles se aproximaram e atrás deles os ursos começaram a desmantelar o lança-chamas; os outros dois navios manobraram aproximando-se do cais.

Em terra, algumas pessoas começaram a limpar os destroços, mas muitas mais se aproximaram, se acotovelando para ver Will, curiosas em relação àquele garoto e o poder que ele tinha de dominar o urso. Estava na hora de Will se tornar insignificante de novo, de modo que fez a mágica que aprendeu com sua mãe e que desviava todos os tipos de curiosidade, mágica essa que os mantivera seguros durante anos. Claro que não era realmente magia, mas apenas uma maneira de se comportar. Ele se obrigou a ficar calado e tornou seu olhar lânguido, estúpido e lento, e em menos de um minuto se tornou totalmente desinteressante, menos atraente para a atenção humana. As pessoas simplesmente ficaram entediadas com o menino estúpido, o esqueceram e se afastaram.

Mas a atenção do urso não era humana, e ele podia ver o que estava acontecendo, e sabia que era outro poder extraordinário que Will dominava. Ele se aproximou e falou baixinho, naquela sua voz que parecia roncar profundamente como o motor do navio.

— Qual é o seu nome?

— Will Parry. Você pode fazer outro elmo?

— Posso. O que você quer?

— Vocês estão seguindo rio acima. Quero ir com vocês. Estou indo para as montanhas e esta é a maneira mais rápida de chegar lá. Vai me levar?

— Levo. Quero ver aquela faca.

— Eu só a mostrarei a um urso em quem possa confiar. Há um urso, de quem ouvi falar, que merece confiança. É o rei dos ursos, um bom amigo da garota que estou indo procurar nas montanhas. O nome dela é Lyra da Língua Mágica. O urso se chama Iorek Byrnison.

— Eu sou Iorek Byrnison — declarou o urso.

— Eu sei que é — disse Will.

O combustível para o navio estava sendo embarcado; os caminhões basculantes eram estacionados paralelamente, a caçamba girada para o lado e levantada para permitir que o carvão descesse com estrondo pelas calhas porão adentro, e a poeira negra subia alto, muito acima deles. Sem ser visto pelas pessoas da cidade, que estavam ocupadas varrendo cacos de vidro e discutindo o preço do combustível, Will seguiu o rei urso, subindo pela prancha de embarque, e entrou a bordo do navio.

9. RIO ACIMA

Uma sombra se lança sobre a mente
Quando uma nuvem envolve, ao meio-dia,
O todo-poderoso sol...
EMILY DICKINSON

— Me deixe ver sua faca — disse Iorek Byrnison. — Eu entendo de metal. Nada que seja feito de ferro ou aço é um mistério para um urso. Mas nunca vi uma faca como essa e gostaria de poder examiná-la de perto.

Will e o rei urso estavam na coberta de proa do vapor, sob os raios quentes do sol que se punha, e a embarcação navegava rapidamente, fazendo progresso em sua rota rio acima; havia bastante combustível a bordo, havia comida que Will pudesse comer, e ele e Iorek Byrnison estavam, pela segunda vez, medindo e avaliando os méritos um do outro. Já haviam feito isso antes.

Will estendeu a faca para Iorek, oferecendo primeiro o cabo, e o urso a recebeu delicadamente. Sua garra-polegar ficava de frente para as quatro garras-dedos, permitindo-lhe manipular objetos com a mesma destreza que seres humanos, então ele virou a faca para um lado, depois para outro, chegou bem perto dos olhos, segurando-a de maneira que refletisse a luz, testando o gume — a lâmina de aço — em um pedaço de ferro velho.

— Este lado foi o que você usou para cortar minha armadura — disse ele. — O outro é muito estranho. Não sei dizer o que é, o que é capaz de fazer ou como foi feito. Mas quero compreender. Como foi que isto veio parar em suas mãos?

Will contou a maior parte do que havia acontecido, deixando de fora apenas as coisas que diziam respeito somente a ele: sua mãe, o homem que tinha matado e seu pai.

— Você lutou por ela e perdeu dois dedos? — perguntou o urso. — Me mostre o ferimento.

Will estendeu a mão. Graças ao unguento que seu pai fizera, as superfícies cortadas estavam cicatrizando bem, mas ainda estavam muito sensíveis. O urso as

cheirou.

— Musgo-de-sangue — concluiu. — E mais alguma coisa que não consigo identificar. Quem fez isso?

— Um homem que me disse o que deveria fazer com a faca. Então ele morreu. Tinha um pouco de unguento em uma caixa de chifre e curou meu ferimento. As feiticeiras tentaram, mas o feitiço que fizeram não funcionou.

— E o que ele disse para você fazer com a faca? — perguntou Iorek Byrnison, devolvendo o objeto a Will cuidadosamente.

— Disse para usá-la em uma guerra combatendo ao lado de lorde Asriel — respondeu Will. — Mas primeiro preciso salvar Lyra da Língua Mágica.

— Então nós ajudaremos — disse o urso, e o coração de Will deu um pulo de alegria.

Ao longo dos dias seguintes, Will descobriu por que os ursos estavam fazendo aquela viagem para a Ásia Central, tão longe de sua terra natal.

Desde a catástrofe que havia aberto os mundos, o gelo do Ártico havia começado a derreter, e novas e estranhas correntes tinham aparecido nas águas do mar. Uma vez que os ursos dependiam do gelo e dos seres que viviam no mar gelado, concluíram que logo estariam passando fome se ficassem onde estavam; e, sendo seres racionais, decidiram como deveriam reagir. Teriam que migrar para onde houvesse neve e gelo em abundância: iriam para as mais altas montanhas, para a cadeia que tocava o céu, a meio mundo de distância, procurando a neve inabalável e eterna. De ursos do mar eles se tornariam ursos das montanhas, pelo tempo que fosse necessário até que o mundo voltasse ao normal.

— Então vocês não estão em guerra? — perguntou Will.

— Nossos velhos inimigos desapareceram junto com as focas e as morsas. Se encontrarmos novos inimigos, saberemos como lutar.

— Pensei que uma grande guerra estivesse para começar e que envolveria todo mundo. De que lado você lutaria se isso acontecesse?

— Do lado que oferecesse mais vantagem para os ursos. Que dúvida! Tenho alguma estima por muito poucos entre os humanos. Um deles era um homem que voava em um balão. Ele está morto. Outra é a feiticeira Serafina Pekkala. A terceira é a menina Lyra da Língua Mágica. Primeiro eu faria o que fosse melhor para os ursos. Depois, o que fosse melhor para a criança, ou para a feiticeira, ou que pudesse

vingar meu companheiro morto, Lee Scoresby. É por isso que vou ajudar você a salvar Lyra da Língua Mágica daquela abominável mulher Coulter.

Iorek contou a Will como ele e alguns de seus súditos tinham nadado até a foz do rio e pagado o aluguel daquela embarcação com ouro. Contrataram a tripulação e utilizaram o derretimento do Ártico de maneira vantajosa para eles ao deixar que o rio os levasse o máximo possível para o interior — e, como sua nascente ficava exatamente nos contrafortes do norte das montanhas que estavam procurando e como Lyra também estava prisioneira lá, as coisas tinham calhado de correr muito bem até então.

E assim o tempo foi passando.

Durante o dia, Will cochilava no convés, descansando, reunindo forças, porque estava totalmente exausto. Observou a paisagem mudar e as ondulações suaves darem lugar a morros baixos cobertos de relva verdejante, e depois ao relevo de terras mais altas, com um desfiladeiro ou cachoeira ocasional; e mesmo assim o vapor continuou navegando rumo ao sul.

Ele conversava com o capitão e com os tripulantes, por educação, mas lhe faltava a facilidade de comunicação imediata que Lyra tinha com estranhos, achava difícil encontrar algo para dizer; e, de qualquer maneira, não estavam muito interessados nele. Aquilo era apenas um trabalho, e, quando estivesse terminado, eles partiriam sem olhar para trás. Além disso, não gostavam muito dos ursos, apesar de todo o ouro. Will era um estrangeiro e, desde que pagasse por sua comida, pouco se importavam com o que ele fizesse. Para completar, havia aquele seu estranho daemon, que parecia muito com o de uma feiticeira: às vezes estava lá e outras vezes parecia ter desaparecido. Supersticiosos, como muitos marinheiros eram, ficavam bem contentes em deixá-lo em paz.

Balthamos, por sua vez, também se mantinha calado. Por vezes seu sofrimento e luto se tornavam tão intensos que mal podia suportar e deixava o barco para voar bem alto, entre as nuvens, buscando qualquer retalho de luz ou sabor de ar, quaisquer estrelas cadentes ou arestas de pressão que lhe trouxessem à memória a vida que havia compartilhado com Baruch. Quando falava, à noite na escuridão da pequenina cabine onde Will dormia, era apenas para comunicar quanto tinham progredido e que distância ainda faltava percorrer para chegarem à caverna e ao vale. Talvez ele pensasse que Will tinha pouca compreensão e simpatia a oferecer por seu sofrimento, porém, caso tivesse buscado, teria encontrado muita. Foi se

tornando cada vez mais brusco e formal, embora nunca sarcástico; aquela promessa, pelo menos, ele cumpriu.

Quanto a Iorek, ele examinava a faca obsessivamente. Olhava para ela durante horas seguidas, testando os dois gumes, arqueando-a, segurando-a no alto, voltada para a luz, tocando-a com a língua, cheirando-a e até escutando o som que o ar fazia quando fluía sob sua superfície. Will não se preocupava com a faca, pois Iorek era, evidentemente, um artífice de imenso e reconhecível talento; também não temia por Iorek, por causa da delicadeza de movimento daquelas patas poderosas.

Afinal Iorek veio procurar Will e disse:

— Este outro gume. Ele faz alguma coisa que você não me contou. O que é e como funciona?

— Não posso mostrar a você aqui — respondeu Will — porque o navio está em movimento. Mas assim que pararmos eu mostro.

— Posso imaginar o que é — disse o urso —, mas não consigo compreender o que estou pensando. É a coisa mais estranha que já vi.

E devolveu a faca a Will, com um longo olhar desconcertante e indecifrável vindo de seus olhos negros profundos.

Naquela altura, o rio havia mudado de cor, porque estava se encontrando com o resto das primeiras águas das enchentes que tinham descido do Ártico. Will pôde ver que as convulsões haviam afetado a terra de maneira diferente em cada lugar; uma aldeia após outra estava mergulhada em água até a altura dos telhados, e centenas de pessoas desabrigadas tentavam salvar o que podiam com barcos a remo e canoas. A terra devia ter afundado um pouco ali, porque o rio se alargou e seu curso se tornou mais lento, e era difícil para o piloto traçar sua rota com precisão em meio às correntes de águas largas e barrentas. O ar ali era mais quente, e o sol ficava mais alto no céu, os ursos tinham dificuldade para se refrescar; alguns deles nadavam ao lado do vapor enquanto este ia seguindo, sentindo o sabor das águas de sua terra natal naquela terra estranha.

Mas finalmente o rio se estreitou e se tornou mais profundo de novo, e, logo adiante deles, as montanhas do grande planalto central asiático começaram a se elevar. Certo dia, Will viu uma borda de cor branca no horizonte e ficou observando enquanto ela ia crescendo pouco a pouco, se separando em diferentes picos, com cadeias e desfiladeiros entre eles, e tão altos que pareciam estar muito próximos — apenas a alguns quilômetros —, mas ainda estavam muito distantes; era só que as

montanhas eram imensas e, a cada hora que delas se aproximavam, pareciam ainda mais inconcebivelmente altas.

A maioria dos ursos nunca tinha visto montanhas, a não ser pelos penhascos em sua própria ilha, Svalbard, e ficaram em silêncio ao erguer os olhos para os gigantescos contrafortes, ainda tão distantes.

— O que caçaremos por lá, Iorek Byrnison? — perguntou um deles. — Existem focas nas montanhas? Como viveremos?

— Lá teremos neve e gelo — foi a resposta do rei. — Nos sentiremos confortáveis. E existem animais selvagens em abundância. Nossa vida vai ser diferente durante algum tempo. Mas vamos sobreviver e, quando as coisas voltarem a ser como devem e o Ártico congelar de novo, ainda estaremos vivos para voltar e recuperar nosso lugar. Se tivéssemos ficado lá, teríamos morrido de fome. Preparem-se para coisas estranhas e para novos hábitos, meus ursos.

Afinal, chegou um momento em que o vapor não podia mais navegar, porque naquele ponto o leito do rio se estreitava e se tornava muito raso. O capitão parou a embarcação no fundo de um vale, que normalmente estaria coberto de relva e de flores da montanha, onde o rio fazia meandros sobre leitos de cascalho; mas o vale agora era um lago, e o capitão insistiu que não se arriscaria a ir além, porque depois daquele ponto não haveria profundidade suficiente abaixo da quilha, mesmo com a grande enchente do norte.

Então, eles ancoraram junto a uma das paredes do vale, onde uma saliência de rocha formava uma espécie de plataforma, e desembarcaram.

— Onde estamos agora? — perguntou Will ao capitão, cujo inglês era limitado.

O capitão encontrou um velho mapa meio rasgado e apontou com seu cachimbo, dizendo:

— Este vale aqui, nós agora. Você leva, continua.

— Muito obrigado — disse Will, e se perguntou se deveria oferecer pagamento pelo mapa; mas o capitão já tinha se afastado para supervisionar o desembarque da carga.

Não demorou muito para que os cerca de trinta ursos e suas armaduras estivessem na margem estreita. O capitão gritou uma ordem, e a embarcação começou a virar contra a corrente com grande esforço, manobrando até chegar ao meio do curso, e então soltou um apito explosivo que ecoou por muito tempo pelas paredes do vale.

Will se sentou sobre um pedregulho, lendo o mapa. Se estivesse certo, o vale onde Lyra estava prisioneira, de acordo com o anjo, ficava a alguma distância para leste e para sul, e o melhor caminho para chegar lá era através de uma passagem estreita entre as montanhas chamada desfiladeiro Sungchen.

— Ursos, marquem este lugar — disse Iorek Byrnison para seus súditos. — Quando chegar a hora de voltarmos para o Ártico, nos reuniremos aqui. Agora sigam seus caminhos, cacem, se alimentem e vivam. Não façam guerra. Não estamos aqui para guerrear. Se houver ameaça de guerra, mandarei chamá-los.

Os ursos eram, em sua maioria, criaturas de hábitos solitários e só se reuniam em tempos de guerra ou em emergências. Agora que se encontravam nos limites de uma terra de neve, estavam impacientes para partir, todos eles, fazer suas explorações cada um por si.

— Então vamos, Will — disse Iorek Byrnison —, e encontraremos Lyra.

Will colocou a mochila nas costas e eles se puseram em marcha.

Foi bom caminhar durante a primeira parte da jornada. O sol estava quente, mas os pinheiros e outras espécies de árvores mantinham o calor mais forte longe de seus ombros e o ar era fresco e límpido. O terreno era rochoso, mas as pedras eram espessamente recobertas de musgo e de agulhas de pinheiros, e as encostas que subiram não eram muito íngremes. Will descobriu que estava adorando o exercício. Os dias que havia passado a bordo, o repouso forçado, tinham devolvido suas forças. Quando encontrara Iorek, estivera realmente nas últimas. Não sabia disso, mas o urso sabia.

E, tão logo ficaram sozinhos, Will mostrou a Iorek como o outro gume da faca funcionava. Abriu uma janela para um mundo onde uma floresta pluvial equatorial de atmosfera escaldante e úmida gotejava, e onde vapores carregados com perfume forte escapavam, pairando no ar rarefeito da montanha. Iorek observou atentamente, tocou a borda da janela com a pata e a farejou; atravessou a janela e entrou no ar quente e úmido para olhar em silêncio. Os guinchos dos macacos, o piar dos pássaros, os zumbidos dos insetos, o coaxar dos sapos e o gotejar incessante de vapor de água se condensando pareciam soar muito alto para Will, que estava do lado de fora.

Iorek voltou e observou Will fechar a janela, então pediu para ver a faca de novo, olhando tão de perto o gume de prata que Will achou que estivesse correndo o risco de cortar o olho. Ele o examinou por muito tempo e depois devolveu a faca sem

fazer maiores comentários, exceto o seguinte:

— Eu estava certo: não poderia lutar contra isto.

Então seguiram caminho, falando pouco, algo que agradava os dois. Iorek Byrnison capturou uma gazela e a comeu quase inteira, deixando a carne mais macia para que Will cozinhasse. E quando a certa altura chegaram a uma aldeia, enquanto Iorek esperava na floresta, Will trocou uma de suas moedas de ouro por uma porção de pão rústico achatado, frutas secas, botas de couro de iaque e um colete de uma espécie de pele de ovelha, pois estava ficando frio à noite.

Ele também conseguiu perguntar sobre o vale com os arco-íris. Balthamos o ajudou, assumindo a forma de um corvo, igual ao daemon do homem com quem Will estava falando, o que tornou mais fácil a troca de informações entre eles, e Will conseguiu obter indicações úteis e claras sobre o caminho.

Ficava a mais três dias de caminhada. Bem, eles estavam chegando lá.

Mas outros também estavam.

O grupo armado enviado por lorde Asriel, a esquadrilha de girópteros e o zepelim-tanque haviam alcançado a abertura entre os mundos: a fenda no céu acima de Svalbard. Ainda tinham um longo caminho pela frente, mas voavam sem parar, exceto para os trabalhos de manutenção essenciais; o comandante, o rei africano Ogunwe, mantinha contato duas vezes por dia com a fortaleza de basalto. Ele tinha um galivespiano operador de magneto a bordo de seu giróptero e por seu intermédio tomava conhecimento do que estava acontecendo nos outros lugares com a mesma rapidez que lorde Asriel.

As notícias eram desconcertantes. A pequena espiã, lady Salmakia, havia observado escondida nas sombras enquanto os dois poderosos braços da Igreja, o Tribunal Consistorial de Disciplina e a Sociedade da Obra do Espírito Santo, concordavam em pôr de lado suas diferenças e reunir seus conhecimentos. A Sociedade tinha um aletiometrista que era mais ágil e mais talentoso que frei Pavel e, graças a ele, agora o Tribunal Consistorial sabia exatamente onde Lyra estava, e mais: eles sabiam que lorde Asriel havia enviado tropas para resgatá-la. Sem perder tempo, o Tribunal havia convocado uma frota de zepelins e, naquele mesmo dia, um batalhão da Guarda Suíça começou a embarcar nas aeronaves que esperavam no ar tranquilo acima do lago de Genebra.

Desse modo, cada lado tinha conhecimento de que o outro também estava se

dirigindo para a caverna nas montanhas. E ambos sabiam que quem chegasse lá primeiro levaria vantagem, mas os dois tinham as mesmas chances: os girópteros de lorde Asriel eram mais rápidos que os zepelins do Tribunal Consistorial, mas tinham uma distância maior a percorrer e eram limitados pela velocidade de seu zepelim-tanque.

Havia uma questão mais importante a considerar: quem quer que se apoderasse primeiro de Lyra teria que lutar contra o exército adversário para sair. Seria uma tarefa mais fácil para o Tribunal Consistorial, porque eles não tinham que se preocupar em retirar Lyra em segurança. Estavam voando até lá para matá-la.

O zepelim que transportava o Presidente do Tribunal Consistorial também levava outros passageiros, sem que ele tivesse conhecimento. O cavaleiro Tialys havia recebido uma mensagem em seu magneto ressonante, ordenando que ele e lady Salmakia entrassem clandestinamente a bordo. Quando os zepelins chegassem ao vale, ele e lady Salmakia deveriam abandonar o grupo e seguir adiante independentemente, encontrar um meio de chegar à caverna onde Lyra estava sendo mantida e proteger a menina, da melhor forma possível, até que as forças do rei Ogunwe chegassem para resgatá-la. A segurança de Lyra era a prioridade.

Entrar clandestinamente no zepelim era arriscado para os espiões e não apenas por causa do equipamento que tinham que carregar. Além do magneto ressonante, os itens mais importantes eram um par de larvas de inseto e seus alimentos. Quando os insetos adultos emergissem, eles se pareceriam mais com libélulas do que com qualquer outra coisa, mas não seriam semelhantes a nenhum tipo de libélula que os humanos do mundo de Will, ou de Lyra, jamais tivessem visto. Para começar, seriam muito maiores. Os galivespianos criavam esses insetos com muito cuidado, e os de cada clã diferiam entre si. O clã do cavaleiro Tialys criava robustas libélulas listradas de vermelho e amarelo, com apetite vigoroso e brutal, enquanto a que lady Salmakia estava alimentando seria uma criatura esguia, capaz de voar rapidamente, com um corpo azul-elétrico que brilharia no escuro.

Cada espião era equipado com algumas dessas larvas que, ao serem alimentadas com quantidades cuidadosamente medidas de óleo e de mel, podiam manter em estado de animação suspensa ou trazer rapidamente à maturidade. Tialys e Salmakia agora disporiam de trinta e seis horas, dependendo dos ventos, para trazer aquelas larvas à plena maturidade; porque este era aproximadamente o tempo que o voo

levaria e precisavam que os insetos emergissem antes que o zepelim aterrissasse.

O cavaleiro e sua colega encontraram um lugar esquecido atrás de uma antepara e trataram de se acomodar em segurança, enquanto a aeronave era carregada e abastecida; e então, os motores começaram a rugir, fazendo tremer a estrutura leve de ponta a ponta, enquanto a equipe da terra soltava as amarras e os oito zepelins subiam no céu noturno.

O povo deles teria considerado a comparação um insulto mortal, mas os dois conseguiram se esconder tão bem quanto ratos. Daquele esconderijo, os galivespianos ouviam muita coisa e mantiveram contato de hora em hora com lorde Roke, que estava a bordo do giróptero do rei Ogunwe.

Mas havia uma coisa que não puderam descobrir no zepelim, porque o Presidente em nenhum momento tocou no assunto: quem seria o assassino. O padre Gomez já havia sido absolvido do pecado que iria cometer se o Tribunal Consistorial fracassasse em sua missão; ele estava em outro lugar e ninguém sabia disso, nem ninguém o estava seguindo.

10. RODAS

Do mar elevou-se uma nuvem pequenina como a mão de um homem.
I REIS

— Pois é — disse a menina ruiva no jardim deserto do cassino. — Nós vimos essa mulher, eu e o Paolo, nós dois vimos. Ela apareceu por aqui já faz alguns dias.

— E se lembram de como ela era? — perguntou o padre Gomez.

— Ela parecia estar com calor — disse o garotinho. — Estava com o rosto todo suado.

— Que idade ela parecia ter?

— Cerca de... — a menina parou para refletir. — Acho que talvez uns quarenta ou cinquenta anos. Não vimos de perto. Talvez tivesse uns trinta. Mas estava com calor, como disse o Paolo, e estava carregando uma mochila bem grande, muito maior que a sua, deste tamanho...

Paolo sussurrou alguma coisa para ela, franzindo e revirando os olhos para espiar o padre enquanto o fazia. O sol batia forte em seu rosto.

— Ah, é — disse a menina com impaciência —, eu sei. Os Espectros — disse ela para o padre Gomez —, ela não tinha medo nenhum dos Espectros. Simplesmente andou pela cidade e nem se preocupou. Nunca vi um adulto fazer isso antes, é verdade. Ela parecia nem saber que eles existiam. Igual a você — acrescentou, olhando para ele em desafio.

— Tem muita coisa que eu não sei — concordou o padre Gomez em voz branda.

O garotinho puxou a manga da menina e sussurrou novamente.

— Paolo disse que acha que você vai pegar a faca de volta.

O padre Gomez sentiu a pele se arrepiar. Lembrou-se do depoimento de frei Pavel durante a investigação do Tribunal Consistorial: devia ser esta a faca que ele tinha mencionado.

— Se eu puder, pegarei. A faca foi feita aqui?

— Na Torre degli Angeli — disse a menina, apontando para a torre quadrada de pedra que se elevava acima dos telhados marrom-avermelhados. Ela cintilava ao sol

forte do meio-dia. — E o garoto que roubou a faca matou nosso irmão Tullio. Os Espectros pegaram o Tullio direitinho. Se você quiser matar esse garoto, tudo bem. E a menina, ela era uma mentirosa, era tão má quanto ele.

— Então a menina também esteve aqui? — perguntou o padre tentando não parecer muito interessado.

— Uma mentirosa nojenta — disse a menina ruiva com ódio. — Quase matamos os dois, mas então vieram umas mulheres, mulheres voadoras...

— Feiticeiras — disse Paolo.

— Feiticeiras, e não pudemos lutar contra elas. Levaram os dois embora, a menina e o garoto. Não sabemos para onde foram. Mas a mulher, ela veio depois. Pensamos que talvez *ela* tivesse alguma espécie de faca, para conseguir manter os Espectros longe, é verdade. E talvez *você* também tenha — disse ela, empinando o queixo e o encarando com audácia.

— Eu não tenho nenhuma faca — respondeu o padre Gomez. — Mas tenho uma tarefa sagrada a cumprir. Talvez isso esteja me protegendo desses... Espectros.

— É, pode ser — disse a menina. — De qualquer maneira, se quer encontrar a mulher, ela foi para o sul, para as montanhas. Não sabemos para onde. Mas pode perguntar a qualquer um, eles vão saber se ela tiver passado, porque não tem ninguém igual a ela em Ci'gazze, não tinha antes e não tem agora. Ela vai ser *fácil* de achar.

— Obrigado, Angélica. Deus vos abençoe, crianças.

Ele pôs a mochila nas costas, saiu do jardim e seguiu seu caminho pelas ruas quentes e silenciosas, se sentindo satisfeito.

Depois de passar três dias na companhia dos seres de rodas, Mary Malone sabia muito mais coisas a respeito deles, e eles igualmente sobre ela.

Naquela primeira manhã, eles a carregaram durante mais ou menos uma hora, pela estrada de basalto, até um povoado à margem de um rio, e a viagem foi desconfortável; ela não tinha onde segurar, e o lombo da criatura era duro. Seguiram rapidamente, em uma velocidade assustadora, mas o som de suas rodas sobre a superfície dura da estrada e o compasso rápido de suas patas eram de tal maneira estimulantes que a animaram a ponto de esquecer o desconforto.

E durante o percurso ela foi compreendendo melhor a fisiologia daqueles seres. Como os animais de pasto, seus esqueletos tinham uma estrutura em forma de

losango, com uma perna em cada um dos lados. Em algum momento, em um passado distante, uma linhagem de seres ancestrais devia ter desenvolvido aquela estrutura de forma que funcionasse, exatamente como os seres rastejantes no mundo de Mary haviam desenvolvido a coluna dorsal.

A estrada de basalto seguia gradualmente para um terreno mais baixo e, depois de algum tempo, o declive aumentava, e ali os seres podiam andar com as rodas livres. Eles encolhiam as pernas laterais e pilotavam se inclinando para um lado ou para o outro, se lançando em uma velocidade que Mary achou aterradora, embora tivesse que admitir que o ser em que estava montada nunca lhe deu a menor sensação de perigo. Se ao menos ela tivesse algo em que pudesse se apoiar, bem que teria gostado.

Na base da encosta de um quilômetro e meio, havia um grupo de árvores imensas e nas vizinhanças um rio serpenteava no terreno plano coberto de relva. A alguma distância Mary viu um clarão que parecia uma extensão maior de água, mas não passou muito tempo olhando para aquilo, porque os seres estavam se dirigindo para um povoado na margem do rio e ela estava louca de curiosidade para vê-lo.

Havia vinte ou trinta cabanas, mais ou menos agrupadas em um círculo, feitas de — ela teve que proteger os olhos contra o sol para ver — vigas de madeira cobertas com uma espécie de mistura de taipa e telhado de palha. Os outros seres de rodas estavam trabalhando: alguns consertavam os telhados, outros puxavam uma rede do rio, outros ainda traziam lenha para uma fogueira.

Ela entendeu que eles possuíam uma língua, tinham fogo e uma sociedade. E, mais ou menos nesse momento, ela se deu conta de uma mudança ocorrendo em sua mente, à medida que a palavra *criatura* se tornou a palavra *pessoa*. Aqueles seres não eram humanos, mas eram *pessoas*, disse a si mesma, não são *eles*, eles são *nós*.

Agora estavam bastante próximos e, vendo quem chegava, alguns dos aldeões levantaram a cabeça e gritaram uns aos outros para olharem. O grupo que vinha pela estrada reduziu a velocidade até parar e Mary desmontou, sentindo os músculos enrijecidos e sabendo que ficaria dolorida depois.

— Muito obrigada — disse para seu... seu o quê? Seu cavalo? Sua bicicleta? Ambas as ideias eram absurdamente erradas considerando a amabilidade do olhar brilhante e inteligente que estava a seu lado. Ela se decidiu, escolhendo... amigo.

Ele levantou a tromba e imitou as palavras dela:

— Mutobigada — disse, e mais uma vez riram, satisfeitos da vida.

Ela pegou a mochila que estava com um dos outros (bigada! bigada!) e os seguiu, saindo da faixa de basalto para a terra batida da aldeia.

E então a integração de Mary começou de verdade.

Nos dias que se seguiram, ela aprendeu tanta coisa que sentiu como se fosse uma criança de novo, deslumbrada com a escola. Para completar, as pessoas de rodas pareciam estar igualmente maravilhadas com ela. Primeiro, havia suas mãos. Eles pareciam nunca se cansar delas: as trombas delicadas examinavam cada articulação, percorrendo os polegares, os nós dos dedos e as unhas, flexionando-os delicadamente e observando com espanto quando ela pegava a mochila, levava comida à boca, se coçava, penteava o cabelo, se lavava.

Em troca, deixavam que ela examinasse suas trombas. Eram infinitamente flexíveis e tinham aproximadamente o mesmo comprimento do braço de Mary, mais grossas no ponto onde se uniam à cabeça e suficientemente fortes para esmagar seu crânio, imaginava. As duas projeções semelhantes a dedos que ficavam na ponta eram capazes de uma força enorme e de grande delicadeza; os seres pareciam poder variar a tensão da pele no interior, no que seria o equivalente à ponta dos dedos, de uma maciez de veludo a uma solidez semelhante à madeira. Por causa disso, podiam usar a tromba tanto para tarefas delicadas, como ordenhar os animais de pasto, quanto para tarefas mais duras, como arrancar e curvar galhos.

Pouco a pouco, Mary se deu conta de que as trombas também desempenhavam um papel na comunicação. Um movimento de tromba podia modificar o significado de um som, de modo que a palavra que soava como "tchah" significava água quando acompanhada de um movimento circular da tromba da esquerda para a direita, "chuva" quando a tromba se virava para cima na ponta, "tristeza" quando se virava em curva para baixo, e "novos brotos de relva" quando fazia um rápido peteleco para a esquerda. Tão logo percebeu isso, Mary os imitou, movendo o braço o melhor que podia da mesma maneira, e os seres perceberam que ela estava começando a falar a língua deles e ficaram radiantes.

Depois que começaram a conversar (principalmente na língua deles, apesar de ela ter conseguido ensinar a eles algumas palavras em sua língua: sabiam dizer "bigadu" e "reuva", "áaavore", "céu" e "rio", e pronunciar o nome dela, com alguma dificuldade), progrediram muito rapidamente. A palavra deles para se referirem a si mesmos como povo era mulefa, mas um indivíduo era zalif. Mary achava que havia

uma diferença entre os sons para zalif macho e zalif fêmea, mas era muito sutil para que ela percebesse com facilidade. Começou a escrever tudo aquilo, a reunir palavras para um dicionário.

Mas antes de se deixar entregar verdadeiramente àquela tarefa, pegou seu livro maltratado e as varetas de milefólio e perguntou ao I Ching: eu deveria estar aqui fazendo isso ou deveria seguir adiante para algum outro lugar e continuar procurando?

A resposta foi: *A QUIETUDE Significa se deter, a verdadeira quietude consiste em se manter imóvel quando chega o momento de se manter imóvel e avançar quando chega o momento de avançar. Desse modo a inquietação se dissipa; então para além da luta e do tumulto individuais, se pode compreender as grandes leis do universo e agir em harmonia com elas*.

E prosseguia: *Montanhas próximas umas das outras: a imagem da QUIETUDE. Assim o homem superior não permite que sua vontade e seus pensamentos o levem além da situação em que se encontra*.

Uma resposta mais clara seria impossível. Ela juntou as varetas e guardou o livro e então percebeu que havia atraído a atenção de um círculo de seres que a observavam.

— *Pergunta? Permissão? Curioso* — disse um deles.

— *Por favor. Pode olhar* — respondeu ela.

Muito delicadamente as trombas se moveram, separando as varetas no mesmo movimento de contagem que ela estivera fazendo, ou virando as páginas do livro. Uma coisa que os deixava espantadíssimos era o fato de ela ter duas mãos; e por isso poder segurar o livro e virar as páginas ao mesmo tempo. Adoravam observá-la cruzar os dedos, ou fazer brincadeiras infantis com eles, ou fazer o gesto de juntar polegar e indicador repetidas vezes, o mesmo gesto que Ama estava fazendo, exatamente naquele momento, no mundo de Lyra, como forma de afastar maus espíritos.

Depois de terem examinado as varetas de milefólio e o livro, eles os embrulharam cuidadosamente no pano e os puseram na mochila de Mary. Ela se sentia feliz e tranquilizada pela mensagem da China antiga, porque significava que o que mais queria fazer era, naquele momento, exatamente o que deveria fazer.

E assim se dedicou a aprender mais a respeito dos mulefas, com o coração tranquilo.

Descobriu que havia dois sexos e que eles viviam em casais monogâmicos. Seus filhos tinham uma infância bastante longa: no mínimo dez anos, crescendo muito lentamente, pelo menos até onde conseguia interpretar a explicação deles. Havia cinco crianças naquele povoado, um quase crescido e os outros em algum ponto no meio do caminho, e por serem menores que os adultos, não conseguiam usar as rodas de semente. As crianças se moviam como os animais de pasto, com as quatro patas no chão, mas a despeito de toda a sua energia e vontade de aventuras (correndo até junto de Mary e então se afastando timidamente, tentando subir pelos troncos das árvores, despencando nas águas rasas, e assim por diante), pareciam desajeitadas, como se estivessem fora de seu ambiente. Em contraste, a velocidade e a graça dos adultos era surpreendente, e Mary percebeu o quanto um jovem em fase de crescimento devia ansiar pelo dia em que as rodas lhe caberiam. Ela observou a criança mais velha, certo dia, ir silenciosamente até a casa que servia de depósito, onde algumas sementes eram guardadas, e experimentar encaixar sua garra dianteira no buraco central; mas, quando tentou se levantar, caiu imediatamente, ficando presa, e o som atraiu um adulto. A criança lutou para se soltar, guinchando de aflição, e Mary não conseguiu conter o riso diante do quadro, o pai indignado e a criança travessa pega em flagrante, que conseguiu se soltar no último minuto e sair correndo.

As rodas de sementes eram claramente da maior importância, e logo Mary começou a compreender exatamente o quanto eram valiosas.

Para começar, os mulefas passavam a maior parte do tempo cuidando da manutenção de suas rodas. Levantando e girando a garra com habilidade, eles a retiravam do buraco e então usavam a tromba para examinar toda a roda, limpando a borda do buraco, verificando se havia rachaduras. A garra era formidavelmente forte, como uma espora de chifre ou de osso, saindo em ângulo reto com relação à perna e ligeiramente curvada de modo que a parte mais alta, no meio, sustentava o peso ao se apoiar no interior do buraco. Certo dia Mary ficou observando enquanto uma zalif examinava o buraco em sua roda da frente, tocando aqui e ali, levantando a tromba no ar e levando-a de volta, como se testando o aroma.

Ela se lembrou do óleo que havia descoberto em seus dedos quando examinara a primeira semente. Depois de pedir permissão à zalif, examinou sua garra e descobriu que a superfície era mais lisa e escorregadia do que qualquer coisa que já houvesse tocado em seu mundo. Seus dedos simplesmente não conseguiam ficar

parados sobre aquela superfície. A garra inteira parecia impregnada do óleo ligeiramente perfumado, e depois de Mary ter visto uma quantidade de aldeões experimentando o aroma, testando, verificando o estado de suas rodas e garras, começou a se perguntar o que teria vindo primeiro: roda ou garra? "Ciclista" ou árvore?

Embora, evidentemente, também houvesse um terceiro elemento, que era a geologia. Os seres só podiam usar rodas em um mundo que lhes oferecesse estradas naturais. Devia haver algum aspecto na composição daqueles derramamentos de lava que os fazia correr em tiras, como se fossem fitas estendidas sobre a vasta savana e serem tão resistentes às intempéries e rachaduras. Pouco a pouco, Mary começou a ver a maneira como tudo era interligado e, aparentemente, administrado pelos mulefas. Eles sabiam qual era a localização de todos os rebanhos de animais de pasto, de todos os bosques de árvores-das-rodas, de todos os recantos de relva doce, e conheciam todos os indivíduos nos rebanhos, e cada árvore separadamente, e discutiam seu bem-estar e seu destino. Em uma ocasião, ela viu os mulefas escolherem um rebanho de animais de pasto, selecionar alguns indivíduos e separar estes do restante, para depois dar cabo deles quebrando seus pescoços com uma violenta torcida de tromba. Nada foi desperdiçado. Segurando com a tromba flocos de pedra afiados como lâminas, os mulefas tiraram a pele e limparam os animais em minutos, depois deram início a um cuidadoso trabalho de corte da carne, separando as partes não aproveitadas, a carne macia e as juntas mais duras, cortando a gordura, removendo os chifres e os cascos, trabalhando de maneira tão eficiente que Mary ficou admirando com aquele prazer que sentia ao ver qualquer coisa ser bem-feita.

Em pouco tempo, tiras de carne estavam penduradas para secar ao sol e outras tinham sido cobertas de sal e embrulhadas em folhas; as peles tinham sido absolutamente limpas de toda gordura, que foi separada para ser usada mais tarde, e depois postas de molho em poços de água cheios de pedaços de casca de carvalho para curtir; e a criança mais velha estava brincando com um par de chifres, fingindo ser um animal de pasto, fazendo as outras crianças rirem. Naquela noite houve carne fresca para comer, e Mary participou do banquete.

Da mesma maneira, os mulefas sabiam onde se podiam apanhar os melhores peixes e exatamente quando e onde lançar suas redes. Procurando alguma coisa que pudesse fazer, Mary se dirigiu aos rendeiros e se ofereceu para ajudar. Quando ela viu como eles trabalhavam, não cada um por si, mas de dois em dois, movendo as

trombas em conjunto para dar um nó, compreendeu como tinham ficado surpreendidos com suas mãos, pois claro que ela podia dar nós sozinha. De início, acreditou que aquilo lhe dava uma vantagem — não precisava de mais ninguém; mas depois percebeu como a mantinha distante dos outros. Talvez todos os seres humanos fossem assim. E, a partir daquele momento, usou só uma das mãos para dar nós nas fibras, dividindo sua tarefa com uma zalif fêmea que havia se tornado sua amiga mais próxima, dedos e tromba se movendo juntos para dentro e para fora.

Mas, de todas as coisas vivas de que o povo de rodas cuidava, era com as árvores-das-rodas que tinham maior cuidado.

Havia meia dúzia de arvoredos na área que estava sob os cuidados daquele grupo. Havia outros mais distantes, mas esses eram de responsabilidade de outros grupos. A cada dia uma equipe saía para verificar o bem-estar das grandiosas árvores e para colher quaisquer sementes que tivessem caído. O que os mulefas tinham a ganhar era evidente; mas como as árvores poderiam se beneficiar desse intercâmbio? Um belo dia ela viu. Estava montada acompanhando o grupo quando, de repente, houve um ruído alto, *craque*, e todo mundo parou imediatamente, rodeando um indivíduo cuja roda havia se partido. Todo grupo levava consigo uma ou duas de reserva, de modo que o zalif com a roda quebrada logo estava novamente aparelhado; mas a roda quebrada foi cuidadosamente embrulhada em um pano e levada de volta para o povoado.

Lá eles a abriram, retiraram todas as pequenas sementes que haviam em seu interior — ovais, achatadas e de cor clara, do tamanho da unha do dedo mindinho de Mary — e examinaram cada uma cuidadosamente. Então, explicaram que as sementes maiores precisavam do atrito e do desgaste constantes que recebiam nas superfícies duras das estradas para poderem se partir, e também que as sementes pequenas eram difíceis de germinar. Sem os cuidados dos mulefas, as árvores morreriam todas. Uma espécie dependia da outra e, além disso, era o óleo que tornava tudo possível. Foi difícil compreender, mas eles pareciam estar dizendo que o óleo era o elemento mais importante para a capacidade de pensar e de sentir que possuíam; que os jovens não tinham a sabedoria dos mais velhos porque não podiam usar as rodas e, desse modo, absorver o óleo através de suas garras.

E foi então que Mary começou a ver a ligação entre os mulefas e a questão que havia ocupado os últimos anos de sua vida.

Mas, antes que pudesse examinar essa ideia melhor (e as conversas com os

mulefas eram longas e complexas, porque eles adoravam qualificar e ilustrar seus argumentos com dúzias de exemplos, como se nunca se esquecessem de nada e todo o seu conhecimento estivesse imediatamente disponível para referências), o povoado foi atacado.

Mary foi a primeira a ver os atacantes se aproximando, embora não soubesse o que eram.

Aconteceu no meio da tarde, quando estava ajudando a consertar o telhado de uma cabana. Os mulefas só construíam um andar, porque não eram muito chegados a subidas; mas Mary não se incomodava de escalar até o telhado e podia colocar a palha e amarrá-la na estrutura com suas duas mãos, depois que lhe ensinaram a técnica, muito mais rapidamente que eles.

De modo que estava sentada, apoiada nas vigas de uma casa, pegando os maços de palha que eram jogados para ela e apreciando a brisa fresca que vinha da água, amenizando o calor do sol, quando seu olhar foi atraído por um lampejo branco.

Vinha daquele lugar de brilho distante que pensava ser o mar. Protegeu os olhos com a mão e viu uma, duas, mais, uma frota inteira de velas brancas altas emergindo da névoa quente, a alguma distância, dirigindo-se com graça silenciosa para a foz do rio.

— *Mary!* — chamou o zalif lá embaixo. — *O que está vendo?*

Ela não conhecia a palavra para vela, ou barco, de modo que disse:

— *Alto, branco, muitos.*

Imediatamente o zalif deu um grito de alarme e todo mundo que o ouviu parou de trabalhar e correu para o centro do povoado, chamando as crianças. Em menos de um minuto todos os mulefas estavam prontos para fugir.

— *Mary! Mary! Venha! Tualapi!* — chamou Atal, sua amiga. — *Tualapi!*

Tudo aconteceu tão depressa que Mary mal teve tempo de se mexer. A essa altura as velas já tinham entrado no rio, avançando com facilidade contra a corrente. Mary ficou impressionada com a disciplina dos marinheiros: manobravam rapidamente, as velas se movendo juntas como um bando de estorninhos, todas mudando de direção simultaneamente. E eram tão bonitas, aquelas velas esguias, brancas como a neve, se dobrando e se inclinando e se enfunando...

Havia umas quarenta, no mínimo, e estavam subindo o rio muito mais rapidamente do que ela havia imaginado. Mas não viu tripulantes a bordo e então se

deu conta de que não eram barcos coisa nenhuma: eram pássaros gigantes, e as velas eram suas asas, uma na proa e uma na popa, mantidas erguidas e flexionadas, sendo manobradas pela força de seus próprios músculos.

Não havia tempo para parar e estudá-los, porque já haviam chegado à margem e estavam subindo. Eles tinham pescoços como os de cisnes e bicos tão compridos quanto seu antebraço. As asas eram duas vezes mais altas que ela e viu — lançando um olhar rápido para trás, por sobre o ombro, enquanto fugia assustada — que eles tinham pernas poderosíssimas: não era de espantar que se movessem tão depressa na água.

Ela correu muito atrás dos mulefas, que gritavam seu nome enquanto fugiam do povoado e seguiam para a estrada. Ela os alcançou bem a tempo: sua amiga Atal estava esperando, e enquanto Mary montava em suas costas ela começou a bater com os pés na estrada, se afastando a toda velocidade e subindo a encosta atrás de seus companheiros.

Os pássaros não se moviam com a mesma velocidade em terra, então logo desistiram da perseguição e se viraram de volta para o povoado.

Eles abriram com violência os depósitos de alimentos, rosnando e rugindo, atirando os bicos cruéis para o alto, enquanto engoliam a carne-seca e todas as frutas em conserva e os cereais. Tudo que havia de comestível desapareceu em menos de um minuto.

Então os tualapi descobriram o depósito de rodas e tentaram abrir a pancadas as grandes sementes, mas estava além de suas forças. Mary sentiu seus amigos ficarem tensos de preocupação ao seu redor, enquanto observavam do alto do pequeno morro e viam uma roda depois da outra ser atirada ao chão, chutada, arranhada pelas garras das pernas poderosas, mas claro que não sofreram nenhum dano por causa disso. O que preocupava os mulefas era que várias delas estavam sendo empurradas aos trancos e com cotoveladas para dentro da água do rio, onde flutuavam pesadamente, descendo em direção ao mar.

Então os grandes pássaros brancos como a neve começaram a demolir tudo que viam pela frente com chutes brutais e movimentos penetrantes, destruidores, sacudindo e arrancando as coisas com seus bicos. Os mulefas ao redor de Mary estavam sussurrando, quase chorando de tristeza.

— *Eu ajudo* — disse Mary. — *Nós fazemos de novo.*

Mas as criaturas vis não tinham acabado ainda; levantando as belas asas bem alto,

se agacharam em meio à devastação e esvaziaram seus intestinos. O cheiro subiu a encosta trazido pela brisa; pilhas e poças de excrementos verde-preto-marrom-esbranquiçados se espalhavam em meio às vigas partidas e nos maços de palha espalhados. Então os pássaros seguiram de volta para a água com seus movimentos desajeitados em terra dando-lhes um andar pomposo e afetado, e saíram velejando, descendo o rio em direção ao mar.

Só quando a última asa branca tinha desaparecido na neblina da tarde foi que os mulefas tornaram a descer pela estrada. Estavam cheios de dor e de raiva, mas o principal era que estavam tremendamente preocupados com o depósito.

Das quinze sementes que havia, só restavam duas. O resto tinha sido empurrado até a água e fora perdido. Mas havia um banco de areia na curva seguinte do rio, e Mary teve a impressão de avistar uma roda que tinha ficado presa ali; então, para a surpresa e aflição dos mulefas, ela tirou as roupas, amarrou um pedaço de corda em volta da cintura e nadou até lá. No banco de areia ela encontrou não uma, mas cinco das preciosas rodas, e passando a corda pelas suas macias cavidades centrais, nadou de volta puxando sua carga.

Os mulefas ficaram cheios de gratidão. Eles nunca entravam na água e só pescavam da margem, tomando cuidado para manter os pés e as rodas secos. Mary sentiu que finalmente tinha feito alguma coisa útil para eles.

Mais tarde naquela noite, depois de uma parca refeição de raízes doces, eles contaram a ela por que tinham ficado tão preocupados com as rodas. Outrora, houvera um tempo em que as sementes eram abundantes e em que o mundo era rico e cheio de vida, e os mulefas viviam com suas árvores em perpétua felicidade. Mas alguma coisa havia acontecido, muitos anos atrás; alguma virtude havia saído e abandonado aquele mundo; porque, apesar de todo o esforço, todo o amor e a atenção que os mulefas pudessem dar a elas, as árvores-das-rodas estavam morrendo.

11. AS LIBÉLULAS

Uma verdade de má-fé contada
é capaz de derrotar qualquer mentira por ti inventada.
WILLIAM BLAKE

Ama subiu a trilha que levava à caverna carregando leite e pão na sacola às costas e com uma dúvida terrível fazendo seu coração pesar. Que jeito neste mundo poderia dar para conseguir chegar perto da menina adormecida?

Ela alcançou o pedregulho onde a mulher lhe dissera para deixar a comida. Colocou as coisas no chão, mas não voltou direto para casa; subiu mais um pouco, indo além da caverna e circulando a massa espessa de vegetação, depois mais um pouco ainda, até onde as árvores ficavam mais escassas e os arco-íris começavam.

Ali, ela e seu daemon costumavam fazer uma brincadeira: subiam acima das reentrâncias na rocha e das pequenas cachoeiras verde-esbranquiçadas, passando pelos redemoinhos e pela espuma colorida do espectro solar, até que os cabelos e as pálpebras dela e o pelo de esquilo dele ficassem totalmente cobertos por um milhão de minúsculas pérolas de água. A brincadeira era chegar ao topo sem limpar os olhos, apesar da tentação, e logo a luz do sol brilhava e se dispersava em vermelho, amarelo, verde, azul e todas as cores intermediárias, mas não podiam passar a mão nos olhos para ver melhor até que chegassem no topo, ou perdiam o jogo.

Seu daemon, Kulang, saltou para a rocha que ficava na beira da pequena cachoeira mais alta, e ela soube que imediatamente se viraria para ter certeza de que ela não limparia a água dos cílios — só que ele não se virou.

Em vez disso, ficou agarrado na pedra, olhando para a frente.

Ama limpou os olhos, porque o jogo estava cancelado pela surpresa que seu daemon estava sentindo. Quando escalou até ali para olhar por sobre a beirada, deu um pequeno soluço de susto e ficou imóvel, porque, olhando para baixo, direto para ela, estava a cara de uma criatura que nunca vira antes: um urso, mas imenso, apavorante, com quatro vezes o tamanho dos ursos pardos da floresta e branco como marfim, com um focinho e olhos pretos, e garras compridas como punhais. Ele

estava apenas à distância de um braço. Ela podia ver cada pelo em sua cabeça.

— Quem é essa? — disse a voz de um garoto e, embora Ama não compreendesse as palavras, percebeu o sentido com muita facilidade.

Depois de um instante o garoto apareceu ao lado do urso: com uma expressão feroz, olhos franzidos e o queixo empinado. E seria aquilo ao lado dele um daemon, com forma de pássaro? Mas um pássaro muito estranho, diferente de todos que ela conhecia. Ele voou até Kulang e falou rapidamente:

— Amigos. Não vamos machucar vocês.

O grande urso branco não havia se movido um milímetro.

— Suba até aqui — disse o garoto, e mais uma vez seu daemon traduziu para ela o sentido do que ele dizia.

Vigiando o urso com respeito e temor supersticiosos, Ama subiu até o lado da pequena cachoeira e ficou parada timidamente no rochedo. Kulang se transformou em uma borboleta e pousou por um instante em seu rosto, mas logo saiu para esvoaçar em volta do outro daemon, que estava pousado no ombro do garoto.

— Will — disse o garoto, apontando para si mesmo.

— Ama — ela respondeu. Agora que podia vê-lo direito, estava quase com mais medo do garoto do que do urso. Ele tinha um ferimento terrível: faltavam dois de seus dedos. Ama ficou tonta quando viu aquilo.

O urso se virou, entrando no riacho de águas leitosas, e se deitou na água, como que para se refrescar. O daemon do garoto levantou voo e ficou esvoaçando com Kulang entre os arco-íris e pouco a pouco eles começaram a se entender.

E o que estavam procurando, senão uma caverna com uma garota adormecida?

As palavras jorraram em uma torrente em sua resposta:

— Eu sei onde é! E a mulher que diz ser mãe dela faz ela ficar dormindo à força, mas nenhuma mãe seria tão malvada, não é? A mulher obriga ela a beber uma coisa que faz ela dormir, mas eu tenho umas ervas que fariam ela acordar, se conseguisse chegar perto!

Will podia apenas sacudir a cabeça e esperar que Balthamos traduzisse. Levou mais de um minuto.

— Iorek — chamou, e o urso veio andando pesadamente até junto da margem, lambendo os beiços, pois acabara de engolir um peixe. — Iorek, essa menina diz que sabe onde Lyra está. Vou até lá com ela para ver, enquanto você fica aqui de vigia.

Iorek Byrnison, parado de quatro dentro do riacho, concordou silenciosamente.

Will escondeu a mochila e afivelou a faca no cinto, antes de descer por entre os arco-íris, acompanhando Ama com alguma dificuldade. Ele teve que esfregar os olhos e se esforçar para enxergar em meio aos reflexos ofuscantes para ver onde era seguro pôr os pés; a névoa que enchia o ar estava gelada.

Quando chegaram à base das cachoeiras, Ama fez um sinal para irem com cuidado e não fazer barulho, e Will foi atrás dela, descendo a encosta silenciosamente, por entre os rochedos cobertos de musgo e os imensos troncos retorcidos dos pinheiros, onde a luz salpicada dançava em um verde intenso, e um bilhão de minúsculos insetos zumbiam e cantavam. E seguiram descendo e descendo cada vez mais; ainda assim, a luz do sol os seguiu, penetrando nas profundezas do vale, enquanto acima os galhos se agitavam sem cessar no céu claro.

Então, Ama parou. Will se escondeu atrás do tronco maciço de um cedro e olhou para onde ela estava apontando. Através de um emaranhado de folhas e de galhos, ele viu a parede lateral de um penhasco que se erguia verticalmente à direita e, a meio caminho na subida...

— A sra. Coulter — sussurrou, o coração batendo acelerado.

A mulher surgiu de trás de um pedregulho e sacudiu um galho coberto de folhas, depois o largou e esfregou as mãos para limpá-las. Será que estivera varrendo o chão? Suas mangas estavam arregaçadas e o cabelo preso por um lenço. Will nunca poderia ter imaginado a sra. Coulter com uma aparência tão doméstica.

Mas então houve um lampejo de dourado e aquele macaco feroz apareceu, saltando sobre seu ombro. Como se estivessem desconfiando de alguma coisa, os dois olharam atentamente ao redor e, de repente, a sra. Coulter não parecia mais nem um pouco doméstica.

Ama estava sussurrando em tom urgente: tinha medo do daemon macaco dourado; ele gostava de arrancar as asas de morcegos enquanto ainda estavam vivos, era um ser cruel.

— Tem mais alguém com ela? — perguntou Will. — Nenhum soldado ou coisa parecida?

Ama não sabia. Nunca tinha visto soldados, mas, de fato, as pessoas falavam de homens estranhos e assustadores, ou talvez fossem fantasmas, vistos nas encostas durante a noite... Mas sempre houvera espíritos e fantasmas nas montanhas, todo mundo sabia disso. Talvez não tivessem nada a ver com a mulher.

Bem, pensou Will, *se Lyra está na caverna e a sra. Coulter não sair, vou ter que ir lá*

fazer uma visita.

— O que é esse remédio que você tem? — perguntou Will. — O que você tem que fazer para acordar Lyra?

Ama explicou.

— E onde está agora?

— Na minha casa — respondeu. — Escondido.

— Então está certo. Espere aqui e não se aproxime. Quando encontrar com ela, não deve dizer que me conhece. Você nunca me viu, nem viu o urso. Quando deve voltar para trazer comida para ela?

— Meia hora antes do pôr do sol — respondeu o daemon de Ama.

— Então, quando voltar traga o remédio — instruiu Will. — Eu encontro você aqui.

Ama ficou observando com intensa preocupação enquanto ele seguia descendo a trilha. Com certeza não acreditava no que ela havia acabado de contar sobre o daemon macaco, caso contrário não estaria indo para a caverna tão despreocupadamente.

Na verdade, Will estava muito nervoso. Todos os seus sentidos estavam atentos, e ele percebia até os insetos mais minúsculos esvoaçando nos raios de sol, e o farfalhar de cada folha, e o movimento das nuvens acima, apesar de seus olhos em nenhum momento terem se despregado da entrada da caverna.

— Balthamos — sussurrou, e o anjo daemon voou até seu ombro sob a forma de um passarinho de olhos brilhantes e asas vermelhas. — Fique perto de mim e vigie aquele macaco.

— Então olhe para a direita — respondeu Balthamos secamente. E Will viu um lampejo de luz dourada na boca da caverna que tinha cara e olhos e os estava observando. Estavam a menos de vinte passos de distância. Will se deteve, ficando imóvel, e o macaco dourado virou a cabeça para olhar para dentro da caverna, disse alguma coisa e se voltou novamente para ele.

Will pôs a mão no cabo da faca, então continuou a andar.

Quando chegou à caverna, a mulher estava esperando por ele.

Ela estava sentada muito confortavelmente em sua cadeirinha de lona, com um livro no colo, observando-o calmamente. Vestia roupas de viagem de cor cáqui, mas eram tão bem cortadas e seu corpo era tão gracioso que parecia uma modelo de alta costura, e o pequeno buquê de botões de flores vermelhas que tinha prendido na

camisa parecia a mais elegante das joias. Os cabelos brilhavam, e seus olhos escuros faiscavam, as pernas nuas reluzindo bronzeadas sob a luz dourada do sol.

Ela sorriu. Will quase retribuiu, porque não estava habituado com a doçura e delicadeza que uma mulher podia incutir em um sorriso, e aquilo o deixou inquieto.

— Você é Will — disse ela, naquela voz baixa, inebriante.

— Como sabe o meu nome? — perguntou em tom mal-educado.

— Lyra diz seu nome mesmo dormindo.

— Onde ela está?

— A salvo.

— Quero vê-la.

— Então venha — disse ela e se levantou, largando o livro sobre a cadeira.

Pela primeira vez desde que chegara à presença da sra. Coulter, Will olhou para o daemon macaco dourado. O pelo dele era longo e lustroso, cada fio parecendo ser feito de ouro puro, muito mais fino do que cabelo humano, e sua carinha e mãos eram pretas. Da última vez que Will tinha visto aquela cara, contorcida de ódio, fora na noite em que ele e Lyra tinham roubado de volta o aletiômetro de sir Charles Latrom, na casa em Oxford. O macaco tentara morder Will com os dentes afiados até que o garoto golpeara com a faca, obrigando o daemon a recuar. Então fechara a janela e ele e Lyra estavam a salvo em um mundo diferente. Will refletiu que, agora, nada no mundo o faria dar as costas àquele macaco.

Mas Balthamos, sob a forma de passarinho, o estava vigiando atentamente, e Will entrou pisando com cuidado na caverna e seguiu a sra. Coulter até o vulto pequenino deitado imóvel nas sombras.

E lá estava ela, sua amiga mais querida, adormecida. Parecia tão pequena! Ele ficou surpreso com o fato de que toda a força e fogo que eram Lyra pudessem ter uma aparência tão frágil e delicada quando estava dormindo. Enroscado em seu pescoço estava Pantalaimon sob sua forma de arminho, a pelagem brilhando. Os cabelos de Lyra escorriam úmidos, colados em sua testa.

Will se ajoelhou ao lado dela e afastou os cabelos. O rosto de Lyra estava pelando. Pelo canto do olho Will viu o macaco dourado agachado, pronto para dar o bote, e pôs a mão sobre a faca, mas a sra. Coulter sacudiu a cabeça muito ligeiramente e o macaco relaxou.

Enquanto isso, Will estava discretamente memorizando com exatidão o interior da caverna: a forma e o tamanho de cada rocha, a inclinação do solo, a altura exata

do teto acima da garota dormindo. Teria que saber por onde passar e como achar a menina no escuro, e aquela era a única oportunidade que teria de investigar isso.

— Como está vendo, ela está em segurança — disse a sra. Coulter.

— Por que a está mantendo aqui? E por que não deixa Lyra acordar?

— Vamos nos sentar.

Ela não voltou para a cadeira; em vez disso, levou Will até as pedras cobertas de musgo na entrada da caverna. Parecia tão gentil e havia uma sabedoria tão triste em seus olhos que a desconfiança de Will aumentou. Sentia que cada palavra que ela dizia era mentira, que todas as suas ações escondiam uma ameaça e cada sorriso era uma máscara de fingimento. Bem, ele teria que lhe dar o troco e enganá-la: teria que fazer a sra. Coulter acreditar que era inofensivo. Mas havia enganado muito bem todos os professores e policiais, todas as assistentes sociais e vizinhos que algum dia tinham demonstrado algum interesse por ele e por sua casa; vinha se preparando para isso a vida inteira.

Certo, pensou ele. *Posso lidar muito bem com você.*

— Gostaria de beber alguma coisa? — perguntou a sra. Coulter. — Eu também vou beber... Não há nenhum perigo. Veja.

Ela cortou uma estranha fruta marrom enrugada e espremeu o suco leitoso em duas pequenas canecas. Bebeu em uma e ofereceu a outra a Will, que também bebericou e achou o suco fresco e doce.

— Como você conseguiu chegar aqui? — perguntou ela.

— Não foi difícil seguir vocês.

— Estou vendo. Está com o aletiômetro de Lyra?

— Estou — respondeu, e deixou que ela tentasse descobrir sozinha se ele sabia ou não usar o instrumento.

— E você tem a faca, pelo que me disseram.

— Foi sir Charles quem te contou isso, não foi?

— Sir Charles? Ah... Carlo, é claro. Foi ele, sim. Deve ser fascinante. Posso ver?

— Não, é claro que não — retrucou ele. — Por que está mantendo Lyra aqui?

— Porque eu a amo. Sou a mãe dela. Lyra está correndo um perigo terrível e não vou permitir que nada aconteça a ela.

— Perigo de quê? — perguntou Will.

— Bem... — disse ela, e colocou a canequinha no chão, se inclinando para a frente de maneira que seus cabelos balançassem ao lado do rosto. Quando tornou a erguer

o tronco, puxou os cabelos para trás, ajeitando as mechas atrás das orelhas com as duas mãos, e Will sentiu a fragrância de algum perfume que ela estava usando, combinado com o cheiro fresco de seu corpo, e ficou inquieto.

Se a sra. Coulter percebeu sua reação, não demonstrou. Então prosseguiu:

— Olhe, Will, não sei como você e minha filha se conheceram e não sei do que você sabe, e, certamente, não sei se posso confiar em você; mas, ao mesmo tempo, estou cansada de mentir. De modo que aqui vai a verdade. — Então ela prosseguiu: — Descobri que exatamente as pessoas da instituição à qual eu pertencia, a Igreja, representam um perigo para minha filha. Francamente, eu acho que eles querem matá-la. Isso me colocou diante de um dilema, sabe: obedecer à Igreja ou salvar minha filha. Eu também era uma servidora fiel da Igreja. Não havia ninguém mais dedicado; dei minha vida à Igreja; fui sua servidora apaixonada. Mas tive esta filha...

Ela fez uma pausa.

— Sei que não cuidei bem dela quando era pequena. Foi tirada de mim e criada por estranhos. Talvez isso tenha tornado difícil para ela confiar em mim. Mas quando estava crescendo, vi o perigo que corria, e agora já por três vezes tentei salvar Lyra. Tive que me tornar uma renegada e me esconder neste lugar perdido, e pensei que estivéssemos em segurança; mas agora acabo de descobrir que você nos achou com tanta facilidade... bem, acho que pode compreender, isso me preocupa. A Igreja não deve estar muito longe. E eles querem matar minha filha, Will. Eles não permitirão que ela viva.

— Por quê? Por que eles odeiam tanto ela?

— Por causa do que acreditam que ela vai fazer. Não sei o que é; gostaria muito de saber, pois assim poderia mantê-la ainda mais segura. Mas tudo o que sei é que eles a odeiam e que não terão misericórdia nenhuma.

Ela se inclinou para a frente, falando em tom urgente, baixo e cauteloso:

— Por que estou contando isso a você? Posso confiar em você? Acho que vou ter que confiar. Não posso mais fugir, não há mais para onde ir. E se você é amigo de Lyra, poderia ser meu amigo também. E eu realmente estou precisando de amigos, realmente estou precisando de ajuda. Agora tudo está contra mim. A Igreja vai me destruir também, exatamente como Lyra, se nos encontrar. Eu estou sozinha, Will, sou só eu em uma caverna com minha filha e todas as forças de todos os mundos estão tentando nos encontrar. E aqui está você, para mostrar como, aparentemente, é fácil nos achar. O que você vai fazer, Will? O que você quer?

— Por que mantém Lyra adormecida? — perguntou ele, teimosamente, evitando as perguntas.

— O que aconteceria se eu a deixasse acordar? Ela fugiria imediatamente. E não sobreviveria nem cinco dias.

— Mas por que não explica a ela e dá uma escolha?

— Você acha que ela me ouviria? Acha que, mesmo se me ouvisse, acreditaria em mim? Lyra não confia em mim. Ela me detesta, Will. Você deve saber disso. Ela me despreza. Eu, bem... eu não sei como dizer isso... eu a amo tanto que abandonei tudo o que eu tinha, uma carreira brilhante, uma grande felicidade, posição e riqueza, tudo, para vir a esta caverna nas montanhas e viver de pão seco e frutas amargas, só para poder manter minha filha viva. E se para fazer isso eu tiver que mantê-la adormecida, assim seja. Mas eu *tenho* que salvar sua vida. Sua mãe não faria o mesmo por você?

Will sentiu um choque de raiva ao ouvir a sra. Coulter se referir à mãe dele para defender seus argumentos. Depois, esse primeiro choque foi complicado pelo pensamento de que sua mãe, afinal, não o havia protegido; *ele* tivera que protegê-la. Será que a sra. Coulter amava Lyra mais do que Elaine Parry o amava? Mas isso era injusto: sua mãe não estava bem.

Ou a sra. Coulter não tinha conhecimento do turbilhão de sentimentos que suas palavras simples haviam criado ou ela era monstruosamente esperta. Seus belos olhos observaram com brandura, enquanto o rosto de Will mudava e ele se mexia desconfortavelmente; e, por um momento, a sra. Coulter ficou espantosamente parecida com sua filha.

— Mas o que *você* vai fazer? — ela perguntou.

— Bem, agora eu já vi Lyra, e ela está viva, isso está claro. E acho que está em segurança. Isso é tudo o que eu tinha para fazer. Então, agora que já fiz, posso ir embora para ajudar lorde Asriel, como já deveria ter feito.

Aquilo de fato a surpreendeu, mas ela se controlou.

— Você não quer dizer... eu pensei que poderia nos ajudar — argumentou, bastante calmamente, sem suplicar, mas questionando. — Com a faca. Eu vi o que você fez na casa de sir Charles. Poderia nos deixar em segurança, não poderia? Poderia nos ajudar a fugir?

— Agora eu vou embora — disse Will, se levantando.

Ela estendeu a mão. Um sorriso triste, um dar de ombros e um meneio de cabeça,

como se cumprimentando um adversário inteligente que tivesse feito um bom movimento no tabuleiro de xadrez: isso foi tudo o que seu corpo disse. Will descobriu que estava gostando dela, porque era corajosa e porque parecia ser uma Lyra mais complexa, mais rica e mais profunda. Não conseguia não gostar dela.

Ele apertou a mão dela e viu que era firme, fresca e macia. A sra. Coulter se virou para o macaco dourado, que estivera sentado atrás dela o tempo todo, e houve uma troca de olhares que Will não conseguiu interpretar.

Então ela se virou de volta com um sorriso.

— Adeus — disse ele, e ela respondeu baixinho:

— Adeus, Will.

Ele saiu da caverna, sabendo que os olhos dela o estavam seguindo, e não se virou para trás nem uma vez. Ama não estava a vista em lugar nenhum. Foi caminhando de volta por onde tinha vindo, seguindo a trilha, até que ouviu o som da cachoeira mais adiante.

— Ela está mentindo — disse para Iorek Byrnison, trinta minutos depois. — É claro que está mentindo. Ela mentiria mesmo que isso só piorasse as coisas, apenas porque gosta de mentir sem parar.

— Então qual é o seu plano? — perguntou o urso, que estava tomando um banho de sol, a barriga achatada contra um pedaço de neve entre as rochas.

Will andou de um lado para outro, se perguntando se poderia usar a mesma manobra que tinha funcionado em Headington: usar a faca para passar para outro mundo, ir até um ponto que ficasse bem ao lado de onde Lyra estava deitada, cortar uma outra abertura para voltar a entrar naquele mundo, puxá-la para um local seguro e tornar a fechar a janela. Era a coisa óbvia a fazer: por que estava hesitando?

Balthamos sabia. Sob a própria forma de anjo, tremeluzindo como uma névoa de calor sob a luz do sol, declarou:

— Você foi tolo de ir ver a mulher. Agora tudo o que quer é vê-la de novo.

Iorek soltou um rosnado baixo e grave. De início, Will pensou que estivesse fazendo uma advertência a Balthamos, mas depois, com um ligeiro choque de vergonha, percebeu que o urso concordava com o anjo. Os dois tinham dado pouca atenção um ao outro até então; tinham personalidades totalmente diferentes, mas com relação àquilo claramente eram da mesma opinião.

E Will fez uma careta de desprezo, mas sabia que era verdade. Tinha sido

seduzido pela sra. Coulter. Todos os seus pensamentos se voltavam para ela: quando pensava em Lyra, era para se perguntar se seria parecida com a mãe quando crescesse; se pensava na Igreja, era para se perguntar quantos padres e cardeais estariam enfeitiçados por ela; se pensava no pai, morto, era para se perguntar se ele a teria detestado ou admirado; e se pensava na mãe...

Ele sentiu o coração se contrair. Foi andando para longe do urso e parou no alto de um pedregulho de onde podia ver o vale inteiro. No ar limpo e frio podia ouvir o toque-toque distante de alguém cortando lenha, um sino de ferro tilintando surdamente em volta do pescoço de uma ovelha e o farfalhar da copa das árvores bem longe, lá embaixo. Mesmo as mais minúsculas fendas nas rochas no horizonte estavam nítidas e claras diante de seus olhos, bem como os abutres que voavam em círculos sobre algum animal quase morto a muitos quilômetros de distância.

Não havia dúvida quanto àquilo: Balthamos estava certo. A mulher o enfeitiçara. Era agradável e tentador pensar naqueles belos olhos e na doçura daquela voz, e recordar a maneira como seus braços tinham se erguido para afastar os cabelos brilhantes...

Com um esforço, recuperou o controle de seus sentidos e ouviu outro som, totalmente diferente: um zumbido muito distante.

Will se virou para um lado e depois para outro, tentando localizar de onde vinha o som, e o descobriu ao norte, exatamente na mesma direção de onde ele e Iorek tinham vindo.

— Zepelins — disse a voz do urso, assustando Will, pois não tinha ouvido o imenso animal se aproximar. Iorek estava a seu lado, olhando na mesma direção, e então se levantou nas patas traseiras, ficando duas vezes mais alto que Will, o olhar fixo, atento.

— Quantos?

— Uns oito — disse Iorek depois de um minuto, e então Will também os avistou: minúsculos pontos enfileirados.

— Sabe me dizer quanto tempo vão levar para chegar? — perguntou Will.

— Estarão aqui não muito depois do anoitecer.

— Então não teremos muito tempo para aproveitar a escuridão. Isso é uma pena.

— Qual é o seu plano?

— Fazer uma abertura e através dela levar Lyra para outro mundo, e fechar antes que sua mãe possa nos seguir. A menina tem um remédio para fazer Lyra acordar,

mas não conseguiu explicar muito bem como funciona, então ela terá que entrar na caverna também. Mas não quero colocar ela em perigo. Talvez você pudesse distrair a sra. Coulter enquanto cuidamos disso.

O urso grunhiu e fechou os olhos. Will olhou ao redor procurando o anjo e viu sua forma delineada em gotículas de névoa sob a luz do final da tarde.

— Balthamos, vou voltar à floresta agora para encontrar um lugar seguro para fazer a primeira abertura. Preciso que fique de vigia para mim e me avise no minuto em que ela se aproximar, ela ou aquele daemon dela.

Balthamos assentiu e levantou as asas para sacudir a água. Então voou bem alto no ar frio e foi planando sobre o vale enquanto Will começava a procurar um mundo para onde ele e Lyra pudessem ir em segurança.

O zepelim que liderava a esquadrilha vibrava e rangia, enquanto, em sua antepara dupla, as libélulas estavam saindo dos casulos. Lady Salmakia se inclinou para a frente, sobre o casulo da libélula azul-elétrico, ajudando a soltar as asas delicadas e úmidas, tomando cuidado para que seu rosto fosse a primeira coisa a ser registrada pelos olhos multifacetados, acalmando os nervos delicadamente tensos, sussurrando seu nome para a pequena criatura de cor brilhante, lhe ensinando quem ela era.

Alguns minutos depois o cavaleiro Tialys faria o mesmo com a sua. Mas no momento enviava uma mensagem através do magneto ressonante, e sua atenção estava totalmente voltada para o movimento do arco e de seus dedos.

Ele transmitiu:

Para lorde Roke:

Estamos a três horas da chegada prevista ao vale. O Tribunal Consistorial de Disciplina pretende enviar um pelotão de combate para a caverna assim que aterrissarem.

Esse pelotão vai se dividir em duas unidades. A primeira abrirá caminho até a caverna, combatendo, se necessário, e matará a criança, cortando sua cabeça para poder comprovar sua morte. Se possível, querem capturar a mulher; mas, se isto for impossível, pretendem matá-la também.

A segunda unidade tem a missão de capturar o garoto vivo.

O restante da força enfrentará os girópteros do rei Ogunwe. Eles estimam que os girópteros chegarão pouco depois dos zepelins. De acordo com suas ordens, lady Salmakia e eu logo deixaremos o zepelim e voaremos diretamente para a caverna, onde tentaremos defender a menina contra a primeira unidade de soldados e evitar que a matem até que

cheguem os reforços.

Aguardamos sua resposta.

A resposta veio quase imediatamente.

Para o cavaleiro Tialys:

À luz de suas informações, aqui vai uma mudança de planos.

De maneira a impedir que o inimigo mate a criança, que seria o pior resultado possível, você e lady Salmakia devem cooperar com o garoto. Enquanto ele tiver a faca, também tem a iniciativa, de modo que, se ele abrir outro mundo e levar a menina para lá, permitam que o faça e tratem de segui-los na passagem. Permaneçam ao lado deles em todos os momentos, quaisquer que sejam as circunstâncias.

O cavaleiro Tialys respondeu:

Para lorde Roke:

Sua mensagem foi recebida e compreendida. Lady Salmakia e eu partiremos imediatamente.

O pequeno espião fechou o magneto ressonante e recolheu seu equipamento.

— Tialys — veio um sussurro da escuridão —, está saindo do casulo. Deve vir imediatamente.

Ele saltou para cima do esteio onde sua libélula estivera lutando para vir ao mundo e a ajudou delicadamente a se libertar do casulo partido. Acariciando a grande cabeça feroz, levantou as antenas pesadas, ainda úmidas e enroscadas, e permitiu que a criatura sentisse o gosto de sua pele até que estivesse inteiramente sob seu comando.

Lady Salmakia estava equipando sua libélula com os arreios que sempre tinha consigo aonde quer que fosse: rédeas de seda de teia de aranha, estribos de titânio, uma sela de pele de beija-flor. Não pesava quase nada. Tialys fez o mesmo com a sua, ajeitando os tirantes em torno do corpo do inseto, apertando e ajustando. A libélula usaria os arreios até seu último dia.

Então, Tialys colocou rapidamente a mochila sobre os ombros e cortou uma abertura no tecido oleado da carcaça do zepelim. Ao lado dele, lady Salmakia havia montado em sua libélula e agora a incitava a sair pela abertura estreita, para as fortes rajadas de vento. As asas alongadas e frágeis tremeram enquanto se espremia para passar, e então o êxtase de voar se apoderou da pequena criatura e ela

mergulhou no vento. Poucos segundos depois Tialys se juntou a ela no ar turbulento, sua montaria ansiosa para lutar contra a própria noite que caía rapidamente.

Os dois rodopiaram em direção ao alto nas correntes de vento geladas; levaram uns poucos momentos para descobrir onde estavam e tomar o curso rumo ao vale.

12. A QUEBRA

Ainda enquanto fugia, o olhar mantinha voltado para trás,
como se seu medo ainda o estivesse seguindo, vindo logo atrás.
EDMUND SPENSER

A escuridão da noite se aproximava enquanto lorde Asriel andava inquieto de um lado para outro, sem parar, em sua torre adamantina. Sua atenção estava concentrada na pequena figura ao lado do magneto ressonante, e todas as outras transmissões tinham sido desviadas, todas as partículas de sua mente estavam voltadas para o pequeno bloco quadrado de pedra sob a luz da lamparina.

Naquele momento, o rei Ogunwe estava na cabine de comando de seu giróptero, preparando rapidamente um plano para frustrar as intenções do Tribunal Consistorial, das quais acabara de tomar conhecimento através do galivespiano em sua aeronave. O navegador escreveu alguns números em um pedaço de papel e entregou ao piloto. A questão essencial era velocidade: conseguir pôr as tropas em terra primeiro faria toda a diferença. Os girópteros eram mais velozes que os zepelins, mas ainda estavam um pouco atrás.

Nos zepelins do Tribunal Consistorial, a Guarda Suíça preparava seu equipamento de combate. Suas bestas podiam matar em uma distância de até quatrocentos e sessenta metros, e um arqueiro podia carregar e disparar quinze flechas curtas por minuto. As barbatanas em espiral, feitas de chifre, davam a essas setas um movimento giratório e tornavam a pontaria da arma precisa como a de uma espingarda. Também era, claro, silenciosa, algo que podia ser uma grande vantagem.

A sra. Coulter estava acordada na entrada da caverna. O macaco dourado estava inquieto e frustrado: os morcegos tinham deixado a caverna quando começara a escurecer e não havia nenhuma criatura que pudesse atormentar. Ficou rondando em volta do saco de dormir da sra. Coulter, esmigalhando com um dedo pontudo os vaga-lumes que ocasionalmente vinham pousar na caverna e esfregando sua luminescência na pedra.

Lyra continuava deitada, cheia de calor e quase igualmente inquieta, mas muito, muito profundamente adormecida, confinada ao esquecimento pelo trago de bebida que sua mãe a havia forçado a engolir apenas uma hora antes. Havia um sonho que já tivera muitas vezes no passado e que agora tinha voltado, e pequenos gemidos, muito característicos de Lyra, de pena, de raiva e de determinação, sacudiam seu peito e sua garganta, fazendo Pantalaimon ranger os dentes de arminho em solidariedade.

Não muito longe, sob os pinheiros batidos pelo vento na trilha da floresta, Will e Ama estavam caminhando em direção à caverna. Ele tinha tentado explicar a Ama o que iria fazer, mas o daemon dela não conseguira compreender, e quando ele cortou uma janela e mostrou a ela, Ama ficou tão apavorada que quase desmaiou. Ele teve que andar mais devagar e falar baixinho para conseguir mantê-la por perto, pois a garota se recusava a deixá-lo tocar no embrulho de pó e até mesmo a contar a ele como deveria ser usado. Afinal ele foi obrigado a simplesmente dizer para ela ficar em silêncio e segui-lo, e a esperar que ela o fizesse.

Iorek, vestido em sua armadura, estava em algum lugar nas proximidades, esperando para impedir a passagem dos soldados nos zepelins, de modo a dar a Will tempo suficiente para agir. O que nenhum dos dois sabia era que as forças de lorde Asriel também estavam se aproximando: o vento, de tempos em tempos, trazia aos ouvidos de Iorek um tinido distante, mas, apesar de conhecer o barulho que os motores de um zepelim faziam, nunca tinha ouvido o som de um girópteros, e por isso aquilo não lhe dizia nada.

Balthamos talvez pudesse ter dito a eles, mas, agora que tinham encontrado Lyra, o anjo começara a se recolher novamente em luto: estava calado, distraído e mal-humorado. E aquilo, por sua vez, tornava mais difícil falar com Ama.

Quando fizeram uma parada na trilha, Will disse para o ar:

— Balthamos? Você está aí?

— Estou — respondeu o anjo monotonamente.

— Balthamos, por favor, fique comigo. Fique perto e me avise de qualquer perigo. Eu preciso de você.

— Eu ainda não te abandonei — retrucou o anjo. E isso foi o máximo que Will conseguiu arrancar dele.

Bem longe nas alturas, no ar turbulento, Tialys e Salmakia voavam alto sobre o vale, tentando encontrar a caverna. As libélulas fariam exatamente o que eles

ordenassem, mas seus corpos não lidavam com facilidade com o frio e, além disso, estavam sendo perigosamente sacudidas e jogadas pelo vento forte. Seus cavaleiros as guiaram para mais baixo, sob a proteção das árvores, e então foram voando de galho em galho, procurando se situar na escuridão que aumentava rapidamente.

Will e Ama se esgueiraram sob o luar e o vento forte, até o ponto mais próximo que podiam alcançar que ainda ficasse fora do ângulo de visão da entrada da caverna. Calhou de ser atrás de um arbusto muito frondoso a poucos metros da trilha; ali ele cortou uma janela no ar.

O único mundo que conseguiu encontrar, com a mesma conformação de terreno, era um lugar deserto, rochoso, onde a lua brilhava forte do alto de um céu estrelado sobre um solo esbranquiçado, descorado como osso, e onde pequenos insetos se arrastavam e emitiam seus ruídos secos, rangidos, em meio a um vasto silêncio.

Ama o seguiu pela janela, com dedos e polegares se esfregando furiosamente para afastar os demônios que deviam estar assombrando aquele lugar horrível; e seu daemon, se adaptando imediatamente, se transformou em um lagarto e correu sobre as rochas com pés ligeiros.

Will percebeu um problema. O luar intenso estava banhando as rochas esbranquiçadas e iria brilhar como uma lanterna quando ele abrisse a janela na caverna da sra. Coulter. Teria que fazer a abertura rapidamente, puxar Lyra para o outro lado e fechar tudo imediatamente. Podiam deixar para acordar a menina naquele outro mundo, onde era mais seguro.

Ele parou na encosta ofuscante e disse para Ama:

— Temos que agir muito rápido e ser muito silenciosos. Não podemos fazer nenhum barulho, nem um sussurro.

Ama compreendeu, embora estivesse assustada. O pequeno embrulho de pó estava no bolso de seu peito: tinha verificado uma dúzia de vezes, ela e seu daemon ensaiaram a tarefa em tantas ocasiões que tinha certeza de que seriam capazes de fazer o que era preciso até na total escuridão.

Eles foram escalando as rochas esbranquiçadas, Will medindo cuidadosamente a distância até que calculou que estariam dentro da caverna.

Então pegou a faca e cortou a menor janela possível, por onde pudesse ver, não maior que o círculo que ele fazia juntando o polegar com o indicador.

Rapidamente encostou o olho na janela, para impedir que a luz do luar passasse,

e espiou o outro lado. Estava tudo lá: tinha calculado bem. Podia ver a entrada da caverna mais para a frente, as rochas escuras delineadas no céu noturno; podia ver o vulto da sra. Coulter, dormindo, com seu daemon dourado ao lado; podia ver até o rabo do macaco, descansando despreocupadamente sobre o saco de dormir.

Mudando de ângulo e observando mais perto, viu a rocha atrás da qual Lyra estivera deitada. Mas não conseguia ver a amiga. Estaria perto demais? Ele fechou a janela, deu um ou dois passos para trás e abriu outra.

Ela não estava lá.

— Escute — disse para Ama e seu daemon —, a mulher mudou Lyra de lugar e não consigo ver onde ela está. Vou ter que atravessar a janela e procurar dentro da caverna, então corto outra janela assim que tiver encontrado. Fique um pouco afastada, fora do caminho para eu não cortar você sem querer quando voltar.

— Nós devíamos atravessar juntos, porque eu sei como acordar ela e você não sabe, e eu conheço a caverna melhor que você — disse Ama.

O rosto dela tinha uma expressão teimosa, os lábios comprimidos, os punhos cerrados. Seu daemon-lagarto fez surgir um colar coriáceo que se abriu ao redor do pescoço.

— Bom, tudo bem, mas vamos atravessar rápido e em silêncio absoluto, e você faz exatamente o que eu mandar, na hora em que eu disser, entendeu?

Ela balançou a cabeça concordando e, mais uma vez, bateu de leve no bolso para se certificar de que o remédio estava lá.

Will fez uma pequena abertura, bem baixa, olhou através dela e a aumentou rapidamente. Então, de quatro, engatinhando, atravessou em um instante. Ama estava bem atrás dele e, no total, a janela ficou aberta durante menos de dez segundos.

Os dois se agacharam no solo da caverna, se escondendo atrás de um grande pedregulho, com Balthamos, sob a forma de passarinho, bem ao lado; os olhos deles levaram alguns instantes para se ajustar à falta da luz brilhante do luar do outro mundo. Dentro da caverna estava muito mais escuro e mais cheio de sons: principalmente do vento agitando as árvores, mas também havia outro som mais baixo. Era o rugido do motor de um zepelim, e não estava muito distante.

Com a faca na mão direita, Will se equilibrou com cuidado e olhou em volta.

Ama estava fazendo a mesma coisa e, com olhos de coruja, seu daemon também observava um lado e outro; mas Lyra não estava naquele extremo da caverna.

Quanto a isso não havia dúvida.

Will espiou por cima do pedregulho e lançou um longo olhar na direção da entrada, onde a sra. Coulter e seu daemon estavam dormindo.

E então seu coração se contraiu. Lá estava Lyra, deitada nas profundezas de seu sono, bem ao lado da sra. Coulter. O contorno das duas se fundia na escuridão; não era de espantar que ele não a tivesse visto.

Will tocou a mão de Ama e apontou.

— Vamos ter que fazer isto com muito cuidado — sussurrou.

Alguma coisa estava acontecendo do lado de fora. O rugido dos zepelins agora estava muito mais alto que o vento batendo nas árvores e havia luzes se movendo por lá, vindas do alto, iluminando o solo através dos galhos. Quanto mais depressa conseguissem tirar Lyra dali, melhor, e isso significava correr até lá *agora*, antes que a sra. Coulter acordasse, cortar uma abertura, puxar Lyra por ela e fechar de novo.

Ele sussurrou para Ama. Ela fez um gesto de que havia entendido.

Então, quando ele estava pronto para agir, a sra. Coulter acordou.

Ela se mexeu e disse alguma coisa; o macaco dourado levantou de um salto. Will podia ver a silhueta dele na boca da caverna, agachado, alerta, e nesse momento a sra. Coulter se levantou, protegendo os olhos da luz que vinha de fora.

A mão esquerda de Will segurava o pulso de Ama com firmeza. A sra. Coulter se ergueu, totalmente vestida, ágil, alerta, como se não tivesse estado dormindo poucos segundos antes. Talvez estivesse acordada o tempo todo, fingindo que dormia. Ela e o macaco dourado estavam agachados, escondidos junto à entrada da caverna, observando e ouvindo enquanto as luzes dos zepelins balançavam de um lado para outro acima da copa das árvores e os motores rugiam. Gritos de vozes masculinas fazendo advertências ou dando ordens deixaram evidente que eles deveriam tratar de se mexer depressa, muito depressa.

Will apertou o pulso de Ama e avançou rapidamente, observando o solo para não tropeçar, se mantendo abaixado.

Logo estava ao lado de Lyra, profundamente adormecida, com Pantalaimon aninhado em volta do pescoço; então Will levantou a faca e um segundo depois teria aberto uma janela através da qual poderia puxar Lyra para um lugar seguro...

Mas ele ergueu os olhos. Encarou a sra. Coulter. Ela tinha se virado, em silêncio; o clarão vindo do céu, refletindo na parede úmida da caverna, iluminou seu rosto e, por um instante, não era mais o rosto dela; era o rosto da mãe dele, censurando-o, e

seu coração estremeceu de dor; então, quando Will golpeou com a faca, sua mente devaneou e, com uma torção e um estalo, a lâmina caiu em pedaços no chão.

Estava quebrada.

Agora ele não poderia mais cortar uma abertura para sair.

Ele disse para Ama:

— Acorde ela. Agora.

Então se levantou, pronto para lutar. Primeiro iria estrangular aquele macaco. Estava tenso, pronto para enfrentar seu bote, e descobriu que ainda tinha o cabo da faca na mão: pelo menos poderia bater no macaco com ele.

Mas não houve ataque, nem do macaco dourado, nem da sra. Coulter. Ela simplesmente se moveu um pouco para permitir que a luz vinda de fora mostrasse a pistola em sua mão. Ao fazer isso, permitiu que a luz passasse, revelando o que Ama estava fazendo: salpicando um pó no lábio superior de Lyra e observando enquanto a menina o inspirava, ajudando a levá-lo para dentro das narinas, usando a cauda de seu daemon como pincel.

Will ouviu uma alteração nos sons que vinham de fora: havia outra nota além do rugido dos zepelins. Era familiar, como um intruso vindo de seu mundo, e ele reconheceu o ruído de um helicóptero. Logo veio outro e mais outro, e mais luzes estavam varrendo as árvores em movimento contínuo lá fora, em um leque de radiação verde-brilhante.

A sra. Coulter se virou rapidamente quando ouviu o novo som, mas por um momento breve demais para que Will pudesse saltar e tirar a arma dela. Já o macaco dourado olhava furioso para Will, sem piscar, agachado, pronto para saltar em cima dele quando fosse necessário.

Lyra estava se mexendo e murmurando. Will se abaixou e apertou a mão dela, e o outro daemon sacudiu Pantalaimon de leve, levantando sua cabeça, sussurrando para ele.

Do lado de fora veio um grito e um homem caiu do céu com uma pancada violenta, a menos de cinco metros da entrada da caverna. A sra. Coulter nem piscou; olhou friamente para ele, depois se virou de volta para Will. No instante seguinte, houve disparos de carabina vindos do alto e um segundo depois uma tempestade de tiros se desencadeou, e o céu se encheu de explosões, do crepitar de chamas e de rajadas de balas de armas de fogo.

Lyra estava lutando para recuperar a consciência, arquejando, suspirando, gemendo, apoiando para se levantar e depois caindo enfraquecida, e Pantalaimon estava bocejando, se espreguiçando e resmungando com o outro daemon, despencando desajeitadamente para o lado quando seus músculos se recusavam a obedecer.

Quanto a Will, ele estava vasculhando o solo da caverna com o maior cuidado, catando os pedaços da faca quebrada. Não havia tempo para se perguntar como aquilo tinha acontecido, ou se ela poderia ser reparada; mas ele era o portador da faca e era seu dever juntar e guardar todos os cacos. À medida que encontrava cada pedaço, pegava-o cuidadosamente, cada nervo em seu corpo consciente dos dedos que faltavam, e o enfiava na bainha. Podia ver os pedaços com facilidade porque o metal refletia a luz vinda de fora: eram sete, o menor sendo a ponta. Ele recolheu todos e então se virou para tentar entender a luta que estava acontecendo lá fora.

Em algum lugar acima das árvores, os zepelins pairavam no ar, e homens desciam por cordas, mas o vento tornava difícil para os pilotos manter as aeronaves estacionárias. Enquanto isso, os primeiros girópteros tinham chegado ao alto do penhasco. Só havia espaço para que aterrissasse um de cada vez, e depois os carabineiros africanos tinham que descer pela parede de rocha. Fora um deles, que tinha sido abatido por um tiro de sorte, disparado por alguém nos zepelins oscilantes.

Àquela altura os dois lados já tinham desembarcado tropas. Alguns tinham sido mortos entre o céu e o solo; vários estavam feridos e caídos na encosta ou entre as árvores. Mas nenhuma das duas forças havia alcançado a caverna, e o poder ali dentro ainda estava nas mãos da sra. Coulter.

— O que vai fazer? — disse Will, falando acima de todo o barulho.

— Manter vocês prisioneiros.

— Como reféns? Por que eles dariam qualquer importância a isso? Eles querem nos matar.

— Uma força quer, sem dúvida — respondeu ela —, mas não tenho certeza com relação à outra. Devemos torcer para que os africanos vençam.

Ela parecia satisfeita e, no clarão que vinha de fora, Will viu que seu rosto estava cheio de felicidade, de vida e energia.

— Você quebrou a faca.

— Não, eu não quebrei. Eu a queria inteira para que pudéssemos escapar. Foi

você quem a quebrou.

A voz de Lyra chamou, aflita:

— Will. Will, é você?

— Lyra! — exclamou ele, e se ajoelhou ao lado dela. Ama a estava ajudando a se levantar.

— O que está acontecendo? — perguntou Lyra. — Onde estamos? Ah, Will, eu tive um sonho...

— Estamos em uma caverna. Não se mexa muito depressa, senão vai ficar tonta. Vá andando devagar. Tente recuperar as forças. Você dormiu por dias e dias.

Os olhos de Lyra ainda estavam pesados e ela era sacudida por profundos bocejos, mas estava desesperada para ficar acordada, e ele a ajudou a se levantar, pondo o braço dela sobre seu ombro e sustentando a maior parte de seu peso. Ama observou timidamente, pois, agora que a estranha menina estava acordada, ela a deixava nervosa. Will inspirou, sentindo o perfume do corpo de Lyra com alegre satisfação: ela estava ali, era real.

Eles se sentaram em um pedregulho. Lyra segurou a mão dele e esfregou os olhos.

— O que está acontecendo, Will?

— Nossa amiga aqui, Ama, conseguiu um pó para acordar você — explicou ele, falando muito depressa, e Lyra se virou para a menina, que ainda não tinha visto, e pôs a mão sobre o ombro de Ama em sinal de agradecimento. — Vim para cá o mais rápido que pude — prosseguiu Will —, mas alguns soldados também vieram. Não sei quem são eles. Vamos sair assim que pudermos.

Lá fora o barulho e a confusão estavam cada vez mais próximos; um dos girópteros tinha levado uma rajada de balas da metralhadora de um zepelim enquanto os carabineiros saltavam para o alto do penhasco, e explodira em chamas, não somente matando sua tripulação, como impedindo de aterrissar os girópteros que faltavam.

Enquanto isso, mais um zepelim havia encontrado uma área livre mais abaixo no vale, e os homens armados de bestas que desembarcaram dele agora vinham correndo, subindo pela trilha para dar reforço aos que já estavam em ação. A sra. Coulter acompanhava da entrada da caverna e, naquele momento, levantou a pistola, segurando-a com as duas mãos, e mirou cuidadosamente antes de atirar. Will viu o clarão do disparo, mas não ouviu nada por causa das explosões e do tiroteio lá fora.

Se ela fizer isso de novo, pensou, *vou correr e derrubar ela*. Ele se virou para sussurrar para Balthamos, mas o anjo não estava por perto. Em vez disso, Will percebeu, desanimado, que ele estava encolhido contra a parede da caverna, de volta à sua forma de anjo, tremendo e choramingando.

— Balthamos! — chamou, aflito. — Deixe disso, eles não podem machucar você! E você tem que nos ajudar! Pode lutar, sabe disso, você não é um covarde, e nós precisamos de você…

Mas, antes que o anjo pudesse responder, outra coisa aconteceu.

A sra. Coulter gritou e se abaixou para segurar o tornozelo; simultaneamente, o macaco dourado agarrou alguma coisa no ar, com um rosnado de satisfação.

Uma voz — uma voz de mulher, mas de alguma forma *minúscula* — veio da coisa nas garras do macaco.

— Tialys! Tialys!

Era uma mulher do tamanho da mão de Lyra, e o macaco já estava puxando um dos braços dela, de modo que gritasse de dor. Ama sabia que ele não pararia até tê-lo arrancado fora, mas Will saltou para a frente quando viu a pistola cair da mão da sra. Coulter.

Ele pegou a arma — mas então a sra. Coulter ficou imóvel e Will percebeu que estava diante de um estranho impasse.

O macaco dourado e a sra. Coulter estavam ambos imóveis. O rosto dela parecia contorcido de dor e de fúria, mas não ousava se mexer, porque de pé sobre seu ombro estava um homem minúsculo, com o calcanhar pressionado contra seu pescoço, as mãos puxando seus cabelos; e Will, apesar do espanto, viu naquele calcanhar uma reluzente espora de chifre e soube o que a fizera gritar um momento antes. Ele devia ter espetado o tornozelo dela.

Mas o homenzinho não podia mais ferir a sra. Coulter, por causa do perigo que sua companheira corria nas mãos do macaco; e o macaco não podia machucar a *mulher*, caso contrário o homenzinho enfiaria sua espora envenenada na veia jugular da sra. Coulter. Nenhum deles podia se mover.

Respirando fundo e engolindo com dificuldade para controlar a dor, a sra. Coulter virou os olhos cheios de lágrimas para Will e disse calmamente:

— Então, mestre Will, o que acha que devemos fazer agora?

13. TIALYS E SALMAKIA

Noite sombria, sombria noite
Sobre este deserto
Permite que fulgurante tua lua se levante
Enquanto meus olhos eu descanse.
WILLIAM BLAKE

Com a pesada arma na mão, Will fez um movimento rápido e circular para o lado, e derrubou o macaco dourado de onde estava empoleirado. O daemon ficou tão atordoado que a sra. Coulter gemeu e a pata do daemon relaxou o suficiente para que a mulher minúscula conseguisse se soltar.

Um instante depois, ela havia saltado para o alto das rochas, e o homem se afastado depressa da sra. Coulter, ambos se movendo com a rapidez de gafanhotos. As três crianças não tiveram tempo para se espantar. O homem estava preocupado: examinou o ombro e o braço de sua companheira delicadamente e a abraçou antes de gritar para Will:

— Você! Garoto! — chamou, e embora sua voz fosse pequenina em volume, era grossa como a de um homem adulto. — Está com a faca?

— É claro que estou — respondeu Will. Se não sabiam que estava quebrada, ele não iria contar.

— Você e a menina terão que nos seguir. Quem é a outra criança?

— É Ama, da aldeia — respondeu Will.

— Diga a ela para voltar para lá. Agora vamos andando, antes que os suíços cheguem.

Will não hesitou. Independentemente de quais fossem as intenções daqueles dois, ele e Lyra ainda podiam fugir pela janela aberta atrás do arbusto mais abaixo no caminho.

Então ele a ajudou a se levantar e observou curiosamente enquanto as duas pequenas figuras montavam em... quê? Passarinhos? Não, libélulas, quase tão compridas quanto o antebraço dele, que tinham estado esperando escondidas nas sombras. Eles voaram rapidamente para a entrada da caverna, onde a sra. Coulter

estava caída. Ela estava atordoada de dor e sonolenta por causa da ferroada que tinha levado do cavaleiro, mas estendeu a mão quando passaram e gritou:

— Lyra! Lyra, minha filha, minha querida! Lyra, não vá! Não vá!

Lyra olhou para ela, angustiada; mas então passou por cima do corpo de sua mãe e soltou a mão que segurava seu tornozelo sem muita firmeza. A mulher agora estava soluçando; Will viu as lágrimas brilhando em seu rosto.

Agachados junto da entrada da caverna, as três crianças esperaram até que houvesse uma breve pausa no tiroteio e seguiram as libélulas que voavam rápidas como setas, descendo a trilha. A luz tinha mudado: além do clarão frio dos holofotes ambáricos dos zepelins, havia o alaranjado de chamas ardendo.

Will olhou para trás uma vez. Sob a luz intensa, o rosto da sra. Coulter era uma máscara trágica de paixão, e seu daemon se agarrava tristemente a ela enquanto a mulher se ajoelhava e estendia os braços, chorando:

— Lyra! Lyra, meu amor! Tesouro do meu coração, minha garotinha, só minha! Ah, Lyra, não vá, não me deixe! Minha filha querida... você está partindo meu coração...

Um imenso e furioso soluço sacudiu Lyra, pois afinal a sra. Coulter era a única mãe que jamais teria, e Will viu uma cascata de lágrimas escorrer pela face da menina.

Mas tinha que ser impiedoso. Segurou firme a mão de Lyra e, quando o cavaleiro montado na libélula passou voando ligeiro perto de sua cabeça, insistindo para que se apressassem, ele a conduziu correndo trilha abaixo, meio curvados, para longe da caverna. Na mão esquerda de Will, que sangrava novamente por causa do golpe que tinha acertado no macaco, estava a pistola da sra. Coulter.

— Sigam para o alto do penhasco — ordenou o cavaleiro — e se entreguem aos africanos. É o melhor a fazer.

Tomando cuidado com aquelas esporas afiadas, Will não disse nada, embora não tivesse a menor intenção de obedecer. Só iria para um único lugar, e era a janela atrás do arbusto; manteve a cabeça baixa e correu depressa, e Lyra e Ama correram atrás dele.

— Alto!

Havia um homem, três homens, bloqueando o caminho adiante, uniformizados; homens brancos, armados com bestas e com daemons em forma de mastins, rosnando — a Guarda Suíça.

— Iorek! — gritou Will imediatamente. — Iorek Byrnison! — Ouviu o urso se aproximando ruidosamente e rosnando não muito longe, e escutou os gritos e lamentos dos soldados sem sorte que cruzaram seu caminho.

Mas quem apareceu do nada foi Balthamos. Em um gesto de desespero, se arremessou entre as crianças e os soldados. Os homens caíram para trás, perplexos, enquanto aquela aparição surgia de repente, tremeluzindo diante deles.

Mas os combatentes eram bem treinados e, um instante depois, seus daemons saltaram sobre o anjo, os dentes ferozes brilhando em lampejos brancos na escuridão, e Balthamos recuou: gritou de medo e de vergonha e se encolheu. Então saltou para o alto, batendo as asas com força. Will observou com tristeza enquanto o vulto de seu guia e amigo voava nas alturas e desaparecia de vista em meio às copas das árvores.

Lyra estava acompanhando tudo aquilo com o olhar ainda atordoado. Não havia levado mais que dois ou três segundos, mas foi o suficiente para que os suíços se reagrupassem, e agora o líder deles estava levantando a besta, então Will não teve alternativa: levantou a pistola, cerrou a mão direita sobre a coronha e apertou o gatilho; a explosão sacudiu seus ossos, mas a bala acertou o coração do homem.

O soldado caiu para trás como se tivesse levado um coice de cavalo. Simultaneamente, os dois pequenos espiões se lançaram sobre os soldados restantes, saltando das libélulas em cima de suas vítimas, antes que Will pudesse piscar. A mulher encontrou um pescoço, o homem um pulso, e cada um deu um golpe rápido, para trás, com o calcanhar. Houve um arquejar angustiado de sufocamento, e os suíços morreram, seus daemons desaparecendo no meio de um uivo.

Will saltou por cima dos corpos e Lyra foi com ele, correndo tão rápido quanto podia, com Pantalaimon, sob a forma de gato selvagem, seguindo em seus calcanhares. *Onde está Ama?*, pensou Will, e naquele mesmo momento a viu se desviando, escapulindo e correndo por outro caminho. *Agora ela vai estar em segurança*, pensou, e um segundo depois viu o clarão da janela atrás dos arbustos. Ele agarrou o braço de Lyra e a puxou naquela direção. O rosto deles estava arranhado, as roupas, rasgadas, os tornozelos, torcidos de tropeçar em raízes e pedras, mas encontraram a abertura e mergulharam através dela para outro mundo, sobre as rochas brancas como osso sob o clarão fulgurante da lua, onde somente o ranger dos insetos quebrava o imenso silêncio.

E a primeira coisa que Will fez foi apertar a barriga e vomitar, sacudido pelas

ânsias de náusea, dominado por um horror mortal. Agora já eram dois os homens que havia matado, sem falar no rapaz na Torre dos Anjos... Will *não queria* isso. Seu corpo se revoltava contra o que seu instinto o levara a fazer, e o resultado era aquela agoniante crise de náusea, amarga, seca, e vômitos que o deixavam de joelhos até que seu estômago e seu coração estivessem vazios.

Lyra ficou assistindo sem poder fazer nada, segurando Pan no colo, ninando o daemon contra o peito.

Finalmente Will se recuperou um pouco, e imediatamente viu que não estavam sozinhos naquele mundo, porque os pequeninos espiões também tinham atravessado, e tinham seus fardos arrumados no chão ali por perto. As libélulas voavam baixo sobre as rochas, caçando mariposas. O homem fazia uma massagem no ombro da mulher e ambos olhavam severamente para as crianças. Os olhos deles eram tão brilhantes e as feições tão distintas que não havia dúvida quanto a seus sentimentos, e Will teve certeza de que formavam um par formidável, fossem o que fossem.

Ele disse para Lyra:

— O aletiômetro está na minha mochila, ali.

— Ah, Will, eu torci tanto para você ter encontrado ele, mas o que foi que *aconteceu*? Você encontrou seu pai? E meu *sonho*, Will, é demais para acreditar, as coisas que temos que fazer. Ah, não quero nem pensar nisso... E o aletiômetro está em *segurança*! Você trouxe ele até aqui, manteve em segurança para mim...

As palavras jorravam, saindo tão depressa de sua boca que ela nem esperava respostas. Lyra virou o aletiômetro de um lado para outro, os dedos alisando o disco pesado de metal e o mostrador de cristal liso, com os ponteiros facetados que eles conheciam tão bem.

Will pensou: *O aletiômetro vai nos dizer como consertar a faca!*

Mas antes perguntou:

— Você está se sentindo bem? Está com fome ou com sede?

— Não sei... é, até que estou. Mas não muita. De qualquer maneira...

— Deveríamos nos afastar dessa janela — disse Will — por segurança, para o caso de eles descobrirem e atravessarem também.

— Sim, é verdade — concordou Lyra, e eles foram subindo pela encosta, Will carregando sua mochila, e Lyra, feliz da vida, carregando a bolsinha onde guardava o aletiômetro. Pelo canto do olho, Will viu que os dois pequenos espiões os seguiam,

mas que mantinham certa distância e não faziam ameaças.

Logo além do cume havia uma protuberância na rocha que oferecia um abrigo, e eles se sentaram debaixo dela, depois de verificarem se não havia cobras, e fizeram uma refeição de frutas secas e beberam água do cantil de Will.

— A faca está quebrada — falou Will em voz baixa. — Não sei como aconteceu. A sra. Coulter fez alguma coisa, ou disse alguma coisa, e eu pensei na minha mãe e isso fez a faca se torcer, ou ficar presa ou... eu não sei o que aconteceu. Mas estamos presos aqui enquanto não pudermos consertar ela. Eu não queria que aquelas pessoas pequeninas soubessem, porque, enquanto pensarem que ainda posso usar a faca, estou em posição de vantagem. Achei que talvez você pudesse perguntar ao aletiômetro e...

— Claro! — exclamou ela, imediatamente. — Claro, vou perguntar.

Um instante depois ela tinha tirado o instrumento da bolsa e colocado onde a luz da lua batia forte, de modo que podia ver o mostrador com clareza. Afastando o cabelo para trás das orelhas, exatamente como Will tinha visto sua mãe fazer, Lyra começou a girar os ponteiros da maneira já familiar, e Pantalaimon, agora em forma de camundongo, se sentou no joelho dela. Mas não foi fácil como Lyra havia pensado; talvez o luar fosse enganador. Ela teve que virar o instrumento e mudar de posição umas duas vezes, e piscar para clarear a visão, antes que os símbolos se tornassem mais definidos, nítidos, e só então conseguiu ler.

Ela mal tinha começado quando soltou uma pequena exclamação de surpresa e encarou Will, com os olhos brilhando, enquanto os ponteiros giravam. Mas ainda não havia acabado e continuou lendo, até que o instrumento ficou imóvel.

Ela o guardou, dizendo:

— Iorek? Ele está por perto, Will? Achei que tinha ouvido você chamar por ele, mas depois pensei que fosse só fruto da minha vontade de ver ele. Ele está aqui de *verdade*?

— Está. Ele poderia consertar a faca? Foi isso que o aletiômetro disse?

— Ah, ele pode fazer qualquer coisa com metal, Will! Não apenas armaduras, também pode fazer coisas delicadas... — E contou a ele sobre a caixinha que Iorek tinha feito para ela prender o inseto-espião. — Mas onde está ele?

— Por perto. Ele poderia ter vindo quando chamei, mas claro que estava lutando... E Balthamos! Ah, mas ele devia estar tão assustado...

— Quem?

Will explicou rapidamente, sentindo o rosto ficar vermelho por causa da vergonha que o anjo devia estar sentindo.

— Mas eu te conto mais sobre ele depois. É tão estranho... Ele me disse tantas coisas, e acho que entendo... — Ele passou as mãos pelo cabelo e esfregou os olhos.

— Você tem que me contar *tudo* — disse Lyra com firmeza. — Tudo o que você fez depois que ela me pegou. Ah, Will, você ainda está sangrando? Coitada da sua mão...

— Não. Meu pai curou minha mão. Eu só abri um pouquinho a ferida, quando bati no macaco, mas agora está melhor. Ele me deu um unguento que tinha preparado...

— Você *encontrou* seu pai?

— Isso mesmo, na montanha, naquela noite...

Então ele deixou que Lyra limpasse o ferimento e passasse mais um pouco de unguento da caixinha de chifre, enquanto contava a ela parte do que tinha acontecido: a luta com o estranho, a revelação que os dois tinham tido um segundo antes que a flecha da feiticeira acertasse o alvo, seu encontro com os anjos, a viagem até a caverna e seu encontro com Iorek.

— Tudo isso aconteceu e eu estava dormindo — falou ela, maravilhada. — Sabe, eu acho que ela foi gentil, cuidou bem de mim, Will... eu *acho* que foi... não acredito que quisesse me fazer mal... Ela fez tantas coisas más, mas...

Lyra esfregou os olhos.

— Ah, mas meu *sonho*, Will, não consigo nem contar como foi estranho! Foi como quando leio o aletiômetro, tudo muito claro e uma compreensão tão profunda que você não consegue ver até o final, mas tudo claro até lá embaixo.

"Foi... Lembra que eu te falei do meu amigo Roger e de como os Papões pegaram ele, de como tentei ajudar e deu tudo errado e lorde Asriel matou ele?

"Bem, eu vi o Roger. No meu sonho, vi o Roger de novo, só que ele estava morto, era um fantasma e estava acenando para mim, me chamando, só que eu não conseguia ouvir. Ele não queria que eu estivesse *morta*, não era isso. Ele queria poder falar comigo.

"E... Fui eu que levei ele para lá, para Svalbard, onde ele foi morto. Ele morreu por minha culpa. E me lembrei de quando brincávamos na Faculdade Jordan, Roger e eu, no telhado, pela cidade inteira, nos mercados e na margem do rio, e lá nos Barreiros... Eu, Roger e todos os outros... E fui para Bolvangar para tirar ele de lá em segurança, para levar ele para casa, mas só piorei as coisas e, se eu não pedir

desculpas a ele, tudo aquilo não terá valido de nada, terá sido apenas uma enorme perda de tempo. Tenho que fazer isso, sabe, Will. Tenho que descer à terra dos mortos e encontrar o Roger e... pedir desculpa. Então nós vamos poder... eu vou poder... Depois disso, não importa."

— Esse lugar onde os mortos estão... — disse Will. — É um mundo como este, como o meu ou o seu, como qualquer um dos outros? É um mundo onde eu poderia chegar com a faca?

Ela o encarou, espantada com a ideia.

— Você poderia perguntar — prosseguiu ele. — Faça isso agora. Pergunte onde fica e como podemos chegar lá.

Ela se debruçou sobre o aletiômetro, tendo que esfregar os olhos e observar bem de perto mais uma vez, e seus dedos se moveram rapidamente. Um minuto depois ela tinha a resposta.

— É mais ou menos isso, mas é um lugar estranho, Will... *Tão* estranho... Será que é realmente possível? Será que poderíamos mesmo ir até a terra dos mortos? Mas... que parte de nós faz isso? Porque, quando morremos, os daemons desaparecem, já vi isso, e nossos corpos, bem, eles apenas ficam na cova e apodrecem, não é?

— Então deve haver uma terceira parte. Uma parte diferente.

— Acho que você pode ter razão! — disse ela, animada. — Porque posso pensar sobre o meu corpo e posso pensar sobre o meu daemon, então *tem* que ter outra parte, a que nos permite pensar!

— Exato. E isso é o espírito.

Os olhos de Lyra faiscaram. Então ela disse:

— Talvez a gente possa libertar o espírito de Roger de lá. Talvez a gente possa tirar ele de lá.

— Talvez. Poderíamos pelo menos tentar.

— Isso, vamos fazer isso! — concordou ela imediatamente. — Vamos juntos. É *exatamente isso* que vamos fazer!

Mas, se não conseguissem consertar a faca, pensou Will, não poderiam fazer coisa alguma.

Logo que sua cabeça clareou e seu estômago se acalmou, ele se levantou e chamou os pequenos espiões. Estavam nas proximidades, ocupados com alguma espécie de minúsculo aparelho.

— Quem são vocês? — perguntou. — E de que lado estão?

O homem acabou o que estava fazendo e fechou uma caixa de madeira que parecia um estojo de violino, não maior que uma casca de noz. A mulher falou primeiro.

— Somos galivespianos. Eu sou lady Salmakia e meu companheiro é o cavaleiro Tialys. Somos espiões de lorde Asriel.

Ela estava de pé sobre um pedregulho, a uns três passos de distância de Will e Lyra, seu corpo e feições nítidos e brilhantes sob o luar. Sua pequena voz era perfeitamente clara e baixa, sua expressão confiante. Usava uma saia rodada de tecido prateado e um corpete verde sem mangas, e seus pés, munidos de esporas, estavam descalços, como os do homem. As roupas dele eram igualmente coloridas, mas a camisa tinha mangas compridas e as calças largas chegavam ao meio da panturrilha. Ambos pareciam fortes, capazes, impiedosos e orgulhosos.

— De que mundo vocês vêm? — perguntou Lyra. — Nunca vi pessoas como vocês.

— Nosso mundo tem os mesmos problemas que o seu — disse Tialys. — Somos rebeldes, foras da lei. Nosso líder, lorde Roke, ouviu falar da revolta de lorde Asriel e lhe jurou que seríamos seus aliados, prometeu nosso apoio.

— E o que querem fazer comigo?

— Levar você para seu pai — respondeu lady Salmakia. — Lorde Asriel enviou um exército comandado pelo rei Ogunwe para resgatar você e o menino, e levar os dois para a fortaleza dele. Estamos aqui para ajudar.

— Ah, mas e se eu não quiser ir? E se eu não confiar nele?

— Lamento muito ouvir isso — disse lady Salmakia —, mas estas são as ordens que recebemos: levar vocês até ele.

Lyra não pôde evitar: deu uma grande gargalhada diante da ideia daquelas pessoas minúsculas obrigando-a a fazer qualquer coisa. Mas aquilo foi um erro. Em um movimento repentino, a mulher agarrou Pantalaimon e, segurando seu corpo de camundongo em um aperto feroz, encostou a ponta da espora na perna dele. Lyra arquejou: foi como um choque, exatamente como o choque que havia sentido quando os homens de Bolvangar o agarraram. Ninguém devia tocar o daemon de outra pessoa — era uma violação.

Mas então viu que Will havia agarrado o homem com a mão direita, segurando-o e apertando com firmeza suas pernas de modo que não pudesse usar as esporas, e erguendo-o bem alto.

— Estamos novamente em um impasse — comentou Salmakia calmamente. —

Ponha o cavaleiro no chão, menino.

— Primeiro largue o daemon de Lyra — disse Will. — Não estou com paciência para discutir.

Lyra viu, com um frio de excitação no estômago, que Will poderia perfeitamente esmagar a cabeça do galivespiano contra a rocha. E os dois seres pequeninos sabiam disso.

Salmakia afastou o pé da perna de Pantalaimon e, imediatamente, ele lutou para se libertar e assumiu a forma de um gato-do-mato, sibilando feroz, os pelos em pé, o rabo batendo de um lado para outro. Os dentes arreganhados estavam a um palmo do rosto da mulher, e ela o encarou com absoluta compostura. Depois de um momento, ele lhe deu as costas e fugiu correndo para o colo de Lyra, sob a forma de arminho, e Will cuidadosamente colocou Tialys de volta sobre a pedra ao lado de sua parceira.

— Você deveria ser mais respeitosa — disse o cavaleiro para Lyra. — É uma criança desatenciosa e insolente, e vários homens corajosos morreram esta noite para garantir sua segurança. É melhor se comportar com educação.

— Sim — disse ela com humildade —, sinto muito, sinceramente.

— Quanto a você — prosseguiu ele, se virando para Will. Mas Will o interrompeu.

— Quanto a mim, não vou admitir que fale comigo desse modo, de maneira que é melhor não tentar. Respeito a gente dá e recebe. Agora escute com atenção. Você não está no comando aqui; nós estamos. Se quiser ficar e ajudar, então vai fazer o que dissermos. Caso contrário, pode voltar para as tropas de lorde Asriel agora. Não adianta nem discutir o assunto.

Lyra percebeu a indignação dos dois, mas Tialys estava olhando para a mão de Will, sobre a bainha da faca em seu cinto, e sabia que ele estava pensando que enquanto Will tivesse a faca seria mais forte do que eles. Então, ela teve certeza de que eles não sabiam que a lâmina estava quebrada.

— Muito bem — disse o cavaleiro. — Vamos ajudar vocês, porque esta foi a missão que nos foi dada. Mas têm que nos dizer o que pretendem fazer.

— Isso é justo — respondeu Will. — Vou dizer. Nós vamos voltar ao mundo de Lyra, assim que tivermos descansado, e vamos nos encontrar com um amigo nosso, um urso. Ele não está longe.

— É o urso de armadura? Muito bem — disse Salmakia. — Nós o vimos lutar. Ajudaremos vocês. Mas depois devem vir conosco até lorde Asriel.

— Iremos — mentiu Lyra, mas com a maior seriedade. — Com certeza depois disso a gente vai.

Pantalaimon agora estava mais calmo e curioso, então ela o deixou subir em seu ombro e mudar de forma. Ele se tornou uma libélula, tão grande quanto as outras duas que estavam esvoaçando no ar enquanto conversavam, e saiu voando para se juntar a elas.

— Aquele veneno — perguntou Lyra, se dirigindo aos galivespianos —, esse veneno que tem nas esporas, é mortal? Porque picaram minha mãe, a sra. Coulter, não foi? Ela vai morrer?

— Foi apenas uma leve ferroada — respondeu Tialys. — Uma dose inteira a teria matado, sim, mas um pequeno arranhão a deixará fraca e tonta durante um dia ou coisa assim.

E sentindo uma dor de enlouquecer, ele sabia, mas achou melhor não contar isso a ela.

— Preciso falar em particular com Lyra — disse Will. — Vamos nos afastar apenas por um minuto.

— Com essa faca, você pode cortar uma abertura de um mundo para outro, não é verdade? — disse o cavaleiro.

— Não confia em mim?

— Não.

— Está bem, vou deixar a faca aqui. Se não estiver comigo, não posso usar.

Will desafivelou a bainha da faca e a colocou sobre a pedra, e então ele e Lyra se afastaram e se sentaram em um ponto de onde podiam ver os galivespianos. Tialys estava olhando muito atentamente para o cabo da faca, mas sem tocar.

— Vamos ter que continuar com eles por enquanto — disse Will. — Assim que a faca estiver consertada, fugimos.

— Eles são tão *rápidos*, Will. E não se importariam de matar você.

— Espero apenas que Iorek possa consertar a faca. Não tinha percebido o quanto precisamos dela.

— Ele vai consertar — respondeu Lyra, confiante.

Ela estava observando Pantalaimon, enquanto ele esvoaçava e dardejava no ar, abocanhando minúsculas mariposas, como as outras libélulas. Não conseguia ir tão longe quanto elas, mas era igualmente rápido, e o colorido de suas asas ainda mais vivo. Levantou a mão e ele pousou nela, as longas asas transparentes vibrando.

— Acha que podemos confiar neles enquanto dormimos? — perguntou Will.

— Podemos. São impetuosos, violentos, mas parecem bastante honestos.

Os dois voltaram para o rochedo e Will disse para os galivespianos:

— Agora eu vou dormir. Seguiremos adiante quando amanhecer.

O cavaleiro assentiu e Will se deitou encolhido, adormecendo imediatamente.

Lyra se sentou ao lado dele, com Pantalaimon sob a forma de gato, confortavelmente aninhado em seu colo. Que sorte para Will que ela agora estivesse acordada para cuidar dele! Era realmente muito corajoso, e ela o admirava tanto que nem sabia dizer o quanto; mas Will não sabia mentir, nem trair, nem enganar, coisas que ela fazia tão naturalmente quanto respirar. Quando pensou nisso, se sentiu animada e virtuosa, pois ela fazia tudo isso por Will, nunca por si mesma.

Queria consultar o aletiômetro novamente, mas, para sua profunda surpresa, descobriu que estava tão cansada quanto se tivesse passado todo aquele tempo acordada em vez de inconsciente. Deitou-se ali perto e fechou os olhos, só para tirar um cochilo rápido, garantiu a si mesma, antes de adormecer.

14. SAIBA O QUE É

Labuta sem alegria é vil. Labuta sem sofrimento é vil.
Sofrimento sem labuta é vil. Alegria sem labuta é vil.
JOHN RUSKIN

Will e Lyra dormiram a noite inteira e só acordaram quando o sol bateu em suas pálpebras. Na verdade, acordaram quase juntos, em um intervalo de segundos, com o mesmo pensamento. Mas, quando olharam em volta, o cavaleiro Tialys estava calmamente montando guarda nas proximidades.

— As forças do Tribunal Consistorial bateram em retirada — disse a eles. — A sra. Coulter está nas mãos do rei Ogunwe e a caminho de lorde Asriel.

— Como sabe disso? — perguntou Will, se sentando com o corpo ainda enrijecido. — Você voltou pela janela que deixamos aberta?

— Não. Nós falamos pelo magneto ressonante. Relatei nossa conversa — disse Tialys para Lyra — ao nosso comandante, lorde Roke, e ele concordou que fôssemos com vocês encontrar o urso, e que, depois que o tiverem visto, deverão vir conosco. De modo que somos aliados, e ajudaremos vocês tanto quanto pudermos.

— Ótimo — disse Will. — Então, vamos comer juntos. Vocês comem a nossa comida?

— Obrigada, comemos sim — disse lady Salmakia.

Will tirou da mochila seus últimos pêssegos secos e o pão de centeio dormido, que era tudo o que lhe restava, e dividiu tudo entre eles, embora, claro, os espiões não comessem muito.

— Quanto à água, parece não haver nenhuma aqui neste mundo — comentou Will. — Vamos ter que esperar até voltarmos para beber.

— Então é melhor fazermos isso logo — disse Lyra.

Mas primeiro ela pegou o aletiômetro. Agora podia ver com clareza, ao contrário da noite anterior, mas seus dedos ainda estavam lentos e endurecidos depois de ter dormido tanto. Ela perguntou se ainda havia algum perigo no vale. *Não*, veio a resposta, *todos os soldados se foram e os aldeões estão em suas casas*; então eles se

prepararam para partir.

A janela parecia estranha na luz forte e ofuscante do deserto, mostrando o arbusto frondoso na sombra, um quadrado de vegetação espessa muito verde, pendurada no espaço, como uma pintura. Os galivespianos quiseram examinar melhor e ficaram espantadíssimos ao ver como simplesmente não estava lá se olhada por trás, e como apenas passava a existir quando se dava a volta para o outro lado.

— Eu vou ter que fechar depois que atravessarmos — disse Will.

Lyra tentou apertar e juntar as bordas, mas seus dedos não conseguiam encontrá-las; os espiões também não conseguiram, apesar da delicadeza de suas mãos. Só Will era capaz de sentir exatamente onde estavam as bordas, e ele as fechou bem e rapidamente.

— Em quantos mundos se pode entrar com a faca? — perguntou Tialys.

— Tantos quantos existirem — respondeu Will. — Ninguém teria tempo para descobrir todos.

Will colocou a mochila nas costas e foi liderando o grupo, seguindo pelo caminho na floresta. As libélulas ficaram encantadas com o ar fresco e úmido e saíram dardejando como agulhas pelos raios de sol. O movimento das árvores acima estava menos violento, e o ar, fresco e tranquilo; nesse ambiente, foi ainda mais chocante ver os restos de um girópteroo pendurado entre os galhos, com o corpo de seu piloto africano preso pelo cinto, metade caído porta afora, e encontrar a carcaça carbonizada do zepelim um pouco mais acima — tiras escuras de fuligem, esteios e tubulações enegrecidos, vidros quebrados, e depois os corpos: três homens reduzidos a cinzas, seus membros contorcidos e encolhidos como se ainda estivessem tentando lutar.

E aqueles eram apenas os que tinham tombado perto da trilha. Havia outros corpos e mais destruição no penhasco acima e entre as árvores mais abaixo. Chocadas e em silêncio, as duas crianças seguiram em meio à carnificina, enquanto os espiões em suas libélulas olhavam mais friamente, acostumados a combates, reparando em como aquele havia decorrido e em quem tinha sofrido mais perdas.

Quando chegaram ao alto do vale, onde havia cada vez menos árvores e as cachoeiras com arco-íris começavam, pararam para beber bastante daquela água fria como gelo.

— Espero que a menina esteja bem — disse Will. — Nunca teríamos conseguido

tirar você de lá se ela não tivesse te acordado. Ela foi consultar um religioso especialmente para conseguir aquele pó.

— Ela está bem — disse Lyra —, eu perguntei ao aletiômetro ontem à noite. Mas acha que somos demônios. Tem medo de nós. Provavelmente queria nunca ter se metido nessa coisa toda, mas está bem e em segurança.

Subiram pelo lado das cachoeiras e tornaram a encher o cantil de Will antes de começarem a atravessar o platô em direção à cordilheira para onde o aletiômetro dissera a Lyra que Iorek tinha ido.

Então veio um dia de longa e dura caminhada: nenhum problema para Will, mas um sofrimento para Lyra, cujas pernas estavam enfraquecidas e fora de forma depois de seu sono prolongado. Mas ela preferiria que lhe cortassem a língua a confessar como se sentia mal: mancando, apertando os lábios, tremendo, ela acompanhou o passo de Will e não disse nada. Só quando se sentaram, ao meio-dia, ela se permitiu um gemido, e isso somente quando Will havia se afastado para fazer suas necessidades.

Lady Salmakia disse:

— Descanse. Não há nenhuma vergonha em estar cansada.

— Mas não quero desapontar Will! E não quero que ele pense que sou fraca e que estou atrasando ele.

— Isso é a última coisa que ele pensaria.

— Você não sabe — retrucou Lyra em tom malcriado. — Não conhece Will, do mesmo jeito que não me conhece.

— Mas conheço insolência muito bem — disse a pequenina dama calmamente. — Faça o que estou dizendo e agora descanse. Guarde sua energia para a caminhada.

Lyra teve vontade de se rebelar, mas as esporas reluzentes da dama estavam muito nítidas à luz do sol, e ela achou melhor ficar calada.

Seu companheiro, o cavaleiro, estava abrindo o estojo do magneto ressonante e, com a curiosidade vencendo o ressentimento, Lyra ficou observando para ver o que ele fazia. O instrumento parecia um pedaço curto de lápis feito de pedra fosca, de cor preta-acinzentada, deitado sobre uma base de madeira, e o cavaleiro movia rapidamente um pequeno arco, como o de um violino, sobre a extremidade, enquanto apertava os dedos em vários pontos ao longo da superfície. Os lugares não eram marcados, e por isso parecia que ele estava tocando ao acaso, mas pela intensidade de sua expressão e a fluência precisa de seus movimentos, Lyra

percebeu que era um processo difícil, que exigia muita habilidade da mesma forma que a leitura do aletiômetro.

Depois de vários minutos, o espião guardou o arco e colocou um par de fones de ouvido, não maiores que a unha do dedo mindinho de Lyra. Ele foi enrolando, bem apertada, uma das pontas do fio em volta de um gancho em uma das extremidades da pedra, esticando o resto até o outro gancho, na outra ponta, e enrolando em volta da primeira. Através da manipulação dos dois ganchos e da tensão no fio entre eles, Tialys evidentemente podia ouvir a resposta para sua mensagem.

— Como é que isto funciona? — perguntou ela depois que ele acabou.

Tialys a encarou como se avaliasse se estava realmente interessada, depois disse:

— Seus cientistas, como é que os chama, teólogos experimentais, devem conhecer algo que se chama enredamento quântico. Significa que podem existir duas partículas que têm todas as propriedades em comum, de modo que, o que quer que aconteça com uma, acontece com a outra no mesmo instante, não importa a que distância estejam. Bem, em nosso mundo existe uma maneira de pegar um magneto ou ímã comum, enredar todas as suas partículas e depois dividi-lo em dois, de modo que ambas as partes ressoem juntas. A outra parte deste está com lorde Roke, nosso comandante. Quando toco neste aqui com meu arco, o outro reproduz os sons com exatidão, e assim nos comunicamos.

Ele guardou todo o equipamento e disse alguma coisa para a dama. Ela foi se juntar a ele e os dois se afastaram um pouco, falando baixo demais para que Lyra pudesse ouvir, embora Pantalaimon tivesse se transformado em uma coruja e virado suas grandes orelhas para eles.

Pouco depois, Will voltou e eles seguiram adiante, mais lentamente, à medida que o dia foi passando e a trilha se tornava mais íngreme e a linha de neve, mais próxima. Descansaram mais uma vez no alto do vale, pois Will sabia que Lyra estava quase chegando ao limite de suas forças: estava mancando muito e seu rosto estava pálido.

— Me deixe ver seus pés — disse ele —, porque se estiverem com bolhas, passo um pouco de unguento neles.

E estavam muito empolados e feridos, de modo que ela deixou que Will esfregasse o bálsamo de musgo-de-sangue, fechando os olhos e rangendo os dentes.

Enquanto isso, o cavaleiro estava ocupado e, depois de alguns minutos, guardou seu magneto ressonante e disse:

— Comuniquei nossa posição a lorde Roke e, assim que vocês tiverem falado com seu amigo, eles enviarão um girópteros para nos buscar.

Will apenas assentiu. Lyra não prestou atenção. Pouco depois ela se endireitou, esgotada, se sentou e calçou as meias e os sapatos, e mais uma vez retomaram a caminhada.

Mais uma hora se passou, e a maior parte do vale ficou na sombra. Will começou a se perguntar se encontrariam algum abrigo antes que a noite caísse; e então Lyra deu um grito de alívio e de alegria.

— Iorek! Iorek!

Ela o viu antes de Will. O rei urso ainda estava a alguma distância, o pelo branco se confundindo contra um trecho de neve, mas quando a voz de Lyra ecoou ele virou a cabeça, levantou o focinho para farejar e desceu aos saltos pela encosta da montanha ao encontro deles.

Ignorando Will, ele abraçou Lyra, encobrindo o rosto dela com seu pelo, grunhindo tão profundamente que Will pôde sentir da cabeça aos pés. Lyra, entretanto, sentiu aquilo com prazer e até esqueceu, por instantes, as bolhas e o cansaço.

— Ah, Iorek, meu querido, estou tão contente de ver você! Nunca imaginei que fosse voltar a te encontrar, depois do que aconteceu em Svalbard e de todas as outras coisas... o sr. Scoresby está bem? Como vai seu reino? Está aqui sozinho?

Os pequenos espiões tinham desaparecido; em todo caso, agora parecia que só estavam os três na encosta da montanha que escurecia, o menino, a menina e o grande urso branco. Como se fosse o único lugar do mundo em que quisesse estar, Lyra montou quando Iorek lhe ofereceu as costas e seguiu orgulhosa e feliz enquanto seu amigo querido a carregava para o alto, cobrindo o último trecho do caminho até chegar a sua caverna.

Will, preocupado, não ficou escutando enquanto Lyra conversava com Iorek, embora tivesse ouvido seu grito de pesar a certo ponto e a escutado dizer:

— O sr. Scoresby... Ah, não! Ah, mas que coisa terrível! Morto *mesmo*? Você tem certeza, Iorek?

— A feiticeira me contou que ele partiu para tentar encontrar um homem chamado Grumman.

Will então passou a ouvir com mais atenção, pois Baruch e Balthamos tinham lhe contado parte daquilo.

— O que aconteceu? Quem matou ele? — perguntou Lyra, com a voz trêmula.

— Ele morreu lutando. Impediu uma companhia inteira de soldados moscovitas de avançar, enquanto o homem escapava. Eu encontrei seu corpo. Morreu com bravura. Eu o vingarei.

Lyra estava chorando copiosamente, e Will não sabia o que dizer, pois aquele homem desconhecido morrera para salvar seu pai; e tanto Lyra quanto o urso tinham conhecido e amado Lee Scoresby, e ele não.

Logo Iorek se virou para um lado e se dirigiu para a entrada de uma caverna muito escura, fazendo contraste com a neve. Will não sabia onde se encontravam os espiões, mas tinha certeza absoluta de que estavam por perto. Queria falar discretamente com Lyra, mas não enquanto não pudesse ver os galivespianos e ter certeza de que eles não escutariam.

Deixou a mochila na entrada da caverna e se sentou, exausto. Atrás dele o urso estava acendendo uma fogueira e Lyra observava, curiosa, apesar de sua tristeza. Iorek segurou uma pequena pedra de algum tipo de minério de ferro na pata dianteira esquerda e bateu com ela, não mais que três ou quatro vezes, contra outra pedra similar, no chão. A cada vez que batia, uma porção de fagulhas irrompia e ia exatamente para onde Iorek as estava direcionando: uma pilha de gravetos quebrados e mato seco. Pouco depois aquilo estava em chamas, e Iorek calmamente colocou um pedaço de lenha, depois outro e mais outro até que o fogo estivesse ardendo bem.

As crianças gostaram, porque fazia muito frio agora, então veio uma surpresa ainda melhor: o pernil de alguma coisa que devia ter sido uma cabra. Iorek comeu sua parte crua, claro, mas espetou um pedaço inteiro da carne em um galho bem pontudo e o colocou para assar para os dois.

— Tem muita caça aqui nessas montanhas, Iorek? — perguntou ela.

— Não. Meu povo não pode viver aqui. Eu estava enganado, mas foi um engano de sorte, pois encontrei você. Quais são seus planos agora?

Will olhou em volta, examinando a caverna. Estavam sentados perto da fogueira e a luz do fogo lançava reflexos amarelos e alaranjados no pelo do rei urso. Não via qualquer sinal dos espiões, mas não adiantava: tinha que pedir.

— Rei Iorek, minha faca está quebrada...— disse, então lançou um olhar para além de onde o urso estava e parou: — Não, espere. — Will estava apontando para a parede. — Se estiverem me ouvindo — prosseguiu, falando mais alto —, apareçam e

façam isso honestamente. Não nos espionem.

Lyra e Iorek Byrnison se viraram para ver com quem ele estava falando. O homenzinho saiu das sombras e ficou parado calmamente na luz, em uma reentrância mais alta que a cabeça das crianças. Iorek rosnou.

— Você não pediu permissão a Iorek Byrnison para entrar em sua caverna — disse Will. — E ele é um rei, e você apenas um espião. Deveria demonstrar mais respeito.

Lyra adorou ouvir aquilo. Olhou para Will cheia de prazer e viu seu rosto feroz, tomado de desprezo.

Mas a expressão do cavaleiro, enquanto olhava para Will, era de desagrado.

— Temos sido sinceros e dito a verdade para vocês. Foi um ato desonroso nos enganar.

Will se levantou. Seu daemon, Lyra pensou, teria a forma de uma tigresa, e ela se encolheu diante da fúria que imaginou que o grande animal mostraria naquele momento.

— Se enganamos vocês, foi porque era necessário. Por acaso teriam concordado em vir aqui se soubessem que a faca estava quebrada? Claro que não. Teriam usado seu veneno para nos deixar inconscientes e teriam pedido ajuda, nos sequestrado e levado direto para lorde Asriel. De modo que tivemos que enganar você, Tialys, e vai ter que lidar com isso.

— Quem é este? — perguntou Iorek Byrnison.

— Espiões — disse Will. — Enviados por lorde Asriel. Eles nos ajudaram a escapar ontem, mas, se estão do nosso lado, não deveriam se esconder e ficar ouvindo nossas conversas. E se fizeram isso, são as últimas pessoas a ter o direito de falar em honra.

O olhar do espião foi tão furioso que parecia pronto para lutar contra o próprio Iorek, sem nem dar atenção ao desarmado Will; mas Tialys estava em uma posição indefensável e sabia disso. Tudo o que podia fazer era baixar a cabeça, fazer uma mesura e pedir desculpas.

— Majestade — disse para Iorek, que imediatamente rugiu.

Os olhos do cavaleiro lançavam faíscas de ódio para Will, de desafio e advertência para Lyra, e de um respeito frio e desconfiado para Iorek. A clareza de suas feições tornava todas essas expressões vívidas e fortes, como se estivesse sob a luz de um holofote. A seu lado lady Salmakia estava saindo da sombra e, ignorando as crianças completamente, fez uma reverência para o urso.

— Pedimos desculpas — disse para Iorek. — O hábito de manter segredos é difícil

de quebrar, e meu companheiro, o cavaleiro Tialys, e eu, lady Salmakia, vivemos entre nossos inimigos por tanto tempo que, por uma questão de puro hábito, negligenciamos a obrigação de lhe oferecer a devida reverência. Estamos acompanhando esse menino e essa menina para assegurar que cheguem em segurança aos cuidados de lorde Asriel. Não temos nenhum outro objetivo e, certamente, não temos quaisquer intenções que lhe possam ser prejudiciais, rei Iorek Byrnison.

Se Iorek tinha dúvidas de como seres tão pequeninos poderiam fazer mal a ele, não demonstrou; não só sua expressão era naturalmente difícil de decifrar, como ele também tinha as próprias regras de etiqueta, e a dama tinha falado com grande cortesia e elegância.

— Desçam e venham para junto da fogueira — convidou. — Há bastante comida, mais que de sobra, se estiverem com fome. Will, você tinha começado a falar da faca.

— Sim — disse Will —, e nunca pensei que isso poderia acontecer, mas está quebrada. E o aletiômetro disse a Lyra que você poderia consertá-la. Eu ia pedir mais educadamente, mas, indo direto ao ponto, pode consertar a faca, Iorek?

— Me mostre.

Will sacudiu a bainha tirando todos os pedaços e os colocou sobre o solo rochoso, arrumando aqui e ali, até estarem encaixados em seus lugares certos, como em um quebra-cabeça; dava para ver que estavam todos ali. Lyra levantou um galho em chamas e, sob aquela luz, Iorek se abaixou para olhar bem de perto cada pedaço, tocando delicadamente com suas garras maciças e levantando-os para virá-los primeiro para um lado, depois para outro, e examinar o ponto em que quebrara. Will ficou maravilhado com a destreza daquelas imensas garras negras.

Então Iorek voltou a se endireitar, sentado, a cabeça virada para o alto, para as sombras.

— Posso consertar — disse ele, respondendo exatamente à pergunta e nada mais.

Lyra, sabendo o que ele estava querendo dizer, perguntou:

— Ah, mas você *vai* consertar, Iorek? Não imagina como isto é importante; se não pudermos consertar, então estaremos em uma encrenca desesperadora, e não somente nós...

— Eu não gosto dessa faca — disse Iorek. — Tenho medo do que ela pode fazer. Nunca vi nada tão perigoso. As máquinas de combate mais mortíferas são

brinquedos se comparadas a essa faca, o mal que ela pode causar é ilimitado. Teria sido infinitamente melhor se jamais tivesse sido feita.

— Mas com ela... — começou Will.

Iorek não o deixou acabar, e prosseguiu:

— Com ela você pode fazer coisas estranhas. O que não sabe é o que a faca faz sozinha. Suas intenções podem ser boas, mas a faca tem intenções próprias.

— Como isso é possível? — perguntou Will.

— As intenções de um instrumento são o que ele faz. Um martelo tem a intenção de golpear, um torno tem a intenção de segurar, prender bem, uma alavanca tem a intenção de levantar. Elas são a finalidade para a qual o instrumento foi feito. Mas por vezes um instrumento pode ter outros usos que você não conhece. Por vezes, ao fazer o que *você* pretende, também faz o que a faca pretende, sem ter conhecimento disso. Está vendo o gume mais afiado dessa faca?

— Não — respondeu Will, pois era verdade: o gume se reduzia a uma finura tão aguda que o olhar não conseguia alcançar.

— Então como pode saber tudo o que faz?

— Não posso. Mas ainda assim tenho que usar ela e fazer o que puder para ajudar que coisas boas aconteçam. Se não fizesse nada, eu seria pior que inútil. Eu seria cúmplice e também culpado.

Lyra estava acompanhando aquele diálogo atentamente; vendo que Iorek ainda não se decidira, disse:

— Iorek, você *sabe* como aquelas pessoas de Bolvangar eram malvadas. Se não conseguirmos vencer, eles vão continuar a fazer aquele tipo de coisa para sempre. E, além disso, se não tivermos a faca, eles podem se apoderar dela. Quando conheci você, a gente nunca tinha ouvido falar sobre a faca, ninguém tinha, mas agora sabemos dela e *temos* que usar; não podemos simplesmente *não* usar. Seria covarde e também errado, seria a mesma coisa que entregar a faca a eles e dizer "tudo bem, podem usar, não vamos impedir". Está certo, nós não sabemos tudo que ela pode fazer, mas eu posso perguntar ao aletiômetro, não posso? Então saberíamos. E aí vamos entender ela direito, em vez de imaginar coisas e ficar com medo.

Will não queria mencionar seu motivo mais forte: se a faca não fosse consertada, ele nunca mais voltaria para casa, nunca mais veria sua mãe; ela nunca saberia o que havia acontecido; pensaria que ele a havia abandonado, como seu pai fizera. A faca tinha sido diretamente responsável pela deserção dos dois. Ele *tinha* que usá-la para

voltar para a mãe, caso contrário jamais perdoaria a si mesmo.

Iorek Byrnison não disse nada durante um longo tempo, mas virou a cabeça para olhar para fora, para a escuridão. Então se levantou devagar, foi andando silenciosamente até a entrada da caverna e olhou para o alto, para as estrelas: algumas eram as mesmas que conhecia, do norte, e outras eram estranhas para ele.

Atrás do urso, Lyra virou a carne sobre o fogo e Will examinou seus ferimentos, para ver como estavam sarando. Tialys e Salmakia permaneceram sentados em silêncio na reentrância.

Então Iorek se virou para eles.

— Muito bem, vou consertar, mas sob uma condição. Embora eu ache que seja um erro. Meu povo e eu não temos deuses, nem espíritos ou daemons. Vivemos e morremos e é só. As questões humanas não nos trazem nada além de sofrimento e problemas, mas temos uma língua, fazemos guerra e usamos ferramentas; talvez devêssemos escolher um lado. Mas é melhor ter conhecimento pleno do que pela metade. Lyra, leia seu instrumento. Saiba o que é que está me pedindo. Depois, se ainda quiser, eu consertarei a faca.

Imediatamente, Lyra pegou o aletiômetro e chegou mais perto do fogo para poder ver o mostrador. A luz bruxuleante, inconstante, tornava mais difícil enxergar, ou talvez fosse a fumaça entrando em seus olhos, e a leitura demorou mais do que habitualmente.

Quando afinal ela piscou e suspirou, saindo do transe, seu rosto estava preocupado.

— Nunca vi o aletiômetro tão confuso — disse ela. — Falou um monte de coisas. Acho que entendi. *Acho*. Primeiro ele falou de equilíbrio. Disse que a faca podia ser má ou que podia fazer o bem, mas que era um equilíbrio tão frágil, tão delicado, que o mais leve pensamento ou desejo podia alterar a balança para um lado ou para o outro... E estava se referindo a *você*, Will, estava falando do que você pensar ou desejar, só que não disse o que seria um bom pensamento ou um mau pensamento.

Então Lyra prosseguiu:

— Então... disse que sim. — Seus olhos faiscaram em direção aos espiões. — Disse que sim, que devemos fazer isso, devemos consertar a faca.

Iorek olhou para ela com firmeza, e fez um movimento com a cabeça, concordando.

Tialys e Salmakia desceram para olhar mais de perto e Lyra disse:

— Vai precisar de mais lenha, Iorek? Eu e Will podemos ir buscar.

Will compreendeu o que ela estava querendo dizer: *precisamos conversar longe dos espiões*.

— Abaixo do primeiro contraforte na trilha há um arbusto de madeira resinosa. Tragam o máximo que puderem — respondeu Iorek.

Ela se levantou de um salto e Will foi junto.

A lua estava clara, brilhante, o caminho era uma trilha de pegadas meio apagadas na neve, o ar cortante e frio. Os dois se sentiam confiantes, esperançosos e vivos. Não falaram até estarem bem afastados da caverna.

— O que mais ele disse? — perguntou Will.

— Disse coisas que não compreendi e não compreendo até agora. Disse que a faca seria a morte do Pó, mas depois disse que era a única maneira de manter o Pó vivo. Não compreendi, Will. Mas disse novamente que era perigosa, ficava repetindo isso. Disse que se nós, você sabe, o que eu pensei...

— Se formos ao mundo dos mortos...

— É... se fizermos isso... disse que poderíamos nunca mais voltar, Will. Poderíamos não sobreviver.

Ele não disse nada e continuaram caminhando, agora mais cuidadosamente, procurando o arbusto que Iorek havia mencionado. Calados pelo pensamento da responsabilidade que poderiam estar aceitando.

— Mas temos que ir — argumentou ele —, não temos?

— Eu não sei.

— Ora, mas agora nós *sabemos*. Você tem que falar com Roger e eu tenho que falar com meu pai. Agora nós temos que ir.

— Estou com medo — disse ela.

E ele sabia que Lyra nunca admitiria isso para mais ninguém.

— Ele falou o que aconteceria se *não* fôssemos? — perguntou.

— Só vazio. Só um branco total. Eu realmente não entendi, Will. Mas *acho* que queria dizer que, mesmo *sendo* assim tão perigoso, nós ainda devemos tentar salvar o Roger. Mas não vai ser como quando eu resgatei ele de Bolvangar; na verdade, eu não sabia o que estava fazendo naquela vez, só fui lá e tive sorte. Quero dizer, apareceu todo tipo de gente para ajudar, como os gípcios e as feiticeiras. Não vai ter ninguém para ajudar lá, aonde temos que ir. E posso ver... Em meu sonho eu vi... O lugar era... Era pior que Bolvangar. É por isso que estou com medo.

— Pois *eu* tenho medo — disse Will depois de um minuto, sem olhar para ela — de ficar preso em algum lugar e nunca mais voltar a ver minha mãe.

De repente, uma lembrança veio à sua mente: Will era bem pequeno, antes de os problemas dela começarem, e ele estava doente. A noite inteira, sua mãe tinha ficado sentada no escuro, na beira de sua cama, cantando cantigas de ninar, contando histórias, e, enquanto sua voz querida estava lá, ele sabia que estava seguro. *Não podia* abandonar a mãe agora. Não podia! Cuidaria dela a vida inteira, se precisasse.

E como se Lyra soubesse exatamente o que ele estava pensando, disse, carinhosamente:

— É, é verdade, isso seria terrível... Sabe, com minha mãe, nunca percebi... simplesmente cresci sozinha, na verdade; não me lembro de ninguém me pegando no colo, me abraçando, ou me fazendo carinho; sempre fomos só eu e Pan, desde que me lembro... Não me lembro da sra. Lonsdale me tratando assim; ela era a governanta na Faculdade Jordan, tudo o que fazia era verificar se eu estava limpa, só pensava nisso, ah, e em boas maneiras... Mas na caverna, Will, eu realmente senti... ah, é *estranho*, eu sei que ela fez coisas horríveis, mas realmente senti que me amava e que estava cuidando de mim... Deve ter pensado que eu ia morrer, dormindo aquele tempo todo, eu devo ter apanhado alguma doença, mas ela nunca deixou de cuidar de mim. E me lembro de acordar uma ou duas vezes e ela estava me segurando nos braços... *realmente* me lembro disso, tenho certeza... Isso é o que eu faria no lugar dela, se tivesse uma filha.

E Will percebeu que Lyra não sabia que sua mãe a mantivera dormindo aquele tempo todo. Será que deveria contar a ela e trair aquela lembrança, ainda que fosse falsa? Não, claro que não devia.

— É aquele o arbusto? — perguntou Lyra.

O luar estava claro o bastante para mostrar cada folha. Will partiu um galho fino, e o cheiro de resina pinífera ficou forte em seus dedos.

— E não vamos dizer nada àqueles pequenos espiões — acrescentou ela.

Eles juntaram braçadas de galhos do arbusto e carregaram de volta para a caverna.

15. A FORJA

Enquanto eu caminhava em meio às chamas do inferno, encantado
com os prazeres do espírito
WILLIAM BLAKE

Naquele momento, os galivespianos estavam conversando a respeito da faca. Tendo feito um duvidoso acordo de paz com Iorek Byrnison, subiram de volta para a saliência na rocha, para se manter fora do caminho, e enquanto o crepitar das chamas crescia e os estalos e os rugidos do fogo enchiam o ar, Tialys disse:

— Não devemos sair do lado dele nunca. Assim que consertarem a faca, devemos grudar neles como uma sombra.

— Ele é esperto demais. Vigia todos os cantos atrás de nós — observou Salmakia. — Acho que seria mais fácil conquistar a garota. Ela é mais inocente e ama com facilidade. Poderíamos nos dedicar a ela. Acho que deveríamos fazer isso, Tialys.

— Mas ele tem a faca. É ele quem pode usá-la.

— Ele não vai a lugar nenhum sem a menina.

— Mas ela tem que segui-lo, se ele tiver a faca. E creio que assim que a faca estiver inteira de novo, eles vão cortar alguma janela e fugir de nós. Você viu como ele a impediu de falar quando ia dizer mais alguma coisa? Eles têm algum objetivo secreto, e é muito diferente do que queremos que façam.

— Vamos ver. Mas creio que você tem razão, Tialys. Devemos nos manter perto do menino a qualquer custo.

Ambos tinham observado com algum ceticismo enquanto Iorek Byrnison arrumava suas ferramentas na oficina improvisada. Os poderosos operários nas fábricas de peças de artilharia no subsolo da fortaleza de lorde Asriel, com seus altos-fornos e laminadores, suas forjas ambáricas e prensas hidráulicas, teriam rido do fogo aberto, do martelo de pedra, da bigorna que não passava de um pedaço da armadura de Iorek. Mas o urso havia avaliado as dificuldades, tomado as providências e assumido muito seriamente sua tarefa, e na precisão de seus movimentos os pequenos espiões começaram a ver tanta qualidade que fez calar seu

desprezo.

Quando Lyra e Will entraram trazendo a lenha, Iorek os instruiu sobre como colocar os galhos cuidadosamente na fogueira. Examinava cada um, de um lado para outro, e depois dizia a Will ou a Lyra como devia ser colocado neste ou naquele ângulo específico, ou para quebrar uma parte e colocá-la separadamente na beira. O resultado foi uma fogueira de extraordinária ferocidade, com toda a sua energia concentrada em um dos lados.

A essa altura o calor na caverna era intenso. Iorek continuou a alimentar a fogueira e mandou as crianças fazerem mais duas viagens descendo a trilha para garantir que houvesse combustível suficiente para a operação inteira.

Então o urso apanhou uma pequena pedra no chão e pediu a Lyra para procurar mais pedras do mesmo tipo. Explicou que aquelas rochas, quando aquecidas, deixavam escapar um gás que cercaria e envolveria a lâmina, impedindo o ar de entrar em contato com ela, pois se o metal quente entrasse em contato com o ar, o absorveria um pouco e seria enfraquecido por ele.

Lyra começou a procurar e, com a ajuda dos olhos de coruja de Pantalaimon, logo estava carregando uma dúzia ou mais de pedras. Iorek explicou à menina como e onde arrumar as rochas, e mostrou a ela exatamente o tipo de corrente de ar que precisava obter, abanando um galho cheio de folhas, para garantir que o gás fluísse de maneira constante sobre a peça enquanto ela era trabalhada.

Will foi encarregado de cuidar do fogo, e Iorek passou vários minutos lhe dando instruções precisas e se assegurando de que havia compreendido os princípios que deveria usar. Muitas coisas que dependiam de posicionamento exato e Iorek não podia parar para corrigir cada uma delas. Will tinha que compreender todas, pois só assim as faria corretamente.

Além disso, ele não deveria esperar que a faca tivesse exatamente o mesmo aspecto depois de consertada. Ficaria mais curta, pois cada pedaço da lâmina partida deveria recobrir ligeiramente o seguinte, à medida que fossem forjados juntos; e a superfície oxidaria um pouco, a despeito do gás da pedra, e, sendo assim, parte do jogo de cores se perderia; e sem dúvida o cabo ficaria queimado. Mas a lâmina continuaria a ser igualmente afiada e funcionaria.

Will ficou observando enquanto as chamas rugiam, lambendo os galhos da madeira resinosa. E, com os olhos lacrimejando e as mãos chamuscadas, ajustou cada novo galho que foi acrescentando até que o calor estivesse concentrado como

Iorek explicara.

Enquanto isso, o próprio Iorek amolava e martelava uma pedra do tamanho de um punho, depois de ter rejeitado várias até encontrar uma com o peso ideal. Com golpes poderosos foi lhe dando forma e polindo; o cheiro de cordite vindo das pedras espatifadas se juntava à fumaça nas narinas dos dois espiões, que observavam lá do alto. Até Pantalaimon estava em ação, tomando a forma de um corvo para poder bater as asas e avivar as chamas, fazendo o fogo arder mais depressa.

Finalmente o martelo ficou pronto, com o formato que Iorek queria, e ele colocou os dois primeiros pedaços da lâmina da faca sutil no meio da lenha que ardia com ferocidade no centro da fogueira e disse a Lyra para começar a abanar para dirigir o gás das pedras sobre eles. O urso ficou observando, seu focinho branco comprido e pálido no clarão do fogo, e Will viu a superfície do metal começar a reluzir, ficando incandescente, primeiro vermelha, depois amarela e então branca.

Iorek estava acompanhando isso com muita atenção, a pata estendida pronta para recolher rapidamente os pedaços. Depois de alguns momentos, o metal mudou novamente e a superfície ficou brilhante e faiscante, e fagulhas, exatamente como as de fogos de artifício, saltavam dela, espirrando para o alto.

Nesse momento Iorek entrou em ação. A pata direita se moveu, rápida como um dardo, e tirou primeiro um pedaço depois outro, os segurando entre a ponta de suas garras maciças e os colocando sobre a placa de ferro que era a chapa das costas de sua armadura. Will sentiu o cheiro das garras queimando, mas Iorek não deu atenção àquilo e, se movendo com uma velocidade extraordinária, ajustou o ângulo em que os pedaços se sobrepunham e então levantou a pata esquerda bem alto e bateu violentamente com o martelo de pedra.

A ponta da faca saltou na pedra sob o golpe violento. Will estava pensando que todo o resto de sua vida dependia do que acontecesse naquele minúsculo triângulo de metal, aquela ponta que encontrava as frestas no interior dos átomos, e todos os seus nervos tremeram, percebendo cada faísca e cada chama, e o alargamento de todos os átomos na estrutura do metal. Antes que o processo começasse, tinha imaginado que apenas uma fornalha de tamanho normal, com todas as ferramentas e equipamento da maior qualidade, poderia dar conta do trabalho naquela lâmina; mas naquele instante se deu conta de que aquelas eram as melhores ferramentas e que o grande talento de Iorek havia construído a melhor fornalha do mundo.

Iorek rugiu acima do clangor:

— Segure a lâmina em sua mente e a mantenha imóvel! Você também tem que participar disso! Esta tarefa é tão sua quanto minha!

Will sentiu o corpo tremer sob os golpes do martelo de pedra no punho do urso. O segundo pedaço da lâmina também estava se aquecendo, e o galho com folhas na mão de Lyra empurrava o gás ao longo de seu comprimento para banhar os dois pedaços em seu fluxo e impedir a entrada do ar corrosivo. Will percebia tudo aquilo e sentia os átomos de metal se ligarem uns aos outros, fechando a fratura, mais uma vez formando novos cristais, se fortalecendo e se ordenando na grade invisível à medida que a fusão se efetuava.

— A ponta! — rugiu Iorek. — Mantenha a ponta alinhada!

Ele queria dizer *com sua mente*, e Will o fez imediatamente, percebendo os minúsculos obstáculos e depois os minúsculos encaixes à medida que as extremidades se alinhavam com perfeição. Então aquela solda se fez e Iorek se virou para o pedaço seguinte.

— Mais uma pedra — gritou para Lyra, que jogou a primeira para o lado e colocou uma segunda no ponto exato para aquecer.

Will verificou o combustível e quebrou um galho em dois para direcionar melhor as chamas, então Iorek voltou a trabalhar com o martelo. Will sentiu uma nova camada de complexidade ser acrescentada à sua tarefa, porque tinha que manter o novo pedaço conectado na posição exata com os dois anteriores, ao mesmo tempo, e compreendia que somente se fizesse isso com absoluta precisão poderia ajudar Iorek a consertar a faca.

E assim o trabalho continuou. Will não tinha ideia de quanto tempo levou; Lyra, por sua vez, começou a sentir os braços doerem, os olhos lacrimejarem, a pele chamuscada e vermelha, e todos os ossos de seu corpo sofriam de cansaço; mas, mesmo assim, continuou a colocar cada pedra exatamente como Iorek lhe explicara, e mesmo o exausto Pantalaimon continuava a levantar as asas e a batê-las sobre as chamas.

Quando chegou a hora de fazer a última solda, a cabeça de Will zunia, e ele estava tão exausto pelo esforço mental que mal conseguiu levantar o galho seguinte e colocá-lo na fogueira. Tinha que compreender cada conexão, caso contrário a faca não ficaria inteira e unida; e quando chegasse a hora da conexão mais complicada, a última, que fixaria a lâmina quase terminada na pequena parte que permanecia presa ao cabo — se não conseguisse manter as partes unidas com sua plena

consciência, juntamente com todas as outras, então a faca simplesmente se desfaria em pedaços, como se Iorek nunca tivesse começado.

O urso percebeu isso também e fez uma pausa, antes de começar a aquecer o último pedaço. Encarou o garoto, e em seus olhos Will não conseguiu ver nada, nenhuma expressão, apenas um brilho negro sem fundo. Apesar disso, compreendeu: aquilo era trabalho, e era trabalho duro, difícil, mas estavam à altura de realizá-lo, todos eles juntos.

E isso foi o bastante para Will, que em seguida se virou de volta para o fogo e direcionou sua mente para o último pedaço quebrado da lâmina, no cabo da faca, e se preparou para a derradeira e mais difícil parte da tarefa.

E assim, juntos, ele, Iorek e Lyra forjaram a faca, e quanto tempo demorou para que a última solda fosse concluída, não tinha ideia; mas depois que Iorek deu a derradeira martelada, depois que Will sentiu que o último minúsculo alinhamento se fez, à medida que os átomos se ligavam, soldados sobre a linha quebrada, se deixou cair no chão da caverna e permitiu que a exaustão o dominasse. Ali perto, Lyra estava no mesmo estado, os olhos vidrados e vermelhos, irritados, o cabelo cheio de fuligem e de fumaça; e mesmo Iorek estava com a cabeça baixa, pesada, o pelo chamuscado em vários lugares, riscas escuras de cinza marcando seu tom branco-cremoso.

Tialys e Salmakia tinham se revezado, dormindo em turnos, um deles sempre alerta. Agora ela estava acordada e ele dormindo, mas à medida que a lâmina esfriava, passando de vermelha para cinzenta e, finalmente, prateada, e Will estendeu a mão para o cabo, ela acordou seu parceiro pondo a mão em seu ombro. Ele imediatamente ficou alerta.

Mas Will não tocou na faca: apenas manteve a palma perto dela, pois o calor ainda era intenso demais para sua mão. Os espiões relaxaram na saliência de rocha quando Iorek disse para o menino:

— Vamos lá fora. — Então disse para Lyra: — Fique aqui e não toque na faca.

Lyra ficou sentada perto da bigorna onde a faca estava esfriando e Iorek disse a ela para abafar o fogo e não deixar que se apagasse: ainda faltava uma última operação.

Will seguiu o grande urso até a encosta escura da montanha. O frio veio intenso e instantâneo, depois do calor infernal na caverna.

— Aquela faca nunca deveria ter sido feita — disse Iorek, depois de terem

caminhado um pouco. — E não tenho certeza se deveria tê-la consertado. Me sinto inquieto e nunca me senti assim antes, nunca tive dúvidas. Agora estou cheio de dúvidas. Ter dúvidas é uma coisa humana, não é coisa de urso. Se estou me tornando humano, alguma coisa está errada, alguma coisa vai mal. E eu a piorei.

— Mas quando o primeiro urso fez a primeira peça de uma armadura, isso também não foi mau, do mesmo modo?

Iorek ficou em silêncio. Continuaram caminhando até alcançarem um grande monte de neve fofa e Iorek se deitou nele e rolou de um lado para outro, de frente, de bruços e mergulhando, lançando nuvens de neve bem alto no ar noturno, até que pareceu que ele próprio era feito de neve, que era a personificação de toda a neve do mundo.

Depois que acabou, rolou de bruços, se levantou e se sacudiu vigorosamente; então, vendo que Will ainda esperava uma resposta para sua pergunta, disse:

— Sim, creio que pode ter sido, também. Mas, antes daquele primeiro urso de armadura, não havia outros. Não conhecemos nada anterior a isso. Foi naquela ocasião que o costume começou. Conhecemos nossos costumes, eles são firmes e sólidos, e os seguimos sem fazer mudanças. A natureza do urso é fraca sem os costumes consagrados, como a carne do urso fica desprotegida sem armadura — declarou. — Mas acho que eu saí dos limites da natureza do urso ao consertar esta faca. Creio que fui tão tolo quanto Iofur Raknison. O tempo dirá. Mas estou inseguro e cheio de dúvidas. Agora você tem que me contar: por que a faca quebrou?

Will esfregou a cabeça dolorida com as duas mãos.

— A mulher olhou para mim e eu pensei que ela tinha o rosto da minha mãe — relatou, tentando recordar a experiência com toda honestidade. — E a faca encontrou um obstáculo, alguma coisa que não conseguiu cortar e, porque minha mente estava empurrando a faca para cortar e ao mesmo tempo fazendo força para puxar ela para trás, ela se partiu. É o que eu acho. A mulher sabia o que estava fazendo, tenho certeza. Ela é muito esperta.

— Quando você fala da faca, você fala de sua mãe e de seu pai.

— Falo? É verdade... acho que falo, sim.

— O que vai fazer com ela?

— Não sei.

De repente, Iorek investiu contra Will e o esbofeteou com força usando a pata esquerda: com tanta força que Will caiu atordoado na neve e saiu rolando e rolando

até que acabou parando a alguma distância mais abaixo na encosta com a cabeça zunindo.

Iorek desceu lentamente até onde Will se esforçava para se levantar e exigiu:

— Responda e me diga a verdade.

Will sentiu a tentação de dizer: "Você não teria feito isso se eu estivesse com a faca na mão". Mas sabia que Iorek sabia disso, e que Iorek sabia que Will sabia disso, e que seria uma descortesia e uma estupidez falar em voz alta; mas mesmo assim ficou tentado.

Controlou a língua até estar de pé, ereto e encarando Iorek, cara a cara.

— Eu disse que não sabia — explicou, se esforçando muito para manter a voz calma — porque ainda não pensei com clareza no que vou fazer exatamente. E no que significa. É uma coisa que me dá medo. E também deixa Lyra assustada. Mas, de qualquer maneira, concordei assim que ouvi o que ela disse.

— E o que foi?

— Queremos descer à terra dos mortos e falar com o espírito do amigo de Lyra, Roger, aquele que foi morto em Svalbard. E, se realmente existir um mundo dos mortos, então meu pai também estará lá, e se pudermos falar com espíritos, quero falar com ele — explicou. E depois prosseguiu: — Mas estou dividido, estou indeciso, porque também quero voltar e cuidar da minha mãe, porque eu *poderia* fazer isso e também porque meu pai e o anjo Balthamos me disseram que eu deveria ir até lorde Asriel e oferecer a ajuda da faca a ele, e acho que eles também estavam certos...

— O anjo fugiu — disse o urso.

— Ele não era um guerreiro. Fez o máximo que podia até que chegou ao limite e não pôde fazer mais nada. Ele não foi o único a sentir medo; eu também sinto. De modo que tenho que refletir sobre tudo isso. Por vezes não fazemos o que é certo porque a coisa errada parece mais perigosa, e não queremos parecer medrosos, então vamos lá e fazemos a coisa errada *só porque* é perigosa; nos empenhamos mais em parecer corajosos do que em escolher corretamente. É muito difícil. Foi por isso que não respondi.

— Compreendo — disse o urso.

Eles ficaram parados ali, em silêncio, pelo que pareceu muito tempo, especialmente para Will, que tinha pouca proteção contra o frio intenso. Mas Iorek ainda não havia acabado, e Will ainda estava enfraquecido e atordoado por causa da

pancada, ele não estava muito confiante na firmeza de seus pés, e eles ficaram onde estavam.

— Bem, eu me comprometi de várias maneiras — disse o urso rei. — É possível que ao ajudar você eu tenha condenado meu reino à destruição definitiva. E é possível que não tenha, e que essa destruição estivesse a caminho de qualquer maneira; e é possível que eu a tenha impedido de ocorrer. Estou angustiado, tendo que fazer coisas que não são da natureza de um urso e ficar tecendo possibilidades e tendo dúvidas como um ser humano — prosseguiu.

— E vou lhe dizer uma coisa. Você já sabe disso, mas não quer saber, e é por isso que vou lhe dizer francamente, e assim você não poderá se enganar. Se quiser ser bem-sucedido em sua tarefa, não deve mais pensar em sua mãe. Deve tirar sua mãe da cabeça. Se sua mente estiver dividida, a faca se quebrará — advertiu.

— Agora vou me despedir de Lyra. Você deve esperar na caverna; aqueles dois espiões não vão querer você longe dos olhos deles e eu não quero que estejam ouvindo quando eu estiver falando com ela.

Will ficou sem palavras, embora seu peito e sua garganta parecessem que iam explodir. Afinal conseguiu falar:

— Obrigado, Iorek Byrnison — mas isso foi tudo o que conseguiu dizer.

Foi subindo a encosta, andando ao lado de Iorek, em direção à caverna, onde as brasas da fogueira ardiam quentes e brilhantes ainda incandescentes na vasta escuridão em volta.

Chegando lá, Iorek executou os últimos procedimentos para concluir o conserto da faca sutil. Ele a colocou entre as cinzas em brasa mais vivas, até a lâmina ficar incandescente, e Will e Lyra viram uma centena de cores rodopiando nas profundezas enfumaçadas do metal e, quando julgou que o momento estava certo, Iorek disse a Will para pegar a faca e a mergulhar diretamente na neve que havia se acumulado do lado de fora.

O cabo de pau-rosa estava enegrecido pelo fogo e chamuscado, mas Will enrolou a mão em uma camisa dobrada, dando várias voltas, e fez o que Iorek havia mandado. No silvar e no clarão de vapor que subiu, sentiu os átomos finalmente se acomodarem unidos, e soube que a faca estava afiada como antes, a ponta infinitamente aguçada.

Mas, de fato, tinha um aspecto diferente. Estava mais curta e muito menos elegante, e havia uma superfície fosca prateada sobre cada um dos pontos de solda.

Ela agora tinha um aspecto feio; parecia estar exatamente como estava, ferida.

Depois que esfriou, ele a guardou na mochila e, ignorando os espiões, sentou para esperar por Lyra.

Iorek a levara um pouco mais para cima na encosta, para um ponto fora do raio de visão da caverna, e lá, deixara que ela se sentasse aconchegada no abrigo de seus grandes braços, com Pantalaimon, sob a forma de camundongo, aninhado em seu peito. Iorek inclinou a cabeça para Lyra e passou o focinho nas mãos chamuscadas e cheias de cinza e fumaça da menina. Sem dizer uma palavra, começou a lambê-las e limpá-las; o toque de sua língua foi apagando o ardor das queimaduras, e ela se sentiu mais segura do que nunca em sua vida.

Mas quando suas mãos estavam livres da fuligem e fumaça, Iorek falou. Ela sentiu sua voz vibrar nas suas costas.

— Lyra da Língua Mágica, que plano é esse de visitar os mortos?

— Me veio em um sonho, Iorek. Eu vi o espírito de Roger e soube que estava chamando por mim... Você se lembra de Roger; bem, depois que deixamos você, ele foi morto e por minha culpa, pelo menos senti que tinha sido. E acho que eu deveria acabar o que comecei, é só isso: devo ir e dizer a ele que sinto muito e, se for possível, devo tirar ele de lá. Se Will puder abrir um caminho até o mundo dos mortos, então, devemos fazer isso.

— Poder não é a mesma coisa que dever.

— Mas se você deve e pode fazer, então não há desculpa.

— Enquanto você estiver viva, seu compromisso é com a vida.

— Não, Iorek — disse ela, com delicadeza —, nosso compromisso é cumprir nossas promessas, por mais difíceis que sejam. Sabe, vou lhe contar um segredo: estou morrendo de medo. E gostaria muito de nunca ter tido aquele sonho, e que Will nunca tivesse pensado em usar a faca para ir lá. Mas já aconteceu, de maneira que não podemos deixar de ir.

Lyra sentiu Pantalaimon tremendo e o acariciou com as mãos doloridas.

— Mas nós não sabemos como chegar lá — prosseguiu ela. — Não vamos saber coisa nenhuma, enquanto não tentarmos. O que *você* vai fazer, Iorek?

— Vou voltar para o norte, com meu povo. Não podemos viver nas montanhas. Até mesmo a neve é diferente. Pensei que pudéssemos viver aqui, mas para nós é mais fácil viver no mar, mesmo se estiver quente. Valeu a pena descobrir isso. E, além disso, acho que vão precisar de nós. Sinto que vai haver uma guerra, Lyra da

Língua Mágica; sinto cheiro de guerra no ar, ouço seus ruídos. Conversei com Serafina Pekkala antes de vir para cá e ela me disse que ia se juntar a lorde Faa e aos gípcios. Se houver guerra, vão precisar de nós.

Lyra se endireitou, excitada ao ouvir o nome de seus velhos amigos. Mas Iorek não havia acabado. Ele continuou:

— Se você não descobrir uma maneira de sair do mundo dos mortos, não voltaremos a nos encontrar, porque eu não tenho espírito. Meu corpo permanecerá na terra e depois se tornará parte dela. Mas se acontecer de você e eu sobrevivermos, então, você será sempre uma visitante bem-vinda e honrada em Svalbard; e o mesmo se aplica a Will. Ele contou a você o que aconteceu quando nos encontramos?

— Não — respondeu Lyra —, disse apenas que tinha sido na margem de um rio.

— Ele me desafiou e me venceu. Pensei que nunca ninguém poderia fazer isso, mas esse garoto ainda criança foi audacioso e mais esperto do que eu. Não estou nada feliz com seus planos, mas não há mais ninguém em quem eu confiaria para acompanhar você, a não ser este garoto. Vocês dois estão à altura um do outro. Boa viagem, Lyra da Língua Mágica, minha querida amiga.

Ela levantou os braços, abraçou o pescoço dele e apertou o rosto contra seu pelo, sem conseguir falar.

Depois de um minuto, ele se levantou com delicadeza e se separou dela; depois se virou e foi se afastando silenciosamente, caminhando para a escuridão. Lyra achou que o contorno de seu corpo desapareceu quase que imediatamente na brancura do terreno coberto de neve, mas isso poderia ter sido porque seus olhos estavam cheios de lágrimas.

Quando Will ouviu os passos de Lyra vindo pela trilha, olhou para os espiões e disse:

— Não se movam, vou deixar a faca aqui, vejam. Fiquem onde estão.

Ele saiu e encontrou Lyra parada, chorando, com Pantalaimon sob a forma de lobo levantando a cabeça para o céu escuro. Ela estava muito calada. A única luz vinha do reflexo pálido do que restava da fogueira sobre a escarpa de neve, e isso, por sua vez, se refletia no rosto molhado de Lyra, e suas lágrimas encontraram reflexo nos olhos de Will, e, assim, aqueles fótons uniram os dois em uma teia silenciosa.

— Eu amo tanto o Iorek, Will! — Lyra conseguiu sussurrar, com a voz trêmula. —

E ele parecia *velho*! Parecia estar com fome, velho e triste... Será que agora tudo depende de nós, Will? Não podemos contar com mais ninguém, não é... Somos só nós. Mas ainda não somos crescidos. Somos apenas crianças. Somos jovens *demais*. Se o pobre sr. Scoresby está morto e Iorek está velho... Tudo fica dependendo de nós, tudo o que tem que ser feito.

— Vamos conseguir — respondeu ele. — Não vou mais pensar no que já aconteceu. Nós vamos conseguir. Mas, agora, temos que dormir, e se ficarmos neste mundo, aqueles tais dos girópteros podem vir, os tais que os espiões pediram que viessem... Vou cortar uma abertura agora e encontraremos um outro mundo para dormir, e se os espiões vierem conosco, vai ser uma pena; vamos ter que nos livrar deles em uma outra oportunidade.

— Está bem — concordou ela, fungou e limpou o nariz com as costas do punho, depois esfregou os olhos com as palmas das duas mãos. — Vamos fazer isso. Você tem certeza que a faca vai funcionar? Testou a faca?

— Eu sei que vai funcionar.

Com Pantalaimon em forma de tigre, o que, esperavam, desencorajaria os espiões de se aproximar, Will e Lyra voltaram à caverna e pegaram suas mochilas.

— O que vocês estão fazendo? — perguntou Salmakia.

— Vamos para um outro mundo — respondeu Will, pegando a faca. Segurar a faca fez com que se sentisse inteiro novamente; não havia percebido o quanto a amava.

— Mas devem esperar pelos girópteros de lorde Asriel — disse Tialys, em tom duro.

— Não vamos esperar — retrucou Will. — Se chegar perto da faca, eu mato você. Venham conosco se quiserem, mas não podem nos obrigar a ficar aqui. Nós vamos embora.

— Você mentiu!

— Não — interveio Lyra —, eu menti. Will não mente. Você não pensou nisso.

— Mas para onde estão indo?

Will não respondeu. Procurou à sua frente, no ar sombrio, e cortou uma abertura.

Salmakia argumentou:

— Isto é um erro. Vocês deveriam perceber isso e nos escutar. Vocês não pensaram...

— Sim, pensamos sim — retrucou Will —, pensamos muito e contaremos a vocês o que pensamos amanhã. Podem vir conosco para onde estamos indo, ou podem

voltar para junto de lorde Asriel.

A janela aberta dava para o mundo para onde Will tinha fugido com Baruch e Balthamos, e onde tinham dormido em segurança: a praia sem fim, quente e úmida, com as árvores gigantescas parecendo samambaias, atrás das dunas.

— Aqui, vamos dormir aqui, aqui está bom — disse.

Deixou que os outros atravessassem e imediatamente fechou a janela. Enquanto Lyra se deitava onde estavam, exausta, lady Salmakia ficou montando guarda e o cavaleiro abriu seu magneto ressonante e começou a tocar sua mensagem para a escuridão.

16. A NAVE DA INTENÇÃO

Da cúpula lustrosa,
Pendurados por magia sutil, descem em fileiras diversas,
Brilhantes como estrelas, candelabros e lamparinas,
Constituídos de asfalto e nafta, que, de si, produzem luz
JOHN MILTON

— Minha *filha*! Minha *filha*! Onde ela está? O que vocês fizeram? Minha Lyra, melhor seria se arrancassem as fibras de meu coração, ela estava segura comigo, *segura*, e agora, onde está ela?

O grito da sra. Coulter ressoou no pequeno gabinete no alto da torre adamantina. Ela estava amarrada a uma cadeira, os cabelos desgrenhados, as roupas rasgadas, os olhos desesperados; e seu daemon macaco se debatia e lutava no chão preso por uma corrente de elos de prata.

Lorde Asriel estava sentado ali perto, escrevendo em um pedaço de papel, sem dar nenhuma atenção. Um ordenança estava de pé a seu lado, olhando nervosamente para a mulher. Quando lorde Asriel lhe entregou o papel, ele bateu continência e saiu apressado, seu daemon terrier colado nos calcanhares, com o rabo entre as pernas.

Lorde Asriel olhou para a sra. Coulter.

— Lyra? Francamente, não me interessa — disse, a voz baixa e rouca. — Aquela criança miserável deveria ter ficado onde estava e feito o que lhe mandavam fazer. Não posso mais desperdiçar tempo nem recursos com ela; se ela se recusa a ser ajudada, que aguente as consequências.

— Você não está falando sério, Asriel, senão não teria...

— Estou falando muito sério, cada palavra. A confusão que ela provocou é totalmente fora de proporção com relação a seus méritos. Uma menina inglesa comum, não muito inteligente...

— Mas ela é! — rebateu a sra. Coulter.

— Está bem; esperta, mas não intelectualmente inteligente; impulsiva, desonesta, ambiciosa...

— Corajosa, generosa, carinhosa.

— Uma criança absolutamente comum, sem nenhuma qualidade especial...

— Absolutamente comum? Lyra? Ela é singular. Pense no que ela já fez. Pode não gostar dela, se quiser, Asriel, mas não ouse falar com ares condescendentes sobre sua filha. E ela estava segura comigo, até...

— Você tem razão — disse ele, se levantando. — Ela é singular. Ter conseguido domesticar e amolecer você, isso é um feito incomum. Ela conseguiu lhe tirar seu veneno, Marisa. Ela lhe arrancou os dentes. Seu ardor se apagou em uma garoa de piedade sentimental. Quem poderia imaginar? A agente impiedosa da Igreja, a perseguidora fanática de crianças, a inventora de máquinas horrendas para seccioná-las e vasculhar as entranhas aterrorizadas de seus pequenos seres em busca de qualquer prova de *pecado*... e então, aparece uma pirralha, insolente, malcriada e ignorante, de unhas sujas, e você cacareja e abre as asas como uma galinha chocadeira. Bem, admito: a menina deve ter algum dom que eu nunca percebi. Mas se tudo o que fez com esse dom foi transformar você em mãe dedicada, é um dom um bocado enfadonho, pequeno e insignificante. E agora é melhor você tratar de ficar calada. Mandei chamar meus comandantes de estado-maior para uma conferência urgente e, se não puder se controlar e parar com essa gritaria, vou ter que te amordaçar.

A sra. Coulter era mais parecida com sua filha do que imaginava. Sua resposta àquelas palavras foi cuspir na cara de lorde Asriel. Ele limpou o rosto calmamente e disse:

— Uma mordaça também acabaria com esse tipo de comportamento.

— Ah, por favor, me corrija se eu estiver errada, Asriel — ela retrucou —; alguém que exibe a seus oficiais subordinados uma prisioneira amarrada em uma cadeira é, evidentemente, um príncipe de cortesia. Me desamarre, senão vou *obrigar* você a me amordaçar.

— Como quiser — respondeu ele, e pegou um lenço de seda em uma gaveta; mas antes que pudesse amarrá-lo sobre a boca da sra. Coulter, ela sacudiu a cabeça.

— Não, não — pediu —, Asriel, não faça isso, estou implorando, por favor, não me humilhe dessa forma.

Lágrimas de raiva escorreram de seus olhos.

— Está bem, vou desamarrar você, mas ele vai ficar acorrentado — disse, e colocou o lenço de volta na gaveta antes de cortar as cordas com um canivete.

Ela esfregou os punhos, se levantou, se espreguiçou e, só então, percebeu o estado em que estavam suas roupas e cabelo. Estava abatida e pálida; ainda havia resquícios do veneno dos galivespianos em seu corpo, provocando dores terríveis em suas articulações, mas não ia deixar que ele visse seu sofrimento.

— Pode se lavar ali dentro — disse lorde Asriel, apontando para um pequeno aposento, pouco maior que um armário.

Ela pegou seu daemon acorrentado, cujos olhos malévolos lançaram um olhar furioso para lorde Asriel por sobre seu ombro, e entrou para se lavar e se arrumar.

O ordenança entrou para anunciar:

— Sua Majestade o rei Ogunwe e lorde Roke.

O general africano e o galivespiano entraram: o rei Ogunwe vestindo um uniforme limpo, com um ferimento na têmpora coberto por um curativo, e lorde Roke planando rapidamente até pousar na mesa, montado em seu falcão azul.

Lorde Asriel os cumprimentou calorosamente e ofereceu vinho. O pássaro deixou que seu cavaleiro desmontasse e depois voou para a arandela junto da porta, enquanto o ordenança anunciava o terceiro dos comandantes supremos, um anjo chamado Xaphania. Ela era de hierarquia muito mais alta que Baruch e Balthamos e por isso visível, através de uma luz tremeluzente, desconcertante, que parecia vir de algum outro lugar.

Nesse momento a sra. Coulter reapareceu, mais arrumada, e todos os três comandantes a cumprimentaram; se ela ficou surpreendida com a aparência deles, não demonstrou, mas inclinou a cabeça retribuindo o cumprimento e se sentou calmamente com o macaco acorrentado nos braços.

Sem perder tempo, lorde Asriel pediu:

— Me diga o que aconteceu, rei Ogunwe.

O africano, um homem forte, de voz grave, relatou:

— Matamos dezessete guardas suíços e destruímos dois zepelins. Perdemos cinco homens e um girópteros. A menina e o menino fugiram. Capturamos a sra. Coulter, a despeito de sua resistência corajosa, e a trouxemos para cá. Espero que ela sinta que a tratamos com cortesia.

— Não tenho o que reclamar da maneira como o senhor me tratou, majestade — disse ela, com uma ligeiríssima ênfase nas palavras *o senhor*.

— Os outros girópteros sofreram algum estrago? Temos feridos? — perguntou lorde Asriel.

— Algum estrago e alguns feridos, mas nada sério.

— Bom. Muito obrigado, rei; seus homens se saíram muito bem. Lorde Roke, quais são as suas notícias?

O galivespiano respondeu:

— Meus espiões estão com o menino e a menina em um outro mundo. As duas crianças estão bem e em segurança, apesar de a menina ter sido mantida drogada, dormindo, durante vários dias. O menino perdeu a possibilidade de usar a faca durante os eventos na caverna; por causa de algum acidente, a faca se partiu em pedaços. Mas agora está inteira de novo, graças ao animal do norte, de *seu* mundo, lorde Asriel, um urso gigante, um ferreiro muito habilidoso. Tão logo a faca foi consertada, o garoto cortou uma passagem para um outro mundo, onde eles estão agora. Meus espiões estão com eles, é claro, mas há uma dificuldade: enquanto o menino tiver a faca, não pode ser obrigado a fazer nada; contudo, se o matassem enquanto estivesse dormindo, a faca seria inútil para nós. Por enquanto, o cavaleiro Tialys e lady Salmakia os acompanharão, de modo que pelo menos saibamos seu paradeiro. Eles parecem ter um plano; de qualquer maneira, se recusam a vir para cá.

— Eles estão em segurança nesse outro mundo onde estão agora? — perguntou lorde Asriel.

— Estão em uma praia próxima de uma floresta de árvores samambaias. Não há nenhum sinal de vida animal nas redondezas. Neste exato momento, o menino e a menina estão dormindo; falei com o cavaleiro Tialys há menos de cinco minutos.

— Muito obrigado — disse lorde Asriel. — Agora que seus dois agentes estão seguindo as crianças, evidentemente não temos mais espiões no Magisterium. Teremos que confiar no aletiômetro. Pelo menos...

Então a sra. Coulter falou, para a surpresa de todos.

— Não posso falar com relação aos outros órgãos da Igreja — disse —, mas no que diz respeito ao Tribunal Consistorial de Disciplina, o leitor em quem confiam é frei Pavel Rasek. E ele é competente, mas lento. Não saberão onde Lyra está por pelo menos mais algumas horas.

— Obrigado, Marisa — disse lorde Asriel. — Por acaso *você* tem alguma ideia do que Lyra e esse garoto pretendem fazer a seguir?

— Não — respondeu ela —, nenhuma. Conversei com o menino e ele pareceu ser uma criança teimosa, e muito habituado a guardar seus segredos. Não posso

imaginar o que vá fazer. Quanto a Lyra, ela é absolutamente imprevisível.

— Milorde — disse o rei Ogunwe —, poderíamos saber se a senhora agora faz parte deste conselho de estado-maior? E, se fizer, qual é sua função? Se não fizer, não deveria ser levada para outro lugar?

— Ela é nossa prisioneira e minha convidada, e, na qualidade de ex-agente da Igreja, pode ter informações que seriam úteis.

— E revelará alguma coisa por sua livre e espontânea vontade? Ou precisará ser torturada? — perguntou lorde Roke, observando-a francamente enquanto falava.

A sra. Coulter deu uma gargalhada.

— Eu imaginava que os comandantes de lorde Asriel fossem mais bem informados e soubessem que não deveriam esperar obter a verdade através de tortura — declarou.

Lorde Asriel não pôde deixar de apreciar sua insinceridade descarada.

— Eu garantirei o comportamento da sra. Coulter — disse ele.

— Ela sabe o que acontecerá se nos trair; embora não vá ter oportunidade de fazer isso. Contudo, se algum dos senhores tiver qualquer dúvida, por favor, que se manifeste agora, sem receio.

— Eu tenho — disse o rei Ogunwe —; mas duvido do senhor, não dela.

— Por quê? — perguntou lorde Asriel.

— Se ela o tentasse, não resistiria. Foi correto capturá-la, mas não está certo que ela participe deste conselho. Deve ser tratada com cortesia, podemos oferecer algum conforto, mas o senhor deve fazer com que seja levada para algum outro lugar e ficar longe dela.

— Bem, eu o convidei a falar — comentou lorde Asriel — e devo aceitar sua censura. Sua presença é mais valiosa para mim do que a dela, rei. Mandarei que seja levada daqui.

Ele estendeu a mão para a campainha, mas, antes que pudesse tocar, a sra. Coulter falou.

— Por favor — ela disse em tom urgente —, primeiro me escutem. Eu posso ajudar. Estive mais próxima do coração do Magisterium do que qualquer outra pessoa que vocês possam vir a encontrar. Eu sei como eles pensam, posso prever como vão agir. Estão se perguntando por que deveriam confiar em mim, o que me fez deixá-los. É simples: eles vão matar minha filha. No momento em que descobri quem ela é, o que ela é, as profecias que as feiticeiras fazem a respeito dela, soube

que tinha que abandonar a Igreja; soube que era inimiga deles e eles eram meus inimigos; eu não sabia o que *vocês* eram, nem o que eu era para vocês, isso era um mistério; mas sabia que tinha que me posicionar contra a Igreja, contra tudo em que eles acreditavam e, se necessário, contra a Autoridade. Eu...

Ela parou de falar. Todos os comandantes estavam ouvindo atentamente. Então ela olhou para lorde Asriel, olhos nos olhos, e pareceu estar falando somente para ele, a voz baixa apaixonada, os olhos brilhantes faiscando.

— Eu fui a pior mãe do mundo. Permiti que minha única filha fosse levada para longe de mim quando era um bebê pequeno, porque não me interessava por ela; a única coisa em que pensava era satisfazer minha ambição. Não lembrei dela durante anos, e as poucas vezes em que pensei, foi apenas para lamentar o constrangimento que seu nascimento me causou — confessou.

— Mas a Igreja começou a se interessar pelo Pó e por crianças, e alguma coisa despertou em meu coração, e me lembrei que era mãe e que Lyra era... *minha* filha — disse.

— E como havia uma ameaça, eu a salvei dessa ameaça. Agora, já em três ocasiões, interferi para tirá-la de perigo. Primeiro quando o Conselho de Oblação começou seu trabalho: fui à Faculdade Jordan e a levei para morar comigo, em Londres, onde podia mantê-la a salvo do Conselho... pelo menos era o que eu esperava. Mas ela fugiu.

Depois de uma pausa, ela continuou.

— A segunda vez foi em Bolvangar, quando a encontrei bem a tempo, sob a lâmina... sob a lâmina da... Meu coração quase parou... Era o que eles, nós, tínhamos feito com as outras crianças, mas quando foi com a *minha*... Ah, vocês não podem nem conceber o horror daquele momento, espero que nunca venham a sofrer o que sofri naquela ocasião... Mas eu a libertei; eu a tirei de lá; eu a salvei pela segunda vez.

"Mas mesmo quando estava fazendo isso, ainda me sentia fazendo parte da Igreja, uma servidora, uma servidora leal, devotada e fiel, porque estava trabalhando a serviço da Autoridade.

E continuou:

"E então, tomei conhecimento da profecia das feiticeiras. De alguma forma, em algum momento, brevemente, Lyra será tentada, como Eva foi tentada, isso é tudo o que dizem. Que forma esta tentação terá, não sei, mas afinal ela está crescendo. Não

é difícil imaginar. E agora que a Igreja sabe disso também, eles querem matar Lyra. Se tudo depende dela, poderiam se arriscar a deixá-la viver? Ousariam correr o risco de que ela recuse essa tentação, qualquer que seja?

"Não, eles estão determinados a matá-la. Se pudessem, voltariam ao Jardim do Éden para matar Eva, antes que *ela* fosse tentada. Matar não é difícil para eles; o próprio Calvino ordenou a morte de crianças; eles a matariam com pompa e circunstância, preces, lamentações, salmos e hinos, mas a matariam. Se ela cair nas mãos da Igreja, já estará morta.

"Então, quando ouvi o que a feiticeira disse, salvei minha filha pela terceira vez. Eu a levei para um lugar onde a mantive a salvo e onde pretendia ficar."

— Você a drogou — disse o rei Ogunwe. — A manteve inconsciente.

— Fui obrigada a fazer isso — explicou a sra. Coulter — porque ela me odiava.

Nesse ponto, a voz dela, que estivera carregada de emoção, mas controlada, explodiu em um soluço e tremeu enquanto continuava:

— Ela sentia medo de mim e me odiava, e teria fugido de minha presença como um passarinho foge de um gato se não a tivesse drogado, se não estivesse totalmente inconsciente. Sabe o que isso significa para uma mãe? Mas era a única maneira de mantê-la em segurança! Todo aquele tempo na caverna... adormecida, os olhos fechados, o corpo impotente, seu daemon aninhado em seu pescoço... Oh, eu senti um amor tão grande, uma tamanha ternura, tão profunda, tão profunda... Era minha própria filha, foi a primeira vez que eu pude fazer aquelas coisas por ela, a minha pequenina... Eu dava banho nela e a alimentava, mantendo-a em segurança e agasalhada, cuidando para que seu corpo estivesse nutrido, enquanto dormia... Deitava ao seu lado à noite, a embalava em meus braços, chorava em seus cabelos, beijava seus olhos fechados, minha pequenina...

Ela não tinha nenhuma vergonha do que tinha feito. Falava baixinho; não declamava ou levantava a voz; e quando um grande soluço a sacudia, era abafado, se transformando quase em um pequeno gemido, como se estivesse contendo suas emoções por uma questão de cortesia. O que tornava suas mentiras deslavadas ainda mais eficazes, pensou lorde Asriel com desagrado; ela mentia até os ossos.

Dirigia suas palavras principalmente para o rei Ogunwe, mas de um modo disfarçado, e lorde Asriel percebeu isso também. Não só o rei era seu principal acusador, como também era humano, ao contrário do anjo ou de lorde Roke, e ela sabia muito bem como influenciá-lo.

Na verdade, contudo, foi no galivespiano que ela causou maior impressão. Lorde Roke percebeu nela uma natureza tão próxima da do escorpião como jamais encontrara e tinha pleno conhecimento da força da picada que podia detectar sob seu tom gentil. Melhor manter os escorpiões onde se podem vê-los, pensou.

E por isso ele apoiou o rei Ogunwe quando este último mudou de opinião e defendeu que ela ficasse, e lorde Asriel se viu vencido: pois ele agora a queria fora dali, mas já havia concordado em cumprir os desejos de seus comandantes.

A sra. Coulter olhou para ele com uma expressão leve e virtuosa preocupação. Estava certa de que mais ninguém podia perceber o brilho de triunfo furtivo nas profundezas de seus belos olhos.

— Então, fique — disse ele. — Mas já falou demais. Agora fique calada. Quero considerar esta proposta de uma guarnição na fronteira sul. Os senhores viram o relatório: é possível? É desejável? Depois quero passar em revista o arsenal. E depois quero ouvir Xaphania sobre as disposições das forças angelicais. Primeiro a guarnição. Rei Ogunwe?

O líder africano começou. Eles falaram durante algum tempo, e a sra. Coulter ficou impressionada com a precisão das informações que eles possuíam das defesas da Igreja e a avaliação clara que tinham das forças de seus líderes.

Mas agora que Tialys e Salmakia estavam com as crianças, e lorde Asriel não tinha mais nenhum espião no Magisterium, os conhecimentos deles logo estariam perigosamente desatualizados. Uma ideia veio à mente da sra. Coulter, e ela e o daemon macaco trocaram um olhar que pareceu uma poderosa centelha ambárica; mas não disse nada, e acariciou seu pelo dourado enquanto ouvia os comandantes.

Então, lorde Asriel disse:

— É suficiente. Este é um problema que teremos que resolver mais adiante. Agora vamos passar em revista o arsenal. Pelo que me informaram, estão prontos para testar a nave da intenção. Vamos até lá para ver.

Ele tirou uma chave de prata de seu bolso e abriu o cadeado da corrente que prendia os pés e mãos do macaco, cuidadosamente evitando tocar até mesmo a ponta de um pelo dourado.

Lorde Roke montou em seu falcão e acompanhou os outros enquanto lorde Asriel seguia na frente, descendo a escada da torre e saindo para as muralhas.

Um vento frio soprava, mordiscando-lhes as pálpebras, e o falcão azul-escuro voou bem alto em uma poderosa lufada, fazendo círculos e gritando no vento forte.

Rei Ogunwe vestiu o casaco e pousou sua mão na cabeça de seu daemon na forma de guepardo.

A sra. Coulter disse humildemente para o anjo:

— Se me permite, senhora, seu nome é Xaphania?

— Sim — respondeu o anjo.

Sua aparência impressionava a sra. Coulter exatamente como a de seus companheiros tinham impressionado a feiticeira Ruta Skadi, quando os encontrara no céu: ela não estava brilhando, mas resplandecia, embora não houvesse fonte de luz. Era alta, estava nua, tinha asas e seu rosto marcado era mais velho do que o de qualquer ser vivo que a sra. Coulter jamais tivesse visto.

— É um dos anjos que se rebelaram há muito tempo?

— Sou. E desde então estive vagando entre muitos mundos. Agora prestei juramento de lealdade a lorde Asriel porque vejo em sua grande empreitada a melhor possibilidade de finalmente destruir a tirania.

— Mas e se fracassarem?

— Então seremos todos destruídos, e a crueldade reinará para sempre.

Enquanto elas falavam, seguiam as passadas rápidas de lorde Asriel pelas muralhas, enquanto o vento batia, em direção a uma imponente escadaria que descia tão profundamente que nem mesmo as luzes brilhando em candeeiros nas paredes podiam revelar o fundo. Passando por eles, o falcão azul desceu rápido, voando em círculos, planando para baixo e mais para baixo na escuridão, com a luz de cada candeeiro fazendo suas penas bruxulearem enquanto passava, até se tornar apenas uma minúscula fagulha e depois nada.

O anjo tinha se adiantado e caminhava ao lado de lorde Asriel, e a sra. Coulter agora estava descendo ao lado do rei africano.

— Perdoe minha ignorância, majestade — disse ela —, mas nunca tinha visto ou ouvido falar em um ser como o homem no falcão azul até a luta na caverna ontem... De onde ele vem? Pode me dizer alguma coisa sobre seu povo? Não gostaria de ofendê-lo por nada no mundo, mas, se falar sem saber nada a seu respeito, posso ser involuntariamente indelicada.

— Faz bem em perguntar — respondeu o rei Ogunwe. — O povo dele é orgulhoso. O mundo deles se desenvolveu de maneira diferente do nosso; nele existem dois tipos de seres conscientes, os humanos e os galivespianos. Os humanos são, em sua maioria, criados da Autoridade e vêm tentando exterminar o povo pequenino desde

os tempos mais remotos. Eles os consideram diabólicos. De modo que os galivespianos ainda não confiam realmente naqueles que têm nosso tamanho. Mas são guerreiros ferozes e orgulhosos, inimigos mortais e valiosos espiões.

— Todo o povo deles está com vocês ou estão divididos como os humanos?

— Há alguns que estão com o inimigo, mas a maioria está conosco.

— E os anjos? Sabe, até recentemente pensei que anjos fossem uma invenção da Idade Média; que fossem apenas seres imaginários... É desconcertante de repente estar falando com um deles, não acha? Quantos estão com lorde Asriel?

— Sra. Coulter — comentou o rei —, essas perguntas são exatamente o tipo de coisa que um espião gostaria de descobrir.

— Belo tipo de espiã eu seria, para perguntar assim, de maneira tão transparente — retrucou ela. — Sou uma prisioneira, majestade. Não poderia fugir, mesmo se tivesse um lugar seguro para onde escapar. De agora em diante, sou inofensiva, pode confiar em minha palavra.

— Se me garante isso, fico contente em acreditar — disse o rei.

— Os anjos são mais difíceis de compreender que qualquer ser humano. Para começar, não são todos de um mesmo tipo, alguns são mais poderosos que outros; e existem alianças complexas entre eles, e inimizades antiquíssimas, a respeito das quais sabemos muito pouco. A Autoridade os vem oprimindo desde que ele adquiriu existência.

Ela parou. Estava verdadeiramente chocada. O rei africano parou ao lado dela, pensando que estivesse se sentindo mal, e, de fato, o clarão da luz do candeeiro logo acima lançava sombras de assustadora palidez em seu rosto.

— Diz isso de maneira tão casual — comentou ela —, como se fosse algo de que eu também devesse ter conhecimento, mas... Como é possível? A Autoridade criou os mundos, não criou? Ele existia antes de tudo. Como pode ele *ter adquirido existência*?

— Isso é conhecimento angelical — disse Ogunwe. — Alguns de nós ficaram chocados ao saber que a Autoridade não é o criador. Pode ter havido um criador, ou pode não ter havido: não sabemos. Tudo o que sabemos é que a certo ponto a Autoridade assumiu o controle e, desde então, os anjos têm se rebelado e seres humanos também lutaram contra ele. Esta é a última rebelião. Nunca antes seres humanos, anjos e seres de todos os mundos tiveram uma causa comum. Esta é a maior força jamais reunida. Mas ainda assim pode não ser suficiente. Veremos.

— Mas o que pretende lorde Asriel? O que é este mundo e por que ele veio para cá?

— Ele nos trouxe para cá porque este mundo é vazio. Isto é, vazio de vida consciente. Não somos colonialistas, sra. Coulter. E não viemos para conquistar, e sim para construir.

— E ele vai atacar o reino do céu?

Ogunwe olhou para ela francamente.

— Não vamos invadir o reino — declarou —, mas se o reino nos invadir, é melhor estarem prontos para a guerra, porque estamos preparados. Sra. Coulter, eu sou um rei, mas o feito de que mais me orgulho foi me unir a lorde Asriel para criar um mundo onde não existam quaisquer reinos. Um mundo sem reis, sem bispos, sem padres. O reino do céu tem sido conhecido por este nome desde que a Autoridade pela primeira vez se colocou acima do resto dos anjos. E não queremos ter nada disso. Este mundo é diferente. Pretendemos ser cidadãos livres da república do céu.

A sra. Coulter queria falar mais, fazer uma dúzia de perguntas que subiram a seus lábios, mas o rei tinha seguido adiante, não querendo deixar seu comandante esperando, e ela teve que seguir.

A escada descia tão fundo, levando tão longe, que, quando finalmente chegaram ao andar térreo, o céu atrás deles no alto da escadaria estava totalmente invisível. Muito antes de chegarem à metade, ela estava quase sem fôlego, mas não se queixou, e seguiu descendo até que a escadaria se abriu para um imenso salão iluminado por cristais incandescentes, nos pilares que sustentavam o teto. Escadas de mão, pontes de guindastes rolantes, vigas e passadiços cruzavam a escuridão acima, com pequenos vultos se movimentando de modo decidido.

Lorde Asriel estava falando com seus comandantes quando a sra. Coulter os alcançou e, sem esperar para deixá-la descansar, ele prosseguiu, atravessando o grande salão, onde ocasionalmente um vulto brilhante passava voando ligeiro pelo ar ou pousava no chão para dar uma palavra rápida com ele. O ar estava denso e quente. A sra. Coulter reparou que, provavelmente como cortesia para lorde Roke, cada pilar tinha um suporte vazio, na altura de uma cabeça humana, de modo que seu falcão pudesse se empoleirar e permitir que o galivespiano fosse incluído nas conversas.

Mas não ficaram no grande salão por muito tempo. No lado mais distante, um assistente abriu uma pesada porta dupla para permitir que passassem, seguindo para

a plataforma de uma estrada de ferro. Ali, esperando, havia um pequeno vagão fechado, puxado por uma locomotiva ambárica.

O engenheiro fez uma mesura, e seu daemon macaco de pelos castanhos recuou para trás de suas pernas ao ver o macaco dourado. Lorde Asriel falou rapidamente com o homem e convidou os outros a entrarem no vagão, que, como o salão, era iluminado por aqueles cristais incandescentes, encaixados em luminárias de prata, presas a painéis espelhados de mogno.

Tão logo lorde Asriel se juntou a eles, o trem começou a se mover, deslizando suavemente para fora da plataforma e entrando em um túnel, acelerando rapidamente. Somente o som das rodas no trilho plano dava alguma ideia da velocidade em que estavam se movendo.

— Para onde estamos indo? — perguntou a sra. Coulter.

— Para o arsenal — respondeu lorde Asriel laconicamente, e se virou para falar em voz baixa com o anjo.

A sra. Coulter aproveitou para falar com lorde Roke:

— Me diga, milorde, seus espiões são sempre enviados em pares?

— Por que pergunta?

— Simples curiosidade. Meu daemon e eu nos vimos diante de um impasse quando os encontramos recentemente naquela caverna, e fiquei intrigada ao ver como combatiam bem.

— Por que *intrigada*? Não esperava que seres de nosso tamanho fossem bons combatentes?

Ela olhou friamente para ele, consciente da ferocidade de seu orgulho.

— Não — retrucou. — Pensei que os venceríamos com facilidade e por muito pouco eles não nos derrotaram. Fico feliz em admitir meu erro. Mas sempre lutam em pares?

— *Vocês* formam um par, não formam, você e seu daemon? Esperava que lhes concedêssemos a vantagem? — perguntou ele, e seu olhar arrogante, de faiscante limpidez, mesmo sob a luz suave dos cristais, a desafiava a perguntar mais.

Ela baixou o olhar modestamente e não disse nada.

Depois de mais alguns minutos a sra. Coulter sentiu que o trem os estava levando para baixo, para ainda mais fundo no coração da montanha. Não podia calcular qual a distância que haviam percorrido, mas quando pelo menos quinze minutos tinham se passado, o trem começou a reduzir a velocidade e, finalmente, pararam em uma

plataforma onde as luzes ambáricas pareciam muito fortes depois da escuridão do túnel.

Lorde Asriel abriu as portas e eles saltaram para uma atmosfera tão quente e carregada de enxofre que a sra. Coulter não pôde conter um grito sufocado. O ar ressoava com as pancadas de poderosos martelos e com o guinchar ensurdecedor de ferro sobre pedra.

Um auxiliar abriu as portas de saída da plataforma e imediatamente o barulho dobrou de intensidade, e o calor os envolveu como uma onda. O fulgor intenso de uma luz muito quente fez com que protegessem os olhos; somente Xaphania não pareceu incomodada pelo assalto furioso de som, luz e calor. Depois que seus sentidos se ajustaram, a sra. Coulter olhou em volta, cheia de curiosidade.

Já tinha visto forjas, siderúrgicas e fábricas em seu mundo: as maiores pareciam uma oficina de ferreiro de aldeia diante daquela. Martelos do tamanho de casas eram levantados em um momento até o teto distante e então lançados violentamente para baixo para achatar blocos de ferro do tamanho de troncos de árvores, que se transformavam em placas em uma fração de segundo, com uma pancada que fazia a própria montanha tremer; de uma abertura na parede de rocha corria um rio de metal fundido sulfuroso até ser contido por um portão de rocha de diamante, e o fluxo brilhante e fervente corria por canais e comportas, passando sobre diques, até alcançar fileiras e mais fileiras de formas, onde se acomodava para esfriar em uma nuvem de fumaça tóxica; gigantescas máquinas de cortar e cilindros cortavam, dobravam e comprimiam lâminas de ferro com mais de 25 centímetros de espessura como se fosse papel de seda e então aqueles martelos monstruosos as esmagavam, achatando-as de novo, estendendo e comprimindo o metal em camadas, uma sobre a outra, com tamanha força que as diferentes camadas se tornavam uma única camada mais dura, repetidas vezes.

Se Iorek Byrnison pudesse ter visto aquele arsenal, poderia ter admitido que aquelas pessoas sabiam mais do que alguma coisa sobre como trabalhar com metal. A sra. Coulter podia apenas olhar e se maravilhar. Era impossível falar e ser ouvido e ninguém sequer tentou. E agora lorde Asriel estava gesticulando para o pequeno grupo, para que o seguissem por um passadiço gradeado, suspenso sobre uma galeria ainda maior, abaixo, onde mineiros trabalhavam com picaretas e pás para arrancar os metais reluzentes da rocha matriz.

Eles percorreram o passadiço e desceram por um longo corredor de rocha, onde

estalactites pendiam fulgurando com estranhas cores e onde as pancadas, os rangidos e as marteladas foram gradualmente desaparecendo. A sra. Coulter sentiu uma brisa fresca passar sobre seu rosto acalorado. Os cristais que iluminavam o ambiente não estavam mais montados em candeeiros nem envoltos em pilares reluzentes, e sim espalhados no chão, e não havia tochas acesas para aumentar o calor, de modo que, pouco a pouco, o grupo começou a sentir frio novamente; e afinal saiu, muito repentinamente, para o ar livre noturno.

Estavam em um lugar onde parte da montanha havia sido cortada fora, criando um espaço largo e aberto como um campo de exercícios. Mais adiante, podiam ver, sob uma luz fraca, enormes portões na encosta da montanha, alguns abertos, outros fechados; e, de uma das portas gigantescas, homens vinham puxando alguma coisa coberta por um oleado.

— O que é aquilo? — perguntou a sra. Coulter para o rei africano, e ele respondeu:

— A nave da intenção.

A sra. Coulter não tinha nenhuma ideia do que aquilo pudesse significar e observou com intensa curiosidade enquanto eles se preparavam para retirar o oleado.

Ela se manteve perto do rei Ogunwe como se em busca de abrigo e perguntou:

— Como funciona? O que faz?

— É o que vamos ver — respondeu o rei.

Tinha a aparência de uma espécie de complexo aparelho de perfuração, ou a cabine de comando de um giróptero, ou a cabine de um gigantesco guindaste. Tinha uma abóbada de vidro sobre um assento, com pelo menos uma dúzia de alavancas e manivelas enfileiradas diante dele. Repousava sobre seis pernas, cada uma delas articulada e aparafusada em um ângulo diferente no corpo, de modo que parecia ao mesmo tempo vigorosa e deselegante; e o corpo em si era uma massa de tubulações, cilindros, pistões, cabos enrolados em anéis, engrenagens, válvulas e calibradores. Era difícil dizer o que era estrutura e o que não era, porque só estava iluminado por trás e a maior parte estava escondida na sombra.

Lorde Roke, montado em seu falcão, tinha planado diretamente acima do aparelho, voando em círculos no alto, examinando-o de todos os lados. Lorde Asriel e o anjo estavam juntos em uma animada discussão com os engenheiros e havia homens descendo da própria nave, um carregando uma prancheta, outro um pedaço

de cabo.

Os olhos da sra. Coulter observaram a nave avidamente, memorizando cada peça, fazendo sentido de sua complexidade. E, enquanto observava, lorde Asriel saltou para o assento, prendendo um cinturão de couro sobre a cintura e os ombros, colocando e ajustando um capacete na cabeça. Seu daemon, a pantera branca, saltou atrás dele e ele se virou para ajustar alguma coisa ao lado dela. O engenheiro chamou, lorde Asriel respondeu, e os homens se afastaram, recuando para a porta.

A nave da intenção se moveu, embora a sra. Coulter não tivesse muita certeza de como. Era quase como se tivesse estremecido, embora lá estivesse, absolutamente imóvel, ainda equilibrada com uma estranha energia sobre aquelas seis pernas de inseto. Enquanto olhava, a nave se moveu de novo, e então ela viu o que estava acontecendo: várias de suas peças estavam girando, virando de um lado para outro, vasculhando o céu escuro acima. Lorde Asriel estava totalmente absorvido, ora empurrando uma alavanca, ora checando o mostrador de um instrumento, ajustando os vários controles; e então, de repente, a nave da intenção desapareceu.

De alguma forma tinha saltado para o ar. Estava pairando acima deles agora, alta como o topo da copa de uma árvore, virando lentamente para a esquerda. Não havia ruído de motor, nenhuma indicação de como se elevava vencendo a gravidade. Simplesmente pairava no ar.

— Ouça — disse o Rei Ogunwe. — Ao sul.

Ela virou a cabeça e se esforçou para ouvir. Havia um vento que gemia, na curva da face da montanha, e havia os golpes violentos de martelo das prensas que ela sentia através das solas dos pés, e havia o som de vozes vindo da porta iluminada, mas, diante de algum sinal, as vozes se calaram e as luzes foram apagadas. E no silêncio a sra. Coulter pôde ouvir, muito indistintamente, o *chop-chop-chop* ritmado dos motores de girópteros nas rajadas de vento.

— Quem são eles? — perguntou em voz baixa.

— Chamarizes — respondeu o rei. — Meus pilotos, voando em uma missão cujo objetivo é atrair inimigos. Observe.

Ela abriu bem os olhos tentando ver alguma coisa através da pesada escuridão e esparsas estrelas. Acima deles, a nave da intenção se mantinha firme, estacionária, como se estivesse ancorada e presa com ferrolho naquele mesmo ponto; nenhuma rajada de vento provocava o mais leve efeito nela. Nenhuma luz saía da cabine, e por isso era muito difícil vê-la, e o vulto de lorde Asriel havia desaparecido

completamente de vista.

Então, ela avistou o primeiro grupo de luzes voando baixo no céu, no mesmo instante em que o ruído do motor se tornou alto o bastante para ser ouvido constantemente. Seis girópteros voavam em alta velocidade, um deles aparentemente com problemas, pois deixava uma esteira de fumaça atrás de si e voava mais baixo que os outros. Eles vinham voando em direção à montanha, mas em um curso que os levaria a passar por ela e seguir adiante.

E, atrás deles, em perseguição cerrada, vinha uma variada coleção de objetos voadores. Não era fácil distinguir o que eram, mas a sra. Coulter viu um pesado giróptero de um tipo estranho, duas aeronaves de asas retas, um enorme pássaro que planava velozmente sem esforço, carregando dois passageiros armados e três ou quatro anjos.

— Um ataque aéreo — comentou o rei Ogunwe.

Eles estavam se aproximando dos girópteros. Então, um feixe de luz irrompeu de uma das aeronaves de asas retas, seguido, um ou dois segundos depois, pelo som, um estampido surdo. Mas o projétil não atingiu seu alvo, o giróptero danificado, pois no mesmo instante que viram a luz e antes que ouvissem o estampido, os observadores na montanha viram um clarão sair da nave da intenção e o projétil explodiu no ar.

A sra. Coulter mal teve tempo para compreender aquela sequência quase instantânea de luz e som antes que a batalha estivesse em curso. Tampouco a batalha foi fácil de acompanhar, uma vez que o céu estava tão escuro e o movimento de cada um dos objetos voadores era muito rápido; mas uma série de clarões quase silenciosos iluminou a encosta da montanha, acompanhada por silvos curtos como vapor escapando. Cada clarão, de alguma forma, acertou um atacante diferente: o avião se incendiou e explodiu, o pássaro gigante emitiu um grito como o rasgar de uma cortina e despencou da altura da montanha para as rochas distantes abaixo e, quanto aos anjos, cada um deles simplesmente desapareceu em uma pluma de ar brilhante, uma miríade de partículas cintilando e reluzindo cada vez menos intensamente até que se apagaram como fogos de artifício que se esgotam.

E, então, tudo ficou em silêncio. O vento levou embora o som dos girópteros que serviram de isca, que agora haviam desaparecido atrás do flanco da montanha. Muito distantes vindas de baixo, chamas iluminavam a parte inferior da nave da intenção, de alguma forma ainda pairando no ar e agora se virando lentamente, como se para olhar em torno. A destruição dos participantes do combate aéreo era

tão completa que a sra. Coulter, que já vira muitas coisas chocantes para se deixar impressionar, não pôde deixar de ficar chocada com aquilo. Enquanto olhava para a nave da intenção, esta pareceu tremeluzir ou se deslocar e então ali estava ela, de novo solidamente em terra.

O rei Ogunwe correu apressado em sua direção, bem como os outros comandantes e os engenheiros, que tinham aberto as portas e deixado a luz iluminar o campo de provas. A sra. Coulter ficou onde estava, intrigada com o funcionamento da nave da intenção.

— Por que ele está nos mostrando a nave? — perguntou seu daemon em voz baixa.

— Certamente não pode ler nossos pensamentos — respondeu ela, no mesmo tom.

Estavam pensando naquele momento na torre adamantina, quando a centelha de ideia brilhara entre eles. Tinham pensado em fazer uma proposta a lorde Asriel: de se oferecerem para ir para o Tribunal Consistorial de Disciplina e trabalhar como seus espiões. Ela conhecia todas as alavancas do poder; era capaz de manipular todas. De início, seria difícil convencê-los de sua boa-fé, mas conseguiria fazê-lo. E agora que os espiões galivespianos tinham partido para ir com Will e Lyra, certamente Asriel não recusaria sua oferta.

Mas agora, enquanto observavam a estranha máquina voadora, uma outra ideia ocorreu que parecia ser ainda melhor, e ela abraçou o macaco dourado com alegria.

— Asriel — chamou em tom inocente —, posso ver como funciona a máquina?

Ele olhou para baixo, a expressão distraída e impaciente, mas também cheia de satisfação. Estava encantado com a nave da intenção: ela sabia que não conseguiria resistir à vontade de exibi-la.

O rei Ogunwe se afastou, e lorde Asriel estendeu a mão e a puxou para cima, para a cabine de comando. Ajudou-a a se instalar no assento e observou enquanto ela examinava os controles.

— Como funciona? Que energia move a nave?

— As suas intenções — respondeu ele. — Daí o nome. Se você tenciona que se mova para a frente, ela se moverá.

— Isto não é resposta. Vamos, diga-me. Que tipo de motor é este? Como voa? Não pude ver nada de aerodinâmico. Mas esses controles... vista por dentro, é quase igual a um giróptero.

Ele achava difícil resistir à tentação de contar tudo a ela; e, uma vez que era uma decisão que dependia apenas de sua vontade, contou. Estendeu um cabo na extremidade do qual havia um punho de couro, com marcas fundas feitas pelos dentes de seu daemon.

— O daemon — explicou — tem que segurar este punho, com os dentes ou com as mãos, pouco importa. E você tem que usar o capacete. Há uma corrente que flui entre eles, e um capacitor amplifica a corrente. Ah, é mais complicado que isso, mas a máquina é fácil de pilotar. Pusemos controles iguais aos de um giróptero porque já estamos familiarizados com eles, mas no final acabaremos não precisando de controles ou instrumentos. É claro, só um ser humano com um daemon pode pilotar essa nave.

— Compreendo.

E ela o empurrou violentamente, e o jogou para fora da nave.

No mesmo instante, ela enfiou o capacete na cabeça e o macaco dourado agarrou o punho de couro. Ela pegou e puxou o instrumento que em um giróptero inclinaria o aerofólio e empurrou o acelerador para a frente e, imediatamente, a neve da intenção saltou para o ar.

Mas ela ainda não tinha perfeito domínio dos controles. A nave ficou parada durante alguns momentos, ligeiramente inclinada, antes que ela encontrasse os controles para fazê-la se mover para a frente, e, naqueles poucos segundos, lorde Asriel fez três coisas. Ele se levantou de um salto; ergueu a mão para impedir o rei Ogunwe de ordenar aos soldados que atirassem na nave da intenção e disse:

— Lorde Roke, vá com ela, por favor.

O galivespiano comandou seu falcão azul para que subisse imediatamente, e o pássaro voou direto para a porta ainda aberta da cabine. Os observadores abaixo podiam ver a cabeça da mulher olhando para um lado e para outro, o macaco dourado fazendo o mesmo, e puderam constatar que nenhum dos dois percebeu o corpo pequenino de lorde Roke saltar de seu falcão para dentro da cabine, bem atrás deles.

Um momento depois, a nave da intenção começou a se mover, e o falcão se afastou em um círculo e veio pousar no punho de lorde Asriel. Não mais de dois segundos depois, a nave estava desaparecendo de vista no céu úmido e estrelado.

Lorde Asriel observou com pesarosa admiração.

— Bem, rei, estava absolutamente certo — disse ele —, e eu deveria tê-lo ouvido

logo de início. Ela é a mãe de Lyra; eu deveria ter esperado alguma coisa desse tipo.

— Não vai atrás dela? — perguntou o rei Ogunwe.

— Para quê, e destruir uma nave em perfeitas condições? Não, de jeito nenhum.

— Para onde acha que ela vai? Procurar a criança?

— Não por enquanto. Ela não sabe onde procurar. Sei exatamente o que ela vai fazer: vai procurar o Tribunal Consistorial e entregar a nave a eles como prova de boa-fé, e então, vai ficar espionando. Será nossa espiã no Tribunal. Ela já tentou todos os outros tipos de duplicidade, esta será uma experiência nova. E tão logo ela descubra onde está a garota, irá para lá e nós a seguiremos.

— E quando lorde Roke contará a ela que foi junto?

— Ah, creio que ele vai preferir não estragar a surpresa, não acha?

Os dois riram e seguiram de volta para a oficina, onde um modelo mais novo e mais avançado da nave da intenção aguardava para ser inspecionado por eles.

17. ÓLEO E LACA

Ora a serpente era a mais astuta de todos os animais do campo que o Senhor Deus tinha feito.
GÊNESIS

Mary Malone estava construindo um espelho. Não por vaidade, pois tinha muito pouca vaidade, mas porque queria testar uma ideia que tivera. Queria tentar capturar as Sombras e, sem os instrumentos de seu laboratório, tinha que improvisar com os materiais que dispunha. A tecnologia dos mulefas praticamente não empregava metais. Eles faziam coisas extraordinárias com pedra, madeira, cordas, conchas e chifres, mas os poucos metais que conheciam eram arrancados a marteladas de pepitas, em estado bruto, de cobre e de outros metais que encontravam na areia do rio, e nunca eram usados para fazer ferramentas. Eram usados para ornamentos. Por exemplo, na celebração do casamento, o casal mulefa trocava tiras de cobre reluzente, que eram dobradas de maneira a fazer um anel em volta de um de seus chifres, com um significado muito semelhante ao de uma aliança.

De modo que ficaram fascinados com o canivete do exército suíço, que era o objeto mais precioso que Mary possuía.

A zalif que era sua amiga mais próxima, chamada Atal, soltou uma exclamação espantada, certo dia, quando Mary abriu o canivete, mostrou todos os acessórios e explicou o melhor que pôde, com seu vocabulário ainda limitado, para que serviam. Um dos acessórios era uma lupa em miniatura com a qual começou a queimar um desenho em um galho seco, e foi isso que a fez começar a pensar nas Sombras.

Naquela ocasião, estavam pescando, mas o rio estava com as águas baixas e os peixes deveriam estar em outro lugar, por isso elas deixaram as redes estendidas na água, sentaram na margem coberta de relva e ficaram conversando, até que Mary viu o galho seco, que tinha uma superfície branca e lisa. Ela queimou o desenho — uma simples margarida — na madeira e encantou Atal; mas, à medida que a linha fina de fumaça foi subindo do ponto onde a luz do sol focalizada tocava a madeira,

Mary pensou: Se isso se tornasse um fóssil e um cientista o encontrasse daqui a dez milhões de anos, ainda poderiam encontrar Sombras em volta dele porque eu fiz esse trabalho.

Ela mergulhou em um estado de torpor e devaneio induzido pelo sol até que Atal perguntou:

— *Com o que está sonhando?*

Mary tentou explicar de que tratava seu trabalho, sua pesquisa, o laboratório, a descoberta das partículas de Sombra, a revelação fantástica de que eram conscientes, e sentiu o relato da experiência inteira se apoderar dela novamente, de tal modo que desejou profundamente estar de volta em meio ao seu equipamento.

Não esperava que Atal acompanhasse sua explicação, em parte por causa de seu domínio imperfeito da língua deles, mas em parte porque os mulefas pareciam tão práticos, tão fortemente enraizados no mundo físico do dia a dia, e muito do que estava falando era matemática; mas Atal a surpreendeu ao dizer:

— *Sim, sabemos do que você está falando, nós chamamos de...* — e então, ela usou uma palavra que soou como a palavra que usavam para dizer — *luz*.

— *Luz?* — perguntou Mary

—*Não luz, mas...* — e disse a palavra mais devagar, para que Mary a aprendesse, explicando —*como a luz batendo na água quando faz pequenos círculos, ao pôr do sol, e a luz batendo sai em flocos brilhantes, nós chamamos desse nome, mas é um faz-parece.*

Faz-parece era o termo que eles empregavam para metáfora, Mary havia descoberto. Então, Mary disse:

— *Não é realmente luz, mas você vê e parece com aquela luz batendo na água ao pôr do sol?*

E Atal respondeu:

— *Sim. Todos os mulefas têm isso. Você tem também. Foi assim que soubemos que você era como nós e não como os animais de pasto, que não têm isso. Apesar de você ter essa aparência tão estranha e horrível. Você é como nós porque você tem* — e de novo veio aquela palavra que Mary não conseguia ouvir de maneira suficientemente clara para repetir: algo como *sraf*, ou *sarf*, acompanhada por um ligeiro movimento da tromba para a esquerda.

Mary ficou animada. Tinha que se controlar e se manter calma de maneira a encontrar as palavras certas.

— *O que vocês sabem a respeito disso? De onde vem?*

— *De nós e do óleo* — foi a resposta de Atal, e Mary sabia que estava se referindo ao óleo nas grandes rodas feitas das sementes.

— *De vocês?*

— *Depois que já somos crescidos. Mas sem as árvores isso simplesmente desapareceria de novo. Com as rodas e o óleo, fica conosco.*

Depois que já somos crescidos... Mais uma vez Mary teve que se controlar para não se tornar incoerente. Uma das coisas de que havia começado a desconfiar com relação às Sombras era que elas regiam de maneira diferente em crianças e adultos, ou atraíam tipos diferentes de atividade de Sombra. Lyra não tinha dito que os cientistas de seu mundo haviam descoberto algo assim com relação ao Pó, que era o nome que davam às Sombras? Aqui estava a mesma coisa novamente.

E estava relacionado ao que as Sombras tinham lhe dito na tela do computador, pouco antes de ela partir de seu próprio mundo: qualquer que fosse aquela questão, estava relacionada com a grande mudança na história humana simbolizada pela história de Adão e Eva; com a Tentação, a Queda, o Pecado Original. Em suas investigações com crânios fósseis, seu colega Oliver Payne tinha descoberto que, cerca de trinta mil anos atrás, havia ocorrido um grande aumento no número de partículas de Sombra associadas aos restos mortais de seres humanos. Alguma coisa havia acontecido naquela ocasião, algum desenvolvimento na evolução, para tornar o cérebro humano um canal ideal para ampliar seus efeitos.

— *Há quanto tempo existem mulefas?* — Mary perguntou a Atal

— *Trinta e três mil anos* — Atal respondeu.

Àquela altura ela já era capaz de interpretar as expressões de Mary, ou pelo menos as mais óbvias, e deu uma risada ao ver o queixo de Mary cair. O riso deles era tão franco e cheio de alegria, tão contagiante, que Mary geralmente não se continha e ria também, mas naquele momento permaneceu séria e espantada, e disse:

— *Como pode saber com tanta exatidão? Vocês têm uma história de todos esses anos?*

— *Ah, sim, temos,* —disse Atal —*a partir do momento que tivemos o sraf, tivemos memória e despertamos. Mas, antes disso, não sabíamos nada.*

— *O que aconteceu para que o sraf surgisse em vocês?*

— *Descobrimos como usar as rodas. Um dia um ser sem nome descobriu uma semente e começou a brincar, e enquanto ela brincava ela...*

— *Ela?*

— Ela, sim. Não existiam nomes antes disso. Ela viu uma serpente se enroscando através do buraco na esfera e a serpente disse...

— A serpente falou com ela?

— Não! Não! Isso é faz-parece. A história conta que a serpente disse: O que você sabe? De que se lembra? O que vê adiante? E ela disse: Nada, nada, nada. De modo que a serpente disse: Enfie o pé no buraco do fruto onde eu estava brincando e se tornará sábia. Então, ela enfiou o pé no lugar onde a serpente estivera. E o óleo penetrou em seu pé e fez com que ela visse com mais clareza do que antes, e a primeira coisa que ela viu foi o sraf. Era uma coisa tão estranha e agradável que quis compartilhar imediatamente com todos os seus parentes. De modo que ela e seu parceiro pegaram as primeiras e descobriram que sabiam quem eram, sabiam que eram mulefas e não animais de pasto. Eles deram nome um ao outro. Chamaram a si mesmos de mulefas. Deram nome à árvore-das-sementes e a todas as criaturas e plantas.

— Porque ficaram diferentes — disse Mary.

— Sim, ficaram. E seus filhos também, porque, à medida que mais sementes caíam, eles mostravam a seus filhos como usá-las. E quando as crianças cresciam, começavam a gerar o sraf também, e quando estavam bastante grandes para usar as rodas, o sraf voltava com o óleo e ficava com eles. Então, eles viram que tinham que plantar mais árvores-de-rodas, por causa do óleo, mas a casca das nozes era tão dura que raramente germinavam. E os primeiros mulefas viram o que deveriam fazer para ajudar as árvores, que era usar as rodas para circular e quebrá-las, e assim mulefas e árvores-de-rodas sempre viveram juntos.

Mary compreendeu no mesmo momento cerca de um quarto do que Atal estava dizendo, mas depois, fazendo perguntas e deduções, descobriu o resto de maneira bastante precisa; seu domínio da língua estava aumentando a cada minuto. Quanto mais aprendia, mais difícil as coisas se tornavam, pois cada coisa nova que descobria sugeria meia dúzia de novas perguntas, cada uma conduzindo a uma direção diferente.

Mas ela forçou sua mente a continuar seguindo a questão do *sraf* porque era a mais importante; e fora por isso que tinha pensado no espelho.

Fora a comparação do *sraf* com os reflexos de luz na água que lhe sugerira o espelho. A luz refletida como clarão do sol sobre o mar era polarizada: era possível que as partículas de Sombra, quando se comportassem como ondas de luz, também pudessem ser polarizadas.

— Não posso ver o sraf como você — explicou *—, mas gostaria de fazer um espelho com a laca-de-seiva, porque acho que poderia me ajudar a ver.*

Atal ficou animada com essa ideia e, imediatamente, elas recolheram a rede e começaram a juntar as coisas de que Mary iria precisar. Como prova de que a sorte estava do lado delas, havia três belos peixes na rede.

A laca-de-seiva era um produto de outra árvore, muito menor, que os mulefas cultivavam para obter justamente esse produto. Ao ferver e dissolver a seiva no álcool, que faziam com suco de frutas destilado, os mulefas preparavam uma substância com uma consistência semelhante à do leite e de uma cor âmbar delicada, que utilizavam como verniz. Chegavam a passar até vinte demãos em uma base de madeira ou de concha, deixando que cada mão curtisse sob um pano molhado antes de aplicar a seguinte e, gradualmente, iam criando uma superfície de grande dureza e brilho. Geralmente a tornavam opaca com a aplicação de vários óxidos, mas por vezes a deixavam transparente, e aquilo era o que interessara Mary: porque a laca transparente de tonalidade âmbar tinha a mesma curiosa propriedade do mineral conhecido como espato-de-islândia. Ela dividia os raios de luz em dois, então, quando se olhava através dela dava para ver duplo.

Mary não tinha muita certeza do que queria fazer; só sabia que se fizesse várias tentativas com diferentes abordagens pelo tempo que fosse necessário, sem se preocupar e sem se impacientar, acabaria descobrindo. Ela se lembrou de citar as palavras do poeta Keats para Lyra e da compreensão imediata que a menina teve de que aquele era seu estado de espírito quando lia o aletiômetro — era disso que Mary precisava.

Para começar, tratou de encontrar um pedaço mais ou menos achatado de madeira semelhante ao pinho e lixou a superfície com arenito (como não havia metal, não havia plainas) até deixá-la o mais lisa e plana que pôde. Aquele era o método usado pelos mulefas e funcionava bastante bem, desde que se dedicassem tempo e esforço.

Então, ela visitou a plantação de laca com Atal, tendo explicado cuidadosamente o que pretendia fazer, e pediu permissão para retirar um pouco de seiva. Os mulefas tiveram prazer em concordar, mas estavam ocupados demais para lhe dar atenção. Com a ajuda de Atal, ela extraiu uma quantidade da seiva pegajosa e resinosa e, logo em seguida, passaram para o longo processo de ferver, dissolver, ferver de novo, até que o verniz estivesse pronto para ser usado.

Os mulefas usavam mechas de uma fibra de uma outra planta semelhante ao algodão como pincel e, seguindo as instruções de um artesão, ela se entregou ao trabalho paciente de pintar e repintar, uma vez após a outra, o seu espelho, sem ver quase nenhuma diferença a cada vez, uma vez que as camadas de laca eram muito finas, mas, deixando-as secar sem pressa, descobriu que, gradualmente, a espessura estava aumentando. Mary passou mais de quarenta demãos — perdeu a conta de quantas —, mas, quando afinal sua laca acabou, a superfície estava com pelo menos cinco milímetros de espessura.

Depois da última camada, vinha o trabalho de dar polimento: um dia inteiro esfregando a superfície, delicadamente, em suaves movimentos circulares, até que seus braços começaram a doer e sua cabeça a latejar, e ela não tinha mais condições de trabalhar.

Então, ela dormiu.

Na manhã seguinte, o grupo foi trabalhar em uma capoeira que chamavam de madeira-de-nó, para verificar se os brotos estavam crescendo conforme planejado quando haviam sido plantados, apertando os trançados para que os galhos adquirissem as formas adequadas. Eles apreciavam muito a ajuda de Mary nessa tarefa, pois sozinha ela podia penetrar em espaços mais estreitos que os mulefas e, com suas duas mãos, trabalhar em espaços mais apertados.

Só quando terminaram de trabalhar e voltaram ao povoado foi que Mary pôde começar a fazer sua experiência — ou melhor, sua brincadeira, uma vez que não tinha uma ideia muito clara do que estava fazendo.

Primeiro tentou usar a folha de laca simplesmente como um espelho, mas, por falta de um fundo prateado, tudo o que conseguia ver era um tênue duplo reflexo na madeira.

Pensou que precisava realmente era da laca sem a madeira, mas sentiu-se desanimada diante da ideia de fazer outra folha de laca; e, de qualquer modo, como conseguiria deixá-la lisa sem uma superfície para servir de base?

Teve a ideia de simplesmente ir cortando fora a madeira até que ficasse só a laca. Aquilo também levaria tempo, mas pelo menos tinha o canivete suíço. E ela então começou a cortar lascas muito delicadamente a partir da borda, tomando o maior cuidado para não arranhar a laca por trás, mas, finalmente, conseguiu remover a maior parte do pinho, e percebeu que deixou uma desordem de restos e lascas de madeira colados de maneira irremovível na placa de verniz claro e duro.

Ela pensou no que aconteceria se deixasse de molho na água. Será que a laca amoleceria se ficasse molhada?

— *Não* — respondeu seu mestre artesão —, *ela permanecerá dura para sempre; mas por que não fazer assim?* — e lhe mostrou um líquido, que era mantido em uma tigela de pedra, que corroeria qualquer pedaço de madeira em apenas algumas horas. Pelo cheiro e pelo aspecto, Mary achou que parecia ser um tipo de ácido.

Aquilo praticamente não danificaria em nada a laca, disse o artesão, e, qualquer dano que houvesse, ela poderia reparar com bastante facilidade. Ele estava intrigado com o projeto de Mary e a ajudou a aplicar, delicadamente, o ácido na madeira, explicando como o preparavam, moendo, dissolvendo e destilando um mineral que encontravam nas margens de alguns lagos rasos que ela ainda não visitara. Gradualmente a madeira amoleceu e se soltou, e Mary ficou com uma placa de laca transparente amarelo-acastanhada, mais ou menos do tamanho da página de um livro.

Ela poliu o reverso da mesma forma que fizera com a parte de cima, até que ambos os lados estivessem lisos e polidos como o mais refinado dos espelhos.

E quando olhou através dele…

Não viu nada em particular. Era perfeitamente límpido, mas mostrava a ela uma imagem dupla, a da direita bem perto da que ficava à esquerda e cerca de quinze graus para cima.

Ela se perguntou o que aconteceria se olhasse através de duas placas, uma sobre a outra.

Então, pegou o canivete suíço novamente e tentou riscar uma linha na placa de modo a cortá-la em dois pedaços. Depois de várias tentativas e de muito trabalho, usando uma pedra lisa para manter o canivete afiado, ela conseguiu riscar uma linha de sulco profundo o bastante para arriscar tentar partir a placa ao meio. Colocou um galho fino sob o sulco riscado e empurrou com força para baixo a placa de laca, como vira um vidraceiro fazer para cortar uma vidraça, e funcionou: agora ela tinha duas placas.

Ela as juntou e olhou através delas. A coloração âmbar estava mais densa e, como um filtro fotográfico, realçava certas cores e apagava outras, dando uma aparência ligeiramente diferente à paisagem. A coisa curiosa era que a dupla imagem havia desaparecido e tudo era de novo uma coisa só; mas não havia nenhum sinal de Sombras.

Mary foi separando as duas peças, observando como a aparência das coisas mudava à medida que o fazia. Quando estavam afastadas cerca de um palmo, algo curioso aconteceu: a coloração âmbar desapareceu e tudo parecia ter sua cor normal, mas em tom mais lustroso e mais vívido.

Naquele ponto Atal aproximou-se para ver o que ela estava fazendo.

— *Agora já pode ver sraf?* — perguntou.

— *Não, mas posso ver outras coisas* — respondeu Mary, e tentou mostrar a ela.

Atal estava interessada, mas apenas por educação, sem nem um pouco da animação de Mary com a descoberta, e logo a zalif se cansou de olhar através das pequenas placas de laca e se acomodou na relva para cuidar da manutenção de suas rodas. Por vezes, os mulefas cuidavam das garras uns dos outros, por pura sociabilidade, e, uma ou duas vezes, Atal havia convidado Mary a cuidar das suas. Mary, por sua vez, deixava Atal arrumar seu cabelo, apreciando como a tromba macia o levantava e deixava cair, acariciando e massageando seu couro cabeludo.

Ela percebeu que Atal queria fazer isso agora, de modo que largou as duas placas de laca e passou as mãos sobre a superfície incrivelmente lisa e macia das garras de Atal, aquela superfície mais macia e escorregadia do que Teflon que se encaixava na borda inferior do buraco central e servia de mancal quando a roda girava. Os contornos se encaixavam com perfeição, é claro, e quando Mary passou a mão pelo interior da roda não sentiu nenhuma diferença de textura: era como se os mulefas e as sementes realmente fossem um único ser que, por um milagre, podia se separar e depois se encaixar novamente em um.

Esse pequeno ritual acalmava Atal e, portanto, Mary também. Sua amiga era jovem e solteira, e não havia jovens machos naquele grupo, o que significava que ela teria que se casar com um zalif de fora; mas contatos com outros grupos não eram fáceis, e por vezes Mary achava que Atal se preocupava com o futuro. De maneira que não se incomodava com o tempo que passava com ela, e naquela ocasião estava contente por limpar os buracos da roda de toda a poeira e fuligem que ali se acumulavam e espalhar gentilmente o óleo perfumado sobre as garras de sua amiga, enquanto a tromba de Atal se levantava arrumando seus cabelos.

Quando Atal estava satisfeita, voltou a encaixar suas rodas e se afastou para ajudar na preparação da refeição da noite. Mary retomou suas placas de laca e quase que imediatamente fez a descoberta.

Ela levantou as duas placas, mantendo-as a uma distância de um palmo uma da

outra, de modo que mostrassem a imagem nítida e clara que vira anteriormente, mas alguma coisa havia acontecido.

Enquanto olhava através delas, viu um enxame de cintilações douradas rodeando a silhueta de Atal. As cintilações só eram visíveis através de uma pequena parte da laca, e então Mary se deu conta do porquê: aquele ponto estava coberto de óleo do momento que o havia pego com os dedos.

— *Atal!* — chamou. — *Depressa! Volte aqui!* — Atal se virou e veio rodando.

— *Me deixe tirar um pouco de óleo* — pediu Mary —, *só o bastante para passar sobre as placas de laca.*

De boa vontade, Atal deixou que ela tornasse a passar os dedos pelos buracos das rodas e observou curiosamente enquanto Mary cobria uma das placas com um filme da substância suave e límpida.

Então, ela juntou e pressionou as placas uma contra a outra, e as fez girar, para espalhar o óleo de maneira uniforme e, mais uma vez, as levantou mantendo-as a uma distância de um palmo uma da outra.

E, quando olhou através delas, tudo estava diferente. Ela podia ver Sombras. Se Mary tivesse estado na sala privativa da Faculdade Jordan quando lorde Asriel havia projetado os fotogramas que tinha feito com a emulsão especial, teria reconhecido o efeito. Por toda parte para onde olhava havia partículas de ouro, exatamente como Atal havia descrito: cintilações de luz, flutuando e se deslocando, por vezes se movendo em uma corrente com intenção, um fluxo com direção e propósito. Em meio a tudo aquilo estava o mundo que ela via a olho nu: a relva, o rio, as árvores; mas onde quer que visse um ser consciente, um dos mulefas, a luz era mais espessa e mais cheia de movimento. A luz de maneira alguma obscurecia suas formas; ao contrário, as tornava mais nítidas.

— *Eu não sabia que era bonito* — disse Mary para Atal.

— *Ora, mas é claro que é* — respondeu sua amiga. — É estranho imaginar que você não pudesse ver. Olhe para o pequenino...

Ela indicou uma das crianças pequenas brincando na relva alta, saltando desajeitadamente atrás de gafanhotos, parando de repente para examinar uma folha, tropeçando e caindo, logo se levantando depressa outra vez, para ir correndo dizer alguma coisa para sua mãe, se distraindo novamente com um pedaço de galho partido, tentando apanhá-lo, descobrindo formigas em sua tromba e gritando cheio de agitação... Havia uma névoa dourada em volta dele, da mesma forma que em

volta dos abrigos, das redes de pesca, da fogueira acesa — contudo, a dele era mais forte, embora não muito. Porém, ao contrário da névoa que envolvia as outras coisas, a dele era cheia de pequenas correntes rodopiantes de intenção, que se moviam em círculos, em redemoinhos que, de repente, paravam de se mover e ficavam flutuando, se deslocando no ar até desaparecer, enquanto outros nasciam.

Por outro lado, já ao redor de sua mãe, as partículas douradas cintilantes eram muito mais intensas, e as correntes em que se moviam eram mais tranquilas e mais fortes. Ela estava preparando a comida, espalhando farinha em uma pedra achatada, fazendo o pão fino que se parecia com pão sírio ou tortilhas, ao mesmo tempo vigiando seu filho, e as Sombras, ou o *sraf*, ou o Pó que a banhava parecia a mais perfeita imagem de responsabilidade e de sábia atenção e cuidado.

— *Então finalmente você consegue ver* — disse Atal. — *Bem, agora deve vir comigo*.

Mary olhou para sua amiga sem compreender. O tom de Atal era estranho: era como se estivesse dizendo: "*Finalmente você está pronta; estivemos esperando; agora as coisas têm que mudar*".

Os outros estavam aparecendo agora, vindo do outro lado da colina, saindo de seus abrigos, vindo da margem do rio: membros do grupo, mas estranhos também, mulefas que ela não conhecia e que olhavam curiosamente para onde ela estava. O som de suas rodas na terra batida era baixo e constante.

— *Para onde devo ir?* — perguntou Mary. — *Por que todos eles estão vindo para cá?*

— *Não se preocupe* — disse Atal —, *venha comigo, não vamos machucar você*.

Aquela reunião parecia ter sido planejada havia muito tempo, pois todos eles sabiam para onde ir e o que esperar. Havia um monte, uma pequena elevação, em uma das extremidades do povoado, que tinha uma forma simétrica e era coberto de terra batida compacta, com rampas em cada um dos cantos, e o grupo de mulefas — mais ou menos uns cinquenta, no mínimo, Mary calculava — estava se dirigindo para ele. A fumaça das fogueiras onde se cozinhava pairava no ar do entardecer, e o sol que se punha espalhava seu tipo particular de névoa dourada sobre tudo; e Mary sentia o cheiro de milho assando, e o cheiro agradável característico dos mulefas — parte óleo, parte carne de temperatura relativamente alta e constante, um cheiro doce parecido com o de cavalos.

Atal insistiu para que ela seguisse para o monte.

— *O que está acontecendo? Me conte!* — pediu Mary.

— *Não, não... Não eu. Sattamax vai falar...*

Mary não conhecia o nome Sattamax, e o zalif que Atal indicou era um estranho para ela. Era mais velho do que qualquer um que tivesse visto até então: na base de sua tromba havia uns tufos de fios brancos dispersos e ele se movia com dificuldade, como se tivesse artrite. Todos os outros se movimentavam com cuidado em torno dele, e quando Mary deu uma espiada através das placas de laca, viu por quê: a nuvem de Sombras do velho zalif era tão rica e complexa que a própria Mary se sentiu tomada por um grande respeito, embora soubesse muito pouco sobre o que aquilo significava.

Quando Sattamax estava pronto para falar, o resto do grupo ficou em silêncio. Mary parou bem perto do monte, Atal ficou junto dela, para tranquilizá-la; mas Mary podia perceber todos os olhos cravados nela e se sentia como se fosse uma aluna nova, no primeiro dia de aula.

Sattamax começou a falar. Sua voz era grave, com tons ricos e variados, os gestos de sua tromba, pequenos e graciosos.

— Estamos todos aqui reunidos para dar as boas-vindas à estrangeira Mary. Aqueles dentre nós que já a conhecem têm motivos para ser gratos a ela por suas atividades desde que chegou para viver entre nós. Esperamos até que ela tivesse algum domínio de nossa língua. Com a ajuda de muitos de nós, mas especialmente da zalif Atal, a estrangeira Mary agora pode nos compreender.

Prosseguiu:

— Mas havia uma outra coisa que ela precisava compreender, e isso era o sraf. Ela sabia de sua existência, mas não podia vê-lo como nós, até que fez um instrumento através do qual pôde olhar. E agora que conseguiu, está pronta para aprender mais sobre o que deve fazer para nos ajudar. Mary, suba até aqui, venha ficar junto comigo.

Ela se sentia atordoada, embaraçada, perplexa e confusa, mas fez o que tinha que fazer e subiu, posicionando-se ao lado do velho zalif. Achou que era melhor falar, de modo que começou:

— Todos vocês fizeram com que eu me sentisse como uma amiga. São gentis e hospitaleiros. Eu venho de um mundo onde a vida é muito diferente, mas alguns de nós têm conhecimento do sraf, como vocês, e estou grata pela ajuda que me deram para fazer este vidro através do qual posso vê-lo. Se, de alguma maneira, eu puder ajudar, terei muito prazer em fazer isso.

Ela falou de maneira muito mais desajeitada do que quando conversava sozinha com Atal e ficou temerosa de não ter sido clara o suficiente. Era difícil saber para

onde se virar quando se tinha que gesticular ao mesmo tempo em que se falava, mas eles pareceram compreender.

Sattamax de novo tomou a palavra.

— É bom ouvi-la falar. Esperamos que possa nos ajudar. Se não puder, não sei como sobreviveremos. Os tualapi matarão todos nós. Há mais deles do que jamais houve, e, a cada ano que passa, o número deles aumenta. Alguma coisa em nosso mundo saiu de seu eixo. Durante a maioria dos 33 mil anos desde que os mulefas existem, sempre cuidamos da terra. Tudo era equilibrado. As árvores prosperavam, os animais de pasto eram saudáveis e, mesmo que de vez em quando os tualapi atacassem, a proporção entre quantos de nós e quantos deles existiam permanecia constante.

"Mas há trezentos anos as árvores começaram a adoecer. Nós as observamos com preocupação e tratamos delas com grande cuidado, mas mesmo assim descobrimos que estavam produzindo menos sementes e perdendo suas folhas fora da estação, algumas delas morreram imediatamente, algo que jamais havia acontecido. Toda a nossa memória reunida não foi capaz de encontrar uma causa para isso.

"Sem dúvida, tudo isso aconteceu lentamente, mas também é lento o ritmo de nossa vida. Não sabíamos disso até que você viesse. Tínhamos visto borboletas e pássaros, mas eles não têm sraf. Você tem, por mais estranha que possa nos parecer; mas é rápida e age de imediato, como os pássaros, como as borboletas. Você percebeu que havia necessidade de alguma coisa para ajudá-la a ver o sraf e no mesmo instante, com os materiais que conhecemos há milhares de anos, inventou um instrumento para fazer isso. Comparada conosco, você pensa e age com a velocidade de um pássaro. É assim que nos parece, e é por isso que sabemos que nosso ritmo parece lento para você.

"Mas esse fato é nossa única esperança. Você pode ver coisas que não podemos, consegue ver conexões, possibilidades e alternativas que são invisíveis para nós, exatamente como o sraf era invisível para você. E embora não possamos ver uma maneira de sobreviver, esperamos que você possa. Esperamos que você descubra rapidamente a causa da doença das árvores e encontre uma cura; esperamos que invente um meio de lidarmos com os tualapi, que são tão numerosos e tão fortes.

"E esperamos que possa fazê-lo brevemente, caso contrário todos nós morreremos."

Houve um murmúrio de acordo e aprovação do grupo. Todos eles olhavam para Mary e ela se sentia, mais do que nunca, como a nova aluna em uma escola que aguardasse com convicção e grandes esperanças seu bom desempenho. Também sentia-se estranhamente lisonjeada: a imagem de si mesma como sendo rápida e ágil

como um pássaro era nova e agradável, porque sempre havia pensado em si mesma como determinada e vagarosa. Mas junto com isso veio o sentimento de que eles haviam percebido as coisas de maneira terrivelmente errada, se a viam desse modo; que absolutamente não compreendiam; ela não tinha a menor possibilidade de satisfazer aquela esperança desesperada que alimentavam.

Mas, da mesma maneira, ela precisava tentar. Eles estavam esperando.

— *Sattamax* — Mary respondeu —, *mulefas, vocês depositaram sua confiança em mim e farei o melhor que puder. Vocês têm sido gentis e a vida de vocês é boa e bonita, de modo que tentarei com todo o meu empenho ajudar vocês, e agora que vi o sraf, sei o que estou fazendo. Obrigada por confiarem em mim.*

Eles assentiram, murmuraram e a acariciaram com suas trombas, enquanto ela descia. Estava amedrontada com o que havia concordado em fazer.

Exatamente naquele momento no mundo de Cittàgazze, o padre assassino, padre Gomez, caminhava com esforço, subindo por uma trilha difícil e irregular nas montanhas, entre os troncos retorcidos das oliveiras. A luz do entardecer passava obliquamente entre as folhas prateadas, e a atmosfera estava cheia do ruído de grilos e cigarras.

Mais adiante ele podia avistar uma pequena casa de fazenda, abrigada entre os vinhedos, onde uma cabra balia e um riacho corria descendo pelos rochedos cinzentos. Havia um homem idoso cuidando de alguma tarefa ao lado da casa e uma mulher idosa conduzindo a cabra na direção de um banco e um balde.

Na aldeia, a alguma distância mais para trás, haviam lhe dito que a mulher que estava seguindo tinha passado por ali e que havia falado em subir para as montanhas; talvez aquele casal de velhos a tivesse visto. No mínimo poderia haver queijo e azeitonas para comprar e água da nascente para beber. O padre Gomez estava muito habituado a viver frugalmente, e havia tempo de sobra.

18. OS SUBÚRBIOS DOS MORTOS

Oh, quem dera fosse possível
que ao menos por dois dias pudéssemos passar a consultar os mortos
JOHN WEBSTER

Lyra acordou antes do amanhecer, com Pantalaimon tremendo de frio em seu peito, e se levantou para andar um pouco e se aquecer enquanto a luz cinza começava a se infiltrar no céu. Nunca tinha visto tamanho silêncio, nem mesmo no Ártico coberto de neve; ali não havia o mínimo oscilar de vento, e o mar estava tão parado que nem a menor ondulação quebrava na areia; o mundo parecia em estado de suspensão entre inspirar e expirar.

Will estava deitado encolhido, dormindo profundamente, com a cabeça sobre a mochila para proteger a faca. O manto havia escorregado descobrindo seu ombro, e Lyra cobriu o amigo, fazendo de conta que estava tomando cuidado para evitar tocar em seu daemon, que imaginou ter a forma de uma gata, enroscada e encolhida exatamente como ele. *Ela deve estar aqui em algum lugar*, pensou.

Carregando Pantalaimon ainda sonolento, ela se afastou de Will e sentou na encosta de uma duna de areia a uma certa distância, para poder conversar sem que a voz deles o acordasse.

— Esse povo pequenino — disse Pantalaimon.

— Não gosto deles — declarou Lyra em tom decidido. — Acho que deveríamos fugir deles assim que pudermos. Acho que, se os apanharmos com uma rede ou coisa parecida, Will pode cortar uma abertura e fechar, e pronto, estaremos livres.

— Nós não temos uma rede — retrucou Pan — nem nada parecido. E eu aposto que são espertos demais para isso. *Ele* está nos vigiando agora.

Pantalaimon tinha assumido a forma de um falcão ao dizer isso, e seus olhos eram mais aguçados que os dela. A escuridão do céu estava se transformando, de minuto em minuto, no mais pálido e etéreo azul, e quando ela olhou para a areia mais abaixo, a primeira ponta de sol acabava de subir acima da linha do mar, ofuscando-a. Como estava no alto da duna, a luz a alcançou alguns segundos antes de tocar a

praia e ela a observou fluir ao seu redor e seguir na direção de Will; e então, viu o vulto de um palmo de altura do cavaleiro Tialys, de pé ao lado da cabeça de Will, nítido e absolutamente desperto, vigiando-os.

— A questão é que eles não podem nos obrigar a fazer o que querem — observou Lyra. — Têm que nos seguir. Aposto que estão de saco cheio disso.

— Se eles nos apanhassem — comentou Pan, se referindo a ele e Lyra — e estivessem com os ferrões prontos para nos espetar, Will *teria* que fazer o que eles mandassem.

Lyra pensou a respeito daquilo. Ela se lembrava muito bem do terrível grito de dor da sra. Coulter, das convulsões com os olhos revirados, da medonha língua pendurada, com a saliva escorrendo, da boca do macaco dourado, à medida que o veneno entrava em sua corrente sanguínea... E aquilo fora apenas um arranhão, como em outro mundo haviam recentemente dito a sua mãe. Will *teria* que ceder e fazer o que eles quisessem.

— Mas vamos supor que eles acreditassem que Will não cederia — argumentou ela —, vamos supor que eles acreditassem que Will fosse tão impiedoso que seria capaz de simplesmente nos ver morrer. Talvez fosse melhor ele fazer com que acreditem nisso, se puder.

Lyra estava com o aletiômetro, e agora que tinha bastante claridade para enxergar, pegou seu adorado instrumento e o colocou sobre o pano de veludo aberto em seu colo. Pouco a pouco, foi mergulhando naquele estado de transe em que as muitas camadas de significado se esclareciam para ela e onde podia ver as teias intricadas de conexões que as ligavam entre si. À medida que seus dedos encontravam os símbolos, sua mente formulou as palavras: como podemos nos livrar dos espiões?

Então, o ponteiro começou a girar de um lado para o outro no mostrador, mais rápido do que jamais o vira se mover antes — tão depressa, na verdade, que pela primeira vez ela receou perder alguns de seus giros e paradas; mas alguma parte de sua consciência os estava contando e viu imediatamente o significado do que o movimento dizia.

O aletiômetro alertava: *Não tente, porque a vida de vocês depende deles*.

Aquilo foi uma surpresa, e uma surpresa não muito feliz. Mas ela prosseguiu e perguntou: *Como podemos chegar à terra dos mortos?*

A resposta veio: *Desçam. Sigam a faca. Sigam adiante. Sigam a faca.*

E finalmente ela perguntou, em dúvida, meio envergonhada: Isso é a coisa certa a fazer?

Sim, disse o aletiômetro imediatamente. *Sim.*

Ela suspirou, saindo de seu transe, enfiou os cabelos atrás das orelhas, sentindo o calor do sol começar a aquecer seu rosto e ombros. Agora também havia sons no mundo: os insetos estavam despertando e uma brisa muito suave agitava, de leve, as folhas de relva crescendo mais acima na duna.

Ela guardou o aletiômetro e foi andando de volta para perto de Will, com Pantalaimon se fazendo tão grande quanto podia, assumindo a forma de um leão, na esperança de amedrontar os galivespianos.

O homem estava usando seu magneto ressonante e, quando acabou, Lyra perguntou:

— Estava falando com lorde Asriel?

— Com um representante dele — respondeu Tialys.

— A gente não vai para lá.

— Foi o que eu disse a ele.

— E o que ele disse?

— Isso foi apenas para meus ouvidos, não para os seus.

— Como quiser — retrucou Lyra. — Você é casado com aquela dama?

— Não. Somos colegas.

— Você tem filhos?

— Não.

Tialys continuou a desmontar e guardar seu magneto ressonante e, enquanto o fazia, lady Salmakia acordou, bem ali pertinho, se levantando graciosa e lentamente até estar sentada na pequena depressão que fizera na areia macia. As libélulas ainda dormiam, amarradas com cordas finas como teias de aranha, as asas úmidas de orvalho.

— Existem pessoas grandes em seu mundo ou são todas pequenas como vocês? — perguntou Lyra.

— Sabemos como lidar com pessoas grandes — retrucou Tialys, não muito amigavelmente, e foi falar em voz baixa com a dama. Eles falavam baixo demais para que Lyra pudesse ouvir, mas gostou de observar enquanto eles bebiam gotas de orvalho das folhas de grama gaviera para matar a sede. *A água deve ser diferente para eles, Pantalaimon: imagine só, gotas do tamanho de seu punho! Deve ser difícil entrar*

*nelas; devem ter uma espécie de capa elástica, como um balã*o. Ela pensou para Pantalaimon.

A essa altura Will também estava acordando, ainda demonstrando cansaço. A primeira coisa que fez foi procurar os galivespianos, que retribuíram seu olhar, totalmente concentrados nele.

Ele desviou o olhar e se virou para Lyra.

— Eu quero lhe contar uma coisa — disse ela. — Vamos mais para lá...

— Se vocês se afastarem de nós — disse a voz límpida de Tialys —, têm que deixar a faca. Se não quiserem deixar a faca, terão que conversar aqui.

— Não podemos ter privacidade? — reagiu Lyra indignada. — Não queremos que ouçam o que vamos dizer!

— Podem ir, mas deixem a faca.

Não tinha importância, afinal, não havia mais ninguém nas proximidades e, certamente, os galivespianos não poderiam usá-la. Will enfiou a mão na mochila para pegar o cantil e dois biscoitos, passando um para Lyra, e se afastou com ela subindo pela encosta da duna.

— Eu perguntei ao aletiômetro — Lyra contou a Will — e ele disse que não deveríamos tentar fugir dos dois pequenos, porque eles vão salvar nossa vida. O que quer dizer que temos que continuar com eles.

— Você disse a eles o que íamos fazer?

— Não! E também não pretendo contar. Porque é claro que iriam contar para lorde Asriel naquele violino que fala e ele iria até lá para nos impedir. Acho que simplesmente temos que ir e não falar sobre o assunto na frente deles.

— Mas eles são espiões — argumentou Will. — Devem ser bons em ouvir às escondidas. Se não queremos que saibam, talvez seja melhor não falar mais no assunto. Sabemos para onde vamos. Assim, apenas vamos tratar de ir e não falar nisso, e eles terão que aceitar isso e vir junto.

— Eles não podem nos ouvir agora. Estão longe demais. Will, eu também perguntei como chegar lá. Ele disse para seguir a faca, só isso.

— Parece fácil — disse ele. — Mas aposto que não é. Sabe o que Iorek me falou?

— Não. Ele disse... quando fui me despedir, ele disse que seria muito difícil para você, mas que achava que conseguiria. Mas não me disse por quê...

— A faca quebrou porque eu pensei em minha mãe — explicou ele. — Então tenho que tirá-la de minha mente, não pensar mais nela. Mas... É como quando

alguém diz: não pense em um crocodilo, e você *pensa*, não consegue deixar de pensar...

— Bem, na noite passada você conseguiu cortar uma janela sem problemas — argumentou Lyra.

— É verdade, mas porque estava cansado, acho. Bem, veremos. Disse apenas para seguir a faca?

— Isso foi tudo o que ele disse.

— Então, podíamos tratar de ir logo. Só que não temos muita comida. Deveríamos encontrar alguma coisa para levar conosco, pão e frutas ou coisa assim. Vamos encontrar um mundo onde possamos arranjar comida e depois começaremos a procurar o caminho de verdade.

— Está bem — concordou Lyra, bastante feliz por estar de partida novamente, com Pan e Will, viva e acordada.

Os dois caminharam de volta para onde os espiões esperavam, sentados, muito atentamente ao lado da faca, com suas mochilas nas costas.

— Gostaríamos de saber o que vocês pretendem fazer — disse Salmakia.

— Bem, de qualquer maneira, não vamos ao encontro de lorde Asriel — disse Will. — Temos uma outra coisa a fazer antes.

— E vão nos dizer o que é, já que é evidente que não podemos impedir vocês?

— Não — respondeu Lyra —, porque vocês iriam contar a ele. Terão de vir junto conosco, sem saber para onde estamos indo. É claro que poderiam desistir disso e voltar para lá.

— Absolutamente não — declarou Tialys.

— Queremos algum tipo de garantia — disse Will. — Vocês são espiões, muito provavelmente devem ser desonestos, faz parte da profissão. Precisamos saber que podemos confiar em vocês. Na noite passada estávamos todos cansados demais e não tínhamos condições de pensar no assunto, mas não havia nada que os impedisse de esperar até que estivéssemos dormindo para nos dar uma ferroada, nos deixando imobilizados, chamando em seguida lorde Asriel naquele magneto. Poderiam fazer isso facilmente. Então, precisamos de uma garantia concreta de que não o farão. Uma promessa não basta.

Os dois galivespianos tremeram de raiva diante desse insulto à sua honra.

Tialys, fazendo um esforço para se controlar, disse:

— Não aceitamos exigências unilaterais. Você tem que nos dar alguma coisa em

troca. Você tem que nos dizer quais são suas intenções e então, eu lhe entregarei o magneto ressonante, que ficará a seus cuidados. Você deverá me permitir usá-lo quando eu quiser enviar uma mensagem, mas sempre saberá quando isso acontecer e não poderemos usá-lo sem que você esteja de acordo. Esta será nossa garantia. E agora você nos dirá para onde vão e por quê.

Will e Lyra trocaram um olhar para confirmar.

— Está bem — disse Lyra —, isso é justo. Vou contar para onde estamos indo: estamos indo para o mundo dos mortos. Não sabemos onde fica, mas a faca o encontrará. Isso é o que vamos fazer.

Os dois espiões estavam olhando para ela com incredulidade, boquiabertos.

Então, Salmakia piscou os olhos e disse:

— O que você diz não faz sentido. Os mortos estão mortos, isso é tudo. Não existe nenhum mundo dos mortos.

— Eu também pensava que não — respondeu Will. — Mas agora não tenho certeza. Pelo menos com a faca poderemos descobrir.

— Mas *por quê*?

Lyra olhou para Will e o viu balançar a cabeça, concordando.

— Pois bem — começou ela. — Antes que eu conhecesse Will, muito antes de ficar adormecida, deixei um amigo em uma situação de perigo e ele foi morto. Eu pensei que estava salvando a vida dele, só que estava apenas tornando tudo muito pior. E, enquanto estive dormindo, sonhei com ele e pensei que talvez pudesse corrigir meu erro, se fosse ao lugar para onde ele foi e dissesse como lamento e pedisse desculpas. E Will quer encontrar o pai dele, que morreu logo depois de eles se encontrarem. Como vocês podem imaginar, lorde Asriel não pensaria nisso. Nem a sra. Coulter. Se fôssemos até lorde Asriel, teríamos que fazer o que *ele* quer, e ele não pensaria absolutamente em Roger... esse é o meu amigo que morreu... isso não teria nenhuma importância para ele. Mas é muito importante para mim. Para nós. E é isso o que vamos fazer.

— Menina — disse Tialys —, quando morremos, tudo acaba. Não existe nenhuma outra vida. Você já viu a morte. Já viu corpos de pessoas mortas e viu o que acontece com um daemon quando a morte chega. Ele desaparece. O que mais pode haver para se viver depois disso?

— Nós vamos lá e vamos descobrir — respondeu Lyra. — E agora que já contamos a vocês, pode me entregar seu magneto ressonante.

Ela estendeu a mão e Pantalaimon, sob a forma de leopardo, se levantou com imponência, o rabo balançando lentamente, para reforçar a exigência dela. Tialys tirou a mochila das costas e a colocou na palma da mão de Lyra. Era surpreendentemente pesada; não para ela, é claro, mas ficou surpresa com a força do pequeno espião.

— E quanto tempo acha que essa expedição vai levar? — perguntou o cavaleiro.

— Não sabemos — respondeu Lyra. — Não sabemos nada sobre nossa viagem, exatamente como vocês. Simplesmente teremos que ir e ver.

— Para começar — disse Will —, temos que arranjar mais água e mais comida, algo que seja fácil de carregar. Primeiro vamos procurar um mundo onde possamos conseguir isso e depois partiremos.

Tialys e Salmakia montaram em suas libélulas e as mantiveram por um tempo firmes no chão. Os grandes insetos estavam impacientes para voar, mas o domínio de seus cavaleiros era absoluto, e Lyra, observando os espiões à luz do dia pela primeira vez, viu a extraordinária fineza dos arreios e rédeas de seda cinza, os estribos prateados e as minúsculas selas.

Will pegou a faca e uma forte tentação o levou a buscar o ponto de toque conhecido de seu próprio mundo: ainda estava com o cartão de crédito; poderia comprar os alimentos com que estava habituado; poderia até telefonar para a sra. Cooper e pedir notícias de sua mãe...

A faca se chocou com um som desagradável como o de uma unha arranhando uma pedra áspera e seu coração quase parou. Se quebrasse a lâmina de novo, seria o fim.

Depois de alguns instantes, tentou de novo. Em vez de tentar não pensar em sua mãe, disse para si mesmo: *Sim, eu sei que ela está lá, mas só que não vou olhar nessa direção enquanto faço isso...*

E dessa vez funcionou. Encontrou um novo mundo, deslizou a faca para cortar uma janela e, alguns momentos depois, todos eles estavam parados no que parecia ser um pátio de fazenda em algum país do norte, como a Holanda ou a Dinamarca, onde o pátio de lajes de pedra estava bem varrido e limpo e havia uma fileira de portas de baias abertas. O sol brilhava através de um céu parcialmente nublado e havia o cheiro de alguma coisa queimando no ar, bem como de alguma coisa menos agradável. Não se ouvia nenhum som de vida humana, embora um zumbido alto, tão intenso e vigoroso que parecia uma máquina, viesse dos estábulos.

Lyra foi até lá olhar e voltou imediatamente, bastante pálida.

— Tem quatro — ela engoliu em seco, pôs a mão na garganta, depois se recuperou —, quatro cavalos mortos. E milhões de moscas...

— Olhe — mostrou Will —, ou talvez seja melhor não olhar.

Ele estava apontando para os pés de framboesa que delimitavam a horta. Tinha acabado de ver um par de pernas de homem, uma com um sapato e a outra sem, aparecendo sob a parte mais fechada dos arbustos.

Lyra não quis olhar, mas Will foi até lá ver se o homem ainda estava vivo e se precisava de ajuda. Voltou sacudindo a cabeça, parecendo assustado.

Os dois espiões já se encontravam na porta da casa, que estava aberta.

Tialys voltou rapidamente e disse:

— Lá dentro o cheiro está melhor — e então, voou de volta para o umbral, enquanto Salmakia fazia o reconhecimento mais adiante das outras instalações.

Will seguiu o cavaleiro. Entraram em uma grande cozinha quadrada, um lugar antiquado, com peças de porcelana branca em um armário de madeira, uma mesa de pinho limpa e um fogão de lenha apagado, com uma chaleira preta fria. A porta ao lado dava para uma despensa com duas prateleiras cheias de maçãs que enchiam o ar com seu perfume. O silêncio era opressivo.

— Will, *este aqui* é o mundo dos mortos? — perguntou Lyra baixinho.

O mesmo pensamento havia ocorrido a Will. Mas ele respondeu:

— Não, eu acho que não. É um mundo onde não estivemos antes. Olhe, vamos tratar de apanhar tudo o que pudermos carregar. Tem uma espécie de pão de centeio, isso vai ser bom levar, é leve, e tem queijo...

Quando tinham recolhido o máximo que podiam carregar, Will colocou uma moeda de ouro em uma gaveta na grande mesa de pinho.

— O que foi? — perguntou Lyra, ao ver Tialys levantar as sobrancelhas. — Sempre se deve pagar pelo que se leva.

Naquele momento Salmakia entrou pela porta de trás pousando com a libélula sobre a mesa com um cintilar de azul-elétrico.

— Há homens vindo para cá — disse ela —; estão a pé e armados. Estão a apenas alguns minutos de distância. E há uma aldeia em chamas depois dos campos.

E, enquanto ela falava, eles começaram a ouvir o som de botas marchando no cascalho, uma voz dando ordens e o tilintar de metal.

— Então está na hora de ir — disse Will.

Ele tateou no ar com a ponta da faca. A lâmina parecia estar deslizando sobre uma superfície muito lisa, como um espelho, e então, ela penetrou lentamente até que ele pôde cortar. Mas era resistente como um tecido grosso e, depois que acabou de fazer a abertura, Will piscou surpreendido e assustado: pois o mundo para o qual tinha aberto a janela era igual em todos os detalhes ao mundo onde estavam.

— O que está acontecendo? — perguntou Lyra.

Os espiões estavam olhando pela janela, perplexos. Mas era mais que perplexidade o que sentiam. Exatamente como o ar havia resistido à faca, alguma coisa naquela abertura oferecia resistência, impedindo a passagem deles. Will teve que fazer força contra alguma coisa invisível e depois ajudar a puxar Lyra atrás dele, e os galivespianos praticamente não conseguiam fazer nenhum progresso. Tiveram que pousar as libélulas nas mãos das crianças e, mesmo depois disso, foi como puxá-los contra algum tipo de resistência, uma pressão no ar; as asas transparentes se dobraram e se retorceram, e os pequeninos cavaleiros tiveram que afagar suas cabeças e sussurrar para se acalmarem.

Mas, depois de alguns segundos de esforço, todos eles haviam passado pela abertura, e Will encontrou a borda da janela (embora fosse impossível de ver) e a fechou, prendendo o som dos soldados em seu próprio mundo.

— Will — chamou Lyra; ele se virou e viu que havia uma outra pessoa na cozinha com eles.

Seu coração deu um pulo. Era o homem que tinha acabado de ver, menos de dez minutos antes, absolutamente morto em meio aos arbustos, com a garganta cortada.

Era um homem de meia-idade, magro, com a aparência de alguém que passava a maior parte do tempo ao ar livre. Mas agora parecia quase enlouquecido, ou paralisado, de choque. Os olhos dele estavam tão arregalados que se podia ver o branco ao redor de toda a íris; ele agarrava a beira da mesa com a mão trêmula. Will ficou satisfeito de ver que sua garganta estava intacta.

O homem abriu a boca para falar, mas as palavras não saíram. Tudo o que conseguiu fazer foi apontar para Will e Lyra.

Lyra tomou a iniciativa:

— Por favor, nos desculpe por estarmos em sua casa, mas tivemos que fugir dos homens que estavam chegando. Sinto muito se assustamos o senhor. Eu sou Lyra e este é Will, e estes são nossos amigos, o cavaleiro Tialys e lady Salmakia. Poderia nos dizer qual é seu nome e onde estamos?

Aquele pedido, com palavras tão normais, pareceu fazer com que o homem recuperasse a razão, e um calafrio sacudiu seu corpo como se ele estivesse despertando de um sonho.

— Eu estou morto — disse ele. — Estou caído lá fora, morto. Sei que estou. *Vocês* não estão mortos. O que está acontecendo? Deus do céu, eles cortaram a minha garganta. O que está acontecendo?

Lyra deu um passo, chegando mais perto de Will quando o homem disse *Estou morto*, e Pantalaimon correu para se esconder em seu peito, sob a forma de camundongo. Quanto aos galivespianos, estavam lutando para controlar suas libélulas, pois os grandes insetos pareciam sentir aversão ao homem e voavam dardejando de um lado para outro na cozinha, em busca de uma saída.

Mas o homem não lhes deu atenção. Ainda estava tentando compreender o que havia acontecido.

— O senhor é um espírito? — perguntou Will cautelosamente. O homem estendeu a mão e Will tentou apertá-la, mas seus dedos se fecharam no ar. Um formigamento frio foi tudo o que Will sentiu.

Quando viu aquilo acontecer, o homem olhou apavorado para sua própria mão. O choque inicial estava começando a passar e ele podia sentir pena de seu estado lastimável.

— É verdade — disse —, eu *estou* morto... estou morto e vou para o inferno...

— Não diga isso — disse Lyra —, nós vamos acompanhar o senhor. Como se chama?

— Eu era Dirk Jansen — respondeu —, mas já não... eu já não sei o que fazer... Não sei para onde ir...

Will abriu a porta, o pátio da fazenda parecia igual, a horta atrás da cozinha não havia se modificado, o mesmo sol encoberto brilhava. E lá estava o corpo do homem, intocado.

Um pequeno gemido escapou da garganta de Dirk Jansen, como se não houvesse mais como negar. As libélulas escapuliram rapidamente pela porta e voaram raso sobre o solo, depois dispararam para o alto, mais velozes do que pássaros. O homem estava olhando em volta, desamparado, levantava as mãos, abaixava, gemia baixinho.

— Não posso ficar aqui... Não posso ficar — estava dizendo. — Mas esta não é a fazenda que conheci. Está tudo errado. Tenho que ir.

— Para onde o senhor vai? — perguntou Lyra.

— Descer a estrada. Não sei. Não posso ficar aqui...

Salmakia veio voando e se empoleirou na mão de Lyra. As pequeninas garras da libélula a espetavam enquanto a dama falava:

— Tem gente saindo da aldeia... gente como este homem... todos estão andando na mesma direção.

— Então iremos com eles — decidiu Will, e enfiou a alça da mochila no ombro.

Dirk Jansen já estava passando por seu próprio corpo, desviando o olhar. Era quase como se estivesse bêbado, parando, seguindo adiante, ziguezagueando ora para a direita, ora para a esquerda, tropeçando em pequenos sulcos e nas pedras no caminho que seus pés tinham conhecido tão bem.

Lyra foi atrás de Will, e Pantalaimon se transformou em um gavião e voou o mais alto que pôde, fazendo Lyra sufocar um grito.

— Eles têm razão — disse Pan quando desceu. — Há fileiras de pessoas, todas saindo da aldeia. Gente morta...

E logo, eles também as avistaram: eram em torno de vinte pessoas, mais ou menos, homens, mulheres e crianças, todos andando do mesmo modo que Dirk Jansen, inseguros e em estado de choque. A aldeia ficava a uns oitocentos metros de distância, e as pessoas vinham andando na direção deles, juntas umas das outras, pelo meio da estrada. Quando Dirk Jansen viu os outros espíritos, saiu correndo, cambaleante, e eles estenderam as mãos para cumprimentá-lo.

— Mesmo se não souberem para onde estão indo, estão todos indo para lá juntos — observou Lyra. — É melhor irmos com eles.

— Você acha que eles tinham daemons aqui neste mundo? — perguntou Will.

— Não sei. Se visse umas dessas pessoas em seu mundo, saberia que eram espíritos?

— É difícil dizer. Eles não parecem exatamente normais... Tinha um homem que eu costumava ver na minha cidade e ele costumava ficar perambulando do lado de fora das lojas, sempre segurando a mesma velha sacola de plástico, e nunca falava com ninguém nem entrava. E ninguém nunca olhava para ele. Eu costumava fingir que ele era um espírito, um fantasma. Eles se parecem um pouco com ele. Talvez meu mundo seja cheio de espíritos e eu nunca tenha percebido.

— Não acho que o meu seja — disse Lyra em tom de dúvida.

— De qualquer maneira, este deve ser o mundo dos mortos. Essas pessoas acabaram de ser mortas, os soldados devem ter feito isso... e aqui estão elas e é

exatamente igual ao mundo em que estiveram vivas. Pensei que fosse ser muito diferente...

— Bem, está escurecendo. Olhe!

Ela estava agarrando o braço dele. Will parou e olhou em volta, e viu que Lyra tinha razão. Não muito tempo antes de ele ter encontrado a janela em Oxford e tê-la atravessado, entrando no outro mundo de Cittàgazze, tinha havido um eclipse do sol e, como milhões de outras pessoas, Will ficara parado do lado de fora ao meio-dia observando enquanto a luz forte do dia fora escurecendo e enfraquecendo, até que uma espécie de estranho crepúsculo havia coberto as casas, as árvores, o parque. Tudo estava nítido como se em plena luz do dia, mas havia menos luz para ver as coisas, como se as forças de um sol moribundo estivessem se esgotando.

O que estava acontecendo agora era parecido, mas mais estranho, porque os contornos das coisas também estavam perdendo definição e começando a ficar borrados.

— A gente não está ficando cego, não é isso — disse Lyra, assustada —, porque a questão não é que a gente não possa ver as coisas, é que as coisas estão desbotando...

A cor lentamente estava desaparecendo do mundo. Um cinza fosco, esverdeado, tinha substituído o verde intenso das árvores e da grama, uma cor de areia acinzentada substituía o amarelo forte de um campo de milho, um cinza-avermelhado cobria os tijolos de uma bela casa de fazenda.

As próprias pessoas, agora mais próximas, tinham começado a perceber isso também e estavam apontando e se segurando nos braços umas das outras tentando se acalmar.

As únicas coisas de cores intensas na paisagem inteira eram o vermelho-e-amarelo brilhante e o azul-elétrico das libélulas e seus pequeninos cavaleiros, e Will, Lyra e Pantalaimon, que em forma de gavião voava em círculos logo acima.

Agora eles estavam chegando perto das primeiras pessoas e era evidente: eram todas espíritos. Will e Lyra deram um passo para ficarem mais perto um do outro, mas não havia nada a temer, pois os espíritos estavam muito mais assustados do que eles e recuavam, não querendo se aproximar.

Will gritou para eles:

— Não tenham medo. Não vamos machucar vocês. Para onde estão indo?

Eles olharam para o homem mais velho do grupo, como se fosse o guia.

— Estamos indo para onde todos vão — disse ele. — Parece que eu sei, mas não

me lembro de ter aprendido. Acho que fica mais adiante na estrada. Saberemos quando chegarmos lá.

— Mamãe — chamou uma criança —, por que está ficando escuro de dia?

— Fique quieta, querida, não se preocupe — disse a mãe. — Não vai adiantar nada se preocupar. Acho que estamos mortos.

— Mas para onde estamos indo? — perguntou a criança. — Eu não quero estar morta, mamãe!

— Estamos indo visitar o vovô — disse a mãe aflita.

Mas a criança não aceitou o consolo e chorou muito sentida. Os outros no grupo olhavam para a mãe, uns com simpatia, outros com irritação, mas não havia nada que pudessem fazer para ajudar e todos continuaram andando, desconsoladamente, em meio à paisagem que ia perdendo as cores, enquanto os gritos débeis da criança continuavam sem parar.

O cavaleiro Tialys falou com lady Salmakia antes de seguir adiante e se afastar rapidamente, voando pouco acima da superfície, e Will e Lyra acompanharam a libélula com olhos ávidos por suas cores vivas e vigor à medida que foi se tornando cada vez menor. A pequenina dama veio voando e empoleirou seu inseto na mão de Will.

— O cavaleiro foi observar o que há mais adiante — disse ela. — Acreditamos que a paisagem esteja perdendo as cores porque essas pessoas a estão esquecendo. Quanto mais se afastarem de suas casas, mais escuro ficará.

— Mas por que acha que continuam indo? — perguntou Lyra. — Se eu fosse um espírito, gostaria de ficar nos lugares que conheço, não sair vagando por aí e me perder.

— Eles se sentem infelizes lá — arriscou Will, procurando uma resposta. — É o lugar onde acabaram de morrer. Têm medo de lá.

— Não, eles são impulsionados a seguir em frente por alguma coisa — disse a dama. — Algum instinto os está atraindo para seguir adiante pela estrada.

E, de fato, os espíritos estavam se movendo de maneira mais determinada, agora que tinham perdido a aldeia de vista. O céu estava escuro, como se uma violenta tempestade estivesse se armando, mas não havia nada da atmosfera carregada de eletricidade que costuma vir antes de uma tempestade. Os espíritos continuaram caminhando em passo regular e confiante, e a estrada seguia reta, em frente, atravessando uma paisagem que era quase desprovida de qualquer traço

característico.

De vez em quando, um deles lançava um olhar para Will ou para Lyra, ou para as cores intensas da libélula e sua cavaleira, como se estivessem curiosos. Finalmente o homem mais velho disse:

— Vocês aí, você, menino, e você, menina. Vocês não estão mortos. Não são espíritos. Para que estão vindo por aqui?

— Viemos parar aqui acidentalmente — respondeu Lyra, antes que Will pudesse falar. — Não sei como aconteceu. Estávamos tentando fugir daqueles homens e simplesmente parece que acabamos vindo parar aqui.

— Como saberão que chegaram ao lugar para onde têm que ir? — perguntou Will.

— Acredito que nos dirão — disse o espírito em tom confiante. — Vão separar os pecadores dos justos, creio. Agora não adianta mais rezar. Agora é tarde demais para isso. Deveriam ter feito isso quando estavam vivos. Agora não adianta nada.

Era bastante fácil perceber em que grupo ele esperava ser incluído e bastante evidente também que não acreditava que o grupo seria grande. Os outros espíritos o ouviram com ansiedade, mas ele era o único guia conselheiro que possuíam, e por isso o seguiram sem discutir.

E continuaram andando, caminhando penosamente em silêncio sob um céu que finalmente tinha escurecido até chegar a um cinza-chumbo fosco e que permaneceu nessa cor sem escurecer mais. Os vivos olhavam para a esquerda e para a direita, para cima e para baixo, em busca de alguma coisa que fosse clara ou animada ou alegre e, sempre, só encontraram desapontamento até que uma pequenina centelha apareceu adiante e se aproximou deles voando velozmente. Era o cavaleiro, e Salmakia instigou sua libélula a disparar voando ao seu encontro, com um grito de prazer.

Os dois conversaram reservadamente, depois voltaram depressa para junto das crianças.

— Há uma cidade mais adiante — relatou Tialys. — Parece com um campo de refugiados, mas é bastante óbvio que aquilo está lá há séculos, ou mais. E creio que mais além há um mar ou um lago, mas está totalmente coberto pela neblina. Consegui ouvir os sons de pássaros. E há centenas de pessoas chegando a todo minuto, vindas de todas as direções, pessoas como estas, espíritos...

Os espíritos estavam ouvindo enquanto ele falava, embora sem muita curiosidade. Pareciam ter se acomodado em uma espécie de transe e desinteresse, e

Lyra teve vontade de sacudi-los, de insistir para que se esforçassem, para que despertassem e buscassem uma saída.

— Como vamos ajudar essas pessoas, Will? — perguntou.

Ele não tinha a mais remota ideia. Enquanto seguiam adiante, começaram a avistar movimento no horizonte à esquerda e à direita, e, bem adiante deles, uma fumaça de cor suja estava subindo lentamente para acrescentar sua escuridão à atmosfera que já era feia e deprimente. O movimento era de gente, ou espíritos: em filas, aos pares, em grupos, ou sozinhos, mas todos de mãos vazias, centenas de milhares de homens, mulheres e crianças estavam vagando pela planície em direção à fonte da fumaça.

O terreno agora era de encosta em declive e, cada vez mais, parecia ser um aterro de depósito de lixo. O ar estava carregado e cheio de fumaça, e também de outros cheiros: o cheiro acre de substâncias químicas, de matéria vegetal em decomposição, de esgoto. E, à medida que iam descendo, o cheiro ficava pior. Não havia um retalho de solo limpo que se pudesse ver, e as únicas plantas que cresciam por toda parte eram ervas fétidas e um mato áspero acinzentado.

Mais adiante deles, acima da água, estava a neblina. Ela se erguia como um penhasco se fundindo com o céu sombrio, e de algum lugar em seu interior vinham aqueles gritos de pássaros de que Tialys havia falado.

Bem no meio, entre os montes de lixo e a neblina, estava a primeira cidade dos mortos.

19. LYRA E SUA MORTE

Sentia raiva de meu amigo;
Dei a conhecer minha raiva, e assim ela teve fim.
WILLIAM BLAKE

Aqui e ali, fogueiras tinham sido acesas entre as ruínas. A cidade era uma confusão, sem ruas, sem praças e sem espaços abertos, exceto onde prédios haviam desabado. Umas poucas igrejas ou prédios públicos ainda se erguiam sobre o resto, embora estivessem esburacados ou com as paredes rachadas e, em um caso, um pórtico inteiro havia desmoronado sobre as colunas. Entre os esqueletos das ruínas das construções de pedra, um amontoado desordenado de barracos e casebres fora erguido com pedaços de vigas de madeira, latões de gasolina ou latas de biscoitos destroçadas, chapas de polietileno, pedaços de compensado ou de madeira maciça.

Os espíritos que vinham andando com eles seguiam apressados para a cidade e, de todas as direções, havia mais e mais espíritos chegando, tantos que pareciam grãos de areia escorrendo em direção ao buraco de uma ampulheta. Os espíritos se encaminharam direto para a esquálida confusão da cidade, como se soubessem exatamente para onde estavam indo, e Lyra e Will estavam prontos para segui-los; mas então, foram detidos.

Um vulto saiu do vão de uma porta remendada e disse:

— Esperem, esperem.

Uma luz fraca brilhava atrás dele e não era fácil distinguir suas feições; mas sabiam que não era um espírito. Como eles, estava vivo. Era um homem magro que poderia ter qualquer idade, vestindo um terno sujo, desbotado e esfarrapado, segurava um lápis e um maço de papéis que mantinha presos com um grande clipe. O prédio de onde havia saído tinha o aspecto de um posto de alfândega em uma fronteira raramente visitada.

— O que é este lugar? — perguntou Will. — E por que não podemos entrar?

— Vocês não estão mortos — respondeu o homem em tom cansado. — Têm que esperar na área de transição. Sigam adiante pela rua à esquerda e entreguem estes

papéis ao funcionário que controla o portão.

— Mas, me desculpe, senhor — disse Lyra —, espero que não se aborreça com minha pergunta, mas como podemos ter chegado até aqui se não estamos mortos? Porque aqui é o mundo dos mortos, não é?

— Aqui é um subúrbio do mundo dos mortos. Às vezes, os vivos vêm para cá, por engano, mas têm que esperar na área de transição antes de poderem seguir adiante.

— Esperar quanto tempo?

— Até morrerem.

Will sentiu a cabeça ficar zonza. Viu que Lyra estava pronta para continuar a conversa e, antes que ela pudesse falar, disse:

— Poderia apenas nos explicar o que acontece depois? Quero dizer, esses espíritos que vêm para cá, eles ficam nesta cidade para sempre?

— Não, não — respondeu o funcionário. — Isso aqui é apenas um local de passagem. Daqui eles seguem adiante de barco.

— Para onde? — perguntou Will.

— Isso é uma coisa que não posso dizer — respondeu o homem, e um sorriso amargo puxou para baixo os cantos de sua boca. — Agora têm que ir andando. Vocês têm que ir para a área de transição.

Will recebeu os papéis que o homem estava estendendo e então pegou Lyra pelo braço e fez com que se afastasse dali.

As libélulas agora voavam com dificuldade, e Tialys explicou que precisavam descansar. Eles, então, deram um jeito para que elas se empoleirassem na mochila de Will, e Lyra deixou que os espiões sentassem em seu ombro. Pantalaimon, em forma de leopardo, olhou para eles enciumado, mas não disse nada. Eles seguiram adiante pela trilha estreita, contornando os casebres miseráveis e as poças de esgoto e observando o fluxo interminável de espíritos que chegavam e entravam sem impedimentos na cidade.

— Temos que conseguir chegar até a água, como todos eles — disse Will. — E talvez as pessoas nessa área de trânsito nos digam como. De qualquer maneira, não parecem estar com raiva, nem ser perigosos. É estranho. E estes papéis...

Eram simplesmente pedaços de papel arrancados de um bloco, com palavras escritas ao acaso, a lápis, e depois riscadas. Era como se aquelas pessoas estivessem fazendo um jogo e esperando para ver quando os viajantes contestariam sua autoridade ou desistiriam e cairiam na gargalhada. E, no entanto, tudo parecia tão

real.

Estava ficando mais escuro e mais frio, e era difícil ter uma ideia distinta da passagem do tempo. Lyra achava que tinham caminhado durante meia hora; mas talvez tivesse sido o dobro; o aspecto do lugar não mudava. Finalmente chegaram a uma pequena cabana de madeira, parecida com a outra, onde tinham parado antes, na qual uma lâmpada fraca estava acesa pendurada em um fio descoberto acima da porta.

Quando se aproximaram, um homem vestido quase que exatamente como o outro saiu com um pedaço de pão com manteiga em uma das mãos e, sem dizer uma palavra, examinou os papéis e balançou a cabeça em sinal de assentimento.

Ele devolveu os papéis e estava prestes a entrar, quando Will perguntou:

— Por favor, para onde devemos ir agora?

— Devem ir procurar algum lugar para ficar — respondeu o homem, com alguma gentileza. — Devem apenas perguntar. Todo mundo está esperando, exatamente como vocês.

Ele lhes deu as costas e fechou a porta por causa do frio, e os viajantes penetraram no coração do agrupamento de casebres onde as pessoas vivas tinham que ficar.

Era muito semelhante à parte principal da cidade: pequenos casebres caindo aos pedaços, que haviam sido remendados diversas vezes, com pedaços de plástico ou de chapas de ferro corrugado, apoiando-se estranhamente uns contra os outros ao longo de becos estreitos e lamacentos. Em alguns lugares, um cabo de eletricidade descia em laçadas de uma arandela e fornecia energia suficiente para acender uma ou duas lâmpadas nuas, dispostas em fila sobre os casebres próximos. Ainda assim, a maior parte da pouca luz que havia vinha das fogueiras. Seu brilho enfumaçado bruxuleava em reflexos vermelhos sobre os pedaços e retalhos de material de construção, como se fossem as derradeiras chamas remanescentes de algum grandioso incêndio, permanecendo vivas por pura maldade.

Mas, à medida que Will, Lyra e os galivespianos se aproximaram e conseguiram enxergar mais detalhes, puderam ver que havia inúmeros — muitos mais —, realmente muitos vultos, sentados no escuro sozinhos ou encostados nas paredes ou em pequenos grupos, conversando em voz baixa.

— Por que essas pessoas não estão dentro de casa? — perguntou Lyra. — Está frio.

— Não são pessoas — disse lady Salmakia. — Não são nem espíritos. São alguma

outra coisa, mas não sei o quê.

Os viajantes chegaram ao primeiro grupo de casebres, que era iluminado por uma daquelas grandes lâmpadas elétricas, de luz fraca, balançando ligeiramente em um fio sob o vento frio, e Will pôs a mão sobre a faca em seu cinto. Havia um grupo daquelas coisas com forma de pessoas do lado de fora, agachadas sobre os calcanhares e jogando dados e, quando as crianças se aproximaram, eles se levantaram: eram cinco, todos homens, os rostos nas sombras e as roupas velhas e sujas.

— Como se chama esta cidade? — perguntou Will.

Não houve resposta. Alguns deles deram um passo atrás e todos os cinco chegaram mais perto uns dos outros, como se *eles* estivessem com medo. Lyra sentiu sua pele arrepiar e todos os minúsculos pelos em seus braços ficarem em pé, embora não soubesse dizer por quê. Enfiado no meio das roupas dela, Pantalaimon tremia e sussurrava:

— Não, não, Lyra, não, vamos embora, vamos voltar, por favor...

As "pessoas" não fizeram nenhum movimento e, finalmente, Will deu de ombros e disse:

— Bem, de qualquer maneira, boa noite para vocês — e seguiu adiante. Receberam uma reação semelhante de todos os outros vultos com quem falaram e, o tempo todo, a apreensão deles foi crescendo.

— Will, eles são Espectros? — perguntou Lyra baixinho. — Será que já estamos bastante crescidos para ver Espectros?

— Acho que não. Se fossem, nos atacariam, mas eles próprios parecem estar com medo. Não sei o que são.

Uma porta se abriu e a luz se espalhou sobre o solo enlameado. Um homem — um homem de verdade, um ser humano — apareceu no vão da porta e ficou olhando enquanto eles se aproximavam. O pequeno grupo de vultos em torno da porta se afastou dando um ou dois passos para trás, como se em sinal de respeito, e eles viram o rosto do homem: imperturbável, inofensivo e gentil.

— Quem são vocês? — perguntou.

— Viajantes — respondeu Will. — Não sabemos onde estamos. Que cidade é esta?

— Aqui é a área de trânsito — respondeu o homem. — Vieram de muito longe?

— Sim, viemos de muito longe e estamos cansados — respondeu Will. — Poderíamos comprar alguma comida e pagar por um abrigo?

O homem estava olhando para algum ponto atrás deles na escuridão e, então, veio para o lado de fora e olhou em volta para mais além, como se alguém estivesse faltando. Depois se virou para os estranhos vultos parados ali por perto e perguntou:

— E *vocês* viram alguma morte?

Eles sacudiram a cabeça, e as crianças ouviram um murmúrio dizendo:

— Não, não, nenhuma.

O homem voltou para a porta. Atrás dele, no vão da porta, havia rostos olhando para fora: uma mulher, duas crianças pequenas, um outro homem. Todos estavam nervosos e apreensivos.

— Morte? — questionou Will. — Não estamos trazendo morte.

Mas isso parecia ser exatamente o que os estava preocupando, porque, depois que Will falou, houve um suspiro baixo e temeroso dos vivos e até mesmo os vultos do lado de fora se encolheram, se afastando um pouco.

— Com licença — disse Lyra, dando um passo adiante, em sua melhor forma, falando muito educadamente, como se a governanta da Faculdade Jordan estivesse lhe lançando um olhar furioso. — Não pude deixar de reparar, mas esses cavalheiros aqui estão mortos? Desculpe por perguntar, se estiver sendo indelicada, mas de onde viemos isso é muito estranho e nunca vimos ninguém como eles antes. Se estiver sendo mal-educada, realmente gostaria que me perdoassem. Mas, sabem, em meu mundo, nós temos daemons, todo mundo tem um daemon e ficaríamos chocados se víssemos alguém sem um, exatamente como vocês estão chocados ao nos ver. E agora que estivemos viajando, Will e eu — este é Will e eu sou Lyra —, descobri que existem algumas pessoas que parecem não ter daemons, como Will, que não tem, e fiquei assustada até que descobri que, na verdade, são pessoas iguais a mim. Assim, talvez seja por isso que alguém de seu mundo poderia ficar meio nervoso quando nos vê, se pensam que somos diferentes.

O homem disse:

— Lyra? E Will?

— Sim, senhor — disse humildemente.

— E *estes* são seus daemons? — perguntou ele, apontando para os espiões no ombro dela.

— Não — respondeu Lyra, e se sentiu tentada a dizer: "Eles são nossos criados", mas achava que Will consideraria aquilo uma péssima ideia; de modo que falou: — Eles são nossos amigos, o cavaleiro Tialys e lady Salmakia, pessoas muito

importantes e inteligentes, que estão viajando conosco. Ah, e este é meu daemon — disse, tirando o camundongo-Pantalaimon do bolso. — O senhor compreende, somos inofensivos e prometemos que não vamos fazer mal. Realmente precisamos de comida e de um abrigo. Amanhã iremos embora. Prometo.

Todo mundo esperou. O nervosismo do homem diminuiu um pouco com o tom humilde de Lyra, e os espiões tiveram o bom senso de parecerem modestos e inofensivos. Depois de uma pausa, o homem disse:

— Bem, embora seja estranho, suponho que os nossos tempos sejam estranhos... Podem entrar, sejam bem-vindos...

Os vultos do lado de fora assentiram, um ou dois fizeram pequenas reverências e se afastaram respeitosamente enquanto Will e Lyra caminhavam em direção ao calor e à luz. O homem fechou a porta atrás deles e a prendeu enganchando um arame em um prego.

Era um aposento único, iluminado por uma lamparina a nafta e limpo, mas em ruínas. As paredes de compensado eram decoradas com fotografias de artistas, recortadas de revistas sobre cinema, e com um desenho feito com marcas de dedos sujos de fuligem. Havia um fogão de ferro encostado em uma parede, com uma armação para secar roupas em frente, onde algumas camisas muito gastas soltavam vapor, e, em uma mesa estreita, havia um relicário de flores de plástico, conchas, frascos de perfume coloridos e outras bugigangas de mau gosto, todas rodeando um quadro de um elegante esqueleto de cartola e óculos escuros.

O casebre estava lotado: além do homem, da mulher e das duas crianças pequenas, havia um bebê em um berço, um homem mais idoso e, em um canto, sob uma pilha de cobertores, uma senhora muito idosa estava deitada observando tudo com olhos faiscantes em seu rosto enrugado como seus cobertores amassados. Enquanto Lyra olhava para ela, teve um choque: os cobertores se mexeram e um braço muito magro emergiu, em uma manga de camisa preta, e então, outro rosto apareceu, de homem, tão velho, que era quase um esqueleto. De fato, ele se parecia mais com o esqueleto no quadro que com um ser humano, e então, Will também o viu, e todos os viajantes se deram conta juntos de que ele era um daqueles vultos sombrios e bem-educados, como os que estavam lá fora. E todos se sentiam tão confusos como o homem ficara quando os viu primeiro.

Na verdade, todas as pessoas no pequeno casebre abarrotado — todas, menos o bebê, que estava dormindo — ficaram sem saber o que dizer. Foi Lyra quem

conseguiu se recuperar primeiro.

— É muito gentil de sua parte — disse ela —, muito obrigada, boa noite, estamos muito contentes de estar aqui. E, como disse, lamentamos ter chegado sem nenhuma morte, se essa é a maneira normal de fazer as coisas. Mas procuraremos não incomodar, na medida do possível. Sabem, estamos procurando a terra dos mortos e foi assim que acabamos chegando aqui. Mas não sabemos onde fica, nem se isso aqui faz parte dela, nem como chegar lá e, na verdade, nem nada. Sendo assim, se puderem nos dizer alguma coisa a respeito disso, ficaríamos muito gratos.

As pessoas no casebre ainda os estavam olhando fixamente, mas as palavras de Lyra tranquilizaram um pouco a atmosfera e a mulher os convidou a se sentarem à mesa, puxando um banco. Will e Lyra colocaram as libélulas adormecidas no alto de uma prateleira em um canto escuro, onde Tialys disse que descansariam até o dia seguinte, e então, os galivespianos se juntaram a eles na mesa.

A mulher estivera preparando um cozido de carne e legumes, e descascou mais um par de batatas e as cortou em pedaços para aumentar a quantidade de comida, insistindo com o marido que oferecesse aos viajantes alguma coisa para beber, enquanto acabava de cozinhar. Ele trouxe uma garrafa de aguardente transparente, de cheiro forte, que pareceu a Lyra semelhante à genebra dos gípcios, e os dois espiões aceitaram um copo, do qual se serviram com suas pequeninas taças.

Lyra teria esperado que a família ficasse olhando mais para os galivespianos, mas a curiosidade deles estava igualmente concentrada, pensou, nela e em Will. Não demorou muito a perguntar por quê.

— Desde que estamos aqui, vocês são as primeiras pessoas que vimos sem o espectro da morte — explicou o homem, cujo nome, descobriram, era Peter. — Éramos como vocês, viemos para cá antes de estarmos mortos, por alguma casualidade ou acidente. Temos que esperar até que nossa morte nos diga que está na hora.

— A *sua morte* diz a você? — perguntou Lyra.

— Diz. O que descobrimos quando viemos para cá, ah, isso faz muito tempo para a maioria de nós, mas descobrimos que todos nós trazíamos o espectro de nossa morte conosco. Foi aqui que descobrimos. Tinha estado conosco o tempo todo, mas não sabíamos. Sabe, todo mundo tem sua morte. Ela nos acompanha a todos os lugares, durante a vida inteira, está sempre por perto. Os espectros de nossas mortes, eles estão lá fora, tomando ar; eles entram de vez em quando. O da vovó

está lá com ela, ele está bem perto dela, muito perto.

— Isso não assusta o senhor, ter sua morte por perto o tempo todo? — perguntou Lyra.

— Por que me assustaria? Se ela está por perto, você pode ficar de olho nela. Eu ficaria muito mais nervoso se não soubesse onde está.

— E todo mundo tem sua própria morte? — perguntou Will, com surpresa e admiração.

— Mas claro que tem, no momento em que você nasce, sua morte vem ao mundo junto com você, e é sua morte que o leva embora.

— Ah — exclamou Lyra —, é disso que precisamos saber, porque estamos tentando encontrar o mundo dos mortos e não sabemos como chegar lá. Queremos saber para onde vamos quando morremos.

— Sua morte bate em seu ombro, pega sua mão e diz: venha comigo, está na hora. Pode acontecer quando você está doente, com uma febre, ou quando se engasga com um pedaço de pão seco, ou quando cai de um prédio alto; no meio de seu sofrimento e de suas dificuldades, ela vem gentilmente procurar você e diz: agora vamos com calma, calma, criança, venha comigo, e você vai com ela em um barco que atravessa o lago coberto de neblina. O que acontece lá, ninguém sabe. Ninguém nunca voltou para contar.

A mulher disse a uma das crianças para chamar as mortes e dizer que entrassem, e ela correu até a porta e falou com os vultos. Will e Lyra observaram maravilhados, e os galivespianos chegaram mais perto um do outro, enquanto os vultos de mortes — um para cada membro da família — vinham entrando pela porta: vultos pálidos, indistintos, com roupas gastas, simplesmente desbotados, silenciosos e desinteressantes.

— Esses são as mortes de vocês? — perguntou Tialys.

— São sim, senhor — respondeu Peter.

— Sabe quando dirão que está na hora de ir?

— Não. Mas a gente sabe que estão por perto, e isso é um consolo.

Tialys não disse nada, mas era evidente que não achava que aquilo fosse consolo nenhum. Os vultos das mortes ficaram parados, educadamente, encostados na parede, e era estranho ver como ocupavam pouco espaço e perceber como atraíam pouca atenção. Lyra e Will logo se viram ignorando-os totalmente, embora Will pensasse: *aqueles homens que matei... suas mortes estavam bem perto, ao lado deles o*

tempo todo... eles não sabiam e eu não sabia...

A mulher, Martha, serviu o cozido em pratos esmaltados lascados, e pôs um pouco em uma tigela para que os vultos das mortes dividissem entre si. Eles não comeram, mas o cheiro gostoso os deixou satisfeitos. Logo depois a família inteira e seus convidados estavam comendo com grande apetite e Peter perguntou às crianças de onde vinham e como era o mundo delas.

— Eu vou contar a vocês — disse Lyra.

Quando disse isso, assumiu o comando, e ela sentiu uma pequena corrente de prazer jorrar e subir em seu peito, como as borbulhas no champanhe. E sabia que Will estava observando e se sentiu feliz pelo fato de ele estar ali e poder ver o que ela sabia fazer de melhor, e ela o fez por ele e por todos.

Começou falando sobre seus pais. Eles eram um duque e uma duquesa, muito importantes e ricos. Um inimigo político havia conseguido que fossem jogados na prisão e havia tomado suas propriedades. Mas eles escaparam, descendo por uma corda, com o bebê, Lyra, nos braços do pai e conseguiram recuperar a fortuna da família, mas, pouco depois, foram atacados e assassinados por criminosos. Lyra teria sido morta também, e cozida e comida, se Will não a tivesse resgatado bem a tempo e a levado para a floresta onde ele estava sendo criado por lobos. Will tinha caído no mar, da amurada do navio de seu pai, quando ainda era um bebê, e fora levado pelas ondas para uma praia deserta, onde uma loba o amamentara e o mantivera vivo.

As pessoas engoliram aqueles absurdos com plácida credulidade, e mesmo as mortes chegaram mais perto para ouvir, aboletando-se no banco ou deitando no chão por perto, olhando para ela com rostos suaves e corteses, enquanto ela ia inventando e contando a história de sua vida com Will na floresta.

Ele e Lyra tinham ficado com os lobos durante algum tempo até que se mudaram para Oxford, para trabalhar na cozinha da Universidade Jordan. Lá haviam conhecido Roger e, quando a Jordan foi atacada pelos filhos dos fabricantes de tijolos que moravam perto dos Barreiros, tiveram que fugir às pressas; assim Will e Roger capturaram um dos pequenos barcos que os gípcios utilizavam e velejaram nele, descendo pelo Tâmisa, quase sendo capturados na Eclusa de Abington, e depois tinham sido postos a pique pelos piratas de Wapping, nas vizinhanças das docas de Londres, tendo que nadar até estarem em segurança em um clíper, um veleiro de três mastros que estava de partida rumo a Hang Chow, na China, para vender mercadorias e comprar chá.

E no clíper tinham conhecido os galivespianos, que eram estrangeiros vindos da Lua, tendo sido soprados para a terra por uma violenta tempestade vinda da Via Láctea. Eles haviam se refugiado no cesto de vigia de um dos mastros, e ela, Will e Roger costumavam se revezar para ir até lá em cima visitá-los, só que um dia Roger escorregou e mergulhou caindo nas mãos de Davy Jones, o espírito maligno do mar.

Eles tentaram convencer o capitão a voltar com o navio para procurar por ele, mas era um homem duro e violento que só estava interessado no lucro que obteria chegando rapidamente à China e os pusera a ferros. Mas os galivespianos tinham trazido uma lixa para eles e...

E assim por diante. De vez em quando, ela se virava para Will ou para os espiões para pedir confirmação, e Salmakia acrescentava um ou dois detalhes ou Will balançava a cabeça, concordando, e a história foi se desenrolando até acabar no ponto em que as crianças e seus amigos da Lua tinham que encontrar o caminho para chegar à terra dos mortos para poderem descobrir, através de seus pais, o segredo de onde a fortuna da família havia sido enterrada.

— E se, em nossa terra, conhecêssemos nossas mortes — disse ela — como vocês conhecem aqui, provavelmente seria mais fácil; mas acho que realmente tivemos muita sorte em conseguir encontrar o caminho até aqui, já que poderemos ouvir seus conselhos. E muito obrigada por serem tão gentis e ouvirem, e por nos darem esta refeição, que estava realmente muito gostosa.

Continuou:

— Mas, sabem, o que precisamos agora, ou talvez amanhã de manhã, é encontrar uma maneira de atravessar o lago até o lugar para onde os mortos vão e ver se também podemos chegar lá. Por acaso existem barcos que possamos, quem sabe, alugar?

A expressão dos outros era de dúvida. As crianças, cheias de cansaço, olharam com olhos sonolentos do rosto de um adulto para outro, mas nenhum deles pôde sugerir onde poderiam encontrar um barco.

Então, veio uma voz de alguém que não tinha falado antes. Das profundezas das roupas de cama no canto veio uma voz seca, quebradiça e anasalada — não era uma voz de mulher, não era a voz de um ser vivo: era a voz do vulto da morte da avó.

— A única maneira de atravessarem o lago e irem até a terra dos mortos — disse ele, e estava apoiado no cotovelo, apontando com um dedo magro para Lyra — é com suas próprias mortes. Devem chamar suas mortes. Ouvi falar de gente como

vocês, que mantêm o vulto da morte a distância. As pessoas do seu mundo não gostam deles e por cortesia eles se mantêm escondidos. Mas nunca estão muito longe. Sempre que você vira a cabeça, o vulto de sua morte se esconde atrás de você. Para onde quer que olhem, eles se escondem. Podem se esconder em uma xícara de chá. Ou em uma gota de orvalho. Ou em um sopro de vento. Não é como acontece comigo e com a Magda, aqui — disse ele, e beliscou a face enrugada e ela afastou a mão dele. — Nós vivemos juntos com gentileza e amizade. Esta é a resposta, é isso, isso é o que vocês têm que fazer, dar as boas-vindas, fazer amizade, ser gentis, convidar os vultos de suas mortes a se aproximarem de vocês e ver se conseguem fazer com que eles concordem em ajudá-los.

As palavras dele caíram na mente de Lyra como pedras muito pesadas, e Will também sentiu o peso mortal delas.

— Como deveríamos fazer isso? — perguntou.

— Você tem apenas que desejar isso, fazer esse pedido e estará feito.

— Um momento — disse Tialys.

Todos os olhos se voltaram para ele e aquelas mortes deitadas no chão se ergueram, apoiadas nos cotovelos, para virar seus rostos suaves e inexpressivos para aquele rosto pequeno e entusiasmado. Tialys estava de pé, ao lado de Salmakia, com a mão sobre o ombro dela. Lyra sabia o que ele estava pensando: ia dizer que aquilo tinha ido longe demais, que deveriam voltar, que estavam levando aquela tolice irresponsavelmente longe demais. Então, ela se adiantou.

— Por favor, se me dão licença — disse para o homem chamado Peter —, mas eu e nosso amigo, o cavaleiro, precisamos ir até lá fora um minuto, porque ele precisa falar com seus amigos na Lua através de meu instrumento especial. Não vamos demorar.

E ela o pegou cuidadosamente, evitando as esporas, e o levou para fora da casa, para o escuro, onde um pedaço de chapa de ferro corrugado no telhado batido pelo vento frio fazia um som melancólico.

— Você tem que parar — disse ele, enquanto ela o colocava em um barril de gasolina virado, sob a luz fraca de uma daquelas lâmpadas elétricas que balançava em seu fio mais acima. — Já fomos longe demais. Chega.

— Mas fizemos um acordo — disse Lyra.

— Não, não. Não a esse ponto.

— Está bem. Então nos deixem. Podem voar de volta. Will pode cortar uma janela

para o mundo de vocês, ou para qualquer mundo que quiserem, e vocês poderão seguir voando e estar em segurança, não faz mal, nós não nos importamos.

— Você sabe o que está fazendo?

— Sim.

— Não sabe. Você é uma criança sem consideração, irresponsável e mentirosa. Inventar fantasias é algo que é tão fácil para você que todo o seu caráter, seu ser, a sua natureza estão tomados pela desonestidade e você não admite a verdade nem mesmo quando ela está bem na sua frente, olhando para a sua cara. Bem, se não consegue vê-la, vou lhe dizer francamente: você não pode, você não deve arriscar sua morte. Tem que voltar conosco agora. Vou chamar lorde Asriel e poderemos estar a salvo na fortaleza em algumas horas.

Lyra sentiu um grande soluço de raiva crescer como uma onda em seu peito e bateu o pé, não conseguindo se manter parada.

— Você *não sabe* — exclamou —, você simplesmente não sabe o que tenho em minha cabeça ou em meu coração, sabe? Eu não sei se seu povo tem filhos, talvez vocês ponham *ovos* ou coisa assim, não ficaria surpreendida, porque você não é gentil, você não é generoso, não tem consideração com os outros; nem mesmo *cruel* você é: isso seria *melhor*, se fosse cruel, porque significaria que nos levou a sério, que não nos seguiu e concordou conosco apenas quando lhe convinha... Ah, eu realmente não posso confiar em você! Você disse que iria ajudar e que faríamos isso juntos, e agora quer nos impedir, *você é quem é* desonesto, Tialys.

— Eu não permitiria que um filho meu falasse comigo dessa maneira insolente e arrogante como está falando, Lyra; não a castiguei antes porque...

— Então vá em frente! Me dê um castigo, já que *pode*! Pegue as drogas de suas esporas e enfie bem fundo, vá em frente! Tome, aqui está minha mão, faça logo! Você não tem ideia do que está em meu coração, seu egoísta orgulhoso, você não tem nenhuma ideia de como me sinto triste e má, e de como lamento o que aconteceu com meu amigo Roger... você mata pessoas com a maior facilidade, *assim* — ela estalou os dedos —, elas não têm importância para você, mas, para mim, é um tormento e um grande sofrimento o fato de nunca ter me despedido de meu amigo Roger, e quero pedir desculpas, dizer como me sinto e tentar corrigir o melhor que puder... você nunca compreenderia, apesar de todo o seu orgulho, apesar de toda a sua esperteza de adulto... e se eu tiver que *morrer* para fazer o que é correto, então, *vou* morrer e vou estar feliz enquanto morro. Já vi coisas piores que isso. Então, se

quiser me matar, seu homem duro, seu homem forte, seu portador de veneno, seu cavaleiro, faça, vá em frente, pode me matar. Então, eu e Roger poderemos brincar na terra dos mortos para sempre e rir de você, criatura infeliz.

O que Tialys poderia ter feito naquele momento não era difícil de ver, pois ele estava ardendo de raiva dos pés à cabeça, uma raiva furiosa e passional, que o fazia tremer; mas não teve tempo de se mover antes que uma voz falasse atrás de Lyra, e ambos sentiram o frio descer e envolvê-los. Lyra deu meia-volta, sabendo o que veria e apavorada, a despeito de toda a sua bravata.

O vulto da morte estava muito perto dela, sorrindo gentilmente, seu rosto exatamente igual ao de todos os outros que tinha visto; mas esse era o dela, o vulto de sua própria morte, e Pantalaimon aninhado em seu peito uivou e tremeu, e sua forma de arminho saltou se agarrando no pescoço dela e tentou empurrá-la, afastando-a da morte. Mas, ao fazer isso, ele simplesmente chegava mais perto e, percebendo, Pan tornou a se enroscar, se encolhendo contra o corpo dela, em volta do pescoço quente e o pulso forte de seu coração.

Lyra confortou seu daemon e enfrentou o vulto sem medo. Não conseguia se lembrar do que ele havia dito e pelo canto do olho podia ver Tialys montando rapidamente o magneto ressonante, em plena atividade.

— Você é minha morte, não é? — perguntou.

— Sou, minha querida — respondeu ele.

— Mas não vai me levar ainda, vai?

— Você me quis, me chamou. Estou sempre aqui.

— Sim, mas... eu *chamei*, é verdade, mas... eu quero ir à terra dos mortos, isso é verdade. Mas não morrer. Não quero morrer. Adoro estar viva e adoro meu daemon e... Daemons não descem até lá, não é? Eu os vi desaparecerem e simplesmente se apagarem quando as pessoas morrem. Existem daemons na terra dos mortos?

— Não — respondeu ele. — Seu daemon desaparece no ar e você desaparece debaixo da terra.

— Então, quero levar meu daemon comigo quando for à terra dos mortos — disse ela com firmeza. — E quero voltar de lá. Isso já aconteceu alguma vez?

— Não, isso nunca aconteceu, em muitas e muitas eras. Um dia, finalmente, você irá para a terra dos mortos, sem nenhum esforço, sem nenhum risco, fará uma jornada segura e calma em companhia de sua própria morte, de seu amigo especial e devotado, que esteve a seu lado em todos os momentos de sua vida, que a conhece

melhor que você mesma...

— Mas Pantalaimon é meu amigo especial e devotado! Não conheço você, Senhor Morte, conheço Pan e amo Pan, e se algum dia ele... se algum dia nós...

O vulto da morte estava assentindo. Ele parecia interessado e gentil, mas Lyra não conseguia se esquecer nem por um segundo quem ele era: o espectro de sua própria morte, e ali, tão perto.

— Eu *sei* que será um esforço seguir adiante agora — disse ela mais controladamente —, e perigoso, mas quero ir, Senhor Morte, eu quero sinceramente. E Will também. Nós dois tivemos pessoas que nos foram tomadas cedo demais e precisamos reparar nossos erros, eu pelo menos preciso.

— Todo mundo deseja poder falar novamente com aqueles que se foram para a terra dos mortos. Por que deveria haver uma exceção para você?

— Porque — começou ela, mentindo —, porque tem uma coisa que preciso fazer lá, não apenas ver meu amigo Roger. Uma outra coisa. Foi uma tarefa de que fui encarregada por um anjo e que mais ninguém pode fazer, só eu. É importante demais para esperar até que eu morra da maneira natural, tem que ser feita agora. Sabe, o anjo me *ordenou*. Foi por isso que viemos aqui, eu e Will. Nós *temos* que ir.

Atrás dela Tialys guardou seu instrumento e ficou sentado observando a menina argumentando e implorando à sua própria morte para ser levada para onde ninguém queria ir.

O vulto da morte coçou a cabeça e levantou as mãos espalmadas, mas nada seria capaz de deter as palavras de Lyra, nada poderia desviar ou diminuir seu desejo, nem mesmo o medo: ela tinha visto coisa pior que a morte, afirmava, e, de fato, tinha.

E, em certo momento, afinal sua morte disse:

— Se nada é capaz de convencer você a desistir, então, tudo o que posso dizer é: venha comigo e eu a levarei até lá, para a terra dos mortos. Eu serei seu guia. Posso lhe mostrar o caminho para entrar, mas, para sair de novo, você terá que se virar sozinha.

— E meus amigos também — disse Lyra. — Meu amigo Will e os outros.

— Lyra — disse Tialys —, contrariando todos os instintos, nós iremos com você. Estava furioso com você há um minuto atrás. Mas você torna difícil...

Lyra sabia que aquele era um momento para buscar conciliação e ficou feliz por fazer isso, tendo conseguido o que queria.

— Eu sei — disse ela —, *sinto muitíssimo*, Tialys, mas se não tivesse ficado com

raiva de mim, nunca teríamos encontrado este cavalheiro para nos levar. Estou feliz por você estar aqui, você e a dama, realmente estou muito grata a vocês por estarem conosco.

E foi assim que Lyra convenceu sua própria morte a guiá-la e aos outros até a terra para onde Roger tinha ido, bem como o pai de Will, Tony Makarios e tantos outros; e sua morte lhe disse que descesse ao cais quando o primeiro raio de luz da alvorada surgisse no céu e que estivesse pronta para partir.

Mas Pantalaimon estava tremendo, sacudido por calafrios, e nada que Lyra fizesse ou dissesse foi capaz de acalmá-lo e fazê-lo parar de tremer, ou calar o gemido baixinho que ele não conseguia conter. Ela dormiu um sono inquieto e interrompido, no chão do casebre, junto com todos os outros, e o vulto de sua morte ficou sentado e atento a seu lado.

20. A ESCALADA

E eu cheguei lá —
Porque subi devagar —
Porque me agarrei aos galhos finos
Que cresciam entre mim — e a felicidade —
EMILY DICKINSON

Os mulefas faziam muitos tipos de cordas, cabos e cordões, e Mary Malone passou uma manhã inspecionando e testando os que a família de Atal tinha armazenado antes de escolher o que queria. O princípio de torcer as extremidades em direções opostas e enrolar não havia se popularizado no mundo deles, e por isso todos os tipos de cabos, cordões e cordas eram trançados; mas eram fortes e flexíveis, e Mary logo encontrou exatamente o que queria.

— *O que você está fazendo?* — perguntou Atal.

Os mulefas não tinham um termo para descrever a ação de *escalar*, *subir trepando*, de modo que Mary teve que gesticular um bocado e fazer muitas voltas, dando explicações indiretas. Atal ficou horrorizada.

— *Ir até a parte alta das árvores?*

— *Eu preciso ver o que está acontecendo*— explicou Mary. —*Agora você pode me ajudar a preparar as cordas*.

Uma vez, na Califórnia, Mary havia conhecido um matemático que passava todos os fins de semana subindo em árvores, escalando seus galhos. Mary tinha alguma prática de alpinismo e ouvira avidamente enquanto ele falava sobre as técnicas e o equipamento, e havia decidido experimentar aquilo assim que tivesse uma oportunidade. É claro, nunca imaginou que viria a escalar árvores em um outro universo, e fazer a escalada solitária também não lhe agradava muito, mas não havia alternativa quanto a isso. O que podia fazer era tomar todas as providências, antecipadamente, para fazê-lo da maneira mais segura possível.

Escolheu um rolo de corda suficientemente longo para passar sobre um dos galhos de uma árvore alta e chegar de volta ao chão, e forte o bastante para suportar

várias vezes o seu peso. Então, cortou um grande número de pedaços de corda menores, mas muito resistentes, e fez laços com eles: laçadas curtas unindo dois chicotes em nó de pescador, que podiam servir de pontos de apoio para os pés e para as mãos depois que os amarrasse à corda principal.

Depois, havia o problema de como conseguir lançar a corda por sobre o galho, para começar. Uma ou duas horas de experiências com um cordão fino e resistente e um pedaço de galho flexível resultaram em um arco; com o canivete suíço cortou algumas flechas, com folhas rijas no lugar de penas, para dar-lhes estabilidade em voo; e, finalmente, depois de um dia de trabalho, Mary estava pronta para começar. Mas o sol estava se pondo e suas mãos estavam cansadas, então, ela comeu e foi dormir, preocupada, enquanto os mulefas falavam incessantemente a seu respeito, em seus suaves sussurros musicais.

Logo que amanheceu, a primeira coisa que fez foi se preparar para lançar a flecha por sobre um galho. Alguns dos mulefas se reuniram para observar, preocupados com a segurança dela. Uma escalada era algo tão estranho e exótico para seres com rodas que a simples ideia os horrorizava.

Em seu íntimo, Mary sabia exatamente como se sentiam. Tratou de engolir seu nervosismo e amarrou uma ponta do cordão mais fino e mais leve a uma das flechas e a lançou voando para o alto com o arco.

Mary errou a primeira flecha: ela se enfiou na casca da árvore a meio caminho e não se desprendia. Ela perdeu a segunda porque, embora tivesse voado por sobre o galho, não caiu longe o bastante para ser alcançada do solo do outro lado e, quando a puxou de volta, a flecha se enganchou no galho e se quebrou. O longo cordão caiu de volta preso ao pedaço da flecha quebrada, e Mary tentou de novo com a terceira e última flecha e, desta vez, funcionou.

Puxando o cordão, com cuidado e firmeza, de maneira a não prendê-lo nem partilo, ela puxou e alçou a corda preparada por sobre o galho até que ambas as pontas estivessem no chão. Então, as amarrou a um dos arcobotantes maciços de uma das raízes, tão grosso de circunferência quanto seus quadris, de modo que deveria ser suficientemente sólido, pensou. Seria bom que realmente fosse. O que não podia dizer de onde estava no solo, é claro, era de que tipo de galho a coisa inteira, inclusive ela, estaria dependendo para se sustentar. Ao contrário de escaladas convencionais em pedras, em que você pode prender a corda em pinos cravados na face da rocha, mais ou menos a cada metro, de modo a nunca estar sujeito a grandes

quedas, aquela operação envolvia uma extensão muito longa de corda solta e uma queda realmente muito grande, se alguma coisa saísse errado. Para se dar um pouco mais de segurança, ela trançou três pequenas cordas formando um arnês e passou-o em volta de ambas as pontas penduradas da corda principal, com um nó corredio cuja laçada podia apertar no momento em que começasse a escorregar.

Mary pôs o pé na alça da primeira laçada e começou a escalada.

Ela alcançou a copa da árvore em menos tempo do que havia esperado. A escalada foi simples, a corda não maltratou suas mãos e, embora não tivesse querido pensar sobre o problema de como subir ao topo do primeiro galho, descobriu que as fissuras na casca do tronco a ajudavam a ter um sólido ponto de apoio e a se sentir segura. De fato, apenas quinze minutos depois de ter deixado o solo, estava de pé no primeiro galho e planejando a rota que seguiria para chegar ao próximo.

Tinha mais dois rolos de corda com ela, e pretendia fazer uma rede de cabos fixos para substituir os pinos e esteios, os "amigos" e outras peças de equipamento com que contava quando estava escalando uma parede de rocha. Amarrá-las fixando-as nos lugares adequados lhe custou alguns minutos, e depois que estava segura com as laçadas atadas a elas, escolheu o que parecia ser o galho mais promissor, enrolou sua corda sobressalente de novo e seguiu adiante.

Depois de dez minutos de escalada cuidadosa, chegou à parte mais espessa da copa da árvore. Podia tocar nas folhas longas e correr a mão de ponta a ponta; encontrou uma flor após outra de um tom branco-cinzento-amarelado, todas absurdamente pequenas, cada uma produzindo a coisa pequenina, do tamanho de uma moeda, que mais tarde se tornaria uma daquelas grandes sementes, duras como ferro.

Alcançou um ponto confortável onde três galhos se dividiam fazendo uma forquilha, amarrou bem a corda, prendeu seu arnês e descansou.

Através dos espaços entre as folhas podia ver o mar azul, límpido e cintilante, até o horizonte; e na outra direção, por sobre o ombro direito, avistava a sucessão de pequenas elevações na pradaria castanho-dourada, toda listrada pelas estradas negras.

Havia uma brisa suave, que levantava um leve perfume das flores e farfalhava as folhas duras, e Mary imaginou uma imensa e indistinta luz benevolente levantando-a, como um par de mãos gigantescas. Enquanto estava deitada na forquilha, sentiu

uma espécie de felicidade que só uma vez antes havia sentido; e não tinha sido quando fizera seus votos de freira.

Afinal, acabou sendo trazida de volta para seu estado normal de consciência por uma cãibra no tornozelo direito, que estava apoiado de mau jeito no canto da forquilha. Ela mudou de posição e voltou sua atenção para a tarefa, ainda meio tonta pela sensação de contentamento oceânico que a rodeava.

Mary havia mostrado aos mulefas como tinha que manter as placas de laca de seiva separadas, a um palmo de distância, para poder ver o sraf; e, imediatamente, eles tinham compreendido o problema e feito um tubo curto de bambu, fixando as placas cor de âmbar nas extremidades, como se fosse um telescópio. Essa luneta estava enfiada no bolso de sua blusa e naquele momento ela a tirou do bolso. Quando olhou através dela, viu aquelas cintilações douradas flutuando, o sraf, as Sombras, o Pó de Lyra, como uma vasta nuvem de minúsculos seres flutuando com o vento. A maior parte deles se deslocava ao acaso, como partículas de poeira em um raio de luz do sol, ou moléculas em um copo de água.

A maior parte.

Mas, quanto mais ela olhava, começou a perceber um outro tipo de movimento. De forma menos evidente do que o deslocamento ao acaso, havia um movimento universal mais profundo, mais lento, indo da terra para o mar.

Bem, aquilo era curioso. Mary se prendeu a um de seus cabos fixos e se arrastou em direção à ponta de um galho horizontal, examinando bem de perto todas as flores que conseguiu encontrar. E, finalmente, começou a entender o que estava acontecendo. Ficou observando e esperou até estar perfeitamente segura, e então, deu início ao processo cuidadoso, demorado e cansativo de descida.

Mary encontrou os mulefas em estado de desespero, tendo sofrido com milhares de preocupações pela amiga que estava tão distante do solo.

Atal ficou especialmente aliviada e, muito ansiosa, apalpou o corpo inteiro de Mary com a tromba, emitindo relinchos suaves de prazer ao verificar que ela estava a salvo, e rapidamente a carregou pelo povoado acompanhada por mais ou menos uns outros doze mulefas.

Tão logo chegaram ao cume da colina, um chamado circulou entre os que estavam no povoado e, quando finalmente chegaram ao monte e ao pódio onde se falava, o público era tão grande e os mulefas estavam apinhados de forma que Mary

calculou que houvesse muitos visitantes de outros povoados, que tinham vindo para ouvir o que ela iria dizer. Ela desejou que tivesse notícias melhores para dar.

O velho zalif, Sattamax, subiu à plataforma e a recebeu calorosamente, e Mary respondeu com toda a cortesia mulefa de que pôde se lembrar. Tão logo os cumprimentos foram concluídos, ela começou a falar.

Hesitante e se expressando com muitos rodeios, ela disse:

— Meus bons amigos, estive no alto da copa de suas árvores e examinei com cuidado e de perto as folhas crescendo, as flores novas e as sementes.

— Verifiquei que há uma corrente de sraf fluindo, bem alto, acima das copas das árvores— prosseguiu ela *—, que se move contra o vento. O ar se move vindo do mar, em direção à terra, para o interior, mas o sraf está, lentamente, se movendo na direção oposta. Vocês conseguem ver isso do chão? Porque eu não consegui.*

— Não — respondeu Sattamax. *— Esta é a primeira vez que ouvimos falar disso.*

— Bem — ela continuou *—,as árvores estão filtrando o sraf à medida que vai passando através delas e parte dele é atraído para as flores. Pude observar isso acontecendo: as flores são viradas para cima, e se o sraf estivesse caindo, em linha reta, para baixo, entraria nas pétalas e as fertilizaria como o pólen das estrelas.*

— Mas o sraf não está caindo, está se deslocando para fora, em direção ao mar. Quando acontece de uma flor estar virada para a terra, o sraf pode entrar nela. É por isso que ainda existem sementes crescendo. Mas a maioria delas está virada para cima, e o sraf simplesmente passa flutuando sobre elas, sem entrar. As flores devem ter evoluído desta maneira porque, no passado, todo o sraf devia cair descendo em linha reta. Alguma coisa aconteceu com o sraf, não com as árvores. E só se pode ver essa corrente de muito alto, e é por este motivo que nunca tiveram conhecimento desse fato.

— Enfim, se querem salvar as árvores e a vida mulefa, devemos descobrir por que o sraf está fazendo isso. Ainda não consegui pensar em uma maneira de fazê-lo, mas tentarei.

Ela viu muitos deles esticando o pescoço para olhar para o alto, tentando ver aquela corrente de Pó. Mas do solo não dava para ver: ela própria tinha olhado através da luneta, mas tudo o que conseguira ver foi o azul intenso do céu.

Eles ficaram conversando por muito tempo, tentando se recordar de alguma menção ao vento de sraf entre suas lendas e histórias, mas não havia nenhuma. Tudo o que sempre souberam era que o sraf vinha das estrelas, como sempre viera.

Finalmente, perguntaram se ela tinha quaisquer outras ideias, e Mary respondeu:

— Eu preciso fazer mais observações. Preciso descobrir se o vento sempre sopra nessa

direção ou se ele se altera, como são as correntes de ar, durante o dia e a noite. Para isso, preciso passar mais tempo nas copas das árvores e dormir lá e observar durante a noite. Precisarei da ajuda de vocês para construir algum tipo de plataforma para que eu possa dormir em segurança. Mas realmente precisamos de mais observações.

Os mulefas, práticos e ansiosos para descobrir, imediatamente se ofereceram para construir qualquer coisa de que ela precisasse. Eles conheciam a técnica de utilização de polias e cordame e logo um deles sugeriu uma forma de suspender Mary com facilidade até o dossel das árvores, diminuindo o esforço e o perigo da escalada.

Felizes por terem algo a fazer, imediatamente começaram a reunir os materiais, trançando, amarrando vergas de velame e cordas e cabos, sob a orientação dela, e a organizar tudo de que ela precisaria para a observação no topo das árvores.

Depois de falar com o casal idoso na plantação de oliveiras, o padre Gomez perdeu a pista da mulher. Passou vários dias procurando e fazendo perguntas em todas as direções nos arredores, mas a mulher parecia ter desaparecido completamente.

Ele não iria desistir, embora aquilo fosse desanimador; o crucifixo pendurado no cordão em volta de seu pescoço e o rifle às suas costas eram símbolos gêmeos de sua absoluta determinação de completar a tarefa.

Mas teria levado muito mais tempo, se não tivesse sido pela diferença de clima. No mundo em que estava, o tempo era quente e seco, e ele estava sentindo cada vez mais sede; e, vendo um pedaço de rocha molhada no alto de uma base de penhasco, subiu até lá para ver se ali havia uma nascente. Não havia, mas no mundo das árvores-das-rodas acabara de cair um temporal; e foi assim que ele encontrou a janela e descobriu para onde Mary tinha ido.

21. AS HARPIAS

Odeio coisas puramente fantasiosas... tudo sempre deveria ter como base a verdade dos fatos
BYRON

Tanto Will como Lyra acordaram tomados por um forte sentimento de apreensão: se sentiam como presos condenados na manhã do dia marcado para a execução. Tialys e Salmakia estavam cuidando de suas libélulas, lhes trazendo mariposas capturadas a laço em volta da lamparina ambárica sobre o barril de gasolina, do lado de fora, moscas tiradas de teias de aranha e água em um prato de latão. Quando viu a expressão no rosto de Lyra e a maneira como Pantalaimon, sob a forma de camundongo, estava se apertando contra seu peito, lady Salmakia parou o que estava fazendo e foi falar com ela. Enquanto isso, Will saiu do casebre para dar uma volta.

— Vocês ainda podem mudar de ideia — disse Salmakia.

— Não, não podemos. Nós já decidimos — retrucou Lyra, ao mesmo tempo obstinada e temerosa.

— E se nós não voltarmos?

— *Vocês* não precisam ir — recordou Lyra.

— Não vamos abandonar vocês.

— Então, e se *vocês* não voltarem?

— Teremos morrido fazendo algo importante.

Lyra ficou em silêncio. Na verdade, não havia olhado direito antes; mas agora podia ver a pequena dama muito claramente, na luz fumegante da lamparina de nafta, colocada sobre a mesa a apenas um braço de distância. O rosto dela era calmo e gentil, não era belo, nem atraente, mas era exatamente o tipo de rosto que você ficaria contente de ver se estivesse doente, infeliz ou com medo. A voz dela era baixa e expressiva, com uma corrente de riso e de felicidade fluindo sob a superfície límpida. Em toda a sua vida, de que pudesse lembrar, nunca ninguém tinha lido para Lyra quando ia para a cama; ninguém tinha lhe contado histórias, nem cantado cantigas de ninar para ela, antes de lhe dar um beijo de boa-noite e apagar a luz.

Mas naquele momento, de repente, pensou que se algum dia houvesse uma voz capaz de envolvê-la em segurança e aquecê-la com amor, seria uma voz como a de lady Salmakia, e sentiu um desejo profundo no coração de ter um filho seu para ninar, acalmar, para quem cantar, um dia, em uma voz como aquela.

— Bem — disse Lyra, e descobriu que estava com um nó na garganta, então, engoliu em seco e encolheu os ombros.

— Veremos — disse a pequenina dama, e voltou ao que estava fazendo.

Depois de terem comido o pão fino e seco e tomado o chá amargo, que era tudo o que as pessoas tinham para lhes oferecer, eles agradeceram, pegaram suas mochilas e partiram, seguindo pela cidade de casebres em direção à beira do lago. Lyra olhou ao redor, procurando pelo vulto de sua morte, e, de fato, lá estava ele, caminhando educadamente um pouco mais adiante; mas ele preferiu não se aproximar, embora volta e meia olhasse para trás para ver se o estavam seguindo.

O dia estava carregado de uma neblina sombria. Parecia mais o anoitecer do que o amanhecer, e colunas e tiras compridas daquele nevoeiro subiam tristemente das poças no caminho, ou se enroscavam como amantes abandonados nos cabos ambáricos acima. Eles não viram pessoas, apenas uns poucos vultos de mortes, mas as libélulas voavam baixo, rapidamente, pelo ar úmido como se estivessem costurando aquilo tudo com fios invisíveis, e era uma alegria para os olhos observar suas cores vivas se arremessando de um lado para outro naquele lugar hostil.

Pouco depois, chegaram aos limites onde acabava o aglomerado de casebres e seguiram adiante, acompanhando a margem de um riacho moroso, em meio a moitas de galhos nus e secos. Ocasionalmente, ouviam o coaxar rouco ou um espirrar de água, quando algum anfíbio se assustava, mas o único animal que viram foi um sapo, grande como o pé de Will, que só conseguia se sacudir em um doloroso arfar lateral, como se estivesse terrivelmente ferido. Ele estava caído no meio da trilha, tentando sair do caminho e olhando para eles como se soubesse que tinham a intenção de machucá-lo.

— Seria um ato de misericórdia matá-lo — disse Tialys.

— Como sabe? — perguntou Lyra. — Ele ainda pode gostar de estar vivo, apesar de tudo.

— Se o matássemos, o estaríamos levando conosco — disse Will. — Ele quer ficar aqui. Já matei coisas vivas demais. Mesmo uma poça de água estagnada e imunda pode ser melhor do que estar morto.

— Mas e se estiver sentindo dor? — perguntou Tialys.

— Se pudesse nos dizer, saberíamos. Mas, como não pode, não vou matá-lo. Isso seria levar em consideração os nossos sentimentos em vez dos sentimentos do sapo.

Eles seguiram adiante. Pouco depois, a modificação no som de suas passadas indicou que havia um espaço aberto por perto, embora o nevoeiro estivesse ainda mais fechado. Pantalaimon se transformara em um lêmure, com os maiores olhos que pôde conseguir, agarrado ao ombro de Lyra, encostado em seus cabelos cobertos de gotículas peroladas de neblina, espreitando e examinando tudo ao redor e não conseguindo ver nada além dela. O daemon continuava tremendo e tremendo sem parar.

De repente, todos eles ouviram uma pequena onda quebrar. O ruído foi baixo, mas veio de muito perto. As libélulas retornaram com seus cavaleiros para junto das crianças, e Pantalaimon se colou ao peito de Lyra, enquanto ela e Will chegavam mais perto um do outro, pisando com cuidado no solo escorregadio.

De repente estavam na praia. A água oleosa, cheia de espuma, estava lisa, parada, diante deles, uma ondulação ocasional quebrava languidamente nos seixos.

O caminho fazia uma curva para a esquerda e, um pouco mais adiante, parecendo mais uma forma da neblina do que um objeto sólido, um píer de madeira se projetava estranhamente sobre a água. Os pilares estavam apodrecidos e as tábuas cobertas de limo, e não havia mais nada; nada além dele; o caminho acabava onde o píer começava, e onde este acabava, começava a neblina. O vulto da morte de Lyra, os tendo guiado até ali, fez uma reverência para ela, e saiu andando para a neblina, e desapareceu antes que ela pudesse lhe perguntar o que fazer a seguir.

— Escute — disse Will.

Havia um som lento, lá fora, na água invisível: um ranger de madeira e um suave e regular espadanar de água. Will pôs a mão sobre a faca enfiada na bainha no cinto e se adiantou caminhando pelo píer, pisando com cuidado nas tábuas meio apodrecidas. Lyra o seguiu. As libélulas se empoleiraram nos dois pilares de atracação cobertos de ervas, parecendo guardiões heráldicos, e as crianças pararam na ponta do píer, fazendo esforço para ver através do nevoeiro e tendo que limpar os cílios das gotas que se acomodavam neles. O único som era aquele lento ranger e espadanar que chegava cada vez mais perto.

— Vamos desistir disso! — implorou Pantalaimon baixinho.

— Temos que ir — cochichou Lyra em resposta.

Ela olhou para Will. A expressão de seu rosto era dura, implacável e impaciente: ele não desistiria. E os galivespianos, Tialys no ombro de Will, Salmakia no de Lyra, pareciam calmos e vigilantes. As asas das libélulas estavam cobertas de pérolas de gotículas de umidade da neblina, como teias de aranha, e, volta e meia, tinham que agitá-las para tirar as gotas porque deviam fazer com que ficassem pesadas, pensou Lyra. Ela esperava que houvesse comida para elas na terra dos mortos.

Então, de repente, o barco apareceu.

Era um barco a remo muito velho, maltratado, remendado, em péssimo estado; e a figura que estava remando era tão velha que não dava nem para imaginar que idade teria, alguém encolhido em uma túnica de tecido grosseiro para fazer sacos, com um cinto de corda, deformado e encurvado, as mãos esqueléticas permanentemente retorcidas em volta dos remos e seus olhos claros e úmidos muito fundos entre as dobras de rugas da pele acinzentada.

Ele soltou um remo e estendeu a mão retorcida para cima, para a argola de ferro no pilar de atracação, no canto do cais, e com a outra mão manobrou o remo para encostar o barco nas pranchas.

Não foi preciso dizer nada. Will embarcou primeiro e depois Lyra se adiantou para embarcar também.

Mas o barqueiro levantou a mão.

— Ele não — disse, em um sussurro rouco.

— Quem?

— Ele.

Estendeu um dedo cinza-amarelado, apontando diretamente para Pantalaimon, cuja forma castanho-avermelhada de arminho, com pelagem de verão, imediatamente adquiriu a cor branca alvíssima de inverno.

— Mas ele *sou* eu! — exclamou Lyra.

— Se você vier, ele terá que ficar.

— Mas não podemos! Nós morreríamos!

— Não é isso o que você quer?

E então, pela primeira vez, Lyra realmente se deu conta do que estava fazendo. Aquela era a verdadeira consequência. Ela ficou parada ali, consternada, trêmula, e abraçou seu daemon tão apertado que ele gemeu de dor.

— *Eles*... — disse Lyra, em tom desamparado, então, se calou: não era justo argumentar que os outros três não teriam que abrir mão de nada.

Will olhava para ela ansioso. Ela correu os olhos observando tudo o que havia ao seu redor, o lago, o píer, a trilha irregular, as poças de água parada, os arbustos mortos e ensopados... O seu Pan, sozinho ali: como ele poderia viver sem ela? Ele tremia dentro da camisa de Lyra, contra sua pele nua, a pelagem dele precisando do calor que ela emitia. Impossível! Nunca!

— Ele vai ter que ficar se você vier — repetiu o barqueiro.

Lady Salmakia agitou as rédeas e sua libélula voou rapidamente do ombro de Lyra e foi pousar na amurada do barco, onde Tialys foi se juntar a ela. Os dois disseram alguma coisa para o barqueiro. Lyra ficou observando como um preso condenado vigia o movimento no fundo da sala do tribunal, à espera de um mensageiro trazendo o perdão.

O barqueiro se inclinou para ouvir e então, sacudiu a cabeça.

— Não — disse ele. — Se ela vier, ele tem que ficar.

— Mas isso não está certo. Nós não temos que deixar para trás uma parte de nós. Por que Lyra tem? — disse Will.

— Ah, mas vocês deixam — disse o barqueiro. — O azar dela é que pode ver e falar com a parte que tem de deixar. Vocês não saberão até estarem na água, e então, será tarde demais. Mas todos vocês têm que deixar essa parte de vocês aqui. Não há passagem para a terra dos mortos para seres como ele.

Não, pensou Lyra, e Pantalaimon pensou com ela: *Nós não passamos por tudo o que passamos em Bolvangar para isto, não; como poderemos voltar a nos encontrar?*

E ela olhou para trás de novo, para a costa malcheirosa e sombria, tão fria e desolada, arruinada por doenças e veneno, e pensou em seu querido Pan, esperando ali sozinho, o companheiro de seu coração olhando enquanto ela desaparecesse na neblina, e explodiu em uma tempestade de lágrimas. Seus soluços desesperados não tinham eco, porque a neblina os abafava, mas ao longo da costa, em inúmeras lagoas e brejos, em tristes tocos quebrados de árvores, os animais feridos que se escondiam ali ouviram seu grito sentido, saído do fundo do coração, e se encolheram mais junto do solo, com medo de tamanha paixão.

— Se ele pudesse vir — gritou Will, desesperado para acabar com a imensa tristeza de Lyra, mas o barqueiro sacudiu a cabeça.

— Ele pode entrar no barco mas, se entrar, o barco não pode sair— disse ele.

— Mas como ela vai poder encontrar ele depois?

— Eu não sei.

— Quando viermos embora, vamos voltar por aqui?

— Voltar?

— Nós vamos voltar. Vamos até a terra dos mortos e vamos voltar.

— Não por aqui.

— Então, de alguma outra maneira, mas vamos voltar.

— Eu já levei milhões e nenhum voltou.

— Então, seremos os primeiros. Encontraremos uma maneira de sair. E, já que vamos fazer isso, seja gentil, barqueiro, tenha compaixão, deixe que ela leve seu daemon!

— Não — ele respondeu, e sacudiu a cabeça velhíssima. — Não é uma regra que se possa violar. É uma lei como esta... — apanhou um punhado de água na mão em concha e inclinou a mão para que a água escorresse de volta. — A lei que faz com que a água caia de volta no lago, é uma lei como esta. Não posso inclinar a mão e fazer com que a água flua para o alto. Da mesma forma, não posso levar o daemon dela para a terra dos mortos. Quer *ela* venha ou não, ele tem que ficar.

Lyra não podia ver nada: seu rosto estava enterrado no pelo de gato de Pantalaimon. Mas Will viu Tialys desmontar de sua libélula e se preparar para saltar sobre o barqueiro e em parte concordou com a intenção do espião; mas o ancião tinha visto Tialys e virou a cabeça antiquíssima para dizer:

— Há quantos séculos vocês acham que estou transportando pessoas para a terra dos mortos? Vocês pensam que se alguma coisa pudesse me ferir já não teria acontecido? Pensam que as pessoas que levo vêm comigo de boa vontade? Elas se debatem e gritam, tentam me subornar, elas me ameaçam e lutam; nada funciona. Você não pode me ferir, pode ferroar à vontade. É melhor consolar a criança; ela virá; não percam tempo comigo.

Will tinha dificuldade em olhar. Lyra estava fazendo a coisa mais cruel que já fizera, odiando a si mesma, odiando o que fazia, sofrendo por Pan, e com Pan, e por causa de Pan; tentando botá-lo no chão, no solo frio da trilha, soltando suas unhas de gato de suas roupas, chorando e chorando. Will tapou as orelhas: era um som triste demais para que pudesse suportar ouvir. Várias vezes ela afastou seu daemon, o empurrou para longe, e a cada vez ele chorava e tentava se agarrar a ela.

Ela *podia* voltar atrás.

Ela podia dizer não, essa é uma péssima ideia, não devemos fazer isso.

Ela podia ser leal ao laço profundo e sincero, de coração e de vida, que a unia a

Pantalaimon, ela podia pôr isso em primeiro lugar, podia tirar todo o resto de sua mente...

Mas não podia.

— Pan, ninguém fez isso antes — sussurrou com a voz trêmula —, mas Will disse que vamos voltar e eu *juro*, Pan, eu amo você, eu *juro* que vamos voltar... eu vou voltar... você vai ficar bem... nós vamos voltar... e se eu tiver que passar todos os dias de minha vida procurando para tornar a encontrar você, eu passo, não vou parar de procurar até encontrar, não vou descansar, não vou... Ah, Pan, Pan querido, eu tenho que, eu tenho que...

E ela o empurrou para longe dela, e dessa vez ele se agachou, infeliz, com frio e assustado, no solo lamacento.

Que animal ele era agora, Will não sabia mais dizer. Parecia tão pequeno, um filhote, um bebê, alguma coisa indefesa e derrotada, um ser tão mergulhado na infelicidade que era mais infelicidade do que ser. Os olhos dele não deixavam o rosto de Lyra, e Will pôde observar enquanto ela se obrigava a não desviar o olhar, a não fugir da culpa, e admirou sua honestidade e sua coragem, ao mesmo tempo que se sentia dilacerado pelo choque da separação deles. Havia tantas correntes vívidas de sentimento entre eles que a própria atmosfera lhe parecia carregada de eletricidade.

E Pantalaimon não disse "Por quê?", porque ele sabia; e não perguntou a Lyra se amava Roger mais do que ele, porque conhecia a verdadeira resposta para isso também. E sabia que, se falasse, ela não conseguiria resistir; então, o daemon se manteve em silêncio para não afligir o ser humano que o estava abandonando, e agora, estavam ambos fingindo que isso não lhes traria sofrimento, que não demoraria muito para que estivessem juntos novamente, que era melhor que fosse assim. Mas Will sabia que a garotinha estava praticamente arrancando o coração do peito.

Ela desceu do píer e entrou no barco. Era tão leve que o barco quase nem balançou. Lyra se sentou ao lado de Will e seus olhos continuaram cravados em Pantalaimon, que continuava parado, tremendo, na ponta do píer ligada à terra; mas, quando o barqueiro soltou a argola de ferro e baixou os remos para afastar o barco, o cachorrinho daemon veio correndo aflito, desamparado, até a outra ponta sobre a água, as unhas das patinhas macias batendo muito suavemente nas tábuas de madeira envelhecida, e parou, e ficou olhando, só olhando enquanto o barco se afastava e desaparecia na neblina.

Lyra deu um grito tão dolorido e cheio de paixão que, mesmo naquele mundo amortecido e carregado de neblina, levantou um eco, mas é claro que não era um eco, era a outra parte dela gritando em resposta da terra dos vivos, enquanto Lyra se afastava rumo à terra dos mortos.

— Meu *coração*, Will... — ela gemeu, e se agarrou nele, o rosto molhado, contorcido de dor.

E assim, a profecia que o reitor da Jordan fizera para o bibliotecário, de que ela cometeria uma grande traição e que aquilo seria uma experiência terrível, se cumpriu.

Logo Will também descobriu uma agonia enorme crescendo em seu íntimo e, em meio àquela dor, viu que os dois galivespianos estavam juntos, abraçados um ao outro, exatamente como ele e Lyra, todos sofrendo com a mesma angústia.

Parte da sensação era física. Parecia que uma mão de ferro havia agarrado seu coração e que o estava puxando para fora, pelo meio das costelas. Ele apertou as mãos contra aquele ponto e tentou em vão manter o que estava lá dentro. Era uma dor muito mais profunda e muito pior do que a dor de perder os dedos. Mas também era mental: alguma coisa secreta e pessoal estava sendo arrastada para fora, sendo exposta, em um lugar onde não queria de forma alguma estar, e Will quase foi derrubado por uma mistura de dor, vergonha, medo e remorso, porque ele mesmo tinha causado aquilo.

E era ainda pior que tudo isso. Era como se ele tivesse dito: "Não, não me mate, estou com medo; mate minha mãe em vez de me matar; ela não importa, eu não a amo", e ela o tivesse ouvido dizer isso, e fingido que não tinha ouvido para poupá-lo, para impedir que sofresse, tivesse se oferecido para ir em seu lugar porque o amava. Ele se sentia mal a esse ponto. Não havia nenhum sentimento pior do que esse.

Foi assim que Will ficou sabendo que todas aquelas coisas faziam parte de se ter um daemon e, qualquer que fosse seu daemon, ele também havia sido deixado para trás, com Pantalaimon, naquela costa tóxica e desolada. O pensamento ocorreu a Will e Lyra no mesmo instante e eles trocaram um olhar cheio de lágrimas. E pela segunda vez em suas vidas, mas não pela última, cada um deles viu na face do outro a sua própria expressão.

Apenas o barqueiro e as libélulas pareciam indiferentes à viagem que estavam fazendo. Os grandes insetos estavam plenamente vivos e intensamente coloridos com brilho e beleza, mesmo na neblina pesada, sacudindo as asas transparentes para

se livrar da umidade; e o ancião em sua túnica de pano de saco se inclinava para a frente e para trás, apoiando os pés nus no fundo do barco coberto de poças de limo.

A viagem durou mais tempo do que Lyra queria calcular. Embora parte dela estivesse em carne viva de tanta angústia, imaginando Pantalaimon abandonado na margem do lago, uma outra parte estava se adaptando à dor, medindo sua própria força, curiosa para ver o que aconteceria e onde iriam desembarcar.

O braço de Will a envolvia com força, mas ele também estava olhando para o que estava adiante, se esforçando para tentar enxergar alguma coisa em meio à escuridão cinzenta e úmida e ouvir qualquer outra coisa além do espadanar dos remos. E, logo depois, algo de fato mudou: um penhasco ou uma ilha se erguia adiante. Eles ouviram o som sendo abafado antes de verem a neblina escurecer.

O barqueiro levantou um dos remos para virar o barco um pouco para a esquerda.

— Onde estamos? — perguntou a voz do cavaleiro Tialys, pequena, mas forte como sempre, embora nela houvesse uma ponta de dolorosa estridência, como se ele também estivesse sofrendo e sentindo dor.

— Perto da ilha — respondeu o barqueiro. — Mais cinco minutos e estaremos desembarcando.

— Que ilha? — perguntou Will. Viu que sua voz também soava cansada, tão tensa que mal a reconhecia.

— O portão para a terra dos mortos fica nesta ilha — explicou o barqueiro. — Todo mundo vem para cá, reis, rainhas, assassinos, poetas, crianças; todo mundo passa por aqui e ninguém volta.

— *Nós* vamos voltar — sussurrou Lyra em tom feroz.

O homem não disse nada, mas seus olhos velhíssimos estavam cheios de pena.

À medida que foram se aproximando, viram galhos de ciprestes e de teixos que se projetavam baixos sobre a água, verde-escuros, densos e tristes. A terra se elevava em uma encosta íngreme e as árvores cresciam tão juntas umas das outras que nem um furão conseguiria passar entre elas, e, diante deste pensamento, Lyra deixou escapar um pequeno soluço, pois Pan teria mostrado a ela um jeito; mas agora não podia, talvez nunca mais pudesse outra vez.

— Estamos mortos? — perguntou Will para o barqueiro.

— Não faz diferença — respondeu ele. — Alguns vieram para cá sem jamais acreditar que estavam mortos. Insistiram durante todo o caminho que estavam vivos, que era um erro, que alguém pagaria por isso; não fez diferença. Outros

queriam muito estar mortos quando estavam vivos, pobres almas; vidas cheias de dor ou grande infortúnio; se mataram em busca de uma chance de terem um abençoado descanso e descobriram que nada havia mudado, a não ser para pior, e que dessa vez não havia saída; você não pode se fazer voltar à vida. E houve outros tão fracos e doentes, bebês pequenos, às vezes, que mal tinham nascido entre os vivos antes de descerem aos mortos. Já remei este barco com bebês pequenos, chorando em meu colo, muitas, muitas vezes, bebês que jamais souberam a diferença entre estar lá em cima e aqui embaixo. E os velhos também, os ricos são os piores, rosnando, xingando e me amaldiçoando, me insultando e berrando: o que eu pensava que era? Eles não tinham ganhado e juntado todo o ouro que podiam recolher? Eu não aceitaria um pouco agora, para levá-los de volta para a costa? Iriam mandar a polícia atrás de mim, tinham amigos poderosos, conheciam o papa e o rei disso e o duque daquilo, tinham posição para garantir que eu seria punido, castigado... Mas eles souberam a verdade no fim: a única posição em que estavam era no meu barco, indo para a terra dos mortos, e quanto aos reis e papas, também acabariam por aqui, quando chegasse a vez deles, mais cedo do que desejavam. Eu os deixo gritar e delirar à vontade; não podem me fazer mal; no fim eles se calam.

"Sendo assim, se não sabem se estão mortos ou não, e a garotinha jura de pés juntos que vai tornar a sair para o mundo dos vivos, não vou dizer nada que os contradiga. O que vocês são, logo saberão."

O tempo todo ele estivera remando em ritmo regular ao longo da costa, e naquele momento recolheu os remos, ajeitando-os dentro do barco e estendendo a mão para a direita para segurar o primeiro pilar de madeira que se erguia da água ao lado.

Ele puxou o barco paralelamente a um cais estreito e o manteve parado para que saltassem. Lyra não queria desembarcar: enquanto estivesse perto do barco, então Pantalaimon conseguiria pensar nela com clareza, porque era como ele a vira pela última vez; mas, quando se afastasse do barco, ele não saberia mais como visualizá-la. Ela hesitou, mas as libélulas levantaram voo e Will desembarcou, pálido e apertando o peito; e, assim, ela teve que ir também.

— Obrigada — disse para o barqueiro. — Quando você voltar, se vir meu daemon, diga a ele que o amo mais que tudo na terra dos vivos ou dos mortos e que juro que vou voltar para ele, mesmo que ninguém tenha feito isso antes, juro que vou.

— Sim, eu direi a ele — respondeu o barqueiro.

Ele foi embora; o barco se afastou e o som de suas remadas lentas foi

gradualmente sumindo na neblina.

Os galivespianos voltaram voando, tendo se afastado apenas um pouco, e se empoleiraram nos ombros das crianças como antes, ela no de Lyra, ele no de Will. E assim ficaram, os viajantes, na margem da terra dos mortos. Diante deles não havia nada, exceto neblina, embora pudessem ver por sua sombra escura que um grande paredão se erguia mais à frente.

Lyra tremeu de frio. Tinha a impressão de que sua pele havia se transformado em renda e que a umidade e o ar gelado podiam passar através dela, entrando e saindo por suas costelas, queimando com o ardor do frio intenso na ferida aberta onde estivera Pantalaimon. Apesar disso, pensou ela, Roger devia ter se sentido assim quando mergulhara pela encosta da montanha abaixo, tentando se agarrar a seus dedos desesperados.

Eles permaneceram em silêncio e ouviram. O único som era um gotejar incessante de água das folhas, e quando levantaram a cabeça para olhar para cima, sentiram uma ou duas gotas baterem geladas em suas faces.

— Não podemos ficar aqui — disse Lyra.

Eles se afastaram do cais, sempre juntos, e foram seguindo para a parede cinzenta. Blocos gigantescos de pedras verdes de limo antiquíssimo se erguiam mais alto na neblina do que podiam ver. E, agora que estavam mais perto, podiam ouvir o som de gritos vindos de trás da parede, embora fosse impossível dizer se eram vozes humanas gritando: eram gritos e gemidos altos, estridentes e lamentosos, que pairavam no ar como filamentos flutuantes de águas-vivas, provocando dor onde quer que tocassem.

— Tem uma porta — disse Will, em uma voz rouca, tensa.

Era uma porta de fundos de madeira maltratada, sob uma laje de pedra. Antes que Will pudesse levantar a mão para abrir a porta, um daqueles gritos estridentes e agudos soou muito próximo, causando um choque desagradável aos ouvidos deles e os assustando horrivelmente.

Imediatamente os galivespianos levantaram voo, dardejando pelo ar, as libélulas, como pequenos cavalos de guerra, prontas para a batalha. Mas a coisa que desceu voando as varreu para o lado com um golpe brutal da sua asa e então pousou pesadamente sobre uma saliência de rochedo que se projetava logo acima da cabeça das crianças. Tialys e Salmakia se reagruparam e acalmaram suas montarias assustadas.

A coisa era um grande pássaro do tamanho de um abutre, com o rosto e seios de mulher. Will tinha visto quadros de seres como ela, e a palavra *harpia* lhe veio à mente, tão logo a viu com clareza. Seu rosto era liso e sem rugas, mas envelhecido muito além da idade das feiticeiras: aquele rosto havia visto milhares de anos se passarem, e a crueldade e infelicidade de todos eles tinham moldado a expressão odiosa de suas feições. E à medida que os viajantes puderam vê-la mais claramente, se tornou ainda mais repulsiva. As órbitas de seus olhos estavam coalhadas de um limo imundo e o vermelho de seus lábios, coberto por camadas de crostas ressecadas, como se tivesse vomitado sangue antiquíssimo, incontáveis vezes. Os cabelos negros emaranhados, imundos, desciam até os ombros; as garras pontiagudas agarravam a pedra ferozmente; as asas escuras e poderosas estavam fechadas ao longo de seu dorso, e um bafo de fedor pútrido flutuava no ar toda vez que se mexia.

Will e Lyra, ambos nauseados e cheios de dor, tentaram ficar de pé bem eretos e encará-la.

— Mas vocês estão vivos! — disse a harpia, a voz estridente zombando deles.

Will constatou que a odiava e a temia mais do que a qualquer ser humano que tivesse conhecido.

— Quem é você? — perguntou Lyra, que sentia tanta repulsa quanto Will.

Em resposta, a harpia gritou. Ela abriu a boca e lançou um jato de ruído diretamente para o rosto deles, fazendo tinir a cabeça dos dois de modo que eles quase caíram para trás. Will agarrou Lyra e os dois se abraçaram enquanto o grito se transformava em selvagens gargalhadas zombeteiras, que foram respondidas por outras vozes de harpias na neblina ao longo da costa. O som de zombaria cheio de ódio recordava Will da crueldade impiedosa de crianças em um pátio de recreio, mas aqui não havia professores para controlar as coisas, ninguém a quem pedir ajuda, nenhum lugar onde se esconder.

Ele pôs a mão sobre a faca em seu cinto e a olhou bem nos olhos, embora sua cabeça estivesse zumbindo e a força absoluta de seu grito o deixasse tonto.

— Se estiver tentando nos deter — desafiou —, então, é melhor estar pronta para lutar além de gritar. Porque vamos entrar por aquela porta.

A boca nojenta da harpia se mexeu de novo, mas dessa vez foi para franzir os lábios em um arremedo de beijo.

Então ela disse:

— Sua mãe está sozinha. Enviaremos pesadelos para ela. Gritaremos com ela enquanto estiver dormindo!

Will não se mexeu, porque pelo canto do olho podia ver lady Salmakia se movendo delicadamente ao longo de um galho onde a harpia agora estava empoleirada. Sua libélula, com as asas trêmulas, estava sendo mantida no chão por Tialys, e então duas coisas aconteceram ao mesmo tempo: a dama saltou sobre a harpia e girou para enfiar sua espora bem fundo da perna escamosa do monstro, e Tialys arremessou a libélula azul para o alto. Em menos de um segundo Salmakia tinha se afastado rodopiando e saltado do galho, diretamente para o dorso de sua montaria azul-elétrica, e se elevava no ar.

O efeito na harpia foi imediato. Um outro grito quebrou o silêncio, muito mais alto do que antes, e ela bateu as asas escuras com tanta força que Will e Lyra foram empurrados cambaleantes pelo vento. Mesmo assim, ela se segurou na pedra com as garras e seu rosto estava tingido de vermelho-escuro de raiva, os cabelos tinham se levantado de sua cabeça como uma crista de serpentes.

Will puxou a mão de Lyra e os dois tentaram correr para a porta, mas a harpia se lançou sobre eles tomada de fúria e só recuou de seu mergulho quando Will se virou, enfiando Lyra atrás de si e de faca em punho.

Os galivespianos partiram imediatamente para atacar a harpia, dardejando perto de seu rosto e depois se afastando rapidamente, sem conseguir acertar um golpe. Mas, distraída desse modo, ela bateu as asas desajeitadamente e tombou parcialmente no chão.

Lyra gritou:

— Tialys! Salmakia! Parem, parem!

Os espiões puxaram as rédeas de suas libélulas e voaram raso sobre a cabeça das crianças. Outras formas escuras estavam se agrupando na neblina, e os gritos zombeteiros de mais uma centena de harpias soavam, vindos de perto na costa. A primeira estava sacudindo as asas, sacudindo o cabelo, esticando uma perna de cada vez e flexionando suas garras. Não estava ferida, Lyra havia reparado.

Os galivespianos pairaram no ar por um instante e depois mergulharam de volta na direção de Lyra, que estava com as duas mãos abertas, estendidas para que pousassem. Salmakia percebeu o que Lyra queria dizer e falou para Tialys:

— Ela tem razão. Por algum motivo, não podemos ferir o monstro.

— Senhora, qual é o seu nome? — Lyra perguntou.

A harpia sacudiu as asas bem abertas e os viajantes quase desmaiaram com os odores fétidos de imundície e podridão que saíam dela.

— Sem-Nome! — gritou.

— O que quer conosco? — perguntou Lyra.

— O que você pode me dar?

— Poderíamos contar onde estivemos e talvez ficasse interessada, não sei. Vimos coisas estranhas de todos os tipos no caminho para cá.

— Ah, e está se oferecendo para me contar uma história?

— Se quiser.

— Talvez eu queira. Mas e depois?

— Poderia nos deixar passar por aquela porta e encontrar o espírito que viemos procurar, espero que deixe, de qualquer maneira. Se puder nos fazer a gentileza.

— Então, tente — disse Sem-Nome.

E, apesar de sua náusea e sofrimento, Lyra achou que tinha acabado de receber o ás, a carta de trunfo no baralho.

— Ah, tenha cuidado — cochichou Salmakia, mas a mente de Lyra já estava correndo adiante, repassando a história que havia contado na noite anterior, modelando, cortando partes, dando retoques e acrescentando: *pais mortos; tesouro de família; naufrágio; fuga*...

— Bem — disse, se acomodando em seu estado de espírito de contar histórias —, na verdade, começou quando eu era um bebê. Meu pai e minha mãe eram o duque e a duquesa de Abingdon, compreende, e eram riquíssimos. Meu pai era um dos conselheiros do rei, e o rei, pessoalmente, costumava vir se hospedar conosco, ah, o tempo todo. Costumavam caçar na floresta. A casa, onde eu nasci, era a maior casa de todo o sul da Inglaterra. Se chamava...

Sem dar sequer um grito de advertência, a harpia se lançou sobre Lyra, com as garras estendidas. Lyra teve tempo apenas de se abaixar, mas mesmo assim uma das garras se enfiou em seu couro cabeludo e arrancou uma mecha de cabelos.

— É mentira! Mentira! — gritava a harpia. — Mentira!

Ela voou em um círculo se posicionando de novo, pronta para se lançar diretamente sobre o rosto de Lyra; mas Will puxou a faca e se atirou no caminho. Sem-Nome deu uma guinada saindo de seu alcance bem a tempo, e Will rapidamente arrastou Lyra para a porta, porque ela estava paralisada pelo choque e meio cega por causa do sangue que escorria em seu rosto. Will não tinha ideia de

onde estavam os galivespianos, mas a harpia estava voando para atacá-los de novo e berrando, gritando com muita raiva e ódio:

— *Mentira! Mentira! Mentira!*

E parecia que sua voz estava vindo de todos os lados, e que a palavra ecoava batendo no paredão e voltando, em meio à neblina, abafada e modificada, de modo que ela parecia estar gritando o nome de Lyra, de tal maneira que *Lyra* e *Mentira* eram a mesma coisa.

Will estava com a menina apertada contra o peito, com o ombro curvado para protegê-la, e a sentia tremer e soluçar contra seu corpo; mas então enfiou a faca na madeira podre da porta e cortou fora a tranca, dando um golpe rápido com a lâmina.

Então, ele e Lyra, com os espiões montados em suas libélulas dardejantes ao lado deles, entraram tropeçando no reino dos espíritos enquanto o grito da harpia era duplicado e reduplicado por outros na costa coberta pela neblina atrás deles.

22. OS SUSSURRANTES

Bastos como as folhas de outono espalhadas nos riachos
De Vallombrosa, onde espectros da etrúria
Em densa arcada envolvem.
JOHN MILTON

A primeira coisa que Will fez foi botar Lyra sentada e, em seguida, pegou o potinho de unguento de musgo-sanguíneo e examinou a ferida em sua cabeça. Estava sangrando muito, como é habitual em feridas no couro cabeludo, mas o corte não era profundo. Ele rasgou uma tira da parte de baixo da camisa e limpou a ferida, depois passou um pouco do unguento no corte, tentando não pensar no estado de imundície da garra que o fizera.

Os olhos de Lyra estavam vidrados e ela estava branca como giz.

— Lyra! Lyra! — chamou e a sacudiu de leve. — Agora, vamos, temos que ir embora.

Ela estremeceu dos pés à cabeça, respirou fundo, ainda trêmula, e seus olhos se concentraram nele, cheios de um intenso desespero.

— Will... eu não sei mais fazer direito, não consigo mais! Não sei mais contar mentiras! Achava que era tão fácil, mas não funcionou, é a única coisa que sei fazer e não funciona!

— *Não* é a única coisa que sabe fazer. Você sabe ler o aletiômetro, não sabe? Vamos lá, vamos ver onde estamos. Vamos procurar Roger.

Ele a ajudou a se levantar e pela primeira vez olharam ao redor para a terra onde ficavam os espíritos.

Eles estavam em uma grande planície que se estendia para muito longe na neblina. A luz que lhes permitia enxergar era uma luminescência baça, que parecia existir por toda parte com igual intensidade, de modo que não havia realmente sombras nem luz de verdade, e tudo era de uma mesma cor encardida.

De pé no chão daquele espaço imenso estavam adultos e crianças — fantasmas de pessoas —, tantos que Lyra não seria capaz nem de calcular seu número. Pelo menos

a maioria estava de pé, embora alguns estivessem sentados e outros deitados sem energia, ou adormecidos. Nenhum deles estava se mexendo, nem correndo, nem brincando, embora muitos deles se virassem para olhar para aqueles recém-chegados com uma curiosidade temerosa nos olhos arregalados.

— Fantasmas — sussurrou ela. — É aqui que estão todos eles, os espíritos de todo mundo que morreu...

Sem dúvida era porque ela não tinha mais Pantalaimon junto de si, mas o fato é que se manteve agarrada, colada ao braço de Will, e ele ficou satisfeito com isso. Os galivespianos tinham saído voando adiante, e Will conseguia ver suas formas pequenas e coloridas dardejando e fazendo voos rasantes sobre as cabeças dos fantasmas, que olhavam para cima e os seguiam maravilhados; mas o silêncio era imenso e opressivo, a luz cinza o enchia de medo e a presença calorosa de Lyra a seu lado era a única coisa que lhe passava a sensação de vida.

Atrás deles, do lado de fora do paredão, os gritos das harpias ainda ecoavam ao longo da costa. Alguns, dentre aquele povo-fantasma, estavam olhando para o alto apreensivamente, mas um número maior deles olhava fixamente para Will e Lyra, e então começaram a se aproximar todos ao mesmo tempo. Lyra se encolheu e recuou; ainda não tinha forças, por enquanto, para encará-los como gostaria de fazer, e foi Will quem falou primeiro.

— Vocês falam nossa língua? — perguntou. — Podem falar?

Mesmo tremendo de frio, assustados e cheios de dor como estavam, ele e Lyra tinham mais autoridade do que toda aquela massa de mortos juntos. Aqueles pobres fantasmas tinham muito pouca força e, ao ouvir a voz de Will, a primeira voz clara que havia soado ali em toda a memória dos mortos, muitos deles se adiantaram, prontos para responder como em um antigo reflexo.

Mas só conseguiam sussurrar. Um som pálido, não mais que um sopro suave, era tudo o que conseguiam emitir. E, enquanto avançavam desesperados, empurrando uns aos outros, os galivespianos voaram baixo e começaram a dardejar, ziguezagueando na frente deles para impedir que chegassem perto demais. As crianças fantasmas olharam para cima com uma expressão de anseio apaixonado, e Lyra imediatamente soube por quê: achavam que as libélulas eram daemons; estavam desejando de todo coração que pudessem novamente ter seus próprios daemons.

— Ah, mas eles *não* são daemons — Lyra não pôde se conter, cheia de compaixão

—, e se meu daemon estivesse aqui, vocês poderiam todos fazer carinho nele, juro...

E estendeu as mãos para as crianças. Os fantasmas adultos se mantiveram mais atrás, indiferentes ou temerosos, mas as crianças todas se aproximaram em massa. Tinham a mesma substância que uma névoa espessa, pobrezinhas, e as mãos de Lyra as atravessavam completamente, assim como as de Will. Elas continuaram vindo, se aglomerando, leves e sem vida, para se aquecer no sangue que ainda fluía e nos corações que batiam forte dos dois viajantes, e tanto Will quanto Lyra sentiram uma sucessão de delicados e ligeiros toques frios, à medida que os fantasmas passavam atravessando seus corpos, se aquecendo no caminho. As duas crianças vivas sentiram que, pouco a pouco, estavam começando a morrer também, não tinham uma reserva infinita de vida e de calor para dar e já estavam com tanto frio, mas as multidões continuavam fazendo pressão e avançando, parecia que nunca iriam parar.

Finalmente Lyra teve que implorar a eles que parassem. Ela levantou as mãos e disse:

— Por favor, gostaríamos de poder tocar todos vocês, mas viemos aqui para procurar uma pessoa e preciso que me digam onde ela está. Ah, Will — disse ela encostando a cabeça na dele —, gostaria de saber o que fazer!

Os fantasmas estavam fascinados com o sangue na testa de Lyra. Brilhava vividamente como uma cereja madura na meia-luz, e vários deles tinham passado através dele, ansiando pelo contato com algo tão vibrantemente vivo. Uma menina fantasma, que quando estava viva devia ter tido nove ou dez anos, levantou a mão timidamente para tentar tocar nele, depois recuou; mas Lyra disse:

— Não tenha medo, a gente não veio aqui para machucar vocês, falem com a gente, se puderem!

A menina fantasma falou, mas sua voz frágil, pálida, foi apenas um sussurro.

— Foram as harpias que fizeram isso? Elas atacaram e machucaram você?

— Machucaram — respondeu Lyra —, mas se é só isso que podem fazer, não estou nem um pouco preocupada.

— Ah, mas não é... elas fazem coisa pior...

— O quê? O que elas fazem?

Mas pareciam relutantes em contar a ela. Sacudiram a cabeça e ficaram calados, até que um menino disse:

— Não é tão ruim pra eles que já estão aqui há centenas de anos, porque você fica

cansado depois desse tempo todo, elas não conseguem mais te meter tanto medo.

— É com os novos que elas gostam mais de falar — disse a primeira menina. — É tão... Ah, é tão horrível. Elas... eu não posso contar a você.

As vozes deles não eram mais altas que o som de folhas secas caindo. E eram apenas as crianças que falavam; os adultos pareciam todos mergulhados em uma apatia tão antiga que poderiam nunca mais se mexer ou falar.

— Escutem — pediu Lyra —, por favor, escutem. Nós viemos aqui, eu e meus amigos, porque temos que encontrar um menino chamado Roger. Ele não está aqui há muito tempo, só há algumas semanas, por isso não deve ter conhecido muita gente, mas se souberem onde ele está...

Mas, ao mesmo tempo em que falava, ela sabia que poderiam ficar ali até se tornarem velhos, procurando por toda parte e olhando cada rosto e, ainda assim, poderiam nunca ver mais que uma minúscula fração dos mortos. Lyra sentiu o desespero montar sobre seus ombros, tão pesado como se a harpia estivesse empoleirada ali.

Contudo, ela cerrou os dentes e tentou manter o queixo erguido. Nós chegamos aqui, pensou; de qualquer maneira, parte da tarefa já está feita.

A primeira menina fantasma estava dizendo alguma coisa naquele pequeno sussurro perdido.

— Quer saber por que queremos encontrar o menino? — perguntou Will. — Bem, Lyra quer falar com ele. Mas também tem uma pessoa que eu quero encontrar. Eu quero encontrar meu pai, John Parry. Ele também está aqui, em algum lugar, e quero falar com ele antes de voltar para o mundo. Assim, por favor, se puder, peça a Roger e peça a John Parry para virem falar com Lyra e com Will. Peça a eles...

Mas, de repente, todos os fantasmas lhes deram as costas e saíram correndo, inclusive os adultos, como folhas secas espalhadas por uma súbita rajada de vento. Em um instante o espaço em volta das crianças ficou vazio, e então eles ouviram por quê: gritos, berros, guinchos altos e agudos vinham do ar, e logo as harpias estavam em cima deles, com rajadas de fedor pútrido, asas batendo e aqueles berros roucos, escarnecendo, zombando, gargalhando, chacoteando.

Lyra se encolheu no chão imediatamente, cobrindo as orelhas, e Will, de faca em punho, se abaixou sobre ela. Podia ver Tialys e Salmakia voando rapidamente na direção deles, mas ainda estavam a alguma distância, e ele teve apenas um instante para observar as harpias enquanto giravam em círculos e mergulhavam. Viu suas

faces humanas abocanharem o ar, como se estivessem comendo insetos, e ouviu as palavras que estavam gritando — palavras de escárnio, palavras imundas, tudo sobre sua mãe, palavras que faziam tremer seu coração; mas parte de sua mente estava absolutamente fria e separada, pensando, calculando, observando. Nenhuma delas queria sequer chegar perto da faca.

Para ver o que aconteceria, ele se levantou. Uma delas — podia ter sido a própria Sem-Nome — teve que se desviar pesadamente para sair do caminho, porque ela estivera mergulhando baixo, pretendendo fazer um voo rasante logo acima de sua cabeça. As asas pesadas bateram desastradamente e foi por um triz que ela conseguiu mudar de direção. Will poderia ter estendido o braço e cortado fora sua cabeça com a faca.

A essa altura, os galivespianos tinham chegado e os dois estavam prontos para atacar, mas Will chamou:

— Tialys! Venha cá! Salmakia, venha me ajudar! — Os dois pousaram em seus ombros e ele disse:

— Observem. Vejam o que elas fazem. Elas só chegam perto e gritam. Acho que ela acertou Lyra por um erro de cálculo. Não acho que queiram realmente nos tocar. Podemos ignorá-las.

Lyra olhou para cima, os olhos arregalados. Os monstros voavam fazendo círculos sobre a cabeça de Will, às vezes, a apenas cerca de trinta centímetros de distância, mas sempre davam uma guinada se desviando para o lado ou para o alto no último momento. Ele podia sentir que os espiões estavam loucos para entrar em combate e as asas das libélulas tremendo de desejo de sair dardejando velozmente pelo ar com seus cavaleiros letais, mas eles se contiveram: viram que Will estava certo.

E aquilo teve um efeito sobre os fantasmas também: vendo Will de pé sem medo e inteiro, eles começaram a se movimentar de volta, na direção dos viajantes. Observavam as harpias cautelosamente, mas, apesar disso, a atração de carne e sangue frescos, daquelas batidas fortes de coração, era demais para resistirem.

Lyra se levantou para se juntar a Will. A ferida tinha aberto de novo e sangue fresco escorria descendo por sua face, mas ela o limpou com as costas da mão.

— Will — disse —, estou tão feliz por termos vindo aqui juntos... — Ele ouviu uma inflexão na voz dela e viu uma expressão em seu rosto que conhecia e de que gostava mais do que qualquer coisa que jamais conhecera: mostrava que ela estava pensando em fazer alguma coisa arriscada, mas que ainda não estava pronta para

falar disso.

Ele balançou a cabeça, para mostrar que tinha compreendido. A menina fantasma disse:

— Por aqui, venham conosco, vamos encontrar seu amigo!

E os dois experimentaram a mais estranha das sensações, como se pequeninas mãos fantasmas estivessem se enfiando dentro deles e puxando suas costelas para fazer com que a seguissem.

E assim, eles iniciaram a travessia da imensa planície deserta, e as harpias voaram em círculos cada vez mais alto, acima deles, gritando sem parar. Mas se mantiveram a distância, e os galivespianos voaram logo acima deles, vigilantes.

Enquanto iam caminhando, os fantasmas conversavam com eles.

— Não me leve a mal — disse uma menina fantasma —, mas onde estão seus daemons? Desculpe a pergunta. Mas...

Presente na consciência de Lyra, em cada um dos segundos que se passavam, estava seu querido Pantalaimon abandonado. Para ela não era fácil falar, de modo que foi Will quem respondeu:

— Deixamos nossos daemons do lado de fora — explicou —, onde é mais seguro para eles. Depois os reencontraremos. Você tinha um daemon?

— Tinha — disse a menina fantasma —, o nome dele era Sandling... Ah, eu o amava...

— E ele já tinha uma forma definitiva? — perguntou Lyra.

— Não, ainda não. Ele achava que ia ser um pássaro e eu esperava que não, porque gostava dele bem peludo, à noite, em minha cama. Mas cada vez mais ele era um pássaro. Como se chama o seu daemon?

Lyra disse a ela, e as crianças fantasmas se aproximaram em bloco, novamente animadas. Todas elas queriam falar sobre seus daemons, cada um deles.

— O meu se chamava Matapan...

— Costumávamos brincar de esconde-esconde, ela mudava de forma como um camaleão e eu não conseguia achar, era tão rápida...

— Uma vez machuquei meu olho e não conseguia ver e ele me guiou o caminho inteiro, até chegar em casa...

— Ele não queria se fixar em uma forma só, mas eu queria crescer e costumávamos discutir...

— Ela gostava de se enroscar em minha mão e dormir...

— Eles ainda estão lá, em algum outro lugar? Nós os veremos de novo?

— Não. Quando você morre, seu daemon simplesmente se apaga como a chama de uma vela. Eu vi isso acontecer. Mas não vi o meu Castor, nem pude me despedir...

— Eles não estão em *lugar nenhum*! Têm que estar em *algum lugar*! Meu daemon ainda está lá em algum lugar, sei que ele está!

Os fantasmas se acotovelando estavam animados e impacientes, os olhos brilhantes e as faces calorosas, como se estivessem tomando vida emprestada dos viajantes.

— Alguém aqui vem do meu mundo, onde não temos daemons? — perguntou Will.

Um menino fantasma magro, mais ou menos de sua idade, assentiu e Will se virou para ele.

— Pois é — veio a resposta. — Não compreendíamos o que eram daemons, mas sabíamos como era estar sem eles. Tem gente aqui de todos os tipos de mundos.

— Eu conheci o vulto de minha morte — disse uma garota —; eu o conheci durante todo o tempo em que estive crescendo. Quando os ouvia falar sobre daemons, pensava que queriam dizer alguma coisa parecida com nossa morte. *Minha tarefa está terminada, não precisa mais se preocupar com isso* foi a última coisa que ele me disse e, então, foi embora para sempre. Quando estava comigo, eu sabia que sempre havia alguém em quem podia confiar, alguém que sabia para onde a gente estava indo e o que fazer. Mas agora não tenho mais ele. Não sei mais o que vai acontecer.

— Não tem *nada* que vai acontecer! — disse uma outra pessoa. — Nada, para sempre!

— *Você* não sabe — rebateu uma outra. — *Eles* vieram, não foi? Ninguém nunca soube que *isso* iria acontecer.

Ela estava se referindo a Will e Lyra.

— Esta é a primeira coisa que já aconteceu aqui — disse um menino fantasma. — Talvez agora tudo vá mudar.

— O que vocês fariam, se pudessem? — perguntou Lyra.

— Subir de novo para o mundo!

— Mesmo se isso significasse que só iriam poder ver o mundo uma única vez, mesmo assim iriam querer fazer isso?

— Sim! Sim! Sim!

— Bem, de qualquer maneira, tenho que encontrar Roger — disse Lyra, entusiasmadíssima com sua nova ideia; mas primeiro precisava contar para Will o que estava pensando.

No solo da planície infindável, houve um vasto movimento lento entre os incontáveis fantasmas. As crianças não podiam ver, mas Tialys e Salmakia, voando acima, observaram as pequenas figuras pálidas todas se movendo com um efeito que se parecia com a migração de imensos bandos de pássaros ou rebanhos de renas. No centro do movimento estavam as duas crianças que não eram fantasmas, seguindo adiante em ritmo constante; sem liderar e sem seguir, mas de alguma forma concentrando o movimento em uma espécie de intenção de todos os mortos.

Os espiões, seus pensamentos voando ainda mais ligeiros que suas impetuosas montarias dardejantes, trocaram um olhar e conduziram as libélulas a pousar lado a lado em um galho seco e murcho.

— E *nós* temos daemons, Tialys? — perguntou a dama.

— Desde que embarcamos naquele barco, me senti como se meu coração tivesse sido arrancado e arremessado, ainda batendo, para a margem do lago — disse ele. — Mas não foi; ainda está pulsando aqui em meu peito. Mas alguma coisa minha ficou lá com o daemon da garotinha e alguma coisa sua também, Salmakia, porque seu rosto e suas mãos estão pálidos e tensos. Então, sim, temos daemons, seja lá o que forem. Talvez as pessoas no mundo de Lyra sejam os únicos seres vivos que sabem que os têm. Talvez seja por isso que tenha sido um deles quem iniciou a revolta.

Ele desmontou da libélula e a amarrou bem, e então pegou o magneto ressonante. Mas mal tinha começado a tocar quando parou.

— Não há resposta — comentou em tom sombrio.

— Então estamos fora do alcance de tudo?

— Fora do alcance de qualquer ajuda, com certeza. Bem, sabíamos que estávamos vindo para a terra dos mortos.

— O menino iria com ela até o fim do mundo.

— Você acha que a faca de Will vai abrir o caminho de volta?

— Tenho certeza que ele acredita que sim. Mas, ah, Tialys, eu não sei.

— Ele é muito jovem. Bem, eles dois são crianças. Você sabe, se ela não sobreviver a isto, a questão sobre se ela escolherá a coisa certa quando estiver diante da tentação deixará de existir. Não terá mais importância.

— Você acha que ela já fez a escolha? Quando escolheu deixar seu daemon na margem do lago... Será que aquela foi a escolha derradeira que ela tinha que fazer?

O cavaleiro olhou para baixo, para os milhões que se moviam lentamente no solo da terra dos mortos, todos se deslocando atrás da centelha viva e brilhante de Lyra da Língua Mágica. Podia apenas distinguir seu cabelo, a coisa mais clara na escuridão parcial, e, ao lado, a cabeça do menino, de cabelos pretos, forte e sólida.

— Não — respondeu Tialys —, ainda não. Isso ainda está por vir, seja lá o que for.

— Devemos cuidar para que ela chegue lá a salvo.

— Os dois. Eles agora estão estreitamente ligados, unidos.

Lady Salmakia sacudiu as rédeas leves de teia de aranha e sua libélula imediatamente levantou voo, se arremessando do galho rápida como um dardo e, ganhando velocidade, foi descendo em direção às crianças, com o cavaleiro vindo logo atrás.

Mas não pararam junto delas; depois de fazer um voo rasante para se assegurarem de que estavam bem, seguiram voando adiante, em parte porque as libélulas estavam impacientes e em parte porque queriam descobrir até onde aquele lugar desolador se estendia.

Lyra os viu passarem num lampejo rápido acima e foi tomada por uma forte sensação de alívio de que ainda houvesse alguma coisa que dardejava e brilhava com beleza. Então, não conseguindo mais guardar sua ideia em segredo, se virou para Will; mas tinha que cochichar. Chegou os lábios junto da orelha dele e, em uma borbulhante torrente de animação, ele a ouviu dizer:

— Will, quero que a gente leve *todas* essas pobres crianças fantasmas mortas para fora daqui, os adultos também, podíamos libertar todos! Vamos encontrar o Roger e seu pai e, depois, vamos abrir o caminho para o mundo lá fora e libertar todos!

Ele se virou e deu a ela um largo e verdadeiro sorriso, tão caloroso e feliz que Lyra sentiu alguma coisa tropeçar e quase cambalear em seu íntimo; pelo menos, foi essa a impressão que teve, mas, sem Pantalaimon, não podia perguntar a si mesma o que aquilo queria dizer. Podia ter sido uma nova maneira de seu coração bater. Profundamente surpreendida, disse a si mesma para tratar de andar em linha reta e parar de se sentir tonta, atordoada.

E assim eles seguiram adiante. O sussurro *Roger* estava se espalhando mais depressa do que eles conseguiam se mexer; as palavras "Roger — Lyra veio — Roger — Lyra está aqui" eram passadas de um fantasma para outro como a mensagem

elétrica que uma célula do corpo transmite para a célula ao lado.

E Tialys e Salmakia, avançando em velocidade de cruzeiro lá no alto, montados em suas incansáveis libélulas, e vasculhando com o olhar tudo o que havia ao redor enquanto voavam, finalmente perceberam um novo tipo de movimento. A alguma distância havia uma pequena rotação de atividade. Chegando mais perto em voo rasante, viram que foram ignorados, pela primeira vez, porque alguma coisa mais interessante estava dominando a atenção de todos os fantasmas. Estavam falando com ansiedade em seus sussurros quase silenciosos, estavam apontando, estavam persuadindo alguém a avançar.

Salmakia desceu voando baixo, mas não pôde pousar: a aglomeração era grande demais, e nenhuma das mãos ou ombros deles suportaria seu peso, mesmo se ousassem tentar. Ela viu um menino fantasma ainda bem criança, com um rosto honesto e infeliz, atordoado e perplexo com o que estavam lhe dizendo, e gritou para ele:

— Roger? Você é Roger?

Ele levantou a cabeça, confuso, nervoso, e confirmou.

Salmakia voou de volta para junto de seu companheiro e juntos seguiram rapidamente para onde estava Lyra. Era uma longa distância e de difícil navegação, mas, observando os padrões de movimento, finalmente a encontraram.

— Lá está ela — disse Tialys, e gritou: — Lyra! Lyra! Seu amigo está lá!

Lyra levantou a cabeça e estendeu a mão para a libélula. O grande inseto pousou imediatamente, seu colorido vermelho-e-amarelo reluzindo como esmalte, e as asas transparentes retesadas e imóveis de cada lado. Tialys se equilibrou enquanto ela o erguia, trazendo-o à altura de seus olhos.

— Onde? — perguntou, arquejando de excitação. — Está muito longe?

— Uma hora de caminhada — respondeu o cavaleiro. — Mas ele sabe que você está a caminho. Os outros contaram a ele e já confirmamos que era ele. Trate de ir andando e logo se encontrarão.

Tialys viu Will fazer um esforço para ficar de pé ereto e se obrigar a encontrar mais alguma energia. Lyra já estava carregada de energia e encheu os galivespianos de perguntas: como parecia estar Roger? Tinham falado com ele? Parecia satisfeito? As outras crianças sabiam do que estava acontecendo e estavam ajudando, ou estavam apenas atrapalhando?

E assim por diante. Tialys tentou responder a todas com sinceridade e paciência,

e, passo a passo, a menina viva se aproximou do menino que ela havia conduzido para a morte.

23. SEM SAÍDA

E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará
EVANGELHO DE SÃO JOÃO

— Will, o que você acha que as harpias vão fazer quando libertarmos os fantasmas? — perguntou Lyra.

As criaturas estavam gritando cada vez mais alto e voando mais perto, e a cada instante que se passava havia um número maior delas, como se a escuridão estivesse se reunindo em pequenos coágulos de maldade e lhes dando asas. Os fantasmas ficavam olhando para cima, cheios de medo.

— Estamos chegando perto? — Lyra gritou para lady Salmakia.

— Agora não estamos longe — respondeu ela, voando em círculos acima deles. — Você poderia vê-lo, se subisse naquela pedra.

Mas Lyra não queria perder tempo. Estava tentando de todo o coração se controlar e apresentar uma cara alegre para Roger, mas, na sua mente, a todo momento, estava aquela imagem terrível de Pan como um cachorrinho pequeno, abandonado no píer, enquanto a neblina se fechava ao seu redor, e ela sem conseguir segurar o choro. Mas tinha que conseguir, tinha que se mostrar confiante para Roger, como sempre havia sido.

Quando afinal se encontraram cara a cara, aconteceu muito de repente. Em meio à pressão da multidão de todos os fantasmas, lá estava ele, as feições familiares pálidas, mas sua expressão tão cheia de contentamento quanto um fantasma podia ter. Ele correu para abraçá-la.

Mas passou como fumaça fria através dos braços de Lyra e, embora ela sentisse a mãozinha dele agarrar seu coração, não tinha força para se segurar. Eles nunca mais voltariam a se tocar de verdade.

Mas ele podia sussurrar, e a voz dele disse:

— Lyra, eu nunca imaginei que voltaria a ver você, pensei que mesmo se você descesse até aqui, depois que tivesse morrido, estaria muito mais velha, seria adulta e não falaria comigo...

— Por que eu não haveria de falar?

— Porque eu fiz a coisa errada quando Pan conseguiu soltar meu daemon do daemon pantera de lorde Asriel! Deveríamos ter fugido, não deveríamos ter tentado lutar contra ela! Deveríamos ter corrido para junto de você! Então, ela não teria conseguido capturar meu daemon de novo, e quando o rochedo deslizou, ela estaria comigo!

— Mas isso não foi culpa *sua*, seu bobo! — retrucou Lyra. — Fui eu que levei você para lá, para começar, e deveria ter deixado você voltar com as outras crianças e os gípcios. A culpa foi minha. Eu lamento tanto, Roger, de verdade, foi *minha* culpa, se não fosse por mim você não estaria lá...

— Bem — disse ele —, não sei não. Talvez eu tivesse sido morto de alguma outra maneira. Mas não foi *culpa sua*, Lyra, entenda.

Ela se sentiu começando a acreditar nisso; mas, de qualquer maneira, era de partir o coração ver o pobre coitadinho gelado, tão perto e, ao mesmo tempo, tão fora de seu alcance. Tentou agarrar o pulso dele, mas seus dedos se fecharam no ar vazio; mas ele compreendeu e sentou ao lado dela.

Os outros fantasmas recuaram um pouco, para que ficassem sozinhos, e Will também se afastou, para sentar e cuidar de sua mão. Estava sangrando de novo e, enquanto Tialys voava ferozmente atacando os fantasmas para obrigá-los a se afastarem, Salmakia ajudou Will a cuidar do ferimento.

Mas Lyra e Roger não tomaram conhecimento de nada disso.

— E você não está morta — declarou ele. — Como conseguiu vir até aqui se ainda está viva? E onde está Pan?

— Ah, Roger... eu tive que deixar o Pan na outra margem... foi a pior coisa que já tive que fazer na vida, doeu tanto, você sabe como dói, e ele ficou lá parado, só olhando. Ah, eu me senti como uma assassina, Roger, mas eu *tive* que fazer aquilo, senão não poderia ter vindo!

— Eu estive fazendo de conta que estava conversando com você o tempo todo desde que morri — disse ele. — Desejei tanto que pudesse falar com você e quis tanto... Apenas desejando que pudesse sair daqui de alguma forma, eu e todos os outros mortos, porque este é um lugar terrível, Lyra, é sem esperança, nada muda depois que você morre, e aquelas coisas voadoras... Você sabe o que elas fazem? Elas esperam até que você esteja descansando... nunca se pode dormir direito aqui, você só meio que dá uma cochilada... e então, elas chegam bem perto de você, sem fazer

barulho, e cochicham todas as coisas ruins que você fez quando estava vivo, para que não possa se esquecer delas. Elas sabem de todas as piores coisas a seu respeito. Sabem como fazer com que você se sinta horrível, só de pensar em todas as coisas estúpidas e más que fez algum dia. E todos os pensamentos invejosos e cruéis que você teve, elas conhecem todos, e fazem com que sinta muita vergonha e deixam você com nojo de si mesmo... Mas não se pode escapar delas.

— Bem — interrompeu ela —, escute.

Baixando a voz e curvando o corpo para chegar mais perto do pequeno fantasma, exatamente como costumavam fazer quando estavam planejando suas travessuras na Jordan, ela prosseguiu:

— Você provavelmente não sabe, mas as feiticeiras, você se lembra de Serafina Pekkala, as feiticeiras têm uma profecia a respeito de mim. Elas não sabem que eu sei... ninguém sabe. Nunca falei a respeito disso com ninguém antes. Mas quando estava em Trollesund e Farder Coram, o gípcio, me levou para ver o cônsul das feiticeiras, o dr. Lanselius, ele me fez passar por uma espécie de teste. Disse que eu tinha que sair até o quintal da casa e escolher, dentre vários galhos de pinheiro-nubígeno, o que tivesse sido usado por Serafina Pekkala, para mostrar que eu realmente sabia ler o aletiômetro.

"Bem, eu fiz isso e depois voltei depressa, porque estava frio e só levou um segundo, foi fácil. Quando eu cheguei, o cônsul estava conversando com Farder Coram e eles não sabiam que eu estava ouvindo a conversa. Ele disse que as feiticeiras tinham uma profecia a respeito de mim, que eu iria fazer alguma coisa incrível e importante, e que isso iria acontecer em um outro mundo...

"Só que nunca falei disso e até me esqueci disso por um tempo, pois havia tantas outras coisas acontecendo. Isso meio que saiu de minha cabeça. Nunca conversei a respeito disso, nem com Pan, porque acho que ele teria rido na minha cara.

"Mas depois, quando a sra. Coulter me capturou e me manteve em um estado de transe, fiquei sonhando e sonhando com isso, e sonhei com você. E me lembrei que Mãe Costa, da família dos príncipes dos gípcios, do povo das águas, você se lembra, foi no barco deles que entramos a bordo, em Jericó, com Simon e Hugh, e eles..."

— Claro! E quase navegamos com ele até Abingdon! Aquilo foi a melhor de todas as coisas que fizemos, Lyra! Nunca vou me esquecer daquilo, mesmo se estiver morto aqui embaixo por mil anos...

— Certo, mas escute, quando fugi da sra. Coulter da primeira vez, sabe, eu

encontrei os gípcios de novo e eles cuidaram de mim e... Ah, Roger, mas tem *tanta* coisa que eu descobri, você ficaria bobo de espanto... mas esta é a coisa importante: foi Mãe Costa que me contou, ela disse que tenho óleo de feiticeira na alma, ela disse que sou uma pessoa do fogo.

"E o que acho que isto significa é que ela estava, assim, meio que me preparando para a profecia das feiticeiras. Eu *sei* que tenho alguma coisa importante a fazer, e o dr. Lanselius, o cônsul, disse que era questão de vida ou morte que eu nunca descobrisse qual é o meu destino antes que acontecesse, entende, que nunca deveria fazer *perguntas* a respeito dele... E eu nunca fiz. Nunca nem pensei no que poderia ser. Nunca perguntei, nem mesmo ao aletiômetro.

"Mas *agora*, eu acho que sei. E encontrar você de novo é apenas uma espécie de prova. O que tenho que fazer, Roger, o destino que tenho que cumprir é que tenho que ajudar todos os fantasmas a saírem da terra dos mortos para sempre. Eu e Will, nós temos que salvar todos vocês. Tenho certeza de que é isso. Deve ser. E por causa de lorde Asriel, por causa de uma coisa que meu pai disse... *A morte vai morrer*, ele disse. Mas não sei o que vai acontecer. Você não deve contar a eles ainda, prometa. Tenho medo que possa não *aguentar* até lá. Mas..."

Ele estava desesperado para falar, então ela parou.

— Isso é *exatamente* o que eu queria contar a você! — exclamou. — Eu disse a eles, a todos os outros mortos, eu *disse* a eles que você viria! Exatamente como veio e salvou as crianças de Bolvangar! Eu falei: se alguém puder, esse alguém é Lyra. Eles desejaram que fosse verdade, queriam acreditar em mim, mas, na verdade, nunca acreditaram, dava para perceber.

"Para começar, todas as crianças que chegam aqui, todas sem exceção, começam dizendo: aposto que meu pai vai vir me buscar, ou aposto que minha mãe, assim que souber onde estou, virá me buscar pra me levar de volta pra casa. Se não é o pai ou a mãe, são os amigos, ou o avô, mas *alguém* virá para salvá-los. Só que ninguém nunca vem. Por isso ninguém acreditou em mim quando eu disse que você viria. Só que eu estava certo!"

— Estava — disse ela —, bem, mas eu não poderia ter vindo sem o Will. Aquele ali é o Will, e aqueles outros são o cavaleiro Tialys e a lady Salmakia. Tenho *tanta* coisa para contar a você, Roger...

— Quem é Will? De onde ele veio?

Lyra começou a explicar, sem nem perceber como sua voz tinha mudado, como se

sentava mais ereta e como até seus olhos estavam diferentes, quando contava a história de seu encontro com Will e da luta pela faca sutil. Como poderia ter sabido? Mas Roger percebeu, com a inveja triste, silenciosa e imutável dos mortos.

Enquanto isso, Will e os galivespianos estavam um pouco afastados, conversando em voz baixa.

— O que vocês vão fazer, você e a menina? — perguntou Tialys.

— Abrir este mundo e deixar os espíritos saírem. É para isto que tenho a faca.

Will nunca tinha visto tamanho espanto no rosto de duas pessoas, quanto mais aquelas pessoas cuja boa opinião era importante para ele. Tinha adquirido um grande respeito pelos dois. Eles ficaram sentados em silêncio por alguns instantes e então Tialys disse:

— Isso vai desfazer tudo. É o maior golpe que se poderia infligir. A Autoridade vai ficar sem nenhum poder depois disso.

— Como eles poderiam prever isso? — comentou a pequena dama. — Vai pegá-los completamente desprevenidos!

— E depois, o quê? — perguntou Tialys a Will.

— E depois? Bem, depois nós teremos que sair e encontrar nossos daemons, imagino. Não pense em *depois*. Basta pensar em agora. Eu não falei nada para os espíritos, caso aconteça... caso não seja possível. Por favor, também não digam nada. Agora vou procurar um mundo que eu possa abrir, e aquelas harpias estão nos vigiando. Então, se quiserem ajudar, podem ir e tratar de distraí-las enquanto faço isso.

Imediatamente os galivespianos incitaram suas libélulas a subir para a escuridão acima, onde as harpias se aglomeravam como um bando de moscas varejeiras. Will observou os grandes insetos atacando-as destemidamente, diante de todo mundo, como se as harpias fossem moscas e eles pudessem abocanhá-las com suas mandíbulas, por maiores que fossem. Pensou em como aquelas criaturas cintilantes adorariam quando o céu estivesse aberto e elas pudessem dar voos rasantes novamente, a toda velocidade, sobre águas límpidas.

Assim, ele pegou a faca. E imediatamente as palavras que as harpias haviam lançado contra ele voltaram — as zombarias sobre sua mãe — e ele parou. Guardou a faca e tentou limpar sua mente.

Tentou de novo, com o mesmo resultado. Podia ouvi-las esbravejando acima, a despeito da ferocidade dos galivespianos; elas eram tantas que dois cavaleiros

voadores sozinhos podiam fazer muito pouco para detê-las.

Bem, era assim que as coisas iam ser. Não iriam ficar nem um pouco mais fáceis. Então, Will deixou sua mente relaxar e se distanciar, e apenas ficou sentado ali, segurando a faca com os dedos frouxos, até que sentiu que estava pronto novamente.

Dessa vez a faca penetrou e cortou o ar — e encontrou uma rocha. Ele tinha aberto uma janela naquele mundo para o subsolo de um outro mundo. Fechou a janela e tentou de novo.

E a mesma coisa aconteceu, embora ele soubesse que era um mundo diferente. Tinha aberto janelas antes e havia encontrado lugares acima do solo em outros mundos, então, não deveria ter se surpreendido ao descobrir que estava no subsolo, para variar, mas era estranho.

Na vez seguinte, tateou cuidadosamente, da maneira como tinha aprendido, deixando que a ponta da faca procurasse a ressonância que revelava um mundo em que o solo estava no mesmo lugar. Mas o toque estava errado em todos os lugares onde procurou com a ponta da faca. Não havia nenhum mundo, em lugar nenhum, onde pudesse cortar e abrir uma saída; em toda parte onde tocava, encontrava rocha sólida.

Lyra tinha percebido que alguma coisa estava errada e se levantou de um salto, interrompendo sua conversa com o fantasma de Roger, para correr para o lado de Will.

— O que foi? — perguntou baixinho. Ele contou a ela e acrescentou:

— Vamos ter que ir para algum outro lugar antes que eu consiga encontrar um mundo para onde possa cortar uma abertura. E aquelas harpias não vão nos deixar. Você contou aos fantasmas o que estávamos planejando?

— Não. Só para Roger, e disse a ele que guardasse segredo. Ele sempre faz qualquer coisa que eu peça. Ah, Will, estou com medo, estou com tanto medo. Podemos nunca conseguir sair. Imagine se ficarmos presos aqui para sempre.

— A faca pode cortar através da rocha. Se precisarmos, simplesmente abriremos um túnel. Vai levar mais tempo e espero que a gente não tenha que fazer isso, mas podemos fazer. Não se preocupe.

— Claro. Você tem razão. Claro que podemos.

Mas ela achava que ele parecia estar tão doente, com o rosto contraído de dor, com olheiras escuras em volta dos olhos e a mão tremendo, os dedos sangrando de novo; parecia estar tão mal quanto ela se sentia. Não poderiam continuar por muito

mais tempo sem seus daemons. Ela sentiu seu próprio espírito tremer em seu corpo e apertou bem os braços em volta do corpo, sentindo uma falta desesperada de Pan.

Mas, nesse meio-tempo, os espíritos estavam se agrupando e se aproximando cada vez mais, coitados, e as crianças, especialmente, não conseguiam deixar Lyra em paz.

— Por favor — disse uma menina —, não vai se esquecer de nós quando for embora, não é?

— Não — respondeu Lyra —, nunca.

— Vai falar a eles a respeito de nós?

— Prometo. Qual é o seu nome?

Mas a pobre da menina ficou constrangida e envergonhada: tinha se esquecido. Escondeu o rosto, e um menino falou:

— Acho que é melhor esquecer. Eu me esqueci do meu. Alguns não estão aqui há muito tempo e ainda sabem quem são. Há algumas crianças que estão aqui há milhares de anos. Não são mais velhas que nós e esqueceram quase tudo. Exceto a luz do sol. Ninguém esquece isso. E o vento.

— Isso — disse um outro —, fale para nós a respeito disso!

E um número cada vez maior deles começou a gritar para que Lyra lhes falasse sobre as coisas de que se lembrava, o sol, o vento e o céu, e das coisas de que tinham se esquecido, como brincar; e ela se virou para Will e cochichou:

— O que devo fazer, Will?

— Fale para eles.

— Estou com medo. Depois do que aconteceu lá atrás, as harpias...

— Fale a verdade. Nós manteremos as harpias afastadas.

Ela olhou para ele, em dúvida. Na verdade, estava louca de medo. Olhou para os fantasmas que, em massa, vinham se aproximando cada vez mais.

— Por favor! — sussurravam. — Você acabou de vir do mundo! Conte para nós, conte! Fale sobre o mundo.

Havia uma árvore, não muito longe — apenas um tronco morto com seus galhos, brancos como ossos, estendidos no ar frio cinzento —, e como Lyra estava se sentindo fraca e porque não achava que pudesse conseguir andar e falar ao mesmo tempo, foi para lá, para ter um lugar onde sentar. Os fantasmas foram se mexendo e se empurrando para abrir espaço.

Quando estavam quase chegando à árvore, Tialys pousou na mão de Will e

indicou que Will deveria baixar a cabeça para ouvir.

— Elas estão voltando — disse baixinho —, aquelas harpias. Um número cada vez maior delas. Fique com a faca preparada. A dama e eu as manteremos a distância pelo máximo de tempo que pudermos, mas talvez você precise lutar.

Sem preocupar Lyra, Will afrouxou a faca em sua bainha e manteve a mão bem perto dela. Tialys decolou de novo, e então Lyra alcançou a árvore e sentou em uma das raízes grossas.

Tantos vultos de mortos se aglomeravam à sua volta, insistindo esperançosos, com os olhos arregalados, que Will teve que fazê-los recuar para abrir espaço; mas deixou que Roger ficasse perto, porque ele olhava fixamente para Lyra, ouvindo com fervor.

E Lyra começou a falar sobre o mundo que conhecia.

Contou a eles a história de como ela e Roger tinham subido até o telhado da Faculdade Jordan e encontrado o corvo com a pata quebrada, e como tinham cuidado dele até ficar bom e estar pronto para voltar a voar; e como tinham explorado as adegas de vinho nos porões, todos cobertos de poeira e teias de aranha, e bebido um bocado de Canary, ou podia ter sido Tokay, não sabia dizer qual dos dois, e como tinham ficado meio bêbados. E o fantasma de Roger ficou ouvindo, orgulhoso e desesperado, balançando a cabeça e sussurrando:

— Sim, sim! Isso foi exatamente o que aconteceu, isto é verdade mesmo!

Então, contou a eles sobre a grande batalha entre as crianças da cidade de Oxford e os filhos dos oleiros.

Primeiro descreveu os Barreiros, tomando cuidado para incluir tudo de que conseguia se lembrar, os largos tanques de tintura de cor ocre, o cabo do reboque, os fornos que pareciam imensas colmeias de tijolos. Falou a eles sobre os salgueiros nas margens do rio com as folhas todas prateadas por baixo; e falou de como, quando o sol brilhava por mais de dois dias, a argila começava a rachar em belas e enormes placas, com rachaduras profundas entre elas, e como era a sensação de enfiar os dedos nas rachaduras apertadas e, lentamente, levantar uma grande placa de argila seca, tentando conservá-la tão grande quanto podia, sem quebrar. A parte de baixo, ainda molhada e pegajosa, era ideal para atirar nas pessoas.

E descreveu os odores naqueles lugares: a fumaça dos fornos, o cheiro de mofo de folhas apodrecidas do rio, quando o vento soprava de sudoeste, o cheiro gostoso das batatas assadas que os oleiros costumavam comer; e o som da água deslizando

escorregadia sobre as calhas que a conduziam aos tanques de lavagem; e a sucção lenta e forte quando você tentava puxar o pé para fora do chão; e o bater pesado e molhado das pás das rodas nas comportas, na água cheia de argila.

Enquanto falava, estimulando todos os sentidos deles, os fantasmas se acotovelaram ainda mais, chegando cada vez mais perto, se alimentando de suas palavras, recordando a época em que tinham carne, pele, nervos e sentidos; e desejando que ela nunca mais parasse.

Então, ela contou como os filhos dos oleiros sempre declaravam guerra às crianças da cidade, mas como eram lentos e embotados, com barro no cérebro, e como as crianças da cidade, em comparação, eram espertas e rápidas como pardais; e como, certo dia, todas as crianças da cidade e todas as crianças de todas as faculdades tinham engolido as rivalidades, acertando uma trégua, e planejado e feito um ataque vindo de três direções contra os Barreiros, encurralando os filhos dos oleiros na beira do rio, atirando incontáveis punhados de argila uns nos outros, ocupando e derrubando o castelo de barro que eles haviam construído, transformando as fortificações em mísseis, até que o ar, o solo e a água estivessem total e absolutamente misturados, e todas as crianças estivessem exatamente iguais: cobertas de barro dos pés à cabeça; nenhum deles se lembrava de um dia melhor em toda a sua vida.

Quando acabou, ela olhou para Will, exausta. Então, teve um choque.

Além dos fantasmas, silenciosos e por toda parte, e de seus companheiros, próximos e vivos, também havia uma outra plateia; porque os galhos da árvore estavam repletos daquelas formas escuras de pássaros, seus rostos de mulher olhando fixamente para ela, solenes e fascinados.

Lyra se levantou, assustada, de repente, mas elas não se moveram.

— Você — disse, desesperada —, você me atacou antes, quando tentei lhe contar uma coisa. O que está impedindo você agora? Vamos, venha e me despedace com suas garras, e faça de mim um fantasma!

— Esta é a última coisa que faremos — disse a harpia no centro, que era a própria Sem-Nome. — Escute o que vou dizer. Milhares de anos atrás, quando os primeiros fantasmas vieram para cá, a Autoridade nos concedeu o poder de ver o pior em todo mundo, e nos alimentamos do pior desde então, até nosso sangue ficar rançoso e fedido e nossos corações enojados.

"Mas, mesmo assim, era tudo o que tínhamos para nos alimentar. Era tudo o que

tínhamos. E agora descobrimos que vocês estão planejando abrir um caminho para o mundo da superfície e conduzir todos os espíritos para fora, para o ar...”

E sua voz áspera foi abafada por um milhão de sussurros, à medida que todos os fantasmas que podiam ouvir gritavam de alegria e esperança; mas todas as harpias gritaram e bateram as asas até que os fantasmas se calaram de novo.

— Sim — gritou Sem-Nome —, querem levar todos vocês para fora! O que nós faremos agora? Vou lhe contar o que vamos fazer: de agora em diante, não vamos mais controlar nenhum de nossos impulsos. Vamos ferir e profanar, rasgar e despedaçar todo fantasma que entrar, e os deixaremos loucos de medo, de remorso e de ódio por si próprios. Isto aqui agora é um deserto; nós o tornaremos um inferno!

Todas as harpias sem exceção berraram e escarneceram, e muitas delas levantaram voo da árvore seguindo direto para cima dos fantasmas, fazendo com que se dispersassem apavorados. Lyra se agarrou ao braço de Will e disse:

— Elas revelaram nosso plano e agora não vamos mais poder fazer o que tínhamos planejado, eles vão nos odiar, vão pensar que os traímos! Tornamos as coisas piores, não melhores!

— Fique calada — disse Tialys. — Não se desespere. Chame-os de volta e faça com que nos ouçam.

De modo que Will gritou:

— Voltem aqui! Voltem aqui, todos vocês! Voltem e ouçam!

Uma a uma as harpias, com os rostos ávidos e famintos, tingidos pelo desejo de sofrimento, se viraram e voaram de volta para a árvore, e os fantasmas também se aproximaram. O cavaleiro deixou sua libélula aos cuidados de Salmakia e sua silhueta pequena e tensa, vestida de verde e de cabelos escuros, saltou sobre um pedregulho onde todos poderiam vê-lo.

— Harpias — disse ele —, podemos lhes oferecer algo melhor do que isso. Respondam às minhas perguntas com sinceridade e ouçam o que vou dizer, depois tomem a decisão. Quando Lyra falou com vocês do lado de fora do paredão, vocês a atacaram. Por que fizeram aquilo?

— Mentiras! — gritaram todas as harpias. — Mentiras e fantasias!

— Mas quando ela falou ainda há pouco, vocês ouviram, todas vocês, e ficaram quietas e em silêncio. Mais uma vez, por que foi isso?

— Porque era verdade — disse Sem-Nome. — Porque ela falou a verdade. Porque ouvir a verdade nos nutriu. Porque estava nos alimentando. Porque não pudemos

nos impedir de fazer isso. Porque era verdade. Porque não imaginávamos que pudesse existir alguma coisa que não fosse maldade. Porque ouvir nos trouxe notícias do mundo e do sol, do vento e da chuva. Porque era verdade.

— Então — propôs Tialys —, vamos fazer um acordo. Em vez de verem somente a maldade, a crueldade e a cobiça dos fantasmas que vêm aqui para baixo, de agora em diante vocês terão o direito de pedir a cada fantasma que lhes conte a história de sua vida e eles terão que contar a verdade sobre o que viram e tocaram, ouviram, amaram e conheceram no mundo. Cada um desses espíritos tem uma história; cada um deles que vier para cá no futuro terá coisas verdadeiras para contar a vocês sobre o mundo. E vocês terão o direito de ouvi-los e eles terão que contar.

Lyra ficou maravilhada com a coragem do espião. Como ousava falar com aquelas criaturas como se tivesse poderes para lhes dar direitos? Qualquer uma delas poderia tê-lo abocanhado em um segundo, despedaçado com suas garras ou carregado para o alto e depois deixado que despencasse no chão de maneira que se arrebentasse em pedaços. E, no entanto, lá estava ele, orgulhoso e destemido, fazendo um acordo com elas! E elas ouviram e conversaram entre si, os rostos se virando umas para as outras, as vozes baixas.

Todos os fantasmas ficaram observando, temerosos e calados.

Então, Sem-Nome falou:

— Isso não é suficiente — disse ela. — Queremos mais do que isso. Tínhamos uma *tarefa* de acordo com o que nos foi concedido. Nosso dever é cumprir a vontade e as ordens da Autoridade e, por causa disso, somos honradas. Odiadas e temidas, mas também respeitadas e honradas. O que acontecerá com nossa honra se as coisas mudarem? Por que os espíritos haveriam de nos dar atenção, se simplesmente pudessem sair e voltar para o mundo? Temos nosso orgulho, e não se deve abrir mão disso. Precisamos de um lugar honroso! Precisamos ter um dever e uma tarefa a cumprir, isso nos trará o respeito que merecemos!

Elas se agitaram nos galhos, resmungando e levantando as asas. Mas um instante depois Salmakia saltou para ir se juntar ao cavaleiro e gritou para elas:

— Vocês têm toda a razão. Todo mundo deve ter uma tarefa a fazer que seja importante, uma tarefa que lhes traga honra, que possam desempenhar com orgulho. Pois então, esta é a tarefa, e é uma tarefa que só vocês podem desempenhar, porque são as guardiãs e as protetoras deste lugar. A tarefa de vocês será guiar os fantasmas do local de desembarque, na margem do lago, durante todo o caminho

pela terra dos mortos, até a nova abertura para o mundo. Em troca, eles lhes contarão suas histórias como pagamento justo e certo por essa orientação. Assim lhes parece correto?

Sem-Nome olhou para suas irmãs e elas assentiram. Respondeu:

— E teremos o direito de recusar ser seus guias se mentirem ou se esconderem alguma coisa, ou se não tiverem nada para nos contar. Se viveram no mundo, eles *deveriam* ver e tocar, ouvir, amar e aprender coisas. Faremos uma exceção no caso de crianças muito pequenas que não tiveram tempo de aprender coisa nenhuma, mas caso contrário, se descerem até aqui sem trazer nada, nós não os levaremos até a saída.

— Isto é justo — declarou Salmakia, e os outros viajantes concordaram.

E, dessa forma, fizeram um acordo. E em troca da história de Lyra, que já tinham ouvido, as harpias se ofereceram para levar os viajantes e sua faca até uma parte da terra dos mortos onde o mundo superior estava próximo. Ficava a uma grande distância, passando por túneis e cavernas, mas elas os guiariam fielmente e todos os fantasmas poderiam ir com eles.

Mas antes que partissem, uma voz gritou, tão alto quanto um sussurro pode gritar. Era o fantasma de um homem magro com uma voz apaixonada, raivosa, e ele gritou:

— O que vai acontecer? Quando deixarmos o mundo dos mortos, vamos viver de novo? Ou vamos desaparecer como nossos daemons? Irmãos e irmãs, não devemos seguir esta criança a lugar nenhum enquanto não soubermos o que vai acontecer conosco!

Os outros repetiram a pergunta:

— Sim, diga para onde vamos. Queremos saber o que devemos esperar! Não iremos enquanto não soubermos o que vai acontecer conosco!

Lyra se virou para Will em desespero, mas ele disse:

— Diga a verdade. Pergunte ao aletiômetro e conte a eles o que o aletiômetro responder.

— Está bem.

Ela tirou o instrumento dourado da bolsa. A resposta veio imediatamente. Lyra se levantou.

— Isto é o que vai acontecer — declarou —, e é verdade, absolutamente verdade. Quando saírem daqui, todas as partículas que os constituem se desprenderão e

flutuarão se dispersando, exatamente como aconteceu com seus daemons. Se já viram pessoas morrerem, sabem como é. Mas seus daemons não são simplesmente *nada* agora; eles fazem parte de tudo. Todos os átomos que eles eram fazem parte do ar e do vento, das árvores, da terra e de todas as coisas vivas. Eles nunca desaparecerão. Apenas fazem parte de tudo. E é exatamente o que vai acontecer com vocês, juro, dou a vocês minha palavra de honra. Vocês vão se dispersar, é verdade, mas estarão lá fora ao ar livre, novamente fazendo parte de tudo que está vivo.

Ninguém falou. Aqueles que tinham visto como os daemons se dissolviam estavam recordando isso, e aqueles que não tinham estavam imaginando como seria, e ninguém falou até que uma jovem mulher se adiantou. Ela havia morrido como mártir séculos antes. Olhou para todos em volta e disse:

— Quando estávamos vivos, nos disseram que quando morrêssemos iríamos para o céu. E disseram que o céu era um lugar de alegria e glória, e que passaríamos a eternidade em companhia dos santos e dos anjos louvando o Todo-poderoso, em estado de êxtase. Isso é o que nos diziam. E foi o que levou alguns de nós a dar nossas vidas, e outros a passar anos orando em isolamento e solidão, enquanto toda a alegria de viver ia se perdendo, abandonada ao nosso redor, sem que jamais nos déssemos conta.

"Mas a terra dos mortos não é um lugar de recompensa nem um lugar de punição. É um lugar de nada. Os bons vêm para cá da mesma forma que os maus, e todos nós definhamos aqui nessa escuridão para sempre, sem nenhuma esperança de libertação ou de alegria, de sono, de descanso ou de paz.

"Mas agora esta criança veio nos oferecer uma saída e eu vou segui-la. Mesmo que isso signifique o apagamento total, amigos, eu o receberei de braços abertos, porque não será nada, estaremos vivos de novo em mil folhas de relva, e em um milhão de flores, estaremos caindo nas gotas de chuva e soprando na brisa fresca, estaremos brilhando no orvalho sob a luz das estrelas e da lua, lá fora no mundo físico, que é nosso verdadeiro lar e sempre foi.

"Por isso recomendo e insisto: venham com a criança para sairmos para o céu!"

Mas seu espírito foi empurrado, afastado com violência pelo de um homem que parecia um monge: magro e pálido, mesmo depois de morto, com olhos escuros ardentes. Ele se persignou e murmurou uma prece, depois disse:

— Esta é uma mensagem amarga, uma brincadeira triste e cruel. Será que não enxergam a verdade? Esta menina não é uma criança. É uma agente do próprio

Satanás! O mundo em que vivíamos era um vale de pecado e de lágrimas. Nada ali podia nos satisfazer. Mas o Todo-poderoso nos concedeu este lugar abençoado por toda a eternidade, este paraíso, que para as almas caídas parece desolado e árido, mas os olhos da fé o veem tal como é, transbordante de leite e mel e ressoando com os doces hinos dos anjos. *Isto* é o céu, verdadeiramente! O que esta menina má promete nada mais é que mentira. Ela quer levar vocês para o Inferno! Se a seguirem, estarão se expondo por vontade própria a um grande perigo. Meus companheiros e eu, aqueles de fé verdadeira, permaneceremos aqui em nosso paraíso abençoado e passaremos a eternidade cantando louvores ao Todo-poderoso, que nos concedeu juízo para distinguir a mentira da verdade.

Mais uma vez fez o sinal da cruz, e então ele e seus companheiros se afastaram tomados pelo horror e pela repugnância.

Lyra estava confusa. Será que estava enganada? Estaria cometendo algum grande erro? Ela olhou em volta: escuridão e desolação por toda parte. Mas já havia sido enganada antes pela aparência das coisas, confiando na sra. Coulter, por causa de seu belo sorriso e seu encanto perfumado e sedutor. Era tão fácil se enganar com as coisas; e sem seu daemon para ajudar, talvez também estivesse enganada a respeito da presente situação.

Mas Will estava sacudindo seu braço. Depois tomou o rosto dela nas mãos e o segurou de modo bruto.

— Você *sabe* que isso não é verdade — declarou —, exatamente como é capaz de sentir isso. Não dê atenção ao que ele disse! *Eles* todos também sabem que ele está mentindo. E estão contando conosco. Vamos, vamos embora daqui.

Ela concordou. Tinha que confiar em seu corpo e na verdade do que seus sentidos lhe diziam; sabia que Pan teria confiado.

E, assim, eles se puseram em marcha, e os milhões de fantasmas começaram a segui-los. Atrás deles, muito distante para que as crianças pudessem ver, outros habitantes do mundo dos mortos tinham ouvido o que estava acontecendo e vinham se juntar à grande marcha. Tialys e Salmakia voaram até lá atrás para olhar, e ficaram radiantes ao ver fantasmas de seu próprio povo acompanhando, e de todos os outros tipos de seres conscientes que algum dia haviam sido punidos pela Autoridade com o exílio e a morte. Entre eles havia seres que não pareciam absolutamente humanos, seres como os mulefas, que Mary Malone teria reconhecido, e também fantasmas ainda mais estranhos.

Mas Will e Lyra não tinham forças para olhar para trás; tudo o que conseguiam fazer era seguir adiante atrás das harpias e ter esperança.

— Estamos quase chegando, Will? — sussurrou Lyra. — Isso está quase acabando?

Ele não sabia dizer. Mas estavam tão fracos e debilitados que respondeu:

— Sim, está quase acabando, estamos quase chegando. Logo estaremos fora daqui.

24. A SRA. COULTER EM GENEBRA

Qual a mãe, tal é a sua filha.
EZEQUIEL

A sra. Coulter esperou até anoitecer antes de se aproximar da Faculdade St. Jerome. Depois que escureceu, ela manobrou a nave da intenção descendo através das nuvens e seguiu lentamente pela margem do lago se mantendo na altura das copas das árvores. O prédio da Faculdade era uma construção que se destacava entre os outros prédios antigos de Genebra, e logo ela encontrou o ponto mais alto, a escuridão vazada dos claustros, a torre quadrada onde ficavam os alojamentos do Presidente do Tribunal Consistorial de Disciplina. Tinha visitado a Faculdade três vezes antes; sabia que as reentrâncias e os espigões das chaminés no telhado ofereciam uma variedade de esconderijos, mesmo para algo tão grande quanto a nave da intenção.

Voando lentamente sobre as telhas que cintilavam, molhadas pela chuva recente, ela entrou devagar com a nave em um pequeno vão entre um telhado de inclinação muito acentuada e o paredão vertical da torre. O lugar só era visível do campanário da Capela da Santa Penitência, nas vizinhanças; serviria perfeitamente.

Ela pousou a nave delicadamente, deixando seus seis pés e pernas encontrarem os pontos de apoio e se ajustarem de modo a deixar a cabine horizontal. Estava começando a amar aquela máquina: respondia a seus comandos com a mesma rapidez com que ela conseguia pensar e era tão silenciosa; podia pairar sobre a cabeça de alguém, perto o bastante para ser tocada, sem que a pessoa jamais soubesse que estava lá. Ao longo do dia, depois que a roubara, a sra. Coulter tinha aprendido tudo sobre os controles, mas ainda não tinha ideia de qual era o combustível que a movia, e isso era a única coisa com que se preocupava: não tinha nenhum meio de saber quando o combustível ou as baterias acabariam.

Depois de se assegurar de que a nave estava bem firme e que o telhado era sólido o bastante para aguentar o peso, tirou o capacete e desembarcou.

Seu daemon já estava puxando com força uma das pesadas telhas antigas, para

soltá-la. Ela o ajudou e logo tinham soltado e tirado meia dúzia delas, abrindo um espaço, depois ela quebrou e arrancou as ripas nas quais as telhas estavam fixadas, fazendo um buraco grande o suficiente para permitir sua passagem através dele.

— Entre e examine o terreno — sussurrou ela, e o daemon saltou pelo buraco para a escuridão.

Ela podia ouvir o ruído de suas garras enquanto se movia cuidadosamente sobre o assoalho do sótão e depois a face negra franjada de dourado apareceu na abertura. Ela compreendeu imediatamente e o seguiu, entrando e esperando até que seus olhos se habituassem ao escuro. Gradualmente viu um sótão comprido, onde sombras escuras de armários, mesas, estantes e peças de mobília de todo tipo tinham sido guardadas.

A primeira coisa que fez foi empurrar um armário alto para cobrir o buraco aberto no lugar onde as telhas haviam estado. Então, foi andando nas pontas dos pés até a porta na parede da extremidade oposta do sótão e girou a maçaneta. Estava trancada, é claro, mas ela tinha um grampo e a tranca era simples. Três minutos depois, ela e seu daemon estavam no fundo de um longo corredor, onde uma claraboia empoeirada lhes permitia ver uma escada estreita que descia na outra ponta.

E, cinco minutos depois, tinham aberto uma janela na despensa, ao lado da cozinha, dois andares abaixo, e saltado para o beco. Os portões da Faculdade e a guarita ficavam logo adiante, dobrando a esquina, e, como ela disse ao macaco dourado, era importante chegar da maneira ortodoxa, qualquer que fosse a maneira como eles pretendessem ir embora.

— Tire as mãos de cima de mim — disse ela calmamente ao guarda — e mostre alguma cortesia, ou mandarei esfolar você. Diga ao Presidente que a sra. Coulter chegou e que deseja vê-lo imediatamente.

O homem recuou, e seu daemon, uma cadelinha pinscher que estivera arreganhando os dentes para o bem-comportado macaco dourado, imediatamente se encolheu e enfiou tanto quanto pôde o toco de rabo entre as pernas.

O guarda girou a manivela de um telefone e, menos de um minuto depois, um jovem padre de rosto simpático entrou correndo na guarita, esfregando as palmas das mãos na batina, caso ela quisesse lhe dar um aperto de mãos. Ela não quis.

— Quem é você? — perguntou.

— Frade Louis — respondeu o homem, acalmando seu daemon coelha. — Convocador do Secretariado do Tribunal Consistorial. Por favor, faria a gentileza de...

— Não vim aqui para parlamentar com um secretário — declarou ela. — Me leve ao padre MacPhail. E faça isso já.

O homem se inclinou em uma mesura de submissão e a levou com ele. Ao vê-la pelas costas, o guarda deixou escapar um suspiro de alívio.

Depois de tentar puxar conversa duas ou três vezes, frade Louis desistiu e a conduziu em silêncio até os aposentos do Presidente, na torre. O padre MacPhail estava fazendo suas orações, e a mão do pobre frade Louis tremia violentamente quando bateu à porta. Eles ouviram um suspiro e um gemido, depois passadas pesadas cruzaram o assoalho.

Os olhos do Presidente se arregalaram quando viu quem era, e ele deu um sorriso feroz.

— Sra. Coulter — disse, oferecendo a mão. — Estou muito contente em vê-la. Meu gabinete é frio e nossa hospitalidade humilde, mas entre, entre.

— Boa noite — disse ela, entrando no aposento, frio e desolado, de paredes de pedra, permitindo que ele se desmanchasse em atenções e lhe oferecesse uma cadeira. — Obrigada — disse ela para o frade Louis, que permanecia no aposento —; gostaria de um copo de chocolate.

Nada havia sido oferecido, e ela sabia que era um insulto tratar o padre como se fosse um criado, mas a atitude dele era tão subserviente que merecia isso. O Presidente assentiu e frade Louis teve que se retirar para atender ao pedido, muito a contragosto.

— Sabe, é claro, que está presa — declarou o Presidente, sentando na outra cadeira e acendendo uma luminária de mesa.

— Ah, mas por que estragar nossa conversa antes mesmo de termos começado? — perguntou a sra. Coulter. — Vim para cá voluntariamente, assim que consegui fugir da fortaleza de lorde Asriel. O fato é, Presidente, que tenho uma enorme quantidade de informações sobre as forças dele e sobre a criança, e vim até aqui para dá-las ao senhor.

— A criança. Comece pela criança.

— Minha filha agora está com doze anos. Muito brevemente ela se aproximará do vértice da curva da adolescência e, então, será tarde demais para que qualquer um

de nós possa impedir a catástrofe; a natureza e a oportunidade se unirão como centelha em madeira seca. Graças à sua intervenção, isso agora é muito mais provável. Espero que esteja satisfeito.

— Era seu dever trazer a criança para cá, para ficar sob nossos cuidados. Em vez disso, preferiu fugir e se esconder em uma caverna na montanha... embora como uma mulher de sua inteligência pudesse ter a esperança de se manter escondida seja um mistério para mim.

— Provavelmente há muita coisa que seja um mistério para o senhor, Senhor Lorde Presidente, a começar pelas relações entre uma mãe e sua filha. Se pensou por um instante que eu entregaria minha filha aos cuidados... *cuidados!*... de uma corporação de homens com uma obsessão fervorosa pela sexualidade, homens de unhas sujas, fedendo a suor azedo, homens cujas imaginações furtivas se arrastariam sobre o corpo dela como baratas, se pensou que eu exporia minha filha a *isso*, Lorde Presidente, o senhor é mais estúpido do que pensa que *eu* sou.

Bateram à porta antes que ele pudesse responder, e o frade Louis entrou com dois copos de chocolate em uma bandeja de madeira. Ele colocou a bandeja sobre a mesa com uma reverência nervosa, sorrindo para o Presidente, na esperança de ser convidado a ficar; mas o padre MacPhail balançou a cabeça em direção à porta e o rapaz se retirou relutantemente.

— Então o que *pretendia* fazer? — perguntou o Presidente.

— Eu ia manter minha filha em segurança até que o perigo tivesse passado.

— E que perigo seria esse? — perguntou ele, passando-lhe um copo.

— Ah, acho que o senhor sabe do que estou falando. Em algum lugar há uma tentadora, uma serpente, por assim dizer, e eu tinha que impedir que elas se encontrassem.

— Há um menino com ela.

— Sim. E se não tivesse interferido, ambos estariam sob meu controle. Nas atuais circunstâncias, eles podem estar em qualquer lugar. Pelo menos não estão com lorde Asriel.

— Não tenho dúvida de que lorde Asriel esteja procurando por eles. O garoto tem uma faca de um poder extraordinário. Só por isso valeria a pena perseguir aqueles dois.

— Tenho conhecimento disso — disse a sra. Coulter. — Eu consegui quebrar a faca e ele conseguiu consertá-la.

Ela estava sorrindo. Seria possível que ela gostasse daquele menino desgraçado?

— Nós sabemos — ele retrucou secamente.

— Ora, ora — comentou ela. — Frei Pavel deve estar mais rápido com suas leituras. Quando o conheci, ele teria levado no mínimo um mês para ler isso.

Ela bebericou o chocolate, que estava ralo e fraco; como era típico daqueles padres enfadonhos, pensou, impor sua abstinência hipócrita também aos visitantes.

— Fale sobre lorde Asriel — disse o Presidente. — Me conte tudo.

A sra. Coulter se recostou confortavelmente na cadeira e começou a contar a ele — não tudo, mas ele jamais acreditou, nem por um segundo, que contaria tudo. A sra. Coulter falou sobre a fortaleza, sobre os aliados, sobre os anjos, sobre as minas e sobre as fábricas de fundição.

O padre MacPhail permaneceu sentado sem mover um músculo, seu daemon lagarto absorvendo e recordando cada palavra.

— E como conseguiu chegar aqui? — perguntou.

— Roubei um girópteto. Fiquei sem combustível e tive que abandoná-lo no campo, não muito longe daqui. O resto do caminho fiz a pé.

— Lorde Asriel está efetivamente procurando a menina e o menino?

— É claro.

— Presumo que esteja atrás daquela faca. Sabe se tem um nome? Os espectros-dos-penhascos do norte a chamam de destruidora-de-deus — prosseguiu ele, indo até a janela e olhando para baixo, para os claustros. — É isso que Asriel está pretendendo fazer, não é? Destruir a Autoridade? Há algumas pessoas que afirmam que Deus já está morto. Presumivelmente Asriel é uma dessas, se tem a ambição de matá-lo.

— Bem, onde está Deus — perguntou a sra. Coulter —, se está vivo? E por que ele não fala mais? No princípio do mundo, Deus andava no jardim e falava com Adão e Eva. Então, começou a se retirar, e somente Moisés ouvia sua voz. Mais tarde, na época de Daniel, estava idoso, e era o Deus dos Antigos. Onde está ele agora? Ainda está vivo, com alguma idade inconcebível, decrépito e demente, incapaz de pensar ou de agir, e incapaz de morrer, uma imensidão apodrecida? E se esta *for* a condição em que se encontra, não seria a mais misericordiosa das coisas, a mais verdadeira prova de seu amor por Deus, ir onde ele estiver e lhe oferecer a dádiva da morte?

A sra. Coulter sentia uma alegria libertadora e calma enquanto falava. Perguntou a si mesma se conseguiria escapar com vida; mas era inebriante falar daquela

maneira com aquele homem.

— E o Pó? — perguntou ele. — Das profundezas de sua heresia, qual é sua visão do Pó?

— Não tenho nenhuma visão do Pó — respondeu ela. — Não sei o que é. Ninguém sabe.

— Compreendo. Muito bem, como já lhe disse, a senhora está presa. Creio que está na hora de encontrarmos um lugar para que possa dormir. Vai ficar muito confortável; ninguém vai machucar a senhora; mas não vai fugir. E amanhã conversaremos mais.

Ele tocou uma campainha e frade Louis entrou quase que imediatamente.

— Leve a sra. Coulter para nosso melhor quarto de hóspedes — ordenou o Presidente. — E a deixe trancada nele.

O melhor quarto de hóspedes era velho, maltratado, e a mobília era ordinária, mas pelo menos estava limpo. Depois que a tranca girou às suas costas, a sra. Coulter imediatamente olhou em volta procurando por microfones e encontrou um na luminária requintada e outro debaixo do estrado da cama. Desligou os dois e, então, teve uma surpresa horrível.

Observando-a de cima do tampo de uma cômoda atrás da porta estava lorde Roke.

Ela deu um grito e estendeu a mão para a parede tentando se equilibrar. O galivespiano estava sentado de pernas cruzadas, inteiramente à vontade, e nem ela nem o macaco dourado o tinham visto. Depois que o bater disparado de seu coração se acalmou e sua respiração voltou ao normal, ela disse:

— E quando o senhor teria feito a cortesia de me avisar que estava aqui, milorde? Antes que eu me despisse, ou depois?

— Antes — respondeu ele. — Diga a seu daemon para se acalmar, caso contrário o imobilizarei.

Os dentes do macaco dourado estavam arreganhados e todo o seu pelo estava em pé. A maldade ardente de sua expressão era o bastante para fazer qualquer pessoa se acovardar, mas lorde Roke apenas sorria. Suas esporas reluziam sob a luz fraca.

O pequeno espião se levantou e se espreguiçou.

— Acabei de falar com meu agente na fortaleza de lorde Asriel — prosseguiu. — Lorde Asriel apresenta seus cumprimentos e pede que o avise assim que descobrir quais são as intenções dessa gente.

Ela sentia dificuldade para respirar, como se lorde Asriel a tivesse golpeado violentamente em uma luta invisível. Seus olhos se arregalaram e ela sentou lentamente na cama.

— Veio para cá para me espionar ou para ajudar? — perguntou.

— As duas coisas, e é sorte sua que eu esteja aqui. Assim que chegou, eles puseram em funcionamento algum aparelho ambárico nos porões. Não sei o que é, mas há uma equipe de cientistas trabalhando nele agora, neste momento. Parece que a sua presença os deixou empolgados.

— Não sei se devo ficar lisonjeada ou preocupada. Para falar francamente, estou exausta e vou dormir. Se estiver aqui para ajudar, pode ficar de vigia. Poderia começar olhando para o outro lado.

Ele fez uma reverência e se virou para a parede até ela acabar de se lavar na pia de louça lascada afixada à parede, se enxugar com a toalha fina, tirar a roupa e se deitar. Seu daemon revistou o quarto, examinando o armário, o arame atrás da moldura do quadro, as cortinas, a vista dos claustros que se via pela janela. Lorde Roke o observou durante todo o tempo em que se moveu. Finalmente o macaco dourado se juntou à sra. Coulter e eles adormeceram imediatamente.

Lorde Roke não havia contado a ela tudo o que soubera através de lorde Asriel. Os aliados estavam acompanhando o voo de todos os tipos de seres no ar acima das fronteiras da república e haviam notado uma concentração do que poderiam ter sido anjos, ou algo inteiramente diferente, a oeste. Haviam mandado patrulhas para investigar, mas até o momento não tinham descoberto nada: o que quer que fosse que estivesse concentrado lá, tinha se escondido na neblina impenetrável.

Mas o espião achou melhor não preocupar a sra. Coulter com aquilo; ela estava exausta. Melhor deixá-la dormir, decidiu, e se movimentou silenciosamente pelo quarto, ouvindo através da porta, olhando pela janela, desperto e alerta.

Uma hora depois de ela ter vindo para o quarto, ele ouviu um ruído abafado do lado de fora da porta: um leve arranhar e um sussurro. No mesmo instante, uma luz fraca surgiu no vão da porta. Lorde Roke foi para o canto mais afastado e se posicionou atrás de uma das pernas da cadeira em que a sra. Coulter tinha posto suas roupas.

Um minuto se passou e, então, a chave girou, muito silenciosamente, na fechadura. A porta se abriu dois centímetros e meio, não mais que isso, e a luz do

corredor se apagou.

Lorde Roke podia enxergar bastante bem na luz esmaecida que passava através das cortinas finas, mas o intruso precisou esperar até que seus olhos se adaptassem. Finalmente a porta se abriu mais, muito lentamente, e o jovem padre, frade Louis, entrou.

Ele fez o sinal da cruz e foi andando, pé ante pé, até a cama. Lorde Roke se preparou para saltar para o ataque, mas o padre apenas ficou ouvindo o som regular da respiração da sra. Coulter, examinou-a atentamente para se certificar de que estava dormindo e depois se virou para a mesa de cabeceira.

Ele cobriu a lâmpada da lanterna a bateria com a mão e a acendeu, deixando um pequeno raio de luz passar através dos dedos. Examinou a mesinha tão de perto que seu nariz quase tocou a superfície, mas o que quer que fosse que estivesse procurando, não encontrou. A sra. Coulter tinha posto algumas coisas ali antes de se deitar: um par de moedas, um anel, o relógio de pulso; mas frade Louis não estava interessado naquilo.

Ele tornou a se virar para ela e finalmente viu o que estava procurando, deixando escapar um leve sibilar por entre os dentes. Lorde Roke pôde constatar seu desapontamento: o objeto da busca era o medalhão pendurado no cordão de ouro no pescoço da sra. Coulter.

Lorde Roke se moveu silenciosamente pelo rodapé em direção à porta.

O padre tornou a se benzer, pois ia ter de tocar nela. Prendendo a respiração, se inclinou sobre a cama — e o macaco dourado se mexeu.

O rapaz ficou imóvel, com as mãos estendidas. Seu daemon coelha tremia a seus pés, absolutamente inútil: ela poderia pelo menos ter ficado de vigia para o pobre homem, pensou lorde Roke. O macaco se virou, dormindo, e depois ficou quieto novamente.

Depois de um minuto, parado como uma estátua de cera, frade Louis baixou as mãos trêmulas até o pescoço da sra. Coulter. Mexeu desajeitadamente no cordão durante tanto tempo que lorde Roke pensou que o dia fosse raiar antes que ele conseguisse abrir o fecho, mas finalmente conseguiu puxar o medalhão delicadamente e se levantou.

Lorde Roke, rápido e silencioso como um camundongo, tinha saído pela porta antes que o padre se virasse. Esperou no corredor escuro e, quando o rapaz saiu pé ante pé e trancou a porta, o galivespiano foi atrás dele.

O frade Louis seguiu para a torre e, quando o Presidente abriu sua porta, lorde Roke passou rapidamente e seguiu para o genuflexório no canto do aposento. Ali encontrou uma saliência coberta pelas sombras onde se agachou e ficou ouvindo.

O padre MacPhail não estava sozinho: o aletiometrista, frei Pavel, trabalhava com seus livros, e uma outra pessoa estava parada muito nervosa junto à janela. Era o dr. Cooper, o teólogo experimental de Bolvangar. Ambos levantaram o olhar.

— Bom trabalho, frade Louis — disse o Presidente. — Traga-o aqui, sente, me mostre, me mostre. Excelente trabalho!

Frei Pavel afastou alguns de seus livros e o jovem padre colocou o cordão de ouro sobre a mesa. Os outros se inclinaram para olhar enquanto o padre MacPhail desajeitadamente tentava abrir o fecho. O dr. Cooper lhe ofereceu um canivete, e então houve um estalido baixo.

— Ah! — suspirou o Presidente.

Lorde Roke subiu para o tampo da mesa para poder ver melhor. Sob a luz do lampião de nafta havia um reflexo de brilho dourado-escuro: era uma mecha de cabelo, e o Presidente a estava torcendo entre os dedos, enrolando-a de um lado para o outro.

— Temos certeza de que é da menina? — perguntou.

— Eu tenho certeza — afirmou a voz cansada de frei Pavel.

— E o que temos é o bastante, dr. Cooper?

O homem de rosto pálido se inclinou todo sobre a mesa e tomou a mecha de cabelos dos dedos do padre MacPhail. Então, a levantou junto à luz.

— Ah, é sim — respondeu. — Um único fio de cabelo seria o bastante. Isso aqui é muita coisa.

— Fico muito satisfeito em saber — disse o padre MacPhail.

— Agora, frade Louis, deve colocar o medalhão de volta no pescoço da boa senhora.

O frade se curvou ligeiramente, abatido: ele tinha esperado que sua tarefa estivesse concluída. O Presidente colocou o cacho de cabelos de Lyra em um envelope e fechou o medalhão, levantando a cabeça e olhando em volta enquanto o fazia, e lorde Roke teve que se esconder rapidamente.

— Senhor Presidente — disse frade Louis —, é claro que cumprirei suas ordens, mas posso saber para que precisa do cabelo da menina?

— Não, frade Louis, porque isso o deixaria aflito. Deixe essas questões por nossa

conta. Trate de ir andando.

O rapaz pegou o medalhão e se foi, reprimindo seu ressentimento. Lorde Roke pensou em voltar com ele e em acordar a sra. Coulter exatamente quando ele estivesse tentando colocar de volta o cordão, para ver o que ela faria; mas era mais importante descobrir o que aquelas pessoas estavam planejando.

Quando a porta fechou, o galivespiano voltou para seu canto nas sombras e ficou ouvindo.

— Como sabia que ela possuía isso? — perguntou o cientista.

— Toda vez que mencionava a menina — explicou o Presidente —, sua mão tocava o medalhão. Muito bem, dentro de quanto tempo estará pronto?

— É uma questão de horas — respondeu o dr. Cooper.

— E o cabelo? O que vai fazer com ele?

— Vamos colocar o cabelo na câmara ressonante. O senhor compreende, cada indivíduo é singular, e a organização de partículas genéticas absolutamente distinta... Bem, assim que a análise for completada, as informações serão codificadas em uma série de pulsos ambáricos e transferidas para o dispositivo que faz a pontaria. Ele localiza a origem do material, do cabelo, onde quer que ela esteja. É um processo que na verdade utiliza a heresia de Barnard-Stokes, o conceito de múltiplos mundos...

— Não se preocupe, doutor. Frei Pavel já me disse que a menina está em um outro mundo. Por favor, prossiga. A potência da bomba é direcionada através do cabelo?

— É. Para cada um dos fios de cabelo dos quais estes foram cortados. É exatamente isso.

— Então, quando for detonada, a menina será destruída, não importa onde esteja?

O cientista respirou fundo, pesadamente, e então, com relutância, disse:

— Sim. — Ele engoliu em seco e prosseguiu: — A potência de energia necessária é enorme. A energia ambárica. Exatamente como uma bomba atômica precisa de uma potência altamente explosiva para iniciar a fissão do urânio e fazer com que se desenvolva a reação em cadeia, este artefato precisa de uma corrente colossal para liberar a energia muito maior do processo seccional. Estava me perguntando...

— E não importa de onde seja detonada, certo?

— Não. A ideia é exatamente essa. Qualquer lugar serve.

— E está totalmente pronta?

— Agora que temos o cabelo, está. Mas a quantidade de energia, compreende...

— Eu já cuidei disso. A usina geradora hidroambárica em Saint-Jean-les-Eaux foi requisitada para nosso uso exclusivo. Lá se produz energia suficiente, não acha?

— Sim — respondeu o cientista.

— Então partiremos imediatamente. Por favor, vá preparar o equipamento, dr. Cooper. Tome as providências para que esteja pronto para ser transportado o mais rápido possível. O tempo muda muito rapidamente na montanha e há uma tempestade se aproximando.

O cientista pegou o envelope contendo os cabelos de Lyra e antes de deixar a sala fez uma reverência nervosa. Lorde Roke saiu com ele, sem fazer ruído, como uma sombra.

Tão logo estavam fora do alcance dos ouvidos do gabinete do Presidente, o galivespiano partiu para o ataque. O dr. Cooper, abaixo dele, na escada, sentiu uma pontada de dor penetrante no ombro e estendeu a mão para segurar o corrimão, mas seu braço estava estranhamente fraco e ele escorregou e desceu rolando todo o lance seguinte da escada, indo parar semiconsciente em sua base.

Com alguma dificuldade, lorde Roke arrancou o envelope que tinha o dobro do seu tamanho da mão do homem que se contraía em espasmos, e seguiu pelas sombras em direção ao quarto onde a sra. Coulter dormia.

A fenda entre a porta e o chão era larga o bastante para que ele se arrastasse para dentro do quarto. Frade Louis tinha vindo e ido embora, mas não havia ousado tentar colocar o cordão em volta do pescoço da sra. Coulter: estava a seu lado sobre o travesseiro.

Lorde Roke apertou a mão dela para acordá-la. Mesmo profundamente exausta, ela concentrou sua atenção nele imediatamente, e sentou na cama, esfregando os olhos.

Ele explicou o que havia acontecido e lhe deu o envelope.

— Deve destruir isso imediatamente — disse ele —; um único fio seria suficiente, foi o que o homem falou.

Ela olhou para o pequeno cacho de cabelos louro-escuros e sacudiu a cabeça.

— É tarde demais para isso — declarou. — Isto é apenas a metade da mecha que cortei do cabelo de Lyra. Ele deve ter guardado uma parte.

Lorde Roke chiou de raiva.

— Foi quando ele olhou em volta! — exclamou. — Droga! Tive que me mexer depressa para sair do campo de visão dele... deve ter sido quando ele guardou a outra parte...

— E não há maneira de saber onde pode ter guardado — disse a sra. Coulter. — Apesar disso, se conseguirmos encontrar a bomba...

— Psiu!

Era o macaco dourado pedindo silêncio. Estava agachado junto à porta, ouvindo, e então, eles também ouviram: passadas pesadas, vindo apressadas em direção ao quarto.

A sra. Coulter empurrou o envelope e a mecha de cabelo para lorde Roke, que os pegou e saltou para o alto do armário. Então, ela se deitou ao lado de seu daemon enquanto a chave girava ruidosamente na fechadura.

— Onde está? O que você fez com o cabelo? Como atacou o dr. Cooper? — perguntou a voz áspera do Presidente, enquanto a luz iluminava a cama.

A sra. Coulter levantou um braço para cobrir os olhos e fez um esforço para sentar na cama.

— O senhor realmente sabe como entreter seus hóspedes — comentou ela com a voz sonolenta. — Esse jogo é uma nova invenção? O que tenho que fazer? E quem é o dr. Cooper?

O guarda da guarita entrou com o padre MacPhail e vasculhou os cantos do quarto e debaixo da cama com uma lanterna. O Presidente ficou ligeiramente desconcertado: os olhos da sra. Coulter estavam pesados de sono e ela mal podia enxergar ofuscada pelo clarão da luz do corredor. Era evidente que não tinha saído da cama.

— Você tem um cúmplice — acusou ele. — Alguém atacou um convidado da Faculdade. Quem é seu cúmplice? Quem veio para cá com você? Onde está ele?

— Não tenho a menor ideia a respeito do que o senhor está falando. E o que é isso...?

A mão dela, que tinha apoiado na cama para se levantar, havia encontrado o medalhão no travesseiro. Ela parou, pegou o medalhão, olhou para o Presidente com os olhos sonolentos arregalados e lorde Roke assistiu a um soberbo desempenho artístico, quando disse, com a voz carregada de perplexidade:

— Mas isso é o meu... o que está fazendo aqui? Padre MacPhail, quem esteve aqui

em meu quarto? Alguém tirou isso de meu pescoço. E... *onde está o cabelo de Lyra*? Havia uma mecha de cabelo de minha filha aqui dentro. Quem tirou? Por quê? O que está acontecendo?

E agora ela estava ficando de pé, os cabelos desalinhados, a voz cheia de paixão — visivelmente tão confusa quanto o próprio Presidente.

O padre MacPhail deu um passo para trás e pôs a mão na cabeça.

— Alguma outra pessoa deve ter vindo com você. Tem que ter um cúmplice — insistiu ele, a voz estridente raspando o ar como uma lixa. — Onde está escondido?

— Não tenho nenhum cúmplice — retrucou ela furiosa. — Se há algum assassino invisível aqui neste lugar, só posso imaginar que seja o Diabo em pessoa. Imagino que ele deva se sentir muito à vontade.

O padre MacPhail ordenou ao guarda:

— Leve esta mulher para os porões e a deixe lá, acorrentada. Sei exatamente o que podemos fazer com ela; deveria ter pensado nisso assim que apareceu.

Ela olhou em volta agitada e, por uma fração de segundo, seus olhos encontraram os olhos de lorde Roke, reluzindo na escuridão perto do teto. Ele compreendeu a expressão dela imediatamente e entendeu exatamente o que queria que fizesse.

25. SAINT-JEAN-LES-EAUX

Um bracelete de cabelos luminosos ao redor do osso
JOHN DONNIE

As cataratas de Saint-Jean-les-Eaux despencavam entre os picos de rocha na extremidade leste de um contraforte dos Alpes, e a usina geradora ficava abraçada à encosta da montanha bem acima. Era uma região selvagem, desolada, hostil e maltratada. Ninguém teria construído coisa nenhuma ali, não fosse pela promessa de alimentar os imensos geradores ambáricos com a energia dos milhares de toneladas de água que rugiam descendo pelo despenhadeiro.

Era a noite seguinte à prisão da sra. Coulter e o tempo estava tempestuoso. Junto ao paredão vertical de pedra da usina geradora, um zepelim reduziu a velocidade até ficar semiestacionário sob as rajadas violentas de vento. Os holofotes de busca abaixo do aeróstato faziam com que parecesse estar de pé sobre várias pernas de luz gradualmente se abaixando, como se para deitar.

Mas o piloto não estava nada satisfeito; o vento vinha varrendo em contracorrentes e rajadas cruzadas pelas arestas da montanha. Além disso, os cabos, as torres, os transformadores estavam todos próximos demais: se lançar para o meio deles, com um zepelim cheio de gás inflamável, seria instantaneamente fatal. O granizo martelava obliquamente a grande carcaça rígida do dirigível, fazendo um barulho que quase abafava o rugido do esforço dos motores, e impedia uma boa visão do solo.

— Aqui não — gritou o piloto, acima do ruído. — Teremos que contornar o contraforte.

O padre MacPhail observou furioso enquanto o piloto empurrava o acelerador para a frente e corrigia o ângulo de voo dos motores. O zepelim subiu com um solavanco e passou rente sobre a borda da montanha. Aquelas pernas de luz ficaram mais compridas de repente, e pareceram tentar tatear o caminho descendo pelo cume, as extremidades inferiores perdidas no redemoinho de granizo e chuva.

— Não consegue chegar mais perto da usina que isso? — perguntou o Presidente,

se inclinando para a frente para que sua voz chegasse até o piloto.

— Não se o senhor quiser aterrissar — o piloto respondeu.

— Sim, queremos aterrissar. Então, está bem, vamos pousar abaixo do cume.

O piloto deu ordens à tripulação para se preparar para atracar. Como o equipamento que eles iam descarregar era não só pesado como delicado, era importante que o aeróstato estivesse com as amarras bem firmes. O Presidente tornou a se recostar, tamborilando os dedos no braço do assento, mordendo o lábio, mas sem dizer nada e deixando que o piloto trabalhasse sem incomodá-lo.

De seu esconderijo nas anteparas transversais no fundo da cabine, lorde Roke observava tudo. Várias vezes durante o voo seu vulto pequeno e indistinto passou por trás da malha de metal, claramente visível para qualquer um, se tivessem virado a cabeça; mas para poder ouvir o que estava acontecendo, ele tinha que, por vezes, se posicionar em um lugar onde poderia ser visto. O risco era inevitável.

Ele chegou mais perto, ouvindo com dificuldade através do rugido dos motores, do ribombar do granizo misturado com a chuva, do uivar estridente do vento nos cabos e do bater de pés calçando botas nos passadiços de metal. O engenheiro de voo gritou algumas coordenadas para o piloto, que as confirmou, e lorde Roke voltou a se esconder nas sombras, se segurando firme nas escoras e barras de metal enquanto o zepelim mergulhava e se inclinava sacudido pela turbulência.

Finalmente, percebendo pelo movimento que o dirigível estava quase ancorado, foi caminhando de volta pelo revestimento da cabine até o local onde ficavam os assentos, a estibordo.

Ali havia homens passando em ambas as direções: tripulantes, técnicos, padres. Muitos de seus daemons também eram cachorros, cheios de curiosidade. Do outro lado do corredor, a sra. Coulter estava sentada, desperta e em silêncio, seu daemon dourado destilando maldade e observando tudo de seu colo.

Lorde Roke esperou uma oportunidade e, então, saltou atravessando o corredor como um dardo para o assento da sra. Coulter e um instante depois estava lá em cima escondido pela sombra de seu ombro.

— O que eles estão fazendo? — murmurou ela.

— Aterrissando. Estamos perto da usina geradora.

— Você vai ficar comigo ou vai trabalhar por conta própria? — sussurrou.

— Vou ficar com você. Terei que me esconder debaixo de seu casaco.

Ela estava usando um sobretudo pesado de pele de carneiro, desconfortavelmente

quente na cabine aquecida, mas, com as mãos algemadas, não podia tirá-lo.

— Vamos, venha agora — disse ela, olhando ao redor, e ele saltou para dentro do casaco na altura do peito, encontrando um bolso forrado de pele onde podia ficar sentado em segurança. O macaco dourado ajeitou o laço de seda da gola da sra. Coulter e o cobriu com o casaco, aos olhos de todo mundo, parecendo um exigente costureiro preparando sua modelo favorita, enquanto se assegurava de que lorde Roke estivesse completamente escondido pelas dobras do sobretudo.

Fez isso bem a tempo. Nem um minuto depois, um soldado armado com um rifle veio ordenar à sra. Coulter que desembarcasse do dirigível.

— Tenho que ficar com estas algemas? — perguntou ela.

— Não tive ordens de retirá-las— respondeu ele. — Por favor, fique de pé.

— Mas é tão difícil me movimentar se não posso me segurar nas coisas para me apoiar. Estou dolorida e com os músculos endurecidos, passei a maior parte do dia de hoje sentada aqui, sem me mexer, e o senhor sabe que não tenho nenhuma arma, pois já me revistou. Vá perguntar ao Presidente se realmente é necessário me manter algemada. Acha que vou tentar fugir para o meio do mato?

Lorde Roke era imune ao charme da sra. Coulter, mas achava interessante ver seu efeito sobre os outros. O guarda era jovem: eles deveriam ter mandado um velho guerreiro experiente.

— Bem — disse o guarda —, tenho certeza de que não vai, madame, mas não posso fazer o que não me deram ordens para fazer. Estou certo de que a senhora compreende. Por favor, se levante, madame; se tropeçar, eu segurarei seu braço.

A sra. Coulter se levantou e lorde Roke a sentiu se mover desajeitadamente para a frente. Ela era o ser humano mais gracioso que o galivespiano já vira na vida: aquela falta de jeito era fingida. Quando iam chegando à escada no alto do costado, lorde Roke a sentiu tropeçar e gritar assustada, e sentiu o tranco quando o braço do guarda a segurou. Ele ouviu também a mudança nos sons ao redor deles; o uivar do vento, a rotação dos motores girando em ritmo constante para gerar energia para as luzes, vozes vindas de algum lugar próximo, dando ordens.

Eles desceram a escada do costado, a sra. Coulter se apoiando pesadamente no guarda. Ela estava falando baixinho, e lorde Roke só conseguiu ouvir a resposta dele.

— O sargento, madame, ali adiante, ao lado do caixote grande, é ele quem está com as chaves. Mas não tenho coragem de pedir, madame, sinto muito.

— Ah, então, está bem — disse ela com um suspiro sedutor de desapontamento.

— De qualquer maneira, muito obrigada.

Lorde Roke ouviu o som de pés calçados com botas se afastando, caminhando sobre a rocha, e ela sussurrou:

— Você ouviu o que ele disse das chaves?

— Me diga onde o sargento está. Preciso saber onde e a que distância.

— A cerca de dez passos meus de distância. À direita. Um homem grande. Posso ver as chaves em um molho, no cinto dele.

— Não adianta se eu não souber qual é a chave. Você o viu fechar as algemas?

— Vi. É uma chave curta e grossa, com uma fita adesiva preta em volta, na parte de cima.

Lorde Roke desceu devagar, agarrando primeiro com uma mão depois com a outra, em meio à lã grossa do sobretudo, até alcançar a bainha, na altura dos joelhos dela. Ali ele se segurou bem e olhou ao redor.

Eles tinham montado uma base e fixado um holofote, que lançava um clarão sobre os rochedos molhados. Mas quando olhou para baixo, para localizar os pontos de sombra, viu o clarão começar a se balançar para o lado sob uma forte rajada de vento. Ouviu um grito e a luz se apagou de repente.

Pulou para o chão imediatamente e com o impulso saltou para a frente sob o granizo intenso que caía, em direção ao sargento, que tinha se aproximado em um movimento brusco, para tentar segurar o holofote que caía.

Nessa confusão, lorde Roke saltou sobre a perna do homenzarrão; quando passou girando diante dele, se agarrou ao algodão do tecido de camuflagem das calças — já pesado e encharcado pela chuva — e enterrou uma ponta da espora na carne logo acima da bota.

O sargento deu um berro enrouquecido e caiu desajeitadamente, agarrando a perna, tentando respirar, tentando gritar, pedindo ajuda. Lorde Roke se soltou e saltou para longe do corpo que caía.

Ninguém havia percebido: o ruído do vento, dos motores e o martelar incessante do granizo e da chuva encobriram totalmente o grito do homem, e na escuridão seu corpo não podia ser visto. Mas havia outros homens por perto, e lorde Roke teve que trabalhar rapidamente. Ele saltou para junto do quadril do homem caído, onde o molho de chaves estava caído sobre uma poça de água gelada, e foi afastando as enormes setas de aço, com uma espessura igual a uma vez e meia o seu braço e com a metade de sua altura de comprimento, até encontrar a chave que tinha a fita preta.

E então, teve que lutar com o fecho do chaveiro, o tempo todo correndo o risco perpétuo do granizo, que para um galivespiano era mortal: blocos de gelo tão grandes quanto seus dois punhos juntos.

E então uma voz acima dele:

— O senhor está bem, sargento?

O daemon do soldado estava rosnando e esfregando o focinho no sargento, que havia caído em estado semiletárgico. Lorde Roke não podia esperar: um salto e um chute e o outro homem caiu ao lado do sargento.

Puxando o peso com enorme esforço, lutando e arquejando, lorde Roke finalmente conseguiu abrir o chaveiro e, então, teve que levantar seis outras chaves, tirando-as do caminho antes que a chave com a fita adesiva preta estivesse livre. Agora, a qualquer segundo, eles conseguiriam acender de novo o holofote, mas, mesmo sem a luz, dificilmente deixariam de ver dois homens caídos inconscientes...

E, enquanto ele arrastava a chave para fora do chaveiro, ouviu um grito. Ele puxou o peso da seta maciça com toda a força que tinha, empurrando, dando puxões, levantando, se movendo apoiado nas mãos e nos joelhos, arrastando, e se escondeu ao lado de um pequeno pedregulho, justo no momento em que chegavam pés correndo e vozes gritavam pedindo luz.

— Foram baleados?

— Não ouvi nada...

— Estão respirando?

Então, o holofote, novamente montado e firme sobre a base, tornou a acender. Lorde Roke foi apanhado sem nenhuma cobertura, tão visível quanto uma raposa diante dos faróis de um carro. Ele se manteve absolutamente imóvel, os olhos se movendo para a esquerda e para a direita, e depois que se assegurou que a atenção de todo mundo estava concentrada nos dois homens que haviam sido derrubados tão misteriosamente, com grande esforço puxou a chave para cima do ombro e correu, contornando poças e pedregulhos até alcançar a sra. Coulter.

Um segundo depois, ela havia aberto as algemas e as largado silenciosamente no chão. Lorde Roke saltou para a bainha de seu casaco e subiu correndo até o ombro dela.

— Onde está a bomba? — perguntou ele, junto à sua orelha.

— Eles estão começando a descarregá-la. É aquele caixote grande ali adiante, no chão. Não posso fazer nada enquanto não a tirarem do caixote, e mesmo depois

disso...

— Está bem — disse ele. — Fuja. Fique escondida. Eu fico aqui vigiando. Corra!

Ele desceu com um pulo para a manga do casaco e saltou para longe. Sem fazer nenhum ruído, ela foi se afastando da luz, lentamente, de início, de maneira a não chamar a atenção do guarda, e depois se agachou e correu para a escuridão fustigada pela chuva mais acima na encosta, o macaco dourado correndo à sua frente para escolher o caminho.

Às suas costas ouviu o rugido contínuo dos motores, misturado com gritos, a voz poderosa do Presidente tentando impor alguma ordem à situação. Ela se lembrou da dor prolongada, horrorosa, e das alucinações que havia sofrido depois de levar uma ferroada da espora do cavaleiro Tialys e não invejou o despertar dos dois homens.

E, logo, estava em terreno mais alto, escalando com dificuldade as rochas molhadas, e tudo o que conseguia ver era o clarão oscilante do holofote refletido pela enorme carcaça arredondada do zepelim; e pouco depois o holofote se apagou e tudo o que podia ouvir era o rugido do motor, lutando inutilmente contra a força do vento, e o barulho da queda d'água mais abaixo.

Do outro lado da borda do desfiladeiro, os engenheiros da usina hidroambárica estavam lutando para trazer um cabo de alta tensão até a bomba.

O problema da sra. Coulter não era como escapar daquela situação com vida: isso era uma questão secundária. O problema era como tirar o cabelo de Lyra de dentro da bomba antes que eles a detonassem. Lorde Roke tinha queimado o cabelo do envelope depois que ela fora presa, deixando que o vento levasse as cinzas para longe no céu noturno; e depois conseguira dar um jeito de entrar no laboratório e observar enquanto eles colocavam o resto do pequeno cacho de cabelos louro-escuros na câmara ressonante, preparando tudo para a explosão de Lyra. Ele sabia exatamente onde estava e como abrir a câmara, mas a luz intensa e as superfícies reluzentes no laboratório, para não mencionar as constantes idas e vindas dos técnicos, tornaram impossível que pudesse fazer qualquer coisa com relação a isso enquanto ainda estava lá.

Isso significava que teriam que retirar o cacho de cabelo depois que a bomba estivesse montada.

E isso seria ainda mais difícil, por causa do que o Presidente pretendia fazer com a sra. Coulter. A energia da bomba se originava de cortar o elo que liga o ser humano

a seu daemon, ou seja, o abominável processo de seccionamento, as cabines de tela de liga de manganês e titânio, e a guilhotina prateada. Ele iria cortar a ligação de toda uma vida entre ela e o macaco dourado e usar a energia liberada pelo corte para destruir sua filha. Ela e Lyra morreriam através do procedimento que ela mesma havia inventado. Pelo menos era uma ironia elegante, pensou a sra. Coulter.

Sua única esperança era lorde Roke. Mas, durante as conversas sussurradas no zepelim, ele havia lhe explicado a potência dos ferrões de suas esporas: não podia continuar a usá-los repetidamente, porque a cada ferroada o veneno ficava mais fraco. Levava um dia para que a potência total voltasse a se acumular. Dentro de muito pouco tempo a principal arma de lorde Roke perderia sua força e então eles teriam que contar apenas com a engenhosidade e esperteza que possuíam.

Ela encontrou um rochedo que se projetava para fora junto às raízes de um abeto vermelho que se agarravam à parede do desfiladeiro e se sentou ali debaixo para examinar o terreno dos arredores.

Atrás e acima dela, sobre a orla da ravina e recebendo a plena força do vento, estava a usina geradora. Os engenheiros estavam armando uma fileira de luzes para facilitar o processo de trazer o cabo até a bomba: ela podia ouvir as vozes deles não muito longe, gritando ordens, e ver as luzes balançando em meio às árvores. O cabo propriamente dito, grosso como um braço humano, estava sendo puxado de um gigantesco carretel em um caminhão no alto da encosta e, a julgar pela velocidade com que estavam progredindo na descida pelas rochas, alcançariam a bomba em cinco minutos ou menos.

No zepelim, o padre MacPhail havia censurado severamente os soldados. Vários homens estavam montando guarda, observando a escuridão cheia de granizo e chuva com os rifles em punho, enquanto outros abriam o caixote de metal contendo a bomba e a preparavam para receber o cabo. A sra. Coulter podia ver a arma claramente sob a luz intensa dos holofotes, com a água da chuva escorrendo, um volume deselegante de equipamento e fios, ligeiramente inclinado no solo rochoso. Ela ouviu uma série de estalos, o crepitar de alta tensão e o zumbido das luzes, cujos cabos balançavam ao vento, espalhando a chuva e lançando sombras para cima e para baixo sobre as rochas, como uma grotesca corda de pular.

A sra. Coulter tinha uma terrível familiaridade com parte da estrutura: as cabines de tela metálica, a lâmina prateada no alto. Elas estavam em uma das extremidades do equipamento. O resto era desconhecido para ela; não conseguia ver nenhuma

lógica no modo de funcionamento ordenado das bobinas, os vasos, as longas fileiras de isoladores, a armação em treliça da tubulação. Apesar disso, em algum lugar em toda aquela complexidade estava o pequeno cacho de cabelos central para toda a operação.

À sua esquerda, a encosta desaparecia em declive na escuridão e bem longe, lá embaixo, havia uma luz branca, fraca e trêmula, e o estrondo das águas das cataratas de Saint-Jean-les-Eaux.

Houve um grito. Um soldado deixou cair seu rifle e cambaleou para a frente, depois caiu no chão esperneando e se debatendo de dor. Em resposta, o Presidente olhou para o céu, pôs as mãos em concha em volta da boca e soltou um berro penetrante.

O que ele estava fazendo?

Um segundo depois a sra. Coulter descobriu. De todas as coisas improváveis, uma feiticeira desceu voando e pousou ao lado do Presidente, enquanto ele gritava para se fazer ouvir por causa do vento.

— Vasculhe os arredores! Há algum tipo de criatura ajudando a mulher. Já atacou vários de meus homens. Você pode ver no escuro. Encontre e mate o que quer que ela seja.

— Há alguma coisa se aproximando — disse a feiticeira, em um tom que chegou muito claramente até o abrigo da sra. Coulter. — Posso ver ao norte.

— Não se preocupe com isso. Encontre a criatura e a destrua — ordenou o Presidente. — Não pode estar muito longe. E procure a mulher também. Vá!

A feiticeira saltou para o ar.

De repente, o macaco dourado agarrou a mão da sra. Coulter e apontou.

Lá estava lorde Roke, deitado em terreno descoberto, em um pequeno retângulo de musgo. Completamente visível. Mas alguma coisa havia acontecido, pois ele não estava se mexendo.

— Vá e traga ele para cá — disse ela, e o macaco, seguindo rente ao chão, correu de uma rocha para outra, em direção ao pequeno retângulo de musgo. Seu pelo dourado logo foi escurecido pela chuva e ficou encharcado, colado ao corpo, tornando-o menor e mais difícil de ver, mas ao mesmo tempo terrivelmente visível.

Enquanto isso, o padre MacPhail tinha tornado a se virar para a bomba. Os engenheiros da usina geradora tinham trazido o cabo até junto dela e os técnicos estavam ocupados prendendo as braçadeiras e preparando os terminais.

A sra. Coulter perguntou a si mesma o que ele pretendia fazer, agora que sua vítima tinha escapado. Então, o Presidente se virou para olhar por sobre o ombro e ela viu a expressão em seu rosto. Era tão dura e intensa que parecia mais uma máscara que um homem. Os lábios se moviam dizendo uma prece, seus olhos estavam voltados para o alto, muito abertos enquanto a chuva batia neles, e no todo ele parecia uma ameaçadora pintura espanhola de um santo no êxtase do martírio. A sra. Coulter sentiu uma terrível pontada de medo, porque sabia exatamente o que ele pretendia: ele ia se sacrificar. A bomba funcionaria quer ela fizesse parte dela ou não.

Movendo-se rapidamente de rocha em rocha, o macaco dourado alcançou lorde Roke.

— Minha perna esquerda está quebrada — disse o galivespiano calmamente. — O último homem pisou em mim. Escute com atenção...

Enquanto o macaco o carregava para longe da luz, lorde Roke explicou exatamente onde ficava a câmara ressonante e como abri-la. Eles estavam praticamente debaixo dos olhos dos soldados, mas, passo a passo, de sombra em sombra, o daemon foi se esgueirando com seu pequeno fardo.

A sra. Coulter, acompanhando com o olhar e mordendo o lábio, ouviu uma lufada de ar e sentiu uma pancada pesada — não em seu corpo, mas na árvore. Uma flecha estava cravada no tronco, tremulando, a menos de um palmo de seu braço esquerdo. Imediatamente ela se jogou no chão e rolou para longe, antes que a feiticeira pudesse disparar outra, e foi rolando pela encosta em direção ao macaco.

E então, tudo começou a acontecer ao mesmo tempo, rápido demais: houve uma rajada de tiros e uma nuvem de fumaça de cheiro acre se espalhou em rolos pela encosta, embora ela não visse as chamas. O macaco dourado, vendo a sra. Coulter sendo atacada, colocou lorde Roke no chão e saltou para defendê-la, justo no instante em que a feiticeira descia voando, de faca em punho. Lorde Roke se arrastou para trás, se apoiando contra o pedregulho mais próximo, e a sra. Coulter se atracou em combate corpo a corpo com a feiticeira. Elas lutaram furiosamente entre os pedregulhos, enquanto o macaco dourado tratava, rapidamente, de arrancar todas as agulhas do galho de pinheiro nubígeno da feiticeira.

Nesse meio-tempo, o Presidente estava enfiando seu daemon lagarto fêmea na menor das cabines de tela. Ela se contorceu, gritou, esperneou e mordeu, mas ele a derrubou com um golpe violento da mão e bateu a porta fechando rapidamente. Os

técnicos estavam fazendo os ajustes finais, checando seus medidores e calibradores.

Vinda de lugar nenhum, uma gaivota apareceu voando com um grito selvagem e pegou o galivespiano com sua garra. Era o daemon da feiticeira. Lorde Roke lutou bravamente, mas o pássaro o segurava com muita força e nesse momento a feiticeira conseguiu se soltar das mãos da sra. Coulter, agarrou seu galho de pinheiro nubígeno e saltou no ar para ir se juntar a seu daemon.

A sra. Coulter se lançou na direção da bomba, sentindo a fumaça atacar suas narinas e garganta como se fossem garras: gás lacrimogêneo. Os soldados, a maioria deles, tinham sido derrubados ou saíram cambaleando, sufocados (e de onde tinha vindo o gás, ela se perguntou?); mas agora, à medida que o vento dispersava o veneno, eles estavam começando a se reagrupar de novo. A grande barriga reforçada do zepelim se avolumava sobre a bomba, retesando seus cabos sob a força do vento, os lados da carcaça prateados graças à água escorrendo.

Mas então, um som vindo de muito alto fez os ouvidos da sra. Coulter tinirem: um grito tão alto e terrível que até mesmo o macaco dourado se agarrou nela assustado. E um segundo depois, despencando em um redemoinho de membros brancos, seda negra e galhos verdes, a feiticeira caiu bem aos pés do padre MacPhail, seus ossos se esmigalhando audivelmente na pedra.

A sra. Coulter correu, rápida como uma flecha, para ver se lorde Roke havia sobrevivido à queda. Mas o galivespiano estava morto. Sua espora direita profundamente enfiada no pescoço da feiticeira.

A feiticeira, contudo, ainda estava viva, se bem que por pouco tempo, e sua boca se mexeu estremecendo para dizer:

— Alguma coisa vindo... alguma outra coisa... vindo...

Não fazia nenhum sentido. O Presidente já estava passando por cima do corpo dela para alcançar a cabine de tela maior. Seu daemon estava correndo para cima e para baixo pelas paredes da cabine menor, suas pequenas garras fazendo a tela prateada tinir, sua voz gritando por piedade.

O macaco dourado saltou sobre o padre MacPhail, mas não para atacá-lo: ele subiu pelas costas do homem e pelo ombro até alcançar o complexo centro de fios e tubulação, a câmara ressonante. O Presidente tentou agarrar o daemon, mas a sra. Coulter se pendurou no braço do homem e segurou firme. Ela não conseguia mais enxergar: a chuva entrava em seus olhos e ainda havia gás no ar.

E por toda parte ao redor havia rajadas de balas: o que estava acontecendo?

Os holofotes balançavam de tal modo sob o vento que nada parecia firme, nem mesmo as rochas negras das encostas da montanha. O Presidente e a sra. Coulter lutaram em combate corpo a corpo, enfiando as unhas, socando, rasgando, mordendo, e ela estava cansada e ele era mais forte; mas ela também estava desesperada e poderia ter conseguido impedir o padre, mas parte dela estava observando seu daemon enquanto ele manipulava as manivelas, as patas negras ferozes colocando o mecanismo rapidamente em uma posição, depois noutra, puxando, torcendo, enfiando a mão para dentro...

Então, veio um golpe que a acertou na têmpora. Ela ficou atordoada e o Presidente conseguiu se soltar e se atirou sangrando para dentro da cabine, fechando a porta.

O macaco conseguiu abrir a câmara — uma porta de vidro com pesadas dobradiças — e estava enfiando a mão lá dentro — lá estava o cacho de cabelos: seguro entre almofadas de borracha em um fecho de metal! Ainda mais coisas para desfazer; e a sra. Coulter estava lutando para se levantar, com as mãos trêmulas. Ela sacudiu a tela prateada com toda a sua força, olhando para cima, para a lâmina, os terminais faiscando, o homem lá dentro. O macaco estava desparafusando o fecho, e o Presidente, seu rosto uma máscara de sinistra exultação, estava juntando e torcendo fios.

Houve um clarão de luz intensa, o som de um estampido com a força de um coice — *Práac!* — e o corpo do macaco foi lançado para cima, voando alto no ar. Com ele foi uma pequena nuvem dourada: seriam os cabelos de Lyra? Seria seu próprio pelo? Fosse o que fosse, desapareceu voando imediatamente na escuridão. A mão da sra. Coulter tinha se contraído, apertando com tanta força que ficou agarrada à tela, deixando-a meio caída, meio pendurada, enquanto sua cabeça zumbia e seu coração batia disparado.

Mas alguma coisa havia acontecido com sua visão. Uma clareza terrível tinha se apoderado de seus olhos, uma capacidade de ver até os mais ínfimos detalhes que importavam no universo: preso a uma das almofadas do fecho na câmara ressonante havia um único fio de cabelo louro-dourado.

Ela deu um grito lancinante de angústia e sacudiu a cabine sem parar, tentando soltar o fio de cabelo com a pouca força que lhe restava. O Presidente passou as mãos no rosto, esfregando para afastar a água da chuva. Sua boca se mexeu como se estivesse falando, mas ela não conseguiu ouvir nem uma palavra. Ela tentou

arrancar a tela com violência, impotente, e depois arremessou todo o seu peso contra a máquina, no instante em que ele juntava dois fios criando uma fagulha. Em silêncio absoluto, a lâmina prateada brilhante desceu rapidamente.

Alguma coisa explodiu, em algum lugar, mas a sra. Coulter não tinha mais condições de sentir.

Surgiram mãos que a levantaram: as mãos de lorde Asriel. Não havia mais nada com que se surpreender; a nave da intenção estava atrás dele, equilibrada na encosta e em posição perfeitamente horizontal. Ele a tomou nos braços e a carregou até a nave, ignorando as rajadas de balas, os rolos de fumaça, os gritos de pavor e incompreensão.

— Ele está morto? A bomba explodiu? — ela conseguiu perguntar.

Lorde Asriel embarcou na nave sentando ao lado dela e a pantera branca também saltou para dentro, trazendo o macaco ainda atordoado na boca. Lorde Asriel assumiu os controles, e a nave mais uma vez saltou no ar. Com os olhos enevoados pela dor, a sra. Coulter olhou para a encosta da montanha abaixo. Havia homens correndo aqui e ali, como formigas; alguns jaziam mortos, enquanto outros se arrastavam com dificuldade pelas rochas; o enorme cabo da usina geradora que descia serpenteando em meio ao caos era a única coisa com uma meta definida à vista, seguindo em direção à bomba reluzente onde o corpo do Presidente jazia amassado dentro da cabine.

— Lorde Roke? — perguntou lorde Asriel.

— Morto — murmurou ela.

Ele apertou um botão e um lança-chamas jorrou em direção ao zepelim que sacudia e balançava. Um instante depois o aeróstato inteiro floresceu em uma rosa de fogo branco, engolindo a nave da intenção, que se manteve móvel e intacta dentro dela. Lorde Asriel manobrou a nave se afastando sem pressa, e eles observaram enquanto o zepelim em chamas caía devagar, calmamente sobre aquele cenário, bomba, cabo, soldados e tudo o mais, e tudo começou a desmoronar em uma confusão de fumaça e chamas, descendo pela encosta, ganhando velocidade e incinerando as árvores resinosas à medida que passava, até mergulhar nas águas brancas das cataratas, que em um redemoinho carregaram tudo para a escuridão.

Lorde Asriel mexeu nos controles de novo e a nave da intenção começou a se afastar rapidamente em direção ao norte. Mas a sra. Coulter não conseguia

despregar os olhos da cena; ficou olhando para trás durante muito tempo, contemplando o fogo com os olhos cheios de lágrimas, até que não passasse de uma linha vertical cor de laranja riscada na escuridão, coroada de fumaça e vapor, e depois mais nada.

26. O ABISMO

O sol deixou seu negrume e encontrou um mais fresco amanhecer,
e a alva lua se alegra no céu limpo da noite clara...
WILLIAM BLAKE

Estava escuro, um negrume envolvente, era uma pressão tão forte sobre os olhos de Lyra que ela quase sentia o peso dos milhares de toneladas de rocha acima deles. A única luz de que dispunham vinha da cauda luminosa da libélula de lady Salmakia, e mesmo essa estava começando a perder a força, pois os pobres insetos não tinham encontrado o que comer no mundo dos mortos, e a libélula do cavaleiro havia morrido pouco antes.

Assim, enquanto Tialys se sentava no ombro de Will, Lyra segurava a libélula da pequena dama nas mãos, e Salmakia a acalmava e falava baixinho com a criatura trêmula, alimentando-a primeiro com migalhas de biscoito e depois com seu próprio sangue. Se Lyra a tivesse visto fazer isso, teria oferecido o seu, uma vez que possuía maior quantidade; mas as forças que tinha estavam todas dedicadas a pôr um pé com firmeza diante do outro e evitar as partes mais baixas do rochedo acima.

A harpia Sem-Nome os conduzira pelo interior de um sistema de cavernas que os levaria, dizia ela, ao ponto mais próximo no mundo dos mortos a partir do qual poderiam abrir uma janela para um outro mundo. Atrás deles vinha a coluna interminável de espíritos. O túnel estava cheio de sussurros, pois os que vinham mais à frente encorajavam os que vinham atrás, enquanto os fortes de coração encorajavam os fracos, e os velhos davam esperança aos jovens.

— Ainda falta muito, Sem-Nome? — perguntou Lyra, baixinho. — A pobre libélula está morrendo e então, sua luz se apagará.

A harpia parou e se virou para dizer:

— Apenas venha atrás de mim. Se não puder enxergar, ouça. Se não puder ouvir, sinta.

Os olhos dela brilhavam ferozmente na escuridão. Lyra concordou com um movimento de cabeça e disse:

— Está bem, mas não estou tão forte como costumava ser e não sou corajosa, pelo

menos, não muito. Por favor, não pare. Eu vou seguir você, todos nós vamos. Por favor, continue, Sem-Nome.

A harpia se virou de volta para a frente e seguiu em frente, a luminescência da libélula estava ficando mais fraca a cada minuto e Lyra sabia que logo desapareceria completamente.

Mas enquanto cambaleava para seguir adiante, uma voz falou bem a seu lado — uma voz muito familiar.

— Lyra... Lyra, minha menina... — E ela se virou radiante.

— Sr. Scoresby! Ah, mas estou tão contente de ouvir sua voz! E é mesmo o senhor, pelo que estou vendo... Ah, mas eu queria tanto poder tocar no senhor!

À luz fraca, ela conseguiu distinguir o vulto esguio e o sorriso irônico do aeróstata texano, e sua mão se estendeu para a frente por vontade própria, em vão.

— Eu também, minha querida. Mas preciso que me ouça, eles estão armando alguma confusão lá fora e você é o alvo deles, não me pergunte como. Este é o menino com a faca?

Will estivera olhando para ele, ansioso para ver aquele velho companheiro de Lyra; mas, naquele instante, seus olhos passaram direto por Lee para olhar para o fantasma ao lado dele. Lyra viu imediatamente quem era e ficou maravilhada com aquela visão adulta de Will — o mesmo queixo pontudo, o mesmo jeito de levantar a cabeça.

Will ficou mudo, mas seu pai disse:

— Escute, não temos tempo para falar a respeito disso, apenas faça exatamente o que eu disser. Pegue a faca agora e encontre o lugar onde cortaram um cacho de cabelos de Lyra.

O tom de sua voz estava angustiado, aflito, e Will não perdeu tempo perguntando por quê. Lyra, os olhos arregalados de pavor, levantou a libélula com uma das mãos e apalpou os cabelos com a outra.

— Não — disse Will —, afaste sua mão, assim não consigo ver.

E sob a luz fraca ele conseguiu ver o ponto: pouco acima da têmpora, havia uma pequena mecha de cabelos que estava mais curta do que o resto.

— Quem fez isso? — perguntou Lyra. — E...

— Psiu, calada — disse Will, e perguntou ao fantasma do pai — O que devo fazer?

— Corte todo o cabelo dessa mecha mais curta, bem rente, raspando o couro cabeludo. Junte os fios de cabelo com muito cuidado, todos os fios. Não perca

nenhum. Então, abra outro mundo, qualquer um serve, e ponha o cabelo no outro mundo e feche a abertura. Faça isso agora, imediatamente.

A harpia estava observando, os fantasmas atrás deles se aglomeravam sem parar, chegando cada vez mais perto. Lyra podia ver as faces pálidas naquele restinho de luz. Assustada e confusa, ela ficou parada, mordendo o lábio, enquanto Will fazia o que seu pai tinha mandado, seu rosto bem perto da ponta da faca, sob a luz fraca da libélula. Ele cortou um pequeno espaço vazio na pedra de um outro mundo, colocou ali todos os pequenos fios de cabelos dourados e recolocou a pedra antes de fechar a janela.

E então, o solo começou a tremer. De algum lugar muito profundo veio o som de um rugido, rangendo, como se o centro da Terra inteiro estivesse girando sobre si mesmo, como uma vasta roda de azenha, e pequenos fragmentos de rocha começaram a cair do teto do túnel. O solo balançou bruscamente para um lado. Will agarrou o braço de Lyra e eles se seguraram um no outro enquanto a rocha sob seus pés começava a se mover e deslizar, e pedaços soltos de pedra passaram por eles despencando e arranhando suas pernas e pés...

As duas crianças, protegendo os galivespianos, se agacharam, cobrindo a cabeça com os braços; e então, em um horrível movimento deslizante, sentiram que estavam sendo carregados para baixo e para a esquerda, e se agarraram um no outro com muita força, muito assustados, sem fôlego e abalados demais até para gritar. Seus ouvidos estavam cheios do som do rugido de milhares de toneladas de rocha despencando e rolando para baixo junto com eles.

Finalmente o movimento parou, embora por toda parte as pedras menores ainda estivessem despencando e rolando por uma encosta que um minuto antes não estivera ali. Lyra estava caída sobre o braço esquerdo de Will. Com a mão direita ele procurou a faca: ainda estava em seu cinto.

— Tialys? Salmakia? — chamou Will com a voz trêmula.

— Estamos aqui, estamos vivos, os dois — respondeu a voz do cavaleiro ao lado da orelha dele.

A atmosfera estava carregada de poeira e do cheiro de cordite de rocha despedaçada. Era difícil respirar e impossível enxergar: a libélula estava morta.

— Sr. Scoresby? — chamou Lyra. — Não conseguimos ver nada... O que aconteceu?

— Estou aqui — respondeu Lee, bem perto. — Acho que a bomba explodiu e acho

que errou o alvo.

— Bomba? — exclamou Lyra assustada; mas em seguida chamou: — Roger, você está aí?

— Estou — veio o pequeno sussurro. — O sr. Parry, ele me salvou. Eu ia cair e ele me segurou.

— Olhem — disse o fantasma de John Parry. — Mas se segurem bem na rocha e não se movam.

A poeira estava baixando e de algum lugar vinha luz: uma luz trêmula, tênue, estranha e dourada, como uma chuva luminosa de névoa caindo por toda parte ao redor deles. Foi o bastante para incendiar o coração deles de medo, pois iluminava o que estava à esquerda deles, o lugar para onde ela caía — ou fluía, como um rio sobre a borda de uma cachoeira.

Era um vazio negro imenso, como uma fenda que descia para a escuridão mais profunda. A luz dourada fluía para dentro daquele estranho buraco e se apagava. Eles podiam ver o outro lado, mas ficava muito mais distante do que um ponto onde Will poderia ter atirado uma pedra. À direita, uma encosta de pedras de arestas irregulares, frouxa e precariamente equilibrada, se erguia alta nas sombras carregadas de poeira.

As crianças e seus companheiros estavam se agarrando ao que não era sequer uma protuberância na rocha — apenas uns afortunados pontos de apoio para as mãos e os pés —, na beira daquele abismo, e não havia outra saída, exceto seguir adiante, pela encosta, em meio às rochas despedaçadas e os rochedos precariamente equilibrados que, ao que parecia, o menor toque faria despencar direto para o abismo.

E atrás deles, à medida que a poeira assentava, mais e mais fantasmas olhavam com horror para o abismo. Estavam agachados na encosta, assustados demais até para se mexer. Só as harpias não demonstravam medo; tinham aberto as asas e voado alto, vasculhando a distância mais à frente e mais para trás, voando de volta para tranquilizar os que ainda estavam dentro do túnel, voando mais adiante para procurar uma saída.

Lyra verificou: pelo menos o aletiômetro estava em segurança. Controlando o medo, olhou ao redor, encontrou o rostinho de Roger e disse:

— Então, vamos lá, todos nós ainda estamos aqui e ninguém se machucou. E agora, pelo menos, podemos enxergar. Então, vamos tratar de ir andando, vamos em

frente. Não podemos seguir adiante por nenhum outro caminho, a não ser contornando toda a borda desse... — Ela apontou para o abismo. — Portanto, temos apenas que tratar de seguir em frente. Eu juro que Will e eu continuaremos indo até conseguirmos chegar ao outro lado. Não tenham medo, não desistam, não fiquem para trás. Digam aos outros. Não posso olhar para trás o tempo todo porque tenho que olhar com cuidado para onde estou indo, então, tenho que confiar em vocês e ter certeza de que nos seguirão e estarão bem atrás de nós, está bem?

O pequenino fantasma concordou. E assim, em um silêncio pasmo, a coluna de mortos começou sua jornada acompanhando a borda do abismo. Quanto tempo levaram, nem Lyra nem Will podiam calcular; como foi assustador e perigoso jamais puderam esquecer. A escuridão abaixo era tão profunda que parecia puxar o olhar para dentro dela e uma horrenda tonteira se apoderou da mente deles. Sempre que podiam, olhavam fixamente para a frente, para aquela pedra, aquele ponto de apoio, aquela protuberância, aquele monte de cascalho solto, e mantinham os olhos afastados da garganta; mas ela sugava, seduzia e eles não podiam deixar de olhar rapidamente para ela, e por isso sentiam o equilíbrio oscilar, o olhar perder a clareza e uma náusea terrível apertar a garganta.

De vez em quando, os vivos olhavam para trás e viam a fila infinita de mortos saindo serpenteando da fenda por onde tinham passado: mães apertando o rosto de seus bebês contra o peito, pais mais idosos andando pesada e lentamente, crianças pequenas agarradas às saias da pessoa na frente, meninos e meninas da idade de Roger se mantendo firmes e cuidadosos, eram tantos fantasmas... E todos seguindo Will e Lyra, como ainda esperavam, em direção ao ar livre.

Mas alguns não confiavam neles. Aglomeravam-se bem perto logo atrás deles, e as duas crianças sentiam suas mãos frias em seus corações e dentro de suas entranhas, e ouviam seus sussurros malvados:

— Onde fica o mundo superior? Quanto ainda falta?

— Estamos com medo aqui!

— Não deveríamos ter vindo, pelo menos lá no mundo dos mortos tínhamos um pouco de luz e alguma companhia, isto aqui é muito pior!

— Vocês fizeram uma coisa errada ao vir para nosso mundo! Deveriam ter ficado em seu próprio mundo e esperado para morrer antes de descerem para vir nos perturbar!

— Com que direito estão nos conduzindo? Vocês são apenas crianças! Quem lhes

deu autoridade para isso?

Will queria se virar e censurá-los abertamente, mas Lyra o segurou pelo braço; eles estavam infelizes e assustados, argumentou ela.

Então, lady Salmakia falou, e sua voz clara e calma foi muito além do grande vazio.

— Amigos, sejamos corajosos! Fiquem juntos e continuem avançando! O caminho é difícil, mas Lyra o encontrará. Sejam pacientes e não desanimem, nós os conduziremos para fora daqui, não tenham medo!

Lyra se sentiu mais forte ao ouvir aquelas palavras, e essa era a verdadeira intenção da pequena dama. E assim, prosseguiram na difícil caminhada, com penoso esforço.

— Will — chamou Lyra, depois de alguns minutos —, está ouvindo esse vento?

— Estou — respondeu Will. — Mas não estou *sentindo* vento nenhum. E vou lhe dizer uma coisa sobre esse buraco lá embaixo. É o mesmo tipo de coisa que vejo quando corto uma janela. O mesmo tipo de borda. Tem alguma coisa especial nesse tipo de borda, depois que você toca nela nunca mais esquece. E posso vê-la ali embaixo, bem no lugar onde a rocha despenca e some na escuridão. Mas aquele espaço grande ali, aquilo não é um outro mundo como todos os outros. É diferente. Não gosto dele. Gostaria de poder fechá-lo.

— Você não fechou todas as janelas que abriu.

— Não, não fechei algumas delas, porque não pude. Mas sei que *deveria ter fechado*. As coisas dão errado se elas são deixadas abertas. E uma grande como essa... — Ele fez um gesto para baixo, não querendo olhar. — Está errado. Alguma coisa ruim vai acontecer.

Enquanto os dois conversavam, uma outra conversa estivera se desenrolando a pouca distância de onde estavam: o cavaleiro Tialys estava falando em voz baixa com os fantasmas de Lee Scoresby e John Parry.

— Então, o que está dizendo, John? — perguntou Lee. — Está dizendo que *não* devemos sair para o ar livre? Amigo, cada uma das partículas em mim está louca para se unir de novo ao resto do universo dos vivos!

— Sim, e eu também — respondeu o pai de Will. — Mas creio que se aqueles de nós que estão habituados a combater pudessem resistir e ficar, poderíamos conseguir entrar na batalha combatendo ao lado de lorde Asriel. E se fizéssemos isso no momento certo, faria a maior diferença.

— Fantasmas? — questionou Tialys, tentando esconder o ceticismo em sua voz, mas sem conseguir. — Como poderiam lutar?

— Não poderíamos ferir seres vivos, isso é absolutamente verdade. Mas o exército de lorde Asriel vai combater outros tipos de seres também.

— Aqueles Espectros — observou Lee.

— Era exatamente nisso que eu estava pensando. Eles atacam os daemons, não é? E nossos daemons já se foram há muito tempo. Vale a pena tentar, Lee.

— Bem, estarei com você, meu amigo.

— E o senhor, cavaleiro — disse o fantasma de John Parry para Tialys. — Estive falando com os fantasmas de seu povo. Vai viver tempo suficiente para ver novamente o mundo, antes de morrer e voltar como fantasma?

— Isso é verdade, nossa vida é curta, se comparada com a de vocês. Tenho mais alguns dias de vida pela frente — respondeu Tialys — e lady Salmakia um pouco mais de tempo, talvez. Mas, graças ao que essas crianças estão fazendo, nosso exílio como fantasmas não será permanente. Tenho me orgulhado muito por ajudá-los.

Eles seguiram adiante. E aquela queda abominável bocejava o tempo todo e um pequeno escorregão, um passo em falso sobre uma pedra solta, um descuido ao segurar o ponto de apoio lançaria você lá para baixo, para todo o sempre, pensou Lyra, tão longe que você morreria de fome antes de jamais chegar ao fundo e então, seu pobre fantasma continuaria caindo e caindo dentro de uma garganta infinita, sem ninguém para ajudar, sem mãos que pudessem se estender para tirá-lo de lá, consciente para sempre e caindo para sempre...

Ah, aquilo seria muito pior que o mundo cinzento silencioso que estavam deixando para trás, não seria?

Então, uma coisa estranha aconteceu com sua mente. O pensamento sobre a queda induziu uma espécie de vertigem em Lyra e ela balançou. Will estava logo na sua frente, mas um pouco afastado para que ela pudesse estender a mão e tocá-lo, senão poderia ter segurado a mão dele; mas naquele momento ela estava mais consciente de Roger, e uma pequena centelha de vaidade se acendeu por um instante em seu coração. Certa vez, no telhado da Faculdade Jordan, tinha havido uma ocasião em que só para dar um susto nele ela tinha desafiado sua vertigem e caminhado sobre a beirada da calha de pedra.

Ela olhou para trás para recordá-lo daquilo naquele instante. Era a Lyra de Roger, cheia de graça e de ousadia; não precisava ir se arrastando como um inseto.

Mas a voz sussurrante do garotinho disse:

— Lyra, tenha *cuidado*... não se esqueça, você não está morta como a gente...

E pareceu acontecer tão lentamente, mas não houve nada que ela pudesse fazer: seu peso se deslocou, as pedras se moveram debaixo de seus pés e, sem conseguir se proteger, ela começou a escorregar. No primeiro momento foi irritante e, logo depois, foi cômico: ela pensou *mas que besteira!* Entretanto, à medida que ela de fato não conseguiu se segurar em coisa alguma, enquanto as pedras rolavam e despencavam abaixo dela, à medida que ia deslizando para baixo em direção à borda, ganhando velocidade, o horror da situação se apoderou dela com violência. Ela ia cair. Não havia nada para impedi-la. Era tarde demais.

Seu corpo foi sacudido por uma convulsão de terror. Ela nem se deu conta dos fantasmas que se atiraram no chão abaixo dela para tentar segurá-la, apenas para vê-la passar rapidamente através deles como uma pedra na neblina. Ela não sabia que Will estava gritando seu nome tão alto que o abismo ressoava, fazendo eco. Em vez disso, todo o seu ser era um vórtice que rugia de medo. Depressa, cada vez mais depressa, ela foi escorregando e rolando, caindo, caindo, e alguns fantasmas não puderam suportar ver aquilo: cobriram os olhos e gritaram alto.

Will estava eletrizado pelo medo. Ficou observando, tomado pela angústia, enquanto Lyra descia, escorregando, escorregando cada vez mais, sabendo que não podia fazer nada e sabendo que tinha que olhar. Tão incapaz de ouvir o gemido desesperado que saía de seus próprios lábios quanto ela. Mais dois segundos — mais um segundo — e ela estaria na borda, não conseguiria parar, estaria lá, estava caindo...

E, saindo da escuridão, em um movimento rápido e circular para baixo, surgiu aquela criatura cujas garras, não fazia muito tempo, tinham aberto talhos em seu couro cabeludo, a harpia Sem-Nome, com rosto de mulher, asas de pássaro; e aquelas mesmas garras se fecharam cerradas em torno do pulso da menina. Juntas elas continuaram o mergulho para baixo, o peso adicional quase demais para as asas fortes da harpia, mas elas bateram, e bateram, e bateram, e as garras seguraram firme e, devagar, pesadamente, devagar, pesadamente, a harpia veio carregando a criança para cima e para cima, tirando-a do abismo e a levando frouxa e desmaiada para os braços estendidos de Will.

Ele a abraçou com força, apertando-a contra o peito, sentindo o bater descontrolado do coração de Lyra contra suas costelas. Naquele instante, ela não era

Lyra e ele não era Will; ela não era uma menina e ele não era um menino. Eles eram os dois únicos seres humanos na vasta garganta da morte. Ficaram abraçados, agarrados um no outro, os fantasmas se agruparam ao redor, sussurrando palavras de consolo e abençoando a harpia. Os dois mais próximos eram o pai de Will e Lee Scoresby, e como desejaram poder abraçar Lyra também; e Tialys e Salmakia falaram com Sem-Nome, elogiando seu feito, chamando-a de a salvadora de todos, de a grande generosa, abençoando sua gentileza.

Tão logo Lyra conseguiu se mexer, ainda trêmula, estendeu os braços para a harpia e abraçou seu pescoço, beijando sem parar o rosto devastado. Ela não conseguia falar. Todas as palavras, toda a confiança, toda a vaidade tinham sido arrancadas dela.

Ficaram parados ali por alguns minutos. Depois que o terror começou a diminuir, começaram a caminhar novamente, Will segurando firme a mão de Lyra em sua mão boa, e seguiram com cuidado, verificando a firmeza do solo a cada passo, antes de pisar colocando um pouco de peso sobre ele, um processo tão lento e cansativo que pensaram que iriam morrer de fadiga, mas não podiam descansar, não podiam parar. Como poderia alguém descansar com aquela pavorosa garganta ali, logo abaixo?

E depois de mais uma hora de penosa caminhada, Will disse a Lyra:

— Olhe ali adiante. Acho que há uma saída...

Era verdade: a encosta estava se tornando menos íngreme e era possível até subir um pouco, subir e se afastar da beira. E adiante: aquilo não era uma concavidade na parede do penhasco? Poderia realmente ser uma saída?

Lyra olhou bem nos olhos fortes e brilhantes de Will e sorriu.

Continuaram a escalada difícil, usando os pés e as mãos, indo para cima, mais para cima, a cada passo se afastando do abismo. E à medida que iam subindo, descobriram que o solo ia ficando mais firme, os apoios para as mãos mais seguros, os pontos de apoio para os pés com menos probabilidade de rolar, e as chances de torcer seus tornozelos eram menores.

— Já devemos ter escalado um bom pedaço agora — disse Will. — Eu poderia fazer uma tentativa com a faca e ver o que encontro.

— Ainda não — disse a harpia. — Ainda falta um pedaço do caminho. Este é um lugar ruim para abrir. Tem um lugar melhor mais acima.

Eles prosseguiram em silêncio, mão, pé, peso para testar, impulso, mão, pé...

Estavam com os dedos esfolados, os joelhos e quadris tremendo de tanto esforço, a cabeça doía e zumbia de exaustão. Escalaram os últimos metros até a base do penhasco, onde uma passagem estreita seguia um pouco mais adiante para a sombra.

Lyra observou com os olhos doloridos enquanto Will tirava a faca e começava a procurar no ar vazio, tateando, puxando de volta, procurando, tateando de novo.

— Ah — disse ele.

— Você achou uma fenda?

— Acho que sim...

— Will — chamou o fantasma do pai dele —, pare um instante. Ouça o que vou dizer.

Will baixou a faca e se virou. Com todo aquele esforço, não tinha podido nem pensar em seu pai, mas era bom saber que ele estava ali. De repente ele se deu conta de que iam se separar pela última vez.

— O que vai acontecer quando o senhor sair? — perguntou Will. — Vai simplesmente desaparecer?

— Ainda não. O sr. Scoresby e eu temos uma ideia. Alguns de nós vão permanecer aqui por mais um tempo e precisaremos que nos deixe entrar no mundo de lorde Asriel, porque ele poderia precisar de nossa ajuda. Além disso — prosseguiu em tom sombrio, olhando para Lyra —, terão que seguir para lá também, se quiserem tornar a encontrar seus daemons. Porque foi para lá que eles foram.

— Mas, sr. Parry — disse Lyra —, como sabe que nossos daemons foram para o mundo de meu pai?

— Eu era um xamã quando estava vivo. Aprendi a ver coisas. Pergunte a seu aletiômetro, ele vai confirmar o que digo. Mas vocês precisam lembrar uma coisa a respeito de daemons — disse ele, e sua voz tinha um tom intenso e enfático. — O homem que conheceram como sr. Charles Latrom tinha que voltar periodicamente a seu próprio mundo; ele não podia viver permanentemente no meu. Os filósofos da Guilda da Torre degli Angeli, que viajaram entre os mundos durante trezentos anos ou mais, também descobriram isso, uma vez que a vida deles foi se enfraquecendo e se degradando.

"Depois houve o que aconteceu comigo. Eu era um soldado; era um oficial do Corpo de Fuzileiros da Marinha Real e deixei a carreira militar para ganhar a vida me tornando um explorador e guiando expedições; estava em excelente forma física

e era tão saudável quanto é possível a um ser humano. Então, saí do meu mundo totalmente por acaso e não consegui mais encontrar o caminho de volta. Eu fiz muitas coisas e aprendi realmente muito no mundo onde me encontrava, mas dez anos depois de ter chegado lá estava mortalmente doente.

"E este é o motivo de todas essas coisas: seu daemon só poderá viver plenamente sua vida no mundo em que nasceu. Em outro mundo ele acabará adoecendo e morrendo. Nós podemos viajar, se houver aberturas, para outros mundos, mas só podemos viver em nosso próprio mundo. O grande empreendimento de lorde Asriel fracassará no final pelo mesmo motivo: temos que construir a república do céu no lugar onde estamos, porque para nós não há outro lugar.

"Will, meu filho, você e Lyra podem sair agora, para descansar um pouco; estão precisando e merecem isso; mas depois devem voltar aqui para a escuridão comigo e com o sr. Scoresby para uma última jornada."

Will e Lyra se olharam. Então, ele cortou uma janela e foi a coisa mais bonita que eles jamais tinham visto.

O ar noturno encheu seus pulmões, fresco, limpo e leve; os olhos deles se banquetearam com o dossel de estrelas brilhantes e com o brilho da água em algum lugar mais abaixo, e havia bosques de árvores imensas, altas como castelos, salpicando a vastidão da savana.

Will aumentou a janela tanto quanto pôde, andando na relva para a esquerda e para a direita, para que ficasse grande o bastante para que seis, sete, oito pudessem passar através dela andando lado a lado, saindo da terra dos mortos.

Os primeiros fantasmas tremeram de esperança e o entusiasmo foi se propagando, como uma ondulação sobre a água, percorrendo a longa fileira atrás deles, tanto crianças pequenas como pais idosos olhando para o alto e para a frente radiantes e maravilhados, enquanto as primeiras estrelas que viam em séculos brilhavam com esplendor, através da janela, para seus pobres olhos famintos.

O primeiro fantasma a deixar o mundo dos mortos foi Roger. Ele deu um passo à frente, se virou para trás para olhar para Lyra, então, deu uma risada de surpresa quando voltou a olhar para a noite, para a luz das estrelas, para o ar... e depois desapareceu, deixando atrás de si uma pequenina explosão de felicidade tão vívida que Will se lembrou das borbulhas em uma taça de champanhe.

Os outros fantasmas o seguiram, e Will e Lyra caíram exaustos na relva carregada de orvalho, cada nervo em seus corpos abençoando o cheiro agradável e aromático

da terra fértil, o ar noturno, as estrelas.

27. A PLATAFORMA

Sim, em meio à ramagem, minh'alma plana;
lá, como um pássaro, e canta,
depois afia e penteia suas asas de prata...
ANDREW MARVELL

Assim que os mulefas começaram a construir a plataforma para Mary, trabalharam rápido e bem. Ela gostava de ficar observando, porque podiam discutir sem brigar e cooperar sem atrapalhar uns aos outros, e porque as técnicas que usavam para rachar, cortar e encaixar a madeira eram muito elegantes e eficientes.

Em dois dias, a plataforma de observação foi projetada, construída e alçada para a posição determinada. Era firme, espaçosa e confortável, e depois que ela subiu para lá se sentiu feliz de uma maneira singular, como jamais havia se sentido. A singularidade da sensação era a parte física. Em meio ao denso verde do dossel das árvores, com o azul intenso do céu entre as folhas; com uma brisa mantendo sua pele fresca, e o perfume suave das flores deliciando-a sempre que o sentia; com o farfalhar das folhas, o canto das centenas de pássaros e o murmúrio distante das ondas na beira do mar, todos os seus sentidos estavam sossegados, nutridos e satisfeitos, e se ela tivesse podido parar de pensar, teria sido totalmente envolvida pelo êxtase.

Mas, é claro, era para pensar que estava ali.

E quando olhou pela luneta e viu a flutuação constante do sraf, das partículas de Sombra, para longe da terra, lhe pareceu que a felicidade, a vida e a esperança também estavam flutuando para longe junto com elas. E Mary não conseguia encontrar nenhuma explicação.

Trezentos anos, os mulefas tinham dito: já fazia esse tempo todo que as árvores vinham ficando debilitadas. Dado o fato de que as partículas de Sombra passavam igualmente através de todos os mundos, presumivelmente a mesma coisa também estava acontecendo no universo de Mary e em todos os outros. Trezentos anos atrás a Real Sociedade havia sido criada: a primeira verdadeira sociedade científica em seu mundo. Quando Newton estivera fazendo suas descobertas sobre a óptica e a

gravitação.

Trezentos anos antes, no mundo de Lyra, alguém havia inventado o aletiômetro.

Na mesma época, naquele estranho mundo por onde havia passado para chegar até ali, a faca sutil fora criada.

Ela se deitou nas tábuas de madeira, sentindo a plataforma se mover em um ritmo muito suave, muito lento, à medida que a árvore imensa balançava sob a brisa do mar. Levando a luneta ao olho, ela observou a imensa quantidade de minúsculas centelhas flutuar em meio às folhas, passando pelas bocas abertas das flores, em meio às ramagens maciças, movendo-se contra o vento, em uma correnteza lenta e deliberada que parecia quase consciente.

O que havia acontecido trezentos anos atrás? Seria isso a causa da correnteza de Pó, ou seria exatamente o contrário? Ou será que ambas as coisas eram resultado de uma causa totalmente diferente? Ou será que simplesmente não havia nenhuma ligação?

A flutuação era hipnótica. Como seria fácil cair em um transe e deixar sua mente vagar para longe junto com as partículas que fluíam flutuando...

Antes que ela se desse conta do que estava fazendo e por que seu corpo estava calmo, isso foi exatamente o que aconteceu. Ela de repente despertou de estalo e descobriu que estava fora de seu corpo e entrou em pânico.

Estava um pouco acima da plataforma e alguns centímetros fora dela, em meio aos galhos. E alguma coisa tinha acontecido com o vento de Pó: em vez daquela flutuação lenta, ele estava correndo como as águas de um rio em uma enchente. Teria ganhado velocidade ou será que o tempo estava se movendo de maneira diferente para ela, agora que estava fora de seu corpo? Qualquer que fosse a resposta, ela teve consciência do mais terrível dos perigos, pois a enchente era imensa e ameaçava arrastar Mary para longe dali. Ela abriu os braços para se agarrar a qualquer coisa sólida — mas não tinha braços. Não conseguiu tocar em nada. Agora estava quase em cima daquela queda abominável e seu corpo estava cada vez mais distante e fora de alcance, adormecido de forma tão egoísta abaixo dela. Tentou gritar e despertar: nem um som. O corpo continuou dormindo, e o eu que observava estava sendo levado embora para muito longe do dossel das folhas e para o céu aberto.

E, por mais que ela lutasse, não conseguia oferecer nenhuma resistência. A força que a carregava era serena e poderosa como água jorrando sobre uma comporta: as

partículas de Pó estavam fluindo junto, como se elas também estivessem jorrando sobre algum penhasco invisível.

E estava cada vez mais longe de seu corpo.

Ela lançou uma corda de salvação mental para aquele eu físico e tentou se lembrar da sensação de estar dentro dele: todas as sensações que consistiam em estar viva. Exatamente como era o toque da tromba, de ponta macia, de sua amiga Atal acariciando seu pescoço. O sabor de bacon com ovos. O esforço triunfante em seus músculos quando ela se impulsionava, subindo uma parede de rocha. A dança delicada de seus dedos no teclado de um computador. O cheiro de café sendo torrado. O calor de sua cama em uma noite de inverno.

E, gradualmente, ela parou de se mover; a corda de salvação se manteve firme e ela sentiu o peso e a força da correnteza empurrando na direção oposta, enquanto se mantinha parada ali no céu.

E então, aconteceu uma coisa estranha. Pouco a pouco (à medida que ela reforçava aquelas memórias de sentidos, acrescentando outras: o sabor de uma margarita com gelo picado, que havia tomado na Califórnia, estar sentada debaixo dos limoeiros no pátio de um restaurante em Lisboa, limpar o gelo do para-brisa de seu carro), ela sentiu o vento de Pó amainar. A pressão estava diminuindo.

Mas só sobre *ela*: por toda parte ao redor, acima e abaixo, a grande enchente corria forte como nunca. De alguma forma havia um pequeno retalho de quietude em torno dela, onde as partículas estavam resistindo ao fluxo.

Elas *eram* conscientes! Tinham sentido sua ansiedade e respondido a ela. E por isso começaram a levar Mary de volta para seu corpo abandonado, e quando estava perto o suficiente para vê-lo de novo, tão pesado, tão seguro, um soluço silencioso sacudiu seu coração.

E então, ela mergulhou de volta em seu corpo e despertou.

Respirou fundo sentindo que estava tremendo. Pressionou as mãos e as pernas contra as pranchas ásperas de madeira da plataforma e, um minuto antes quase tendo enlouquecido de medo, naquele instante se sentiu de novo tomada por uma profunda e lenta sensação de êxtase por estar de novo unida a seu corpo, à terra e a tudo o que importava.

Finalmente se sentou e tentou avaliar a situação. Seus dedos encontraram a luneta e ela a levou ao olho, apoiando a mão trêmula com a outra. Não havia dúvida de que o fluxo lento de flutuação em toda a amplitude do céu estava agora mais

forte, virando uma enchente. Não havia nada para ouvir e nada para sentir, e, sem a luneta, nada para ver, mas mesmo depois que tirou a luneta do olho aquela sensação de inundação rápida permaneceu vívida, junto com uma outra coisa em que não havia reparado devido ao terror de estar fora de seu corpo: o profundo e impotente pesar que se espalhava pelo ar.

As partículas de Sombra sabiam o que estava acontecendo e estavam tristes.

E ela própria era parcialmente matéria de Sombra. Parte dela estava sujeita àquela maré que se movia através do cosmos. Como também estavam os mulefas e os seres humanos em todos os mundos e todos os tipos de seres conscientes, onde quer que estivessem.

E, a menos que descobrisse o que estava acontecendo, eles poderiam todos acabar fluindo, assim como as partículas de Sombra, rumo ao total apagamento, todos eles.

De repente, ela desejou ardentemente estar em terra de novo. Guardou a luneta no bolso e começou a longa escalada para descer até o solo.

O padre Gomez atravessou a janela quando a luz do entardecer se tornava mais oblíqua e suave. Viu os grandes grupos de árvores-das-rodas e as estradas serpenteando através da pradaria, exatamente como Mary tinha visto, do mesmo lugar, algum tempo antes. Mas o ar estava limpo, sem névoa, pois havia chovido um pouco antes e ele podia ver mais longe do que ela tinha visto; em particular, ele pôde ver o cintilar de um mar distante e algumas formas brancas, que poderiam ser velas, em movimento.

Levantou a mochila mais alto nos ombros e seguiu na direção delas para ver o que poderia descobrir. Era agradável caminhar na calma do lento entardecer naquela estrada lisa, com o som de alguns animais semelhantes a cigarras cantando na relva alta e com o sol suave em seu rosto. O ar estava fresco e agradavelmente perfumado, completamente limpo dos vapores imundos de nafta, querosene, ou seja lá o que fosse, que tinham pairado tão pesadamente na atmosfera de um dos mundos por onde ele havia passado: o mundo ao qual seu alvo, a tentadora em pessoa, pertencia.

Ao pôr do sol, ele chegou a uma pequena faixa de terra que se projetava à beira de uma baía de águas rasas; a maré estava alta e só havia uma tira estreita de areia macia e branca acima da linha da água.

E, flutuando nas águas calmas da baía, havia uma dúzia ou mais... o padre Gomez teve que parar e pensar com cuidado. Uma dúzia ou mais de enormes pássaros

brancos como neve, cada um do tamanho de um barco a remo, com longas asas retas que se arrastavam na água deixando uma esteira atrás deles: asas muito longas, com 1,80 metro ou mais de comprimento. *Seriam* realmente pássaros? Tinham penas, e as cabeças e bicos não eram muito diferentes das de cisnes, mas aquelas asas ficavam situadas uma na frente da outra, certamente...

De repente, eles o avistaram. Cabeças se viraram bruscamente e, de imediato, todas aquelas asas se levantaram bem alto, exatamente como as velas de um iate, e todas elas se inclinaram para receber o impulso da brisa, rumando para a terra.

O padre Gomez ficou impressionado com a beleza daquelas asas-velas, com a maneira como os seres as flexionavam e como elas se ajustavam tão perfeitamente e com a rapidez dos pássaros. Então ele viu que também estavam remando: tinham pernas debaixo d'água, situadas não na frente e atrás como as asas, mas lado a lado, e, com as asas e as pernas se movendo juntas, tinham uma extraordinária velocidade e graça de movimento na água.

Quando o primeiro chegou à costa, veio andando pesadamente pela areia seca, diretamente para o padre. Estava sibilando cheio de maldade, estocando com a cabeça para a frente, como um punhal, enquanto vinha bamboleando, subindo pela praia, e o bico abocanhava e estalava. Agora o padre podia ver que o bico também tinha dentes, como uma série de ganchos afiados encurvados.

O padre Gomez estava a cerca de noventa metros da beira da água, em um longo promontório coberto de relva, e teve tempo de sobra para botar a mochila no chão, tirar o rifle, carregá-lo e atirar.

A cabeça do pássaro explodiu em uma neblina de vermelho-e-branco e a criatura morta continuou andando desajeitadamente, dando vários passos, antes de tombar sobre o próprio peito. Ainda levou um minuto ou mais para morrer; as pernas chutavam, as asas subiam e desciam e o grande pássaro se debateu, dando volta após volta, em um círculo sangrento, chutando para o alto a relva áspera, até que uma longa expiração borbulhante saiu de seus pulmões e acabou com um gorgolejante jorro vermelho, e ele tombou imóvel.

Os outros pássaros tinham parado assim que o primeiro caiu e ficaram imóveis, observando o pássaro ferido e observando o homem também. Havia uma inteligência rápida e feroz nos olhos deles. Olhavam do homem para o pássaro morto e daí para o rifle, e do rifle para o rosto dele.

Ele levantou o rifle e o levou ao ombro de novo e os viu reagir, se movendo para

trás desajeitadamente, se juntando em um grupo. Eles tinham compreendido.

Eram seres belos e fortes, grandes e de costas largas; na verdade, eram como barcos vivos. Se sabiam o que era a morte, pensou o padre Gomez, e se podiam compreender a ligação entre a morte e ele, então havia a base para um acordo útil entre eles. Depois que tivessem realmente aprendido a ter medo dele, fariam exatamente o que ele mandasse.

28. MEIA-NOITE

Inúmeras vezes
Me senti semiapaixonado pela indulgência da morte
JOHN KEATS

— Marisa, acorde. Estamos quase pousando — disse lorde Asriel.

Um dia tempestuoso estava raiando sobre a fortaleza de basalto quando a nave da intenção chegou, vinda do sul. Dolorida e desgostosa, a sra. Coulter abriu os olhos; não estivera dormindo. Viu o anjo Xaphania planando acima do campo de pouso e depois se elevando e seguindo para a torre enquanto a nave da intenção seguia para a plataforma atrás das trincheiras.

Assim que a nave pousou, lorde Asriel saltou rapidamente e correu para se juntar ao rei Ogunwe na torre de observação a oeste, ignorando por completo a sra. Coulter. Os técnicos que vieram imediatamente cuidar da aeronave também não lhe deram nenhuma atenção; ninguém lhe fez perguntas sobre a perda da aeronave que ela havia roubado; era como se ela tivesse se tornado invisível. Dominada pela tristeza, ela seguiu para os aposentos na torre adamantina, onde um ordenança se ofereceu para lhe trazer algo para comer e café.

— Qualquer coisa serve — disse ela. — E obrigada. Ah, a propósito — prosseguiu, quando o homem se virava para ir embora —, o aletiometrista de lorde Asriel, o sr...

— Sr. Basilides?

— Sim. Ele estaria livre para vir até aqui um instante?

— Está trabalhando com seus livros, no momento, madame. Pedirei a ele que venha até aqui quando puder.

Ela se lavou e se trocou, vestindo a única camisa limpa que lhe restava. O vento frio que sacudia as janelas e a luz cinzenta da manhã a fizeram tiritar. Colocou mais carvão no braseiro, na esperança de que aquilo a fizesse parar de tremer, mas o frio estava em seus ossos, não só na carne.

Dez minutos depois, houve uma batida à porta. O aletiometrista, pálido, de olhos escuros, com seu daemon rouxinol pousado no ombro, entrou e fez uma pequena reverência. Um momento depois o ordenança voltou trazendo uma bandeja com

pão, queijo e café, e a sra. Coulter disse:

— Muito obrigada por ter vindo, sr. Basilides. Posso lhe oferecer alguma coisa?

— Aceito um café, obrigado.

— Por favor, me diga — pediu ela, depois de servir a bebida —, pois tenho certeza que tem estado acompanhando o que aconteceu: minha filha está viva?

Ele hesitou. O macaco dourado agarrou o braço da sra. Coulter.

— Ela está viva — disse Basilides cautelosamente —, mas também...

— Está? Ah, por favor, o que está querendo dizer?

— Ela está no mundo dos mortos. Durante algum tempo não consegui interpretar o que o instrumento estava me dizendo: parecia impossível. Mas não há dúvida. Ela e o menino foram para o mundo dos mortos e abriram uma passagem para os espíritos saírem. Tão logo os mortos chegam ao ar livre, eles se dissolvem como fizeram seus daemons e parece que este é o fim mais agradável e desejável para eles. E o aletiômetro me diz que a menina fez isso porque ela ouviu uma profecia de que a morte chegaria ao fim, e achou que esta era uma tarefa que deveria realizar. Em resultado disso, agora existe uma saída do mundo dos mortos.

A sra. Coulter não conseguia falar. Teve que se virar e ir até a janela e esconder a emoção em seu rosto. Finalmente disse:

— E ela sairá viva de lá? Mas não, eu sei que o senhor não pode prever. Ela está... como está ela?... Ela...

— Ela está sofrendo, sentindo dor, está com medo. Mas tem a companhia do menino e dos dois espiões galivespianos, e todos ainda estão juntos.

— E a bomba?

— A bomba não a feriu.

A sra. Coulter se sentiu exausta, de repente. Não queria mais nada além de deitar e dormir durante meses, durante anos. Lá fora, a corda da bandeira no mastro estalou e se sacudiu fazendo um barulho alto sob o vento, e as gralhas grasnaram enquanto voavam em círculos ao redor das fortificações.

— Muito obrigada, senhor — disse ela, olhando novamente para o leitor. — Estou muito agradecida. Por favor, poderia me avisar se descobrir mais alguma coisa a respeito dela, ou de onde ela está, ou o que está fazendo?

O homem a cumprimentou e se retirou. A sra. Coulter foi se deitar na cama de campanha, mas, por mais que tentasse, não conseguiu manter os olhos fechados.

— O que acha daquilo, rei? — perguntou lorde Asriel.

Ele estava olhando pelo telescópio da torre de observação para alguma coisa no céu a oeste. Tinha a aparência de uma montanha pendurada no céu, um palmo acima do horizonte e coberta por nuvens. Estava a uma grande distância, tão longe, na verdade, que não parecia maior que um dedo afastado ao longo de um braço estendido. Mas não estava ali há muito tempo, e se mantinha parada, absolutamente imóvel.

O telescópio trouxe-a para mais perto, mas não havia maiores detalhes: uma nuvem ainda tem a aparência de uma nuvem, por maior que seja.

— A Montanha Nublada — respondeu Ogunwe. — Ou, como é que chamam? A Carruagem?

— Com o Regente controlando as rédeas. Ele se escondeu bem, esse Metatron. Falam a respeito dele nas escrituras apócrifas: que um dia foi homem, um homem chamado Enoque, o filho de Jared, seis gerações depois de Adão. E agora ele governa o reino. E está pretendendo fazer mais do que isso, se aquele anjo encontrado na beira do lago de enxofre estava certo, aquele que conseguiu entrar na Montanha Nublada para espionar. Se ele vencer esta batalha, pretende intervir diretamente na vida humana. Imagine isso, Ogunwe, uma Inquisição permanente, pior que qualquer coisa com que o Tribunal Consistorial de Disciplina pudesse sonhar, composta de espiões e traidores em todos os mundos, e dirigida, pessoalmente, pela inteligência que está mantendo aquela montanha nas alturas... A velha Autoridade pelo menos teve a graça de se retirar; o trabalho sujo de queimar hereges e enforcar feiticeiras foi deixado para os padres. Esta nova Inquisição será, de longe, muito pior.

— Bem, ele começou com a invasão da república — comentou Ogunwe. — Olhe, aquilo é fumaça?

Um fluxo flutuante cinzento estava saindo da Montanha Nublada, uma mancha que se espalhava lentamente contra o céu azul. Mas não era fumaça: estava fluindo na direção *oposta* à do vento que soprava as nuvens com violência.

O rei levou o binóculo até os olhos e viu o que era.

— Anjos — disse.

Lorde Asriel se afastou do telescópio e se levantou, a mão protegendo os olhos do sol. Às centenas e depois aos milhares, e dezenas de milhares, até que metade daquela parte do céu estivesse escurecida, as silhuetas minúsculas voavam e

voavam, e continuavam vindo. Lorde Asriel tinha visto a força de bandos de bilhões de estorninhos azuis, que voavam em círculos, ao pôr do sol, ao redor do palácio do imperador K'ang-Po, mas nunca tinha visto uma multidão tão vasta em toda a sua vida. Os seres voadores se reuniram e então se dividiram, se movendo lentamente, bem lentamente, para o norte e para o sul.

— Ah! E o que é aquilo? — perguntou lorde Asriel, apontando. — Aquilo não é o vento.

A nuvem estava rodopiando para o flanco sul da montanha e longos estandartes esgarçados de vapor jorravam para fora sob os ventos fortes. Mas lorde Asriel estava certo: o movimento estava vindo de dentro, não do ar do lado de fora. A nuvem se turvou e se retorceu, estremeceu, e então, se abriu por um segundo.

Havia mais que uma montanha ali, mas eles só viram por um instante; logo a nuvem rodopiou de volta, como se puxada sobre a montanha por uma mão invisível, para escondê-la novamente.

O rei Ogunwe abaixou o binóculo.

— Aquilo não é uma montanha — declarou. — Vi plataformas para canhões...

— Eu também. Toda uma complexidade de coisas. Será que ele pode ver o que está do lado de fora através da nuvem? Eu gostaria de saber. Em certos mundos eles têm máquinas para fazer isso. Mas, quanto a seu exército, se esses anjos são tudo o que eles têm...

O rei soltou uma breve exclamação, em parte de espanto, em parte de desespero. Lorde Asriel se virou e agarrou o braço dele, apertando os dedos com uma força que quase fez doer até o osso.

— Eles não têm *isso*! — afirmou ele, e sacudiu violentamente o braço de Ogunwe. — Eles não têm *carne*!

Ele colocou a mão sobre a face áspera do amigo.

— Por mais que sejamos poucos — prosseguiu —, e por mais curta que seja nossa vida, por mais fraca que seja nossa vista, por mais frágil que seja nossa pele, em comparação com eles, ainda somos mais *fortes*. Eles nos *invejam*, Ogunwe! É isso que alimenta o ódio deles, tenho certeza. Eles queriam ter nossos corpos preciosos, tão sólidos e poderosos, tão bem adaptados à boa terra! E se os *golpearmos* com força e determinação, podemos varrer para longe, rápida e completamente, essas forças infinitas com a mesma facilidade com que se pode enfiar a mão na névoa. A força deles se limita a isso!

— Asriel, eles têm aliados de mil mundos, seres vivos como nós.

— Nós venceremos.

— E suponhamos que ele tenha mandado esses anjos para procurar sua filha.

— Minha filha! — exclamou lorde Asriel, exultante. — Não é extraordinário trazer ao mundo uma criança como ela? Você imaginaria que teria sido suficiente ir sozinha procurar o rei dos ursos de armadura e passá-lo para trás, lhe tomando seu reino, mas descer ao mundo dos mortos e calmamente conduzir todos eles para fora! E aquele menino; eu quero conhecer aquele menino; quero apertar a mão dele. Por acaso sabíamos o que estávamos enfrentando quando começamos esta rebelião? Não. Mas será que *eles* sabiam, a Autoridade e seu Regente, esse Metatron, será que sabiam o que estariam enfrentando quando minha filha foi envolvida?

— Lorde Asriel — disse o rei —, o senhor compreende a importância que ela tem para o futuro?

— Francamente, não. É por isso que quero ver Basilides. Para onde ele foi?

— Foi ver a sra. Coulter. Mas o homem está exausto; não pode fazer mais nada enquanto não descansar.

— Deveria ter descansado antes. Mande chamá-lo, por favor. Ah, mais uma coisa: por favor, peça à madame Oxentiel para vir até a torre assim que for conveniente. Preciso apresentar minhas condolências a ela.

Madame Oxentiel era a comandante substituta dos galivespianos. Agora ela teria que assumir as responsabilidades de lorde Roke. O rei Ogunwe fez uma reverência e deixou seu comandante vasculhando o horizonte cinzento.

Durante todo aquele dia o exército se reuniu e se preparou. Anjos da força militar de lorde Asriel voaram alto sobre a Montanha Nublada, procurando uma brecha, mas sem sucesso. Nada mudou; não apareceram mais anjos voando para dentro ou para fora; os ventos fortíssimos rasgavam as nuvens e as nuvens se renovavam sem descanso, sem se abrir nem por um segundo. O sol atravessou o céu azul frio e, então, começou a descer a sudoeste, dourando as nuvens e tingindo o vapor ao redor da montanha de todos os matizes de creme e escarlate, de damasco e tangerina. Quando o sol se pôs, as nuvens reluziram suavemente iluminadas por dentro.

Os combatentes de todos os mundos onde a rebelião de lorde Asriel tinha aliados agora estavam em posição; mecânicos e artífices estavam pondo combustível nas aeronaves, carregando armas e calibrando visores de mira e medidas. Quando a

noite chegou, alguns reforços bem-vindos também vieram: as patas ligeiras se movendo silenciosamente sobre o solo gelado do norte, foram chegando separadamente, um por um, diversos ursos de armadura — estavam em grande número, muitos ursos e, entre eles, vinha seu rei. Não muito depois, chegou o primeiro de vários clãs de feiticeiras, o som de ar passando através dos galhos de seus pinheiros nubígenos sussurrando no céu escuro durante muito tempo.

Ao longo da planície ao sul da fortaleza, milhares de luzes brilhavam, marcando os acampamentos daqueles que tinham chegado vindos de muito longe. Mais além, em todos os quatro cantos da bússola, esquadrilhas de anjos espiões voavam incansavelmente montando guarda.

À meia-noite, na torre adamantina, lorde Asriel estava sentado discutindo planos com o rei Ogunwe, o anjo Xaphania, madame Oxentiel, a galivespiana, e Teukros Basilides. O aletiometrista tinha acabado de falar, e lorde Asriel se levantou, atravessou o aposento indo até a janela e olhou para fora para o brilho distante da Montanha Nublada pairando no céu a oeste. Os outros estavam em silêncio; tinham acabado de ouvir algo que fizera lorde Asriel empalidecer e tremer, e nenhum deles sabia exatamente como reagir.

Afinal, lorde Asriel se pronunciou.

— Sr. Basilides — disse —, deve estar muito cansado. Estou muito grato por todos os seus esforços. Por favor, beba um pouco de vinho conosco.

— Muito obrigado, senhor.

As mãos dele estavam tremendo. O rei Ogunwe serviu o Tokay dourado e passou a ele a taça.

— O que isto significará, lorde Asriel? — perguntou a voz pequena, mas clara de madame Oxentiel.

Lorde Asriel voltou para a mesa.

— Bem — disse ele —, significará que quando entrarmos em combate teremos um novo objetivo. Minha filha e esse menino de alguma forma se separaram de seus daemons e conseguiram sobreviver; e seus daemons estão em algum lugar aqui neste mundo, corrija-me se estiver resumindo erradamente, sr. Basilides, seus daemons estão aqui neste mundo e Metatron quer capturá-los. Se ele capturar os daemons, as crianças terão que segui-lo; e se ele puder controlar essas duas crianças, o futuro será dele, para sempre. Nossa missão é muito clara: temos que encontrar os

daemons antes que ele o faça e mantê-los em segurança até que a menina e o menino voltem e se juntem a eles.

A líder galivespiana perguntou:

— Que forma eles têm, esses dois daemons perdidos?

— Ainda não têm forma fixa, madame — respondeu Teukros Basilides. — Poderiam ter qualquer forma.

— Portanto — prosseguiu lorde Asriel —, para resumir: todos nós, nossa república, o futuro de todos os seres conscientes, todos nós dependemos de minha filha continuar viva e de impedir que seu daemon e o do menino caiam nas mãos de Metatron?

— Exatamente.

Lorde Asriel suspirou, quase que com satisfação; era como se ele tivesse chegado ao fim de um longo e complexo cálculo, e tivesse encontrado uma resposta que fazia um sentido bastante inesperado.

— Muito bem — declarou, pondo as mãos espalmadas sobre a mesa. — Então, isto é o que vamos fazer quando a batalha começar. Rei Ogunwe, o senhor assumirá o comando de todos os exércitos defendendo a fortaleza. Madame Oxentiel, a senhora deverá mandar seu povo sair imediatamente e conduzir buscas em todas as direções para encontrar a menina e o menino, e os dois daemons. Quando os encontrarem, devem defendê-los com suas vidas até que tornem a se reunir. Nesse momento, pelo que compreendi, o menino poderá escapar para um outro mundo e ficar em segurança.

A dama assentiu. Seus cabelos duros, prateados, refletiram a luz da lamparina brilhando como aço inoxidável, e o falcão azul que ela tinha herdado de lorde Roke abriu as asas rapidamente na arandela junto à porta.

— Agora, Xaphania — disse lorde Asriel. — O que sabe a respeito desse Metatron? Ele outrora foi um homem: ainda tem a força física de um ser humano?

— Ele alcançou a proeminência muito depois do meu exílio — respondeu o anjo. — Nunca o vi de perto. Mas não teria sido capaz de dominar o reino a menos que fosse, realmente, muito, muito forte, forte em todos os sentidos. A maioria dos anjos evitaria o combate corpo a corpo. Metatron apreciaria o combate e venceria.

Ogunwe percebeu que lorde Asriel acabara de ter uma ideia. Sua atenção de repente se retraiu, seus olhos perderam o foco por um instante e rapidamente voltaram a se concentrar na discussão em curso com uma carga adicional de

intensidade.

— Compreendo — disse ele. — Finalmente, Xaphania, o sr. Basilides nos disse que a bomba deles não somente abriu um abismo abaixo dos mundos, como também fraturou a estrutura das coisas tão profundamente que há fissuras e rachaduras por toda parte. Em algum lugar aqui nas vizinhanças deve haver um caminho de descida até a borda desse abismo. Quero que o encontre.

— O que pretende fazer? — perguntou o rei Ogunwe asperamente.

— Vou destruir Metatron. Mas minha participação está quase encerrada. É minha filha que tem que viver e é nossa missão manter todas as forças do reino longe dela para que tenha uma chance de encontrar o caminho para um mundo mais seguro, ela, o menino e seus dois daemons.

— E a sra. Coulter? — perguntou o rei. Lorde Asriel passou a mão na testa.

— Prefiro que não seja incomodada — declarou. — Vamos deixar que fique em paz e, se for possível, em segurança. Embora... Talvez eu esteja cometendo uma injustiça contra ela. Não importa o que tenha feito, ela nunca deixou de me surpreender. Mas todos nós sabemos o que *nós* devemos fazer e por que temos que fazer: temos que proteger Lyra até ela encontrar seu daemon e fugir. O único objetivo da nossa república é ajudar Lyra a fazer isso. Bem, vamos fazer o melhor que pudermos.

A sra. Coulter estava deitada na cama de lorde Asriel no quarto ao lado. Ao ouvir vozes no aposento vizinho, ela despertou, pois não estava profundamente adormecida. Acordou de seu sono agitado se sentindo aflita e ansiosa.

Seu daemon sentou a seu lado, mas ela não queria se aproximar da porta; era simplesmente o som da voz de lorde Asriel que queria ouvir, mais do que quaisquer palavras em particular. Acreditava que estavam ambos condenados. Acreditava que todos eles estivessem condenados.

Finalmente ela ouviu a porta se fechar no outro aposento e se esforçou para se pôr de pé.

— Asriel — chamou, passando pela porta e entrando no gabinete iluminado pela luz cálida de nafta.

O daemon dele rosnou baixinho: o macaco dourado abaixou a cabeça em um sinal de paz, buscando uma conciliação. Lorde Asriel estava enrolando um grande mapa e não se virou.

— Asriel, o que vai acontecer agora? — perguntou ela, se sentando em uma cadeira.

Ele apertou a base das mãos nos olhos. Seu rosto estava muito abatido pelo cansaço. Sentou e descansou um cotovelo sobre a mesa. Seus daemons estavam muito quietos: o macaco agachado no encosto da cadeira, a pantera branca sentada bem ereta e alerta ao lado de lorde Asriel, observando a sra. Coulter sem piscar.

— Você não ouviu? — perguntou ele.

— Ouvi um pouco. Não consegui dormir, mas não estava prestando atenção. Alguém sabe onde está Lyra?

— Não.

Ele ainda não tinha respondido à primeira pergunta e não ia responder, ela sabia disso.

— Nós deveríamos ter nos casado — disse ela — e ter criado Lyra juntos.

Foi um comentário tão inesperado que ele levantou a cabeça e olhou rapidamente para ela. Seu daemon soltou um rosnado suave que veio lá do fundo da garganta e se acomodou com as patas estendidas para a frente na posição da Esfinge. Ele não disse nada.

— Não consigo suportar a ideia do apagamento total, Asriel — prosseguiu ela. — Prefiro qualquer coisa a isso. Costumava pensar que a dor seria pior, ser torturada para sempre, achava que isso devia ser pior... Mas, enquanto você estivesse consciente, seria melhor, não seria? Melhor que não sentir nada, apenas sumir na escuridão, tudo se apagando para todo o sempre?

O papel dele era apenas ouvir. Seus olhos estavam cravados nos dela e ele estava prestando profunda atenção; não havia necessidade de responder. Ela disse:

— No outro dia, quando você falou a respeito dela com tanta amargura, e de mim... Pensei que a odiasse. Podia compreender que me odiasse. Eu nunca odiei você, mas podia compreender... eu sei que tem motivos para isso. Mas não conseguia compreender por que você odiava Lyra.

Ele virou o rosto para o lado, lentamente, depois olhou de volta para ela.

— Eu me lembro que você disse alguma coisa estranha, em Svalbard, no topo da montanha, pouco antes de partir de nosso mundo — prosseguiu ela. — Você disse: venha comigo e destruiremos a fonte do Pó para sempre. Você se lembra de ter dito isso? Mas não era o que estava querendo dizer. Estava querendo dizer exatamente o oposto, não era? Agora compreendo. Por que não me disse o que realmente estava

fazendo? Por que não me disse que na verdade estava tentando preservar o Pó? Poderia ter me dito a verdade.

— Eu queria que você viesse comigo e se unisse a mim — respondeu ele, com a voz rouca e baixa —, e achei que você fosse preferir uma mentira.

— Sim — sussurrou ela —, foi o que pensei.

Ela não conseguia ficar parada na cadeira, mas também não tinha forças para se levantar. Por um instante se sentiu tonta, a cabeça girou, os sons foram sumindo, o aposento escureceu, mas quase que imediatamente recuperou os sentidos, ainda mais impiedosamente do que antes, e nada na situação tinha mudado.

— Asriel... — murmurou.

O macaco dourado estendeu a mão hesitante para tocar na pata da pantera branca. O homem observou sem dizer uma palavra e Stelmaria não se moveu; seus olhos estavam cravados na sra. Coulter.

— Ah, Asriel, o que vai acontecer conosco? — perguntou a sra. Coulter de novo. — Será isso o fim de tudo?

Ele não disse nada.

Como se estivesse em um sonho, ela se levantou, apanhou a mochila que estava no canto do gabinete e enfiou a mão para pegar a pistola; e o que ela teria feito a seguir, ninguém saberia, porque naquele mesmo momento houve o som de passos subindo as escadas correndo.

O homem e a mulher, e ambos os daemons, se viraram para olhar para o ordenança que entrou e disse ofegante:

— Com licença, senhor, os dois daemons, eles foram avistados, não muito longe do portão leste, sob a forma de gatos; a sentinela tentou falar com eles, fazê-los entrar, mas não quiseram se aproximar. Isso foi há apenas um minuto...

Lorde Asriel se endireitou na cadeira, transfigurado. Toda a fadiga sumiu de seu rosto naquele instante. Ele se levantou de um salto e agarrou o sobretudo.

Ignorando a sra. Coulter, jogou o casaco sobre os ombros e disse para o ordenança:

— Avise madame Oxentiel imediatamente. Faça circular esta ordem: os daemons não devem ser ameaçados, nem assustados, ou coagidos de nenhuma forma. Qualquer um que os veja deve primeiro...

A sra. Coulter não ouviu mais nada do que ele estava dizendo, porque lorde Asriel já tinha saído e estava a meio caminho, descendo a escada. Quando o som de seus

passos correndo também desapareceu, os únicos sons eram o sibilar suave da lamparina de nafta e o gemido do vento selvagem lá fora.

Os olhos dela encontraram os olhos de seu daemon. A expressão do macaco dourado era sutil e complexa, como sempre tinha sido, ao longo de todos os seus trinta e cinco anos de vida.

— Muito bem — disse ela. — Não vejo nenhuma outra alternativa. Acho... Acho que nós vamos...

Ele soube instantaneamente o que ela queria dizer. Saltou para o colo dela e eles se abraçaram. Depois ela pegou seu casaco forrado de pele e muito silenciosamente os dois deixaram o gabinete e desceram pelas escadas escuras.

29. A BATALHA NA PLANÍCIE

Todo homem está sob o domínio de seu espectro
Até que é chegada a hora
Em que sua humanidade desperta
WILLIAM BLAKE

Foi terrivelmente difícil para Lyra e Will deixar aquele mundo agradável e pacífico onde tinham dormido na noite anterior, mas, se quisessem reencontrar seus daemons, tinham que entrar de novo na escuridão. E agora, depois de horas se arrastando exaustivamente pelo túnel escuro, Lyra se inclinou pela vigésima vez para consultar o aletiômetro, inconscientemente emitindo pequenos sons de angústia — gemidos e suspiros que teriam sido soluços se tivessem mais força. Will também sentia uma dor onde seu daemon estivera, um lugar escaldante, queimado, de profunda sensibilidade, que era rasgado por ganchos gelados cada vez que respirava.

Ela fez girar os ponteiros com muito cansaço; seus pensamentos se moviam lentamente, como se fossem pés calçados de chumbo. Os degraus de significado que a conduziam a cada um dos 36 símbolos do aletiômetro, pelos quais ela costumava descer tão rapidamente e tão confiante, pareciam soltos e trêmulos. E estabelecer as conexões entre eles em sua mente... Antigamente tinha sido como correr, ou cantar, ou contar uma história: uma coisa natural. Agora dependia de um enorme esforço, e sua compreensão estava falhando, e não podia falhar, caso contrário tudo o mais fracassaria...

— Não está longe — disse ela finalmente. — E temos pela frente todo tipo de perigos, tem uma batalha acontecendo, está acontecendo... Mas estamos quase no lugar certo agora. Bem no final deste túnel existe um grande pedregulho liso, com uma nascente de onde sai uma corrente de água. É lá que você pode cortar a abertura.

Os fantasmas que iriam lutar seguiram adiante, cheios de entusiasmo, e ela sentiu Lee Scoresby chegar bem perto, a seu lado. Ele disse:

— Lyra, minha menina, agora não falta muito. Quando você encontrar aquele

velho urso, diga a ele que Lee se foi lutando. E depois que a batalha tiver terminado, terei todo o tempo do mundo para flutuar ao sabor do vento e encontrar os átomos que costumavam ser Hester, e minha mãe, na terra das artemísias, e minhas namoradas, todas as minhas namoradas... Lyra, minha querida, trate de descansar quando tudo isso tiver acabado, está me ouvindo? A vida é boa, e a morte não existe mais...

A voz dele foi se calando. Ela queria abraçá-lo, mas é claro que isso era impossível. Então, em vez disso, apenas olhou para seu vulto pálido e o fantasma viu a paixão e o brilho em seus olhos e recebeu a força que transmitiam.

E no ombro de Lyra e no de Will vinham os dois galivespianos. O tempo curto de vida que tinham estava quase esgotado, cada um dos dois sentia o enrijecimento nos músculos, um frio ao redor do coração. Ambos estariam de volta ao mundo dos mortos brevemente, dessa vez como fantasmas, mas eles trocaram um olhar e juraram que ficariam com Will e Lyra por tanto tempo quanto pudessem e que não diriam nem uma palavra a respeito de estarem perto da morte.

As crianças foram escalando com dificuldade, para o alto, cada vez mais para o alto. Não falavam. Ouviam a respiração ofegante uma da outra, ouviam os sons de seu passos, ouviam o ruído das pedrinhas que seus passos deslocavam. À frente delas, o tempo todo, a harpia subia pesadamente, com dificuldade, suas asas se arrastando, as garras arranhando, calada e carrancuda.

E então, surgiu um novo som: um gotejar constante, ecoando no túnel. E depois um gotejar mais rápido, um escorrer devagar, um som de água corrente.

— Aqui! — exclamou Lyra, estendendo a mão para a frente para tocar uma parede de pedra que bloqueava o caminho, lisa e fria. — É aqui.

Ela se virou para a harpia.

— Estive pensando — disse ela — sobre como me salvou, e como prometeu guiar todos os fantasmas que passarem pela terra dos mortos para aquele mundo onde dormimos ontem à noite. E pensei que, se você não tem nome, isso não pode estar certo, não a partir de agora. Assim pensei que eu podia dar um nome a você, como o rei Iorek Byrnison me deu o meu nome, Lyra da Língua Mágica. Vou chamar você de Asas da Bondade. Então, de agora em diante, este é o seu nome e é isso que você vai ser para sempre: Asas da Bondade.

— Um dia — disse a harpia — eu verei você de novo, Lyra da Língua Mágica.

— E se eu souber que você está aqui, não vou ter medo — declarou Lyra. —

Adeus, Asas da Bondade, até o dia em que eu morrer.

Ela abraçou a harpia bem apertado e a beijou no rosto. Então, o cavaleiro Tialys perguntou:

— Este é o mundo da república de lorde Asriel?

— É — confirmou Lyra —, foi o que o aletiômetro disse. Estamos perto da fortaleza dele.

— Então me deixe falar com os fantasmas.

Ela o levantou bem alto e ele gritou:

— Ouçam, porque lady Salmakia e eu somos os únicos dentre nós que já vimos este mundo antes. Há uma fortaleza no cume de uma montanha: é isso que lorde Asriel está defendendo. Quem é o inimigo não sei dizer. Lyra e Will agora têm apenas uma missão, que é procurar seus daemons. A nossa missão é ajudar como pudermos. Vamos ser corajosos e combater bem.

Lyra se virou para Will.

— Tudo bem — disse —, estou pronta.

Ele pegou a faca e olhou bem nos olhos do espírito de seu pai, que se mantinha bem perto. Eles não se conheceriam por muito mais tempo, e Will pensou em como teria ficado satisfeito de ver sua mãe ao lado deles também, os três juntos...

— Will — chamou Lyra, assustada.

Ele parou. A faca estava presa, enfiada no ar. Afastou a mão e ela ficou pendurada ali, presa na substância de um mundo invisível. Will deixou escapar um profundo suspiro.

— Eu quase...

— Eu vi — disse ela. — Olhe para *mim*, Will.

Na luz pálida ele viu seus cabelos claros, brilhantes, a boca firme, os olhos francos: sentiu o calor de seu hálito, reconheceu o perfume familiar de sua pele.

A faca se soltou.

— Vou tentar de novo — declarou.

Ele se virou para a parede de pedra, se concentrando intensamente, deixou sua mente fluir descendo até a ponta da faca, tateando, recuando, procurando, e então encontrou a fenda. A ponta entrou, cortou para o lado, para baixo e de volta para o lado: os fantasmas estavam agrupados em massa, tão junto deles que o corpo de Will e o de Lyra sentiam pequenos choques de frio em cada nervo.

E então, ele fez o corte final.

A primeira coisa que assaltou seus sentidos foi o *barulho*. A luz que penetrou de um golpe era ofuscante e tiveram que cobrir os olhos, fantasmas e vivos igualmente, de modo que não puderam enxergar nada durante vários segundos; mas as pancadas incessantes, as explosões, o matraquear de rajadas de artilharia, os berros e gritos, instantaneamente, ficaram todos muito nítidos e terrivelmente assustadores.

O fantasma de John Parry e o fantasma de Lee Scoresby foram os primeiros a recuperar a presença de espírito. Como ambos tinham sido soldados, com experiência de combate, não ficaram tão desorientados pelo barulho. Will e Lyra foram simplesmente tomados pelo medo e pelo espanto.

Foguetes explosivos estavam arrebentando no ar acima, despejando uma chuva de fragmentos de rocha e metal sobre as encostas da montanha, que viram um pouco mais adiante; e nos céus, anjos lutavam com anjos, e feiticeiras também, arremetendo, voando baixo e depois subindo às alturas, berrando os gritos de guerra de seus clãs enquanto disparavam flechas contra seus inimigos. Viram um galivespiano, montado em uma libélula, mergulhando para atacar uma máquina voadora cujo piloto tentava entrar em combate corpo a corpo para lutar contra ele. Enquanto a libélula dardejava e dava voos rasantes sobre a máquina, seu cavaleiro saltou dela para enfiar suas esporas bem fundo no pescoço do piloto; e então o inseto voltou, voando baixo para deixar que seu cavaleiro saltasse sobre seu dorso verde-brilhante enquanto a máquina voadora se chocava diretamente contra as rochas nos contrafortes da fortaleza.

— Aumente a abertura — disse Lee Scoresby. — Nós vamos sair!

— Espere, Lee — disse John Parry. — Alguma coisa está acontecendo... olhe ali.

Will cortou uma outra pequena janela na direção que ele indicou e, quando olharam para fora, puderam ver uma mudança na evolução do combate. As forças atacantes começaram a ceder terreno e a recuar: um grupo de veículos armados parou de avançar e, sob o fogo de cobertura, virou pesadamente e bateu em retirada. Uma esquadrilha de máquinas voadoras, que estivera levando a melhor em uma dura batalha contra os girópteros de lorde Asriel, fez um círculo no céu e se afastou rumo ao oeste. As forças do reino em terra — colunas de fuzileiros, tropas equipadas com lança-chamas, com canhões que disparavam uma chuva venenosa, com armas que nenhum dos observadores jamais havia visto — começaram a se dispersar e a recuar.

— O que está acontecendo? — perguntou Lee. — Eles estão batendo em retirada,

mas por quê?

Parecia não haver nenhuma razão para isso: os aliados de lorde Asriel estavam superados em número, suas armas eram menos potentes e havia muitos mais deles caídos feridos.

Então, Will sentiu um movimento repentino entre os fantasmas. Estavam apontando para alguma coisa flutuando no ar.

— Espectros! — exclamou John Parry. — Este é o motivo.

E, pela primeira vez, Will e Lyra acharam que podiam ver aquelas coisas, como véus de gaze tremeluzente, caindo do céu como pelinhos de folhas. Mas eram muito transparentes, e quando chegavam ao chão eram muito mais difíceis de ver.

— O que eles estão fazendo? — perguntou Lyra.

— Eles estão indo na direção daquele pelotão de fuzileiros...

E Will e Lyra sabiam o que iria acontecer e os dois gritaram apavorados:

— Corram! Fujam daí!

Alguns dos soldados, ouvindo vozes de crianças gritando por perto, olharam em torno, espantados. Outros, vendo um Espectro se aproximando na direção deles, tão estranho, vazio e ávido, levantaram as armas e atiraram, mas, é claro, sem nenhum efeito. E então, um Espectro atacou o primeiro homem que alcançou.

Era um soldado do mundo de Lyra, um africano. Seu daemon era uma gata de pernas longas, castanho-amarelada com pintas pretas, e ela arreganhou os dentes e se preparou para saltar.

Eles viram o homem fazer pontaria com a metralhadora, destemido, sem ceder um centímetro — e depois viram o daemon lutando contra uma rede invisível, rosnando, uivando impotente, e o homem tentando alcançá-la, largando sua arma, gritando o nome dela e caindo, ele próprio desmaiando de dor e náusea brutal.

— Muito bem, Will — disse John Parry. — Nos deixe sair agora; nós podemos lutar contra essas coisas.

Então, Will abriu mais a janela e saiu correndo, liderando o exército de fantasmas; e teve início a batalha mais estranha que ele podia imaginar.

Os fantasmas escalavam a janela, saindo de dentro da terra, vultos pálidos, ainda mais pálidos sob a luz do meio-dia. Agora não tinham mais nada a temer e se lançavam contra os Espectros invisíveis, atacando, lutando e dilacerando coisas que Will e Lyra simplesmente não conseguiam ver.

Os fuzileiros e os outros aliados vivos estavam perplexos: não conseguiam ver

nem entender nada daquele combate fantasmagórico, espectral. Will foi abrindo caminho até o meio deles, brandindo a faca, se lembrando de como os Espectros tinham fugido dela antes.

Aonde quer que ele fosse, Lyra ia atrás, desejando ter alguma coisa com que pudesse lutar como Will estava fazendo, mas olhando ao redor, observando mais atentamente. Achou que de vez em quando podia ver os Espectros, um brilho oleoso no ar; e foi Lyra quem sentiu o primeiro arrepio de medo.

Com Salmakia em seu ombro, ela se encontrava em uma pequena elevação, apenas um monte de terra coberto por arbustos de espinheiro, de onde podia ver a enorme amplitude do terreno que os invasores estavam destruindo.

O sol estava bem acima de Lyra. Adiante, no horizonte a oeste, as nuvens se aglomeravam empilhadas e brilhantes, fendidas por abismos de escuridão, seus topos abertos sob os ventos fortes que sopravam a grande altitude. Naquela direção também, na planície, as forças terrestres do inimigo esperavam: máquinas reluziam muito claras, bandeiras em movimentos de cor, regimentos em formação, esperando.

Atrás, e à sua esquerda, havia a cadeia de colinas pontiagudas que conduziam à fortaleza. Elas brilhavam em um tom cinza-claro, refletindo a luz sinistra que precede a tempestade, e nas fortificações distantes das muralhas de basalto negro, conseguia ver até pequeninos vultos se movimentando de um lado para outro, fazendo reparos nas muralhas danificadas, trazendo mais armas para disparar ou simplesmente observando.

E foi mais ou menos nesse instante que Lyra sentiu o primeiro solavanco distante de náusea, dor e medo que era o toque inconfundível dos Espectros.

Ela soube o que era imediatamente, embora nunca o tivesse sentido antes. E aquilo lhe disse duas coisas: a primeira, que devia ter crescido o suficiente para se tornar vulnerável aos Espectros; e a segunda, que Pan devia estar em algum lugar bem perto.

— Will... Will — gritou.

Ele a ouviu e se virou, de faca em punho e olhos faiscantes.

Mas, antes que ele pudesse falar, arquejou, sacudido por um solavanco sufocante, e agarrou o peito, e ela soube que a mesma coisa devia estar acontecendo com ele.

— Pan! Pan! — gritou, ficando nas pontas dos pés para olhar ao redor.

Will estava dobrado para a frente, tentando não vomitar. Depois de alguns

instantes a sensação passou, como se seus daemons tivessem escapado; mas ainda não tinham a menor ideia de onde estavam e por toda parte o ar estava cheio de tiros, gritos, vozes berrando de dor ou de pânico, o *ioque-ioque-ioque* distante dos espectros-dos-penhascos voando em círculos acima, volta e meia o zunido, *tzim*, e a pancada, *tuque*, de flechas e, então, um som novo: uma ventania intensa.

Lyra o sentiu primeiro no rosto e depois viu o mato se dobrando sob sua força, e, então, o ouviu nos espinheiros. O céu mais adiante estava tomado por uma tempestade colossal: toda a brancura havia desaparecido das massas arredondadas de nuvens carregadas e elas vinham avançando e rodopiavam em tons amarelo-enxofre, verde-mar, cinza-enfumaçado, negro-petróleo, um violento encrespamento com quilômetros de altura e largo como o horizonte.

Atrás da tempestade o sol ainda brilhava, de modo que todos os pequenos arbustos e cada uma das árvores entre ela e a tempestade brilhavam fervorosos e vívidos, coisas pequeninas e frágeis desafiando a escuridão com folhas, galhos e flores.

E através de tudo aquilo seguiram as duas não-mais-exatamente-crianças, vendo os Espectros agora quase que claramente. O vento estava fustigando os olhos de Will e chicoteando os cabelos de Lyra contra seu rosto, e deveria ter conseguido soprar os Espectros para longe, mas as coisas desciam flutuando em linha reta para o solo diretamente através dele. O menino e a menina, de mãos dadas, foram caminhando cautelosamente em meio aos mortos e feridos, Lyra chamando seu daemon, Will, com todos os seus sentidos alerta, buscando o seu.

E agora o céu estava rendado de relâmpagos, então, o primeiro estrondo poderosíssimo de um trovão acertou seus tímpanos como um machado. Lyra pôs as mãos na cabeça e Will quase tropeçou, como se empurrado para baixo pelo som. Eles se agarraram um no outro, olharam para o alto e se depararam com uma visão que ninguém jamais tinha visto antes em nenhum dos milhões de mundos.

Feiticeiras, do clã de Ruta Skadi e do clã de Reina Miti, e de mais uma meia dúzia de outros, cada uma delas carregando uma ofuscante tocha de pinheiro do pez encharcada de betume, vinham voando em uma torrente sobre a fortaleza vindas do leste, do último canto de céu claro, seguindo diretamente para a tempestade.

Aqueles que estavam no chão podiam ouvir o rugido e o crepitar dos voláteis hidrocarbonetos ardendo lá no alto. Uns poucos Espectros ainda permaneciam nas alturas e algumas feiticeiras voaram de encontro a eles, sem vê-los, e gritando

despencaram em chamas no chão; mas, àquela altura, a maioria das coisas pálidas tinha chegado ao solo e a grande esquadrilha de feiticeiras passou correndo como um rio de fogo penetrando no meio da tempestade.

Uma esquadrilha de anjos, armados de lanças e espadas, tinha saído da Montanha Nublada para vir ao encontro das feiticeiras. Eles tinham o vento soprando às suas costas e vieram avançando mais rápido que flechas; mas as feiticeiras estavam à altura deles, e as primeiras subiram voando muito alto e depois mergulharam nas fileiras de anjos, golpeando à esquerda e à direita com suas tochas ardentes. Um anjo após outro, delineado em fogo, com as asas em chamas, despencou gritando do ar.

E então, as primeiras grandes gotas de chuva caíram. Se o comandante da tempestade de nuvens pretendia apagar as tochas das feiticeiras, ficou desapontado; o pinheiro do pez e o betume continuaram ardendo desafiadoramente contra as gotas, crepitando e sibilando mais alto, quanto mais chuva caía sobre eles. As gotas de chuva bateram no solo como se tivessem sido lançadas com maldade, explodindo e respingando para cima no ar. Em menos de um minuto Lyra e Will estavam ensopados até os ossos e tremendo de frio, e a chuva lhes golpeava a cabeça e os braços como minúsculas pedrinhas.

Em meio àquilo tudo os dois seguiram adiante, cambaleando e se esforçando, limpando a água dos olhos, gritando:

— Pan! Pan! — em meio ao tumulto.

Os trovões acima agora eram quase contínuos, rasgando, moendo e explodindo como se os próprios átomos estivessem sendo rompidos. Entre as explosões de raios e trovões e as pontadas de medo, Will e Lyra corriam, urrando juntos:

— Pan! Meu Pantalaimon! Pan — e um grito sem palavra de Will, que sabia o que havia perdido, mas não como ela se chamava.

Com eles, por toda parte onde passavam, iam os galivespianos avisando para olhar nessa direção, para seguir por aquela, de olho nos Espectros que as crianças ainda não podiam ver claramente. Lyra tinha que segurar Salmakia nas mãos porque a pequenina dama não tinha mais forças para se segurar no ombro de Lyra. Tialys estava vasculhando os céus ao redor, em busca de seus companheiros e gritando sempre que via uma faísca de cor brilhante passar dardejando no ar acima. Mas a voz dele tinha perdido muito de sua força e de qualquer maneira os outros galivespianos estavam procurando as cores dos clãs de suas duas libélulas, o azul-elétrico e o vermelho-amarelo; e essas cores há muito haviam se apagado, e os

corpos que tinham brilhado com elas jaziam no mundo dos mortos. E então, houve um movimento no céu que foi diferente do resto. Enquanto as crianças olhavam para cima, protegendo os olhos da chuva violenta, viram uma aeronave diferente de todas as que tinham visto antes: deselegante, com seis pernas, escura e totalmente silenciosa. Estava voando baixo, muito baixo, vinda da fortaleza. Ela fez um voo rasante bem acima, passando sobre a cabeça deles na altura de um telhado, e então, se afastou seguindo para o coração da tempestade.

Mas eles não tiveram tempo para se perguntar o que era aquilo, pois um outro latejar estonteante de náusea disse a Lyra que Pan estava em perigo novamente, e logo em seguida Will também o sentiu, e os dois seguiram cambaleando cegamente em meio às poças de água, lama e ao caos de homens feridos e fantasmas lutando, desprotegidos, apavorados e se sentindo enjoados.

30. A MONTANHA NUBLADA

Lá longe o céu empíreo, extenso e amplo
No seu circuito, seu formato quadrado ou redondo,
Com torres de opala e muralhas
Adornadas de safira viva
JOHN MILTON

A nave da intenção estava sendo pilotada pela sra. Coulter. Ela e seu daemon estavam sozinhos na cabine de comando.

Os instrumentos eram de muito pouca utilidade por causa da tempestade, mas ela podia calcular aproximadamente sua altitude observando as fogueiras que ardiam no chão onde os anjos caíam; apesar da chuva torrencial, as chamas ainda estavam altas. No que dizia respeito ao curso, também não era difícil: os relâmpagos e raios que caíam sobre a montanha serviam como faróis intensos. Mas ela tinha que evitar os vários seres voadores e se manter longe das elevações no solo abaixo.

Não utilizou as luzes, porque queria se aproximar e encontrar um lugar para pousar antes que a vissem. À medida que voou para mais perto, as correntes de ar verticais se tornaram mais violentas, as rajadas mais repentinas e brutais. Um giróptero não teria tido nenhuma chance: as selvagens rajadas de vento o teriam lançado ao solo como uma mosca. Na nave da intenção ela podia se mover suavemente com o vento, ajustando seu equilíbrio como alguém em uma prancha deslizando sobre uma onda no Oceano Pacífico.

Cautelosamente, ela começou a subir, examinando o que estava à sua frente, ignorando os instrumentos, navegando guiada por seus próprios olhos e por instinto. Seu daemon saltava de um lado para outro na pequena cabine de vidro, olhando para o que estava à frente, acima, à esquerda e à direita, e lhe passando informações constantemente. Os relâmpagos e raios, grandes clarões e lanças de luminosidade fulgurante, refulgiam e ribombavam, acima e ao redor da pequena aeronave. Em meio a tudo isso ela voava, pouco a pouco ganhando altura e seguindo adiante em direção ao palácio coberto de nuvens.

E, à medida que a sra. Coulter se aproximava, se viu deslumbrada e

desconcertada com a natureza da montanha propriamente dita.

Fazia com que se lembrasse de uma certa heresia abominável, cujo autor agora merecidamente definhava nas masmorras do Tribunal Consistorial. Ele havia sugerido que havia mais dimensões espaciais que as três conhecidas; que, em uma escala muito pequena, havia até sete ou oito outras dimensões, mas que elas eram impossíveis de ser examinadas diretamente. O homem tinha até construído um modelo para mostrar como poderiam funcionar, e a sra. Coulter tinha visto o objeto antes de ser exorcizado e queimado. Dobras dentro de dobras, cantos e bordas ao mesmo tempo contendo e sendo contidos: seu interior estava em toda parte e seu exterior em todas as outras partes. A Montanha Nublada a afetava de uma maneira similar: não era bem como um rochedo, era mais como um campo de força, manipulando o próprio espaço para se envolver, se esticar e se dispor em camadas, formando galerias e terraços, câmaras, coluna e torres de observação, de ar, de luz e de vapor.

Ela sentiu uma estranha exultação começar a crescer em seu peito e viu ao mesmo tempo como pousar a aeronave em segurança lá em cima no terraço no flanco sul. A pequena nave deu um solavanco e lutou no ar turbulento, mas ela manteve o curso firme e seu daemon a guiou na descida para pousar no terraço.

A luz que havia usado para enxergar até aquele momento tinha vindo dos relâmpagos, dos ocasionais cortes profundos na nuvem por onde o sol passava, das fogueiras dos anjos queimando, dos focos de luz dos holofotes ambáricos; mas ali a luz era diferente. Vinha da substância da própria montanha, que brilhava e se apagava em um ritmo lento, semelhante ao da respiração, com uma radiância de madrepérola.

A mulher e o daemon saltaram da nave e olharam em torno para ver em que direção deveriam seguir.

Ela conseguia intuir que outros seres estavam se movimentando rapidamente acima e abaixo deles, correndo através da própria substância da montanha com mensagens, ordens, informações. Não conseguia vê-los; tudo o que conseguia ver eram confusas perspectivas envolventes de colunata, escada, terraço e fachada.

Antes que pudesse se decidir sobre que direção tomar, ouviu vozes e se escondeu atrás de uma coluna. As vozes estavam cantando um salmo e se aproximando, e então ela viu uma procissão de anjos carregando uma liteira.

Quando se aproximaram do lugar onde estava escondida, viram a nave da

intenção e pararam. O cântico se calou, alguns dos carregadores olharam em torno tomados pela dúvida e pelo medo.

A sra. Coulter estava perto o bastante para ver o ser na liteira: um anjo, pensou ela, e indescritivelmente idoso. Ele não era fácil de ver porque a liteira era toda fechada com cristal que cintilava e refletia de volta a luz envolvente da montanha, mas ela teve a impressão de uma decrepitude aterradora, de uma face encovada, mergulhada em rugas, de mãos trêmulas, de uma boca balbuciante e olhos remelentos.

O ser idoso fez um gesto trêmulo para a nave da intenção, deu uma risada estridente, desagradável, e balbuciou alguma coisa consigo mesmo, puxando a barba todo o tempo, e então, lançou a cabeça para trás e emitiu um uivo de tamanha angústia que a sra. Coulter teve que cobrir os ouvidos.

Mas, evidentemente, os carregadores tinham uma missão a cumprir, pois se recuperaram e seguiram adiante pelo terraço, ignorando os gritos e resmungos vindos do interior da liteira. Quando alcançaram um espaço aberto, abriram bem as asas e depois de uma palavra do líder começaram a voar, carregando a liteira juntos, até saírem do campo de visão da sra. Coulter nos vapores rodopiantes.

Mas não havia tempo para pensar naquilo. Ela e o macaco dourado se moveram rapidamente, subindo as grandes escadarias, atravessando pontes, sempre seguindo para cima. Quanto mais alto iam, mais tinham aquela sensação de atividade invisível por toda parte ao redor deles, até que finalmente dobraram uma esquina e se viram em um espaço amplo como uma praça coberta de neblina, e foram confrontados por um anjo com uma lança.

— Quem é você? O que quer aqui? — perguntou ele.

A sra. Coulter olhou para ele com curiosidade. Aqueles eram os seres que haviam se apaixonado por mulheres humanas, pelas filhas de homens, tanto tempo atrás.

— Não, não — disse ela suavemente —, por favor, não perca tempo. Me leve ao Regente imediatamente. Ele está me esperando.

Deixe-os desconcertados, pensou ela, mantenha-os desestabilizados; e o anjo não sabia o que devia fazer, e então, fez o que ela mandou. A sra. Coulter o seguiu durante alguns minutos através daquelas perspectivas desnorteantes de luz, até que chegaram a uma antecâmara. Como tinham entrado ali, ela não sabia, mas lá estavam eles e, depois de uma breve pausa, algo diante dela se abriu como uma porta.

As unhas pontudas de seu daemon estavam cravadas na carne da parte superior de seus braços e ela agarrou seu pelo para se acalmar.

Estavam diante de um ser feito de luz. Tinha forma de um homem e tamanho de um, pensou ela, mas estava demasiado ofuscada para ver. O macaco dourado escondeu a face no ombro dela e a sra. Coulter levantou o braço para cobrir os olhos.

Metatron disse:

— Onde está ela? Onde está sua filha?

— Eu vim para dizer ao senhor, Regente.

— Se estivesse sob seu controle, você a teria trazido.

— Ela não está, mas seu daemon está.

— Como é possível isso?

— Eu juro, Metatron, seu daemon está sob meu controle. Por favor, grande Regente, se esconda um pouco… meus olhos estão ofuscados.

Ele puxou um véu de nuvem diante de si. Agora era como olhar para o sol através de vidro fumê, e os olhos dela podiam enxergar mais claramente, embora ainda fingisse estar ofuscada pelo rosto dele. Era exatamente como um homem no início da idade madura, alto, forte e imponente. Estaria vestido? Tinha asas? Ela não sabia dizer por causa da força de seus olhos. Não conseguia olhar para mais nada.

— Por favor, Metatron, ouça o que tenho a dizer. Acabei de fugir de lorde Asriel. Ele está com o daemon da criança e sabe que a criança logo virá procurá-lo.

— O que ele quer com a criança?

— Mantê-la protegida, fora de seu alcance, até atingir a maturidade. Ele não sabe para onde vim e devo voltar logo para junto dele. Estou lhe dizendo a verdade. Olhe para mim, grande Regente, uma vez que não posso olhar para o senhor com facilidade. Olhe bem francamente para mim e diga-me o que vê.

O príncipe dos anjos olhou para ela. Foi o exame mais penetrante a que Marisa Coulter jamais fora submetida. Cada retalho de proteção e de engano lhe foi arrancado e ela ficou parada ali despida, de corpo, espírito e daemon, sob a ferocidade do olhar de Metatron.

E sabia que sua natureza teria que responder por ela, e estava apavorada de que o que ele visse nela fosse insuficiente. Lyra tinha mentido para Iofur Raknison com palavras; sua mãe estava mentindo com toda a sua vida.

— Sim, estou vendo.

— O que vê?

— Corrupção, inveja e ambição pelo poder. Crueldade e frieza. Uma curiosidade perversa incessante. Maldade pura, venenosa, tóxica. Você nunca, desde os primeiros anos de vida, demonstrou um fiapo de compaixão, solidariedade ou gentileza sem antes calcular como usar isso em seu próprio benefício. Você torturou e matou sem arrependimento ou hesitação; você traiu, tramou, conspirou e se rejubilou, glorificando sua perfídia. Você é um poço de imundície moral.

Aquela voz, fazendo aquele julgamento, abalou profundamente a sra. Coulter. Sabia o que estava a caminho e teve muito medo, mas ao mesmo tempo também esperava por aquilo e, agora que tinha sido dito, sentiu um pequeno arrebatamento de triunfo.

Ela se aproximou mais dele.

— Então compreende — declarou —, eu posso trair lorde Asriel facilmente. Posso guiá-lo para onde ele está levando o daemon de minha filha e você poderá destruir Asriel, e a criança virá inocentemente direto para suas mãos.

Ela sentiu o movimento de vapor ao seu redor e seus sentidos ficaram confusos: as palavras seguintes dele perfuraram sua carne como dardos de gelo perfumado.

— Quando eu era homem — disse ele —, tive uma quantidade de esposas, mas nenhuma era tão bela quanto você.

— Quando era homem?

— Quando eu era homem, era conhecido como Enoque, o filho de Jared, filho de Mahalalel, filho de Kenan, filho de Enosh, filho de Seth, filho de Adão. Vivi na terra durante sessenta e cinco anos e então a Autoridade me levou para seu reino.

— E teve muitas esposas?

— Adorava-lhes a carne. E compreendi quando os filhos do céu se apaixonaram pelas filhas da terra, defendi a causa deles diante da Autoridade. Mas seu coração estava decidido contra eles e ele me fez profetizar a sua perdição.

— E não conheceu mais uma esposa durante milhares de anos...

— Tenho sido o Regente do reino.

— E não está na hora de ter uma consorte?

Aquele foi o momento em que ela se sentiu mais exposta e correndo mais perigo. Mas confiava em sua carne e na estranha verdade que havia descoberto a respeito de anjos que outrora tinham sido humanos: carecendo de carne, eles a cobiçavam e ansiavam por ter contato com ela. E Metatron agora estava perto, perto o bastante

para sentir o perfume de seus cabelos e contemplar a textura de sua pele, perto o bastante para tocá-la com mãos escaldantes.

Houve um som estranho, como o murmúrio e o crepitar que você ouve antes de se dar conta de que o que está ouvindo é sua casa pegando fogo.

— Me diga o que lorde Asriel está fazendo e onde ele está — ordenou ele.

— Posso levar você até ele agora — respondeu ela.

Os anjos carregando a liteira deixaram a Montanha Nublada e voaram rumo ao sul. As ordens de Metatron tinham sido levar a Autoridade para um lugar seguro, distante do campo de batalha, porque queria que ainda fosse mantido vivo por algum tempo; mas, em vez de dar a ele um corpo de guarda de muitos regimentos, que só atrairiam a atenção do inimigo, tinha confiado na obscuridade da tempestade, calculando que naquelas circunstâncias um grupo pequeno seria mais seguro que um grande.

E poderia ter sido assim, se um certo espectro-dos-penhascos, ocupado em se banquetear com um guerreiro semimorto, não tivesse olhado para cima exatamente no momento em que um holofote de busca, por acaso, iluminou o lado da liteira de cristal.

Alguma coisa despertou na memória do espectro-dos-penhascos. Ele fez uma pausa, com uma das mãos no fígado ainda quente, e, enquanto seu irmão o empurrava para o lado com um safanão, a lembrança de uma raposa do Ártico tagarela surgiu em sua mente.

Imediatamente ele abriu as asas e saltou para o alto; um momento depois o resto da tropa o seguiu.

Xaphania e seus anjos tinham procurado diligentemente a noite inteira e parte da manhã e, finalmente, tinham encontrado uma rachadura minúscula na encosta da montanha ao sul da fortaleza, que não estivera lá no dia anterior. Eles a haviam explorado e aumentado, e agora lorde Asriel estava descendo por uma série de cavernas e túneis que se estendiam por uma longa distância abaixo da fortaleza.

Não estava totalmente escuro, como havia esperado. Havia uma fraca fonte de luz, como uma corrente de bilhões de partículas minúsculas, cintilando suavemente. Elas fluíam sem parar descendo pelo túnel, como um rio de luz.

— Pó — disse ele para seu daemon.

Ele nunca tinha visto o Pó a olho nu, mas também nunca tinha visto tanto Pó

junto. Seguiu adiante até que, de maneira muito repentina, o túnel se abriu, bem largo, e ele estava no alto de uma vasta caverna: uma abóbada imensa, grande o bastante para conter uma dúzia de catedrais. Não havia solo; as paredes se inclinavam vertiginosamente para baixo em direção à borda de um enorme abismo; centenas de metros mais abaixo e para dentro do abismo corria a corrente infinita de Pó, jorrando sem parar para o fundo. Seus bilhões de partículas eram como as estrelas de todas as galáxias no céu, e cada uma delas era um pequeno fragmento de pensamento consciente. Era uma luz melancólica que lhe permitia ver na escuridão.

Ele fez a escalada com seu daemon, descendo em direção ao abismo, e, à medida que desciam, gradualmente começaram a ver o que estava acontecendo ao longo da extremidade oposta da garganta, a centenas de quilômetros de distância na semiobscuridade. Teve a impressão de que havia movimento lá, e quanto mais descia, mais claramente se definia: uma procissão de vultos pálidos, apagados, caminhando cautelosamente pela encosta perigosa, homens, mulheres, crianças, seres de todos os tipos que ele já tinha visto e muitos que nunca vira. Concentrados em manter o equilíbrio, eles o ignoraram totalmente, e lorde Asriel sentiu os cabelos se arrepiarem na nuca quando se deu conta de que eram fantasmas.

— Lyra esteve aqui — disse baixinho para a pantera branca.

— Pise com cuidado — foi tudo o que ela disse em resposta.

A esta altura, Will e Lyra estavam completamente encharcados, tremendo de frio, atormentados pela dor e tropeçando cegamente em meio à lama, sobre pedregulhos e em pequenos barrancos onde riachos alimentados pela tempestade corriam vermelhos de sangue. Lyra temia que lady Salmakia estivesse morrendo: ela não dizia nenhuma palavra havia vários minutos e estava deitada, o corpo mole desmaiado na mão de Lyra.

Quando se abrigaram no leito de um riacho onde a água estava clara, pelo menos, e encheram as mãos em concha várias vezes levando-as à boca para beber e matar a sede, Will sentiu Tialys despertar e dizer:

— Will, estou ouvindo cavalos se aproximando; lorde Asriel não tem cavalaria. Deve ser o inimigo. Atravessem o riacho e se escondam… vi alguns arbustos naquela direção…

— Vamos — disse Will para Lyra, e eles chapinharam pela água gelada de doer os ossos e subiram correndo o barranco do outro lado bem a tempo. Os cavaleiros que

surgiram no alto da encosta desceram para beber e não pareciam ser uma cavalaria: pareciam ter o mesmo tipo de pele de pelo curto que seus cavalos e não tinham roupas nem arreios. Contudo, empunhavam armas: tridentes, redes e cimitarras.

Will e Lyra não pararam para olhar; seguiram aos tropeções atravessando agachados o terreno irregular, concentrados apenas em sair dali sem serem vistos.

Mas tinham que manter a cabeça abaixada, para ver onde estavam pisando e evitar torcer um tornozelo ou coisa pior; e trovões explodiam acima, enquanto corriam, de modo que não puderam ouvir os gritos estridentes e os rosnados dos espectros-dos-penhascos até que deram de cara com eles.

As criaturas estavam cercando alguma coisa que estava caída brilhando na lama: algo ligeiramente mais alto que eles, caído sobre um dos lados, uma grande jaula, talvez, com paredes de cristal. E a estavam martelando, com punhos e pedras, guinchando e dando gritos estridentes.

E antes que Will e Lyra pudessem parar e correr em outra direção, tinham tropeçado bem para o meio do grupo.

31. O FIM DA AUTORIDADE

Pois império não mais existe, e agora o leão e o lobo hão de cessar.
WILLIAM BLAKE

A sra. Coulter sussurrou para a sombra a seu lado:

— Veja como ele se esconde, Metatron! Anda se esgueirando pela escuridão como um rato...

Estavam em uma saliência bem no alto da grande caverna, observando lorde Asriel e a pantera branca que seguiam descendo, andando muito cautelosamente, a uma grande distância mais abaixo.

— Eu poderia atacar agora — sussurrou a sombra.

— Sim, é claro que poderia — respondeu ela sussurrando, se inclinando para bem perto dele —, mas eu quero ver o rosto dele, caro Metatron; quero que ele *saiba* que o traí. Venha, vamos ver aonde vai...

A cachoeira de Pó brilhava como um grande pilar de luz suave, caindo lentamente e sem interrupção para dentro da garganta. A sra. Coulter não tinha como dedicar atenção àquilo, porque a sombra a seu lado estava tremendo de desejo e tinha que mantê-lo próximo, sob o pouco controle que conseguia impor. Os dois começaram a descer, em silêncio, seguindo lorde Asriel. Quanto mais para baixo iam avançando, mais ela sentia um enorme cansaço se apoderar dela.

— O que foi? O que foi? — sussurrou a sombra, sentindo suas emoções e ficando imediatamente desconfiado.

— Estava pensando — disse ela com uma doce malevolência — em como estou satisfeita com o fato de que a criança nunca crescerá para amar e ser amada. Pensei que a amava quando era um bebê; mas agora...

— Houve *pesar* — disse a sombra — em seu coração, houve pesar porque não a verá crescer.

— Ah, Metatron, quanto tempo faz que você foi um homem! Será que não sabe realmente distinguir o que estou lamentando? Por que estou pesarosa? Não é a maturidade *dela*, mas a minha. Como lamento que não soubesse de sua existência

em minha própria infância; com que paixão teria me devotado a você...

Ela se inclinou para a sombra, como se não conseguisse controlar os impulsos de seu próprio corpo, e a sombra inalou com avidez faminta, e pareceu engolir o perfume de sua carne.

Estavam se movendo com dificuldade sobre as rochas despencadas e espatifadas em direção à base da encosta. Quanto mais desciam, mais a luz do Pó dava a tudo um halo de névoa dourada. A sra. Coulter constantemente estendia a mão como se tentasse segurar onde a mão dele poderia estar, como se a sombra fosse um companheiro humano, e então, parecia se recordar e sussurrava:

— Fique atrás de mim, Metatron, espere aqui, Asriel é desconfiado, deixe que eu o acalme primeiro. Quando ele estiver desprevenido, eu chamarei você. Mas venha como sombra, nessa forma pequena, assim ele não poderá ver você, caso contrário ele simplesmente deixará o daemon da menina fugir voando.

O Regente era um ser cujo profundo intelecto tivera milhares de anos para se desenvolver e se fortalecer, e cuja sabedoria e conhecimento se estendiam a um milhão de universos. A despeito disso, naquele momento estava cego por suas duas obsessões: destruir Lyra e possuir sua mãe. Ele concordou e ficou onde estava, enquanto a mulher e o macaco seguiam adiante tão silenciosamente quanto podiam.

Lorde Asriel estava esperando atrás de um enorme bloco de granito, fora do raio de visão do Regente. A pantera branca os ouvira se aproximando e lorde Asriel se levantou quando a sra. Coulter surgiu dando a volta no bloco. Tudo, todas as superfícies, todos os centímetros cúbicos de ar estavam permeados pelo Pó que caía, que dava uma claridade suave a cada minúsculo detalhe; e, sob a luz do Pó, lorde Asriel viu que o rosto dela estava molhado de lágrimas e que estava rangendo os dentes para não soluçar.

Ele a tomou nos braços, e o macaco dourado abraçou o pescoço da pantera branca e enterrou a carinha negra em seu pelo.

— Lyra está em segurança? Encontrou seu daemon? — murmurou ela.

— O fantasma do pai do menino está protegendo os dois.

— O Pó é lindo... nunca imaginei.

— O que disse a ele?

— Eu menti e menti, Asriel... Não esperemos muito mais, eu não aguento... Nós não viveremos, não é? Não sobreviveremos como os fantasmas?

— Não, se cairmos no abismo. Viemos para cá para dar tempo a Lyra para

encontrar seu daemon e, depois, tempo para viver e crescer. Se levarmos Metatron à extinção, Marisa, ela terá esse tempo, e se formos com ele, isso não terá importância.

— E Lyra *estará* segura?

— Sim, finalmente estará— respondeu com ternura.

Ele a beijou. Ela se sentiu suave e leve em seus braços, como quando Lyra tinha sido concebida, treze anos antes.

Ela estava soluçando baixinho. Quando conseguiu falar, sussurrou:

— Eu disse a ele que ia trair você e trair Lyra, e ele acreditou em mim porque eu era corrompida e cheia de maldade; e olhou tão fundo dentro de mim que tive certeza que ele veria a verdade. Mas menti bem. Estava mentindo com cada fibra, cada nervo e tudo o que algum dia eu tinha feito... queria que ele não encontrasse nada de bom em mim e ele não encontrou. Não há nada de bom. Mas eu amo Lyra. De onde veio este amor? Eu não sei; se aproximou de mim, sorrateiro como um ladrão na noite, e agora eu a amo tanto que meu coração está explodindo de amor. Tudo o que eu podia esperar era que meus crimes fossem tão monstruosos que o amor não fosse maior que uma pequena semente à sombra deles, e desejei ter cometido crimes ainda maiores para escondê-lo ainda mais profundamente... Mas a semente criou raiz e está crescendo, e o pequeno rebento estava partindo meu coração, e tive tanto medo que ele visse...

Ela teve que parar para se controlar. Ele acariciou seus cabelos brilhantes cobertos de Pó dourado e esperou.

— A qualquer momento ele vai perder a paciência — sussurrou ela. — Disse a ele que se mostrasse pequeno. Mas, afinal, ele é apenas um anjo, mesmo se um dia foi homem. E podemos lutar com ele e trazê-lo até a borda da garganta, e nós dois cairemos com ele...

Ele a beijou e disse:

— Sim. Lyra vai estar em segurança e o reino ficará impotente, não poderá fazer nada contra ela. Chame-o agora, Marisa, meu amor.

Ela respirou fundo e deixou o ar escapar em um longo e trêmulo suspiro. Então, alisou a saia sobre as coxas e enfiou os cabelos atrás das orelhas.

— Metatron — chamou baixinho. — Está na hora.

A forma de Metatron coberta por uma sombra apareceu no ar dourado e no mesmo instante percebeu o que estava acontecendo: os dois daemons, agachados e

alertas, a mulher com o nimbo de Pó e lorde Asriel...

Que saltou em cima dele, imediatamente, agarrando sua cintura, e tentou atirá-lo no chão. Mas os braços do anjo estavam livres e, com punhos, palmas, cotovelos, nós dos dedos, antebraços, ele bateu na cabeça e no corpo de lorde Asriel: grandes golpes que batiam com enorme violência forçando o ar a sair de seus pulmões e repercutiam em suas costelas, que esmurravam sua cabeça e abalavam seus sentidos.

Mas os braços de lorde Asriel envolviam as asas do anjo, prendendo-as a seus flancos. E um momento depois a sra. Coulter tinha saltado no espaço entre aquelas asas imobilizadas e agarrado o cabelo de Metatron. A força do anjo era enorme: era como segurar a crina de um cavalo empinando, em disparada. Enquanto ele sacudia a cabeça furiosamente, ela era lançada para lá e para cá, e sentiu a força das asas grandiosas fechadas à medida que tentavam se abrir, para levantar, e lutavam contra os braços do homem, cerrados tão firmemente em torno delas.

Os daemons também o tinham agarrado. Stelmaria havia cravado os dentes em sua perna e o macaco dourado estava atacando com unhas e dentes uma das pontas da asa mais próxima, mordendo e partindo penas, rasgando os ligamentos, e aquilo só tornava a fúria do anjo ainda maior. Com um esforço maciço repentino, ele se lançou para o lado, libertando uma das asas e esmagando a sra. Coulter contra um rochedo.

A sra. Coulter ficou atordoada por um segundo e suas mãos se soltaram. Imediatamente o anjo se empinou para o alto novamente, batendo a asa livre, para lançar longe o macaco dourado; mas os braços de lorde Asriel ainda o envolviam com firmeza e, na verdade, o homem agora conseguia segurá-lo melhor, uma vez que a circunferência a abraçar era menor. Lorde Asriel se esforçou para esmagar seu peito, de maneira a impedir que Metatron respirasse, triturando suas costelas e tentando ignorar os golpes tremendos que o acertavam no crânio e no pescoço.

Mas aqueles golpes estavam começando a se fazer sentir. E, enquanto lorde Asriel tentava manter seu ponto de apoio na superfície de rochas quebradas, algo de destruidor aconteceu com a parte de trás de sua cabeça. Quando se jogara para o lado, Metatron tinha agarrado uma pedra do tamanho de um punho e naquele instante bateu com ela, com uma força brutal, na ponta do crânio de lorde Asriel. O homem sentiu os ossos de sua cabeça se moverem uns contra os outros, e soube que mais um golpe como aquele o mataria imediatamente. Aturdido de dor — uma dor que se intensificava por causa da pressão de sua cabeça contra o flanco do anjo —,

ele continuou agarrado nele, apertando-o, os dedos da mão direita quase esmagando os da esquerda, e tropeçou buscando apoio entre as rochas fraturadas.

E, quando Metatron levantava bem alto a pedra ensanguentada, uma sombra de pelos dourados saltou em cima dele, como uma chama saltando sobre uma copa de árvore, e o macaco cravou fundo os dentes na mão do anjo. A pedra se soltou e despencou ruidosamente em direção à borda e Metatron sacudiu violentamente o braço em círculo, movimentando-o para a esquerda e para a direita, tentando desalojar o daemon; mas o macaco dourado se agarrou com unhas, dentes e rabo, e então a sra. Coulter abraçou a grandiosa asa branca que batia, trazendo-a para junto de seu corpo, e fez cessar seu movimento.

Metatron estava imobilizado, mas ainda não estava ferido. Nem estava perto da borda do abismo.

E àquela altura lorde Asriel estava enfraquecido. Ele fazia um enorme esforço para se manter consciente e lúcido apesar do cérebro encharcado de sangue, mas a cada movimento um pouquinho mais se perdia. Podia sentir as pontas fraturadas dos ossos roçando umas contra as outras em seu crânio; podia até ouvi-las. Seus sentidos estavam confusos: tudo o que ele sabia era que tinha que *segurar firme e arrastar para baixo.*

Então, a sra. Coulter sentiu a face do anjo sob sua mão e cravou os dedos bem fundo nos olhos dele.

Metatron soltou um urro de dor. De muito longe, do outro lado da imensa caverna, ecos responderam, e a voz dele saltou de rochedo em rochedo, se duplicando e perdendo a intensidade e fazendo com que aqueles fantasmas distantes fizessem uma pausa em sua procissão infindável e olhassem para cima.

E Stelmaria, o daemon pantera branca, sentindo sua própria consciência ir se apagando junto com a de lorde Asriel, fez um último esforço e saltou sobre a garganta do anjo.

Metatron caiu de joelhos. A sra. Coulter, caindo com ele, viu os olhos ensanguentados de lorde Asriel se fixarem nela. E se levantou rapidamente, empurrando com uma das mãos posta sobre a outra, obrigando a asa que batia a se afastar para o lado, e agarrou o cabelo do anjo para puxar violentamente sua cabeça para trás e deixar a garganta desprotegida, livre para os dentes da pantera.

E então, lorde Asriel começou a arrastá-lo, e arrastá-lo para trás, os pés tropeçando e as rochas caindo, enquanto o macaco dourado saltava para baixo junto

com eles, mordendo, arranhando e rasgando lanhos do anjo, e eles quase tinham chegado, estavam quase na borda; mas, fazendo força, Metatron conseguiu se levantar e, com um derradeiro esforço, abriu bem as duas asas — um grandioso dossel branco que batia para baixo e para baixo com força, uma vez após outra e, de novo, uma vez após outra, e então, conseguiu fazer a sra. Coulter cair de suas costas e ficou de pé, ereto, e suas asas bateram cada vez mais forte, mais forte, e ele levantou voo — estava deixando o solo, com lorde Asriel ainda segurando-o com força, mas enfraquecendo rapidamente. Os dedos do macaco dourado estavam enterrados, torcendo o cabelo do anjo, e ele jamais o largaria...

Mas eles tinham ultrapassado a beira do abismo. Estavam começando a se elevar. E se voassem mais alto, lorde Asriel cairia e Metatron escaparia.

— *Marisa! Marisa!*

O grito foi arrancado de lorde Asriel e, com a pantera branca a seu lado, com um rugido em seus ouvidos, a mãe de Lyra se levantou, encontrou um ponto de apoio e saltou com todas as forças de seu coração para se arremessar contra o anjo, com seu daemon, com seu amado que morria, e agarrar aquelas asas que batiam, e puxar todos eles juntos para baixo, para dentro do abismo.

Os espectros-dos-penhascos ouviram a exclamação de consternação de Lyra e suas cabeças achatadas se viraram todas juntas, imediatamente.

Will saltou para a frente e golpeou com a faca, atingindo os que estavam mais próximos. Ele sentiu uma pequena pancada no ombro, quando Tialys tomou impulso e saltou, caindo na face do maior, agarrando os pelos da criatura e chutando violentamente abaixo da mandíbula antes que pudesse arremessá-lo longe. A criatura uivou e se debateu enquanto caía na lama, e uma outra ficou olhando estupidamente para o coto de seu braço e, depois, horrorizada, para seu próprio tornozelo, que a mão que havia sido cortada fora tinha agarrado ao cair. Um segundo depois, a faca estava enterrada em seu peito: Will sentiu o cabo saltar três ou quatro vezes com os batimentos moribundos do coração e a puxou fora, antes que o espectro-dos-penhascos pudesse torcê-la e levá-la ao cair.

Ouviu os outros gritarem e guincharem de ódio enquanto fugiam, e soube que Lyra estava ilesa a seu lado; mas ele se jogou na lama com apenas uma coisa na cabeça.

— Tialys! Tialys! — gritou, e evitando os dentes que abocanhavam, empurrou

para o lado a cabeça do maior dos espectros-dos-penhascos. Tialys estava morto, as esporas enfiadas profundamente no pescoço da criatura, que ainda esperneava e mordia. Will cortou fora sua cabeça e a empurrou, fazendo-a rolar para longe, antes de retirar o galivespiano morto do pescoço de pele grossa e peluda como couro.

— Will — chamou Lyra —, Will, olhe só para isso...

Ela estava olhando fixamente para a liteira de cristal. Estava intacta, embora o cristal estivesse manchado e lambuzado de lama e sangue do que os espectros-dos-penhascos tinham comido antes de a encontrar. Estava caída em um ângulo estranho entre os pedregulhos, e dentro dela...

— Ah, Will, ele ainda está vivo! Mas, pobre coitado...

Will viu as mãos de Lyra fazendo pressão contra o cristal, tentando alcançar o anjo e confortá-lo; pois era tão idoso e estava apavorado, chorando e gritando como um neném, todo encolhido no canto mais baixo.

— Ele deve ser tão velho... nunca vi ninguém sofrendo assim... Ah, Will, não podemos deixá-lo sair?

Will cortou o cristal com um único movimento e enfiou a mão para ajudar o anjo a sair. Enlouquecido e impotente, o ser idoso só conseguia chorar e balbuciar incoerentemente de medo, de dor e de infelicidade, e se encolheu para longe do que parecia ser mais uma ameaça.

— Não tenha medo — disse Will —, pelo menos podemos ajudar o senhor a se esconder. Venha, não vamos machucá-lo.

A mão trêmula pegou a mão dele e a segurou sem forças. O velho estava emitindo um lamento sem palavras, um gemido desconsolado, que se repetia sem parar, rangendo os dentes e, compulsivamente, arrancando as próprias penas com a mão livre; mas quando Lyra também enfiou a mão para ajudá-lo a sair, ele tentou sorrir e fazer uma reverência, e seus olhos antiquíssimos muito fundos em meio às rugas piscaram para ela com inocente encantamento.

E os dois, juntos, ajudaram o ser mais antigo de todos os tempos a sair da cela de cristal; não foi difícil, pois ele era leve como papel, e os teria seguido para qualquer lugar, uma vez que não tinha vontade própria e respondia às simples gentilezas como uma flor ao sol. Mas, ao ar livre, não havia nada que impedisse o vento de lhe danificar e, para a consternação dos dois, sua forma começou a perder consistência e a se dissolver imediatamente. Apenas alguns minutos depois ele havia desaparecido completamente, e a última imagem que Lyra e Will tiveram foi

daqueles olhos, piscando de encantamento, e o som de um suspiro do mais profundo e exausto alívio.

E então, ele havia sumido: um mistério se dissolvendo misteriosamente. Tudo havia levado menos de um minuto e, no mesmo instante, Will se virou de volta para o cavaleiro morto. Levantou o corpo pequeno, segurando-o delicadamente nas palmas das mãos, e quando se deu conta as lágrimas escorriam por suas faces.

Mas Lyra estava dizendo alguma coisa em tom aflito.

— Will, temos que sair daqui... nós *temos que ir*... a dama ouviu cavalos se aproximando...

Do céu azul-índigo, um falcão azul-índigo desceu, de repente, em um movimento suave e circular; Lyra deu um grito de susto e se abaixou; mas Salmakia gritou com toda a força que tinha:

— Não, Lyra! Não! Fique o mais alto que puder e estenda o punho para cima!

Então, Lyra se manteve de pé, imóvel, sustentando um braço com o outro, e o falcão azul fez uma outra volta, se virou e tornou a descer em um movimento suave e circular, pousando e agarrando os nós de seus dedos nas garras afiadas.

No dorso do falcão estava montada uma senhora de cabelos grisalhos, cujo rosto de olhos claros se voltou primeiro para Lyra, depois para Salmakia, que se segurava em seu colarinho.

— Madame... — disse Salmakia, com a voz fraca —, nós fizemos...

— Vocês fizeram tudo o que foi necessário. Agora nós estamos aqui — declarou madame Oxentiel e puxou as rédeas.

Imediatamente o falcão gritou três vezes, tão alto que a cabeça de Lyra zumbiu. Em resposta, dardejando do céu, saíram primeiro uma, depois duas e mais três, então centenas de libélulas de cores brilhantes carregando guerreiros, todas voando baixo, tão velozmente que parecia inevitável colidirem umas contra as outras; mas os reflexos dos insetos e a habilidade de seus cavaleiros eram tão aguçados que, em vez disso, pareceram tecer uma tapeçaria bordada de cores fortes e claras, rápida e silenciosa no ar acima e ao redor das crianças.

— Lyra — disse a dama no falcão — e Will: agora venham conosco e os levaremos a seus daemons.

Enquanto o falcão abria as asas e levantava voo saindo de uma de suas mãos, Lyra sentiu o peso de Salmakia cair sobre a outra e soube no mesmo instante que somente a força de vontade da pequena dama a mantivera viva até aquele momento.

Ela segurou cuidadosamente o corpo trazendo-o para junto do seu e correu com Will debaixo da nuvem de libélulas, tropeçando e caindo mais de uma vez, mas, o tempo todo, mantendo a dama delicadamente encostada em seu coração.

— Esquerda! Esquerda! — gritou a voz do falcão azul e, na escuridão rasgada pelos clarões de relâmpagos, eles viraram naquela direção; à direita deles, Will viu um pelotão de homens vestindo armaduras cinza-claro, elmos, máscaras, seus daemons lobo caminhando ao lado deles na mesma cadência. Uma corrente de libélulas partiu para cima deles imediatamente e os homens vacilaram: suas armas eram inúteis e em um instante os galivespianos estavam entre eles, cada guerreiro saltando das costas de seu inseto, encontrando uma mão, um braço, um pescoço nu e enfiando sua espora antes de saltar de volta para o inseto enquanto este fazia meia-volta e passava de novo em voo rasante. Eles eram tão rápidos que era quase impossível seguir os movimentos. Os soldados se viraram e saíram correndo em pânico, sua disciplina totalmente destruída.

Mas então, veio o ruído de cascos, em um estrondo repentino partindo de trás, e as crianças se viraram desalentadas: aquele povo montado a cavalo estava caindo sobre eles a galope, e um ou dois já tinham redes nas mãos, girando-as acima da cabeça e capturando as libélulas, então batendo com as redes como se fossem chicotes e atirando no chão os corpos partidos dos insetos.

— Por aqui — chamou a voz da dama, e então ela disse: — Agora abaixem-se, para baixo, colados no chão!

Eles obedeceram e sentiram a terra tremer sob seus corpos. Poderia aquilo ser o ruído de cascos? Lyra levantou a cabeça e afastou o cabelo molhado dos olhos, e viu algo bem diferente de cavalos.

— Iorek! — exclamou, a alegria se acendendo como uma chama saltando em seu peito. — Ah, Iorek!

Will a puxou para baixo imediatamente, pois não somente Iorek Byrnison mas um regimento de ursos de armadura estavam vindo diretamente para eles. Foi por um triz: Lyra abaixou a cabeça bem a tempo, e então Iorek saltou, passando por cima deles, rugindo ordens a seus ursos para irem para a esquerda, para irem para a direita e acabar com os inimigos que os cercavam.

Com imensa leveza, como se sua armadura não pesasse mais que seu pelo, o urso rei girou para encarar Will e Lyra, que estavam lutando para se levantar.

— Iorek, atrás de você, eles têm redes! — gritou Will, porque os cavaleiros

estavam quase em cima deles.

Antes que o urso pudesse se mover, a rede do cavaleiro sibilou voando no ar e no mesmo instante Iorek foi envolvido por uma teia de aranha de fios fortes como aço. Ele rugiu, se levantando bem alto nas patas traseiras, golpeando o cavaleiro com as patas imensas. Mas a rede era forte, e embora o cavalo relinchasse e empinasse, assustado, Iorek não conseguiu se libertar dos anéis da rede.

— Iorek! — gritou Will. — Fique parado! Não se mexa!

E saiu correndo para a frente, chapinhando em meio às poças e saltando sobre as moitas de capim, enquanto o cavaleiro tentava controlar o cavalo, e alcançou Iorek justo no momento em que um segundo cavaleiro chegava e uma segunda rede era lançada sibilando no ar.

Mas Will manteve a cabeça fria: em vez de golpear com a faca a torto e a direito e se enredar ainda mais, observou o fluxo da trama da rede e cortou-a em questão de instantes. A segunda rede caiu inutilizada no chão e então Will saltou para Iorek, tateando com a mão esquerda e cortando com a direita. O grande urso se manteve imóvel enquanto o menino corria de um lado para outro sobre seu corpo amplo, cortando, libertando, abrindo passagem.

— Está livre! — berrou Will se afastando com um salto, e Iorek pareceu explodir para cima bem no peito do cavalo mais próximo.

O cavaleiro tinha levantado a cimitarra para golpear o pescoço do urso, mas Iorek Byrnison em sua armadura pesava quase duas toneladas, e nada, àquela distância, seria capaz de resistir a ele. Cavalo e cavaleiro, ambos espatifados e esmagados, tombaram para o lado inofensivamente. Iorek recuperou o equilíbrio, olhou em volta para ver como estava o terreno e rugiu para as crianças.

— Subam nas minhas costas! Agora!

Lyra montou com um salto e Will a seguiu. Apertando o ferro frio entre as pernas, eles sentiram a onda maciça de força quando Iorek começou a se mover.

Atrás deles, os demais ursos lutavam contra a estranha cavalaria, ajudados pelos galivespianos, cujas ferroadas enfureciam os cavalos. A dama montada no falcão azul se aproximou em um voo rasante e gritou:

— Agora siga reto, bem em frente! Entre as árvores no vale!

Iorek alcançou o topo de uma pequena elevação no terreno e se deteve. À frente deles o terreno irregular descia em uma encosta em direção a um arvoredo a cerca de quatrocentos metros de distância. Em algum lugar depois disso, uma bateria de

armas pesadas disparava uma bomba atrás da outra, bombas que subiam voando alto, e alguém também estava disparando foguetes luminosos, que explodiam pouco abaixo das nuvens e desciam flutuando em direção às árvores.

E, lutando para ganhar o controle do arvoredo propriamente dito, havia um grupo de vinte Espectros ou mais, sendo impedidos por um bando desalinhado de fantasmas. Tão logo viram o grupo de árvores, tanto Lyra quanto Will souberam com certeza que seus daemons estavam ali dentro e que, se não os alcançassem logo, eles morreriam. Mais Espectros estavam chegando lá a cada minuto, fluindo sobre a elevação estreita e comprida, vindos da direita. Will e Lyra podiam vê-los muito claramente agora.

Uma explosão bem acima da elevação sacudiu o solo e lançou pedras e nuvens de terra bem alto no ar. Lyra deu um grito e Will teve que apertar o peito.

— Segurem com força — rosnou Iorek, e partiu para o ataque.

Um foguete luminoso explodiu lá em cima, muito alto, depois outro e mais outro, descendo flutuando lentamente com um clarão intenso de magnésio. Uma outra bomba explodiu, dessa vez mais perto, e eles sentiram o impacto do ar se deslocando e, um ou dois segundos depois, as agulhadas de terra e pedras sobre seus rostos. Iorek não vacilou, mas eles acharam difícil se segurar: não podiam enfiar os dedos e agarrar seu pelo — tinham que apertar a armadura entre os joelhos, e as costas dele eram tão largas que ambos ficavam escorregando.

— Olhe! — exclamou Lyra, apontando para o alto enquanto uma outra bomba explodia nos arredores.

Uma dúzia de feiticeiras estava se dirigindo para os foguetes, empunhando galhos bastos, densamente carregados de folhas, e com eles elas afastaram as luzes intensas, varrendo-as para longe no céu mais além. A escuridão caiu novamente sobre o arvoredo, que se tornou um alvo menos evidente para a artilharia.

E agora as árvores estavam a apenas alguns metros de distância. Tanto Will quanto Lyra sentiram a parte deles que faltava ali por perto — uma animação, uma esperança descontrolada, gelada de medo: pois havia um grande número de Espectros em meio às árvores e eles teriam que entrar e passar abertamente entre eles, e o simples fato de vê-los evocava aquela fraqueza nauseante no coração.

— Eles têm medo da faca — disse uma voz ao lado deles, e o urso rei parou tão de repente que Will e Lyra despencaram de suas costas.

— Lee! — exclamou Iorek. — Lee, meu camarada, nunca vi isso antes. Você está

morto; com o que estou falando?

— Iorek, meu velho, você não sabe de metade da história. Nós assumiremos o comando agora, os Espectros não têm medo de ursos. Lyra, Will, venham por aqui e levantem essa faca...

O falcão azul veio voando mais uma vez em um movimento lento circular para pousar no punho de Lyra, e a senhora de cabelos grisalhos disse:

— Não percam nem um segundo; entrem e encontrem seus daemons e fujam! Há mais perigos se aproximando.

— Obrigada, senhora! Muito obrigada a todos vocês! — exclamou Lyra, e o falcão azul levantou voo.

Com dificuldade, Will conseguia enxergar o fantasma de Lee Scoresby ao lado deles, insistindo para que seguissem para o arvoredo, mas eles tinham que se despedir de Iorek Byrnison.

— Iorek, meu querido, não tenho palavras, vá em paz, abençoado seja você!

— Obrigado, rei Iorek — disse Will.

— Não temos tempo. Andem! Andem logo!

Ele os empurrou, afastando-os com a cabeça coberta pela armadura.

Will mergulhou atrás do fantasma de Lee Scoresby em meio aos arbustos e plantas rasteiras no bosque, golpeando e cortando à esquerda e à direita com a faca. Ali a luz era irregular e amortecida pelas sombras densas, emaranhadas, desnorteantes.

— Fique bem perto — gritou para Lyra, e então deu um grito de dor quando um galho de espinheiro cortou seu rosto.

Por toda parte ao redor havia movimento, barulho e luta. As sombras se moviam para a frente e para trás como galhos sob um vento forte. Poderiam ter sido fantasmas; as duas crianças sentiam os pequenos choques de frio que conheciam tão bem, e então ouviram vozes por toda parte.

— Por aqui!

— Venham por aqui!

— Sigam adiante, estamos conseguindo impedir que eles passem.

— Agora estão quase chegando!

E então, veio um grito em uma voz que Lyra conhecia e amava mais que qualquer outra.

— Ah, venha depressa! Depressa, Lyra!

— Pan, querido... estou aqui...

Ela se arremessou na escuridão, soluçando e tremendo, e Will arrancou galhos e hera, cortou galhos de espinheiros e urtigas, enquanto por toda parte ao redor deles as vozes de fantasmas se elevavam em um clamor de encorajamento e de advertência.

Mas os Espectros também tinham encontrado o alvo e avançaram penetrando através do emaranhado traiçoeiro de plantas rasteiras, trepadeiras e arbustos espinhosos, só encontrando fumaça como resistência. Uma dúzia, um grande número das pálidas malignidades pareceu afluir rapidamente em direção ao centro do pequeno bosque, onde o fantasma de John Parry estava em posição de combate e comandava seus companheiros para lutar contra eles.

Will e Lyra estavam tremendo e enfraquecidos de medo, exaustão, náusea e dor, mas desistir era inconcebível. Lyra arrancava os galhos cheios de espinhos com as mãos nuas, Will golpeava e cortava à esquerda e à direita com a faca, enquanto em torno deles o combate de seres fantasmagóricos se tornava cada vez mais selvagem.

— Ali! — exclamou Lee. — Estão vendo? Junto daquela pedra grande...

Um gato selvagem, dois gatos selvagens, cuspindo, sibilando e dando golpes cortantes. Os dois eram daemons, e Will sentiu que se houvesse tempo ele teria facilmente conseguido dizer qual era Pantalaimon; mas não havia tempo, porque com uma facilidade horripilante um Espectro se moveu lentamente para fora do trecho de sombra mais próximo e foi planando silenciosamente em direção a eles.

Will saltou por cima do último obstáculo, um tronco de árvore caído, e enfiou a faca na luz trêmula no ar sem encontrar resistência. Ele sentiu seu braço ficar dormente, mas cerrou os dentes como estava cerrando os dedos em volta do cabo da faca, e a forma pálida pareceu se afastar borbulhando e se fundir de volta na escuridão.

Estavam quase lá; e os daemons estavam loucos de medo, porque mais e mais Espectros vinham avançando através das árvores, e somente os valentes fantasmas os estavam impedindo de passar.

— Você pode cortar uma abertura? — perguntou o fantasma de John Parry.

Will levantou a faca e teve que parar quando uma onda violenta de náusea o sacudiu da cabeça aos pés. Não havia mais nada em seu estômago, e o espasmo doeu terrivelmente. Ao lado dele, Lyra estava no mesmo estado. O fantasma de Lee, vendo o porquê daquilo, saltou para junto dos daemons e lutou contra a coisa pálida que

estava surgindo, saindo através da rocha atrás deles.

— Will, por favor — disse Lyra, arquejando.

E a faca entrou, cortou para o lado, para baixo e para cima. O fantasma de Lee Scoresby olhou através da janela e viu uma ampla pradaria silenciosa sob uma lua brilhante, tão parecida com sua terra natal que pensou que tivesse recebido uma graça.

Com um salto, Will atravessou a clareira e agarrou o daemon mais próximo, enquanto Lyra apanhava o outro.

E mesmo naquela pressa terrível, mesmo naquele momento de extremo perigo, cada um deles sentiu o mesmo pequeno choque de agitação: pois Lyra estava segurando o daemon de Will, a gata selvagem sem nome, e Will estava carregando Pantalaimon.

Com dificuldade, eles afastaram os olhos um do outro.

— Adeus, sr. Scoresby! — gritou Lyra, olhando em volta, procurando por ele. — Eu gostaria... Ah, muito obrigada, muito obrigada... adeus!

— Adeus, minha menina... Adeus, Will... vão em paz!

Lyra atravessou a janela rapidamente, mas Will se manteve imóvel e olhou nos olhos do espírito de seu pai, brilhantes em meio às sombras. Antes de deixá-lo, havia uma coisa que tinha que dizer.

— O senhor disse que eu era um guerreiro — falou para o fantasma de seu pai. — Disse que eu era um guerreiro, disse que essa era a minha natureza e que eu não devia lutar contra ela. Pai, o senhor estava errado. Eu lutei porque tive que lutar. Não posso escolher minha natureza, mas posso escolher o que faço. E *vou* escolher, porque agora estou livre.

O sorriso de seu pai se abriu cheio de orgulho e ternura.

— Muito bem, meu filho. Faz realmente muito bem — disse. Will não conseguia mais vê-lo. Então, se virou e atravessou a janela atrás de Lyra.

E agora que o objetivo deles havia sido atingido, agora que as crianças tinham encontrado seus daemons e fugido, os guerreiros mortos permitiram que seus átomos relaxassem e finalmente se separassem flutuando.

Indo para fora do pequeno bosque, para longe dos Espectros perplexos, para fora do vale, passando pelo vulto poderoso de seu velho companheiro, o urso de armadura, até que o último minúsculo fragmento de consciência do que fora o aeróstata Lee Scoresby flutuou para o alto, exatamente como seu grande balão havia

feito tantas vezes. Sem se incomodar com os foguetes luminosos e as bombas eclodindo e voando pelos ares, surdo às explosões, gritos e urros de raiva, de advertência e de dor, consciente apenas de seu movimento para cima, o que restava de Lee Scoresby passou através das nuvens pesadas e saiu sob a abóbada de estrelas brilhantes, onde os átomos de seu daemon tão amado, Hester, estavam esperando por ele.

32. MANHÃ

Nasce a manhã, a noite se desfaz, os guardas
deixam para trás os postos de vigia
WILLIAM BLAKE

A vasta pradaria dourada que o fantasma de Lee Scoresby tinha avistado, por um breve momento pela janela, se estendia tranquila sob os primeiros raios de sol da manhã.

Dourada, mas também amarela, marrom, verde e com cada um de todos os milhares de matizes de cor entre eles; e negra, em certos pontos, com linhas e faixas de piche brilhante; e prateada também, onde o sol refletia as pontas de um tipo particular de relva, começando a florir; e azul, onde um amplo lago a alguma distância e um laguinho bem menor, mais próximo, refletiam a amplitude do azul do céu.

E tranquila, mas não silenciosa, pois uma brisa suave fazia farfalhar os bilhões de pequenas hastes, e um bilhão de insetos e outras pequenas criaturas arranhavam, zumbiam e cricrilavam na relva, e um passarinho voando em círculos, alto demais no azul para ser visto, cantava pequenas notas musicais como a cadência de sinos repicando, ora bem próximo, ora lá longe e nunca igual.

Em toda aquela vasta paisagem, as únicas coisas vivas que estavam silenciosas e imóveis eram o menino e a menina deitados dormindo, de costas um para o outro, à sombra de uma saliência de rocha no alto de uma pequena escarpa.

Estavam tão quietos, tão pálidos, que poderiam estar mortos. A fome havia esticado a pele sobre os ossos de suas faces, o sofrimento, deixado marcas em torno de seus olhos, e eles estavam cobertos de poeira, lama e de uma boa quantidade de sangue. E, pela absoluta passividade dos membros de seus corpos, pareciam estar nos últimos estágios de exaustão.

Lyra foi a primeira a acordar. À medida que o sol foi subindo no céu, ultrapassou a rocha acima e tocou seus cabelos, ela começou a se mexer ligeiramente e, quando a luz do sol alcançou suas pálpebras, sentiu como se estivesse sendo puxada das profundezas do sono como um peixe: devagar, pesada, resistindo.

Mas não havia como discutir com o sol, e, pouco depois, ela virou a cabeça, jogou o braço sobre os olhos e murmurou:

— Pan... Pan...

Sob a sombra do braço, ela abriu os olhos e, de fato, despertou. Durante algum tempo não se mexeu, porque seus braços e pernas estavam muito doloridos e ela sentia todas as partes de seu corpo pesadas e sem forças por causa da exaustão; mas, ainda assim, estava acordada e sentiu a brisa suave e o calor do sol, ouviu os ruídos dos pequenos insetos e o canto como um repicar de sino daquele passarinho voando bem alto. Tudo aquilo era delicioso. Tinha se esquecido de como o mundo podia ser bom.

Pouco depois, se virou para o lado e viu Will, ainda profundamente adormecido. A mão dele tinha sangrado muito; sua camisa estava rasgada e imunda, o cabelo duro de poeira e suor. Ficou olhando para ele durante muito tempo, para a pequena pulsação em sua garganta, para o peito que subia e descia lentamente, para as sombras delicadas que seus cílios criaram quando o sol finalmente os alcançou.

Ele murmurou alguma coisa e se mexeu de leve. Não querendo ser apanhada olhando para ele, ela olhou para o outro lado, para a pequena cova que tinham aberto na noite anterior, com apenas uns dois palmos de largura, onde os corpos do cavaleiro Tialys e de lady Salmakia agora repousavam. Havia uma pedra achatada ali perto: ela se levantou sobre o cotovelo, soltou a pedra do solo e a enfiou verticalmente na parte de cima da cova, então, se sentou bem reta e protegeu os olhos do sol com a mão para contemplar a planície.

Parecia sem fim, se estendendo muito além do que era possível ver. Em nenhum ponto era inteiramente plana; ondulações suaves e pequenas elevações e vales tornavam a superfície diferente para onde quer que olhasse e, aqui e ali, via grupos de árvores, tão altas que pareciam mais ser construções do que árvores que haviam crescido: seus troncos retos e copas verde-escuras pareciam desafiar a gravidade, estando tão claramente visíveis no que deveria ser uma extensão de muitos quilômetros.

Mais perto, no entanto — na verdade, na base da escarpa, a não mais de noventa metros —, havia um laguinho alimentado por uma corrente de água que vinha de uma nascente na rocha, e Lyra se deu conta de como estava com sede.

Ela se levantou com as pernas trêmulas e foi andando devagar naquela direção. A nascente brotava gorgolejando e corria em meio às rochas cobertas de musgo, e ela

enfiou as mãos na corrente d'água uma porção de vezes, lavando bem as mãos e limpando a lama e fuligem antes de levá-las em concha à boca para beber. A água estava gelada de doer os dentes, e Lyra bebeu com muito prazer.

As margens do laguinho eram cercadas de juncos, onde um sapo coaxava. Suas águas eram rasas e mais quentes que as da nascente, como descobriu quando tirou os sapatos e foi entrando nele. Ficou parada ali por um longo tempo, com o sol na cabeça e seu corpo se deliciando com a lama fresca sob seus pés e o fluxo das águas frias da nascente correndo em volta de suas pernas.

Ela se abaixou para mergulhar o rosto na água e molhar o cabelo todo, deixando-o boiar e depois mergulhando de novo, esfregando-o com os dedos para limpar a poeira e fuligem.

Quando se sentiu um pouco mais limpa e depois de saciar a sede, olhou para o alto da escarpa de novo, para ver se Will havia acordado. Ele estava sentado com os joelhos encolhidos e os braços apoiados neles, observando a amplitude da planície como ela havia feito e parecia maravilhado com sua extensão. E com a luz, o calor e a tranquilidade.

Ela subiu de volta devagar para se juntar a ele e o encontrou gravando os nomes dos galivespianos na pequena lápide, depois enfiando-a mais firmemente no solo.

— Eles estão...? — perguntou ele, e Lyra soube que se referia aos daemons.

— Não sei. Ainda não vi Pan. Tenho a sensação de que ele não está longe, mas não sei. Você se lembra do que aconteceu?

Ele esfregou os olhos e deu um bocejo tão grande que ela ouviu suas mandíbulas estalarem. Depois piscou os olhos e sacudiu a cabeça.

— Não muito bem — ele respondeu. — Eu peguei Pan e você pegou... a outra, atravessamos a janela e estava tudo iluminado pelo luar e eu o botei no chão perto da janela.

— E a sua... o outro daemon simplesmente saiu pulando dos meus braços — disse ela. — E eu estava tentando ver o sr. Scoresby pela janela, e Iorek, e para onde Pan tinha ido, e quando olhei em volta eles não estavam mais lá.

— Mas não tenho mais aquela sensação que tive quando entramos no mundo dos mortos. Quando ficamos realmente separados.

— Não — concordou ela. — Eles com certeza estão em algum lugar por perto. Eu me lembro de quando éramos pequenos e costumávamos brincar de esconder, só que nunca realmente funcionava, porque eu era grande demais para me esconder

dele e sempre sabia exatamente onde ele estava, mesmo que se camuflasse de mariposa ou coisa assim. Mas isto é esquisito — observou, passando a mão sobre a cabeça involuntariamente, como se estivesse tentando desfazer algum encantamento —, ele não está aqui, mas não me sinto como se estivesse faltando um pedaço, me sinto segura e não sei onde ele está.

— Acho que eles estão juntos — disse Will.

— É, devem estar.

Ele se levantou de repente.

— Olhe — mostrou —, ali adiante...

Will estava sombreando os olhos e apontando. Ela olhou na direção em que ele apontava e viu um tremor distante de movimento, bem diferente do tremeluzir da névoa de calor.

— Animais? — perguntou ela em tom de dúvida.

— E ouça — disse ele, pondo a mão em concha atrás da orelha.

Agora que Will tinha chamado sua atenção, Lyra ouviu o som de um ribombar baixo, contínuo, quase como uma trovoada, vindo de muito longe.

— Eles desapareceram — disse Will, apontando.

A pequena mancha de sombras em movimento havia desaparecido, mas o som de trovoada se prolongou por alguns instantes. Então, tudo ficou repentinamente mais tranquilo, embora já estivesse muito tranquilo antes. Os dois ainda estavam olhando para a mesma direção e, pouco depois, viram o movimento começar de novo. E alguns momentos depois veio o som.

— Eles entraram atrás de uma elevação ou coisa assim — comentou Will. — Acha que estão mais perto?

— Sinceramente não consigo ver. Sim, estão se virando, olhe, eles estão vindo para cá.

— Bem, se tivermos que lutar com eles, quero beber água antes — disse Will e levou a mochila até a nascente, onde bebeu bastante água e se lavou, limpando a maior parte da sujeira. Seu ferimento tinha sangrado muito. Ele estava imundo; louco por um banho de chuveiro quente com muito sabão e roupas limpas para vestir depois.

Lyra estava observando os... sejam lá o que fossem; eram realmente muito estranhos.

— Will — chamou ela —, eles estão montados em rodas...

Mas ela disse isso em tom incerto. Ele subiu um pouco mais acima na encosta e sombreou os olhos para olhar. Agora era possível ver indivíduos. O grupo ou rebanho ou bando era de cerca de uma dúzia, e eles estavam se movendo, como Lyra dissera, sobre rodas. Pareciam um cruzamento de antílopes com motocicletas, mas eram ainda mais estranhos que isso: tinham trombas como pequenos elefantes.

E estavam vindo na direção de Will e Lyra, com um ar determinado. Will puxou a faca, mas Lyra, sentada na relva a seu lado, já estava girando os ponteiros do aletiômetro.

O instrumento respondeu depressa, enquanto as criaturas ainda estavam a uns noventa metros de distância. O ponteiro girou rapidamente para a esquerda e para a direita, e Lyra o observou ansiosamente, pois suas últimas leituras tinham sido muito difíceis e sua mente se sentia desajeitada e hesitante enquanto ia descendo pelas ramificações da compreensão. Em vez de voar rapidamente como um pássaro, ela seguiu se segurando com as mãos em busca de apoio; mas o significado estava lá, sólido como sempre, e logo compreendeu o que estava dizendo.

— Eles são amigos — declarou —, está tudo bem, Will, estão procurando por nós, sabiam onde estávamos... E, é muito estranho, não consigo entender muito bem... a dra. Malone?

Ela disse o nome meio que para si mesma, porque não conseguia acreditar que a dra. Malone estivesse naquele mundo. Mas o aletiômetro a havia indicado claramente, embora, é claro, não pudesse dizer seu nome. Lyra guardou o instrumento e se levantou lentamente ao lado de Will.

— Acho que deveríamos ir ao encontro deles — disse. — Não vão nos fazer mal.

Alguns deles tinham parado, esperando. O líder se adiantou um pouco, com a tromba erguida, e eles puderam ver como se impulsionava, com fortes empurrões para trás com os membros laterais. Alguns dos seres tinham ido até o laguinho para beber água; outros esperavam, mas não com a curiosidade passiva de vacas reunidas junto de uma porteira. Aqueles seres eram indivíduos, animados por inteligência e propósito. Eles eram gente.

Will e Lyra desceram pela encosta até estarem perto o bastante para falar com eles. A despeito do que Lyra tinha dito, Will manteve a mão na faca.

— Não sei se vocês me compreendem — disse Lyra cautelosamente —, mas sei que são amigos. Acho que deveríamos...

O líder moveu a tromba e disse:

— Venha ver Mary. Vocês montam. Nós levamos. Venha ver Mary.

— Ah! — exclamou ela e se virou para Will, sorrindo cheia de satisfação.

Dois dos seres estavam equipados com rédeas e estribos de corda trançada. Sem selas; mas seus dorsos em forma de losango se revelaram bastante confortáveis sem elas. Lyra já havia montado em um urso e Will andava de bicicleta, mas nenhum deles havia montado a cavalo, que era a comparação mais próxima. Contudo, os cavaleiros que montam cavalos geralmente estão no comando, e as crianças logo descobriram que não estavam: as rédeas e estribos estavam lá simplesmente para dar a eles alguma coisa em que se segurar e se equilibrar. Os seres é que tomavam todas as decisões.

— Onde estão — Will começou a falar, mas teve que parar e recuperar o equilíbrio quando o ser sob ele se moveu.

O grupo fez meia-volta e desceu a encosta suave, seguindo devagar pela relva. O movimento era sacolejante, mas não desconfortável, porque os seres não tinham coluna dorsal: Will e Lyra tinham a impressão de estarem sentados em cadeiras com assentos macios de mola.

Logo chegaram ao que não tinham visto claramente da escarpa: um daqueles trechos de solo negros ou marrom-escuros. A estrada se parecia mais com um curso d'água que com uma via expressa, porque em certos lugares se alargava em áreas amplas como pequenos lagos e em outros se dividia em canais estreitos só para se unir mais adiante de forma imprevisível. Era completamente diferente da maneira racional e brutal com que as estradas cortavam as encostas de colinas e se estendiam em pontes de concreto. Ali aquilo era parte integrante da paisagem, não algo imposto a ela.

Estavam seguindo em velocidade cada vez maior. Will e Lyra levaram algum tempo para se habituar ao impulso vivo dos músculos e ao rugido trepidante das rodas maciças sobre a pedra dura. Lyra inicialmente teve mais dificuldade que Will, pois nunca tinha andado de bicicleta e não conhecia o truque de se inclinar para o lado; mas observou como ele fazia e logo estava achando a velocidade deliciosa.

As rodas faziam barulho demais para que pudessem conversar. Em vez disso, tinham que apontar para as árvores, com espanto diante de seu tamanho e esplendor; para um bando de passarinhos, os mais estranhos que já tinham visto, as asas à frente e atrás dando-lhes um movimento em espiral no ar; para um gordo lagarto azul do comprimento de um cavalo, tomando banho de sol bem no meio da

estrada (os seres de rodas se dividiram para passar pelos lados dele, e o lagarto não deu a menor atenção).

O sol estava alto no céu quando começaram a reduzir a velocidade. E no ar havia o cheiro salgado inconfundível do mar. A estrada estava subindo para uma encosta e pouco depois eles estavam se movendo na mesma velocidade de alguém andando a pé.

Dolorida e com os músculos enrijecidos, Lyra disse:

— Pode parar? Quero desmontar e andar.

O ser que a transportava sentiu o puxão nas rédeas e, quer tenha compreendido ou não suas palavras, ele se deteve. O de Will também parou, e as duas crianças desmontaram, sentindo-se doloridas e com os músculos endurecidos depois da trepidação e tensão constantes.

Os seres se viraram para falar uns com os outros, suas trombas se movendo elegantemente no mesmo compasso dos sons que faziam. Depois de um minuto seguiram adiante, e Will e Lyra ficaram satisfeitos de caminhar em meio aos seres com cheiro de feno e relva cálida que iam rolando sobre suas rodas ao lado deles. Um ou dois tinham seguido à frente para o topo da elevação, e as crianças, agora que não precisavam mais se concentrar em se segurar, puderam observar como eles se moviam e admirar a graça e a força com que se impulsionavam para a frente e se inclinavam para fazer curvas.

Quando chegaram ao alto da encosta, pararam, e Will e Lyra ouviram o líder dizer:

— Mary perto. Mary lá.

Olharam para baixo. No horizonte havia o reflexo azul do mar. Um rio largo de curso lento serpenteava em meio ao pasto a meia distância, e na base da longa encosta, entre capoeiras de pequenas árvores e fileiras de plantações de verduras, havia um povoado de casas com teto de palha. Mais seres iguais àqueles se movimentavam entre as casas ou cuidavam das plantações ou trabalhavam entre as árvores.

— Agora, montem de novo — disse o líder.

Não faltava muito para chegarem. Will e Lyra montaram novamente e os outros seres examinaram meticulosamente se estavam bem equilibrados e verificaram os estribos com suas trombas, como se estivessem verificando se estavam em segurança.

Então, eles partiram, batendo na estrada com os membros laterais e se impulsionando para a frente para descer a encosta até estarem se movendo em uma velocidade assombrosa. Will e Lyra se seguraram firme com mãos e joelhos e sentiram o ar passar chicoteando seus rostos, lançando seus cabelos para trás e fazendo pressão em seus olhos. O trovejar das rodas, o passar rápido do pasto dos dois lados, a inclinação certeira e poderosa na curva ampla adiante, o deleite lúcido da velocidade — aqueles seres adoravam aquilo, e Will e Lyra sentiram o contentamento deles e riram felizes em resposta.

Eles pararam no centro do povoado e os outros que os tinham visto a caminho se reuniram levantando as trombas e dizendo palavras de boas-vindas.

E então, Lyra exclamou:

— Dra. Malone!

Mary tinha saído de uma das cabanas, a camisa azul desbotada, seu corpo forte, as faces coradas e calorosas, ao mesmo tempo estranhas e familiares.

Lyra correu e a abraçou, a mulher lhe retribuiu com um abraço apertado, e Will ficou para trás, cauteloso e hesitante.

Mary beijou Lyra carinhosamente e depois se adiantou para dar as boas-vindas a Will. E então, houve uma curiosa dança mental de simpatia e acanhamento, que ocorreu em um segundo ou menos.

Movida pela compaixão pelo estado em que eles estavam, Mary inicialmente quis abraçar Will como a Lyra. Mas Mary era uma adulta, e Will era quase adulto, e ela percebeu que aquele tipo de reação teria feito dele uma criança, porque ela poderia abraçar e beijar um menino daquela forma, mas nunca teria feito isso com um homem que não conhecesse; então, recuou mentalmente, querendo demonstrar respeito pelo amigo de Lyra e não fazer com que ele se sentisse diminuído.

Assim, estendeu a mão, ele a apertou e uma corrente tão poderosa de compreensão e de respeito fluiu entre os dois que imediatamente se tornou uma afeição, e cada um dos dois sentiu que tinha feito um amigo para o resto da vida; como de fato fizeram.

— Este é Will — disse Lyra —; ele vem de seu mundo, lembra, eu falei dele...

— Sou Mary Malone — se apresentou —, e vocês estão com fome, todos os dois, parecem estar morrendo de fome.

Ela se virou para o ser a seu lado e pronunciou alguns daqueles sons cantados, apitados, movendo o braço enquanto o fazia.

Imediatamente os seres se afastaram e alguns deles trouxeram almofadas e tapetes da casa mais próxima e os colocaram na terra firme debaixo de uma árvore próxima, cujas folhas densas e galhos baixos ofereciam uma sombra fresca e perfumada.

Tão logo eles estavam confortavelmente acomodados, os anfitriões trouxeram tigelas cheias até a borda de leite que tinha uma leve adstringência de limão e era maravilhosamente refrescante; e pequenas nozes semelhantes a avelãs, mas com um sabor mais forte, amanteigado; e salada feita com verduras frescas recém-colhidas, folhas crocantes de sabor forte, apimentado, misturadas com outras macias e grossas que escorriam uma seiva cremosa, e pequenas raízes do tamanho de cerejas, com sabor de cenouras doces.

Mas eles não conseguiram comer muito. Era tudo forte e suculento demais. Will queria fazer justiça à generosidade deles, mas a única coisa que conseguiu engolir com facilidade, além da bebida, foi um pão achatado, de farinha ligeiramente tostada, parecendo chapatis ou tortilhas. Era simples e nutritivo e foi tudo o que Will conseguiu comer. Lyra provou um pouco de tudo, mas, como Will, logo descobriu que um pouquinho era mais que o suficiente.

Mary conseguiu evitar fazer perguntas. Aqueles dois tinham passado por uma experiência que os havia marcado profundamente: ainda não queriam falar a respeito dela.

Então, respondeu às perguntas deles sobre os mulefas e contou brevemente como havia chegado àquele mundo; depois ela os deixou à sombra da árvore, porque podia ver que estavam com as pálpebras pesadas e cabeceando de sono.

— Agora vocês não precisam fazer nada, só dormir — declarou. A tarde estava agradável e calma, e a sombra da árvore era convidativa e murmurante com o som de grilos. Menos de cinco minutos depois de terem tomado o último gole da bebida, tanto Will como Lyra dormiam profundamente.

— *Eles são de dois sexos diferentes?* — perguntou Atal, surpreendida. — *Mas como pode distinguir?*

— *É fácil* — disse Mary. — *Seus corpos têm formas diferentes. Eles se mexem de maneiras diferentes.*

— *Eles não são muito menores que você. Mas têm menos sraf. Quando isso chegará para eles?*

— *Não sei* — respondeu Mary. — *Imagino que em muito pouco tempo. Não sei quando acontece conosco.*

— *Não têm rodas* — comentou Atal em tom de simpatia.

Elas estavam limpando a horta. Mary tinha feito uma enxada para evitar ter que se agachar; Atal usava sua tromba, sendo assim, podiam conversar e trabalhar ao mesmo tempo.

— *Mas você sabia que eles estavam vindo* — disse Atal.

— *Sabia.*

— *Foram os palitos que disseram?*

— *Não* — respondeu Mary, corando. Ela era uma cientista; já era bastante ruim ter que admitir que consultava o I Ching, e isso era ainda mais constrangedor, mas teve que confessar. — *Foi uma imagem-noite*.

Os mulefas não tinham uma palavra determinada, específica para sonho. Contudo, eles sonhavam vividamente e levavam seus sonhos muito a sério.

— *Você não gosta de imagens-noite* — comentou Atal.

— *Sim, eu gosto. Mas não acreditava nelas até agora. Vi o menino e a menina muito claramente, e uma voz me disse que eu me preparasse para a vinda deles.*

— *Que tipo de voz? Como falou com você se não podia ver?*

Era difícil para Atal imaginar a fala sem os movimentos da tromba que a esclareciam e a definiam. Ela havia parado no meio de uma fileira de pés de feijão e se virado para encarar Mary com uma curiosidade fascinada.

— *Bem, mas eu vi* — respondeu Mary. — *Era uma mulher, ou uma voz feminina, como a nossa, como a de meu povo. Mas muito idosa e ao mesmo tempo nada idosa.*

Pessoa de saber, era assim que os mulefas chamavam seus líderes. Ela viu que Atal a estava olhando intensamente interessada.

— *Como ela podia ser velha e também não ser velha?* — perguntou Atal.

— *É um faz-parece* — respondeu Mary. Atal balançou a tromba, tranquilizada.

— *Ela me disse que eu deveria esperar as crianças, quando eles apareceriam e onde. Mas não por quê. Devo cuidar deles, proteger os dois.* — Mary prosseguiu tentando explicar o melhor que podia.

— *Estão feridos e cansados* — disse Atal. — *Eles vão fazer o sraf parar de ir embora?*

Mary olhou para cima inquieta. Sabia, sem precisar confirmar olhando pela luneta, que as partículas de Sombra estavam fluindo para longe mais rapidamente

que nunca.

— *Espero que sim* — respondeu. — *Mas não sei como*.

Ao cair da tarde, quando as fogueiras para cozinhar foram acesas e as primeiras estrelas estavam surgindo, chegou um grupo de estranhos. Mary estava se lavando; ouviu o trovoar de suas rodas e o murmúrio agitado da conversa, e se apressou em sair de sua casa, se enxugando.

Will e Lyra tinham dormido a tarde inteira e só agora estavam começando a se mexer, ao ouvir o barulho. Lyra se levantou, ainda meio tonta, e viu Mary falando com cinco ou seis mulefas que a rodeavam, claramente ansiosos; mas se estavam aborrecidos ou contentes, não sabia dizer.

Mary a viu e se afastou do grupo.

— Lyra — disse —, aconteceu alguma coisa... eles descobriram uma coisa que não sabem explicar e é... eu não sei o que é... tenho que ir até lá e olhar. Fica a mais ou menos uma hora daqui. Volto assim que puder. Pode pegar e usar tudo o que precisar em minha casa... não posso demorar, eles estão muito nervosos...

— Tudo bem — respondeu Lyra, ainda atordoada pelo longo tempo de sono.

Mary olhou para a sombra da árvore. Will estava esfregando os olhos.

— Realmente não vou demorar muito — prometeu ela. — Atal vai ficar com vocês.

O líder estava impaciente. Rapidamente, Mary colocou as rédeas e os estribos no dorso dele, se desculpando pela falta de jeito, e montou imediatamente. Eles circularam, tomando impulso, depois se viraram e se afastaram sob a luz do anoitecer.

Seguiram em uma nova direção, acompanhando a cadeia de colinas que se elevava acima da costa em direção ao norte. Mary nunca tinha viajado no escuro antes e achou a velocidade ainda mais assustadora do que de dia. À medida que iam subindo, Mary podia ver o brilho do luar refletindo no mar a alguma distância à esquerda e sua luz sépia-prateada parecia envolvê-la em um encantamento fresco e cético. O encantamento estava dentro dela e o ceticismo estava no mundo que a cercava, o frescor estava presente nos dois.

Olhava para o alto de vez em quando e tocava na luneta em seu bolso, mas não podia usá-la enquanto não parassem. E aqueles mulefas estavam se movendo com grande velocidade, com o ar de que não quereriam parar para nada. Depois de uma

hora de percurso veloz, eles viraram em direção ao interior, deixando a estrada de pedra e seguindo lentamente por uma trilha de terra batida que se estendia entre o pasto de relva alta, passando por um grupo de árvores-das-rodas, e subia para uma cadeia de colinas. A paisagem reluzia sob a luz do luar: amplas colinas nuas com pequenos vales ocasionais onde correntes d'água desciam, borbulhando, entre as árvores que se aglomeravam às suas margens.

Foi em direção a um desses vales que eles a conduziram. Mary tinha desmontado quando eles deixaram a estrada e caminhou em ritmo constante, acompanhando o ritmo deles até o alto da colina, e desceu para o vale.

Ouviu o borbulhar da nascente e o vento noturno soprando na relva. Ouviu o som suave das rodas girando sobre a terra bem batida e ouviu os mulefas mais adiante dela murmurando uns com os outros, e depois eles pararam.

Na encosta da colina, a apenas uns poucos metros de distância, havia uma daquelas aberturas feitas pela faca sutil. Era como a boca de uma caverna, pois o luar iluminava um pequeno trecho de sua parte interna, como se o interior da abertura fosse o interior da colina: mas não era. E da abertura estava saindo uma procissão de fantasmas.

Mary teve a sensação de que o chão tinha se aberto sob ela. Ela se controlou sobressaltada, se agarrou ao galho mais próximo, para se assegurar de que ainda havia um mundo físico e que fazia parte dele.

Ela se aproximou. Homens e mulheres idosos, crianças, bebês de colo, seres humanos e também outros seres, cada vez em grupos mais compactos, saíam da escuridão para o mundo do luar sólido — e desapareciam.

Era a mais estranha das coisas. Eles davam alguns passos no mundo de relva, ar e luz prateada, olhavam ao redor, seus rostos transfigurados de felicidade — Mary nunca tinha visto tamanha felicidade —, e estendiam os braços abertos para o alto como se estivessem abraçando o universo inteiro; e então, como se fossem feitos de neblina ou de fumaça, simplesmente saíam flutuando, se desfazendo, se tornando parte da terra, do orvalho e da brisa noturna.

Alguns deles se aproximaram de Mary, como se quisessem dizer alguma coisa a ela, e estenderam as mãos, e ela sentiu o toque deles como pequenos choques de frio. Um dos fantasmas — de uma mulher idosa — acenou, insistindo para que ela se aproximasse.

Então, ela falou e Mary a ouviu dizer:

— Temos que contar histórias a elas. Era disso que não sabíamos. Todo esse tempo e nunca soubemos! Mas elas precisam da verdade. É isso que as alimenta. Você tem que contar histórias verdadeiras e tudo fica bem, tudo. É só contar a elas as histórias.

E isso foi tudo. Foi um daqueles momentos como quando nos recordamos, de repente, de um sonho que, inexplicavelmente, havíamos esquecido, e em uma torrente toda a emoção que havíamos sentido durante o sono volta. Era o sonho que ela tinha tentado explicar a Atal, a imagem-noite; mas quando Mary tentou encontrá-la de novo, ela se dissolveu e se afastou, exatamente como aquelas presenças estavam fazendo ao chegar ao ar livre. O sonho havia desaparecido.

Tudo o que restou foi a doçura do sentimento e a recomendação insistente de *contar histórias*.

Ela olhou para a escuridão. Até onde podia enxergar naquele silêncio infinito, mais daqueles fantasmas estavam se aproximando, milhares e mais milhares, como refugiados voltando para sua terra natal.

— Contar histórias a elas — disse para si mesma.

33. MARZIPÃ

Doce primavera cheia de doces dias rosas,
na caixa se escondem os doces lado a lado.
GEORGE HEBERT

Na manhã seguinte, Lyra despertou de um sonho no qual Pantalaimon tinha voltado para ela e revelado sua forma definitiva; e ela a havia adorado, mas agora não tinha mais nenhuma ideia de qual fosse.

Não fazia muito tempo que o sol nascera e a atmosfera estava carregada de uma fresca florescência. Podia ver a luz do sol através da porta aberta da pequena cabana de teto de palha onde dormira, a casa de Mary. Ficou deitada por algum tempo, escutando. Havia passarinhos lá fora e alguma espécie de grilo cantando, e Mary respirava suave e compassadamente ainda adormecida ali perto.

Lyra se sentou e descobriu que estava nua. Ficou indignada por um instante e depois viu uma pilha de roupas limpas dobradas a seu lado no chão: uma camisa de Mary, um pedaço de tecido macio, estampado com cores claras, que poderia amarrar na cintura e usar como saia. Ela os vestiu, parecia ter sido engolida pela camisa, mas pelo menos estava decente.

Saiu da cabana. Pantalaimon estava por perto: tinha certeza disso. Quase podia ouvi-lo falar e rir. Isso devia significar que estava bem, em segurança, e que eles de alguma forma ainda estavam ligados. E quando ele a perdoasse e voltasse — as horas que passariam juntos conversando, apenas contando tudo o que havia acontecido um para o outro...

Will ainda estava dormindo debaixo da árvore, o preguiçoso. Lyra pensou em acordá-lo, mas se estivesse sozinha poderia nadar nua no rio. Costumava nadar nua, feliz da vida, no rio Cherwell, com todas as outras crianças de Oxford, mas seria bastante diferente com Will, e ela corou só de pensar naquilo.

Então, desceu até a beira da água, sozinha, na manhã cor de pérola. Entre os juncos na margem havia um pássaro, grande como uma garça, de pé, perfeitamente imóvel sobre uma perna. Ela foi andando silenciosa e lentamente para não assustá-lo, mas o pássaro não lhe deu nenhuma atenção, como se não fosse nada mais que

um galho na água.

— Bem — disse ela.

Deixou as roupas na margem e deslizou para as águas do rio. Nadou vigorosamente para aquecer o corpo, depois saiu e se sentou encolhida na margem, tremendo. Normalmente, Pan a ajudaria a se secar: será que estava sob a forma de um peixe, rindo às suas custas debaixo d'água? Ou de um besouro, se enfiando no meio das roupas para lhe fazer cócegas, ou de um pássaro? Ou será que estava em algum outro lugar totalmente diferente, com o outro daemon e sem nem sequer pensar em Lyra?

O sol agora estava mais quente e em pouco tempo ela se secou. Vestiu a camisa larga de Mary novamente e, vendo algumas pedras achatadas na margem, foi buscar suas próprias roupas para lavá-las. Mas descobriu que alguém já tinha feito isso: as roupas dela e também as de Will estavam estendidas nos galhos curvos de um arbusto perfumado, quase secas.

Will estava começando a se mexer. Ela sentou perto dele e chamou baixinho.

— Will! Acorde!

— Onde estamos? — perguntou ele de imediato e se levantou apoiado no cotovelo, e pegou a faca.

— Estamos em segurança — respondeu ela, desviando o olhar.

— E eles também lavaram nossas roupas, ou talvez tenha sido a dra. Malone. Vou buscar as suas. Estão quase secas…

Ela deu a ele as roupas e sentou de costas para ele até estar vestido.

— Eu nadei no rio — contou. — Fui procurar Pan, mas acho que ele está se escondendo.

— Isso é uma boa ideia. Nadar. Tenho a sensação de ter anos e anos de sujeira grudada em mim… Vou descer e me lavar.

Enquanto ele se afastava, Lyra começou a passear pelo povoado curiosa com relação a tudo o que via, mas sem examinar muito detalhadamente coisa nenhuma, caso aquilo violasse algum código de boas maneiras. Algumas das casas eram muito velhas e outras, bastante novas, mas eram todas construídas mais ou menos da mesma maneira, de madeira, barro e palha. Não havia nada de tosco na construção das casas; cada entrada, esquadria de janela e verga de porta era decorada com desenhos sutis, mas os padrões não eram entalhados na madeira: era como se eles tivessem persuadido a madeira a crescer naturalmente naquela forma.

Quanto mais ela olhava, mais via ordem e cuidados de todos os tipos na aldeia, como as camadas de significado no aletiômetro. Parte de sua mente estava ávida para decifrar tudo aquilo, para saltar ligeira de similaridade em similaridade, de um significado para outro, como ela fazia com o instrumento; mas uma outra parte estava se perguntando quanto tempo eles poderiam ficar ali antes de ter que seguir adiante.

Bem, não vou a lugar nenhum enquanto Pan não voltar, disse para si mesma.

Pouco depois Will voltou do rio, e então Mary saiu de sua casa e lhes ofereceu um café da manhã; e logo em seguida Atal também apareceu e o povoado começou a despertar em torno deles. As duas crianças mulefas, sem rodas, ficavam espiando escondidas atrás dos cantos das casas para observá-los, e Lyra de repente se virava e os encarava abertamente para fazê-los pular e rir assustados.

— Ora, muito bem — disse Mary, depois de terem comido pão, frutas e bebido uma infusão escaldante de algo parecido com menta.

— Ontem vocês estavam cansados demais e precisavam descansar. Mas hoje estão me parecendo muito mais animados, todos os dois, e acho que precisamos contar uns aos outros tudo o que descobrimos. E isso vai levar um bom tempo, e acho que poderíamos aproveitar e manter nossas mãos ocupadas enquanto fazemos isso, então vamos tratar de nos tornar úteis e consertar algumas redes.

Eles carregaram a pilha de redes enrijecidas, banhadas em alcatrão, até a margem do rio e as estenderam na relva, e Mary mostrou a eles como dar o nó em um novo pedaço de linha onde havia um buraco. Ela estava vigilante, porque Atal lhe tinha dito que as famílias que viviam mais abaixo na costa tinham visto um grande número de tualapi, os pássaros brancos, se reunindo no mar, e todo mundo estava preparado, se o alarme soasse partiriam imediatamente; mas enquanto isso o trabalho tinha que continuar.

Eles ficaram sentados ao sol, trabalhando, na margem das águas calmas do rio, e Lyra contou sua história, a partir do momento, tanto tempo atrás, em que ela e Pan haviam decidido dar uma espiada na Sala Privativa da Faculdade Jordan.

A maré encheu, subiu pelo rio e começou a baixar, e mesmo depois disso não houve sinal dos tualapi. No final da tarde, Mary conduziu Will e Lyra pela margem do rio, passando pelos pilares de pesca onde as redes ficavam amarradas e atravessando o amplo terreno que era inundado pelas águas salgadas, na maré cheia, e usado para

salinação, em direção ao mar. Era seguro ir até lá quando a maré estava vazante, porque os pássaros brancos só vinham para a terra quando a maré estava alta. Mary foi seguindo na frente, por um caminho compacto acima da lama; como tantas coisas que os mulefas haviam feito, era antigo, mas perfeitamente bem-conservado, mais como algo que fosse parte da natureza do que imposto a ela.

— Eles também construíram as estradas de pedra? — perguntou Will.

— Não. Acho que, de certa forma, foram as estradas que os fizeram — comentou Mary. — O que estou querendo dizer é que eles nunca teriam desenvolvido o uso de rodas se não existisse essa profusão de superfícies duras e lisas para usá-las. Acho que são derramamentos de lava de vulcões antiquíssimos.

"Assim, as estradas tornaram possível que eles usassem as rodas. E outras coisas contribuíram para isso também. Como as próprias árvores-das-rodas e a maneira como seus corpos são formados: eles não são vertebrados, não têm espinha dorsal. Alguma casualidade feliz em nosso mundo, muito tempo atrás, deve ter feito com que seres com espinha dorsal tivessem mais facilidade de sobreviver, e assim uma enorme variedade de outras formas se desenvolveu, todas baseadas na espinha dorsal. Neste mundo, a sorte seguiu um caminho diferente, e a estrutura losangular foi bem-sucedida. Existem animais vertebrados, é claro, mas não muitos. Existem serpentes, por exemplo. As serpentes aqui são importantes. As pessoas cuidam delas e tentam não lhes fazer mal.

"De qualquer maneira, a combinação da estrutura deles, das estradas e das árvores-das-rodas reunidas tornou tudo possível. Uma porção de felizes casualidades, todas se juntando e se encaixando. Quando começou sua parte na história, Will?"

— Uma porção de pequenas casualidades para mim, também — começou ele, pensando na gata debaixo dos galhos das bétulas. Se ele tivesse chegado lá trinta segundos antes ou depois, nunca teria visto a gata, nunca teria encontrado a janela, nunca teria descoberto Cittàgazze e Lyra; nada de tudo aquilo teria acontecido.

Ele começou bem do princípio, e elas ouviram enquanto ele falava. Quando alcançaram os baixios de argila, Will já tinha chegado ao ponto em que ele e seu pai estavam lutando no cume da montanha.

— E então a feiticeira o matou...

Will nunca tinha realmente conseguido compreender aquilo. Ele explicou o que ela lhe dissera antes de se matar: que amava John Parry e que ele a tinha rejeitado.

— As feiticeiras são ferozes — comentou Lyra.

— Mas se ela o amava...

— Bem — argumentou Mary —, o amor também é feroz.

— Mas ele amava minha mãe — disse Will. — E posso dizer a ela que ele nunca foi infiel.

Lyra, olhando para Will, pensou que se ele se apaixonasse seria da mesma maneira.

Por toda parte ao redor deles os ruídos serenos da tarde pairavam no ar quente: o escorrer e sugar incessante do pântano, o cricrilar dos insetos, os gritos das gaivotas. A maré estava baixa, e por isso toda a extensão da praia estava descoberta e reluzindo sob o sol forte. Um bilhão de minúsculos seres da lama viviam, se alimentavam e morriam na camada superior da areia, e os pequeninos moldes e buracos para respirar e movimentos invisíveis mostravam que a paisagem inteira estava tremulante de vida.

Sem dizer aos outros por quê, Mary examinou minuciosamente o mar distante, vasculhando o horizonte em busca de velas brancas. Mas havia apenas um brilho enevoado onde o azul do céu empalidecia na borda do mar, e o mar refletia a claridade e fazia com que faiscasse no ar cintilante.

Ela mostrou a Will e Lyra como apanhar um tipo especial de molusco, encontrando seus tubos de respiração pouco acima da areia. Os mulefas adoravam comê-los, mas para eles era difícil se movimentar na areia e apanhá-los. Sempre que Mary vinha até a beira do mar, colhia tantos quantos podia e agora, com três pares de mãos e de olhos para trabalhar, haveria um banquete.

Ela deu a cada um uma bolsa de pano e eles trabalharam enquanto ouviam a parte seguinte da história. Pouco a pouco foram enchendo as sacolas, e Mary os levou discretamente de volta para a margem do pântano, porque a maré estava novamente virando.

A história era muito longa; eles não chegariam ao mundo dos mortos naquele dia. À medida que se aproximavam do povoado, Will estava contando a Mary a conclusão a que ele e Lyra haviam chegado com relação à constituição em três partes da natureza dos seres humanos.

— Vocês sabem — comentou Mary —, a Igreja, a Igreja católica à qual eu pertencia, não usaria a palavra daemon, mas São Paulo fala a respeito de espírito *e* alma *e* corpo. A ideia de a natureza humana ser constituída de três partes não é tão

estranha.

— Mas a melhor parte é o corpo — disse Will. — Foi isso que Baruch e Balthamos me disseram. Os anjos desejariam ter corpos. Eles me disseram que não conseguiam compreender por que *nós* não aproveitamos melhor o mundo. Para eles, seria uma espécie de êxtase ter nossa carne e nossos sentidos. No mundo dos mortos...

— Conte isso quando chegar a essa parte da história — interveio Lyra e sorriu, um sorriso de tão doce compreensão e alegria que os sentidos dele ficaram confusos. Ele retribuiu o sorriso, e Mary constatou que a expressão no rosto dele revelava a mais perfeita confiança que jamais tinha visto em um rosto humano.

A essa altura tinham chegado de volta ao povoado e estava na hora de preparar a refeição da noite. Então, Mary deixou os dois juntos na margem do rio, onde sentaram para ver a maré cheia subir, e foi se juntar a Atal ao lado da fogueira. Sua amiga ficou radiante com a farta coleta de moluscos.

— *Mas, Mary* — disse ela —,*os tualapi destruíram um povoado mais acima na costa e depois outro e mais outro. Eles nunca fizeram isso antes. Geralmente atacam um e depois voltam para o mar. E mais três foram destruídos hoje...*

— *Não! Onde?*

Atal mencionou um bosque não muito longe de uma fonte de águas termais. Mary tinha estado lá apenas três dias antes e nada parecera errado. Ela pegou a luneta e olhou para o céu; e, exatamente como havia esperado, a grande corrente de partículas de Sombra fluindo com mais intensidade ainda, com velocidade e volume incomparavelmente maiores que a maré montante que subia entre as margens do rio.

— *O que você pode fazer?* — perguntou Atal.

Mary sentiu o peso da responsabilidade como uma pesada mão descendo entre suas escápulas, mas se obrigou a sentar ereta sem demonstrar abatimento.

— *Contar histórias* — respondeu.

Depois que o jantar acabou, os três humanos e Atal sentaram em mantas do lado de fora da casa de Mary, debaixo do céu cálido e estrelado. Eles se deitaram, se sentindo bem alimentados e confortáveis na noite perfumada pela fragrância de flores, e ouviram Mary contar sua história.

Ela começou pouco antes de ter conhecido Lyra, falando sobre o trabalho que estivera fazendo na Unidade de Pesquisa de Matéria Escura, e sobre a crise por

causa da recusa de renovação de fundos para a bolsa de pesquisa. Quanto tempo ela tinha tido que passar pedindo dinheiro, e como isso lhe deixara pouco tempo para trabalhar na pesquisa!

Mas a visita de Lyra tinha mudado tudo e tão rapidamente: em uma questão de dias ela havia, de fato, abandonado seu mundo.

— Fiz o que você me disse, Lyra — prosseguiu. — Fiz um programa, isto é, um conjunto de instruções, para deixar as Sombras falarem comigo através do computador. Elas me disseram o que eu deveria fazer. Disseram que havia anjos e... bem...

— Se era uma cientista — observou Will —, não imagino que fosse uma coisa boa elas dizerem isso. Você poderia simplesmente não acreditar em anjos.

— Ah, mas eu sabia da existência de anjos. Sabe, eu tinha sido freira. Eu achava que poderia trabalhar no campo da física para a glória de Deus, até que me dei conta de que não existia Deus nenhum e que, de qualquer maneira, estudar física era muito mais interessante. A religião cristã é um erro muito poderoso e convincente, é só isso.

— Quando deixou de ser freira? — quis saber Lyra.

— Eu me lembro exatamente — respondeu Mary — até mesmo da hora do dia. Como era boa em física, eles me deram permissão para continuar minha carreira universitária, sabe, então concluí meu doutorado e estava pronta para ensinar. Não era uma daquelas ordens em que você é totalmente afastado do mundo. Na verdade, nós nem sequer usávamos hábito; apenas tínhamos que nos vestir com simplicidade, discretamente, e usar um crucifixo. Eu ia frequentar a universidade para dar aulas e fazer pesquisa na área de partículas elementares.

"E então, houve uma conferência tratando de meu tema de pesquisa e fui convidada para ir e apresentar meu trabalho. A conferência era em Lisboa, e eu nunca tinha estado lá antes; na verdade, nunca tinha saído da Inglaterra. A coisa toda... a viagem de avião, o hotel, o sol forte, as línguas estrangeiras por toda parte ao meu redor, as pessoas famosas que iriam apresentar também e a ideia de apresentar minha própria tese, a dúvida se alguém iria aparecer para ouvir minha exposição e se eu estaria nervosa demais para conseguir falar... Ah, estava tão tensa e cheia de animação que não consigo descrever.

"E eu era tão inocente... vocês têm que se lembrar disso. Sempre tinha sido tão boa menina, sempre indo regularmente à missa, eu acreditava que tinha uma

vocação para a vida espiritual. Queria de todo o coração servir a Deus. Queria pegar minha vida inteira e oferecê-la, assim — disse ela, levantando as mãos juntas em concha —, e colocá-la diante de Jesus para que ele fizesse o que quisesse com ela. E suponho que estivesse satisfeita comigo mesma. Satisfeita demais. Eu me sentia pura, correta e dedicada à religião, *e* era inteligente. Ah! Isso durou até, ah, as 21h30 do dia 10 de agosto, sete anos atrás."

Lyra se sentou e abraçou os joelhos, ouvindo com muita atenção.

— Foi na noite seguinte à apresentação da minha tese — continuou Mary —, tudo tinha corrido bem, algumas pessoas famosas e respeitadas ouviram minha apresentação e me saí bem durante as perguntas, sem me confundir, sem dizer nenhuma besteira e, de maneira geral, me sentia cheia de alívio e de prazer... E de orgulho também, sem dúvida.

"De qualquer maneira, alguns de meus colegas tinham combinado de ir a um restaurante, um pouco mais abaixo na costa, e me perguntaram se eu não gostaria de ir. Normalmente, eu teria inventado alguma desculpa, mas daquela vez pensei: ora, sou uma mulher adulta, apresentei uma tese sobre um tema importante e ela foi bem recebida, e estou entre bons amigos... E foi tão agradável, a conversa era a respeito de todas as coisas que mais me interessavam, e todos nós estávamos tão felizes e confiantes, achei que devia relaxar um pouco. Eu estava descobrindo algo novo sobre mim mesma, entendem, descobrindo que gostava do sabor do vinho e das sardinhas grelhadas, da sensação do ar quente na pele e do ritmo da música ao fundo. Eu estava me deliciando com aquilo tudo.

"Naquela noite, nos sentamos para comer no jardim. Eu estava na cabeceira de uma mesa comprida debaixo de um limoeiro e havia uma espécie de caramanchão ao meu lado com maracujás, e meu vizinho estava falando com a pessoa do outro lado, e... Bem, sentado perto de mim havia um homem que eu tinha visto uma ou duas vezes durante a conferência. Não o conhecia nem de cumprimentar; ele era italiano e tinha feito pesquisas a respeito das quais as pessoas estavam falando, e achei que seria interessante conversar sobre o assunto.

"Resumindo, ele era apenas um pouco mais velho do que eu e tinha cabelos pretos lisos, macios, e uma pele morena bonita, olhos escuros. O cabelo dele ficava caindo sobre a testa e ele o tempo todo o empurrava para trás assim, lentamente..."

Mary mostrou a eles. Will achou que ela parecia se lembrar muito bem.

— Não era um homem bonito — prosseguiu. — Ele não era um mulherengo, nem

um sedutor. Se fosse, eu teria ficado acanhada, não teria sabido como conversar com ele. Mas era uma pessoa simpática, inteligente e divertida, e foi a coisa mais fácil do mundo ficar sentada ali, sob a luz do lampião, debaixo do limoeiro, com o perfume das flores, o cheiro da comida na grelha e do vinho, conversando e rindo, e me senti esperançosa de que ele me achasse atraente. A irmã Mary Malone, flertando! E os votos que eu tinha feito? E o que dizer de minha decisão de dedicar a vida a Jesus e todo o resto?

"Bem, não sei se foi o vinho ou minha própria tolice, o ar quente agradável ou o limoeiro, ou sei lá o quê... Mas, gradualmente, me pareceu que eu havia me convencido de uma coisa que não era verdade. Tinha me levado a acreditar que estava bem, feliz e realizada, sozinha, sem o amor de nenhuma outra pessoa. Para mim, estar apaixonada era como a China: sabia que existia, que sem dúvida devia ser muito interessante e que algumas pessoas iam até lá, mas eu nunca iria. Eu passaria toda a minha vida sem jamais ir à China, mas isso não teria importância porque havia o resto do mundo para visitar.

"E então alguém me passou um pedaço de alguma coisa doce e, de repente, me dei conta de que eu *tinha* ido à China. Por assim dizer. E que tinha me esquecido disso. Foi o gosto do doce que trouxe tudo de volta... acho que era marzipã... uma pasta doce de amêndoas" — explicou a Lyra, que olhava para ela sem entender.

— Ah! Marzipã! — exclamou Lyra e se acomodou de volta mais confortavelmente para ouvir o que aconteceu depois.

— De qualquer maneira — prosseguiu Mary —, eu me lembrei do gosto e, imediatamente, voltei ao passado, à ocasião em que provei aquele doce pela primeira vez, quando era garota.

"Eu tinha doze anos. Foi em uma festa na casa de uma amiga, uma festa de aniversário, e havia uma discoteca, isso é quando tocam música em uma espécie de máquina de gravação e as pessoas dançam — ela explicou, percebendo a expressão de incompreensão de Lyra. — Geralmente as garotas dançam juntas porque os garotos são tímidos demais para convidá-las para dançar. Mas esse garoto, eu não o conhecia, mas ele me convidou para dançar e assim dançamos a primeira música, depois a seguinte e naquela altura estávamos conversando... E sabem como é, quando a gente gosta de alguém, você sabe imediatamente; bem, eu gostei e gostei muito. E continuamos dançando e então veio a hora do bolo de aniversário. E ele pegou um pedaço de marzipã e, delicadamente, o colocou em minha boca... eu me

lembro de tentar sorrir e de ficar vermelha, depois de me sentir tão tola; e me apaixonei por ele só por causa disso, por causa da maneira delicada com que tocou meus lábios com o marzipã."

Enquanto Mary dizia isso, Lyra sentiu uma coisa estranha acontecer com seu corpo. Ela sentiu uma agitação nas raízes de seus cabelos: descobriu que sua respiração estava acelerada. Lyra nunca tinha andado de montanha-russa, nem nada parecido, mas se tivesse, teria reconhecido as sensações em seu peito: eram de excitação e medo ao mesmo tempo, e ela não tinha a menor ideia do porquê. A sensação continuou e se tornou mais intensa, depois mudou, à medida que mais partes de seu corpo também foram sendo afetadas por ela. Sentia como se tivessem lhe dado a chave de uma casa enorme que ela não sabia que existia, uma casa que de alguma maneira estava dentro dela e, à medida que girava a chave, lá nas profundezas da escuridão do prédio, ela sentia outras portas se abrindo também, e luzes se acendendo. Ficou sentada tremendo, abraçando os joelhos, mal ousando respirar, enquanto Mary continuava:

— E acho que foi naquela festa, ou pode ter sido em uma outra, que nós nos beijamos pela primeira vez. Foi no jardim e havia o som de música vindo de dentro da casa e o silêncio e o ar fresco entre as árvores, e eu o *queria* muito, meu corpo inteiro o *queria tanto que doía*, e eu percebia claramente que ele estava sentindo a mesma coisa... e que nós dois estávamos quase acanhados demais para conseguir nos mexer. Quase. Mas um de nós se mexeu, e então, sem nenhum intervalo, foi como um salto quântico, *de repente* estávamos nos beijando e, ah, era mais que a China, era o paraíso.

"Nós nos vimos cerca de meia dúzia de vezes, não mais que isso. Então, os pais dele se mudaram para longe e nunca mais o vi de novo. Foi uma época tão boa, tão gostosa, passou tão depressa, durou tão pouco... Mas existiu, a recordação estava lá. Eu tinha conhecido aquele sentimento. Eu *tinha* ido à China."

Foi a mais estranha das coisas: Lyra sabia exatamente do que Mary estava falando e, meia hora antes, não teria tido absolutamente nenhuma ideia. E, em seu íntimo, aquela casa rica com todas as suas portas abertas e todos os seus aposentos iluminados estava esperando, silenciosa, esperançosa.

— E às 21h30, naquela mesa de restaurante em Portugal — prosseguiu Mary, sem perceber absolutamente o drama silencioso que se desenrolava no íntimo de Lyra —, alguém me deu um pedaço de marzipã e eu me lembrei de tudo. E pensei: será

que realmente vou passar o resto de minha vida sem nunca mais sentir aquilo de novo? E pensei: eu *quero* ir à China. É cheia de tesouros e de coisas estranhas, desconhecidas, de mistério e de felicidade. E pensei: será que vai ser melhor para alguém se eu voltar direto para o meu hotel, disser minhas orações, me confessar ao padre e prometer nunca mais voltar a cair em tentação? Será que alguém vai ter uma vida melhor se eu tornar minha vida miserável e infeliz?

"E a resposta veio: não. Ninguém vai ficar melhor. Não há ninguém para se atormentar, ninguém para condenar, ninguém para me abençoar por ser uma boa moça, ninguém vai me punir por ser má. O céu estava vazio. Eu não sabia se Deus tinha morrido, ou se Deus nunca tinha existido em absoluto. De qualquer maneira, me senti livre e solitária, e não sabia se estava feliz ou infeliz, mas algo de muito estranho havia acontecido. E toda aquela enorme mudança tinha ocorrido no momento em que o marzipã tocou em minha boca, antes mesmo que eu o tivesse engolido. Um gosto, uma lembrança, que causa um desmoronamento sob meus pés...

"Quando afinal o engoli e olhei para o homem do outro lado da mesa, percebi que ele sabia que alguma coisa tinha acontecido. Não pude contar a ele naquela hora, naquele lugar; ainda era estranho e íntimo demais para mim. Mas depois saímos para dar uma caminhada pela praia no escuro e a brisa da noite agitava meus cabelos, e o Atlântico estava muito bem-comportado, ondas pequenas e suaves acariciavam nossos pés...

"E tirei o crucifixo de meu pescoço e o atirei no mar. Isso foi tudo. Estava tudo acabado. Sumiu.

"E foi assim que deixei de ser freira", concluiu ela.

— Esse homem foi o mesmo que descobriu sobre os crânios? — perguntou Lyra, muito atenta.

— Ah... não. O homem dos crânios era o dr. Payne, Oliver Payne. Ele apareceu muito depois disso. Não, o homem na conferência se chamava Alfredo Montale. Era um homem muito diferente.

— Você o beijou?

— Bem — disse Mary, sorrindo —, beijei, mas não naquela noite.

— Foi difícil deixar a Igreja? — perguntou Will.

— De certa maneira foi, porque todo mundo ficou muito decepcionado. Todo mundo, da Madre Superiora aos padres, até meus pais. Ficaram tão aborrecidos e me

censuraram tanto... Eu sentia que algo em que *eles* todos acreditavam fervorosamente dependia de que *eu* continuasse a fazer algo em que eu não acreditava.

"Mas de certa maneira foi fácil, porque fazia sentido. Pela primeira vez na minha vida senti que estava fazendo alguma coisa com todos os elementos que constituíam minha natureza, e não com apenas uma parte dela. De modo que foi solitário durante algum tempo, mas depois me habituei."

— Você se casou com ele? — perguntou Lyra.

— Não. Não me casei com ninguém. Vivi com uma pessoa... não o Alfredo, uma outra pessoa. Vivi com ele durante quase quatro anos. Minha família ficou escandalizada. Mas depois decidimos que seríamos mais felizes separados. Então, estou sozinha desde então. O homem com quem eu vivia gostava de escalar montanhas e me ensinou a praticar alpinismo, e costumo fazer caminhadas nas montanhas e... E tenho meu trabalho. Bem, eu *tinha* o meu trabalho. De maneira que sou solitária, mas sou feliz, se é que me entendem.

— Como se chamava o garoto? — perguntou Lyra. — O da festa?

— Tim.

— E como era ele?

— Ah... era gentil, atraente. Isso é tudo de que me lembro.

— Quando vi você pela primeira vez, em Oxford — recordou Lyra —, você disse que um dos motivos pelos quais tinha se tornado cientista era que não teria que pensar a respeito do bem e do mal. Pensava a respeito disso quando era freira?

— Humm. Não. Mas eu sabia que *deveria* pensar: era só isso que a Igreja tinha me ensinado a pensar. E quando trabalhava em ciência, tinha que pensar a respeito de outras coisas completamente diferentes. De maneira que nunca tive que pensar a respeito do bem e do mal por mim mesma.

— Mas agora pensa? — quis saber Will.

— Eu acho que *tenho* que pensar — respondeu Mary, tentando ser precisa.

— Quando deixou de acreditar em Deus — prosseguiu ele —, você deixou de acreditar no bem e no mal?

— Não. Mas deixei de acreditar que havia uma força do bem e uma força do mal que existissem fora de nós. E passei a acreditar que bem e mal são nomes que se dão ao que as pessoas fazem, não para o que elas são. Tudo o que podemos dizer é que uma ação é boa porque ajuda alguém, ou que é má porque prejudica. As pessoas são

complicadas demais para terem rótulos simples.

— É verdade — concordou Lyra com firmeza.

— Sentiu falta de Deus? — perguntou Will.

— Senti — admitiu Mary —, uma falta terrível. E ainda sinto. A coisa de que sinto mais falta é a sensação de estar conectada com o universo inteiro. Eu costumava me sentir ligada a Deus desse modo, e como ele estava lá, eu estava ligada e em contato com toda a sua criação. Mas se ele não está lá...

Lá longe no pântano, um pássaro gritou uma série de sons melancólicos que foram decrescendo. As brasas se assentaram na fogueira; a relva estava se agitando ligeiramente sob a brisa noturna. Atal parecia estar cochilando como um gato, as rodas deitadas na relva a seu lado, as pernas dobradas sob seu corpo, os olhos semicerrados, a atenção metade aqui e metade em outro lugar. Will estava deitado de costas, os olhos abertos para as estrelas.

Quanto a Lyra, ela não havia movido um único músculo desde que aquela coisa estranha tinha acontecido e guardava a lembrança daquelas sensações em seu íntimo como um vaso frágil, cheio até a borda de novos conhecimentos, que ela mal ousava tocar por temor de derramá-los. Não sabia o que eram, nem o que significavam, nem de onde tinham vindo: de modo que ficou sentada imóvel, abraçando os joelhos, e tentou se obrigar a parar de tremer de animação. *Em pouco tempo*, pensou, *daqui a pouco tempo eu saberei. Eu saberei dentro de muito pouco tempo.*

Mary estava cansada: não tinha mais histórias para contar. Certamente se lembraria de outras amanhã.

34. AGORA EXISTE

Mostro a todos vós
O mundo pleno de vida, onde toda partícula de pó
exala o alento de sua alegria.
WILLIAM BLAKE

Mary não conseguia dormir. Cada vez que fechava os olhos, alguma coisa a fazia oscilar e parar com um tranco, como se estivesse à beira de um precipício, e despertava sobressaltada, tensa de medo.

Isso aconteceu três, quatro, cinco vezes, até que ela se deu conta de que o sono não viria; então, levantou e se vestiu silenciosamente, saiu da casa e se afastou da árvore com seus galhos em forma de tenda, debaixo dos quais Will e Lyra dormiam.

A lua estava alta e clara no céu. Havia um vento vigoroso, e a paisagem grandiosa estava pontilhada de sombras de nuvens se movendo, Mary pensou, como se fosse a migração de algum rebanho de bichos inimagináveis. Mas os animais migravam por um motivo; quando se viam os rebanhos de renas em movimento, atravessando a tundra, ou animais selvagens cruzando a savana, se sabia que estavam indo para onde estava a comida, ou para lugares onde era bom se acasalar e ter as crias. O movimento deles tinha um significado. Aquelas nuvens estavam se movendo em resultado de simples casualidade, em virtude do efeito de eventos inteiramente aleatórios no nível dos átomos e das moléculas; suas sombras passando rápidas sobre a pradaria não tinham absolutamente nenhum significado.

Apesar disso, pareciam ter. Elas pareciam tensas e movidas pelo impulso de um propósito. A noite inteira parecia ter. Mary também o sentia, só que não sabia qual era aquele propósito. Mas, ao contrário dela, as nuvens pareciam *saber* o que estavam fazendo e por quê, e o vento sabia, e a relva sabia. O mundo inteiro estava vivo e consciente.

Mary subiu a encosta e olhou para trás, para a extensão do pântano, onde a maré montante tecia uma renda prateada cintilante sobre a lama escura e reluzente, e os juncos no leito do rio. As sombras das nuvens ficavam muito nítidas ali: pareciam estar fugindo de alguma coisa terrível que vinha atrás delas, ou correndo para

abraçar alguma coisa maravilhosa que havia adiante. Mas o que era, Mary nunca saberia.

Ela se virou em direção ao bosque onde ficava a árvore que escalava para suas observações. Ficava a vinte minutos de caminhada; podia vê-la claramente, enorme lá no alto, sacudindo a cabeça em um diálogo urgente com o vento. Eles tinham coisas a dizer, e ela não conseguia ouvir.

Seguiu rapidamente em direção à árvore, movida pela agitação da noite e desesperada para fazer parte dela. Aquilo era exatamente a sensação de que falara a Will, quando ele havia perguntado se ela sentia falta de Deus: era a sensação de que o universo inteiro estava vivo e que tudo estava ligado e conectado por fios de significado. Enquanto fora cristã, também tinha se sentido conectada; mas, depois que havia deixado a Igreja, tinha se sentido livre, leve e solta, em um universo sem propósito definido.

E então, viera a descoberta das Sombras e sua jornada para um outro mundo e, agora, havia aquela noite cheia de vida, em que era evidente que tudo estava pulsando cheio de propósito e de sentido, mas Mary estava excluída desse contato. E era impossível encontrar um meio de se conectar, pois não existia Deus.

Em parte movida pela exultação e em parte pelo desespero, resolveu subir em sua árvore e tentar mais uma vez se deixar levar pelo Pó.

Mas não havia percorrido nem a metade do caminho até o arvoredo quando ouviu um som diferente em meio ao chicotear das folhas e ao vento fluindo através da relva. Alguma coisa gemendo, uma nota grave, sombria como um órgão. E acima disso o som de estalidos — de coisas estalando e quebrando, e o guinchado e o grito estridente de madeira sobre madeira.

Certamente não podia ser a *sua* árvore...

Ela parou onde estava, na pradaria aberta e, com o vento açoitando seu rosto e as sombras de nuvens passando rápidas acima, as folhas altas de relva chicoteando suas coxas, observou o dossel do arvoredo. Os ramos gemiam, galhos se quebravam, grandes traves de madeira verde se partiam como se fossem gravetos secos e despencavam a longa distância lá do alto até o solo, e então, a parte superior da copa daquela árvore que ela conhecia tão bem se inclinou, se inclinou e, lentamente, começou a desabar.

Cada fibra no tronco, a casca, as raízes pareciam estar gritando separadamente contra aquele assassinato. Mas ela foi caindo e caindo, todo o seu grandioso

comprimento despencando e abrindo caminho para fora do arvoredo, e pareceu se inclinar na direção de Mary, antes de tombar com um barulho forte no chão, como uma onda contra um quebra-mar, e o tronco colossal quicou um pouco e finalmente pareceu se acomodar com um gemido de madeira partida.

Ela correu até lá para tocar as folhas que se sacudiam. Lá estava sua corda, lá estavam os destroços de sua plataforma. Com o coração batendo descontrolado, dolorosamente, ela subiu na árvore, em meio aos galhos caídos, se alçando e se segurando nos ramos tão conhecidos e familiares, em seus novos ângulos desconhecidos, e se equilibrou no ponto mais alto que conseguiu alcançar.

Mary se apoiou contra um galho e pegou a luneta. Através dela viu dois movimentos bastante diferentes no céu.

Um era o das nuvens passando ligeiras sobre a lua em uma determinada direção, e o outro era o do fluxo da corrente de Pó parecendo cruzá-las, em uma direção muito diferente.

E, dentre os dois movimentos, o do Pó estava fluindo mais rapidamente e em volume muito maior. De fato, o céu inteiro parecia estar fluindo, impregnado de Pó. Uma grandiosa e implacável torrente jorrando para fora do mundo, para fora de todos os mundos, para algum vazio definitivo.

Lentamente, como se estivessem se movendo em sua mente, as coisas se juntaram.

Will e Lyra tinham dito que a faca sutil tinha pelo menos trezentos anos de idade. Fora isso que o velho na torre dissera a eles.

Os mulefas tinham contado a ela que o sraf, que havia nutrido suas vidas e seu mundo durante trinta e três mil anos, tinha começado a diminuir exatamente há trezentos anos.

De acordo com Will, a Guilda da Torre degli Angeli, os donos da faca sutil, tinham sido descuidados; nem sempre eles fechavam as janelas que abriam. Tanto que, afinal, Mary tinha encontrado uma, e deveria haver muitas outras.

É possível que, durante todo esse tempo, pouco a pouco, o Pó estivesse vazando, escorrendo pelos cortes que a faca sutil tinha feito na natureza...

Ela se sentiu tonta, e não era apenas o balançar e o subir e descer dos galhos entre os quais estava apoiada. Guardou a luneta cuidadosamente no bolso e enganchou os braços sobre o galho da frente, contemplando o céu, a lua e as nuvens ligeiras.

A faca sutil era responsável pelo vazamento em pequena escala, de baixa

intensidade. Era nocivo e o universo estava sofrendo por causa disso; ela precisava conversar com Will e Lyra e descobrir uma maneira de fazer com que parasse.

Mas a vasta enchente no céu era uma questão inteiramente diferente. Aquilo era novo e catastrófico. E, se não fosse detida, toda a vida consciente chegaria ao fim. Como os mulefas tinham mostrado a ela, o Pó começava a existir quando as próprias coisas vivas se tornavam conscientes de si mesmas; mas ele precisava de algum sistema de alimentação para reforçá-lo e torná-lo seguro, como os mulefas tinham suas rodas e o óleo das árvores. Sem alguma coisa desse tipo, tudo desapareceria. Pensamento, imaginação, sentimento, tudo murcharia e seria dispersado pela corrente, sem deixar nada para trás, a não ser um automatismo animalesco; e aquele breve período em que a vida fora consciente de si mesma se apagaria como uma vela em todos os bilhões de mundos onde havia ardido tão claramente.

Mary sentiu intensamente o peso de tudo aquilo. Parecia o peso da idade. Sentia como se estivesse com oitenta anos, velha, gasta, exausta e ansiando pela morte.

Ela desceu pesadamente dos galhos da grande árvore caída e, com o vento ainda soprando forte nas folhas, na relva e em seus cabelos, tomou o caminho de volta para o povoado.

No alto da encosta, olhou pela última vez para a correnteza de Pó, na direção contrária ao caminho das nuvens correndo e do vento que soprava e a lua parada, firme, bem no meio.

E então, finalmente, ela viu o que estavam tentando fazer: viu qual era aquele grande e urgente propósito.

Eles estavam tentando conter a torrente de Pó. Estavam lutando para levantar algumas barreiras contra a terrível correnteza: vento, lua, nuvens, folhas, relva, todas aquelas coisas adoráveis estavam gritando por ajuda e se lançando na luta para manter as partículas de Sombra naquele universo, que elas enriqueciam tanto.

A matéria *amava* o Pó. Não queria vê-lo ir embora. Este era o significado daquela noite e era o significado de Mary também.

Ela não tinha pensado que não havia significado na vida, nenhum propósito, quando Deus se fora? Sim, tinha pensado isso.

— Bem, agora existe — disse em voz alta, depois, de novo, ainda mais alto: — Agora existe!

Quando tornou a olhar para as nuvens e a lua no fluxo de Pó, lhe pareceram frágeis e condenadas ao fracasso, como uma represa de pequenos galhos e

minúsculos seixos tentando represar o rio Mississippi. Mas, mesmo assim, estavam tentando. Continuariam tentando até o fim de tudo.

Mary não tinha ideia de quanto tempo havia estado fora. Quando a intensidade de seus sentimentos começou a diminuir e a exaustão a substituiu, foi se encaminhando devagar para o povoado, descendo a colina.

E, quando estava a meio caminho da descida, perto de uma moita de pés de trigo sarraceno, viu uma coisa estranha nos baixios de lama. Havia um brilho branco, um movimento constante: alguma coisa estava subindo com a maré.

Ela ficou imóvel, observando atentamente. Não podiam ser os tualapi, porque eles sempre andavam em bandos e aquele estava sozinho; mas tudo em sua forma era igual — as asas que pareciam velas, o pescoço longo —; era um dos pássaros, não havia dúvida quanto a isso. Nunca tinha ouvido falar deles aparecendo sozinhos e hesitou, antes de correr para alertar o povoado, porque, de qualquer maneira, a coisa tinha parado. Estava flutuando na água perto da trilha.

E estava se dividindo... Não, alguma coisa estava saltando de seu dorso.

A coisa era um homem.

Ela podia vê-lo claramente, mesmo àquela distância; a luz do luar estava forte, clara, e seus olhos tinham se habituado a ela. Olhou através da luneta e excluiu qualquer dúvida que ainda restasse: era o vulto de um ser humano, irradiando Pó.

Ele estava carregando alguma coisa: algum tipo de vara comprida. Veio andando pela trilha com rapidez e facilidade, sem correr, mas se movendo com a agilidade de um atleta ou de um caçador. Vestia roupas escuras, simples, que normalmente o teriam escondido bem; mas, através da luneta, ele aparecia como se estivesse sob um foco de luz.

E, à medida que se aproximava do povoado, ela se deu conta do que era a vara. Ele estava carregando um rifle.

Mary sentiu como se alguém tivesse derramado um balde de água gelada sobre seu coração. Todos os pelos em sua pele ficaram em pé.

Estava longe demais para fazer alguma coisa: mesmo se gritasse, ele não ouviria. Teve que observar enquanto ele entrava no povoado, olhando para a esquerda e para a direita, parando de vez em quando para ouvir, indo de casa em casa.

A mente de Mary parecia a lua e as nuvens tentando conter o Pó, enquanto gritava silenciosamente: *Não olhe debaixo da árvore — fique longe da árvore...*

Mas ele foi chegando mais perto, cada vez mais perto da árvore, finalmente, parando do lado de fora da casa de Mary. Ela não conseguiu mais suportar aquilo; enfiou a luneta no bolso e começou a correr, descendo a encosta. Estava prestes a gritar, qualquer coisa, um grito descontrolado, mas, bem a tempo, pensou que isso poderia acordar Will ou Lyra e fazer com que se mostrassem.

Então, como não podia suportar não saber o que o homem estava fazendo, parou e tornou a pegar a luneta, e teve que se manter imóvel, enquanto olhava através dela.

Ele estava abrindo a porta de sua casa. Estava entrando na casa. Ele desapareceu de vista, embora houvesse um movimento na esteira de Pó que deixou para trás, como fumaça quando se passa a mão através dela. Mary esperou por um minuto interminável e então ele tornou a aparecer.

Ficou parado no vão da porta, olhando em volta calmamente, da esquerda para a direita, e seu olhar passou pela árvore e seguiu adiante.

Então, ele saiu do vão da porta e ficou parado, imóvel, quase como se não soubesse o que fazer. De repente, Mary teve consciência de como estava exposta na encosta nua da colina, um alvo fácil para um tiro de rifle, mas ele só estava interessado no povoado; e depois de um minuto, fez meia-volta e foi se afastando, andando silenciosamente.

Ela observou cada passo que ele deu descendo pela trilha ao longo da margem do rio e viu, muito claramente, como ele montou nas costas do pássaro e se sentou de pernas cruzadas, enquanto o pássaro se virava para sair deslizando sobre a água. Cinco minutos depois tinham desaparecido de vista.

35. ALÉM DAS COLINAS E MUITO LONGE

O dia chegou em que nasceu minha vida,
Meu amor chegou para mim.
CHRISTINA ROSSETI

— Dra. Malone — disse Lyra logo de manhã —, Will e eu temos que procurar nossos daemons. Quando os encontrarmos, saberemos o que temos de fazer. Mas não podemos continuar muito mais tempo sem eles. Então, queremos sair para procurar.

— Para onde irão? — perguntou Mary, com os olhos pesados e dor de cabeça, depois de sua noite perturbadora. Ela e Lyra estavam na margem do rio, Lyra para se lavar e Mary para procurar, disfarçadamente, as marcas das pegadas do homem. Até o momento não tinha encontrado nenhuma.

— Não sei — respondeu Lyra. — Mas eles estão por aí, em algum lugar. Assim que atravessamos a janela, saindo da batalha, eles fugiram, como se não confiassem mais em nós. Também não posso nem dizer que os culpe por isso. Mas sabemos que estão neste mundo e tivemos a impressão de que os vimos umas duas vezes, então, acho que talvez possamos encontrá-los.

— Ouça — disse Mary, com relutância, e contou a Lyra o que tinha visto na noite anterior.

Enquanto falava, Will veio se juntar a elas e tanto ele quanto Lyra ouviram, com os olhos arregalados e o rosto sério.

— Provavelmente é um viajante que encontrou uma janela e atravessou, vindo de algum outro lugar — disse Lyra, quando Mary concluiu. Intimamente, ela possuía coisas bastante diferentes em que pensar, e esse homem não era tão interessante como elas eram.

— Como fez o pai de Will — prosseguiu. — Deve haver todo tipo de aberturas agora. De qualquer maneira, se ele simplesmente deu as costas e foi embora, não devia querer fazer nada de mau, não acha?

— Não sei. Não gostei daquilo. E estou preocupada com vocês saindo por aí sozinhos, ou ficaria, se não soubesse que já fizeram coisas muito mais perigosas antes. Ah, eu não sei. Mas, por favor, tenham cuidado. Por favor, examinem bem os

lugares por onde vão andar. Pelo menos na pradaria se pode ver de muito longe quando alguém se aproxima...

— Se o encontrarmos, poderemos fugir direto para algum outro mundo, e ele não vai poder nos fazer mal — disse Will.

Estavam decididos a ir, e Mary se sentia relutante em discutir com eles.

— Pelo menos — pediu ela — prometam que não entrarão nos bosques, no meio das árvores. Se esse homem ainda estiver por perto, pode estar se escondendo em um bosque ou em uma moita, e vocês não o veriam a tempo de escapar.

— Nós prometemos — disse Lyra.

— Bem, vou preparar alguma coisa para vocês levarem, caso fiquem fora o dia inteiro.

Mary juntou alguns dos pães achatados e queijo, algumas frutas vermelhas, doces e suculentas para matar a sede, embrulhou tudo em um pano e amarrou com um barbante, fazendo uma alça para que pudessem carregar o embrulho pendurado no ombro.

— Boa caçada — disse ela, quando iam saindo. — Por favor, tomem cuidado.

Ainda estava preocupada. Ficou parada vendo os dois se afastarem até chegarem ao sopé da encosta.

— Gostaria de saber por que ela está tão triste — comentou Will, enquanto ele e Lyra subiam pela estrada que levava à cadeia de colinas.

— Provavelmente está se perguntando se algum dia voltará para casa — respondeu Lyra. — E se o laboratório ainda será seu, quando voltar. E talvez esteja triste por causa do homem por quem foi apaixonada.

— Humm — retrucou Will. — Você acha que *nós voltaremos* para casa algum dia?

— Não sei. De qualquer maneira, não creio que eu tenha uma casa. Eles provavelmente não podem me aceitar de volta na Faculdade Jordan, e não posso viver com os ursos nem com as feiticeiras. Talvez pudesse viver com os gípcios. Bem que gostaria disso, se me aceitassem.

— E o mundo de lorde Asriel? Não gostaria de viver lá?

— Não se esqueça que vai fracassar — disse ela.

— Por quê?

— Por causa do que o fantasma de seu pai disse, pouco antes de sairmos. Sobre os daemons e como só podem viver normalmente se ficarem em seu próprio mundo. Mas provavelmente lorde Asriel, quero dizer, meu pai, não poderia ter pensado

nisso, porque ninguém tinha muito conhecimento a respeito de outros mundos quando ele começou... Aquilo tudo — comentou em tom de admiração e tristeza —, toda aquela bravura e talento... Tudo aquilo, tudo desperdiçado! Tudo para nada!

Continuaram subindo, achando o caminho fácil na estrada de rocha, e quando alcançaram o alto da cadeia de colinas pararam e olharam para trás.

— Will, e se *não* os encontrarmos? — perguntou ela.

— Tenho certeza que encontraremos. O que mais quero saber é como será o meu daemon.

— Você a viu. E eu a peguei no colo — disse Lyra, enrubescendo, porque, é claro, era uma tremenda violação das regras de boas maneiras tocar em algo tão pessoal como o daemon de outra pessoa. Era proibido não só por educação, mas também por algo mais profundo que isso, algo como vergonha. Um rápido olhar de relance para as faces vermelhas de Will mostrou que ele sabia disso tão bem quanto ela. Não sabia dizer se ele também sentia aquela sensação estranha, que era metade medo, metade excitação, que ela sentia, aquela sensação que tinha começado a se apoderar dela na noite anterior: ali estava novamente.

Continuaram caminhando lado a lado, de repente tímidos um com o outro. Mas Will, que não se deixava vencer pela timidez, perguntou:

— Quando o daemon para de mudar de forma?

— Mais ou menos... acho que com a sua idade, ou um pouco depois. Costumávamos falar sobre qual forma fixa Pan teria, ele e eu. A gente se perguntava que forma ele teria...

— As pessoas não têm nenhuma ideia?

— Não quando ainda são crianças. À medida que você vai crescendo, bem, poderia ser isso ou poderia ser aquilo... E, geralmente, eles acabam fixando forma em alguma coisa que se encaixa. Quero dizer, alguma coisa que combina com sua verdadeira natureza. Como, por exemplo, se seu daemon é um cachorro, isso significa que você gosta de ser obediente, de saber quem manda e de cumprir ordens, de agradar as pessoas que estão no comando. Muitos criados são pessoas cujos daemons são cachorros. O que quer dizer que ajuda saber que tipo de pessoa você é e descobrir as coisas que saberá fazer bem. Como as pessoas em seu mundo sabem quem e como elas são?

— Não sei. Não conheço muita coisa a respeito de meu mundo. Tudo o que sei é guardar segredos, não me mostrar, ficar bem quieto e escondido, de modo que não

sei muita coisa sobre... adultos e amigos. Ou amantes. Acho que seria difícil ter um daemon porque todo mundo saberia tanta coisa a respeito de você só de olhar. Gosto de não me mostrar, guardar meus segredos e de ficar fora do alcance de olhares.

— Então, talvez seu daemon seja um animal que sabe se esconder bem. Um desses animais que parecem com um outro... uma borboleta que se pareça com uma vespa, para se disfarçar. Deve haver animais assim em seu mundo, porque nós temos e somos tão parecidos.

Continuaram caminhando juntos em silêncio amigável. Por toda parte, em torno deles, a manhã vasta e clara estava límpida nas ravinas e azul-perolada na atmosfera quente acima. Até onde o olhar podia alcançar, a grandiosa savana se estendia, marrom, dourada, verde-fosca, cintilando na direção do horizonte e vazia. Eles poderiam ter sido as únicas pessoas no mundo.

— Mas na verdade não é vazio — observou Lyra.

— Está falando do tal homem?

— Não. Você sabe o que estou querendo dizer.

— É, sei. Posso ver sombras na relva... talvez sejam passarinhos — disse Will.

Ele estava acompanhando pequenos movimentos dardejantes aqui e ali. Descobriu que era mais fácil ver as sombras se não olhasse diretamente para elas. Pareciam mais dispostas a se mostrar para os cantos de seus olhos e, quando falou disso para Lyra, ela comentou:

— É a capacidade negativa.

— O que é isso?

— Foi o poeta Keats quem falou disso pela primeira vez. A dra. Malone sabe. É assim que leio o aletiômetro. E é assim que você usa a faca, não é?

— É, imagino que seja. Mas estava pensando agora mesmo que poderiam ser os daemons.

— Eu também, mas...

Ela colocou o dedo sobre os lábios e ele assentiu.

— Olhe — disse ele —, lá está uma daquelas árvores caídas.

Era a árvore da plataforma de Mary. Eles se aproximaram dela cuidadosamente, mantendo um olho vigilante no arvoredo, para o caso de uma outra cair também. Na calma da manhã, com apenas uma ligeira brisa agitando as folhas, parecia impossível que uma coisa imensa e imponente assim pudesse algum dia desabar, mas lá estava ela.

O imenso tronco, apoiado no solo do bosque com suas raízes arrancadas e na relva a massa de galhos, estava lá no alto, muito acima da cabeça dos dois. Alguns de seus galhos esmigalhados e partidos eram, só eles, de uma circunferência tão grande quanto a das maiores árvores que Will já tinha visto; a copa da árvore, compacta, com ramagens que ainda pareciam robustas, folhas que ainda estavam verdes, se erguia nas alturas como um palácio em ruínas na atmosfera agradável.

De repente, Lyra agarrou o braço de Will.

— Psiu — cochichou. — Não olhe. Tenho certeza que eles estão lá em cima. Vi alguma coisa se mexer e *juro* que era Pan.

A mão de Lyra estava quente. Ele tinha mais consciência disso do que da grande massa de folhas e galhos acima deles. Fingindo contemplar distraidamente o horizonte, ele deixou sua atenção vagar relaxada para cima, para a massa confusa de verde, marrom e azul, e lá — ela tinha razão! — havia alguma coisa que *não* era a árvore. E, ao lado, uma outra.

— Vamos nos afastar — cochichou Will. — Vamos para outro lugar ver se eles nos seguem.

— E se não seguirem... Mas, sim, está bem — cochichou Lyra em resposta.

Eles fingiram olhar ao redor; puseram as mãos em um dos galhos descansando no chão, como se estivessem pretendendo subir nele; fingiram mudar de ideia, sacudindo a cabeça um para o outro e se afastando.

— Gostaria de poder olhar para trás — disse Lyra quando estavam a alguns metros de distância.

— Apenas continue andando. Eles estão nos vendo e não vão se perder. Virão nos procurar quando quiserem.

Saíram da estrada preta e entraram na relva alta, que chegava à altura dos joelhos, as pernas se movendo com um som sibilante ao roçar nos talos altos, observando os insetos esvoaçando, dardejando, borboleteando, dando voos rasantes, ouvindo o coro de milhões de vozes chilrear e cricrilar.

— O que você vai fazer, Will? — perguntou Lyra baixinho, depois de terem andado um bom pedaço em silêncio.

— Bem, tenho que voltar para casa — respondeu ele.

No entanto, ela achou que sua voz soava insegura. Esperava que soasse insegura.

— Mas eles ainda podem estar atrás de você — argumentou. — Aqueles homens.

— Mas já enfrentamos coisa pior que eles.

— É, acho que sim... Mas eu queria lhe mostrar a Faculdade Jordan e os Pântanos. Queria que nós...

— Eu sei — concordou ele —, e eu queria... Seria bom voltar até mesmo a Cittàgazze. Era um lugar bonito, e se os Espectros tiverem todos ido embora... Mas tenho minha mãe. Tenho que voltar e cuidar dela. Eu simplesmente a deixei com a sra. Cooper, e não é justo com nenhuma das duas.

— Mas não é justo que *você* tenha que fazer isso.

— Não — concordou ele —, mas são tipos diferentes de justiça. É exatamente como um terremoto ou uma tempestade. Pode não ser justo, mas não é culpa de ninguém. Mas se eu simplesmente deixar minha mãe com uma senhora idosa que também não está muito bem, isso, então, é um outro tipo de não ser justo. Isso seria errado. Eu tenho que ir para casa, e pronto. Mas provavelmente vai ser difícil voltar a ser como era antes. Agora, provavelmente, o segredo já não é mais segredo. Não imagino que a sra. Cooper tenha conseguido cuidar dela, não se minha mãe tiver passado por um daqueles seus períodos em que fica com medo das coisas. Imagino que ela provavelmente teve que procurar ajuda, e quando eu voltar vão me obrigar a ir para algum tipo de instituição.

— Não! Como um orfanato?

— Acho que é o que eles fazem. Na verdade, não sei. Vou detestar.

— Você poderia escapar com a faca, Will! Poderia vir para meu mundo!

— Mas de qualquer maneira o meu lugar é um lugar onde possa estar com ela. Quando for adulto, vou poder cuidar dela direito, na minha casa. Então, ninguém vai poder interferir.

— Você acha que vai se casar?

Ele ficou calado durante muito tempo. Contudo, ela sabia que estava pensando.

— Não consigo pensar em uma coisa tão distante no futuro — respondeu. — Teria que ser com alguém que eu pudesse compreender... não acho que exista ninguém assim em meu mundo. E *você*, se casaria?

— Eu também não — respondeu ela, e sua voz não estava muito firme. — Não com ninguém em meu mundo, não acredito.

Continuaram andando devagar, sem rumo certo, seguindo em direção ao horizonte. Eles tinham todo o tempo do mundo: todo o tempo que o mundo tinha.

Depois de alguns instantes, Lyra perguntou:

— Você *vai* guardar a faca, não vai? De modo que possa visitar meu mundo?

— É claro. Eu certamente não a daria a nenhuma outra pessoa, nunca.

— Não olhe — disse ela, sem alterar o passo. — Lá estão eles de novo. À esquerda.

— Eles *estão* nos seguindo — comentou Will, radiante.

— Psiu!

— Bem que achei que nos seguiriam. O.k., agora vamos fingir, vamos andar por aí fazendo de conta que estamos procurando por eles e vamos olhar em todos os lugares mais idiotas.

E tornou-se uma brincadeira. Eles encontraram um laguinho e procuraram entre os juncos e na lama, dizendo em voz alta que os daemons deveriam estar com forma de sapos, de besouros d'água ou lesmas; eles arrancaram a casca de uma árvore, há muito caída, na beira de um bosque de eucaliptos, fingindo ter visto os dois daemons se escondendo debaixo dela, sob a forma de lacrainhas; Lyra fez uma cena, dando uma enorme atenção a uma formiga em que ela afirmava ter pisado, lamentando os machucados que havia causado, dizendo que a carinha da formiga era igual à de Pan, perguntando com tristeza fingida por que a formiga se recusava a falar com ela.

Mas quando achou que realmente estavam fora do alcance dos ouvidos dos daemons, disse seriamente para Will, chegando bem perto dele para falar rapidamente:

— Nós *tivemos* que deixá-los, não tivemos? Realmente não tínhamos escolha, não é?

— Sim, tivemos. Foi pior para você do que para mim, mas nós não tínhamos escolha. Porque você fez uma promessa a Roger e tinha que cumpri-la.

— E você precisava falar novamente com seu pai...

— E tínhamos que tirar todos eles de lá.

— É, tínhamos. Estou tão feliz por termos feito isso. Um dia, Pan também vai ficar feliz, quando *eu* morrer. Não vamos ser separados. Aquilo foi uma coisa *boa* que fizemos.

À medida que o sol subia mais alto no céu e o ar se tornava mais quente, eles começaram a procurar uma sombra. Por volta do meio-dia, estavam na encosta que se elevava em direção ao topo de uma cadeia de colinas e, quando chegaram lá, Lyra se deixou cair na relva e declarou:

— Bem! Se não encontrarmos logo um lugar que esteja na sombra...

Havia um vale que descia até o outro lado, e era coberto de arbustos, e eles

imaginaram que ali também poderia haver uma nascente. Atravessaram a cadeia de colinas até o outro lado da encosta, onde começava a descer para a parte mais alta do vale, e ali, como haviam imaginado, entre samambaias e juncos, uma nascente borbulhava saindo da rocha.

Molharam os rostos acalorados na água e beberam satisfeitos, depois foram descendo, seguindo a corrente d'água, observando-a se acumular, formando redemoinhos em miniatura e jorrando sobre minúsculas saliências de pedra, e o tempo todo ia se tornando mais larga e mais forte, virando um pequeno córrego.

— Como ela faz isso? — perguntou Lyra maravilhada. — Não tem *mais* água entrando nela, vinda de nenhum outro lugar, mas tem uma quantidade de água tão maior aqui do que lá em cima.

Will, vigiando as sombras dos daemons pelo canto do olho, as viu se esgueirarem adiante deles, saltando sobre as samambaias para desaparecer nos arbustos mais abaixo. Ele apontou silenciosamente.

— É que vai mais devagar — respondeu. — Não jorra tão depressa como na nascente, e por isso vai se juntando nesses baixios... Eles foram para lá — sussurrou, apontando para um pequeno grupo de árvores na base da encosta.

O coração de Lyra estava batendo tão depressa que o sentia pulsar na garganta. Ela e Will trocaram um olhar, um olhar curiosamente formal e sério, antes de continuarem a seguir o curso d'água. A vegetação rasteira se tornou mais espessa à medida que entraram no vale; o curso d'água entrava em túneis de verde e emergia em clareiras com áreas de luz e sombra, apenas para despencar sobre um leito de pedras e se enterrar no verde de novo, e eles tinham que segui-lo tanto com o olhar como com o ouvido.

Na base da colina, o curso d'água corria para o interior de um pequeno bosque de árvores de troncos prateados.

O padre Gomez observava do alto da cadeia de colinas. Não tinha sido difícil segui-los; a despeito da confiança de Mary na savana aberta, havia uma variedade de esconderijos no mato alto e as moitas ocasionais de eucaliptos e arbustos de seiva de laca. Os dois jovens tinham passado um bocado de tempo olhando ao redor por toda parte, como se pensassem que estivessem sendo seguidos, e ele teve que se manter a uma certa distância, mas, à medida que a manhã tinha passado, haviam se tornado cada vez mais interessados um no outro, prestando menos atenção na paisagem.

A única coisa que ele não queria fazer era ferir o menino. Ele tinha verdadeiro horror a fazer mal a uma pessoa inocente. A única maneira de se assegurar de que acertaria seu alvo era chegar perto o suficiente para vê-la claramente, o que significava segui-los e entrar no bosque.

Silenciosa e cautelosamente, ele foi descendo seguindo o curso da corrente d'água. Seu daemon, o besouro fêmea de dorso verde, voava logo acima farejando o ar; sua visão era menos aguçada que a dele, mas seu olfato era acuradíssimo, e ela sentiu o cheiro da carne das crianças muito claramente. Podia seguir um pouco mais à frente, pousar em um caule de relva e esperar por ele, depois seguir adiante de novo; e à medida que ela farejava o rastro que os corpos deles deixavam no ar, o padre Gomez começou a louvar a Deus por sua missão, porque estava mais claro que nunca que o menino e a menina estavam se encaminhando para o pecado mortal.

E lá estava: o movimento louro-escuro que eram os cabelos da menina. Ele se aproximou mais um pouco e empunhou o rifle. Tinha mira telescópica: a lente não era de grande alcance, mas era tão magnificamente feita que olhar através dela era sentir sua visão ficar nítida, bem como ser ampliada. Sim, lá estava ela, e a menina parou e olhou para trás, de modo que ele viu a expressão em seu rosto e não conseguiu entender como alguém tão impregnado pelo mal pudesse ter uma expressão tão radiante de esperança e felicidade.

Seu espanto fez com que ele hesitasse, e então, o momento passou, as duas crianças tinham entrado no meio das árvores e estavam fora de vista. Bem, não iriam muito longe. Ele as seguiu descendo pela beira do leito do pequeno córrego, se movendo agachado, segurando o rifle em uma das mãos e se equilibrando com a outra.

Agora, estava tão próximo do sucesso que pela primeira vez se viu tecendo especulações sobre o que faria depois e se daria mais satisfação ao reino do céu voltando para Genebra ou ficando ali para evangelizar aquele mundo. A primeira coisa a fazer naquele mundo seria convencer os seres de quatro pernas, que pareciam ter os rudimentos de uma inteligência, de que seu hábito de circular sobre rodas era abominável e satânico, e contrário à vontade de Deus. Se os afastasse daquilo, a salvação se seguiria.

Ele alcançou o sopé da encosta, onde as árvores começavam, e colocou o rifle no chão silenciosamente.

Olhou fixamente para as sombras dourado-esverdeado-prateadas e ficou

escutando atentamente, com as duas mãos em concha atrás das orelhas, para captar e localizar quaisquer vozes baixas em meio ao chilrear dos insetos e ao borbulhar da água do pequeno córrego. Sim, lá estavam eles. Tinham parado.

Ele se abaixou para pegar o rifle…

E se ouviu emitindo um grito rouco sufocado, enquanto alguma coisa agarrava seu daemon e a levava para longe dele.

Mas não havia nada ali! Onde estava ela? A dor era atroz. Ele a ouviu gritando e olhou em volta desesperado, para a esquerda e para a direita, procurando-a.

— Não se mova — disse uma voz saída do ar — e fique calado. Estou com seu daemon em minha mão.

— Mas… onde está você? Quem é você?

— Meu nome é Balthamos — disse a voz.

Will e Lyra seguiram o pequeno córrego e entraram no bosque, andando cautelosamente, falando pouco, até estarem bem no centro.

Havia uma pequena clareira no meio do arvoredo, que era atapetada de grama macia e pedras cobertas de musgo. Os galhos se entrelaçavam acima, quase escondendo o céu e deixando passar pequenas palhetas e lantejoulas dançantes de luz, de um modo que tudo estava salpicado de ouro e prata.

E era silencioso. Só o borbulhar do pequeno riacho e o farfalhar ocasional das folhas lá no alto, em uma pequena ondulação de brisa, quebravam o silêncio.

Will pôs no chão o embrulho de comida; Lyra deixou junto sua pequena sacola. Não havia sinal dos daemons sombras em lugar nenhum. Estavam completamente sozinhos.

Tiraram os sapatos e as meias e sentaram nas rochas cobertas de musgo na beira do riacho, mergulhando os pés na água fria e sentindo o choque da temperatura revigorar o sangue deles.

— Estou com fome — declarou Will.

— Eu também — disse Lyra, embora estivesse sentindo mais que isso, alguma coisa evidente, silenciosa e urgente, meio feliz, meio dolorosa, não tinha muita certeza do que era.

Eles desfizeram o embrulho, abriram o pano e comeram pão com queijo. Por algum motivo as mãos deles estavam lentas e desajeitadas, e mal sentiram o gosto da comida, embora o pão estivesse saboroso e crocante por ter sido assado nas pedras

bem aquecidas, e o queijo fosse macio, salgado e muito fresco.

Então, Lyra pegou uma daquelas frutinhas vermelhas. Com o coração batendo acelerado, se virou para ele e disse:

— Will...

E levou a fruta delicadamente até a boca de Will.

Ela pôde ver pelo olhar de Will que ele havia compreendido imediatamente o que ela queria fazer, e que estava feliz demais para falar. Os dedos de Lyra ainda estavam nos lábios dele e Will os sentiu tremer, e levantou a mão para segurar os dedos dela ali, e nenhum dos dois conseguia olhar para o outro; estavam confusos; estavam transbordando de felicidade.

Como duas mariposas desajeitadas se esbarrando, sem mais peso que isso, seus lábios se tocaram. Então, antes que soubessem como havia acontecido, estavam abraçados, cada um cegamente apertando o rosto colado no outro.

— Como Mary disse... — sussurrou ele — você sabe imediatamente quando gosta de alguém... quando você estava dormindo, na montanha, antes que ela levasse você embora, eu disse a Pan...

— Eu ouvi — sussurrou ela —, estava acordada e queria dizer a mesma coisa para você, e agora sei o que eu estava sentindo o tempo todo: eu amo você, Will, eu amo você...

A palavra *amor* incendiou os nervos de Will. Seu corpo inteiro se encheu de prazer ao ouvi-la e ele respondeu com as mesmas palavras, beijando a face quente de Lyra uma porção de vezes, todos os sentidos absorvendo com adoração o aroma de seu corpo, dos cabelos mornos perfumados de mel à boca úmida de Lyra, que tinha o sabor da frutinha vermelha.

Ao redor deles não havia nada senão um grande silêncio, era como se o mundo inteiro estivesse prendendo a respiração.

Balthamos estava aterrorizado.

Ele foi subindo o curso do leito do rio e se afastou do bosque, segurando o daemon inseto que picava, mordia e arranhava, e tentando se esconder, tanto quanto podia, do homem que vinha cambaleando atrás deles.

Não podia deixar que ele o alcançasse. Sabia que o padre Gomez o mataria em um instante. Um anjo de sua hierarquia não era adversário para um homem, mesmo se o anjo fosse forte e saudável, e Balthamos não era nenhuma dessas duas coisas;

além disso, estava enfraquecido pela tristeza de ter perdido Baruch e pela vergonha de ter abandonado Will antes. Não tinha mais forças nem para voar.

— Pare, pare — implorou o padre Gomez. — Por favor, fique parado. Eu não consigo ver você... vamos conversar, por favor, não machuque meu daemon, eu suplico...

Na verdade, o daemon estava machucando Balthamos. O anjo podia ver vagamente a coisinha verde através das costas de suas mãos cerradas, e ela estava cravando suas mandíbulas poderosas repetidamente nas palmas de suas mãos. Se abrisse as mãos apenas por um instante, ela escaparia. Balthamos as manteve fechadas, bem apertadas.

— Por aqui — disse ele —, venha comigo. Fique longe desse bosque. Quero falar com você e este não é o lugar certo.

— Mas quem é você? Não consigo ver você. Chegue mais perto... Como posso saber o que você é se não vejo você? Pare, não ande tão depressa!

Mas andar depressa era a única defesa que Balthamos tinha. Tentando ignorar as picadas do daemon, foi seguindo adiante, evitando obstáculos, subindo pelo pequeno vale estreito por onde corria o riacho, saltando de pedra em pedra.

Então, ele cometeu um erro: tentando olhar para trás, escorregou e pôs um pé na água.

— Ah — veio um suspiro de satisfação quando o padre Gomez ouviu a água se agitar e respingar.

Balthamos imediatamente tirou o pé da água e prosseguiu rapidamente — mas, agora, uma pegada molhada aparecia nas pedras secas cada vez que ele pisava nelas. O padre viu isso, saltou para a frente e sentiu penas roçarem em sua mão.

Ele estacou, espantadíssimo: a palavra *anjo* reverberou em sua mente. Balthamos aproveitou o momento para sair cambaleando de novo, e o padre se sentiu arrastado atrás dele, enquanto uma outra pontada brutal lhe torcia o coração.

Balthamos disse por sobre o ombro:

— Um pouco mais adiante, só até o topo da cadeia de colinas, e então, conversaremos, prometo.

— Fale aqui! Pare onde está e juro que não tocarei em você!

O anjo não respondeu: estava muito difícil se concentrar. Ele tinha que dividir sua atenção em três direções: ver o que vinha atrás dele, para evitar o homem, ver o que estava à frente, para ver para onde estava indo, e se concentrar no daemon, a

coisa furiosa que estava torturando suas mãos.

Já o padre estava com a mente funcionando a pleno vapor. Um adversário realmente perigoso teria matado seu daemon imediatamente e encerrado a questão ali, na mesma hora: este antagonista estava com medo de atacar.

Com isso em mente, fingiu que tropeçava e emitiu pequenos gemidos de dor, e suplicou uma ou duas vezes que o outro parasse — o tempo todo vigiando atentamente, chegando cada vez mais perto, calculando que tamanho o outro teria, com que velocidade poderia se deslocar, para que lado estava olhando.

— Por favor — implorou, como se estivesse sucumbindo —, você sabe como isso dói... eu não posso lhe fazer nenhum mal... por favor, vamos parar e conversar?

Ele não queria perder o bosque de vista. Agora estavam no ponto onde a nascente começava e podia ver a forma dos pés de Balthamos comprimindo muito levemente a relva. O padre observou cada centímetro do caminho e agora tinha certeza de que o anjo estava de pé.

Balthamos se virou. O padre levantou os olhos para o lugar onde achava que o rosto do anjo estaria e o viu pela primeira vez: apenas uma cintilação no ar, mas não havia dúvida de que estava ali.

Contudo, ainda não estava próximo o suficiente para alcançá-lo em um só movimento e, na verdade, o afastamento de seu daemon tinha sido doloroso e debilitante. Talvez devesse dar mais um ou dois passos...

— Sente — ordenou Balthamos. — Sente aí, onde está. Não dê mais nem um passo.

— O que você quer? — perguntou o padre Gomez, sem se mover.

— O que eu quero? Quero matar você, mas não tenho força para isso.

— Mas você é um anjo?

— Que importância tem isso?

— Você pode ter cometido um erro. Poderíamos estar do mesmo lado.

— Não, não estamos. Eu venho seguindo você. Sei de que lado você está... não, não, não se mova. Fique aí.

— Não é tarde demais para se arrepender. Mesmo anjos podem fazer isso. Posso ouvir sua confissão.

— Ah, Baruch, me ajude! — gritou Balthamos desesperado, dando as costas para o padre.

E no instante em que ele gritou, o padre Gomez saltou em cima dele. Seu ombro

acertou o ombro do anjo e Balthamos se desequilibrou; e, ao estender a mão para se salvar, o anjo soltou o daemon inseto. O besouro imediatamente saiu voando e o padre Gomez sentiu uma onda de alívio e de força. Na verdade, foi isso que o matou, para sua grande surpresa. Ele se atirou com tanta força contra a frágil silhueta do anjo e esperava encontrar uma resistência tão maior que a que encontrou, que não conseguiu manter o equilíbrio. Seu pé escorregou; o impulso o levou para baixo em direção ao riacho; e Balthamos, pensando no que Baruch teria feito, chutou a mão do padre para o lado, quando ele a estendeu para se segurar.

O padre Gomez caiu com violência. Sua cabeça bateu em uma pedra e ele ficou caído, atordoado, com o rosto na água. O choque da água fria o reanimou imediatamente, mas enquanto engasgava e, enfraquecido, tentava se levantar, Balthamos, desesperado, ignorou o daemon lhe picando o rosto, os olhos e a boca, e usou todo o pouco peso que ainda tinha para manter a cabeça do homem enfiada na água, e a manteve lá, e a manteve lá, e a manteve lá.

Quando o daemon desapareceu de repente, Balthamos o largou. O homem estava morto. Tão logo teve certeza disso, Balthamos tirou o corpo do riacho e o deitou cuidadosamente sobre a relva, cruzando as mãos do homem sobre o peito e fechando os olhos dele.

Então, Balthamos se levantou, nauseado, exausto e cheio de dor.

— Baruch — disse. — Ah, Baruch, meu querido, não há mais nada que eu possa fazer. Will e a menina estão salvos e tudo vai correr bem, mas isto é o fim para mim, embora eu tenha realmente morrido quando você morreu, Baruch, meu amado.

Um instante depois, ele havia desaparecido.

Na plantação de feijão, sonolenta, no final da tarde, Mary ouviu a voz de Atal e não soube distinguir entre entusiasmo e preocupação: será que outra árvore tinha caído? Será que o homem do rifle tinha reaparecido?

— *Olha! Olha!* — dizia Atal, puxando o bolso de Mary com a tromba, de maneira que Mary pegou a luneta e fez o que sua amiga mandava, apontando a luneta para o céu.

— *Me diga o que ele está fazendo!* — pediu Atal. — *Estou sentindo que está diferente, mas não consigo ver.*

A terrível torrente de Pó jorrando no céu havia parado de fluir. Não estava parada, de forma alguma; Mary vasculhou o céu inteiro com as lentes âmbar, vendo uma

corrente aqui, um redemoinho ali, um vórtice mais adiante; estava em perpétuo movimento, mas não estava mais fluindo para longe. Na verdade, muito pelo contrário, estava caindo como flocos de neve.

Ela pensou nas árvores-das-rodas: as flores que se abriam para cima estariam absorvendo aquela chuva dourada. Mary quase podia senti-las recebendo-a satisfeitas em suas pobres gargantas sedentas, que eram tão perfeitamente moldadas para isso e que tinham sido privadas dela por tanto tempo.

— *As crianças* — disse Atal.

Mary se virou, de luneta em punho, e viu Will e Lyra voltando. Eles ainda estavam a alguma distância; não andavam com pressa. Estavam de mãos dadas, conversando, as cabeças bem juntas, sem dar atenção a nada do que os cercava; mesmo de longe ela podia ver isso.

Ela quase pôs a luneta no olho, mas se conteve e a colocou de volta no bolso. Não havia necessidade de usar a luneta; ela sabia o que veria; eles pareceriam ser feitos de ouro vivo. Eles pareceriam a imagem verdadeira do que seres humanos sempre poderiam ser, depois que tivessem descoberto sua herança.

O Pó descendo como uma chuva vinda das estrelas havia encontrado novamente um lar para viver, e aquelas crianças-que-não-eram-mais-crianças, embebidas e transbordando de amor, eram a causa de tudo aquilo.

36. A FLECHA QUEBRADA

Mas vem o destino e suas cunhas sabe cravar,
E sempre acaba por se intrometer.
ANDREW MARVEL

Os dois daemons foram andando pelo povoado silencioso, entrando e saindo das sombras, com patas macias, sob a forma de gatos, atravessando o platô iluminado pelo luar que era o pódio de reuniões, parando diante da porta aberta da casa de Mary.

Cautelosamente, espiaram o interior da casa e viram apenas a mulher dormindo; então, recuaram e seguiram novamente pelo luar, em direção à árvore-abrigo.

Seus galhos longos e baixos se estendiam com folhas espiraladas, perfumadas, quase até o chão. Muito lentamente e com muito cuidado para não farfalhar uma folha, nem quebrar um graveto caído, as duas formas se esgueiraram pela cortina de folhas e viram o que estavam procurando: o menino e a menina, profundamente adormecidos, nos braços um do outro.

Eles se aproximaram andando sobre a grama e muito levemente tocaram as crianças dormindo com o focinho, a pata, os bigodes, se banhando no calor vívido que eles irradiavam, mas tendo um cuidado infinito para não acordar nenhum dos dois.

Enquanto estavam examinando suas pessoas (delicadamente limpando a ferida quase cicatrizada de Will, levantando uma mecha de cabelo do rosto de Lyra), houve um som suave atrás deles.

Imediatamente, em silêncio total, os dois daemons se viraram rapidamente, se transformando em lobos: olhos claros ferozes, dentes brancos arreganhados, ameaça em cada linha de seus corpos.

Havia uma mulher parada ali, sua silhueta iluminada pela lua. Não era Mary, e quando falou eles a ouviram nitidamente, embora sua voz não tivesse nenhum som.

— Venham comigo — disse ela.

O coração de daemon de Pantalaimon deu um salto em seu peito, mas não disse nada até poder falar com ela longe das crianças, que dormiam.

— Serafina Pekkala! — exclamou com alegria. — Por onde você tem andado? Sabe do que aconteceu?

— Psiu. Vamos voar para algum lugar onde possamos conversar — respondeu ela, preocupada com os habitantes do povoado, que dormiam.

Seu galho de pinheiro-nubígeno estava encostado ao lado da porta da casa de Mary, e, enquanto ela o pegava, os dois daemons se transformaram em pássaros — um rouxinol e uma coruja — e voaram com ela sobre os telhados de palha, sobre as pradarias, sobre a cadeia de colinas e em direção ao grupo de árvores-das-rodas mais próximo, imenso como um castelo, a copa parecendo coalhada de prata sob a luz do luar.

Ali Serafina Pekkala se acomodou no galho mais alto e confortável, entre as flores abertas que absorviam o Pó, e os dois pássaros se empoleiraram perto dela.

— Vocês não serão pássaros por muito tempo — comentou. — Dentro de muito pouco tempo estarão com suas formas definitivas. Olhem bem ao redor e guardem esta imagem na memória.

— Que vamos ser? — perguntou Pantalaimon.

— Você vai descobrir mais cedo do que pensa. Escutem — disse Serafina Pekkala —, vou lhes contar algo que faz parte do saber das feiticeiras de que ninguém tem conhecimento, só as feiticeiras. O motivo por que posso fazer isso é o fato de que vocês estão aqui comigo e seus humanos estão lá embaixo, dormindo. Quem são as únicas pessoas para quem isso é possível?

— Feiticeiras — respondeu Pantalaimon — e xamãs. Então...

— Ao deixar vocês dois nas margens do mundo dos mortos, Lyra e Will fizeram, sem saber, uma coisa que feiticeiras sempre fizeram desde a primeira vez em que feiticeiras surgiram no mundo. Existe uma região em nossa terra do norte, um lugar desolado, abominável, onde uma grande catástrofe aconteceu na infância do mundo e onde nada jamais viveu desde então. Nenhum daemon pode entrar lá. Para se tornar feiticeira, uma menina tem que atravessar essa região sozinha e deixar para trás o seu daemon. Vocês sabem o sofrimento que têm que suportar. Mas, tendo feito isso, elas descobrem que seus daemons não foram seccionados, como em Bolvangar; ainda são um único ser inteiro, mas podem se deslocar livremente e ir a lugares distantes, ver coisas estranhas e trazer de volta com eles o conhecimento do que viram.

— E vocês não foram seccionados, certo?

— Não — respondeu Pantalaimon. — Ainda somos um único ser. Mas foi tão doloroso e ficamos com tanto medo...

— Bem — disse Serafina —, eles dois não vão voar como feiticeiras e não viverão tanto tempo quanto nós vivemos; mas, graças ao que fizeram, vocês e eles são feiticeiras em todos os aspectos, menos esses.

Os dois daemons refletiram sobre a estranheza daquela informação.

— Isso significa que vamos ser pássaros como os daemons de feiticeiras? — perguntou Pantalaimon.

— Seja paciente.

— E como Will pode ser uma feiticeira? Pensei que todas as feiticeiras fossem mulheres.

— Aqueles dois mudaram muitas coisas. Todos nós estamos aprendendo novos costumes, até as feiticeiras. Mas uma coisa não mudou: vocês têm que ajudar seus humanos, não criar dificuldades para eles. Têm que ajudar, orientar e encorajar seus humanos a adquirir sabedoria. É para isso que daemons servem.

Eles ficaram em silêncio. Serafina perguntou ao rouxinol:

— Como se chama?

— Não tenho nome. Eu não sabia que existia até o instante em que fui arrancada do coração dele.

— Então vou chamá-la de Kirjava.

— Kirjava — repetiu Pantalaimon, para ver como soava. — Que quer dizer isso?

— Logo você vai saber o que significa. Mas agora — prosseguiu Serafina —, precisam me ouvir com muita atenção, porque vou dizer o que devem fazer.

— Não — disse Kirjava com firmeza.

— Estou vendo pelo seu tom de voz que você já sabe o que vou dizer — observou Serafina com imensa delicadeza.

— Não queremos ouvir! — exclamou Pantalaimon.

— É cedo demais — argumentou o rouxinol. — É realmente cedo demais.

Serafina ficou em silêncio, porque concordava com eles e se sentia muito triste. Mas, apesar disso, era a pessoa de maior sabedoria ali e tinha que orientar os daemons para que seguissem a conduta certa; porém, deixou que a agitação deles se acalmasse, antes de prosseguir.

— Onde estiveram, durante suas viagens? — perguntou.

— Passamos por muitos mundos — respondeu Pantalaimon.

— Em toda parte onde encontramos uma janela, atravessamos. Existem mais janelas do que havíamos pensado.

— E viram...

— Vimos — respondeu Kirjava —; assistimos de perto e vimos o que estava acontecendo.

— Vimos uma porção de outras coisas — acrescentou Pantalaimon rapidamente, tentando desviar o assunto. — Vimos anjos e falamos com eles. Vimos o mundo de onde vem o povo pequeno, os galivespianos. Também tem gente grande lá que tenta matar eles.

Eles falaram à feiticeira sobre as outras coisas que tinham visto e estavam tentando distraí-la, ela sabia; mas deixou que falassem, por causa do amor que sentiam pela voz um do outro.

Mas, finalmente, esgotaram as coisas que tinham para contar e se calaram. O único som era o sussurro incessante das folhas, até que Serafina Pekkala disse:

— Vocês têm se mantido longe de Will e Lyra para castigá-los. Sei por que estão fazendo isso; meu daemon, Kaisa, fez exatamente a mesma coisa depois que atravessei a terra estéril desolada. Mas depois acabou voltando para mim porque ainda nos amávamos. E, brevemente, eles vão precisar de vocês para ajudá-los a fazer o que tem que ser feito. Porque vocês têm que contar a eles o que sabem.

Pantalaimon gritou alto, um grito gelado de coruja, um som que nunca tinha sido ouvido antes naquele mundo. Em ninhos e tocas a uma grande distância ao redor, e onde quer que houvesse quaisquer pequeninos animais noturnos caçando, pastando ou comendo carniça, um novo e inesquecível medo nasceu.

Serafina ficou observando de perto e não sentiu nada, exceto uma enorme compaixão, até que olhou para o daemon de Will, Kirjava, o rouxinol. Lembrou da conversa que tivera com a feiticeira Ruta Skadi, que havia perguntado, depois de ter visto Will apenas uma vez, se Serafina já o olhara bem nos olhos; e Serafina tinha respondido que não tivera coragem. Aquele pequenino pássaro marrom estava irradiando uma ferocidade implacável, tão palpável quanto o calor, e Serafina teve medo dele.

Finalmente os gritos desesperados de Pantalaimon se calaram e Kirjava disse:

— E temos que contar a eles.

— Sim, têm que contar — respondeu a feiticeira com grande gentileza.

Gradualmente a ferocidade foi desaparecendo do olhar do passarinho marrom e

Serafina conseguiu olhar para ela de novo. Em seu lugar viu uma tristeza inconsolável.

— Há um navio a caminho — disse Serafina. — Eu o deixei para voar até aqui e encontrar vocês. Vim com os gípcios, lá do nosso mundo. Eles estarão aqui dentro de um ou dois dias.

Os dois pássaros ficaram empoleirados juntos e um instante depois tinham mudado de forma, virando dois pombos.

Serafina prosseguiu:

— Esta pode ser a última vez que vocês voam. Posso ver um pouco o futuro; vejo que vocês dois poderão subir a esta altura, desde que haja árvores deste tamanho; mas creio que não serão pássaros quando suas formas se fixarem. Aproveitem tudo o que puderem e depois procurem se lembrar bem. Eu sei que vocês, Lyra e Will vão pensar seriamente e que vai ser doloroso, e sei que farão a melhor escolha. Mas cabe a vocês fazer essa escolha, e a mais ninguém.

Eles não responderam. Ela pegou seu galho de pinheiro-nubígeno, montou e saiu voando, se afastando das copas gigantescas das árvores, voando em círculos bem alto, sentindo na pele o frescor da brisa e o formigar da luz das estrelas e o peneirar benevolente do Pó que nunca havia visto.

Serafina voou mais uma vez até o povoado e entrou silenciosamente na casa da mulher. Não sabia nada a respeito de Mary, a não ser que ela vinha do mesmo mundo que Will e que seu papel nos acontecimentos era crucial. Serafina não tinha como saber se era agressiva ou amistosa; mas tinha que acordar Mary sem assustá-la, e havia um feitiço para isso.

Ela sentou no chão junto da cabeça da mulher e a olhou fixamente, com os olhos semicerrados, inspirando e exalando, respirando no mesmo compasso que ela. Pouco depois, através dos olhos entreabertos, a visão começou a lhe mostrar as formas claras que Mary estava vendo em seus sonhos e ajustou sua mente para ressoar com elas, como se estivesse afinando uma corda de instrumento. Logo, com um esforço um pouco maior, a própria Serafina entrou no meio delas. Depois que estivesse lá, poderia falar com Mary, e fez isso com a afeição instantânea e natural que por vezes sentimos por pessoas que conhecemos em sonhos.

Um momento depois elas estavam conversando animadamente em murmúrios de que Mary mais tarde não lembraria nada e andando por uma paisagem tola de leitos

de juncos e transformadores elétricos. Estava na hora de Serafina assumir o controle.

— Dentro de poucos instantes — explicou —, você vai acordar. Não se assuste. Vai me encontrar a seu lado. Estou acordando você assim para que saiba que está em segurança, que não há nada que vá lhe fazer mal. E então, poderemos conversar direito.

Ela se retirou, trazendo consigo a Mary do sonho, até se encontrar de volta na casa, sentada de pernas cruzadas no chão de terra batida, com os olhos de Mary brilhando enquanto olhavam para ela.

— Você deve ser a feiticeira — sussurrou Mary.

— Eu sou. Meu nome é Serafina Pekkala. Como se chama?

— Mary Malone. Nunca fui acordada de maneira tão tranquila. *Estou* mesmo acordada?

— Está. Precisamos ter uma conversa e uma conversa de sonho é difícil de controlar e ainda mais difícil de lembrar. É melhor conversar acordada. Você prefere ficar aqui dentro ou me acompanharia em uma caminhada ao luar?

— Vou com você — respondeu Mary, sentando e espreguiçando. — Onde estão Lyra e Will?

— Dormindo debaixo da árvore.

As duas saíram da casa, passaram pela árvore com sua cortina de galhos que escondia tudo e foram caminhando até a margem do rio.

Mary observou Serafina Pekkala com uma mistura de desconfiança e admiração: nunca tinha visto um ser humano tão esguio e gracioso. Parecia ser mais jovem que a própria Mary, embora Lyra tivesse dito que ela tinha centenas de anos; a única insinuação de idade vinha de sua expressão, cheia de uma tristeza complexa.

Elas sentaram na margem do rio, acima da água preto-prateada, e Serafina contou a Mary o que havia conversado com os daemons das crianças.

— As crianças foram procurar os daemons hoje — disse Mary —, mas alguma outra coisa aconteceu. Will nunca viu seu daemon direito, exceto na ocasião em que eles fugiram da batalha e apenas por um segundo. Ele não sabia com certeza que de fato tinha um.

— Bem, ele tem. E você também.

Mary arregalou os olhos para ela.

— Se pudesse vê-lo — prosseguiu Serafina —, veria um pássaro preto com as

pernas vermelhas e um bico amarelo-vivo, ligeiramente recurvado. Um pássaro das montanhas.

— Uma gralha dos Alpes... Como *você* pode vê-lo?

— Com meus olhos semicerrados, posso vê-lo. Se tivéssemos tempo, eu poderia lhe ensinar a vê-lo também, e a ver os daemons de outras pessoas em seu mundo. É estranho para nós pensar que vocês não conseguem ver os daemons.

Então, ela contou a Mary o que tinha dito aos daemons deles e o que significava.

— E os daemons terão que contar a eles? — perguntou Mary.

— Pensei em acordá-los e eu mesma falar com eles. Pensei em dizer a você e deixar que ficasse com essa responsabilidade. Mas estive com os daemons e vi que assim seria melhor.

— Eles estão apaixonados.

— Eu sei.

— Eles acabaram de descobrir isso...

Mary tentou avaliar todas as implicações do que Serafina acabara de lhe contar, mas era duro e difícil demais.

Depois de mais ou menos um minuto, Mary perguntou:

— Você pode ver o Pó?

— Não, nunca vi. Até as guerras começarem, nunca tínhamos ouvido falar de Pó.

Mary tirou a luneta do bolso e a ofereceu à feiticeira. Serafina olhou pela luneta e soltou uma exclamação de espanto.

— *Aquilo* é Pó... É lindo!

— Olhe para a árvore-abrigo.

Serafina obedeceu e exclamou de novo.

— *Eles* fizeram isso? — perguntou.

— Alguma coisa aconteceu hoje, ou ontem, se já for mais de meia-noite — disse Mary, procurando encontrar as palavras exatas para explicar e se lembrando de sua visão do fluxo de Pó como um grande rio, como o Mississippi. — Alguma coisa minúscula, mas fundamental... Se você quisesse desviar um rio enorme para um curso diferente e tudo o que tivesse fosse um único seixo, poderia fazê-lo, desde que o pusesse no lugar certo, para enviar o primeiro gotejar de água *naquela* direção em vez *dessa*. Alguma coisa assim aconteceu ontem. Não sei o que foi. Eles se viram de uma maneira diferente, ou algo assim... Até então, não tinham sentido aquilo, mas, de repente, sentiram. E então, o Pó foi atraído para eles, de maneira muito poderosa,

e parou de fluir na outra direção.

— Então, era assim que iria acontecer! — exclamou Serafina, maravilhada. — E agora está tudo salvo, ou estará, quando os anjos fecharem o grande abismo no mundo dos mortos.

Ela contou a Mary sobre o abismo e sobre como tinha ficado sabendo de sua existência.

— Eu estava voando alto — explicou —, procurando terra, um ponto para descer, e encontrei um anjo: um anjo mulher. Ela era muito estranha, era velha e jovem ao mesmo tempo — prosseguiu, esquecendo que era assim que ela própria parecia para Mary. — O nome dela era Xaphania. E me contou tantas coisas... Disse que toda a história da vida humana tem sido uma luta entre o conhecimento e a ignorância. Ela e os anjos rebeldes, os seguidores do conhecimento, sempre tentaram abrir suas mentes; a Autoridade e suas igrejas sempre tentaram mantê-las fechadas, ignorantes. Ela me deu muitos exemplos de meu mundo.

— Posso pensar em muitos do meu.

— E, durante a maior parte do tempo, o saber teve que trabalhar em segredo, sussurrando suas palavras, se movendo como um espião pelos lugares mais humildes do mundo, enquanto as cortes e os palácios eram ocupados por seus inimigos.

— Sim — disse Mary —, também reconheço isso.

— E agora o combate ainda não acabou, embora as forças do reino tenham sofrido um baque sério. Elas vão se reorganizar sob um novo comandante e voltar com plena força, e devemos estar prontos para resistir.

— Mas o que aconteceu com lorde Asriel? — perguntou Mary.

— Ele lutou com o Regente do céu, o anjo Metatron, e, em combate corpo a corpo, conseguiu arrastá-lo para dentro do abismo. Metatron se foi para sempre. E lorde Asriel também.

Mary prendeu a respiração.

— E a sra. Coulter? — perguntou.

A título de resposta, a feiticeira tirou uma flecha de sua aljava. Ela demorou algum tempo para escolhê-la: a melhor, a mais reta, a mais perfeitamente equilibrada.

E a partiu em dois pedaços.

— Em uma ocasião, em meu mundo — explicou —, vi aquela mulher torturando uma feiticeira e jurei a mim mesma que lançaria essa flecha em sua garganta. Agora

nunca farei isso. Ela se sacrificou com lorde Asriel para lutar contra o anjo e tornar o mundo seguro para Lyra. Nenhum deles poderia ter feito isso sozinho, mas juntos fizeram.

Angustiada, Mary perguntou:

— Como vou contar isso a Lyra?

— Espere até que ela pergunte — disse Serafina. — E pode ser que não pergunte. De qualquer maneira, ela tem seu instrumento leitor de símbolos, ele dirá qualquer coisa que ela queira saber.

As duas ficaram em silêncio por algum tempo, amigavelmente, enquanto as estrelas lentamente giravam no céu.

— Você pode ver o futuro e adivinhar o que eles vão escolher fazer? — perguntou Mary.

— Não, mas se Lyra voltar para o seu mundo, eu serei sua irmã enquanto ela viver. E você, o que vai fazer?

— Eu... — começou Mary, e descobriu que não havia refletido sobre isso em nenhum momento. — Suponho que meu lugar seja em meu próprio mundo. Vou lamentar deixar este aqui; tenho sido muito feliz aqui. Creio que mais feliz do que já fui em qualquer outra ocasião em minha vida.

— Bem, se você voltar para casa, terá uma irmã em outro mundo — declarou Serafina —, e eu também. Nós voltaremos a nos ver de novo, daqui a um ou dois dias, quando o navio chegar, e conversaremos mais durante a viagem de volta para casa; e então, nos despediremos para sempre. Agora, me abrace, irmã.

Mary a abraçou e Serafina Pekkala se foi voando em seu galho de pinheiro-nubígeno, sobrevoando os juncos, depois os baixios de lama, a praia e o mar, até que Mary a perdeu de vista.

Mais ou menos naquela mesma hora, um dos grandes lagartos azuis encontrou o corpo do padre Gomez. Naquela tarde, Will e Lyra tinham voltado para o povoado por um caminho diferente e não o tinham visto; o padre jazia intocado onde Balthamos o havia deitado. Os lagartos eram comedores de carniça, mas eram animais mansos e inofensivos, e através de um acordo antiquíssimo com os mulefas, tinham o direito de levar qualquer criatura que fosse deixada morta, ao ar livre, depois do anoitecer.

O lagarto arrastou o corpo do padre até sua toca e seus filhotes se banquetearam

fartamente. Quanto ao rifle, estava caído na relva, onde o padre Gomez o deixara, silenciosamente virando ferrugem.

37. AS DUNAS

Minha'alma, não busques a vida eterna, mas esgota o reino do possível.
PÍNDARO

No dia seguinte, Will e Lyra saíram sozinhos de novo, falando pouco, ansiosos para estarem a sós. Pareciam aturdidos, como se algum acidente feliz lhes tivesse roubado a agilidade de pensamento; eles se moviam devagar; seus olhos não estavam concentrados nas coisas para as quais olhavam.

Passaram o dia inteiro nas colinas e, no calor da tarde, visitaram a clareira de ouro e prata no bosque. Conversaram, se lavaram no rio, comeram, se beijaram, depois ficaram deitados, em um transe de felicidade, murmurando aquelas palavras cujos sons eram tão confusos quanto seu sentido, e tiveram a impressão de que estavam se derretendo de amor.

Ao anoitecer, sentaram para comer com Mary e Atal, mais uma vez falando pouco e, como o ar estava quente, decidiram fazer uma caminhada até a beira do mar, onde achavam que poderia haver uma brisa fresca. Foram seguindo pela margem do rio até chegarem à praia larga, clara sob a luz do luar, onde a maré baixa estava virando.

Deitaram na areia macia na base das dunas e então ouviram o primeiro pássaro cantar.

Os dois viraram a cabeça imediatamente, porque era um canto de pássaro que não se parecia em nada com nenhum dos outros seres que pertenciam ao mundo em que estavam. De algum lugar acima, na escuridão, veio o som de um trinado e um outro respondeu, vindo de uma direção diferente. Encantados, Will e Lyra se levantaram imediatamente e tentaram ver os cantores, mas tudo o que conseguiram avistar foram dois vultos que planavam, voando baixo, e depois saíam como dardos para as alturas, o tempo todo cantando e cantando, em sons ricos e límpidos como sinos, uma melodia de infinitas variações.

E então, com um bater de asas que levantou um pequeno chafariz de areia à sua frente, o primeiro pássaro pousou a poucos metros de distância.

Lyra chamou:

— Pan?

Ele estava com a forma de um pombo, sua cor era escura e difícil de distinguir ao luar; mas, de qualquer maneira, ele aparecia claramente sobre a areia branca. O outro pássaro ainda voava em círculos acima, ainda cantando, e então, ela desceu voando para vir se juntar a ele: uma pomba também, mas branco-perolada e com uma crista de penas vermelho-escuras.

E então, Will descobriu como era ver seu daemon. Quando ela desceu voando até a areia, ele sentiu seu coração se apertar e depois se soltar de uma maneira que nunca esqueceria. Mais de sessenta anos passariam e, já na velhice, ele ainda teria a lembrança de algumas sensações com a mesma intensidade e o mesmo frescor de sempre: os dedos de Lyra pondo a frutinha entre seus lábios, sob as árvores banhadas de ouro e prata; seus lábios cálidos contra os dele; seu daemon sendo arrancado de seu peito inocente, enquanto entravam no mundo dos mortos; e a retidão, a doce correção de ela voltar para ele ali, na base das dunas iluminadas pelo luar.

Lyra fez um movimento para se aproximar deles, mas Pantalaimon falou.

— Lyra — disse ele —, Serafina Pekkala veio nos procurar ontem à noite. Ela nos contou uma porção de coisas. Já foi embora para ir se encontrar com os gípcios que estão vindo para cá. Farder Coram está a caminho e lorde Faa também, eles estarão aqui...

— Pan — disse ela, aflita. — Ah, meu Pan, você não está feliz... o que foi? O que foi que aconteceu?

Então, ele mudou e voou sobre a areia em um movimento fluido, com a forma de arminho branco como a neve. O outro daemon também mudou de forma — Will sentiu isso acontecer, como um pequeno aperto em seu coração — e se transformou em uma gata.

Antes de se aproximar dele, a gata disse:

— A feiticeira me deu um nome. Eu não precisava de um nome antes. Ela me chamou de Kirjava. Mas ouçam, vocês agora têm que nos ouvir...

— Sim, vocês precisam nos ouvir — declarou Pantalaimon. — Isso é difícil de explicar.

Alternando-se, os daemons conseguiram explicar a eles tudo o que Serafina lhes havia contado, começando pela revelação sobre a natureza das crianças: sobre como, sem querer, eles haviam se tornado iguais às feiticeiras em sua capacidade de se

separar de seus daemons e mesmo assim continuarem sendo um único ser.

— Mas isto não é tudo — advertiu Kirjava. E Pantalaimon disse:

— Ah, Lyra, perdoe, mas temos que contar a vocês o que descobrimos...

Lyra estava sem fala. Quando, algum dia, Pan havia precisado ser perdoado? Ela olhou para Will e viu sua perplexidade tão claramente quanto a que sentia.

— Podem contar — disse ele. — Não tenham medo.

— É sobre o Pó — disse o daemon gata, e Will ficou maravilhado ao ouvir uma parte de seu próprio ser lhe contar uma coisa que ele não sabia. — Todo o Pó estava fluindo para fora do mundo, todo o Pó que existia, e descendo pelo abismo que vocês viram. Alguma coisa fez com que parasse de fluir e desaparecer lá dentro, mas...

— Will, era aquela luz dourada! — exclamou Lyra. — Aquela luz toda que fluía para o abismo e desaparecia... E aquilo era Pó? Era mesmo?

— Era. Mas ainda há mais Pó caindo para lá o tempo todo — continuou Pantalaimon. — E isso não pode acontecer. É muito importante que pare de cair no abismo. O Pó tem que ficar no mundo e não desaparecer, pois caso contrário tudo o que existe de bom vai murchar e morrer.

— Mas de onde o resto está saindo? — perguntou Lyra.

Os dois daemons olharam para Will e para a faca.

— Toda vez que fizemos uma abertura — explicou Kirjava, e novamente Will sentiu aquele pequeno arrepio de prazer: *Ela sou eu e eu sou ela*... —, toda vez que alguém fez uma abertura entre os mundos, nós ou os homens da antiga Guilda, qualquer pessoa, a faca cortava uma abertura no vazio que fica do lado de fora. O mesmo vazio que existe no fundo do abismo. Nós nunca soubemos disso. Ninguém nunca soube, porque a borda era fina demais para ser vista. Mas era grande o bastante para que o Pó vazasse através dela. Se a abertura fosse de novo fechada, imediatamente, não havia tempo para que vazasse muito, mas houve milhares de aberturas que eles nunca fecharam. Então, durante todo esse tempo, o Pó esteve vazando para fora dos mundos e indo para o nada.

A compreensão do que tudo aquilo significava estava começando a surgir, como a luz do dia raiando, na mente de Will e de Lyra. Eles lutaram contra isso, empurraram para longe, mas era exatamente como a luz cinzenta que penetra no céu e apaga as estrelas: ela foi se infiltrando através de todas as barreiras que eles conseguiram levantar, e por baixo de todos os biombos, e pelos cantos de todas as

cortinas que conseguiram fechar contra ela.

— Todas as aberturas — disse Lyra em um murmúrio.

— Todas as aberturas... todas elas têm de ser fechadas? — perguntou Will.

— Sim, todas — respondeu Pantalaimon, em um murmúrio, como Lyra.

— Ah, não — exclamou Lyra. — Não, não pode ser verdade...

— E por isso teremos de deixar nosso mundo e ficar no de Lyra — disse Kirjava —, ou Pan e Lyra terão de deixar o deles e vir ficar no nosso. Não há outra alternativa.

E então, a luz plena e desoladora do dia se fez.

E Lyra começou a gritar e chorar. O grito de coruja de Pantalaimon, da noite anterior, havia assustado todas as pequenas criaturas que o haviam ouvido, mas aquele grito não era nada diante do pranto desesperado, carregado de paixão, que Lyra não podia conter. Os daemons ficaram chocados, e Will, vendo a reação deles, compreendeu por quê: eles não conheciam o resto da verdade; não tinham conhecimento do que Will e Lyra sabiam.

Lyra estava tremendo de raiva e desespero, andando em passadas largas de um lado para outro, com os punhos cerrados e virando o rosto banhado de lágrimas, para a esquerda e para a direita, como se buscando uma resposta. Will se levantou de repente e a agarrou pelos ombros, e a sentiu tensa e tremendo.

— Ouça — disse. — Lyra, escute: o que foi que meu pai disse?

— Ah — exclamou, chorando, sacudindo a cabeça sem parar —, ele disse... você sabe o que ele disse... você estava lá, Will, você também ouviu!

Will pensou que ela fosse morrer ali, naquela hora, de dor e de tristeza. Lyra se atirou nos braços dele e soluçou, se agarrando apaixonadamente aos ombros dele, enfiando as unhas nas costas dele e seu rosto no pescoço de Will, e tudo o que ele conseguia ouvir era:

— Não... não... não...

— Escute — disse ele, de novo —, Lyra, vamos tentar nos lembrar exatamente. Poderia haver alguma saída. Poderia haver algum meio.

Ele afastou os braços dela delicadamente e fez com que se sentasse. Assustado, Pantalaimon imediatamente saltou para o colo de Lyra, e o daemon gata se aproximou hesitante de Will. Ele ainda não havia tocado nela, mas naquele momento estendeu a mão em sua direção e ela encostou sua face de gata em seus dedos, movendo-a em uma carícia, depois, delicadamente, subiu em seu colo.

— Ele disse — começou Lyra, engolindo os soluços —, ele disse que as pessoas podiam passar algum tempo em outros mundos sem serem afetadas. Podiam. E nós já passamos, não passamos? Apesar do que tivemos de fazer para ir ao mundo dos mortos, ainda estamos saudáveis, não estamos?

— Mas como era com lorde Boreal? Sir Charles? Ele era bastante saudável, não era?

— Era, mas não esqueça, ele podia voltar para seu próprio mundo sempre que quisesse e recuperar a saúde. Afinal, foi lá que você o viu pela primeira vez, no seu mundo. Ele deve ter descoberto alguma janela secreta que mais ninguém conhecia.

— Bem, nós poderíamos fazer isso!

— Poderíamos, só que...

— Todas as janelas têm que ser fechadas — disse Pantalaimon.

— Todas elas.

— Mas como você *sabe*? — questionou Lyra.

— Um anjo nos disse — respondeu Kirjava. — Encontramos um anjo. Ela nos contou tudo a respeito disso e outras coisas também. É verdade, Lyra.

— Ela? — perguntou Lyra em tom exaltado, desconfiado.

— Era um anjo mulher.

— Nunca ouvi falar de anjo mulher. Talvez ela estivesse mentindo.

Will estava pensando em uma outra possibilidade.

— E se fechássemos todas as outras janelas — sugeriu — e fizéssemos uma, apenas quando precisássemos, e passássemos por ela tão depressa quanto pudéssemos e a fechássemos imediatamente... assim seria seguro, não acha? Se não deixássemos muito tempo para que o Pó saísse?

— Claro!

— Nós faríamos a janela em um lugar onde ninguém pudesse encontrar — prosseguiu ele — e só nós saberíamos...

— Ah, isso daria certo! Tenho certeza que daria! — exclamou Lyra.

— E poderíamos passar de um mundo para outro e nos manter saudáveis...

Mas os daemons estavam angustiados e Kirjava murmurava:

— Não, não — e Pantalaimon disse:

— Os Espectros... Ela também nos falou dos Espectros.

— Os Espectros? — perguntou Will. — Nós os vimos pela primeira vez durante a batalha. O que tem eles?

— Bem, descobrimos de onde eles vêm — respondeu Kirjava.

— E essa é a pior parte: eles são como filhos do abismo. Cada vez que abrimos uma janela com a faca, o abismo produz um Espectro. É como se um pedacinho do abismo saísse flutuando e entrasse no mundo. Era por isso que o mundo de Cittàgazze era tão cheio deles, por causa de todas as janelas que deixaram abertas por lá.

— E eles crescem se alimentando de Pó — disse Pan. — E de daemons. Porque Pó e daemons são parecidos; pelo menos os daemons de adultos. E os Espectros ficam maiores e mais fortes como os adultos...

Will sentiu um terror sombrio em seu coração e Kirjava apertou-se contra o peito dele, sentindo-o também e tentando confortá-lo.

— Então toda vez que *eu usei* a faca — disse —, cada uma das vezes, fiz nascer mais um Espectro?

Ele se lembrou de Iorek na caverna onde havia forjado de novo a faca, dizendo: *O que você não sabe é o que a faca faz sozinha. Suas intenções podem ser boas. Mas a faca também tem intenções*.

Os olhos de Lyra estavam cravados nele, arregalados de angústia.

— Ah, Will, nós *não podemos*! — declarou. — Não podemos fazer isso com as pessoas... não podemos deixar que outros Espectros venham, não agora, depois que vimos o que eles fazem!

— Está bem — disse ele, se levantando, abraçando seu daemon contra o peito. — Então teremos que... um de nós terá que... eu irei para o seu mundo e...

Ela sabia o que ele ia dizer e o viu carregando no colo o daemon lindo e saudável, que nem sequer tinha começado a conhecer; e pensou na mãe dele, e teve certeza que ele estava pensando nela também. Abandonar a mãe para viver com Lyra, mesmo pelos poucos anos que teriam juntos — será que poderia fazer isso? Ele poderia viver com Lyra, mas ela sabia que ele não seria capaz de viver consigo mesmo.

— Não — exclamou, ficando de pé ao lado dele, e Kirjava foi se juntar a Pan na areia, enquanto o menino e a menina se abraçavam desesperadamente. — *Eu faço isso,* Will! Nós iremos para o seu mundo e viveremos lá! Não faz mal se ficarmos doentes, eu e Pan... nós somos fortes, aposto que duraremos um bom tempo e, provavelmente, existem bons médicos em seu mundo... a dra. Malone deve saber! Ah, vamos fazer isso!

Ele estava sacudindo a cabeça, fazendo que não, e ela viu as lágrimas brilhando em suas faces.

— Você acha que eu poderia suportar isso, Lyra? — perguntou. — Acha que eu poderia viver feliz vendo você adoecer e piorar, ir minguando e depois morrer, enquanto eu fosse ficando mais forte e adulto a cada dia? Dez anos... Isso não é nada. Passaria em um instante. Estaríamos com vinte e poucos anos. Não falta muito para chegarmos lá. Pense nisso, Lyra, você e eu adultos, acabando de nos preparar para fazer todas as coisas que queremos fazer... e então... tudo acabará. Você acha que eu suportaria continuar vivendo depois que você morresse? Ah, Lyra, eu seguiria você na descida até o mundo dos mortos sem pensar duas vezes, exatamente como você seguiu Roger; e assim seriam duas vidas perdidas por nada, a minha vida desperdiçada assim como a sua. Não, nós deveríamos passar nossa vida inteira juntos, ter uma vida longa e completa, os dois, e se não pudermos vivê-la juntos, nós... nós teremos que viver separados.

Mordendo o lábio, ela o observou enquanto ficava caminhando de um lado para o outro em sua terrível angústia.

Ele parou, se virou e prosseguiu:

— Você se lembra de uma outra coisa que ele disse, meu pai? Ele disse que temos que construir uma república do céu onde estivermos. Disse que para nós não existe nenhum outro lugar. Era isso que estava querendo dizer, agora compreendo. Ah, mas é cruel e triste demais. Pensei que ele estivesse se referindo apenas a lorde Asriel e a seu novo mundo, mas estava falando de nós, falando de você e de mim. Temos que viver em nossos próprios mundos...

— Eu vou perguntar ao aletiômetro — disse Lyra. — Ele vai saber. Não sei por que não pensei nisso antes.

Ela sentou na areia, enxugando o rosto com a palma de uma das mãos e estendendo a outra para a sacola de lona. Lyra a levava consigo para toda parte: quando Will pensasse nela anos depois, com frequência seria com aquela pequena sacola no ombro. Ela empurrou o cabelo para trás, enfiando-o atrás das orelhas com aquele movimento rápido que ele amava, e tirou o embrulho de veludo preto.

— Consegue enxergar? — perguntou ele, pois, embora a lua estivesse clara, os símbolos em círculo no mostrador eram muito pequenos.

— Eu sei onde todos eles estão — respondeu ela —, sei de cor. Agora fique calado.

Ela cruzou as pernas, puxando a saia sobre elas para fazer um apoio. Will se

deitou, apoiado em um cotovelo, e a observou. A luz intensa do luar, refletida na areia, iluminava o rosto de Lyra com um brilho que parecia refletir uma outra luz que vinha de dentro dela; seus olhos brilhavam e sua expressão estava tão séria e concentrada que Will poderia ter se apaixonado por ela de novo, se o amor já não possuísse cada fibra de seu ser.

Lyra respirou fundo e começou a girar os ponteiros. Mas depois de apenas alguns instantes ela parou e virou o instrumento ao contrário.

— Lugar errado — disse simplesmente e tentou de novo.

Will, acompanhando tudo, via seu rosto amado claramente. E como o conhecia tão bem e já havia observado sua expressão na alegria e no desespero, na esperança e no sofrimento, logo ficou sabendo que alguma coisa estava errada; pois não havia sinal da concentração nítida em que ela costumava mergulhar tão rapidamente. Em vez disso, uma expressão de perplexidade infeliz começou a se espalhar gradualmente: ela mordeu o lábio, começou a piscar cada vez mais e seus olhos se moveram lentamente de um símbolo para outro, quase que ao acaso, em vez de dardejar rápida e confiantemente.

— Não sei — disse ela, sacudindo a cabeça —, não sei o que está acontecendo... Eu o conheço tão bem, mas parece que não consigo entender o que está querendo dizer...

Ela respirou fundo, trêmula, e virou o instrumento para o outro lado. Parecia estranho e pesado em suas mãos. Pantalaimon, sob a forma de camundongo, se esgueirou para o colo dela e descansou as patinhas negras sobre o cristal, olhando fixamente para um símbolo depois do outro. Lyra girou um ponteiro, girou outro, depois virou a coisa inteira ao contrário e então, levantou a cabeça e olhou para Will, arrasada.

— Ah, Will — exclamou —, não consigo mais ler! Perdi a capacidade!

— Calma — disse ele —, não se preocupe. Ainda está aí dentro de você, todo aquele conhecimento. Agora trate de se acalmar e procure encontrá-lo. Não faça força. Apenas relaxe e vá flutuando até tocá-lo...

Ela engoliu em seco e concordou, irritada, esfregou o punho nos olhos, depois respirou fundo várias vezes; mas ele podia ver que estava tensa demais, e pôs as mãos nos ombros dela e a sentiu tremer, então, a abraçou bem apertado. Lyra se afastou dele e tentou novamente. Mais uma vez olhou para os símbolos e girou os ponteiros, mas aqueles degraus invisíveis de significado em que ela havia pisado,

descendo aos vários níveis com tanta facilidade e confiança, simplesmente não estavam mais lá. Ela não sabia o que nenhum dos símbolos significava.

Ela se virou de volta, se agarrou em Will e disse desesperada:

— Não adianta, eu não sei mais... desapareceu para sempre... simplesmente vinha quando eu precisava, para todas as coisas que eu tinha que fazer... para salvar Roger, depois para nós dois... e agora acabou, agora tudo se acabou, simplesmente perdi a capacidade de ler... estava com medo de que isso acontecesse, porque tem sido tão difícil... pensei que não estava conseguindo enxergar direito, ou que meus dedos estivessem mais duros, ou sei lá, mas não era nada disso; o conhecimento estava simplesmente me deixando, estava apenas se apagando aos poucos... Ah, foi embora, Will, eu o perdi! E nunca mais vai voltar!

Ela soluçou com um abandono desesperado. Tudo o que Will podia fazer era abraçá-la. Não sabia como consolar Lyra, porque era evidente que estava certa.

Então, os dois daemons se arrepiaram e olharam para o alto. Will e Lyra também perceberam e seguiram os olhos deles para o céu. Uma luz estava se movendo na direção deles: uma luz com asas.

— É o anjo que vimos — disse Pantalaimon, arriscando um palpite.

E adivinhou corretamente. Enquanto o menino e a menina observavam sua aproximação, Xaphania abriu mais as asas e veio planando até a areia. Will, apesar de todo o tempo que tinha passado na companhia de Balthamos, não estava preparado para a estranheza daquele encontro. Ele e Lyra seguraram a mão um do outro, bem apertadas, enquanto o anjo se aproximava deles, com a luz de um outro mundo brilhando sobre ela. Estava despida, mas isso não significava nada: de qualquer maneira, que roupas poderia um anjo vestir, pensou Lyra? Era impossível dizer se era velha ou moça, mas sua expressão era austera e compassiva, e tanto Will quanto Lyra tiveram a sensação de que ela os conhecia até o fundo da alma.

— Will — disse ela —, vim para pedir sua ajuda.

— Minha ajuda? Como posso ajudar?

— Quero que me mostre como se fecham as aberturas que a faca faz.

Will engoliu em seco.

— Eu mostro — respondeu —; e, em troca, pode nos ajudar?

— Não da maneira como vocês querem. Sei a respeito do que estiveram falando. O sofrimento de vocês deixou marcas até no ar. Sei que isso não é consolo, mas acreditem, todos os seres que têm conhecimento do dilema de vocês desejariam que

as coisas pudessem ser diferentes: mas há destinos aos quais mesmo os mais poderosos dentre nós temos que nos submeter. Não há nada que eu possa fazer para ajudar vocês a mudar a maneira como são as coisas.

— Por que — Lyra começou a falar e descobriu que sua voz estava fraca e trêmula —, por que não consigo mais ler o aletiômetro? Por que não consigo sequer fazer isso? Era a única coisa que eu sabia fazer realmente bem, e simplesmente não está mais lá... desapareceu como se nunca tivesse existido...

— Sua capacidade de ler era uma graça — disse Xaphania, olhando para ela —, que pode recuperar através de trabalho.

— Quanto tempo vai levar?

— Uma vida inteira.

— Tudo isso...

— Mas sua leitura, então, será muito melhor, depois de uma vida inteira de reflexão e esforço, porque virá da compreensão e do conhecimento conscientes. Graças alcançadas assim são mais profundas e mais plenas que uma graça que vem sem custar nada, e, além disso, depois que a tiver alcançado, nunca mais a deixará.

— Está querendo dizer *toda* uma vida inteira, não é? — sussurrou Lyra. — Uma vida longa inteira? Não... não apenas... alguns anos...

— Sim, exatamente — respondeu o anjo.

— E todas as janelas *têm* que ser fechadas? — perguntou Will. — Todas elas mesmo?

— Compreenda o seguinte — disse Xaphania. — O Pó não é uma constante. Não existe uma quantidade fixa que sempre tenha sido a mesma. Seres conscientes produzem Pó... e o renovam o tempo todo, ao pensar, e sentir, e refletir, ao adquirir saber e ao transmiti-lo para os outros.

"E se vocês ajudarem todas as outras pessoas em seus mundos a fazer isso, ajudando-as a conhecerem e compreenderem a si mesmas e às outras e a maneira como tudo funciona, e mostrando a elas como serem gentis em vez de serem cruéis, pacientes em vez de apressadas, alegres em vez de grosseiras e, sobretudo, como manter suas mentes abertas, livres e curiosas... então, elas renovarão o suficiente de Pó para repor o que se perde através de uma janela aberta. Desse modo uma janela poderia permanecer aberta."

Will tremeu de excitação e sua mente saltou para um único ponto: para uma nova janela no ar, entre seu mundo e o de Lyra. E seria o segredo deles, poderiam

atravessá-la sempre que quisessem e viver por algum tempo no mundo um do outro, não vivendo o tempo todo em nenhum dos dois, de modo que seus daemons pudessem se manter saudáveis; e poderiam crescer juntos e, talvez, muito mais tarde, ter filhos que seriam cidadãos secretos dos dois mundos; e trazer todo o conhecimento de um mundo para o outro, poderiam fazer todo tipo de coisas boas...

Mas Lyra estava sacudindo a cabeça.

— Não — disse ela, em um lamento sufocado. — Não podemos, Will...

E, de repente, ele soube em que ela estava pensando e no mesmo tom angustiado disse:

— Não, os mortos...

— Temos que deixar a janela aberta para eles! Nós temos!

— É, caso contrário...

— E temos que fazer bastante Pó para eles, e manter a janela aberta...

Ela estava tremendo. Se sentia muito jovem, apenas uma menininha, enquanto ele a abraçava, mantendo-a colada ao seu corpo.

— E se fizermos — disse ele quase chorando, a voz trêmula —, se vivermos nossa vida corretamente e pensarmos neles enquanto a vivermos, então, terão alguma coisa para contar às harpias, também. Precisamos dizer isso às pessoas, Lyra.

— Para terem histórias verdadeiras, claro — concordou ela —, as histórias verdadeiras que as harpias querem ouvir em troca. Claro. Pois se as pessoas viverem a vida inteira e, quando tiver acabado, não tiverem nada para contar a respeito dessa vida, então, nunca deixarão o mundo dos mortos. Nós precisamos dizer isso a elas, Will.

— Mas, cada um de nós, sozinho...

— Sim — concordou ela —, sozinho...

E diante da palavra *sozinho,* Will sentiu uma enorme onda de raiva e de desespero começar a se mover, se levantando para sair, vinda de um lugar muito profundo dentro dele, como se sua mente fosse um oceano que alguma profunda convulsão tivesse agitado. Sua vida inteira tinha estado sozinho e, agora, ele teria que ficar sozinho de novo, e aquela bênção infinitamente preciosa que lhe tinha sido concedida teria que lhe ser tomada quase que imediatamente. Ele sentiu a onda crescer, ficando mais alta e mais escarpada de forma a escurecer o céu, e sentiu a crista tremer e começar a cair, sentiu a grande massa descer, despencando, com todo o peso do oceano atrás de si, para explodir contra a costa rochosa e dura do que

tinha que ser. E viu que estava arquejando, soluçando, tremendo e chorando alto, com mais raiva e sofrimento do que jamais tinha sentido em sua vida, e encontrou Lyra igualmente desamparada em seus braços. Mas, à medida que a onda despendia sua força e as águas recuavam, as rochas frias e desoladas permaneceram lá; não havia como discutir com o destino; nem seu desespero nem o de Lyra as tinham movido um único centímetro.

Quanto tempo durou aquela raiva, ele não tinha ideia. Mas, finalmente, o oceano diminuiu e ficou um pouco mais calmo depois da convulsão. As águas ainda estavam agitadas e talvez elas nunca mais fossem ficar realmente calmas de novo, mas a força imensa se fora.

Eles se viraram para o anjo e viram que ela compreendia, e que se sentia tão triste e infeliz quanto eles. Mas ela era capaz de ver mais longe do que eles e havia uma esperança calma em sua expressão também.

Will engoliu com dificuldade e disse:

— Está bem. Vou lhe mostrar como se fecha uma janela. Mas primeiro terei que abrir uma e fazer mais um Espectro. Nunca soube de nada sobre os Espectros, caso contrário teria sido mais cuidadoso.

— Nós cuidaremos dos Espectros — disse Xaphania.

Will pegou a faca e se virou de frente para o mar. Para sua surpresa, suas mãos estavam bastante firmes. Cortou uma janela para seu próprio mundo, e eles se viram olhando para uma enorme fábrica ou indústria química, onde tubulações complicadas se estendiam entre os prédios e tanques de armazenagem, onde luzes brilhavam em cada canto, onde filetes de vapor subiam no ar.

— É estranho pensar que anjos não saibam como fazer isso — comentou Will.

— A faca foi uma invenção humana.

— E vai fechar todas elas, exceto uma — disse Will. — Todas, exceto a do mundo dos mortos.

— Sim, isso está prometido. Mas é uma promessa condicional, e vocês sabem qual é a condição.

— É, nós sabemos. São muitas as janelas que existem para fechar?

— Milhares. E há o terrível abismo feito pela bomba e há a grande abertura que lorde Asriel fez para sair de seu mundo. Ambos devem ser fechados e serão. Mas existem muitas aberturas menores também, algumas em lugares muito profundos debaixo da terra, algumas bem altas no ar, que foram criadas de outras maneiras.

— Baruch e Balthamos me disseram que usavam aberturas assim para viajar entre os mundos. Os anjos não poderão mais fazer isso? Vocês serão confinados a um mundo como nós somos?

— Não, nós temos outras maneiras de viajar.

— A maneira que vocês têm de viajar — quis saber Lyra —, seria possível aprendê-la?

— Seria. Vocês poderiam aprender a fazê-lo, como o pai de Will fez. Ela utiliza a faculdade que vocês chamam de imaginação. Mas isso não significa *inventar coisas*. É uma forma de visão.

— Então, não é viagem de *verdade* — argumentou Lyra. — É só simulação, só faz de conta...

— Não — retrucou Xaphania —, não tem nada de parecido com faz de conta. Fazer de conta é fácil. Essa maneira é difícil, mas muito mais verdadeira.

— E é como o aletiômetro? — perguntou Will. — Precisa uma vida inteira para aprender?

— Exige muito tempo de prática, sim. Você tem que trabalhar muito. Você pensou que poderia estalar os dedos e conseguir tê-la como se fosse um presente? Tudo que vale a pena ter, vale a pena o esforço de trabalhar para ter. Mas você tem uma amiga que já deu os primeiros passos e que poderia ajudar você.

Will não tinha nenhuma ideia de quem pudesse ser e, no momento, não estava com disposição para perguntar.

— Compreendo — disse, suspirando. — E nós a veremos de novo? Alguma vez voltaremos a falar com um anjo depois que voltarmos para nossos mundos?

— Eu não sei — respondeu ela. — Mas não deveria desperdiçar seu tempo esperando.

— E tenho que quebrar a faca — disse Will.

— Sim.

Enquanto estavam conversando, a janela tinha ficado aberta ao lado deles. As luzes estavam acesas na fábrica, o trabalho continuava; máquinas funcionavam, substâncias químicas se combinavam, pessoas estavam produzindo materiais e ganhando a vida. Aquele era o mundo a que Will pertencia.

— Bem, vou lhe mostrar o que fazer.

E assim ele ensinou ao anjo como tatear com delicadeza e encontrar as bordas da janela, exatamente como Giacomo Paradisi tinha lhe mostrado, procurando-as com

as pontas dos dedos, tateando, encontrando as bordas e apertando-as uma contra a outra. Pouco a pouco a janela foi fechada, e a fábrica desapareceu.

— E as aberturas que *não foram* feitas pela faca sutil? — perguntou Will. — É realmente necessário fechar todas elas? Porque certamente o Pó só escapa pelas aberturas que a faca fez. As outras devem ter estado lá há milhares de anos, e o Pó continua a existir.

— Devemos fechar todas as aberturas — declarou o anjo —, porque se você acreditasse que ainda restava alguma, passaria a vida procurando por ela e isso seria um desperdício do tempo que tem. Você tem outras coisas a fazer, um trabalho muito mais importante e mais valioso, em seu mundo. Não haverá mais tempo para viajar fora dele.

— Que trabalho tenho que fazer então? — perguntou Will, mas emendou imediatamente. — Não, pensando bem, não me diga. *Eu* vou decidir o que vou fazer. Se disser que meu trabalho é lutar, curar, ou fazer explorações, ou seja lá o que for que possa dizer, sempre ficarei pensando nisso e se realmente acabar fazendo isso, me sentirei ressentido porque seria como se eu não tivesse tido escolha, e se não fizer, me sentirei culpado porque deveria ter feito. Qualquer coisa que eu faça, quero que seja por minha escolha, de mais ninguém.

— Então, já deu os primeiros passos para alcançar a sabedoria — declarou Xaphania.

— Tem uma luz lá longe no mar — disse Lyra.

— Aquilo é o navio trazendo seus amigos para levá-la para casa. Estarão aqui amanhã.

A palavra *amanhã* para eles foi como um golpe violento. Lyra nunca havia imaginado que poderia se sentir relutante em ver Farder Coram, John Faa e Serafina Pekkala.

— Agora, eu vou embora — disse o anjo. — Aprendi o que precisava saber.

Ela abraçou cada um deles com seus braços leves e frescos e os beijou na testa. Depois se abaixou para beijar os daemons e eles se transformaram em pássaros e voaram junto com ela quando abriu as asas e se elevou rapidamente no ar. Apenas alguns segundos depois, tinha desaparecido.

Alguns instantes após ela ter ido embora, Lyra deixou escapar uma pequena exclamação.

— O que foi?

— Eu nem perguntei a ela sobre meu pai e minha mãe... e também não posso mais perguntar ao aletiômetro, agora... será que algum dia vou saber o que aconteceu a eles?

Ela sentou devagar e ele sentou ao lado dela.

— Ah, Will — suspirou —, o que podemos fazer? Será que há alguma coisa que possamos fazer? Eu quero viver com você para sempre. Quero beijar você, deitar e acordar com você todos os dias da minha vida até morrer, daqui a muitos, e muitos, e muitos anos. Não quero uma lembrança, apenas uma lembrança...

— Não — concordou ele —, apenas uma lembrança é muito pouco para se ter. São seus cabelos, sua boca, seus braços, seus olhos e suas mãos, de verdade, que eu quero. Eu não tinha ideia que era possível amar tanto uma pessoa. Ah, Lyra, eu queria que esta noite nunca acabasse! Se ao menos pudéssemos ficar aqui assim, e o mundo pudesse parar de girar e todo mundo adormecesse...

— Todo mundo menos nós! E você e eu pudéssemos viver aqui para sempre e apenas continuar nos amando.

— Eu *vou* amar você para sempre, aconteça o que acontecer. Até o dia em que eu morrer e depois que eu morrer, e quando encontrar meu caminho de saída da terra dos mortos, vou ficar flutuando para sempre, todos os meus átomos, até encontrar você de novo...

— E eu estarei procurando por você, Will, em todos os momentos, em cada um e em todos os instantes. E quando voltarmos a nos encontrar, vamos nos abraçar tão apertado que nada e ninguém jamais vai nos separar. Todos os meus átomos e todos os seus átomos... Nós viveremos em passarinhos e em flores, em libélulas e em pinheiros, em nuvens e naquelas partículas de luz que você vê flutuando em raios de sol... E quando eles usarem nossos átomos para fazer novas vidas, não poderão pegar *um*, terão que pegar dois, um de você e um de mim, pois estaremos abraçados tão apertado...

Eles ficaram deitados lado a lado, de mãos dadas, olhando para o céu.

— Você se lembra — cochichou ela — da primeira vez que nos encontramos, quando você entrou naquele café em Cittàgazze, e que você nunca tinha visto um daemon?

— Eu não conseguia entender o que ele era. Mas quando vi você, gostei de você imediatamente, porque era corajosa.

— Não, eu gostei de você primeiro.

— Que nada! Você lutou comigo!

— Bem — rebateu ela —, lutei. Mas você me atacou.

— Não, eu não! Você entrou correndo, se jogou em cima de mim e *me* atacou.

— É verdade, mas parei logo.

— É verdade, mas — zombou ele, falando baixinho.

Will a sentiu estremecer e então, sob suas mãos, sentiu os ossos delicados das costas de Lyra começarem a subir e descer e a ouviu soluçar baixinho. Ele acariciou seus cabelos macios, os ombros frágeis, e então beijou seu rosto uma porção de vezes, uma vez após outra até que, algum tempo depois, ela deixou escapar um suspiro profundo e trêmulo e se aquietou.

Os daemons voltaram voando, pousaram e, depois de novamente mudarem de forma, se aproximaram deles andando pela areia macia. Lyra se sentou para recebê-los, e Will ficou maravilhado com a maneira como sabia identificar, imediatamente, quem era quem entre os daemons, pouco importando a forma que tivessem. Pantalaimon agora era um animal cujo nome não conseguia muito bem encontrar: parecia um furão, grande e forte, de cor vermelho-dourada, esbelto, sinuoso e cheio de graça. Kirjava era de novo uma gata. Mas não era uma gata de tamanho comum, e seu pelo era lustroso e farto, com mil cintilações e matizes diferentes de negro-carvão e de sombreados de cinza, o tom de azul de um lago profundo sob o sol do meio-dia, névoa-lavanda-luar-neblina... Para saber o significado da palavra *sutileza*, era só olhar seu pelo.

— Uma marta — disse ele, encontrando o nome do animal de Pantalaimon —, uma marta de floresta de pinheiros.

— Pan — chamou Lyra, enquanto ele subia para seu colo com um movimento fluido —, você não vai mais mudar muito de forma, vai?

— Não — respondeu ele.

— É engraçado — comentou ela —, você se lembra de quando éramos pequenos e eu não queria que você parasse de mudar de forma nunca...? Bem, agora já não me importo tanto, não se você ficar assim.

Will pôs a mão sobre a mão de Lyra. Um estado de espírito novo e diferente havia se apoderado dele, e se sentia decidido e sereno. Sabendo exatamente o que estava fazendo e exatamente o que significaria, tirou a mão do pulso de Lyra e acariciou o pelo vermelho-dourado de seu daemon.

Lyra deixou escapar uma exclamação. Mas sua surpresa estava mesclada com um

prazer tão semelhante à felicidade que havia dominado seus sentidos quando pusera a frutinha nos lábios dele, que não conseguiu protestar, porque estava sem fôlego. Com o coração batendo disparado, ela reagiu da mesma maneira: pôs a mão sobre o pelo deliciosamente sedoso do daemon de Will e, quando seus dedos penetraram, seguraram e alisaram a pelagem, Lyra sabia que Will estava sentindo exatamente o que ela estava sentindo.

E também sabia que agora nenhum dos dois daemons mudaria mais de forma, depois de ter sentido na pele a carícia das mãos de seu amado. Aquelas seriam suas formas para o resto da vida: não desejariam nenhuma outra.

E assim, se perguntando se outros amantes apaixonados antes deles teriam feito aquela descoberta capaz de proporcionar tamanha felicidade e prazer, ficaram deitados juntos enquanto a terra girava lentamente e a lua e as estrelas brilhavam com fulgor no céu acima deles.

38. O JARDIM BOTÂNICO

Os gípcios chegaram na tarde do dia seguinte. Não havia porto, é claro, então, tiveram que ancorar o navio a alguma distância ao largo da costa, e John Faa, Farder Coram e o capitão vieram à terra em um grande barco a motor tendo Serafina Pekkala como guia.

Mary tinha contado aos mulefas tudo o que sabia e, quando afinal os gípcios chegaram à costa, desembarcando na praia grande, havia uma multidão curiosa esperando para recebê-los. Ambos os lados, é claro, estavam ardendo de curiosidade com relação ao outro, mas John Faa tinha aprendido a ter cortesia e paciência de sobra em sua longa vida e estava firmemente decidido a que aquele povo mais estranho do que todos os outros recebesse dos gípcios ocidentais unicamente gentil elegância e amizade.

E assim, durante algum tempo, ficou parado, de pé, sob o sol quente, enquanto o zalif ancião, Sattamax, fazia um discurso de boas-vindas, que Mary deu o melhor de si para traduzir; e ao qual John Faa respondeu, apresentando aos mulefas as saudações dos Pântanos e dos canais e cursos d'água que eram sua terra natal.

Quando começaram a seguir pela região pantanosa em direção ao povoado, os mulefas perceberam como era difícil para Farder Coram caminhar e imediatamente se ofereceram para levar o gípcio. Ele aceitou agradecido e foi assim que chegaram ao monte do pódio de reuniões, onde Will e Lyra vieram encontrá-los.

Quanto tempo havia se passado desde que Lyra tinha visto aqueles homens queridos! A última vez em que tinham estado juntos, conversando, fora nas neves do Ártico, quando estavam a caminho da missão para resgatar as crianças dos Papões. Ela estava quase tímida e estendeu a mão para um cumprimento, com insegurança; mas John Faa a levantou do chão em um abraço apertado e beijou-lhe as duas faces, e Farder Coram fez a mesma coisa, examinando Lyra dos pés à cabeça, antes de pegá-la no colo apertando-a contra o peito.

— Ela está crescida, John — comentou. — Lembra daquela garotinha que levamos para as terras do norte? Olhe só para ela agora! Ah! — exclamou com uma risada de

satisfação. — Lyra, minha querida, nem se eu tivesse a língua de um anjo seria capaz de lhe dizer como estou contente em ver você de novo.

Mas ela parece estar tão magoada, tão sofrida, pensou, parece tão frágil e cansada. E tanto ele como John Faa perceberam a maneira como ela ficava perto de Will e como o garoto de sobrancelhas negras e retas estava atento, a cada segundo, a onde ela estava, e se assegurava de nunca se afastar muito dela.

Os dois anciões o cumprimentaram respeitosamente, porque Serafina Pekkala lhes havia contado boa parte do que Will tinha feito. De sua parte, Will admirou o ar de poder maciço e autoridade da presença de lorde Faa, um poder temperado pela cortesia, e pensou que seria uma boa maneira de se comportar quando ele próprio ficasse velho; John Faa era um abrigo e uma força acolhedora.

— Dra. Malone — disse John Faa —, precisamos nos reabastecer de água doce e de qualquer coisa que possa nos servir de alimento que seus amigos possam nos vender. Além disso, nossos homens estão embarcados a bordo desse navio já há um bom tempo e temos alguns desentendimentos que precisam ser resolvidos com boas brigas, e seria uma bênção se todos eles pudessem passar algum tempo desembarcados de modo que pudessem respirar o ar dessa terra, para depois contar às suas famílias em casa sobre o mundo para onde viajaram.

— Lorde Faa — respondeu Mary —, os mulefas me pediram para lhe dizer que fornecerão tudo de que precisa e que ficariam honrados se todos vocês aceitassem ser seus convidados esta noite e viessem compartilhar sua refeição.

— É com grande prazer que aceitamos o convite — disse John Faa.

Foi assim que, naquela noite, pessoas de três mundos se sentaram e dividiram pão, carne, frutas e vinho. Os gípcios ofereceram a seus anfitriões presentes de todos os cantos de seu mundo: cântaros de aguardente de zimbro, esculturas entalhadas em marfim de morsa, tapeçarias em seda do Turquestão, canecas de prata das minas de Sveden, pratos esmaltados da Coreia.

Os mulefas os receberam encantados e, em troca, ofereceram objetos de seu próprio artesanato: vasos raros feitos de madeira-de-nó antiquíssima, peças de seus mais requintados trabalhos de cordame, tigelas laqueadas e redes de pesca, tão resistentes e leves que mesmo os gípcios que viviam nos Pântanos nunca tinham visto igual.

Depois de comparecer ao banquete, o capitão agradeceu a seus anfitriões e partiu

para supervisionar o trabalho dos tripulantes enquanto levavam para bordo os mantimentos e a água de que precisavam, porque pretendiam partir assim que a manhã chegasse. Enquanto eles faziam isso, o velho zalif disse a seus convidados:

— *Uma grande mudança ocorreu em todas as coisas. E, como prova disso, uma responsabilidade nos foi concedida. Gostaríamos de mostrar a vocês o que isso significa.*

Então, John Faa, Farder Coram, Mary e Serafina foram com eles até o lugar onde a terra dos mortos se abria e de onde os fantasmas continuavam saindo, ainda em sua infindável procissão. Os mulefas estavam plantando um bosque ali ao redor, porque era um lugar sagrado, disseram; cuidariam dele para sempre; era uma fonte de alegria.

— Bem, isto é um mistério — comentou Farder Coram —, e estou contente por ter vivido o bastante para ver isso. Partir para a escuridão da morte é algo que todos nós tememos, por mais que digamos o contrário. Mas se existe uma saída para aquela parte de nós que tem que descer até lá, então, isso deixa meu coração mais leve.

— Você tem razão, Coram — concordou John Faa. — Já vi muita gente morrer; eu mesmo já mandei um bocado de homens lá para baixo para a escuridão, embora fosse sempre no calor da batalha. Saber que depois de passar algum tempo na escuridão voltaremos a sair para uma terra tão bonita como esta, para estarmos livres no céu como os pássaros, bem, essa é a mais bela promessa que qualquer um poderia desejar.

— Precisamos falar com Lyra a respeito disso — comentou Farder Coram — e descobrir como aconteceu e o que significa.

Mary achou extremamente difícil se despedir de Atal e dos outros mulefas. Antes de embarcar no navio, eles lhe deram um presente: um frasco de laca contendo óleo da árvore-das-rodas e, ainda mais preciosa que qualquer coisa, uma pequena sacola de sementes.

— *Pode ser que elas não cresçam em seu mundo* — disse Atal —,*mas se isso acontecer, você tem o óleo. Não nos esqueça, Mary.*

— *Nunca* — declarou Mary. — *Nunca. Mesmo se eu viver tanto tempo quanto as feiticeiras e esquecer de tudo o mais, nunca me esquecerei de você e da gentileza de seu povo, Atal.*

E assim, a jornada de volta para casa começou. O vento estava suave, as águas do

mar calmas e, embora eles avistassem o cintilar daquelas enormes asas brancas como neve mais de uma vez, os pássaros se mantiveram bem distantes. Will e Lyra passavam todas as horas juntos e, para eles, as duas semanas de viagem se passaram em um piscar de olhos.

Xaphania tinha dito a Serafina Pekkala que, quando todas as aberturas estivessem fechadas, os mundos retornariam mais uma vez às posições exatas e correspondentes que tinham entre si, e a Oxford de Lyra e a de Will ficariam de novo uma sobre a outra, como imagens transparentes em folhas de filme, sendo levadas cada vez para mais perto uma da outra até se fundirem; embora, na verdade, nunca fossem realmente se tocar.

Naquele momento, contudo, estavam separadas por uma grande distância — uma distância tão grande quanto a que Lyra tivera que percorrer em sua viagem de Oxford para Cittàgazze. A Oxford de Will agora havia chegado, estava bem ali, à distância apenas de um corte de faca. Era de tardinha quando chegaram e, enquanto a âncora caía levantando água, o sol banhava de uma luz morna as colinas verdes, os telhados de terracota, aquela elegante avenida à beira-mar, o porto em ruínas e o pequeno café de Will e Lyra. Uma busca demorada com o telescópio do capitão não havia revelado quaisquer sinais de vida, mas, por via das dúvidas, John Faa estava planejando levar meia dúzia de homens armados para a terra. Eles não interfeririam, mas estariam lá se precisassem deles.

Fizeram uma última refeição juntos, vendo a noite cair. Will se despediu do capitão e de seus oficiais, de John Faa e de Farder Coram. Ele mal parecia ter consciência da presença deles, e eles o viam mais claramente do que Will os via: viam uma pessoa jovem, mas muito forte e profundamente abalada.

Finalmente, Will, Lyra e seus daemons, Mary e Serafina Pekkala iniciaram a caminhada pela cidade deserta. E estava deserta; o único som de passadas e as únicas sombras eram as deles. Lyra e Will foram na frente, de mãos dadas, para o lugar onde teriam que se separar, e as mulheres ficaram a alguma distância mais atrás, conversando como irmãs.

— Lyra quer fazer uma pequena visita à minha Oxford — comentou Mary. — Ela tem alguma coisa em mente. Disse que voltará logo depois.

— O que você vai fazer, Mary?

— Eu... vou com Will, é claro. Iremos para meu apartamento, minha casa, esta noite, e depois, amanhã de manhã, vamos tratar de descobrir onde está a mãe dele e

ver o que podemos fazer para ajudá-la a melhorar. Há tantas regras e regulamentos em meu mundo, Serafina; você tem que dar satisfações às autoridades e responder a milhares de perguntas; eu vou ajudá-lo a resolver as formalidades legais, com os serviços sociais, a questão de moradia e coisas desse tipo, e deixarei que ele se concentre na mãe. Will é um menino forte... Mas vou ajudá-lo. Além disso, eu *preciso* dele. Não tenho mais meu emprego, nem muito dinheiro no banco, e não ficaria nada surpreendida se a polícia estiver atrás de mim... Ele será a única pessoa no meu mundo inteiro com quem vou poder falar a respeito de tudo isso.

Elas continuaram caminhando pelas ruas silenciosas, passando por uma torre quadrada com uma porta se abrindo para a escuridão, por um pequeno café com mesas na calçada e entraram em uma larga avenida arborizada com duas pistas e uma fileira de palmeiras no meio.

— Foi aqui que eu atravessei — declarou Mary.

A janela que Will tinha visto da primeira vez, na rua residencial tranquila, em Oxford, se abria ali, e do lado que ficava em Oxford estava sob vigilância da polícia — ou pelo menos estivera quando Mary os enganara e passara para o outro lado. Ela viu Will alcançar o ponto exato e tatear com as mãos rapidamente no ar, e a janela desapareceu.

— Vai ser uma surpresa para eles da próxima vez em que olharem — comentou.

A intenção de Lyra era ir para a Oxford de Mary e mostrar uma coisa a Will, antes de voltar com Serafina, e, evidentemente, eles tinham que ser cuidadosos na escolha do lugar onde cortariam a janela para atravessar; de modo que as duas mulheres continuaram seguindo atrás deles, caminhando pelas ruas iluminadas pelo luar de Cittàgazze. À direita delas havia um amplo e gracioso terreno de jardins cercados, gramado e arborizado, com uma floresta ao fundo, tendo no centro uma grandiosa mansão com um pórtico clássico que reluzia como uma cobertura de glacê ao luar.

— Quando você me disse qual era a forma de meu daemon — recordou Mary —, disse que poderia me ensinar a vê-lo, se tivéssemos tempo... gostaria tanto que tivéssemos.

— Ora, mas nós tivemos tempo — retrucou Serafina —, e não estivemos conversando? Eu lhe ensinei alguns conhecimentos e tradições das feiticeiras; isso teria sido proibido de acordo com os antigos costumes de meu mundo. Mas você está voltando para o seu mundo, e os velhos costumes mudaram. E também aprendi muita coisa com você. Então vamos lá: quando você falou com as Sombras em seu

computador, teve que colocar sua mente em um certo estado especial, não teve?

— Tive... exatamente como Lyra fazia com o aletiômetro. Está querendo dizer que, se eu tentar assim, consigo?

— Mas não é só isso; você tem que usar a visão comum ao mesmo tempo. Faça uma tentativa agora.

No mundo de Mary, eles tinham um tipo de imagem que, quando se olhava pela primeira vez, parecia uma porção de pontos de cor espalhados aleatoriamente, mas quando se olhava de uma certa maneira, a imagem parecia avançar para três dimensões: e ali na frente do papel haveria uma árvore ou um rosto, ou alguma outra coisa surpreendentemente sólida que simplesmente não estava lá antes.

O que Serafina ensinou Mary a fazer naquele momento era parecido com aquilo. Ela deveria manter sua maneira de olhar normal, enquanto, simultaneamente, ia mergulhando no estado de semitranse, de sonhar acordada, em que podia ver as Sombras. Mas agora tinha que manter as duas coisas juntas, a visão de todo dia e o transe, exatamente como se tem que olhar em duas direções ao mesmo tempo para ver as imagens tridimensionais entre os pontos.

E, exatamente como acontece com as imagens de pontos, ela de repente conseguiu.

— Ah! — exclamou e segurou o braço de Serafina para se equilibrar, pois ali, na cerca de metal do jardim, havia um pássaro pousado: um pássaro negro lustroso, com pernas vermelhas e um bico amarelo curvo: uma gralha dos Alpes, exatamente como Serafina havia descrito. O pássaro estava a apenas uns trinta centímetros ou meio metro de distância, olhando fixamente para ela com a cabeça ligeiramente inclinada para o lado, por mais incrível que parecesse, como se estivesse achando graça.

Mas ela ficou tão surpreendida que sua concentração escapuliu e ele desapareceu.

— Você conseguiu uma vez e da próxima vai ser mais fácil — observou Serafina. — Quando estiver em seu mundo, aprenderá a ver os daemons de outras pessoas também, exatamente da mesma maneira. Contudo, elas não verão o seu, nem o de Will, a menos que lhes ensine o que ensinei a você.

— Certo... Ah, mas isso é extraordinário. Que maravilha! — Mary pensou: Lyra conversava com seu daemon, não conversava? Será que ela ouviria aquele pássaro assim como o via? E continuou a andar, radiante de expectativa.

Mais à frente, Will estava cortando uma janela; ele e Lyra esperaram que as duas mulheres os alcançassem para que ele pudesse tornar a fechá-la.

— Você sabe onde estamos? — perguntou Will.

Mary olhou ao redor. A rua em que estavam agora, no mundo de Mary, era tranquila e bem arborizada, com grandes casas de estilo vitoriano cercadas por jardins cheios de arbustos.

— Em algum lugar na zona norte de Oxford — disse Mary. — Não muito longe de meu apartamento, na verdade, embora não saiba exatamente que rua é esta.

— Eu quero ir ao Jardim Botânico — disse Lyra.

— Tudo bem. Acho que isso fica a uns quinze minutos de caminhada. Vamos por aqui...

Mary experimentou usar a visão dupla de novo. Descobriu que era mais fácil dessa vez, e lá estava a gralha, com ela em seu próprio mundo, empoleirada em um galho que se estendia bem baixo quase até a calçada. Para ver o que aconteceria, ela estendeu a mão e o pássaro veio pousar nela sem hesitação. Mary sentiu o ligeiro peso, o aperto firme das garras em seu dedo e delicadamente o levou até o ombro. Ele se acomodou sobre seu ombro como se tivesse estado ali durante a vida inteira de Mary.

Bem, ela esteve, pensou, e seguiu adiante.

Não havia muito tráfego na High Street, e quando desceram a escadaria defronte à Faculdade Magdalen em direção aos portões do Jardim Botânico, estavam completamente sozinhos. Havia uma passagem ornamentada que dava para um caminho com bancos de pedra logo adiante, e, enquanto Mary e Serafina sentavam ali, Will e Lyra subiram pela grade de ferro e entraram no jardim propriamente dito.

— Por aqui — disse Lyra, puxando a mão de Will.

Ela o conduziu, passando por um lago com uma fonte que ficava debaixo de uma árvore de grandes ramagens, e depois seguiu para a esquerda, andando em meio aos canteiros de plantas em direção a um pinheiro imenso com um número infindável de galhos. Ali havia um muro maciço de pedras com uma porta de entrada e, mais para dentro, na parte mais distante do jardim, as árvores eram mais jovens e plantadas em um arranjo menos formal. Lyra o levou quase até o fim do jardim, passando por uma pequena ponte, até um banco de madeira, que ficava debaixo de uma árvore de galhos abertos e baixos.

— Achei! — exclamou ela. — Eu tinha tanta esperança de que fosse assim e aqui

está, exatamente igual... Will, eu costumava vir a este lugar na *minha* Oxford e sentar exatamente neste mesmo banco sempre que queria ficar sozinha, só eu e Pan. O que pensei foi que se você... talvez apenas uma vez por ano... se pudéssemos vir aqui ao mesmo tempo, para passar uma hora ou coisa assim, então poderíamos fazer de conta que estávamos juntos de novo... porque *estaríamos* juntos, se você sentasse aqui e eu sentasse bem *aqui* no meu mundo...

— Isso — disse ele —; enquanto eu viver, sempre voltarei aqui. Não importa onde eu esteja no mundo, voltarei aqui...

— No dia do Solstício de Verão — completou ela. — Ao meio-dia. Enquanto eu viver. Enquanto eu viver...

Ele descobriu que não conseguia mais enxergar, e deixou as lágrimas ardentes escorrerem e apenas a abraçou bem apertado.

— E se nós... se mais adiante... — ela estava falando em um murmúrio trêmulo — ... se um dia conhecermos alguém de quem gostarmos e se nos casarmos com essas pessoas, então, deveremos ser bons com elas e não ficar fazendo comparações o tempo todo, nem desejar que em vez disso tivéssemos nos casado um com o outro... Mas apenas continuar essas vindas até aqui uma vez por ano, apenas por uma hora, só para estarmos juntos...

Eles se abraçaram com força e ficaram assim. Minutos se passaram; uma ave aquática no rio ali perto se agitou e gritou um chamado; de vez em quando passava um carro pela ponte Magdalen.

Finalmente eles se afastaram.

— Bem — disse Lyra em tom suave.

Tudo nela naquele momento era suave; e aquela seria uma das lembranças favoritas de Will, bem depois — a tensão de sua graça ansiosa suavizada pela meia-luz, seus olhos e mãos e, especialmente, seus lábios, infinitamente suaves. Ele a beijou uma vez depois da outra, e cada beijo chegava mais perto de ser o último de todos os beijos.

Com os corações pesados, mas ao mesmo tempo enternecidos pelo amor, eles foram caminhando de volta até o portão onde Mary e Serafina esperavam.

— Lyra — disse Will. E ela chamou:

— Will.

Ele cortou uma janela para Cittàgazze. Estavam bem no fundo do terreno ajardinado da grande mansão, não muito longe da beira da floresta. Atravessaram

pela última vez e olharam para baixo, para a cidade silenciosa, para os telhados de terracota reluzindo ao luar, a torre acima deles, o navio iluminado esperando, ao largo, nas águas calmas do mar.

Will se virou para Serafina e disse com tanta firmeza quanto conseguiu:

— Obrigado, Serafina Pekkala, por ter nos salvado no belvedere e por todas as outras coisas. Por favor, seja gentil com Lyra enquanto ela viver. Eu a amo mais que qualquer pessoa jamais foi amada.

Em resposta, a rainha-feiticeira o beijou nas duas faces. Lyra estivera cochichando no ouvido de Mary, e então elas também se abraçaram e, primeiro Mary e depois Will, atravessaram a última janela, voltando para seu próprio mundo, sob as sombras das árvores do Jardim Botânico.

Trate de se animar, e comece *agora*, pensou Will, se esforçando o máximo que podia, mas era como tentar segurar um lobo lutando em seus braços, quando ele queria arranhar seu rosto e cravar os dentes em sua garganta; mas mesmo assim ele o fez e pensou que ninguém veria o esforço que estava lhe custando.

E sabia que Lyra estava fazendo a mesma coisa, e que aquela tensão e esforço em seu sorriso eram o sinal disso.

Apesar de tudo, ela sorriu.

Um último beijo, apressado e desajeitado, tanto que esbarraram as maçãs do rosto e uma lágrima escorrendo do olho dela passou para a face dele; os dois daemons também trocaram um beijo de despedida e Pantalaimon passou em um movimento fluido pela borda da janela e subiu para os braços de Lyra; e então, Will começou a fechar a janela, e estava feito, a passagem estava fechada e Lyra se fora.

— Agora — disse ele, tentando não demonstrar sua emoção, mas mesmo assim tendo que dar as costas a Mary — eu tenho que quebrar a faca.

Ele procurou, tateando no ar, da maneira já familiar, até que encontrou uma fenda e tentou trazer de volta à sua mente exatamente o que havia acontecido na ocasião anterior. Estivera prestes a cortar uma abertura para sair da caverna e a sra. Coulter, de maneira repentina e inexplicável, o recordara de sua mãe e a faca tinha se quebrado porque, refletiu ele, finalmente havia encontrado uma coisa que não podia cortar e isso era seu amor por ela.

Will tentou fazer a mesma coisa, evocando uma imagem do rosto de sua mãe, como a vira da última vez, assustada e confusa, no pequeno corredor estreito da entrada da casa da sra. Cooper.

Mas não funcionou. A faca cortou o ar com facilidade e abriu uma janela para um mundo onde desabava um grande temporal: a chuva forte, de gotas pesadas, passou através da janela, surpreendendo os dois. Ele fechou a janela rapidamente e ficou parado, confuso, por um instante.

Seu daemon sabia o que ele deveria fazer e disse apenas:

— Lyra.

É claro. Ele balançou a cabeça concordando e, com a faca na mão direita, tocou com a mão esquerda o ponto em seu rosto onde ainda estava a lágrima de Lyra.

E dessa vez, com um estalar violento, a faca se espatifou e a lâmina caiu em pedaços no chão, reluzindo sobre as pedras que ainda estavam molhadas da chuva de outro universo.

Will se ajoelhou e recolheu os pedaços cuidadosamente; Kirjava, com seus olhos de gata, ajudou a encontrar todos eles.

Mary estava pondo a mochila no ombro.

— Bem — disse —, bem, agora me ouça, Will. Mal tivemos oportunidade de conversar, você e eu... Por isso, de certo modo, ainda somos estranhos um para o outro. Mas Serafina Pekkala e eu trocamos uma promessa, e eu fiz uma promessa para Lyra ainda há pouco, e mesmo que não tivesse feito quaisquer outras promessas, eu faria uma promessa a você a respeito da mesma coisa, que é a seguinte: se você deixar, eu serei sua amiga pelo resto de nossas vidas. Nós dois estamos completamente sozinhos e acho que só nos faria bem ter esse tipo de... O que estou querendo dizer é: não há mais ninguém com quem possamos *falar* sobre tudo isso, exceto eu com você e você comigo... E nós dois temos que nos habituar a viver com nossos daemons também... E estamos os dois em uma situação difícil, e se isso não fizer com que tenhamos alguma coisa em comum, não sei o que fará.

— Você está em uma situação difícil? — perguntou Will, olhando para ela. O rosto dela franco, amistoso e inteligente olhou diretamente para ele.

— Bem, eu destruí alguns equipamentos no laboratório antes de partir e falsifiquei uma carteira de identidade e... Não é nada que não possamos dar um jeito. E seus problemas, podemos resolver isso também. Podemos encontrar sua mãe e conseguir que ela receba um tratamento adequado. E se precisar de um lugar para morar, bem, se não se importar de morar comigo, se pudermos dar um jeito de conseguir isso, então, não terá que ir para uma, sei lá como chamam, instituição de assistência social ou abrigo para jovens. O que quero dizer é que teremos que

combinar uma história e nós dois contaremos a mesma história; poderíamos fazer isso, não acha?

Mary era uma amiga. Ele tinha uma amiga. Era verdade. Nunca tinha pensado nisso.

— Claro! — exclamou.

— Bem, então vamos lá. Meu apartamento fica a uns oito quilômetros daqui, e sabe do que eu mais gostaria no mundo agora? Tomar uma xícara de chá. Vamos andando, vamos para lá botar a chaleira no fogo.

Três semanas depois do momento em que Lyra viu a mão de Will fechar a janela de seu mundo para sempre, mais uma vez estava sentada à mesa de jantar na Faculdade Jordan, onde pela primeira vez havia sucumbido aos encantos da sra. Coulter.

Dessa vez havia um grupo menor: só ela, o Reitor e a dama Hannah Relf, a diretora da Sta. Sophia, uma daquelas faculdades só para mulheres. A dama Hannah também estivera presente naquele primeiro jantar, e embora Lyra estivesse surpreendida de vê-la ali agora, a cumprimentou muito educadamente e descobriu que sua memória estava enganada: pois esta dama Hannah era muito mais inteligente e interessante, e de longe muitíssimo mais gentil que a pessoa apagada e de roupas antiquadas de que se lembrava.

Uma enorme variedade de coisas havia acontecido enquanto Lyra estivera fora — na Faculdade Jordan, na Inglaterra e no mundo inteiro. Parecia que o poder da Igreja havia aumentado enormemente e que muitas leis brutais tinham sido aprovadas, mas que esse poder havia desaparecido tão rapidamente quanto tinha crescido: rebeliões no Magisterium tinham derrubado os fanáticos e trazido ao poder facções mais liberais. O Conselho Geral de Oblação havia sido dissolvido; o Tribunal Consistorial de Disciplina estava confuso e sem liderança.

E as faculdades de Oxford, depois de um breve e turbulento intervalo, estavam voltando a se acomodar na calma dos estudos e de seus rituais. Algumas coisas haviam desaparecido, a valiosa coleção de prataria do Reitor tinha sido saqueada; alguns criados da faculdade tinham sumido. O criado do Reitor, Cousins, contudo, ainda estava em seu posto, e Lyra estivera pronta para enfrentar sua hostilidade com desafio, pois eram inimigos desde que conseguia se lembrar. Ficou bastante surpresa quando ele a recebeu tão calorosamente e apertou a mão dela com as duas mãos: será que aquilo era afeição na voz dele? Bem, ele *tinha* mudado.

Durante o jantar, o Reitor e a dama Hannah conversaram sobre o que havia acontecido no período em que Lyra estivera ausente, e ela ouviu ora com aflição, ora com tristeza, ora com encantamento. Quando se retiraram para a sala de visitas do Reitor para o café, ele disse:

— Bem, Lyra, mal ouvimos você falar. Mas eu sei que viu muitas coisas. Será que poderia nos contar um pouco das aventuras que viveu?

— Posso — respondeu ela. — Mas não tudo de uma vez. Ainda não compreendo parte delas e outras ainda me fazem tremer e chorar; mas contarei aos senhores, prometo, tudo o que puder. Só que os senhores também têm que me prometer uma coisa.

O Reitor olhou para a senhora de cabelos grisalhos, com o daemon sagui no colo, e trocaram um olhar iluminado por uma centelha de divertimento.

— E o que temos que prometer? — perguntou a dama Hannah.

— Têm que prometer acreditar em mim — disse Lyra, muito seriamente. — Eu sei que nem sempre contei a verdade e que só conseguia *sobreviver* em alguns lugares contando mentiras e inventando histórias. Sei muito bem que era assim que eu era, e sei que sabem disso, mas minha história verdadeira é importante demais para mim se só forem acreditar em metade dela. Então, prometo contar a verdade, se prometerem acreditar nela.

— Está bem, eu prometo — declarou a dama Hannah. E o Reitor disse em seguida:

— E eu também.

— Mas sabem qual é a coisa que desejo — disse Lyra — quase... *quase* mais que qualquer outra? Gostaria tanto de não ter perdido a capacidade de ler o aletiômetro. Ah, foi tão estranho, Reitor, como surgiu logo de início e como simplesmente se foi! Um dia eu o conhecia tão bem... conseguia percorrer de alto a baixo os significados dos símbolos, passar de um nível para outro e fazer todas as conexões... era como... — Ela sorriu e continuou: — Bem, eu era como um macaco pulando de galho em galho nas árvores, eu era tão rápida. Então, de repente... nada. Nada daquilo fazia sentido; não conseguia nem me lembrar dos símbolos, a não ser os significados básicos, como, por exemplo, que a âncora significa esperança e que a caveira significa morte. Todos aqueles milhares de significados... Perdidos.

— Mas não estão perdidos, Lyra — disse a dama Hannah. — Os livros ainda estão na Biblioteca Bodley. A cátedra que se dedica a estudá-los continua existindo e vai

muito bem, obrigado.

A dama Hannah estava sentada em frente ao Reitor, em uma das duas poltronas ladeando a lareira, e Lyra estava no sofá entre eles. A lamparina ao lado da poltrona do Reitor era a única luz que havia, mas mostrava claramente as expressões dos dois velhos mestres. E foi o rosto da dama Hannah que Lyra se descobriu estudando. Gentil, pensou Lyra, e de uma inteligência aguçada, sábia; mas era tão incapaz de ler o que significava quanto era incapaz de ler o aletiômetro.

— Pois então, muito bem — prosseguiu o Reitor. — Temos que pensar a respeito de seu futuro, Lyra.

As palavras dele fizeram Lyra tremer. Ela se preparou e sentou bem ereta.

— Todo o tempo em que estive fora — disse Lyra —, nunca pensei a respeito disso. Tudo em que eu pensava era o momento que estava vivendo, só o presente. Houve muitas ocasiões em que pensei que não teria nenhum futuro. E agora... Bem, de repente descobrir que tenho uma vida inteira para viver, mas nenhuma... mas sem nenhuma ideia do que fazer com ela, bem, é como ter o aletiômetro e não ter ideia de como lê-lo. Imagino que terei que trabalhar, mas não sei em quê. Meus pais provavelmente eram ricos, mas aposto que nunca pensaram em deixar algum dinheiro para mim e, de qualquer maneira, acho que a esta altura devem ter gastado todo o dinheiro que tinham de alguma forma, assim, mesmo se eu tivesse algum direito sobre a fortuna deles, não haveria mais nada. Não sei, Reitor. Eu voltei para a Jordan porque aqui costumava ser minha casa, e não tenho nenhum outro lugar para ir. Acho que o rei Iorek Byrnison me deixaria viver em Svalbard e acredito que Serafina Pekkala me deixaria viver com seu clã de feiticeiras; mas não sou urso e não sou feiticeira, e acho que não me adaptaria muito bem lá, por mais que os ame. Talvez os gípcios me aceitem... Mas realmente não sei mais o que fazer, estou perdida, realmente perdida, agora.

Os dois olharam para ela: seus olhos estavam brilhando mais do que habitualmente, o queixo levantado, com uma expressão que havia aprendido com Will, sem se dar conta. Parecia tão desafiadora quanto perdida, pensou a dama Hannah, e a admirou por isso; e o Reitor viu algo mais — ele viu como a graça inconsciente da criança havia desaparecido e como estava desajeitada em seu corpo mais crescido. Mas ele amava imensamente aquela menina e se sentia metade orgulhoso, metade maravilhado com a bela mulher adulta que ela seria, tão brevemente.

— Você nunca estará perdida enquanto esta faculdade existir, Lyra — disse ele. — Esta é sua casa enquanto precisar dela. E, quanto à questão do dinheiro, seu pai deixou um legado para cuidar de tudo o que você possa vir a precisar e me nomeou testamenteiro; então, não precisa se preocupar com isso.

Na verdade, lorde Asriel não tinha feito nada disso, mas a Faculdade Jordan era rica, e o Reitor tinha fortuna pessoal, mesmo depois das revoltas recentes.

— Não — prosseguiu ele —, eu estava pensando em estudos. Você ainda é muito jovem e sua educação até agora dependeu de... Bem, falando muito francamente, dependia de qual de nossos catedráticos se sentia menos intimidado por você — afirmou, mas estava sorrindo. — Tem sido casual, desordenada. Agora, pode ser que com o passar do tempo seus talentos a levem em uma direção que não possamos absolutamente prever. Mas se quisesse fazer do aletiômetro o tema de estudos de sua vida, e se dedicasse a aprender conscientemente o que antes fazia por intuição...

— Sim — disse Lyra, com determinação e confiança.

—... então seria difícil fazer melhor escolha que se entregar aos cuidados de minha boa amiga, a dama Hannah. Os conhecimentos que ela tem nesse campo não têm rival.

— Me permita fazer uma sugestão — disse a senhora —, e não precisa responder agora. Pense no assunto durante algum tempo. Muito bem: minha faculdade não é tão antiga quanto a Jordan, e de qualquer maneira você ainda é muito moça para se tornar uma estudante universitária; mas, alguns anos atrás, compramos uma casa bastante grande na zona norte de Oxford e decidimos criar ali um internato. Eu gostaria que você fosse até lá comigo, conhecesse a diretora e visse se gostaria de se tornar uma de nossas alunas. Sabe, Lyra, uma coisa de que vai precisar brevemente é ter a amizade de outras meninas de sua idade. Existem coisas que aprendemos umas com as outras quando somos jovens, e não creio que a Jordan possa lhe oferecer todas elas. A diretora é uma mulher jovem, inteligente, enérgica, uma pessoa criativa e gentil. Temos muita sorte de tê-la conosco. Você poderá conversar com ela e, se gostar da ideia, ir para lá e fazer da Sta. Sophia a sua escola, como a Jordan é a sua casa. E se quiser começar a estudar o aletiômetro de maneira sistemática, você e eu poderíamos nos encontrar para algumas aulas particulares. Mas você tem tempo, minha querida, temos tempo de sobra. Não responda agora. Deixe para responder quando estiver pronta.

— Muito obrigada — disse Lyra —, muito obrigada, vou fazer isso.

O Reitor tinha dado a Lyra uma chave da porta do jardim, para que ela pudesse entrar e sair quando quisesse. Mais tarde, naquela noite, justo quando o porteiro estava trancando a casa de guarda, ela e Pantalaimon saíram às escondidas e seguiram pelas ruas escuras, ouvindo todos os sinos de Oxford repicando o toque de meia-noite.

Depois que entraram no Jardim Botânico, Pan saiu correndo pelo gramado, caçando um camundongo, na direção onde ficava o muro, depois o deixou escapar e saltou para o grande pinheiro que ficava ali perto. Era uma delícia vê-lo saltando pelos galhos tão longe dela, mas tinham que ter cuidado para não fazer aquilo quando alguém estivesse olhando; a capacidade mágica que haviam adquirido, como as feiticeiras, à custa de tanto sofrimento, de se separarem tinha que ser mantida em segredo. Em outros tempos, ela teria adorado se exibir cheia de orgulho para todos os outros moleques seus amigos e deixá-los de olhos esbugalhados de medo, mas Will tinha lhe ensinado o valor do silêncio e da discrição.

Lyra sentou no banco e esperou que Pan viesse para junto dela. Ele gostava de pegá-la de surpresa, mas geralmente ela conseguia vê-lo antes que a alcançasse, e lá estava sua forma indistinta, se movendo fluidamente junto da margem do rio. Ela olhou para o outro lado e fingiu que não o tinha visto, então o agarrou de repente, quando saltou para o banco.

— Quase consegui — disse ele.

— Vai ter que ficar muito melhor do que isso. Ouvi você se aproximando ao longo de todo o caminho, desde o portão.

Ele sentou no encosto do banco com as patas da frente descansando sobre o ombro de Lyra.

— O que vamos dizer a ela? — perguntou.

— Bem, vamos dizer que sim — respondeu. — De qualquer maneira, só vamos conhecer essa diretora. Isso não quer dizer ir para a escola.

— Mas nós vamos acabar indo, não é?

— Vamos — concordou —, provavelmente.

— Poderia ser bom.

Lyra se perguntou como seriam as outras alunas. Poderiam ser mais inteligentes que ela, ou mais sofisticadas, e certamente saberiam muito mais do que ela sobre todas as coisas que eram importantes para garotas de sua idade. E ela não poderia contar para elas nem um centésimo das coisas que sabia. Sem dúvida pensariam que

era ingênua e ignorante.

— Você acha que a dama Hannah realmente sabe ler o aletiômetro? — perguntou Pantalaimon.

— Com os livros, tenho certeza que sim. Quantos livros será que existem? Eu gostaria de saber. Aposto que podemos estudar e aprender todos eles, depois não precisar mais usar livro nenhum. Imagine ter que carregar uma pilha de livros para tudo quanto é canto... Pan?

— O quê?

— Você algum dia vai me contar o que você e o daemon de Will fizeram, quando estávamos separados?

— Um dia — disse ele. — E ela vai contar a Will, um dia. Concordamos que saberíamos quando chegasse a hora, mas fizemos um acordo de que não contaríamos a nenhum dos dois até esse momento chegar.

— Está bem — respondeu ela tranquilamente.

Lyra tinha contado tudo a Pantalaimon, mas ele tinha o direito de não revelar seus segredos a ela, depois da maneira como o havia abandonado.

E era reconfortante pensar que ela e Will tinham mais uma coisa em comum. Ela se perguntou se algum dia chegaria uma hora em sua vida em que não pensasse nele; em que não conversasse com ele em sua imaginação, em que não revivesse cada momento que tinham passado juntos, em que não desejaria ouvir sua voz, sentir suas mãos e seu amor. Ela jamais havia sonhado como seria amar tanto alguém; de todas as coisas que lhe haviam causado espanto em suas aventuras, essa era a que mais a espantava. Pensou na terna sensibilidade que deixava em seu coração que era como um machucado, uma dor que nunca iria embora, mas que ela manteria viva na memória com carinho para sempre.

Pan desceu rápido para o banco e se aninhou em seu colo. Estavam seguros ali no escuro, ela, seu daemon e seus segredos. Em algum lugar naquela cidade adormecida estavam os livros que lhe diriam como ler o aletiômetro de novo e a mulher de grande conhecimento que iria lhe ensinar a fazer isso, e as garotas na escola, que sabiam tão mais do que ela.

Lyra pensou: elas não sabem ainda, mas vão ser minhas amigas.

— Aquele negócio que Will disse... — murmurou Pantalaimon.

— Quando?

— Na praia, pouco antes de você tentar usar o aletiômetro. Ele disse que não

havia nenhum outro lugar. Foi o que o pai dele disse a você. Mas havia mais alguma coisa.

— Eu me lembro. Ele queria dizer que o reino estava acabado, o reino do céu, que estava tudo acabado. Que não deveríamos viver como se o céu fosse mais importante do que esta vida, aqui neste mundo, porque o lugar onde estamos é sempre o lugar mais importante.

— Ele disse que tínhamos que construir alguma coisa...

— Era por isso que precisávamos viver todo o tempo de vida que nos foi destinado, Pan. Nós *teríamos* ido com Will e Kirjava, não teríamos?

— Teríamos. É claro! E eles teriam vindo conosco. Mas...

— Mas então, não poderíamos construir alguma coisa. Ninguém poderia, se permitisse a si mesmo vir em primeiro lugar. Temos que ser todas essas coisas difíceis, como ser alegres, e gentis, e curiosos, e corajosos, e pacientes, e temos que estudar e pensar, e trabalhar com dedicação, todos nós, em todos os nossos mundos diferentes, e então construiremos...

As mãos dela estavam descansando sobre o pelo lustroso de Pan. Em algum lugar no jardim um rouxinol estava cantando e uma brisa ligeira tocou os cabelos dela e agitou as folhas acima. Todos os diferentes sinos da cidade repicaram, uma vez cada um, esse alto, aquele baixo, alguns perto, outros mais distantes, um estridente e mal-humorado, outro grave e melodioso, mas concordando em todas as suas vozes diferentes sobre que horas eram, mesmo se alguns deles fizeram isso um pouco mais devagar do que outros. Naquela outra Oxford onde ela e Will tinham se beijado, se despedido, os sinos também estariam tocando, e um rouxinol estaria cantando, e uma brisa ligeira estaria agitando as folhas no Jardim Botânico.

— E então o quê? — perguntou o daemon, sonolento. — Construir o quê?

— A república do céu — respondeu Lyra.

AGRADECIMENTOS

A trilogia Fronteiras do Universo não poderia ter sido criada sem a ajuda e o estímulo de amigos, família, livros e desconhecidos.

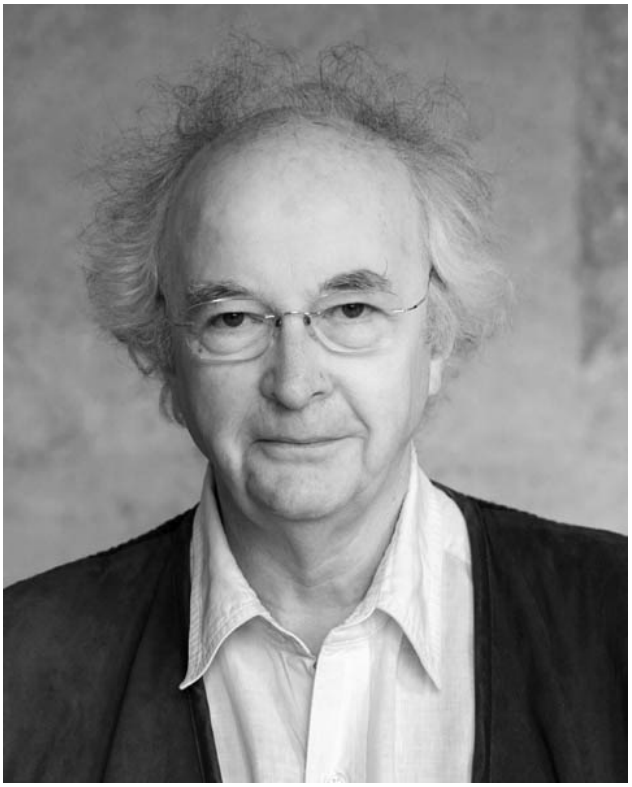
Devo às seguintes pessoas agradecimentos especiais: Liz Cross, por seu trabalho meticuloso e incansavelmente feliz de edição em todos os estágios do trabalho, e por um certo tato brilhante com relação às ilustrações de *A Faca Sutil*; Anne Wallace-Hadrill, por ter me deixado visitá-la em sua barcaça e casa flutuante; Richard Osgood, do Instituto Arqueológico da Universidade de Oxford, por ter me contado como são organizadas expedições arqueológicas; Michael Malleson, da Trent Studio Forge, em Dorset, por me mostrar como se forja ferro; e Mike Froggatt e Tanaqui Weaver, por terem me trazido mais papel do tipo certo (aquele com dois buracos) quando meu estoque estava acabando. Também devo elogiar o café do Museu de Arte Moderna de Oxford. Sempre que eu estava enfrentando dificuldades na narrativa, uma xícara do café que eles servem e uma hora de trabalho naquele ambiente amistoso resolviam o problema, aparentemente sem nenhum esforço de minha parte. Nunca falhou.

Eu roubei ideias de todos os livros que li em minha vida. Minha regra geral quando estou na fase de pesquisa para escrever um livro é: "Leia como uma borboleta, escreva como uma abelha", e se esta história contiver algum mel, é inteiramente por causa da qualidade do néctar que encontrei nas obras de escritores melhores que eu. Mas há três obras com relação às quais — mais do que todas as outras —, devo reconhecer, tenho uma dívida de gratidão. Uma é o ensaio *Sobre o Teatro de Marionetes*, de autoria de Heinrich von Kleist, que li pela primeira vez em uma tradução de Idris Parry, no *Times Literary Supplement*, em 1978. A segunda é *Paraíso Perdido,* de John Milton. A terceira são as obras de William Blake.

Finalmente, meus agradecimentos às pessoas a quem mais devo. A David Fickling e sua fé inesgotável e encorajamento, bem como a seu instinto certeiro e vívido de como se pode fazer com que histórias funcionem melhor, devo muito de qualquer sucesso que esta obra tenha alcançado; a Caradoc King devo todos esses anos, mais

de metade de minha vida, de uma amizade e apoio inabaláveis; a Enid Jones, a professora que, já faz tanto tempo, me apresentou ao *Paraíso perdido*, devo aquilo que de melhor uma educação pode dar: a noção de que responsabilidade e prazer podem coexistir; à minha mulher, Jude, e a meus filhos, Jamie e Tom, devo tudo o mais que existe sob o sol.

Philip Pullman



MICHAEL LECKIE

PHILIP PULLMAN é um dos escritores mais aclamados da atualidade. Sua obra mais conhecida é a trilogia Fronteiras do Universo (composta por *A Bússola de Ouro*, *A Faca Sutil* e *A Luneta Âmbar*), que foi selecionada como uma das cem melhores obras de todos os tempos pela revista *Newsweek*. Ele também ganhou vários prêmios importantes, incluindo o Carnegie Medal por *A Bússola de Ouro*; o Whitbread Prize por *A Luneta Âmbar* ; e o Astrid Lindgren Memorial Award, pelo conjunto da obra. Em 2004, foi nomeado Comandante da Ordem do Império Britânico. Atualmente vive em Oxford, na Inglaterra.
Para saber mais: philip-pullman.com
hisdarkmaterials.com
@PhilipPullman

Copyright © 2000 by Philip Pullman

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original
The Amber Spyglass

Design e ilustração de capa
crushed.co.uk/ Scholastic Ltd.

Preparação
Brena O'Dwyer

Revisão
Geuid Dib Jardim
Laura Victal

Coordenação editorial
Página Viva

ISBN 978-85-438-1056-0

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Praça Floriano, 19 – Sala 3001 – Cinelândia
20031-050 – Rio de Janeiro – RJ
Telefone: (21) 3993-7510
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br
facebook.com/sumadeletrasbr
instagram.com/sumadeletras_br
twitter.com/Suma_BR


PHILIP
PULLMAN
SUMA
O LIVRO
DAS
SOMBRAS
VOLUME I
LA BELLE SAUVAGE

O Livro das Sombras: La Belle Sauvage

Pullman, Philip
9788554510077
434 páginas

Compre agora e leia

O tão esperado novo livro do autor de A bússola de ouro!Phillip Pullman volta ao mundo da trilogia Fronteiras do Universo, para outra aventura eletrizante envolvendo daemons, aletiômetros, o Magisterium e, claro, o Pó.La Belle Sauvage é o primeiro volume de uma nova trilogia chamada O Livro da Sombras, e se passa dez anos antes dos acontecimentos de A Bússola de Ouro, se centrando em Lyra e Pantalaimon, ainda bebês. Apesar de ser uma história diferente, os fãs de Fronteiras do Universo vão reconhecer muito do mundo e dos personagens que povoam La Belle Sauvage. Enquanto o protagonista, Malcolm, se envolve em uma assustadora aventura para tentar salvar a pequena Lyra das garras do Magisterium, outros mistérios e vilões surgem para complementar a trama que já conhecemos tão bem.

Compre agora e leia


STEPHEN
KING
A
TORRE
NEGRA
A TORRE NEGRA VII
SUMA

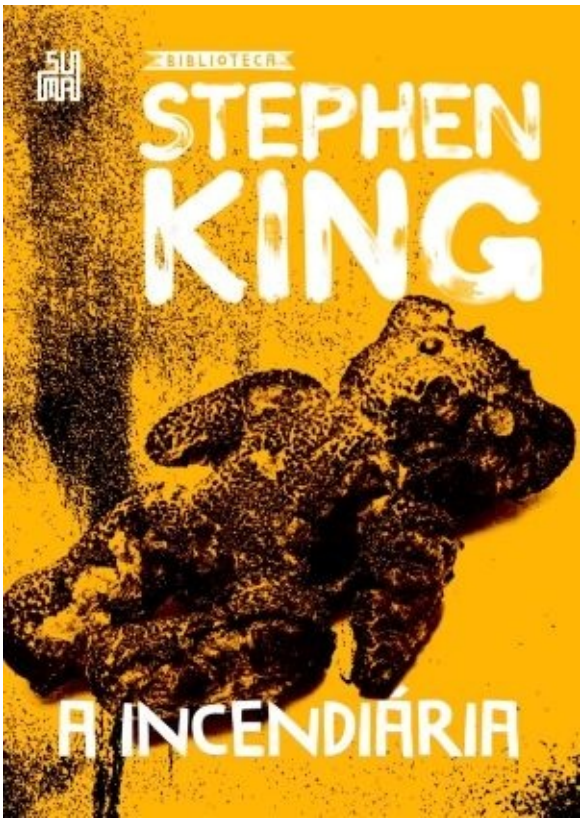
A Torre Negra

King, Stephen
9788581050843
872 páginas

Compre agora e leia

Ambientada em um mundo extraordinário, repleto de imagens magníficas e personagens inesquecíveis, a série "A Torre Negra" é diferente de qualquer outra leitura. O sétimo e último volume é uma porta que se abre para as extensões mais longínquas da imaginação de Stephen King. "O homem de preto fugia pelo deserto e o pistoleiro ia atrás". A série começa com essa frase de assinatura, imortalizada no papel quando Stephen King tinha 19 anos e fazia faculdade. Foi numa aula sobre os poetas românticos que o es-critor conheceu o poema épico "Childe Roland to the Dark Tower Came", do inglês Robert Browning, uma das principais fontes de inspiração da série "A Torre Negra", além da trilogia O Senhor dos Anéis e do filme "The Good", "The Bad and the Ugly" (Três Homens em Conflito).Partindo dessas fontes, King percorreu um longo caminho, cheio de portas e mundos, que aqui chega ao fim — ou será que é o começo? Neles, o pistoleiro Roland é obcecado por uma enorme corrente de energia que emana da torre que ele busca, e que precisa ser resgatada, pois está enfraquecendo.

Compre agora e leia


BIBLIOTECA
STEPHEN
KING
A INCENDIÁRIA

A incendiária

King, Stephen

9788554510794

448 páginas

Compre agora e leia

Uma criança com o poder mais extraordinário e incontrolável de todos os tempos. Um poder capaz de destruir o mundo.Após anos esgotado no Brasil, A incendiária volta às livrarias como parte da Biblioteca Stephen King, coleção de clássicos do mestre do terror em edição especial com conteúdo extra. No livro, Andy e Vicky eram apenas universitários precisando de uma grana extra quando se voluntariaram para um experimento científico comandado por uma organização governamental clandestina conhecida como "a Oficina". As consequências foram o surgimento de estranhos poderes psíquicos — que tomaram efeitos ainda mais perigosos quando os dois se apaixonaram e tiveram uma filha.Desde pequena, Charlie demonstra ter herdado um poder absoluto e incontrolável. Pirocinética, a garota é capaz de criar fogo com a mente. Agora o governo está à caça da garotinha, tentando capturá-la e utilizar seu poder como arma militar. Impotentes e cada vez mais acuados, pai e filha percorrem o país em uma fuga desesperada, e percebem que o poder de Charlie pode ser sua única chance de escapar.

Compre agora e leia


"A rebeldia cúmplice de dois adolescentes transformada pouco a pouco numa indomável história de amor." – La Repubblica
Paola Predicatori
MEU INVERNO EM ZEROLÂNDIA
SUMA

Meu inverno em Zerolândia

Predicatori, Paola

9788581052298

184 páginas

Compre agora e leia

Romance de estreia da italiana Paola Predicatori, "Meu inverno em Zerolândia" é a história de uma perda, da vida escolar conturbada e dos caminhos desajeitados e incertos que o amor pode tomar. Alessandra tem 17 anos quando sua mãe morre. Sua dor é como uma redoma e quando retorna à escola, se afasta dos amigos e vai sentar junto a Gabriel, conhecido como Zero, a nulidade da turma. Deseja apenas ser ignorada, como acontece com ele. Zero, porém, é mais interessante do que parece. Em sua falsa indiferença, é atento e sensível. É ele quem socorre Alessandra, aparecendo inesperadamente ao seu lado quando ela precisa de ajuda. Viram um par: Zero e Zeta. Aos poucos, um sentimento indefinível ganha forma entre as paredes da classe e a praia de inverno, surgindo uma história delicada e forte que mudará para sempre a vida desse casal de adolescentes. De maneira realista, "Meu inverno em Zerolândia" mostra a juventude italiana e seu cotidiano, em uma história dura e envolvente, capaz de mostrar que a soma de dois zeros não é zero, mas sim dois.

Compre agora e leia


O
Destino
de
Tearling
Erika Johansen

O destino de Tearling

Johansen, Erika

9788554510671

448 páginas

Compre agora e leia

No último livro da trilogia que cativou fãs por todo o mundo, Erika Johansen oferece aos leitores todas as respostas para os mistérios que permearam A rainha de Tearling e A invasão de Tearling, em uma conclusão explosiva e surpreendente.Desde que assumiu o trono de Tearling, Kelsea Glynn passou de princesa inexperiente a rainha destemida. Sua busca por justiça fez com que todo o reino mudasse com ela, mas quando os inimigos que fez ao longo do caminho ameaçam destruir seu povo, ela toma uma decisão inimaginável: se rende à Rainha Vermelha em troca de salvar Tearling.Sem as safiras, sem seus homens de confiança e trancafiada em Mortmesne, Kelsea precisa de novo recorrer ao passado, às experiências de mulheres que viveram antes dela, buscando em suas histórias a saída para uma situação impossível.O jogo está para terminar, e o futuro de Tearling será revelado de uma vez por todas. Com O destino de Tearling, Erika Johansen traça o clímax inesquecível dessa aventura cheia de magia e emoção."Um final épico e eletrizante, que causou muita ansiedade nos fãs. Se você ainda não leu os dois livros anteriores, com certeza devia estar correndo atrás disso." – Buzzfeed"Personagens bem-desenvolvidos, que nunca ficam entediantes, e vilões que são tão fascinantes quanto os heróis... O final dessa série maravilhosa vai dar o

que falar aos leitores." – Library Journal

Compre agora e leia